

PE. LUIS TERESA DE JESUS AGONIZANTE
VIDA DE SÃO PAULO DA CRUZ
FUNDADOR DA CONGREGAÇÃO PASSIONISTA

Índice Geral

- CAPÍTULO I: 1694 - 1709
- CAPÍTULO II: 1709 - 1715
- CAPÍTULO III: 1715 - 1719
- CAPÍTULO IV: 1716 - 1719
- CAPÍTULO V: JANEIRO A NOVEMBRO
DE 1720
- CAPÍTULO VI: NOVEMBRO 1720 -
JANEIRO 1721
- CAPÍTULO VII: JANEIRO -
SETEMBRO 1721
- CAPÍTULO VIII: SETEMBRO A
NOVEMBRO DE 1721
- CAPÍTULO IX: 1721 - 1723
- CAPÍTULO X: 1723 - 1726
- CAPÍTULO XI: 1725 - 1727
- CAPÍTULO XII: 1727 - 1728
- CAPÍTULO XIII: 1728 - 1730
- CAPÍTULO XIV: 1730 -1733
- CAPÍTULO XV: FEVEREIRO A
OUTUBRO DE 1733
- CAPÍTULO XVI: 1733 - 1736
- CAPÍTULO XVII: 1736 - 1738
- CAPÍTULO XVIII: 1738 - 1740
- CAPÍTULO XIX: 1740 - 1741
- CAPÍTULO XX: 1741 - 1742
- CAPÍTULO XXI: 1742 - 1745
- CAPÍTULO XXII: 1745 - 1748

CAPÍTULO XXIII
CAPÍTULO XXIV: 1748 - 1749
CAPÍTULO XXV: 1749 - 1758
CAPÍTULO XXVI: 1758 - 1761
CAPÍTULO XXVII: 1761 - 1765
CAPÍTULO XXVIII
CAPÍTULO XXIX
CAPÍTULO XXX
CAPÍTULO XXXI: 1765 - 1767
CAPÍTULO XXXII: 1767 - 1769
CAPÍTULO XXXIII: 1769 - 1770
CAPÍTULO XXXIV: 1770 - 1771
CAPÍTULO XXXV: 1771 - 1772
CAPÍTULO XXXVI: 1772 - 1773
CAPÍTULO XXXVII: 1773 - 1775
CAPÍTULO XXXVIII: 1775
CAPÍTULO XXXIX: JUNHO A 18 DE
OUTUBRO DE 1775
CAPÍTULO XL

CAPÍTULO I
1694 - 1709

Índice

NASCIMENTO DE PAULO
SUA INFÂNCIA
DEVOÇÃO À SAGRADA PAIXÃO
SEUS PRIMEIROS ESTUDOS
PE. LUIS TERESA DE JESUS AGONIZANTE
VIDA DE SÃO PAULO DA CRUZ

FUNDADOR DA CONGREGAÇÃO PASSIONISTA

CAPÍTULO I

1694 - 1709

NASCIMENTO DE PAULO

A bela e fecunda Itália, berço de tantos santos, foi a pátria de são Paulo da Cruz.

Nasceu em Ovada, república de Gênova, aos 3 de janeiro de 1694.

O pai, Lucas Dáni, natural de Castellazzo, diocese de Alexandria, era de família tradicionalmente ilustre, mas decaída do antigo esplendor.

A mãe, Ana Maria Massari, descendia igualmente de nobre linhagem. Sua terra natal foi Rivarolo, na república de Gênova, mas desde a infância vivia com a família em Ovada.

Aqui também se estabelecera Lucas, ainda jovem, em casa de um tio sacerdote, pe. João André Dáni.

Realizou-se o enlace matrimonial do virtuoso par a 6 de janeiro de 1692.

Modelo perfeito de união conjugal, mais cobiçosos dos bens imorredouros do Céu que das efêmeras riquezas da terra, buscavam em honrado comércio o necessário para o sustento da numerosa prole.

Homem virtuoso e pio, Lucas encontrava suas delícias na prece, na leitura de livros edificantes, nomeadamente nas biografias dos santos.

Oh! se todos os pais lhe seguissem o exemplo! Nessas fontes hauria virtudes tão sólidas, que por Deus houvera sacrificado, os mais caros interesses, as mais puras afeições, a própria vida, enfim. Apesar dos compromissos de esposo e pai, aspirava ao martírio.

Para com o próximo era justo, bom e indulgente; no leito de morte coroa sua vida com um ato da caridade mais heróica.

Igual fisionomia espiritual, realçada com os suaves atrativos de esposa e mãe, se nos depara na incomparável figura de Ana Maria.

Humilde, recatada e piedosa, vivia para o lar e para a igreja, repartindo seu tempo entre Deus e a família. Dedicava-se às lides domésticas e à educação dos filhos como a dever sagrado.

De paciência inalterável, reprimia qualquer sentimento de revolta e, ao invés de irromper em palavras de censura, seus lábios tão meigos só sabiam proferir esta expressão de bênção:

“ Que Deus vos torne santos! ”

Doçura tão constante granjeou-lhe o afeto de quantos dela se acercavam. Foi a mulher forte, de que falam as Letras Sagradas. Ao falecer-lhe o esposo, em agosto de 1727, suportou sozinha e sem queixa, apesar das contínuas enfermidades, o peso da numerosa família.

Modelo de perfeição, entregou a alma ao Criador em idade avançada, indo

receber o prêmio de suas virtudes, em setembro de 1746.

Estas as plantas eleitas donde desabrochou flor tão pura, cujo aroma de santidade vamos aspirar.

Dezesseis filhos, preciosas dádivas do Céu, vieram alegrar os corações daqueles santos pais.

E' de ordinário entre famílias numerosas que Deus sói escolher os privilegiados de sua graça. Paulo foi o primogênito, se não levarmos em conta uma irmãzinha que o precedeu mas viveu apenas três dias. Neste amado filho pressentiam os pais desígnios extraordinários.

Todo o tempo que o trouxe em suas entranhas, jamais sentiu a mãe os sofrimentos que soem preceder a maternidade. Seu nascimento foi assinalado de circunstâncias extraordinárias. Sendo noite, luz maravilhosa inundou o quarto com resplendor tão vivo, que as lâmpadas pareciam apagadas. Paulo será a luz radiante que há de espancar as trevas em que jaz o século XVIII. Veio ao mundo no dia da oitava da festa de São João Evangelista; como este, há de permanecer em espírito ao pé da Cruz.

Foi batizado no dia da Epifania, que quer dizer MANIFESTAÇÃO DE JESUS. E ele manifestará ao mundo, pela pregação, os mistérios do Redentor. Recebeu o nome de Paulo Francisco.

Como o Apóstolo das gentes, será o missionário de Jesus Crucificado e, a exemplo do seráfico patriarca, fundará uma Congregação alicerçada na mais rigorosa pobreza.

Mulher prudente e cristã, quis Ana Maria alimentar com o próprio leite o filho pequenino, e este, com o leite, recebeu a piedade materna. Bem cedo deu claríssimas provas do que viria a ser um dia. Como se já possuísse o uso da razão, alimentava-se apenas de quatro em quatro horas, indicio da grande abstinência que guardaria mais tarde.

SUA INFÂNCIA

E' no berço que o homem se forma para a virtude ou para o vício. Cumpre à mãe amoldar a alma e as inclinações do filhinho para o bem, dando-lhe sólida educação religiosa, que permanecerá para toda vida. Ana Maria, penetrando a extensão da imensa responsabilidade, pôs todas as suas virtudes a serviço desse altíssimo dever: elevação de inteligência, delicadeza de sentimento; bondade e energia, unção e piedade, mas, sobretudo, grande fé em Deus.

Com que solicitude zelou pelo tesouro que o Pai celeste lhe confiara!

Com que cuidado não lhe depositou no coração pequenino a semente de todas as virtudes! Tinha-o sempre ante os olhos se esmerava por afastar dele tudo o que pudesse empanar-lhe a candura. E Paulo levará ao túmulo a inocência batismal!

Ensinava-o a conhecer, amar e servir o Pai celeste, narrando-lhe a vida dos santos anacoretas. E como estava intimamente unida a Deus, sabia dar às palavras tais acentos e tal expressão, que o menino a ouvia com o maior interesse. Foi assim que nasceu nele esse amor à solidão, que se tornou a característica de sua vida.

Falava-lhe da Paixão e Morte de Nosso Senhor, e nos olhos puros do pequeno borbulhavam lágrimas. Se, ao penteá-lo, Paulo se punha a chorar, como fazem geralmente as crianças, narrava-lhe algum fato da vida dos santos, e era de ver o pequeno passar do pranto à mais viva atenção, ainda conservando nos olhos as últimas lágrimas.

Colocava-lhe outras vezes nas mãos o crucifixo, dizendo:

" Vê, meu filho, quanto Jesus sofreu por nosso amor! "

E ele, fitando a devota imagem, como por encanto deixava de chorar.

A santa mãe consagrara-o à Rainha das Virgens. Dizia lhe também repetidas vezes da obediência e docilidade do Menino Jesus e da ternura de Maria Santíssima, o que lhe despertava singularíssima devoção para com Eles.

E Paulo, de joelhos, mãozinhas postas ante suas imagens, comprazia-se em dirigir-lhes breves orações.

Essa esmerada educação materna foi corroborada pelos exemplos do virtuoso pai. A lembrança de mãe tão santa permanecerá indelével na alma agradecida de Paulo Francisco, até o final de sua longa existência. Dela discorria freqüentemente em público, comovido, propondo-a como exemplo. Mais tarde dirá:

" Se me salvar, como espero, devo-o a educação que recebi de minha mãe " .

Felizes os pais que assim educam para Deus os seus filhos!

Crescendo Paulo em idade crescia outrossim na virtude.

Desenvolvia-se-lhe natural tendência à solidão, à prece e à penitência, enquanto começava a revelar caráter brando e afável, talhado para a conquista dos corações. Fugia dos divertimentos infantis e, com seu irmãozinho João Batista que, como veremos lhe foi companheiro fiel nos labores apostólicos entretinha-se em construir altarezinhas adornando-os com flores e imagens do Menino Jesus e da ss. Virgem. Ali passava horas e horas recitar o terço, devoção que conservou até a morte.

Certa vez, enquanto oferecia esta prova de amor à Rainha do Céu, apareceu-lhe uma criança de encantadora formosura Era Jesus, que se dignava recompensar assim a ternura que Paulo lhe votava.

Maria Santíssima também lhe patenteou de modo extraordinário, bem como a João Batista, sua materna proteção. Enquanto colhiam flores às margens do rio para ornamentar o altar da Virgem, ambos escorregaram e caíram no Olha. As águas eram profundas, rápida a corrente. Paulo e João Batista estavam prestes a perecer... quando de improviso vêm uma senhora de sobre-humana formosura e majestade que, caminhando sobre as águas, lhes estende a mão e os livra da morte. Graça tão assinalada inflamou mais e mais o coração de Paulo no amor e no reconhecimento para com a sua libertadora e para com aquele deífico Menino, cuja beleza o encantara.

Em idade tão tenra comunicou-lhe Deus grandes luzes, o dom das lágrimas e da oração. Embora desconhecesse o método de meditar, guiado pelo espírito de Deus, fazia freqüentes e longas reflexões sobre a Paixão de Nosso Senhor, em que tanto o exercitara a piedosa mãe. Ana Maria, talvez sem o saber, preparava o caminho para os desígnios de Deus em relação a Paulo, ao inspirar-lhe tal devoção. Este tinha sempre ante os olhos a imagem de Jesus Crucificado, considerando os cruéis padecimentos do Redentor, enquanto as lágrimas lhe corriam abundantes. Jesus em pessoa o ia preparando suavemente para missão providencial. Fazia com que seus padecimentos fossem atrativo irresistível para o coração de Paulo, começando, desde então, a recreá-lo com freqüentes visões sobre sua vida, suas dores e sua morte. Apareceu-lhe certa vez com a cabeça coroada de espinhos, o rosto ensanguentado, as carnes maceradas!... Tão forte foi a impressão causada no bem-aventurado menino, que, ao recordá-lo, experimentava extrema tristeza. Não é, portanto, para estranhar que começasse desde os mais verdes anos a amar os sofrimentos. Mortificava o gosto e martirizava o delicado corpo. De noite deixava a cama e deitava-se sobre uma tábua, para assemelhar-se ao Salvador, que na agonia teve por leito o madeiro da Cruz. Mui de freqüente, no silêncio da noite e sempre de joelhos, meditava os cruéis padecimentos de Jesus. Às sextas-feiras, principalmente, entregava-se a muitos rigores, absorto nos tormentos do Homem-Deus. Assentava-se à mesa, triste, pálido e com lágrimas nos olhos. Conseguia-se a custo induzi-lo a comer um pedaço de pão, que banhava com suas lágrimas.

João Batista aprendera de Paulo a amar as austeridades e oração. Ve-los-emos sempre juntos na prática das mortificações mais rigorosas. A Paixão de Nosso Senhor era o pensamento quase continuo do nosso santo. Reunia muitas vezes os irmãozinhos e lhes falava da Paixão, com vigor e unção verdadeiramente singulares em tão tenra idade. Seus jovens ouvintes comoviam-se ao vê-lo chorar, chorando com ele. Assim, pela penitência e pela prece, aparelhava em seu coração um santuário ao Deus da Eucaristia, que em breve iria receber pela primeira vez, A mãe não se descuidava de enviá-lo ao catecismo paroquial, impondo-se o dever de repetir ao filho aquelas verdades da fé. Não se tem cabal certeza da época em que Paulo recebeu pela primeira vez a sagrada Comunhão. E' de crer, no entanto, que logo após ato tão solene, fosse enviado pelos pais a Cremolino para terminar os estudos, pois é certo que então se achegava amiúde à sagrada mesa, com fervor angélico. Embora nos faltem documentos, é fácil conjecturar ter Deus favorecido com graças assinaladas esta alma de escol em dia tão memorável, crescendo Paulo, desde então, de virtude em virtude, jamais cessando de marchar com passos agigantados pelo caminho da santidade.

A Comunhão será sua felicidade e sua fôrça. Ela irá preservar este lírio de toda e qualquer mancha. O Tabernáculo será a torre inexpugnável onde Paulo resguardará a virtude.

SEUS PRIMEIROS ESTUDOS

Tinha o nosso santo cerca de dez anos. Lucas, notando no filho inteligência lúcida e memória feliz, resolveu confiar-lhe a educação a mestre virtuoso. Incumbiu, pois, de tão delicada missão a um seu amigo, religioso carmelita de Cremolino.

A docilidade do discípulo, sua inteligência, a aplicação ao estudo e à piedade, conquistaram-lhe a simpatia do mestre. Esmerou-se este na

instrução e educação do aluno, levado por suas qualidades e pela amizade que o unia a Lucas Dáni.

Paulo Francisco correspondeu às solicitações do mestre e às esperanças do pai, sobrepunhando os progressos nos estudos o que se podia esperar de sua idade.

" Não há dúvida, diz são Vicente Maria Strambi, que os dotes naturais foram causa desses progressos, mas a causa principal temo-Ia na aplicação ao estudo unida à serenidade de espírito e à tranquilidade do coração, isento de paixões, perturbadoras da inteligência. Aplicando-se Paulo mais tarde a estudos profundos e assíduos, aprendeu a raciocinar com solidez, a expressar-se com elegância, insinuação e eloquência. Sua palavra era grave, florida e comovente, o que muito agradava e comovia a seus ouvintes no decurso das pregações " .

O estudo, que soube converter em oração, não lhe alterou a piedade, de maneira que os progressos na ciência dos santos não foram menos notáveis.

Multiplicava os exercícios de piedade. Jamais deixou a meditação; diariamente assistia à santa Missa e o mais possível se alimentava do pão dos Anjos. O tempo que lhe deixavam o estudo e as aulas, empregava-o em piedosas leituras e visitas ao ss. Sacramento e à ss. Virgem.

O trabalho e a oração foram como que o aroma a lhe preservar a alma da menor culpa. A modéstia, o candor e a piedade prognosticavam viria a ser um grande servo de Deus.

Terminou seus estudos literários aos dezesseis ou dezessete anos.

CAPÍTULO II

1709 - 1715

Índice

SUA JUVENTUDE

UMA GRAÇA EXTRAORDINÁRIA

PROVAÇÕES ESPIRITUAIS

ENTRE OS CRUZADOS

CAPÍTULO II

1709 - 1715

SUA JUVENTUDE

Pelos fins de 1709, de Ovada se transferia a família Dáni para as proximidades de Gênova (Campo Ligúrio). Não diminuí aqui o santo

jovem seu fervor nem suas práticas de piedade. Embora ao aconchego da família, vivia no meio do mundo, em idade em que a imaginação é vivida, fáceis as impressões e o coração afetuoso.

Iluminado pela graça, compreendeu que o lírio da inocência somente se conserva entre os espinhos da mortificação e sob o orvalho do Céu.

Austeridade, oração, modéstia angélica, desprezo do mundo, estudo constante e trabalho assíduo... eis o baluarte que lhe defendeu a virtude.

Tal foi sua vida dos 15 aos 20 anos.

Talvez seja para estranhar que Paulo, todo fervor e piedade, ainda não manifestasse vocação religiosa ou sacerdotal. E' que ele tinha altíssimo conceito do sacerdócio, não ousando aspirar a tão sublime dignidade. Mais tarde aceita-la-á, mas tão somente por obediência. O que desejava era ocultar-se num deserto, lugar inacessível, e lá viver como os antigos anacoreta. Ter-se-ia, sem dúvida, afastado do convívio do mundo, não fôr a resistência do diretor espiritual, que o reputava arrimo necessário aos pais.

Paulo jamais se deixou levar por fervores juvenis, mas, guia do por raro discernimento, lançou-se sem reserva às mãos do pai espiritual, cuja voz para ele era a mesma voz de Deus. Esperava, pois, em silêncio, a hora da Providência.

Chegamos a um dos momentos mais solenes da vida espiritual do nosso santo. Quando Deus tem altos desígnios sobre um alma, começa por purificá-la, humilhando-a. Não outorga missões extraordinárias senão à pureza perfeita e à profunda humildade. E' assim que vai preparar em Paulo seu vaso de eleição, adornando-o com os mais preciosos dons para torná-lo admirável instrumento de suas misericórdias. Vejamos em que circunstâncias lhe concedeu essa graça, que chamaremos de PREPARATÓRIA aos seus adoráveis desígnios.

UMA GRAÇA EXTRAORDINÁRIA

Teria Paulo seus vinte anos. Assistia a uma instrução familiar de sul pároco, quando brilhante e improvisa luz lhe iluminou o mais recôndito da alma e lhe patenteou sua miséria e seu nada. Apesar de tão exemplar e virtuoso, julgou-se grande pecador. Tão vivo foi o sentimento de seu mísero estado, que lhe arrancou torrentes de lágrimas.

“ Quando Deus, diremos com piedoso autor, por um raio de sua luz, faz conhecer à alma a pureza que dela exige, dá-lhe outrossim maior conhecimento dos próprios defeitos, obrigando a examiná-los com severidade e investigar as mais recônditas inclinações, assim viciosas como naturais. Prouvera a Deus que os pecadores chorassem seus maiores crimes com tanto pesar como esta alma chorou, então, suas mais leves faltas ” .

Deste insigne dom resulta o profundo desprezo de si mesmo, coar absoluto desapego de toda criatura e grande zelo pela glória de Deus da salvação do mundo. Exige este toque divino constante fidelidade e à voz do Céu. Com efeito, assim como a alma fiel pode elevar-se ao mais alto, pode a infiel descer ao mais profundo.

Deparando um coração dócil, produziu esta graça os melhores frutos em Paulo Francisco.

Colocado nessa região de luz, resolveu o santo jovem dar-se inteiramente a Deus. Percebeu insólita transformação interior, por ele chamada, em sua humildade, CONVERSÃO, e que nada arais era senão aumento de virtude.

Muitos santos foram provados nesse crisol, quando o Senhor se comprazia em confiar-lhes alguma missão extraordinária. Afigurou-se, pois, a Paulo nada ter feito até então pela glória de Deus. Em sua alma apenas via pecados. Desejando purificar a vida passada por uma confissão geral, foi lançar-se aos pés do ministro de Deus, acusando-se das mais leves faltas como se foram enormes pecados. Sentiu compunção tão veemente, que o fêz derramar amargas lágrimas e ferir desapiedadamente o peito com uma pedra, à imitação de são Jerônimo, na gruta de Belém.

PROVAÇÕES ESPIRITUAIS

Quando Deus nos concede alguma graça particular, faz-se mister preparar-nos contra os ataques do inimigo da salvação

Enquanto Paulo se inebriava no divino amor, desencadeou o demônio contra ele a mais terrível das tentações Dúvidas a respeito da fé acometeram-lhe o espírito, apossando-se dele a perturbação, a angústia e a perplexidade.

Houvera, por ventura, ofendido a Deus, seu soberano Bem? Não combatera devidamente os pensamentos, que lhe moviam tão violenta guerra?

Não sabendo como tranquilizar-se, corria à igreja e derramava a sua mágoa aos pés do divino Mestre, apoiando a cabeça fatigada na mesa da comunhão..

Ignoramos quanto durasse a provação; certo é, porém, que no dia de Pentecostes, quando implorava o socorro do Senhor, sentiu elevar-se a alta contemplação e o Espírito Santo esclareceu-lhe a inteligência com abundantes luzes, com que se lhe dissiparam para sempre todas as dúvidas.

ENTRE OS CRUZADOS

Esta divina claridade acendeu-lhe também no coração labaredas de amor a Jesus Crucificado, com ardentes desejos de sacrificar-se pela sua glória. Por vezes dá Deus às almas sede ardente de imolação, sem manifestar-lhes o gênero de sacrifício que lhes pede. Ao seráfico patriarca são Francisco, refere são Boaventura, mostrou-se-lhe em visão magnifico palácio repleto de resplandecentes armas marcadas com o emblema da Cruz.

“ Para quem são estas armas e este palácio tão encantador? ” ,

perguntou o santo.

" São para ti e teus soldados " ,

respondeu-lhe uma voz.

E ele, julgando-se chamado a combater sob a bandeira dos reis da terra, já se dispunha a partir, quando a mesma voz lhe fêz compreender que aquilo significava os combates espirituais a serem travados sob o estandarte do Rei dos Céus.

Desejoso de atirar-se às batalhas do Senhor, entregou-se Paulo a largas reflexões.

Por aquele tempo a república de Veneza fazia grandes preparativos de guerra contra o império muçulmano, prestes a lançar formidável exército contra a Europa. Ronca acabava de elevar a voz, voz poderosa que tem sempre comovido e salvado a Europa da barbárie otomana.

Clemente XI convidara, em duas Bulas, os príncipes cristãos para uma aliança contra esses inimigos da civilização e da Cruz. O Santo Pontífice, atemorizado pelo perigo que corria a cristandade, não se contentou em equipar os navios de seus Estados, mas apelou para todos os fiéis a fim de aplacarem a cólera divina com penitências e jejuns, e ordenou preces públicas para implorar o auxílio do alto.

" Eis, exclama Paulo de si para consigo, eis as batalhas
a que Deus me chama " .

Combater por Jesus! Ser mártir da fé! Derramar o sangue por tão nobre causa!... Tais pensamentos lhe acenderam o entusiasmo no coração e, sem pôr tempo em meio, alistou-se como voluntário em Crema, na Lombardia.

Ei-lo soldado, exercitando-se no manejo das armas, disposto a pelejar contra o inveterado inimigo da fé.

Em o novo gênero de vida, não olvidava o seu Deus, frequentando, como em Castellazzo, a oração e os sacramentos.

Prestes a embarcar em Veneza rumo ao Oriente, foi adorar o ss. Sacramento, solenemente exposto. Enquanto orava, fê-lo o Senhor compreender claramente que o chalrava para mais alta e santa milícia: a dos apóstolos do Evangelho. Deus falara e Paulo já não vacila. Solicita e obtém a devida baixa, retornando à cidade natal.

De regresso, hospeda-se em Novello, em casa de uma família que se compunha unicamente do marido e da esposa.

Estes, de idade avançada e sem prole, uniam à imensa fortuna sólida piedade. Descortinando no jovem peregrino, de maneiras afáveis e nobres, tesouros de virtudes ocultas sob o véu da modéstia, resolveram adotá-lo por filho e legar-lhe o rico patrimônio.

Manifestaram a Paulo o propósito, mas este cortesmente o recusou, pois desejava consagrar a Deus o coração completamente desprendido de tudo e de todos.

CAPÍTULO III

1715 - 1719

Índice

CRESCENDO SEMPRE EM FERVOR

SEU CONFESSOR

PROPOSTA DE CASAMENTO

HERANÇA PRECIOSA

PRIMEIROS ENSAIOS DE
APOSTOLADO

A VOZ DOS PRODÍGIOS

CAPÍTULO III

1715 - 1719

CRESCENDO SEMPRE EM FERVOR

Transferindo-se com a família para Castellazzo, o soldado de Cristo recomeçou todos seus exercícios de piedade, esperando que a Vontade de Deus lhe manifestasse qual a sua vocação. Desde esse instante se entregou de vez à contemplação dos tormentos do Redentor, envidando todos os esforços por identificar-se com este divino modelo, mediante a mais rigorosa mortificação.

Raras vezes dormia no leito. Teresa, sua irmã, notou-o e, desejando esclarecimentos, dirigiu-lhe algumas perguntas a respeito. Paulo, que desejava somente a Deus por testemunha, nada respondeu. No entanto, a irmã, que o vira subir muitas vezes ao sótão com João Batista, suspeitou lá passassem a noite. E, ambos ausentes, lá deparou com umas tábuas e sobre elas alguns tijolos e um crucifixo. Foi o que declarou com juramento no processo de beatificação.

Outra testemunha também asseverou que Paulo dormia muito pouco e sobre tábuas nuas, com tijolos por travesseiros, meditando em tal maneira, sem interrupção, os cruéis tormentos de Jesus Crucificado.

Após breve e torturante descanso, levantavam-se ambos, até ao mais rigoroso inverno, para entregar-se à contemplação do Sumo Bem.

A meditação inflama o amor e com o amor nasce o desejo de assemelhar-se ao objeto amado. Com a Cruz em uma das mãos e na outra o instrumento de penitência, Paulo oferecia a Deus seu corpo, como hóstia viva, ao gravar nas carnes as chagas de Jesus. Certa vez a mãe teve ocasião de ouvir, em meio das trevas da noite, o ruído espantoso e lúgubre do instrumento de penitência e o narrou depois, soluçando, à filha.

Também o pai os surpreendeu um dia, quando se feriam cruelmente com correias de couro, e não pôde deixar de exclamar:

" Vocês querem se matar? "

Tão grande era o ardor que estimulava o nosso santo na prática da

penitência, que João Batista, embora mui fervoroso, teve inúmeras vezes de arrancar-lhe das mãos o açoitado. Quase sempre antecipava a hora de levantar e, sem fazer ruído, para não despertar o mano, entretinha-se com Deus em altíssima contemplação. Às sextas-feiras mais rigorosas eram as penitências e mais austero o jejum. Contentava-se de uma fatia de pão, que mendigava de joelhos, banhando-o com abundantes lágrimas. A bebida, diz-nos testemunha ocular, consistia numa mistura de fel e vinagre. A irmã, que já o suspeitara, surpreendeu-o certa vez com o fel nas mãos, perguntando-lhe, aflita:

" Que vais fazer com isto? "

O jovem guardou silêncio, lançando o conteúdo em pequeno frasco, que se esmerava em esconder. Quando Paulo deixou o lar paterno, certo dia Teresa, ao varrer a casa, bateu no frasco com a vassoura e o quebrou.

" Coisa admirável "

diz são Vicente Strambi,

" apenas quebrado o vaso, difundiu-se pela habitação estranho perfume, que surpreendeu a todos. A piedosa irmã recolheu os fragmentos, examinou-os com atenção e notou que ainda estavam impregnados do fel que o servo de Deus aí guardara. Levou um fragmento a uma de suas tias, Rosa Maria, irmã corista no convento de Santo Agostinho, que também se, inebriou daquele delicioso perfume, revelando Deus por este prodígio quão agradáveis lhe eram as austeridades de seu servo, em louvor da Paixão ss. de Jesus Cristo! "

Eis como Paulo e João Batista se estimulavam mutuamente na prática da mortificação. Espectáculo comovente, que Deus e os Anjos contemplavam com amor e que o mundo, sensual e frívolo, jamais poderá compreender: dois delicados jovens, calcando aos pés as flores da vida, lançam-se em busca dos sofrimentos, com o mesmo afã com que outros se atiram ao lodo dos prazeres!...

Não pensemos, contado, que a mortificação cristã esteja sempre despojada dos encantos da sedução. Não, pois a alma se eleva e se enobrece à medida que se desprende dos sentidos, ao passo que se degrada e se avilta, em se tornando escrava das paixões. Da Cruz, que abrasa, ressumbra tal felicidade, com que não há comparar as alegrias da terra. De fato, a generosidade do sacrifício derramava nestas duas almas privilegiadas inexauríveis torrentes de celestiais consolações.

E' assim a primavera da santidade. Atrai Deus aos eleitos pela doçura infinita do seu amor, saciando-os no manancial dos gozos santos e dos divinos arrebatamentos. Então a terra nada mais representa para eles. Parecem ter asas na alma. Voam ou, para falar com muito acerto, asno elevados pelo sopro do Alto, ao pórtico celeste balado este que oferece, por sem dúvida, inefáveis atrativos; no entanto, nada mais é do que o começo da vida espiritual. Se durara sempre, tornando fácil a santidade, seus merecimentos não seriam tão grandes nem tão preciosa a coroa e o homem jamais conseguiria a perfeição. Chega, pois, o momento em que se deve passar do Tabor ao Calvário, atravessando áridos desertos e as trevas da provação. Paulo não o ignorava. Sabia que não é a terra lugar para se gozar de Jesus Cristo, mas para sofrer por ele. Quando, pois, estas inebriantes delícias lhe inundavam a alma, humilhava-se, aniquilava-se, acercava-se mais e mais dos espinhos da Cruz, multiplicando as mortificações.

De volta a Castellazzo, inscreveu-se na Confraria dedicada a santo Antão, cumprindo o regulamento com escrupulosa fidelidade. Eleito presidente, em todas as festas dirigia aos confrades uma fervorosa palestra. Era-lhe a igreja o lugar predileto. Nela passava muitas horas do dia e da noite, modesto e recolhido, aos pés do Tabernáculo. Assistia quotidianamente ao santo sacrifício da missa; comungava ao menos três vezes por semana; recitava no cântico, com os sacerdotes, o divino ofício, ou lá permanecia em oração. Tão freqüentes e prolongadas eram as visitas à igreja, que era voz corrente:

“ Se desejardes encontrar o jovem Paulo, procurai-o na igreja ” .

Para ele a noite mais deliciosa do ano era a de quinta-feira santa. Costumava passá-la diante do santo Sepulcro, aos pés do Deus do Calvário, acompanhando-o, com lágrimas e suspiros, nos diversos passos da Paixão.

Oh! noite ditosa a que se passa junto ao Sepulcro do Salvador! Noite de trevas e de luzes, de dor e de alvor! Quantas graças não verte ali o doce Jesus nas almas que sofrem e velam com Ele!

Assistindo certa vez ao Ofício de Trevas, ao ouvir as palavras:

“ Cristo se fêz por nós obediente até a morte ” ,

sentiu-se penetrado do vivo desejo de imitar a Jesus Crucificado. Emitiu o voto de obediência, tomando por lema estas palavras de são Pedro:

“ Sêde, pois, submissos a todos os homens por amor de Deus (1 Petr. 11, 13) ” .

E, desde então, obedecia não somente aos superiores, mas até aos irmãos e a todos os que o mandavam, de modo a tornar-se, por amor de Deus, o mais submisso e dócil dos homens.

Na igreja sua modéstia inspirava devoção. Permanecia muitas horas de joelhos em terra, sem apoiar-se, com as mãos cruzadas sobre o peito, transpirando viva fé e profunda humildade.

Atraiu assim a atenção da condessa Canefri, que todos os anos de Alexandria vinha veranejar em Castellazzo. Comovida por exemplo tão edificante, interrogou ao sacristão quem era aquele jovem. De volta ao palácio, comunicou ao marido a agradável impressão que recebera.

“ Sem dúvida, exclamou, aquele jovem está por tomar graves resoluções. Grandes coisas se hão de ouvir a seu respeito ” .

Aos pés do altar, Paulo se absorvia em Deus, parecendo privado de toda sensibilidade física. Certa feita, enquanto adorava o ss. Sacramento, exposto na igreja dos Capuchinhos, caiu-lhe sobre o pé um banco bastante pesado. Colho se nada acontecera, continuou imóvel.

Seu companheiro, que nos relata o fato, diz são Vicente Strambi, ao ver escorrer o sangue, advertiu-o. Mas o santo, como se nada ouvisse, continuou na mesma atitude. Terminada a função, quis outro obrigá-lo a entrar no convento para medicar-lhe a ferida, ao que se recusou, dizendo:

“ Isto são rosas em comparação do que sofreu Jesus e do

que merecem os meus pecados " .

As forças que amparavam o santo jovem nas austeridades e contra as seduções do mundo, hauriu-as no amor a Jesus Crucificado e na recepção freqüente dos sacramentos. Uma Comunhão servia de preparação à outra, que era sempre mais fervorosa, excitando-lhe o vivo desejo de unir-se novamente a Jesus Sacramentado. Mais tarde poderá dizer ao confessor:

" Naqueles primeiros anos, deu-me Nosso Senhor o desejo de duas coisas: da sagrada Comunhão e do sofrimento " .

SEU CONFESSOR

Persuadido de que a obediência é o meio mais eficaz para o cumprimento dos divinos desígnios, desde o momento em que fizera a confissão geral entregara-se sem reserva à direção de seu pároco. O sacerdote, admirado dos singulares caminhos percorridos pelo penitente e desejando discernir o princípio que lhe animava o agir, submeteu-o a duras provações. Humilhava-o e o mortificava. Quando se apresentava na sacristia para se confessar, dizia-lhe o severo confessor que o atenderia na igreja; fazia-o esperar largo tempo, despachando-o sempre por último. Dizia-lhe, então, com aspereza:

" Vamos, depressa! "

E, quando o humilde penitente acusava alguma dessas imperfeições inevitáveis, de que só os santos se acusam, repreendia-o como dos maiores crimes.

E' para lamentar como esse diretor ultrapassasse por vezes os limites da prudência. Chegou a despedi-lo da mesa eucarística, negando-lhe a Comunhão, como a pecador público, quando era maior o concurso de povo. Diais que humilhação, era isso profunda ferida para o amor de Paulo. Nada obstante, resignava-se em silêncio, imolando ao Deus do Calvário seu ardente desejo de se unir misticamente a Ele.

De outra feita, enquanto orava no côro da igreja, sentiu-se arrebatado pelo divino amor, entre delícias e lágrimas. A fim de ocultar esses dons, cobriu o rosto com a capa. O implacável diretor correu para ele e, arrancando-lha com desdém, admoestou-o severamente:

" E' assim que se há de estar diante do SS.
Sacramento? "

E Paulo, de caráter vivo e sensível, sorvia, por amor de Jesus Crucificado, o amargo cálice dessas ignomínias.

Dizia-lhe a natureza ou o demônio:

" Abandona esse confessor e procura outro " .

Ao que respondia o heróico jovem:

" Não, o demônio não há de levar a melhor;
continuarei, custe o que custar. Este é o confessor talhado
para mim, pois me faz baixar a cabeça " .

Em dia de carnaval, quando muitos se entregam desenfreadamente a

divertimentos profanos, dirigia-se o nosso santo à igreja para adorar o ss. Sacramento e reparar os ultrajes feitos à majestade divina. O confessor, que participava de uma festa familiar, quis submetê-lo a novo gênero de prova. Chamou-o e o intimou, com a severidade habitual, a que tomasse parte na dança. Nada mais contrário aos sentimentos do servo de Deus. Que penitência inesperada! Que fazer? Como conciliar o voto de obediência com as repugnâncias por tal divertimento?... Apressou-se Nosso Senhor a. tirá-lo da, angustiosa situação, porquanto, no momento em que se dispunha a obedecer, cessou de improviso a musica... é que todas as cordas dos instrumentos se romperam!... Tocados de pasmo, todos reconheceram nisto o dedo de Deus, e o confessor se convenceu de que Nosso Senhor destinava a grandes coisas o santo jovem.

PROPOSTA DE CASAMENTO

Todavia, nova provação o esperava. Seus pais, desfavorecidos dos bens de fortuna, tinham que manter numerosa família.

Todas as suas esperanças repousavam em Paulo. Um de seus tios, o sacerdote Cristóvão Dáni, desejoso de reintegrar a família no antigo esplendor, resolveu, de acordo com os pais de Paulo, uni-lo em matrimônio com rica e virtuosa donzela.

O êxito da empresa parecia-lhe assegurado com o propósito de legar ao sobrinho todos os seus bens. Tratava-se, no entanto, de proporcionar-lhes uma entrevista, a fim de que tudo se ajustasse.

Paulo, porém, que já se entregara sem reserva a Deus, recusou tão sedutoras ofertas. Às instâncias do tio, respondia cortesmente não julgar fossem esses os desígnios divinos sobre ele. O sacerdote, porém, aferrado sem dúvida à convicção da época, de que os primogênitos são destinados por Deus a perpetuarem a família, replicou-lhe ser seu dever aceitar a proposta em consideração aos pais, a quem o enlace iria tirar do humilde estado em que jaziam. Mas ele permanecia inflexível.

Todos os membros da família juntaram então seus rogos aos do tio. O jovem sempre irredutível! Julgando a modéstia a causa da negativa e abusando da ascendência de tio e sacerdote, Cristóvão o obrigou a acompanhá-lo à casa da moça. O humilde filho da obediência dispôs-se a segui-lo. Eis, porém, reproduzido o belo edificante exemplo de São Francisco de Sales: o angélico jovem nem sequer alçou os olhos para vê-la; pelo que nada se concluiu. E no entanto o tio pretendia triunfar a todo custo.

HERANÇA PRECIOSA

Cruel perseguição para o espírito de Paulo! Os sentimentos mais opostos agitavam-lhe a alma. De um lado, o propósito de corresponder ao chamamento divino; de outro, o amor aos pais a braços com as mais duras dificuldades... Nessa dolorosa perplexidade implorava o auxílio do Alto. E Deus lhe veio em ajuda de maneira extraordinária.

Cai enfermo o tio e falece imprevistamente, deixando-lhe os haveres para garantir o bom êxito de seus planos. Mas o santo herdeiro renunciou generosamente à herança em presença do vigário forâneo.

Tomou para si apenas o breviário e, dirigindo-se ao crucifixo, os olhos banhados em lágrimas, exclamou:

“ Ó meu Jesus Crucificado, protesto que de tal herança desejo apenas este livro de oração, porque vós somente me bastais, ó meu Deus! meu único Bem! ” .

Daqui se infere quanto o servo de Deus amava a pobreza e a pureza de coração, consagrando-lhes igual estima, e às quais o texto sagrado promete a bem-aventurança celeste.

Eis as duas asas que o elevaram acima das vulgares realidades do mundo e com as quais desenvolverá crescente apostolado pela glória de Deus e salvação das almas.

PRIMEIROS ENSAIOS DE APOSTOLADO

Vimo-lo, desde os mais verdes anos, oferecer aos irmãozinhos exemplos de todas as virtudes. Entretinha-os diariamente com piás leituras e se esforçava por infundir-lhes terna e sólida devoção à Paixão de Jesus Cristo.

O zelo, porém, que de todo lhe incendia o coração, reclamava mais espaços onde projetar suas benéficas irradiações.

Mal ingressara na Confraria de que já falámos, impuseram-lhe o cargo de presidente. Fora eleito por unanimidade. Ao presidente cumpria dirigir nas reuniões cirna exortação espiritual aos confrades. E Paulo o fazia magistralmente, comunicando às palavras tal calor e graça, tanta doçura e unção, que penetravam os corações. Em breve atraiu para si a população toda, desejosa de ouvi-lo.

Explicava outrossim aos domingos a doutrina cristã às crianças. Estes primeiros ensaios, de zelo grangearam-lhe total influência. Desta se aproveitou Paulo para formar unia associação de jovens, inspirados pelo mesmo amor -à, solidão e à prece. Com eles ia, de freqüente, espaiar pelos campos, entretido em colóquios familiares, repassados de unção insinuando-lhes o desprezo do mundo e o amor à virtude ficai. qual alguns como refere o santo, se tornaram exímios.

Ensinava-lhes o modo de meditar a Paixão Jesus Cristo, patenteando-lhes assim a vereda segura e rápida que conduz à perfeição. Dentre eles, oito abraçaram o Instituto dos Servos de Maria, oito ingressaram na Ordem de Santo Agostinho e quatro vestiram o hábito ele São Francisco.

Tinha para com os pobres e enfermos grande solicitude e cuidados maternos. A fim de proporcionar-lhes assistência pronta e regular, fundou um sodalício, alistando seus companheiros nessa milícia de caridade, cujo zelo avivava com a palavra e o exemplo. Distribuía esmolas aos pobrezinhos, de joelhos, em atitude de profunda veneração. Quando enfermos, assistia-os continuamente, prodigalizando-lhes todos os cuidados corporais e espirituais.

Sua caridade os seguia além do túmulo, sufragando-os com a esmola da oração. Os cadáveres mais infetos, qual outro Tobias, carregava-os aos ombros. Tais exemplos levava seus jovens amigos a imitá-lo. Fixando os olhares naquela sepultura aberta, lia, como em grande livro, a miséria das

coisas terrenas. Certa vez, as reflexões sobre a vaidade do mundo causaram tal impressão a um de seus companheiros, que se apressou a ir abraçar a Cruz de Cristo nas austeridades do claustro.

A VOZ DOS PRODÍGIOS

Paulo empreende novo apostolado: resolve pôr termo aos escândalos de alguns jovens libertinos. Não era fácil a empresa; porém a força do Todo-Poderoso veio-lhe em auxílio. Comunicou-lhe Deus o dom de penetrar as consciências e ler no âmago dos corações. Ao acercar-se dos pecadores, estranho mau cheiro lhe revelava a fealdade de tais almas. Dizia-lhes com convicção:

“ Meu amigo, cometeste tal pecado; vai confessar-te ” .

O espanto e a vergonha se apoderavam do culpado, que julgava sua falta conhecida apenas de Deus. Paulo, porém, com toda doçura o animava, o dispunha ao sacramento da Penitência e o encaminhava a um bom confessor, para que lavasse no sangue do Cordeiro as máculas da alma.

Os que se lhe mostravam dóceis recebiam de Deus abundantes graças; os que, ao invés, lhe desprezavam as admoestações, eram amiúde castigados exemplarmente. Predizia-lhes, na persuasão de profeta, os espantosos castigos da cólera divina.

Um jovem, chamado Damião Carpone, era o escândalo da mocidade de Castellazzo. Paulo caridosamente o exortou a mudar de conduta.

“ Toma cuidado, meu amigo; se continuares assim, perecerás em breve e de morte trágica ” .

O infeliz desprezou o aviso. Meses após, nos campos banhados pelo Bórmida, encontraram-lhe o cadáver transpassado por várias punhaladas. Fora assassinado em uma de suas excursões noturnas.

Amargurado pela má conduta do filho, certo progenitor suplicou a Paulo o induzisse a mudar de vida. O nosso santo falou ao jovem com muita caridade, exortando-o a pedir perdão ao pai.

“ Pedir perdão a meu pai? Jamais o farei ” ,

respondeu o desalmado.

“ Recusas pedir perdão? Pois bem, em breve morrerás ”

Passados alguns dias, embora gozasse ótima saúde, foi o desventurado ferido de morte repentina.

Após esses castigos subiu de prestígio no conceito de todos a santidade de Paulo Francisco. Formou-se em torno desse misto de temor e de afeição que confere tanto poder aos homens de Deus. E Castellazzo se transformou. Já não se viam os abusos até então inutilmente verberados pelos ministros do Evangelho.

Um dia relataram a Paulo que duas senhoras francesas se encontravam sem asilo e sem pão. Duplamente infelizes essas estrangeiras, pois, além de indigentes, eram hereges Tanto bastou para excitar-lhe o zelo e a caridade.

Pediu aos pais lhes dessem hospedagem por amor a Cristo.

Convertê-las, fazendo-as ingressar no redil da verdadeira Igreja, eis a principal aspiração ele Paulo Conseguiu em parte o seu intento, pois uma delas abjurou o protestantismo e foi por ele colocada no convento ele Santa. Maria, de Alexandria.

Eram as primícias do apostolado do nosso santo, que contava apenas vinte e cinco anos de idade. E que de virtudes e boas obras já praticara!

Esses primeiros anos, primavera espiritual, de tão doces recordações, jamais se lhe apagarão da memória.

Que conceito tão elevado já poderíamos formar de Paulo e da sua juventude, se ele mesmo, em sua velhice, chegado já ao cume da perfeição e da Cruz, terá dela saudades?.

CAPÍTULO IV

1716 - 1719

Índice

NOVO DIRETOR

DEUS PREPARA O FUNDADOR DOS
PASSIONISTAS

DOENÇA MISTERIOSA

SACRIFÍCIOS PELA DIREÇÃO

CAPÍTULO IV

1716 - 1719

NOVO DIRETOR

O diretor espiritual de Paulo, já o vimos, era o pároco de Castellazzo.

Notando no jovem dons extraordinários, sinal de grandes desígnios do Senhor, julgou bem confiá-lo à direção de sacerdote mais versado nos caminhos de Deus.

A Providência conduziu o nosso santo a frei Jerônimo de Tortona, religioso capuchinho, do convento de Castellazzo.

O novo diretor, dotado daquele tato divino que nenhuma qualidade natural pode suprir, divisou em Paulo Francisco uma dessas almas grandes, predestinadas a eminente santidade. Começou, pois, a guiá-lo pelo caminho da perfeição e permitiu-lhe a Comunhão diária, secundando-lhe o ardente desejo de viver constantemente unido a Jesus.

Com direção tão esclarecida, Paulo se entregou com maior fervor ao divino serviço. Temendo, porém, a estima e louvores humanos, comungava e fazia prolongadas meditações ora numa igreja, ora noutra, dando preferência às menos frequentadas.

Dócil às inspirações da graça, elevou-se rapidamente aos mais altos graus da contemplação divina.

Tão admiráveis progressos alarmaram a frei Jerônimo, que, desconfiando das próprias luzes e temendo embargar as operações do Divino Espírito Santo, aconselhou ao penitente consultasse um seu coirmão, célebre pela ciência e labores apostólicos, de raro talento na direção das almas, frei Colombano de Gênova, residente em Ovada.

Paulo tinha que percorrer cerca de 30 quilômetros a pé para ir ter com frei Colombano, mas fazia-o de bom grado, quer para obedecer ao Diretor, como porque o santo capuchinho o atraía pelas luzes e coragem que lhe infundiam suas palavras.

DEUS PREPARA O FUNDADOR DOS PASSIONISTAS

Estamos em 1718 e Deus começa a revelar a Paulo a idéia da fundação de um Instituto religioso.

Sói Nosso Senhor dar à alma certo pendor para o sacrifício que lhe prepara. A principio vagamente; ao depois, com segurança e clareza: E' uma espécie de iniciação pela dial é a alma conduzida com infinita suavidade. Assim, da noite escura não se passa à luz meridiana, sem que precedam o alvorecer e a aurora, preparando a vista para o resplendor do dia.

Ó maravilhoso agir da Providência! Por essa inclinação ao bem pronunciada, como provem de Deus, o diretor perito na ação misericordiosa da graça pode descobrir as vocações do Céu.

Eis por que no trabalho ainda secreto das vocações necessita a alma de firme direção. Caso contrário, fácil seria afastá-la do verdadeiro caminho, desconhecendo quem a dirige os desígnios de Deus sobre ela.

Paulo comunicava a frei Colombano as primeiras luzes a respeito da futura Congregação. Por vezes, era um grande desejo de retirar-se ao ermo, ou a inspiração de reunir companheiros, bem como de andar descalço e revestir-se de pobre túnica.

O diretor ouvia tudo e tudo examinava com máxima atenção e, doutíssimo como era, concluiu enfim serem luzes supernas.

Ouçamos, porém, o nosso santo a respeito do modo como Deus o guiava. Esta página inspirada, escrita por ordem do confessor e em que se revelam as comunicações do Céu, respira verdadeiro encanto.

" Eu, Paulo Francisco, pobre e indigno pecador, o último dos servos de Jesus Cristo, cerca de dois anos depois que a infinita bondade de Deus me chamou à penitência, ao passar certa vez pelas praias de Gênova, deparei pequena igreja solitária sobre um monte, a cavaleiro de Sestri, dedicada à S. S. Virgem do Gazzo. Ao contemplá-la, experimentei fortíssimo desejo de viver naquela

solidão; porém, obrigado por dever de caridade a assistir a meus pais, não pude levá-lo a efeito e guardei-o no coração. Tempos depois, não me lembro o mês nem o dia, senti novo impulso, muito mais forte, de retirar-me à solidão. Essas inspirações Deus mas dava com grande suavidade interior. "

" Ocorreu-me ao mesmo tempo a idéia de vestir-me de túnica preta da lã mais ordinária, de andar descalço e de viver na mais rigorosa pobreza. Numa palavra, aspirava viver, cone a graça de Deus, vida penitente. Esse pensamento jamais me abandonou. Um atrativo sempre mais forte chamava-me ao ermo, não unicamente à igreja de que falei, mas á qualquer solidão. "

" Tinha somente em vista seguir os amorosos convites de meu Deus, cuja infinita bondade me impelia a abandonar o mundo. Como não pudesse dar cumprimento a esse desejo, por ser eu indispensável à família, isto é, a meu pai, à minha mãe e a meus irmãos, mantinha sempre secreta a minha vocação, abrindo-me tão somente com o padre espiritual. "

" Ignorava os desígnios de Deus sobre mim, pelo que não pensava senão em desprender-me dos afazeres domésticos para retirar-me mais tarde à solidão. "

" Contudo, o soberano Bem, que em sua infinita misericórdia tinha outros desígnios sobre este miserável verme da terra, não permitiu que me libertasse então de tais encargos. Quando estava prestes a desembaraçar-me, novas dificuldades surgiam, aumentando mais e mais aqueles anseios. Por vezes pensava em reunir companheiros, idéia que se me fixara no íntimo da alma " .

Essas primeiras luzes eram apenas o esboço da santa obra a que Deus o destinava. O jovem multiplicava as preces e as mortificações, rogando a N. Senhor sinais mais claros de sua divina Vontade. Em breve tornar-se-ão essas luzes mais freqüentes e mais inequívocas.

De quando em quando fazia-lhe Deus compreender, por locuções internas, que o destinava a uma obra importantíssima, difícil e repleta de sofrimentos.

Outras vezes, atraindo-a a si com suave arrebatamento, dizia-lhe:

" Far-te-ei ver em breve quanto deves padecer pelo meu nome " .

Um dia, enquanto rezava diante do ss. Sacramento, segredou-lhe o Senhor:

" Meu filho, quem de mim se aproxima, aproxima-se dos espinhos " .

Ouçamos a Paulo:

" Enquanto orava, vi nas mãos de Deus um açoite formado de cordas, como uma disciplina. Nele estava escrita a palavra: AMOR No mesmo tempo dava N. Senhor à minha alma altíssimo conhecimento de que iria açoitá-la, mas por amor, e a alma se lançava alegremente para o açoite, a

fim de abraçá-lo e beijá-lo em espírito. Com efeito, depois que Deus por sua infinita bondade me deu essa visão logo, se seguiram grandes sofrimentos, e eu tinha plena certeza de que vi riam, porque Deus me dera conhecimento infuso disso. "

DOENÇA MISTERIOSA

Paulo devia ser Apóstolo e plasmar apóstolos. Fadara chamado para a vida mais espinhosa, para o martírio do apostolado. Duas coisas são necessárias para a sua completa submissão ao sacrifício: o perfeito conhecimento da misericórdia de Deus e de sua infinita justiça.

Quanto à misericórdia, já o instruíra Jesus, patenteando-se a ele em sua Paixão; vai fazê-lo sentir agora a justiça. À visão do amor seguiu-se a visão espantosa do inferno. Contemplou por instantes as horríveis penas dos condenados.

Estava acamado por contusão em unia das pernas. De súbito, é assaltado de pavorosos estremecimentos. Perde os sentidos e prorrompe em altos brados, misto confuso de palavras de raiva e de desespero.

Não é fácil imaginar o espanto dos irmãos João Batista e Teresa, que lhe vieram em socorro, vendo-o tremer dos pés à cabeça, desfigurado, tendo estampada no rosto a sensação de horror, e a exclamar:

" Não! Jamais direi o que vi " .

Roga chamem o pe. Jerônimo, com o qual se entretém largo tempo em secreta conversação. Sua irmã que, levada de repreensível curiosidade, se pusera a auscultar na porta, ouviu-o exclamar:

" Oh! pe. Jerônimo, como é longa a eternidade! "

Mais tarde confiou a alguém que naquela ocasião fora transportado pelos Anjos ao inferno e lá contemplara, apavorado, as, penas eternas dos réprobos.

SACRIFÍCIOS PELA DIREÇÃO

Quando se chegou a compreender o infinito do inferno e o. infinito do Calvário, tudo está compreendido: o pecado e sua malícia; a alma e seu preço; Deus, sua justiça e sua misericórdia..

Estava plasmado o apóstolo da Paixão.

Com que ardor não trabalhará em purificar as almas no Sangue do Redentor, e libertá-las dos castigos que acabara de presenciar?!

Os desígnios de Deus são insondáveis! Quando mais necessitava o nosso santo daqueles diretores, em vista das graças extraordinárias com que Deus o favorecera, ambos lhe são arrebatados. O pe. Jerônimo e o pe. Colombano, em consequência das eleições capitulares da província, passaram a outros conventos..

Provavelmente a conselho deles e para ter direção estável tomou o servo de Deus por confessor o revmo. cônego penitenciário da catedral de Alexandria, Policarpo Cerruti, doutor em teologia e direito canônico.

Eis o que mais tarde dele escreveu Paulo em uma carta:

" Notifico-lhe que dois sacerdotes se uniram a nós. Outros quatro nos foram enviados da Lombardia pelo meu antigo confessor, que é cônego penitenciário da catedral de Alexandria e que, quando eu ainda estava no século, dirigiu minha pobre alma. Pie os provou e posso fiar-me bem do juízo desse servo de Deus, pois é bastante douto " .

Paulo abriu de par em par a alma ao cônego Cerruti. Este, ao ouvir coisas tão insólitas, temendo ilusões e desejando levá-lo pela via segura da humildade, mostrava-se indiferente e o tratava com severidade. Fazia-o esperar manhãs inteiras antes de ouvi-lo em confissão, embora houvesse percorrido 6 quilômetros em jejum.

Quando lhe referia suas elevadas aspirações e santos desejos, ao invés de aconselhá-lo e dirigi-lo nas dúvidas, repreendia-o atribuindo tudo a alucinações.

Tomava Paulo, de ordinário, por assunto de meditação a Paixão de Cristo, prova da infinita caridade de um Deus, imolado pela nossa salvação. Dai se remontava ao soberano Bem, como a águia fita o sol: sublime contemplação, em que os inefáveis ardores de seu amor encontravam dulcíssimo refrigério. Dir-se-ia que o cônego Cerruti pretendia dirigi-lo por veredas bem diversas daquelas a que Deus o chamara, contrariando o parecer do pe. Jerônimo e do pe. Colombano.

Repreendia-o asperamente como a presunçoso, ordenando-lhe não meditasse para o futuro senão o pecado, a morte, o juízo, o inferno e o paraíso ou qualquer outro ponto da via purgativa.

Dura provação para essa alma já tão sublimada por Deus!

Apesar de lhe custar duros sacrifícios o constranger sua alma a palmilhar o caminho ordinário, obedeceu com simplicidade de criança, conquistando vitória sobre si mesmo. Pôs-se, com efeito, a meditar o pecado.

O Senhor, porém, que se compraz nas almas dóceis e mortas a si mesmas, recompensou-lhe a obediência.

Outorgou-lhe ao espírito clarividências celestes, sustou-lhe as operações do entendimento, atraíu-o a si com doçura e força irresistíveis e, em rápidos vôos espirituais, elevou-o ao conhecimento dos altos mistérios da Fé.

Mas, como relatar o martírio desta alma?

Por uma parte, não queria deixar o caminho traçado pelo diretor; por outra, Deus o atraía invencivelmente por veredas superiores. Lutas dolorosas a lhe multiplicarem os tormentos do coração.

Não resistiu a natureza a essa rude prova. Caiu gravemente enfermo; esteve entre a vida e a morte.

Deus, porém, quis conservar-lhe a existência para sua glória, fazendo cora que se restabelecesse perfeitamente.

Continuava Nosso Senhor, nos êxtases, a revelar-lhe, embora veladamente, o futuro Instituto da Paixão. Apresentava-lhe misteriosa túnica preta, repetindo-lhe ao espírito:

" Meu filho, quem me abraça, abraça os espinhos " .

Paulo compreendeu que iria tornar-se realidade a aspiração que havia muito vinha alimentando: esconder sua vida no silêncio e na austeridade. Mas, como o diretor contemporizasse, vivia em continuas e penosas incertezas.

Deus favoreceu-o, então, com graça mui assinalada.

Fiel à obediência, continuava a meditar sobre os novíssimos. Ao chegar à consideração do paraíso, foi de modo extraordinário arrebatado em Deus. Segredou-lhe o Senhor no mais íntimo da alma estas palavras:

" Meu filho, no Céu o bem-aventurado não estará unido a mim como amigo a amigo, mas como o ferro penetrado pelo fogo " .

E, no mesmo instante, como a luz divina lhe sublimasse a inteligência, elucidando-lhe o espírito, concebeu altíssimo conhecimento da transformação da alma bem-aventurada em Deus, da visão de Deus na luz de Deus, e do amor divino comunicado pelo mesmo Deus com o esplendor de sua glória. Compreendeu, enfim, no mistério da glorificação dos eleitos, coisas inefáveis que a linguagem humana não pode exprimir.

Paulo e seu Instituto terão por especial encargo o pregar a Jesus Crucificado. Por isso comprazia-se Deus em mostrar-lhe no Calvário a única estrada do paraíso, fazendo-lhe a mesma revelação que ao grande Apóstolo das Gentes, que, arrebatado aos Céus, ouvira palavras tão sublimes, que não é dado ao homem repeti-las na terra. Como Paulo de Tarso, o nosso santo porá toda a sua glória na Cruz de Cristo, pregando Jesus Crucificado a todos os povos.

CAPÍTULO V

JANEIRO A NOVEMBRO DE 1720

Índice

D. FRANCISCO M. GATTINARA

APARECE-LHE NOSSA SENHORA

PAULO É REVESTIDO DO HABITO
RELIGIOSO

CAPÍTULO V

JANEIRO A NOVEMBRO DE 1720

D. FRANCISCO M. GATTINARA

Até o presente, a vida de Paulo foi feita de sacrifícios, de abnegação, de humildade.

O confessor reconheceu enfim, na humildade e constância do penitente, a generosidade de sua alma e dele concebeu tal estima, a ponto de reverenciá-lo como a santo, destinado às honras dos altares.

Agora já eram evidentes os sinais de que Deus o escolhera para fundar um novo Instituto. Urgia, pois, se pusesse em relação com a autoridade competente, o snr. bispo diocesano.

E' de crer que este já tivesse noticia do servo de Deus, porquanto a virtude do santo jovem espalhava o bom odor de Jesus Cristo, não somente em Castellazzo, mas por outras localidades, inclusive Alexandria. Por toda parte se falava da santidade de sua vida como de verdadeiro prodígio.

E' nosso dever pagar aqui sincero tributo de reconhecimento e gratidão ao sábio e santo antístite, escolhido por Deus para lançar a pedra fundamental do Instituto.

D. Francisco Maria Albório de Gattinara nasceu em Pavia, em 1658, de família ilustre.

Foi um desses homens singulares, enviados por Deus à terra para o bem das almas. Inteligência privilegiada, coração nobre e generoso, desapegado das vaidades do mundo e das doçuras do lar, consagrou-se ao Senhor aos dezesseis anos, na Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo, chamados Barnabitas. O estudo e a piedade fizeram-no grande apóstolo do Evangelho, Possuía todas as qualidades do verdadeiro orador sacro.

Dominava-o uma só paixão: ganhar almas para Deus. O zelo, manifestava-o de freqüente, sem o querer, com os soluços, eloquência do coração, que iam ferir o coração dos ouvintes, conquistando para Nosso Senhor os mais empedernidos pecadores, Seus sermões eram interrompidos pelas lágrimas, tornando-se proverbial a expressão:

“ Que é que derrama com mais abundância no púlpito o padre Gattinara, os suores ou as lágrimas? ”

Em prêmio de suas virtudes ou, melhor, para o bem das almas, Clemente XI, em 1706, nomeava-o bispo de Alexandria, e Bento XIII, em 1726, transferia-o para a sede arquiépiscopal de Turim.

Essa promoção serviu para fazer brilhar ainda mais as virtudes insignes do santo prelado.

“ A grandeza, diz Bossuet, longe de enfraquecer a bondade, a auxilia a comunicar-se, como o chafariz que lança para o alto suas águas a fim de se espalharem mais e correrem melhor ” .

Modelo perfeito de pastor, suas primeiras solitudes foram para o clero, porção preciosíssima elo seu rebanho, a quem não cessava de incutir mais com o exemplo do que com as palavras, o verdadeiro espírito sacerdotal.

À salvação e santificação das almas dedicou igualmente grande parte de seu apostolado.

Pai dos pobres, empregava todos os haveres em aliviar-lhes, as misérias, lamentando não poder ajudar a todos.

É impossível converter em algarismos os tesouros que derramou sobre a miséria dos indigentes. Como se isso não bastasse, a exemplo do divino Mestre imolou a própria vida por seu rebanho.

Em 1743, após desoladora guerra, sobrevieram, como sói acontecer, a peste e a fome. Compreendeu o sr. bispo que soara a hora do supremo sacrifício. Renovou então os exemplos de um Carlos Borromeu e dos maiores servos de Deus, oferecendo-se em holocausto para a salvação do seu povo. Ordenou solene procissão. de penitência, a que tomou parte, mau grado a idade avançada.

De volta à catedral, dirigiu à consternada grei palavras repassadas de ternura paternal. Ao terminar, levantou os olhos ao Céu, suplicando ardorosamente à divina justiça que, se ainda exigia reparação, descarregasse os golpes sobre o pastor, mas poupasse o rebanho.

A vítima foi aceita: não terminara o sermão e já era acometido do mal que consumaria o sacrifício. Dias após, recebia o santo ancião das mãos de Deus a coroa merecida pelo heroísmo de sua caridade.

Tal foi o ilustre bispo, de quem Paulo recebeu a humilde túnica da Paixão.

O piedoso jovem pôs-se inteiramente em suas mãos, como se fora nas do Altíssimo. Fêz a confissão geral e comunicou-lhe as luzes recebidas do Senhor.

O prudente prelado, depois de ouvi-lo com atenção, ordenou-lhe trazer por escrito as revelações com que Deus o favorecera.

Lendo o manuscrito de Paulo, o sr. bispo não teve dificuldade em reconhecer nele o sêlo divino.

Comovido, banhando com suas lágrimas aquelas paginas inspiradas, exclamou:

“ Aqui está o Pai das luzes!... ”

Qual a origem desses segredos celestes, que fazem chorar de ternura o santo diretor? Paulo no-lo vai dizer:

“ No verão p. p. (não me recordo o mês nem o dia, porque não o anotei; lembra-me tão somente que era o tempo da colheita do trigo), em dia de semana, terminava de comungar na igreja dos Capuchinhos de Castellazzo, quando me senti de todo absorto e profundamente recolhido. Tornei, sem demora, à casa e ia tão concentrado como se estivesse em oração. Antes de lá chegar senti-me arrebatado em Deus, com recolhimento ainda mais profundo. Todas as potências de minha alma se abismavam no soberano Bem. As criaturas todas desapareceram-me do pensamento e releu interior se inundava de celestiais suavidades. ”

“ Vi-me de repente revestido de preto até o chão, com uma Cruz branca sobre o peito. Sob a Cruz estava escrito o nome ss. de Jesus, também em letras brancas. Tomentos depois, ainda enlevado em Deus, vi que me apresentavam a túnica, adornada com o sagrado nome de Jesus e com a Cruz branca. ”

“ A túnica era preta, e eu a osculava com alegria.

Quando me foi apresentada não divisei forma corpórea: vi-a em Deus. Com efeito, a alma conhece que é Deus porque Ele mesmo a faz compreender pelos movimentos internos e pelas luzes que lhe derrama no espírito, de maneira tão sublime, que é difícilimo explicar. "

" O que então a alma compreende é algo de tão sublime que não se pode referir nem escrever. Para exprimir-me o melhor possível, direi ser à maneira de visão espiritual, corno Deus se tem dignado conceder-me muitas vezes, quando se compraz em enviar-me particular provação " .

Em verdade este jovem, ainda vivendo no século, já falava a linguagem de santa Teresa e são João da Cruz. Vê-se que possuía o mesmo Mestre divino. E continua:

" Depois da visão do santo hábito e do emblema sagrado, Deus aumentou-me o desejo de reunir companheiros e de fundar, com a aprovação da santa Igreja, uma Congregação, que tivesse por título: OS POBRES DE JESUS. "

" Desde então imprimiu-me e no espírito os dizeres das santas Regras a serem observadas pelos Pobres de Jesus e por mim, seu humilíssimo e indigno servo. "

APARECE-LHE NOSSA SENHORA

Certo dia, enquanto orava, viu Paulo a ss. Virgem trazendo nas mãos o mesmo santo hábito, com a diferença de que a palavra JESU era seguida por estas duas: XPI PASSIO. E sem mais viu-se revestido daquele hábito. Compreendeu que a grande empresa a que Deus o chamara devia realizar-se sob o patrocínio e poderoso auxílio da ss. Virgem.

Estas visões revelam tais caracteres de veracidade, que ninguém, por pouco versado em assuntos espirituais, deixará de reconhecer, à primeira vista, a ação de Deus. Contudo, para poder explicar o que havemos de referir do nosso santo, diremos algo da origem e dos efeitos das visões. Ouçamos a são João da Cruz, mestre nessa matéria:

" Se, na obscuridade de uma noite profunda, brilhar resplandecente luz, divisaremos clara e distintamente os objetos que o espesso véu das trevas nos ocultava. Apenas desapareça essa luz, cairemos novamente na obscuridade, mas esses objetos continuarão profundamente gravados em nossa memória " .

Eis o que se passa nas visões celestiais.

Oculto sempre nas secretas escuridões da fé, o divino Sol da inteligência, que é a mesma Verdade, faz sentir à alma, por uma luz mui viva, que ela se encontra nesse Sol ou, como diz Paulo, no IMENSO, e é nesse instante que lhe descobre o que deseja revelar-lhe e nela permanece impresso com tanta clareza, sendo impossível duvidar, mesmo quando a luz haja desaparecido.

" Tenho mais certeza, diz Paulo falando de suas visões, daquilo que vejo em espírito pela sublime luz da fé, do que

se o vira com os olhos corporais " .

E aduz a razão de que os olhos podem enganar-se por algum fantasma, ao passo que em tais visões, conforme lhe fizera Deus compreender por conhecimento infuso, impossível é o erro. Aliás, santo Agostinho já o dissera que a Verdade imutável ilumina a inteligência de maneira inefável.

Em desaparecendo esta luz, o honrem cai de novo em trevas, isto é, volta às debilidades da natureza corrompida, chegando a sofrer repugnâncias e desalentos ocasionados pelo dificultoso da empresa ou pelas hesitações e dúvidas, não a respeito da autenticidade das revelações, mas da sua interpretação e maneira de executá-las e, enfim, pelo temor de obstacular com incorrespondências a obra de Deus.

Neste estado se achava o espirito de Paulo, após as visões que acabamos de referir. O snr. bispo, a quem prestava minuciosa conta, examinava-o com a discrição e reserva que exigem semelhantes casos, sem se pronunciar.

Por esta razão, Paulo ainda não se decidira. Inquieto e indeciso, inclinava-se a realizar o desejo que tivera outrora de consagrar-se a Deus em alguma Ordem religiosa.

Certo dia em que, seguindo solitária estrada, mais do que nunca era perseguido por esse pensamento, apareceu-lhe a ss. Virgem. Estava revestida de túnica preta e trazia no peito virginal o EMBLEMA SAGRADO, extremamente branco, sobre fundo preto. Era o emblema em forma de coração encimado por pequena cruz, tendo no centro o lema da Paixão e em baixo três cravos.

Maria, ostentando no rosto a tristeza do Calvário, dirigiu-lhe estas palavras:

" Vês, meu filho, como estou de luto? E' por causa da dolorosíssima Paixão do meu amado filho Jesus. Deves fundar uma Congregação, cujos membros se revistam de um hábito igual a este, em sinal de continuo luto pela Paixão e Morte de meu Filho " .

E desapareceu.

Os sentimentos que o empolgaram nessa dulcíssimas aparição faziam-no exclamar, muitos anos após, inebriado de gôzo:

" Oh! como era formosa! " ...

Dissiparam-se-lhe as dúvidas. Conheceu claramente a meta que lhe traçara a Providência. Compreendeu também que havia de ser angelical a pureza dos que trouxessem o hábito que a Virgem Imaculada consagrara, vestindo-o por primeira.

PAULO É REVESTIDO DO HABITO RELIGIOSO

Não podia o snr. bispo duvidar de que estas visões e revelações provinham de Deus. Além de implorar as luzes do Pai celeste, consultara os mestres na ciência dos santos, particularmente o pe. Colombano de Gênova, por quem nutria grande estima. Residia este no convento de Pontedécimo, perto de Gênova.

Como vimos o pe. Colombano aprovava o espírito de Paulo, quem amava como a filho em Jesus Cristo. Descobrimo nessas maravilhas a obra do Espírito Santo, apressou-se em dar o seu parecer ao digno bispo, suplicando-lhe revestisse quanto antes do santo hábito da Paixão o eleito do Senhor.

Possuímos uma carta desse religioso, escrita ao prelado no dia 25 de novembro de 1720.

Após referir que Paulo passara por todos os graus da oração e era dotado do espírito profético, assim se expressa:

" Por intermédio de v. senhoria ilustríssima, dignou-se o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação confortar-me. Passei por muitas penas ao conduzir as almas à perfeição; no entanto hoje, graças à divina Bondade, vejo com alegria como é fácil a. Deus enriquecer o pobre em um momento, hoje, em que Paulo Francisco recebeu, creio, o santo hábito. Agradeço humildemente a v. senhoria ilustríssima " .

..

Esse notável diretor de almas verificou que o mestre de Paulo era o mesmo divino Espírito Santo.

Demasiadamente clara se manifestava a vontade de Deus para que o snr. bispo vacilasse ou retardasse em cumpri-la. Ordenou, pois, a Paulo se preparasse para receber o santo hábito, o mesmo que Nosso Senhor e sua Mãe ss. lhe mostraram.

Quem jamais poderia descrever a felicidade do nosso santo

Todavia, como foi fugaz! Não devia Paulo reproduzir em si a imagem de Jesus Crucificado?

O divino Salvador desejara ardentemente beber o cálice da amargura que o Pai lhe oferecera, mas na Véspera do supremo. sacrifício, perturbou-se-lhe a alma e experimentou todas as repugnâncias da natureza humana.

Paulo suspirava pela hora de sacrificar-se por Deus e pelas almas, em união com a Vitima do Calvário. Ao chegar, porém, o momento do sacrifício, as tristezas, os desalentos, o abandono e o tédio assaltaram-lhe o espírito. Esses combates interiores ele mesmo os descreveu mais tarde, em carta a um jovem, seu penitente, para animá-lo à vocação religiosa:

" Sereis feliz, meu querido amigo, dizia-lhe, se fordes fiel em combater e vencer, não vos deixando arrastar pelos sentimentos da natureza, tendo unicamente em vista a Jesus Crucificado, que vos chama com especial bondade a segui-lo. Será Ele para vós pai, mãe e tudo o mais. Oh! se soubésseis os assaltos que tive que sustentar antes de abraçar a vida religiosa; a extrema repugnância que me insinuava o demônio e a ternura para com meus pais, cujas esperanças, conforme a prudência humana, se estribavam unicamente em mim! As desolações interiores, as tristezas, os temores, tudo me dizia: não resistirás. Satanás fazia-me crer juguete de ilusões e que bem poderia

servir a Deus de outra maneira; que esta vida não era para mim... além de muitas outras coisas que passo em silêncio. O que mais me entristecia era o haver perdido o sentimento de devoção. Sentia-me totalmente árido e tentado de todos os modos; o simples toque dos sinos causava-me horror. Todos me pareciam contentes, exceto eu. Em suma, impossível me é descrever todos os grandes combates que me assaltaram, sobretudo quando chegou o momento de tomar o santo hábito e deixar o lar paterno. Tudo isto é a pura verdade; há, no entanto, muitas outras coisas que não sei nem posso explicar. Ânimo, pois, meu querido amigo; Deus nosso Senhor dará ao vencedor o maná oculto e um nome novo! " .

A intrepidez que Paulo desejava inspirar àquele jovem, ele a alcançara com a pontual fidelidade à graça. e com o olhar perenemente voltado para Jesus Crucificado. Deste modo triunfou dos assaltos do inimigo e encontrou na vitória o segredo de completar com alegria o sacrifício.

O santo bispo foi o primeiro benfeitor desse Pobre de Jesus Cristo. Com o auxílio de suas esmolas, comprou Paulo o mais grosseiro pano usado pelos indigentes da cidade, fazendo-o tingir de preto.

Desejava consagrar-se a Deus no mesmo dia em que a Ele se consagrara Maria ss. no templo de Jerusalém.

Como, porém, naquele ano, a festa da Apresentação caísse em quinta-feira, marcou para a vestidura o dia seguinte, sexta-feira, dia que se harmonizava perfeitamente com o espírito da Congregação que havia de fundar. Serviu-lhe aquela festa de preparação. Comungou com insólito fervor e visitou as igrejas de Castellazzo.

Cortou os cabelos em sinal de renúncia ao mundo, apresentando-se à tarde aos pais para solicitar a devida licença.

De joelhos, ante os membros reunidos da família, que choravam copiosamente, pediu-lhes perdão das faltas e, segundo sua expressão, dos maus exemplos que julgava ter dado. Suplicou aos pais o abençoassem, dando-lhe permissão de se consagrar inteiramente ao Senhor.

Eles, patriarcas dignos de priscas eras, resignados à ss. Vontade de Deus, abraçaram ternamente o dileto filho e, com os olhos rasos de lágrimas, deram-lhe, com a bênção, o suspirado consentimento. Jubiloso, como se superara a maior das dificuldades, entoou o TE DEUM, hino da ação das graças e, a fim de implorar a misericórdia divina, recitou o MISERERE.

Quem se não comove ao imaginar aquela enternecedora cena de despedida? Sublime luta da natureza e da fé, vencida por esta que diviniza o que há de mais doce e forte na natureza.

Grande, sem dúvida, foi o sacrifício de ambas as partes, mas refulgente outrossim será a coroa da vitória.

Como bem nos trazem à memória aqueles heróis da primitiva Igreja ao se despedirem dos velhos pais, que os abençoavam ao se encaminharem para a última batalha, coroada pelo martírio!

O mesmo Salvador, segundo piedosa tradição, na véspera do, sacrifício, ajoelhado ante a divina Mãe, pediu-lhe a bênção e o consentimento para a imolação suprema. Quis assim ensinar aos pais cristãos que, unindo o seu ao generoso sacrifício dos filhos., receberão

também a glória imortal do paraíso.

No dia seguinte dirigiu-se Paulo para Alexandria.

Em caminho, sentiu tanto frio, que temeu não resistir à austeridade da vida que estava por abraçar. Era ardil do inimigo; mas o jovem atleta da Cruz cobrou ânimo e confiança em Deus, prosseguindo a viagem.

Em Alexandria, disseram-lhe que o snr. bispo estava ausente e se voltaria no dia seguinte; ao que Paulo replicou:

" Me voltará hoje " .

Foi o que sucedeu. este, vendo ao servo de Deus, preparou-se sem mais para a cerimônia, realizada em sua capela particular.

Ajoelhado ante o altar, apertava o santo ao coração a Cruz do divino Mestre, prometendo-lhe viver sempre crucificado para o mundo.

O snr. bispo benzeu o hábito preto da Paixão e, profundamente emocionado, dele revestiu o filho de sua alma. Não lhe permitiu, no entanto, trazer externamente no peito o SINAL sagrado, julgando prudente esperar o beneplácito da Sé Apostólica.

Este acontecimento, memorável na história de qualquer Ordem religiosa, deu-se aos 22 de novembro de 1720, sexta-feira, na mesma hora em que Jesus, ao morrer pregado no infame madeiro, oferecia o preço de seu sangue pela redenção da humanidade.

CAPÍTULO VI

NOVEMBRO 1720 - JANEIRO 1721

Índice

RETIRO DE 40 DIAS

ESCREVE AS REGRAS DO FUTURO
INSTITUTO

APROVAÇÃO DO SNR. BISPO

CAPÍTULO VI

NOVEMBRO 1720 - JANEIRO 1721

RETIRO DE 40 DIAS

Quando a alma generosa e confiante, apesar das lutas de toda espécie, se entrega sem reservas ao sacrifício, retira-se o tentador, aproximam-se os Anjos e Deus derrama sobre ela graças e consolações a flux.

Desde o dia da vestidura experimentou Paulo completa mudança interior. Dir-se-ia revestido do HOMEM NOVO.

Desvaneceram-se-lhe os temores e as trevas, sucedendo-lhes a paz, a alegria e as luzes do Céu. Doravante não terá outro desejo senão agradecer a Deus, palmilhando os exemplos de Jesus Crucificado.

Ordenou-lhe o snr. bispo escrevesse as Regras do Instituto da Paixão, conforme se lhe fixaram na mente após as visões já descritas.

O santo se preparou com retiro de quarenta dias. Mas, para executar ordem de tão elevada transcendência, da qual dependerá o futuro do novo Instituto, que mansão irá Paulo escolher? Que lugar ou, melhor, que santuário lhe oferecerá bastante silêncio, recolhimento e paz para comunicar-se com o divino Espírito Santo?

Havia um cantinho solitário, sob uma escada, atrás da sacristia da igreja de São Carlos.

Com a autorização do snr. bispo, para lá se retirou, esperando, como em outro Cenáculo, a divina inspiração.

O quarto era triangular, baixo, estreito, úmido, repugnante à natureza. Jamais ali peneirava o sol; apenas tênue claridade de luz coava por pequena, janela..

Sobre o péssimo do lugar, mortificava-o o rude traje, verdadeiro cilício. Tinha sempre a cabeça descoberta e os pés descalços. Poucos sarmentos e algumas palhas sobre a terra nua, constituíam-lhe a cama, onde, revestido do santo hábito tomava seu breve repouso. À meia noite se levantava, transido de frio, indo à igreja, onde recitava Matinas e Laudes e fazia duas horas de meditação.

De manhã, ajudava as missas e recebia a sagrada Comunhão. Disciplinava-se várias vezes ao dia até derramar sangue. Passava outras longas horas em oração. Todo o seu alimento consistia num bocado de pão, recebido de esmola. A bebida era simples água. Com tais austeridades, à imitação de são Bento na gruta de Subiaco e de santo Inácio na cova de Manresa, segregado do mundo, preparava-se para receber das mãos de Deus o código sagrado, que deveria reger a futura Congregação de apóstolos.

Detenhamo-nos por alguns instantes.

Aquele tenebroso recinto devia ser teatro de um desses dramas interiores em que o Céu e o inferno, Deus e satanás disputam uma alma.

Quem irá introduzir-nos naquela cela, a fim de presenciarmos lutas tão heróicas? O mesmo jovem atleta.

Possuímos precioso documento, um diário, escrito de sua mão, por ordem do snr. bispo, que desejava ser informado a respeito das diversas fases por que Deus conduzia o servo fiel. Percorramo-lo de relance, dando a palavra, quanto possível, ao nosso santo.

Durante as longas horas de oração, permanecia Paulo sempre de joelhos. O corpo, tiritante de frio e extenuado pelo jejum e pelas vigílias, reclamava alívio. No entanto o servo de Deus resistia com indômita energia aos reclamos da natureza.

Confortava-o na luta o seu Senhor Sacramentado. A Comunhão, farol de amor, manancial de luz, proporcionava-lhe indizível contentamento, sendo levado a exclamar:

" O frio, a neve, o gelo causavam-me inefável prazer. Desejava-os ardentemente, dizendo ao meu Jesus: Vossos tormentos, ó Deus do meu coração, são dádivas do vosso amor... Assim, inebriava-me do meu Jesus, em altíssima suavidade e doce paz, sem movimento algum das potências da alma, que se quedava recolhida " .

Por vezes a sagrada Eucaristia, abrasando-lhe o peito em chamas de amor, lhe alentava e fortificava o corpo. Ouçamo-lo:

" Ó misericórdia infinita do nosso soberano Bem! Esta maravilha, conforme Deus me faz entender, provém do grande vigor que o Pão dos Anjos comunica à alma, que repercute também no corpo " .

Uma que outra vez, distrações importunas interrompiam-lhe a oração. Sua alma, porém, não permanecia menos absorta em Deus, continuando a alimentar-se, conforme se exprimia, do santíssimo manjar do divino amor. Eis como Paulo o explica, com encantadora simplicidade:

" Afigurai-vos uma criança que tem os lábios colados ao seio materno: suga o leite e agita as mãozinhas e os pés; revolve-se continuamente, faz movimentos com a cabeça e coisas semelhantes, mas não cessa de sorver o alimento, porque não retira a boca do peito materno. Melhor seria, não há dúvida, se ficasse quieta; porém continua a alimentar-se. O mesmo sucede com a alma.

A vontade é a boca, que não cessa de tomar o leite do divino amor, muito embora se agitem a memória e a inteligência. Sem dúvida, melhor seria que essas potências permanecessem tranqüilas e unidas. Não sei explicar-me melhor, porque o Senhor não mo dá a conhecer de outra maneira " .

Com esta linguagem, que se assemelha à de São Francisco de Sales, nota-se bem a graça infusa de oração extraordinária, uma das mais elevadas e que precede ao que os doutores chamam

" EMBRIAGUEZ DO SANTO AMOR " .

Paulo dá a entender que passara por este último e por outros graus da mais alta contemplação, pois fala de potências TRANQUÍLICAS E UNIDAS.

O Senhor, de vez em quando, deixava-o em aridez e desolações interiores. Envolviam-lhe a alma - é ele quem no-lo diz as mais profundas trevas. O espírito maligno, com repetidos ataques, tudo fazia por desviá-lo de sua santa resolução. Excitava-o à impaciência e à cólera, sugerindo-lhe horríveis blasfêmias contra a misericórdia divina.

Isto não era mais que uma aragem a lhe perpassar pelo espírito, mas era o suficiente para dilacerar-lhe o coração.

Invocava o nome de Maria, sua doce Mãe, e rogava ao Senhor o livrasse daquelas sugestões internas.

Quanto a outras provações, como aridez e melancolia, não desejava ver-se livre delas nem rogava a Deus as afastasse; temia até o menor alívio.

" Quando me acomete, escrevia ao snr bispo, esta espécie de penas e aflições (não sei como chamá-las), afigura-se-me estar submerso num abismo de misérias e ser o homem mais infeliz do mundo. Minha alma, no entanto, abraça-as, porque sabe ser esta a Vontade de Deus, e recebe-as como pedras preciosas, ofertadas por Jesus. E exclamo com santa Teresa: Ou sofrer ou morrer " .

Foi visitá-lo seu irmão João Batista, desejoso de abraçar a mesma vocação. Tinha dele o santo tão grande estima, que se julgava indigno de sua companhia. Comunicava-lhe os segredos do coração, mas, em se tratando dos sofrimentos, quase nada lhe dizia, temendo as consolações da confiança.

" Temamos, costumava dizer, temamos ser privados do sofrimento, mais do que teme o avarento perder os seus tesouros " .

Conhecia o valor do sofrimento no exercício da contemplação. Dizia a seu diretor:

" Eis o que Deus me faz compreender: a alma que Nosso Senhor quer elevar à altíssima união consigo pela oração, deve pasmar, na mesma oração, pelo caminho dos sofrimentos; dos sofrimentos, digo, sem consolação sensível. A alma, em certo modo, não sabe onde está; nada obstante, por altíssimo conhecimento infuso, compreende que está nos braços do celeste Esposo, alimentando-se com o leite de seu infinito amor. "

" Entendi, ademais, no íntimo da alma, quando atormentado por aflição particular, que Deus DARÁ AO VENCEDOR O MANÁ OCULTO de que nos fala a sagrada Escritura. "

" O maná oculto é o mais doce alimento do santo amor. A Alma, na santa oração, goza de repouso profundo com o amável Esposo " .

Deus, por meio desta oração passiva, comprazia-se em tomar posse da alma de seu fiel servo. O santo continua:

" Quisera que todo o mundo compreendesse a grande mercê que faz Deus à alma enviando-lhe aflições, sobretudo sem lenitivo, porque então ela se purifica como o ouro no crisol, torna-se formosa e voa para junto do soberano Bem, para nEle se transformar, sem perceber como isto sucede " .

Fala em seguida dos assaltos do demônio para perturbar a alma, na contemplação das perfeições divinas, e a compara ao rochedo em meio do mar embravecido. Açoitado pelas ondas, permanece imóvel, e o esbater das vagas espumantes o tornam mais alvo, libertando-o das escórias que o denegriam.

" O demônio, invejoso desse sublime estado da alma na oração, ao ver que não pode arrancá-la das poderosas mãos de Deus, envida todos os esforços para ao menos perturbá-la, quer com tentações, quer com imaginações e pensamentos distrativos. Este acúmulo de pensamentos pode obscurecer por instantes a contemplação com que o Amado a

favorece, mas a luta a purifica, como os vagalhões purificam os rochedos " .

Quanto mais Nosso Senhor enriquecia a Paulo de dons sobrenaturais, tanto mais ele se humilhava.

Certo dia teve o desejo de ser o último dos homens, o lodo da terra. Suplicou com lágrimas ao Senhor, pela intercessão de sua divina Mãe, lhe concedesse a perfeição da humildade e lhe manifestasse o que nesta virtude há de mais agradável a seus olhos. No mesmo instante percebeu no coração a voz de Deus:

" Quando te lançares em espírito aos pés de todas as criaturas e até dos demônios, então mais me agradarás "

Desde então penetrou profundamente nos segredos da humildade. Eis a lição que nos dá:

" Compreendi que quando alguém desce até as profundezas do inferno, até os pés dos demônios, eleva-o Deus até o paraíso. Como o demônio pretendeu sublimar-se ao mais alto dos Céus e, por seu orgulho, foi precipitado no mais profundo abismo, assim a alma que se humilha até esse abismo faz tremer a satanás e o confunde e Deus a exalta até o paraíso, " .

A começar desse dia, adquiriu Paulo esse baixo conceito de si, tão admirável nos santos que, Deus deseja alçar à mais sublime grandeza, e jamais cessou de considerar-se abismo insondável de iniquidades e misérias. Essa profunda humildade era como luz superna a dissipar-lhe da alma as trevas do amor próprio e do orgulho e a dispô-lo à união mais perfeita com o sumo Bem. O laço dessa união, que lhe ocultava a vida em Deus com Jesus Cristo, era, sobretudo, a humilhação do Verbo divino.

Jesus Crucificado, alvo único dos pensamentos e afetos de Paulo, inspirava-lhe o ardente desejo de padecer, para compartilhar dos frutos da sagrada Paixão:

" Quando falo ao meu Jesus a respeito dos seus tormentosa digo-lhe Ah! meu soberano Bem, enquanto éreis açoitado, quais os sentimentos do vosso ss. Coração?! Ó querido Esposo de minha alma, quanto vos afligíeis à vista dos meus enormes pecados e ingratidões! Ó amor do meu coração, pudesse eu morrer por Vós!... E imediatamente percebo que meu espírito nada sabe dizer e está fixo em Deus com os sofrimentos de Jesus, comunicados à minha alma. Outras vezes parece desfazer-se-me o coração. Ao relembrar ao meu Jesus seus sofrimentos acontece às vezes que, depois de um apenas, sou forçado a calar-me, porque minha alma não pode mais falar e parece desfalecer; fica assim abismada em altíssima suavidade misturada com lágrimas, com os sofrimentos do Esposo impressos em si mesma, imersa no Coração e na dor do dulcíssimo Esposo Jesus " .

Certa manhã, após o Banquete divino, o solitário da igreja de São Carlos, unido a seu Deus, prelibava as delicias do amor celestial, quando foi arrebatado em êxtase. Compreendeu a inefável felicidade que, na clara visão de Deus, procede do amor beatífico...

Essa revelação da Pátria é verdadeiro tormento para a alma

desterrada...

Com efeito, enamorada da formosura irresistível que acabava de contemplar, já não podia viver na terra. Era-lhe a vida perene martírio, o corpo pesadíssima cadeia, que desejava romper para unir-se a Deus lá na mansão eterna.

Não, a alma não podia sofrer esse desterro, se a Providência lhe não amenizasse os ardores do amor ou, ao menos, não lhe entregasse o universo onde espriar as expansões do coração.

ESCREVE AS REGRAS DO FUTURO INSTITUTO

Foi tal o zelo que desde esse dia o inflamou, que, de mui boa vontade, por uma só alma houvera sacrificado a vida.

Que imensa dor não sentia ao considerar o grande número de almas que se perdem por não estarem orvalhadas com o sangue divino do Cordeiro!

Apresentava-se-lhe então ao espirito o grande meio de salvação que oferece o apostolado na comunidade. Reunir companheiros, seguirem a mesma regra, trabalharem unidos para conduzir ao bom caminho as almas transviadas, eis a sua ambição. Parecia-lhe antever uma legião de homens apostólicos, de quem não se julgava digno tê-los por filhos e a quem de boa mente se entregaria como o último dos servos; via-os deixarem a solidão e, imagens vivas de Jesus Crucificado, core a luz da divina palavra aumentada em eficácia pelo bom exemplo, dissiparem as trevas do erro e despedaçarem os grilhões do vicio.

Contava os pecadores convertidos; enumerava as almas puras, que alçavam o vôo para o Calvário, a fim de resguardar a inocência à sombra da Cruz.

Magníficos sonhos de apóstolo, que aspirava quanto antes realizados!

Por esse motivo pedia a Deus, com muito fervor e abundantes lágrimas, caso fosse essa sua vontade, lhe inspirasse as Regras dos

" POBRES DE JESUS " .

Aos 8 de novembro, sexto dia de sua admirável quarentena, enquanto orava, após a Comunhão implorava o auxílio da bem-aventurada Virgens e dos santos, brilhante luz celeste resplandece a seu olhos.

Vê o Céu aberto e, prostrados ante o trono da infinita Majestade, Maria ss., os anjos, os santos, particularmente os fundadores de Ordens religiosas, a solicitarem do Senhor o estabelecimento do Instituto da ss. Cruz e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Deus ouvira suas preces. O Céu se interessava pelo bom êxito da obra que ele tinha em vista. E Paulo agradecia a Deus que, para a glória da Cruz, se dignava servir-se de tão vil instrumento, de tão grande pecador.

Cheio de confiança em Nosso Senhor e inspirado pelo Divino Espirito Santo, pôs-se a redigir as Regras do novo Instituto.

Conquanto jamais houvesse lido Regras de qualquer Congregação, escrevia com tanta rapidez e facilidade, como se alguém lhas ditasse. Em seis dias, sem deixar nenhuma de suas práticas, de piedade, estavam terminadas.

Não é, portanto, para estranhar, como dissemos na introdução desta biografia, que nelas brilhasse o selo de justo discernimento e grande sabedoria.

Após referir estas visões, em que lhe fora inspirada a forma das Constituições, assim fala da Paixão de Nosso Senhor, base e coroa do novel Instituto:

" Ali! meus queridos irmãos, a simples lembrança da sexta-feira é suficiente para causar a morte a quem possui o verdadeiro amor... Não foi, por ventura, numa sexta-feira que o meu Deus incarnado sofreu por meu amor, a ponto de imolar a vida sobre o infame patíbulo da Cruz?!... "

" Ademais, refleti bem, irmãos meus, o motivo principal por que andamos vestidos de preto: conforme inspiração particular que recebi de Deus, é trajarmos luto em memória da Paixão e Morte de Jesus. "

" Não nos esqueçamos, portanto, de tê-lo sempre presente. Que todos os Pobres de Jesus se esforcem por ensinar a quantos lhes for possível a piedosa meditação dos sofrimentos do nosso dulcíssimo Jesus Crucificado. "

" Eu, Paulo Francisco, pobre e miserável pecador, o mais indigno dos Pobres de Jesus, escrevi estas santas Regras na igreja paroquial de São Carlos, em Castellazzo, lugar que me foi designado pelo exmo. e revmo. snr. d. Gatunara, bispo de Alexandria, no dia em que tomei o santo hábito. "

" Comecei a escrevê-las no dia 2 de dezembro de 1720 e terminei-as aos 7 do mesmo mês. Antes de começar a escrever, recitava Matinas e fazia oração mental. Em seguida, revigorado, levantava-me e me punha a escrever. "

" O inimigo infernal não deixou de assaltar-me, sugerindo-me repugnâncias e suscitando-me dificuldades; mas, com o auxílio da divina graça, pus mãos à obra. "

" Sabei que, ao escrever, fazia-o com tanta pressa como se alguém mo estivesse a ditar do alto duma cátedra. Manifesto estas coisas para que se saiba que tudo o que aqui se acha é particular inspiração de Deus. Quanto a mim nada mais sou do que iniquidade e ignorância. No entanto, sujeito tudo ao juízo dos meus superiores. "

" Louvado e glorificado seja o ss. Sacramento em todos os altares do mundo! "

" Paulo Francisco, indigno servo dos Pobres de Jesus "

Estavam escritas as Regras. Todavia, o santo continuava em seu retiro, em alternativa de penas e alegorias.

No dia 26 de dezembro (1720), enquanto orava diante do ss. Sacramento, ao pensar nos infelizes que não crê m na presença real, vieram-lhe à mente os países arrancados ao seio da Igreja Católica pela pretendida Reforma, particularmente a Inglaterra. Aos 29 do mesmo

mês, ao meditar a sagrada Paixão, apresentou-se-lhe à vista a imagem daquele país, cognominado outrora a

" Ilha dos Santos " .

Sentia-se atraído, de maneira especial, a rezar por aquele reino, que desejava regar com o próprio sangue. Pediu instantemente a Nosso Senhor dissipasse as trevas que o envolviam e fizesse nele reflorescer a antiga fé. E continuou a rezar pela Inglaterra durante toda a vida.

Veremos no decurso desta história como estes primeiros pressentimentos tomarão caracteres mais precisos, manifestar-se-ão com luzes mais vivas.

No último dia do recolhimento, primeiro de janeiro de 1721, prelibou a felicidade que Deus lhe preparava em recompensa de seu amor a Jesus Crucificado. Enquanto tinha no coração o Deus da Eucaristia e abundantes lhe corriam as lágrimas, sentiu-se intimamente unido à Humanidade santíssima do Verbo e, segundo sua expressão, teve altíssimo e sensível conhecimento da Divindade, como se a alma se dissolvesse em Deus. Fruiu

" maravilhas de doçura e sublimidade superiores a toda linguagem humana " .

APROVAÇÃO DO SNR. BISPO

Com a alma radiante e transformada, deixa então a solidão daquela cela e se apressa em apresentar ao prelado as Regras do trovo Instituto.

D. Gattinara, antes de aprová-las, embora nelas reconhecesse as operações do Espírito Santo, julgou nada dever omitir de quanto exige a prudência em assunto de tamanha importância. Quis consultar o grande servo de Deus frei Colombano, tão competente em discernir as verdadeiras inspirações do Alto. Ordenou, pois, a Paulo partisse para Gênova, distante de Alexandria cerca de quarenta milhas.

Tinha que atravessar os Apeninos, então cobertos de neve. Tão escarpados e perigosos eram os caminhos, que os mais audazes e experimentados viajantes com dificuldade conseguiam ver Muitos lá ficavam sepultados sob a neve ou precipitados nos abismos pela impetuosidade dos ventos.

Fortificado pela obediência, pôs-se Paulo em viagem. Atravessou gelos e neves, descalço e de cabeça descoberta, revestido apenas da túnica, insuficiente para preservá-lo do rigoroso frio.

A fim de cumprir quanto antes a vontade do snr. bispo, caminhou dia e noite através dos penhascos e precipícios daquelas hórridas montanhas.

Ao frio excessivo juntava-se o temor dos lobos, que vagavam em seu derredor. Por defesa levava apenas o Crucifixo no peito.

Se de manhã, ao nascer do sol, experimentava algum alívio, aumentava-se-lhe o temor quando via cair do alto das montanhas enormes blocos de gelo.

De repente assaltam-no ladrões, intimando-o a entregar-lhes todo o dinheiro que por ventura possuísse, sob pena de o assassinarem.

Paulo lhes diz que nada tem, pedindo, de joelhos, lhe conservem a vida.

Comovidos pelas virtudes do peregrino, consentem que prossiga a viagem sem causar-lhe nenhum mal.

Chega, finalmente, ao cimo da montanha, na noite para ele memorável da Epifania, a tiritar de frio, esgotado, quase desfalecido de fome. Deus, porém, jamais abandona aos que nEle confiam. Encontrou o servo de Deus alguns policiais, a quem pediu, de joelhos, como costumava, alguma coisa para comer,

À vista daquele jovem faminto, transido de frio e em atitude tão humilde, moveram-se de compaixão e lhe deram algum alimento para restaurar as forças. Paulo jamais olvidou esse benefício, conservando sempre especial afeto pelos soldados. Nas missões, prodigalizava-lhes todos os cuidados, costumando dizer que fora por eles socorrido nas maiores necessidades.

No decorrer da viagem não lhe faltaram burlas e insultos. Em Gênova teve que suportar amaríssimos sarcasmos. Nada respondia, humilhando-se e confundindo-se no intimo do coração.

" Confesso - dirá mais tarde - que aquelas zombarias e irrisões me causavam grande bem à alma " .

A par de tantos sofrimentos teve a imensa satisfação de rever o antigo diretor. Frei Colombano, por sua vez, ficou contentíssimo em abraçar o filho em Jesus Cristo, revestido do santo hábito da Paixão.

Qual o parecer do pe. Colombano acerca das Regras escritas pelo servo de Deus? Nenhum documento possuímos a respeito; podemos, contudo, afirmar, sem receio de engano, que o santo e sábio religioso, que tanto batalhara para a fundação do Instituto, reconheceu-as como inspiradas pelo Espírito Santo, pois, logo após o regresso de Paulo a Alexandria, foram integralmente aprovadas pelo snr. bispo.

Como o santo prelado de Alexandria e o sábio diretor frei Colombano, admiremos também os prodígios de graça, de amor e perfeição operados pelo, Altíssimo no solitário de São Carlos. Oh! quão depressa chega ao cimo da montanha a alma generosa, completamente abandonada nas mãos de Deus!

Qual a causa de tão rápida ascensão?

E' que Paulo se entregara sem reservas a Jesus Crucificado e, esquecendo-se de si, generosa e heroicamente se abismara e se perdera no seio da Vontade de Deus.

Estamos apenas nos alicerces do edifício, mas, pela solidez da base, ser-nos-á fácil conjeturar qual será seu remate ou coroamento.

Não ignoramos o que Nosso Senhor pretende de Paulo da Cruz. Antevemos que será poderoso contra o mundo, contra o inferno e diante de Deus. Levantar-se-á contra o mundo, vencerá inferno e arrebatará de Deus seu poder e suas graças. Será, numa palavra, apóstolo, na viva reprodução de Nosso Senhor Jesus Cristo, único modelo e eterno ideal.

Como Nosso Senhor, à voz do eterno Pai, deixava o deserto, após o retiro de 40 dias, para dar principio à vida apostólica, também Paulo, à voz do snr. bispo, vai inaugurar um apostolado cuja fecundidade não terá limites.

CAPÍTULO VII

JANEIRO - SETEMBRO 1721

Índice

NA ERMIDA DA SS. TRINDADE

NA ERMIDA DE SANTO ESTÊVÃO

OS PRIMEIROS COMPANHEIROS

EM PLENO APOSTOLADO

CAPÍTULO VII

JANEIRO - SETEMBRO 1721

NA ERMIDA DA SS. TRINDADE

A solidão conservava a alma de Paulo Francisco em continuo recolhimento. Pequena ermida ao lado de pobre igreja, a quilômetro e meio de Castellazzo, foi o lugar onde, por determinação do snr. bispo, fixou provisoriamente residência.

Ali, segregado do mundo, passou cerca de quinze dias na contemplação e na penitência Segundo Paulo Sardi, o nosso santo teria ficado um mês na ermida da SS. Trindade. José Dáni, depois de ter lembrado os 40 dias passados em São Carlos, diz que passou alguns na Trindade e foi em seguida para S. Estêvão. A verdade é que o nosso Paulo no dia da Epifania se achava nos montes de Gênova e, a 26 de janeiro, da ermida da SS. Trindade se transferia para a de S. Estêvão. Tem razão, pois, o nosso autor em dizer que a demora na SS. Trindade foi apenas de uns quinze dias.

Em relatório inserido no processo de canonização, narra-se que lá lhe apareceram os demônios em forma de monstruosos animais. Essas aparições renovar-se-ão amiúde. Anuncia-las-emos à medida que se apresentarem, para resumi-las todas em capítulo especial, a fim de não incorrerem em demasiadas repetições.

Paulo não recebera de Deus unicamente a incumbência de trabalhar, no silêncio dos desertos, pela própria santificação; devia ser grande obreiro evangélico, antes mesmo de receber o caráter sacerdotal.

Não era inédito na história da Igreja simples religiosos exercerem o apostolado da palavra. Santo Antão e os solitários da Tebaida vinham do Egito a Alexandria para combater os sectários de Ário. Santo Efrém e São Francisco de Assis, apenas diáconos, anunciavam a palavra divina.

O apostolado era um dos pontos capitais das Regras aprovadas por d. Gattinara. O prelado conhecia, portanto, os desígnios de Deus a respeito de Paulo. Não ignorava outrossim o zelo do santo religioso. Para dilatar-lhe o campo de trabalho em prol das almas, transferiu-o, no dia 25 de janeiro, da ermida da SS. Trindade para a de Santo Estêvão, mais próxima da cidade, e ordenou-lhe explicasse o catecismo às

crianças, na igreja paroquial de São Carlos.

NA ERMIDA DE SANTO ESTEVÃO

Achou Paulo a nova residência tão conforme aos seus desejos, que escreveu uma carta de agradecimento àquele a quem chamava de

" amado pai em Jesus Cristo "

" Apenas direi a v. excia. revma. que sua caridade me proporcionou nesta solidão verdadeiro paraíso. Muito embora v. excia. não procure recompensa, certo estou de que a infinita liberalidade do nosso dulcíssimo Esposo Jesus lha concederá e mui grande, pelos imensos benefícios que v. excia. tem prodigalizado e continua prodigalizando a este abismo de iniquidade. "

" Lugar mais conveniente, recolhido e afastado do bulício do mundo não seria fácil encontrar senão no deserto.

Espero, cooperando com as santas inspirações do nosso Deus, será neste ermo que Ele irá falar-me ao coração "

...

OS PRIMEIROS COMPANHEIROS

O primeiro a agregar-se a Paulo em sua vida de penitência foi seu irmão João Batista. Aos dois cenobitas juntou-se um jovem chamado Paulo Sardi, cujo recolhimento, espírito de oração e amor ao jejum causavam admiração ao nosso santo, fazendo-o exclamar:

" Que alma santa! "

Ambos os postulantes desejavam ardentemente vestir o santo hábito. Aquela ermida pode considerar-se como o berço do Instituto nascente. Ali se plasmavam esses dignos modelos de virtude e perfeição.

Possuíam apenas pequeno quarto. Os móveis consistiam num Crucifixo, numa disciplina pendurada à parede e numa enxerga coberta com uma colcha remendada. Como não pudessem acomodar-se os três em local tão acanhado, Paulo Sardi pernoitava em casa dos pais. Quem iria repousar naquele pobre leito? Ambos os irmãos o recusavam e, após longas orações na igreja, tomavam seu descanso sobre o soalho nu, em uma espécie de cripta, debaixo do altar-mór.

Pendurara Paulo na parte exterior da ermida pequena cesta com a inscrição: ESMOLA PARA OS POBRES DE JESUS. Das ofertas, guardavam apenas um pouco de pão, de que se alimentavam uma vez ao dia, distribuindo o mais aos pobres. Esse escasso e paupérrimo alimento parecia-lhes assaz delicado. Desejavam submeter-se a mais rigoroso jejum. Eis o que escreve Paulo ao venerando antístite, predileto diretor de sua alma

" Pensei em comer uma só vez cada dois dias, mas esperarei maior inspiração de Deus. Informa-lo-ei de tudo para que se digneabençoar-me " .

Freqüentemente declinava o dia sem que os solitários de Santo Estêvão tivessem tomado alimento algum.

Certa feita, foi visitá-los Lucas Dániel. Encontrou os admiráveis jovens pálidos e a tremer de frio. Perguntou-lhes se já haviam tomado alguma coisa. Foram obrigados a confessar que até aquela hora nada haviam recebido da caridade pública. Comovido, prometeu enviar-lhes algum alimento. Agradeceram de coração, suplicando-lhe, porém, deixasse ao cuidado da Providência provê-los do necessário. Lucas, com a autoridade de pai, ordenou-lhes comessem por obediência tudo o que lhes enviasse. Os pobres de Jesus uniram naquele dia à abundante alimentação o mérito do jejum e da obediência.

Paulo, quando deixava o retiro, acompanhado sempre de um dos companheiros, andava todo recolhido e de olhos baixos. Apelidavam-no o ANJO DA MODÉSTIA. A todos saudava com as palavras: LOUVADO SEJA NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.

EM PLENO APOSTOLADO

Logo que se transferiu para Santo Estêvão, levou ao conhecimento do pároco a ordem do snr. bispo de explicar o catecismo às crianças e que era seu desejo começá-lo no próximo domingo.

Sendo tempo de carnaval, julgou melhor o sacerdote que tais instruções tivessem início na quaresma.

Condescendeu docilmente o humilde servo de Deus, mas, ao voltar a Santo Estêvão, ouviu, na oração, a voz do Senhor a repreendê-lo asperamente. Compreendeu, então, que todo tempo é propício para a prática do bem, quando esta é ordenada por Deus.

No domingo, tomou do Crucifixo e percorreu as ruas de Castellazzo, tocando a campainha e bradando: Ao catecismo, na igreja de São Carlos.

O templo ficou repleto, não somente de crianças, mas também de adultos. Paulo dedicava-se a esse santo exercício com todo o ardor de seu zelo. Aquelas breves instruções produziram frutos inesperados, alegrando sobremaneira o coração do snr. bispo.

Aproveitando-se do grande prestígio do catequista, mesmo em sua terra natal, não duvidou o sábio prelado afastar-se das regras ordinárias da Igreja, em se tratando do bem das almas. Ordenou ao religioso, que nem sequer galgara o primeiro degrau da hierarquia sacerdotal, subisse ao púlpito para expor ao povo as verdades da fé e pregar sobre a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Abençoou Deus o agir do prelado, patenteando ter sido por inspiração do Espírito Santo que ele concedera tal dispensa a quem o Céu cumulava de tantos dons extraordinários.

Terminadas as instruções, inúmeras pessoas acompanhavam Paulo à ermida, não se saciando de vê-lo e ouvi-lo.

O snr. bispo quis que o servo de Deus pregasse um tríduo solene durante o carnaval. O santo obedeceu.

Ao cair da tarde, com a Cruz aos ombros, percorria as ruas da cidade, seguido de numeroso cortejo, entoando cânticos sagrados.

Era o convite para ouvirem a, palavra divina.

Quando subia ao púlpito, a igreja estava repleta.

Ao contemplar o pregador, de habito preto e rosto macilento, mas inflamado de caridade; ao ouvir-lhe as palavra, por vezes terríveis e por vezes afetuosas, a multidão, comovida, implorava em altas vozes a misericórdia divina.

O demônio procurou certo dia perturbar o auditório, agitando furiosamente uma mulher possessa. O servo de Deus descobriu o ardil do espirito infernal, impôs-lhe silêncio e o demônio calou-se. Todos, atemorizados, começaram a clamar: PERDÃO... MISERICÓRDIA...E a palavra de Paulo redobrou de eficácia. Os dias de desordens e pecados transformaram-se em dias de penitência e oração. Não houve danças nem festas nem quaisquer desses divertimentos perigosos para a virtude. E o que é mais, ninguém manifestou descontentamento. Apenas um jovem desejou solenizar o casamento com baile público. Soube-o Paulo e, para impedi-lo, encaminhou-se, com a Cruz alçada, ao lugar da dança. Ainda lá não chegara e já os convivas, envergonhados e confusos, se dispersavam.

O que, porém, melhor provou a eficácia de suas prédicas foi a reforma dos costumes e as numerosas confissões.

Basta dizer que os confessores, não podendo suportar tão ingente fadiga, lamentavam-se do zelo do jovem pregador. Um deles chegou a dizer-lhe:

" Que é isto? Não nos deixam tempo nem para alimentar-nos! "

Ao que Paulo replicou docemente:

" Que hei de dizer? Estas almas pertencem a Deus e é Ele que as converte. Nada tenho que ver com isto " .

Não traziam as mulheres outro adorno senão a modéstia; entravam na igreja decentemente vestidas e de cabeça coberta.

Para fortalecer no bem aquele povo e garantir-lhe a perseverança, mandou o sr. bispo que o jovem apóstolo continuasse as pregações durante a quaresma. Aos domingos, deixava Paulo aos companheiros o encargo de ensinar o catecismo às crianças; em seguida subia ao púlpito, discorria sobre alguma verdade da fé e terminava com exortação prática, fundamentada quase sempre na Paixão de Nosso Senhor, esforçando-se por incutir em todos o ódio ao pecado e o amor à virtude. Várias vezes por semana, de manhã às mulheres e à noite aos homens, falava, na igreja da ermida, sobre a sacratíssima Paixão de N. S. Jesus Cristo, ensinando-lhes o método prático de meditá-la. Ao terminar, entoava um cântico composto por ele mesmo, conforme os diversos passos da Paixão.

Essa quaresma foi, se assim nos podemos exprimir, o remate na renovação espiritual da cidade.

Tornaram a Deus os corações e reconciliaram-se os mais rancorosos inimigos. Dois nobres de Castellazzo, ambos de sobrenome Maranzana, nutriam entre si ódio implacável, escandalizando a população. Párcos, pregadores, religiosos, todos haviam trabalhado em vão para

reconciliá-los. Tal vitória Deus a reservara a Paulo. Ambos foram uma tarde a Santo Estêvão ouvir o pregador. Paulo Sardi reconheceu a um deles e avisou ao servo de Deus. Paulo tomou por assunto do sermão a prece de Nosso senhor no alto da Cruz:

" Pater dimitte illis " .

Meu Pai, perdoa-os. A caridade do Salvador deu-lhe tal força às palavras, que penetraram naqueles corações empedernidos e deles desterraram todo o rancor. Terminada a prática, foram à cela do santo, onde, admirados pelo encontro inesperado, abraçaram-se e se reconciliaram, com imenso júbilo de seus corações.

Paulo exortou-os a se confessarem naquela mesma tarde e, em reparação do escândalo, quis que comungassem juntos no dia seguinte, na igreja paroquial de São Martinho.

Edificante espetáculo para a cidade! Belo triunfo para o Evangelho!. Aqueles homens, até então inimigos irreconciliáveis, foram vistos, um ao lado do outro, no Banquete sagrado da paz e da caridade!

Surgiu, certa feita, açulada disputa entre diversos homens. Temiam-se graves desgraças, porque a alteração quase chegara a vias de fato. Acorreu Paulo e, pondo-se de joelhos no meio deles, apresentou-lhes o Crucifixo e pediu se acalmassem por amor de Jesus Cristo. Cessou imediatamente a contenda e o grupo se dissolveu.

Quantas reconciliações com Deus e com o próximo não obteve o jovem durante aquela quaresma!

Chegada a semana santa, o compassivo coração de Paulo enterneceu-se mais e mais no amor a Jesus Crucificado. Comoção extraordinária embargava-lhe a voz; gemidos e soluços interrompiam-lhe o sermão. Na sexta-feira, pôs aos ombros pesada Cruz e na cabeça uma coroa de espinhos, os quais a penetravam tanto, que o sangue lhe escorria pelo rosto. Assim foi visitar o santo sepulcro em todas as igrejas de Castellazzo, renovando aos olhos de todos a jornada cruenta de Cristo pelas ruas de Jerusalém.

Chegou ao conhecimento das localidades vizinhas o grande bem operado por Paulo em Castellazzo. Os marqueses Del Pozzo, que já o conheciam e lhe admiravam a virtude, desejaram que fosse pregar em suas terras de Retorto e Portanova.

Dirigiram-se ao snr. bispo, que de boa vontade anuiu aos anseios daqueles piedosos senhores, enviando o nosso missionário àquelas paragens, logo depois da Páscoa.

Também lá o povo acorreu em grande multidão para ouvi-lo. Muitos, para assistir os sermões, tinham que atravessar o Olba. Certo dia, estando o rio a transbordar pelas águas do degelo, meteu-se em pequena embarcação número excessivo de pessoas.

Apenas se haviam afastado da margem, foram de improviso arrastados pela correnteza. Estava a barca a soçobrar, quando, em meio da angústia e dos gritos dos passageiros e dos espectadores, apareceu o servo de Deus. Abençoou com o Crucifixo aqueles infelizes e a embarcação chegou inesperadamente à outra margem. O acontecimento aumentou a veneração que lhe tributavam como a santo poderoso, assim em obras como em palavras. E foram também abundantes os frutos colhidos naquelas missões.

Terminava-as com procissões de penitência, a que tomavam parte pessoas da

mais alta distinção.

A marquesa Del Pozzo acompanhava-as sempre descalça, e o missionário carregava aos ombros pesada Cruz, que a boa senhora teve a consolação de obter e que ainda hoje se conserva como preciosa relíquia no castelo dos marqueses Del Pozzo.

Após esta excursão apostólica, voltou Paulo à solidão, para retemperar a alma na prece e na penitência.

O Tabernáculo e o Calvário eram os mananciais de água viva onde seu coração hauria novo rigor. Por essa continua união com Deus, pôde suportar constantemente as fadigas do apostolado e as austeridades do claustro.

Não hesitava, porém, em sacrificar a vida contemplativa, tão doce ao seu coração, quando a caridade o exigia. Em sabendo que alguém enfermara, apressava-se em ir consolá-lo; prestava-lhe os mais humildes cuidados e, freqüentemente, ao benzê-lo com o Crucifixo, obtinha-lhe de Deus a saúde.

Um senhor, por nome José Longo, achava-se em tal estado de debilidade, que não podia ingerir alimento algum. Foi Paulo visitá-lo e lhe preparou certa bebida, apresentando-a como excelente remédio. Apenas o enfermo a ingeriu, recuperou as forças e a saúde. Todos consideraram tal cura como graça obtida pelas orações e méritos do servo de Deus.

Narremos outro ato de virtude, ainda que repugnante à delicadeza no nosso século. Havia em Castellazzo um homem chamado André Vergetto, que sempre levava à ermida de Santo Estevão a lenha necessária para o fogo. Sucedeu que o pobre homem se feriu em uma perna e a chaga se transformou em ulcera gangrenosa. A gratidão levou Paulo à cabeceira do enfermo. Depois de consolá-lo, quis ver a chaga, que exalava cheiro insuportável. O servo de Deus não pôde dominar repentino movimento de repugnância, mas, contemplando naquelas chagas as de Jesus Crucificado, mandou ao enfermo que voltasse o rosto para o outro lado e... passou a língua na ferida!

Vergetto, que o percebera, comoveu-se deveras. Paulo suplicou-lhe que a ninguém o dissesse. No dia seguinte o médico, admirado, encontrou aferida cicatrizada. Vergetto, completamente restabelecido, pôde levantar-se e andar como se nunca estivera doente. Não soube, todavia, guardar silêncio; publicou por toda parte a cura maravilhosa e foi a Retorto relatá-la aos marqueses Del Pozzo.

Era a ermida de Santo Estêvão refúgio de quantos necessitassem conselhos e consolação. Lá ia ter toda classe de pessoas, inclusive eclesiásticos e religiosos. A todos acolhia Paulo com bondade e delicadeza, como soem fazer os santos. Por vezes convidava-os, com toda simplicidade, a tomarem alguma coisa. Oferecia-lhes, sem lhes levar em conta a posição social, suas míseras provisões.

Certa manhã, ao receber a visita da marquesa Del Pozzo, colocou sobre a mesa uma cebola e algumas folhas de salada, com o pão recebido de esmola. A gentil senhora aceitou a oferta, julgando-se feliz em sentar-se à mesa da santa pobreza.

Outra feita, enquanto Paulo discorria sobre assuntos espirituais com certo jovem de distinta família (mais tarde ótimo sacerdote), presenteou-o uma benfeitora com um pãozinho temperado com azeite e sal. O servo de Deus o recebeu com reconhecimento e o serviu ao hóspede. Após havê-lo comido,

perguntou o jovem se havia alguma coisa para beber. Paulo sorriu e, apontando para o poço:

“ Oh! temos aqui uma adega de infindáveis provisões...
”

Estes fatos podem parecer de somenos importância. E' certo, no entanto, que nos fazem experimentar grande satisfação pelo encanto da amabilidade, que se não afasta dos santos, até nos momentos mais graves e penosos da vida.

Por esta época experimentou Paulo a mágoa de ver diminuída a incipiente comunidade. Paulo Sardi caiu enfermo. Não pôde resistir a vida tão austera e teve que deixar aquele a quem considerava como pai e por quem sempre nutriu a mais terna veneração. Elevado mais tarde ao sacerdócio, nomeado cônego da igreja colegial de Alexandria, foi sempre sacerdote exemplar. Após a morte de Paulo, testemunhou nos processos o que observara na ermida de Santo Estêvão. Da correspondência do nosso santo com Sardi restam 10 cartas.

CAPÍTULO VIII

SETEMBRO A NOVEMBRO DE 1721

Índice

PAULO VAI A ROMA

MISTERIOSO CONVITE DE MARIA

DIRIGE-SE AO MONTE ARGENTÁRIO

O MONTE ARGENTÁRIO

VOLTA A CASTELLAZZO

CAPÍTULO VIII

SETEMBRO A NOVEMBRO DE 1721

PAULO VAI A ROMA

Deus abençoava a olhos vistos a obra do jovem apóstolo: patenteavam-no os maravilhosos frutos de seu zelo. Contudo, para seu remate e perfeito acabamento, far-se-iam necessários dois lugares: Jerusalém e Roma. Jerusalém, a Paixão de Jesus Cristo!... Roma, a autoridade divina, sem o que toda obra é estéril, morta. Roma comunica ao que lhe pertence o germen fecundo de vida e imortalidade.

Ver Jerusalém, regar com lágrimas a terra banhada pelo Sangue divino, eis o desejo que lhe inspirava a perene contemplação dos sofrimentos do seu Deus. Quão feliz seria se pudesse visitar os Lugares Santos e exclamar: Aqui entrou Jesus em agonia; ali recebeu o ósculo da traição!... Eis o Pretório, onde foi açoitado e coroado de espinhos!... a via dolorosa

regada pela sangue do Cordeiro!... o Calvário, onde se levantou a Cruz, junto à qual permaneceu em pé a Mãe das Dores!...

Paulo se persuadira de que no drama do Gólgota o coração se lhe havia de saciar de caridade, e a sede ardente de padecer apagar-se-ia nas FONTES DO SALVADOR.

Uma peregrinação à Terra Santa era, então, coisa difícilíssima, particularmente para um pobre de Jesus Cristo. O servo de Deus renunciou, pois, a essa aspiração, submetendo-se sem reservas à Vontade do diretor. Deliberou, todavia, ir ao Monte Varallo.

" Já que me não é dado, escreve ao snr. bispo, ir a Jerusalém, onde sofreu por mim o amabilíssimo Jesus, quisera ao menos visitar o Monte Varallo " .

Que é que lhe oferecia o Monte Varallo, a ponto de substituir a peregrinação a Jerusalém?

Nos confins do Vale de Sésia, próximo à fronteira suíça, eleva-se graciosa colina rodeada de montanhas, em cujo cimo surge bela igreja consagrada a Maria, onde, em pequena gruta, há um fac-símile do Santo Sepulcro. Na encosta da colina, recamada de verdura e entrecortada de atalhos, edificaram-se trinta e oito capelas, que representam, em ricos baixos-relevos, os mistérios da Paixão, Morte e Ressurreição do Salvador. São Carlos Borromeu gostava de se retirar nessa solidão do Monte Varallo; lá o acometeu a última doença. Em meio daquelas augustas imagens reina o silêncio profundo dos desertos, interrompido apenas, nas horas de oração, pelos cânticos piedosos dos filhos do seráfico Patriarca, a rivalizarem com a mais bela e imponente natureza, no louvar as maravilhas do Criador.

Lugar algum, exceto Jerusalém, ofereceria atrativos mais em consonância com os sentimentos de Paulo.

Não conseguimos, a pesar nosso, descobrir documentos mais pormenorizados a respeito dessa peregrinação; mas temos coisas bastante importantes a dizer de sua viagem à Cidade Eterna. Esteve São Paulo da Cruz no Monte Varallo? Não há documentos explícitos que o provem. Parece, todavia, que lá esteve.

Impulso superior chamava-o ao centro do catolicismo, ao manancial da fé. Nesse mesmo ano de 1721 fora eleito Sumo Pontífice Inocêncio XIII. Havia muito desejava Paulo lançar-se aos pés do Vigário de Jesus Cristo, de quem uma só palavra era o novo Instituto.

Compreendeu outrossim d. Gattinara que esta viagem era necessária para a grande obra de Deus. Aprovou, pois, o projeto e o abençoou como inspiração do Céu. Deu a Paulo cartas testemunhais, em que, após declarar que o revestira do hábito da Paixão, recomendava-o à caridade de todos. Chamava-o:

" Jovem adornado de insignes virtudes -
PRAECLARIS VIRTUTIBUS CORUSCANTEM " .

O documento traz a data de 18 de abril de 1721 e é válido para dois meses. A partida ocorreu em princípios de setembro.

Para cumprir a vontade divina, sacrificou o servo de Deus, generosamente, as mais puras afeições: pátria, pais, irmãos, tudo enfim.

Em meio às lágrimas cia família e do povo de Castellazzo, tendo por única provisão a confiança em Nosso Senhor, partiu nosso herói para Gênova. Lá o acolheu nobre e piedoso cavalheiro, dando-lhe hospitalidade e custeando-lhe a viagem. Segundo são Vicente Strambi foi o Marquês Pallavicini.

Enquanto esperava o dia da partida, João Batista, que não podia sofrer a ausência do irmão, veio procura-lo, suplicando-lhe com lágrimas o levasse consigo. Paulo, ignorando ainda os desígnios de Deus, aconselhou-o voltasse à casa paterna.

“ Pois bem, exclamou João Batista por luz profética, pode partir, mas não terá sossego sem seu irmão ” .

E regressou a Castellazzo, enquanto Paulo embarcava para Roma.

MISTERIOSO CONVITE DE MARIA

Aos oito de setembro, dia da Natividade da ss. Virgem, cessou de improviso o vento e o navio se quedou, imóvel, às fraldas de imenso penhasco.

“ Monte Argentário! ”

- bradaram os marinheiros. Ao ouvir esse nome, sentiu-se o coração de Paulo como que ferido, vindo-lhe à lembrança aquelas doces palavras:

“ Paulo, vem ao Monte Argentário, onde me acho só... ”

Estas palavras ele as ouvira tempos atrás, quando orava ante uma imagem de Maria. Compreendeu também que a calma, o parar súbito da embarcação em frente ao Monte Argentário, não eram simples casualidade, mas um segundo chamado de Nossa Senhora.

Os marinheiros desceram à praia para colher alguns figos silvestres; o servo de Deus, porém, ao examinar com atenção a montanha, divisou do lado do meio-dia, a cavaleiro do mar, várias grutas ou celas semelhantes a colmeias, cavadas na rocha.

Sentiu ali dulcíssima elevação do espírito em Deus, aumento do santo amor e atrativo inexplicável para aquele ermo.

À tarde, houve algum vento. O navio continuou a rota. Paulo, no entanto, experimentava sempre grande fervor.

“ Com aquelas disposições - dirá mais tarde - ter-me-ia aventurado até os confins da terra, por amor do meu Jesus ” .

No dia seguinte, entraram no porto de Civitavecchia, onde foram obrigados, tripulação e passageiros, à quarentena. Estava o santo desprovido de tudo, mas os oficiais sanitários davam-lhe diariamente, por compaixão, dois vinténs com que comprava dois pãezinhos.

Empregou o tempo em passar a limpo as Regras compostas no retiro de São Carlos e em instruir nos rudimentos da fé o pessoal do lazareto.

Terminada a quarentena, tomou o caminho de Roma. A noite, extenuado de cansaço e de fome, foi ter a um albergue, pedindo por amor de Deus alguma coisa para comer. Um espanhol, tão pobre como ele, deu-lhe pequena esmola. Ao amanhecer, prosseguiu viagem. Depois de muito caminhar, avistou a grande cúpula de São Pedro que, longe, parecia isolada, caiu de joelhos, beijando respeitosamente aquela terra regada pelo sangue do Príncipe dos Apóstolos e de tantos mártires.

Entrando pela porta Cavalleggeri, maravilhoso quadro se lhe depara ante o olhar: a esplêndida colunata ao redor da praça de São Pedro; as duas fontes, lançando para o alto imensos jatos de água; o colossal obelisco a decantar os triunfos da Cruz e o reino imortal do Cristo; à direita, o VATICANO, palácio mais augusto do mundo; em frente, a incomparável basílica de São Pedro... todas essas magnificências da fé lhe comoveram profundamente a alma. Pareciam dizer-lhe: AQUI ESTÁ A COLUNA E O FUNDAMENTO DA VERDADE.

Absorto nesses grandes pensamentos, foi prostrar-se ante o sepulcro do Príncipe dos Apóstolos. Enquanto orava, espessas nuvens toldaram-lhe de súbito o Céu da alma: presságio, sem dúvida, das provações que teria de suportar em Roma. Após longa e penosa oração, ao percorrer as ruas da cidade pessoas da plebe escarneciam-no por vê-lo descalço e tão pobremente vestido.

Algumas pessoas caridosas conduziram-no ao magnífico hospital da SS. Trindade, onde a nobreza romana, assim eclesiástica como secular, se comprazia em prestar os mais humildes serviços aos pobres e enfermos. Costumava-se ali lavar os pés aos peregrinos. Qual não foi a surpresa de Paulo, ao ver diante de si um dos mais ilustres cardeais da santa Igreja, o em. Tolomei, da Companhia de Jesus, cuja humilde caridade a todos edificava? Vistos de perto, eis o que são esses Cardeais, descritos pelos nossos livres pensadores como pessoas opulentas e soberbas. Os príncipes da Igreja lavam os pés dos pobres, pensam as chagas dos enfermos nos hospitais, respiram o hálito dos empestados e morrem vítimas da caridade, como não há muito sucedeu ao Cardeal Altieri, em Albano! Pode-se dizer - e nós já o presenciamos - que a bondade, a simplicidade e a humildade são o apanágio do sagrado Colégio, assim em Roma como no mundo inteiro. Edificar-nos-emos no decorrer desta história com exemplos admiráveis.

Na manhã seguinte, ouviu missa, comungou, fez prolongada oração e dirigiu-se ao Palácio Apostólico, a fim de solicitar audiência do Santo Padre.

Um dos contínuos do Palácio repeliu-o, ao vê-lo tão pobremente vestido e com ares de mendigo, verberando-o com desdém

“ Quantos embusteiros aqui chegam diariamente!
Retire-se, portanto ”

De igual maneira fora tratado o humilde São Francisco, quando, pela primeira vez, solicitou audiência de Inocêncio III. Paulo aceitou a humilhação sem queixar-se, exultando por tratarem-no como julgava merecer.

Não é em vão que nos diz o Evangelho:

“ Quem se humilha será exaltado ” ,

pois no mesmo teatro dessas humilhações, ve-lo-emos coroado da mais fúlgida glória capaz de aureolar a frente de um homem.

Adorando os desígnios da divina Providência, retirou-se Paulo em silêncio. Ao perceber que as forças o abandonavam, aproximou-se de uma fonte. Enquanto comia um pedaço de pão, ganhou no hospital da SS. Trindade, apresentou-se-lhe um mendigo pedindo esmola. O servo de Deus repartiu com ele o mísero bocado, dizendo:

“ Irmão meu, toma a metade deste pão ” .

Ei-lo, pois, por divina disposição, a vagar pela grande cidade, sem obter, apesar das melhores recomendações do snr. bispo, a audiência do Santo Padre. Ei-lo só, abandonado, desprezado...

Para consolar-se do mau êxito da viagem, foi à igreja de Santa Maria Maior, orar diante da imagem da Virgem, na capela Borghese. Essa imagem é atribuída ao pincel de são Lucas. Ali sentiu renascer-lhe na alma imensa confiança. Mais tarde as esperanças converter-se-iam em feliz realidade. Emitiu então o voto de propagar a devoção a Jesus Crucificado, distintivo do seu Instituto. Quando entregava a Congregação ao patrocínio da divina Mãe, ouviu no íntimo da alma a voz de Maria a reiterar-lhe o convite para o Monte Argentário. Oferecia proteção ao pobre peregrino, de todos desamparado!

DIRIGE-SE AO MONTE ARGENTÁRIO

Uma barca estava de partida para Civitavecchia, e o proprietário permitiu, por caridade, que Paulo nela embarcasse.

A modéstia do santo irritou a um passageiro, que devera, pelo estado que abraçara, respeitar a virtude. Chegou a cumulá-lo de injúrias. Paulo tudo suportou em silêncio; condoía-se tão somente do escândalo dado aos marinheiros.

Chegados a Fiumino, passou o santo viajante a outra embarcação, onde foi também objeto de mil ultrajes.

Tudo aceitava como precioso tesouro, julgando-se merecedor de maiores insultos. Desembarcou em Santa Severa e dirigiu-se a pé para Civitavecchia, onde, não encontrando alojamento, pernoitou sob o pórtico do hospital.

Ao amanhecer, continuou viagem para Corneto. Ali o hospedaram com muita caridade os padres Agostinianos.

A noite seguinte passou-a em Montalto, onde um bom sacerdote o acolheu com carinho. Ao romper da aurora, pôs-se novamente a caminho julgando poder chegar ao Monte Argentário naquele dia. O terreno a percorrer era imenso areal, árido, abrasado pelo sol, semeado aqui e acolá de alguns arbustos, infestado de répteis venenosos. As águas estagnadas tornavam o ar úmido e malsão. Não havia estrada. Alguns trilhos, que se cruzavam freqüentes vezes, deixavam -o viajante em penosa incerteza.

Caminhou o dia todo, quase em jejum e exausto de cansaço. Para cúmulo de angústia, não experimentava aquela suavidade interior que, em outras ocasiões, lhe tornavam tão agradável o padecer. Apoderaram-se-lhe da alma o tédio e profunda melancolia. As trevas da noite vieram aumentar o horror daquelas paragens inóspitas. Descobriu por fim um casebre de pastor, onde procurou abrigo, deitando-se sobre um punhado de feno; foi-lhe, porém, aquela noite um contínuo martírio A descrição é um

tanto dramática; mas lembremo-nos de que se trata do litoral pelos fins de setembro de 1721, tempos em que ainda não se conheciam os benéficos saneamentos dos nossos dias.

Depois de outras provações, chegou, finalmente, a Portércole, lugarejo situado ao pé do Monte Argentário.

Dirigiu-se à casa do arcebispo, mons. Antônio Serra, que o tratou com muita benevolência e lhe disse que no alto da montanha havia uma ermida, outrora convento dos Agostinianos, sob o título da Anunciação... Apressou-se Paulo em galgar aquelas alturas, levando como farnel um pouco de pão, esmola do caridoso sacerdote.

Sigamo-lo e com ele contemplemos o esplendor daquela natureza, que bem se harmonizava com sua alma austera e sedenta de solidão. Desde agora o Argentário oferecer-nos-á muito interesse. Descrevamos em seus pormenores essa Alvéria do Patriarca da Paixão.

O MONTE ARGENTÁRIO

É imenso promontório, que se alarga e se eleva à medida que avança pelo Mediterrâneo. O mar forma ali bela enseada, onde se encontra o famoso porto de Hércules, donde o nome italiano Portércole, dominado por um outeiro, em cujo cimo se ergue o forte de Monte Felipe.

Da banda do mar, reveste-se a montanha de matizado verdor, formado por arbustos, por cerejeiras marinhas de fruto verme. Lho vivo a ressaltar no fundo verde, pela ramagem dos bosques, pelos tapetes de relva, pelos ramalhetes de mirto com bagas purpúreas, pela aroeira, pelo alecrim, pela alfazema e outras plantas aromáticas, a recrearem a vista e a convidar ao gozo dos seus perfumes.

Do lado oposto, o cenário se apresenta mais vago e fugitivo. Das montanhas e colinas avista-se majestoso lago, separado do mar por estreita faixa de terra. O lago se divide em duas partes. Numa das extremidades da linha que o recorta, está situada a praça forte de Orbetello, rodeada de água por todos os lados. A montanha, que banha os pés naquelas cerúleas ondas, entrecortada por terrenos agrestes onde medram arbustos e árvores, oferece à vista o encanto de uma variedade deveras pinturesca.

Subitamente, eleva-se o cume em escarpados penhascos ou se espraia em planos suavemente inclinados, onde, por vezes, o terreno dá lugar a verdejantes campinas e a pequenos castanheiros. Ali, a duas milhas da costa, não longe de mananciais de águas frescas e cristalinas, em meio às ruínas de antigo mosteiro, está a humilde ermida da Anunciação, contígua a pequeno jardim, com um parreiral, donde pendiam alguns cachos de uva quando lá chegou o servo de Deus.

O encanto da natureza e o profundo silêncio que a domina, alcandoravam-lhe suavemente a alma na contemplação das divinas belezas do Criador.

Apelidou a esta montanha: MONS SANCTIFICATIONIS, monte da santificação, que convida as almas a desprender-se da terra e elevar-se para Deus. E bem harmonizava o nome àquela solidão, pois desde a origem do cristianismo vira florescer à sombra de suas azinheiras, a prece, o jejum, todas as virtudes, em suma. São Gregório faz menção, em seus DIÁLOGOS, dos eremitas do Monte Argentário. Refere que um deles, indo a Roma em visita ao sepulcro de São Pedro, ressuscitou um

morto em presença do diácono Quadragésimo.

Monte Argentário era também um dos lugares visitados pela nobre Fabíola em suas santas peregrinações, quando percorria as ilhas e o mar etrusco, penetrando nas profundas enseadas das praias mais ocultas, em procura dos cristãos perseguidos para aliviar-lhes a indigência, como nos refere São Jerônimo.

Paulo estava destinado a continuar naquela montanha o sacrifício de louvor e adoração, oferecido outrora pelos antigos anacoretas.

Chegado à ermida, lá encontrou somente algumas celazinhas, uma humilde capela e antiga pintura da Anunciação, toda estragada. A pobreza e o abandono do santuário contribuíram para torná-lo a seus olhos mais atraente e mais sagrado. A imagem de Maria recordava-lhe os convites que recebera da divina Mãe para estabelecer-se ali, a fim de fazer-lhe companhia em sua soledade.

Experimentou por alguns dias doces consolações. Não usufruía, contudo, daquela completa paz e tranqüilidade que se encontra no perfeito cumprimento dos divinos desígnios. Recordou-se, então, do que em Gênova lhe dissera João Batista:

" Pode partir, mas não terá sossego sem seu irmão...

"

Resolveu, pois, ir buscá-lo...

Para assegurar a posse daquela propriedade, foi ter com o sr. bispo de Soana e Pitigliano, sob cuja dependência estava a igreja da Anunciação.

VOLTA A CASTELLAZZO

Desceu a Orbetello. Estava na praça de São Francisco de Paula, a espera de que a divina Providência lhe proporcionasse algum abrigo onde passar a noite, quando um religioso da Ordem dos Mínimos, movido de compaixão à vista de jovem tão pobrememente trajado, obteve licença do superior para levá-lo ao convento, tratando-o com muita caridade.

O servo de Deus descortinou no pe. guardião douto e santo religiosa, tomando-o mais tarde por confessor.

De Orbetello dirigiu-se para Pitigliano, residência ordinária do prelado. Ao atravessar aquelas inóspitas campinas, indeciso muitas vezes sobre o caminho a tomar, implorava de joelhos o auxílio do Anjo da Guarda, e sempre acertava.

Ao cair do sol chegou a Manciano. Lá encontrou um sacerdote a quem solicitou lhe indicasse a casa paroquial.

" O pároco sou eu, respondeu-lhe rispidamente. Que deseja? "

" Que me desse hospitalidade por esta noite " .

" Não! - replicou o sacerdote. - Passam por aqui tantos aventureiros... e basta um para fazer mal a cem pessoas " .

" Sou capaz de cometer todos os crimes, - respondeu com afabilidade o santo, - mas, com a graça de Deus, espero jamais os cometer " .

A humildade encerra em si encantos que subjagam os corações. Enternecido por resposta tão humilde e discreta, recebeu-o o pároco em sua casa, cumulando-o de gentilezas.

No dia seguinte, ao chegar a Pitigliano, soube que o sr. bispo estava em Pienza. Embora cansado, para lá se dirigiu, percorrendo mais 50 milhas. O prelado, d. Fúlvio Salvi, acolheu-o com carinho, concedendo-lhe o que pedia.

Dali, sempre mendigando o pão, prosseguiu viagem através da Toscana.

Como de costume, também nesta jornada muito teve que sofrer. Frequentemente, não encontrando hospedagem, pernoitava ao relento. Alcançou, finalmente, Piza, donde partiu para Livorno, em cujo trajeto dois sacerdotes, que deveriam encorajá-lo para a virtude, cumularam-no de injúrias por seu estranho trajar. E' que para compreender o hábito religioso e a alta perfeição que simboliza, faz-se mister habitar as altas regiões da fé. Paulo, humilde, sem responder palavra, não perdeu a paz nem a tranqüilidade, porque vivia absorto na recordação das injúrias suportadas por Nosso Senhor em sua Paixão. Um nobre cavaleiro tomou-lhe a defesa, verberando os mofadores:

" Que estão fazendo? Por que insultam a este pobre servo de Deus?... Quem conhece os desígnios do Céu a seu respeito? Quem sabe quantos companheiros terá um dia?..."

" .

Esse elogio, inspirado talvez por luz profética, causou maior aborrecimento ao humilde religioso do que as afrontas recebidas.

Em Livorno, alojou-se no

" Oratório da Morte " ,

onde aos pobres só se dava cama. Para comer pediu esmola a alguns mercadores. Recebeu de um judeu alguns níqueis, com que pôde comprar um pouco de vinho e pão. Comeu alguma coisa e guardou o resto.

No dia seguinte, depois de uma isca, encaminhou-se para o porto. Ali, junto de uma fonte, diante de muita gente, comeu o pão que guardara.

" A vergonha que experimentei, dizia mais tarde referindo o fato, serviu de ótimo tempero " .

Obteve passagem grátis num vapor que se fazia de vela para Gênova. Deram-lhe um dos lugares mais incômodos, alimentando-se do sobejo dos marinheiros.

Em Gênova tiveram que fazer quarentena.

Vista do porto, oferece a soberba Gênova aos olhos do observador, especialmente à noite, sob aquele céu transparente da Itália, quadro verdadeiramente encantador: os jardins embalsamados do perfume das laranjeiras e das mais belas flores; o murmúrio de inúmeras fontes, que não silenciam dia e noite; os magníficos palácios de mármore, os cânticos de festa, o resplendor de mil luzes a reverberar-se nas ondas do

mar, tudo concorre para fascinar e arrebatara imaginações juvenis.

Paulo, embora muito austero, não foi insensível àquele espetáculo e foi assaltado de profunda melancolia. Mas tudo suportou

" por amor daquele Deus que tanto sofreu por nós " .

CAPÍTULO IX

1721 - 1723

Índice

JOÃO BATISTA RECEBE O SANTO
HÁBITO

ADEUS Á FAMÍLIA

A VIAGEM

COMO VIVIAM NO MONTE ARGENTÁRIO

CAPÍTULO IX

1721 - 1723

JOÃO BATISTA RECEBE O SANTO HÁBITO

Apenas desembarcaram, foi ter Paulo a uma das igrejas da cidade. Depois de longa oração, prosseguiu viagem para Alexandria.

Grande júbilo experimentou ao rever, após tantas provações e fadigas, a d. Gattinara. Este abraçou-o como a filho muito amado.

O santo prestou-lhe conta minuciosa da viagem. Contou-lhe como descobrira a santa montanha para onde Maria o chamara e suplicou-lhe se dignasse revestir também a João Batista do santo hábito da Paixão, permitindo a ambos irem se ocultar naquele ermo.

Sentiu muito o Prelado privar a diocese de um santo e de um apóstolo, mas, ciente de que Paulo Francisco era guiado pelo Espírito Santo, secundou-lhe os desejos.

João Batista exultou de alegria ao receber tal noticia.

Realizou-se a vestidura no dia vinte e oito de novembro de 1721, oitava da Apresentação. Paulo derramava doces lágrimas de consolação.

Passaram os meses mais rigorosos do inverno na ermida de Santo Estêvão, edificando a todos com vida angélica.

Impacientes por voarem para o Argentário, apenas o inverno começa a ceder, preparam-se para partir.

Ao divulgar-se a noticia em Castellazzo, geral foi a consternação. Como se estivessem para perder um pai amantíssimo, exclamavam:

" Jamais tornaremos a ver o nosso Anjo tutelar, que tanto nos consolava, dirigindo-nos pelo caminho da salvação "

Seus pais, embora resignados, curtiã também profunda mágoa. O nosso santo, apesar da pena que lhe dilacerava o coração, confortava-os o melhor que podia. Aos irmãos e irmãs deu santos conselhos. Julgamos conveniente consignar aqui suas palavras, testemunho da caridade que lhe inflamava o coração:

ADEUS Á FAMÍLIA

" Que a santa paz de Jesus Cristo, que excede todo o entendimento, guarde os nossos corações.

Mui queridos irmãos e irmãs em Jesus Cristo: Eu, pobre pecador, Paulo Francisco, vosso irmão e indigno servo dos pobres de Jesus, vejo-me obrigado, para obedecer às santas inspirações do Céu, a deixar esta cidade e retirar-me à solidão, a fim de convidar não somente as criaturas racionais, mas também as que são privadas de razão e entendimento, a chorarem comigo os meus enormes pecados e cantarem os louvores de Deus, a quem tanto ofendi.

Antes de partir para aquele santo retiro, creio ser obrigação minha deixar-vos alguns avisos espirituais, para progredirdes sempre e coro desdobrado fervor no santo amor de Deus.

Em primeiro lugar, observai com grande exatidão a santa lei de Deus.

Tende afeto filial para com este Deus que nos criou e nos remiu; pois é ele digno de todo amor.

Sabei, meus queridos, que quanto mais ternamente ama o filho a seu pai, mais teme ofendê-lo e desgostá-lo. Este santo amor será barreira que vos impedirá de cairdes no pecado.

Amái a Deus, amái a este terno Pai, com amor ardente; depositai nEle a mais doce confiança. Que todas as vossas orações, palavras, suspiros, penas e lágrimas sejam verdadeiro holocausto oferecido a seu infinito amor. Para manterdes esse santo amor, freqüentai os sacramentos. Não vos aproximeis do santo altar se não para abrasardes sempre mais a alma nas labaredas do divino amor.

Ah! meus queridos irmãos, nada vos digo sobre a preparação para a sagrada Comunhão, porque suponho afareis com toda diligência possível. Lembrai-vos de que se trata do ato mais sublime que se possa praticar.

Ide freqüentemente à igreja para adorar o ss. Sacramenta

e visitai com grande piedade o altar da ss. Virgem.

Não passeis um dia sem dedicardes meia hora ou, ao menos, quinze minutos à oração mental sobre a dolorosa Paixão do Salvador. Recordai continuamente as dores do nosso Amor Crucificado, convencendo-vos de que os maiores santos, que hoje, embriagados, de amor, triunfam lá no Céu, chegaram à perfeição por esse caminho.

Tende afetuosa devoção às dores de Maria e à sua Imaculada Conceição, ao Anjo da Guarda, aos vossos santos Padroeiros e, mui particularmente, aos santos Apóstolos.

Recitai amiúde fervorosíssimas orações jaculatórias. Indicar-vos-ei algumas: Oh! Meu Deus, jamais vos houvesse ofendido! Esperança do meu coração, mil vezes a morte antes que tornar a pecar. - Oh! meu Jesus, quando vos amarei? - Oh! meu soberano Bem, feri, feri meu coração com o vosso santo amor! - Oh! meu Deus, quem não vos ama não vos conhece. - Oh! se todos vos amassem, Amor infinito! - Quando estará minha alma abrasada em vosso santo amor?

Nas tribulações e nas dores, direis: Cumpra-se a vossa vontade, ó meu Deus! - Benvindas sejam as aflições! - Queridas penas, eu vos abraço e vos aperto ao coração! - Sois as pedras preciosas enviadas por Nosso Senhor. - Oh! querida mão do meu Deus, beijo-vos amorosamente! - Bendito seja o açoite que, com tanto amor, me fere! - Oh! afetuoso Pai, bem fazeis em humilhar-me!

Podeis recitá-las andando, trabalhando e até em companhia de outras pessoas, porque, se os homens estão em derredor de vosso corpo, não estão em vossos corações. Com tais jaculatórias beneficiareis a alma, até em meio das mais graves ocupações.

Lêde diariamente algum livro espiritual e fugi das más companhias, como se foge de satanás.

Obedecei, com a máxima exatidão, aos nossos pais: a obediência é pérola celeste. Foi por obediência que Jesus imolou sua vida santíssima no madeiro da Cruz.

Compadecei-vos dos pobres. Sede justos para com todos. Pagai sem tardança o que deveis e, se não o podeis fazer, supplicai humildemente aos credores vos concedam dilação.

Humilhai-vos diante de todos, por amor de Deus.

Suplico-vos, enfim, recordai-vos sempre do santo preceito do amor, último legado de Jesus aos apóstolos: Dou-vos um mandamento novo e é que vos ameis mutuamente, como eu vos tenho amado (Jo. 13,34).

Oh! que doce linguagem! Amai-vos, amai-vos mutuamente, meus queridos irmãos e irmãs. Jamais amareis a Deus, se vos não amardes uns aos outros. Jamais haja discórdia entre vós. Se por acaso pronunciardes qualquer palavra ofensiva, calai imediatamente para que a cólera não vos

penetre no coração.

Deixo-vos, pois, nas chagas sagradas de Jesus e sob a proteção da Mãe das Dores. Sim, é onde vos deixo, bem conto a todos os parentes.

Rogo à ss. Virgem inunde vossos corações com suas pungentes lágrimas, imprimindo neles a lembrança continua da amaríssima Paixão de Jesus e de suas próprias dores. Rogo-lhe outrossim vos conceda a perseverança no seu santo amor e a força e resignação nos sofrimentos.

Tende por especial Protetora a Virgem das Dores; jamais abandoneis a meditação dos padecimentos do Redentor.

Deus, em sua infinita misericórdia, vos cumule a todos de suas santas bênçãos. Rezai por mim.

Deo gratias et Mariae semper Virgini.

Vosso indigníssimo irmão,

Paulo Francisco, o último dos servos dos Pobres de Jesus

" .

Que admirável norma de vida cristã!

Observância dos mandamentos, ódio ao pecado, freqüência dos Sacramentos, devoção à sagrada Eucaristia, à Paixão do Salvador, às dores de Nossa Senhora, aos Anjos e aos Santos; prática eficaz das orações jaculatórias, visitas ao ss. Sacramento, leitura espiritual, o amor dos pobres e da justiça.

E tudo coroado pela caridade, perfeição da lei!

Como remate, deixa-os nas chagas adoráveis do Redentor!

A VIAGEM

No primeiro domingo da Quaresma, após haver-se compenetrado dos sentimentos de Jesus conduzido pelo divino Paráclito ao deserto, expressos no Evangelho da Missa, Paulo e João Batista partem para o Monte Argentário. Era o dia 22 de fevereiro de 1722. A 10 do mesmo mês o snr. bispo assinara um atestado de bom comportamento.

Embarcam em Gênova e chegam sem novidades a Civitavecchia, onde são obrigados a fazer a quarentena até a manhã de quarta feira santa. Nesse dia se dirigem a Portércole, ansiosos por receber no dia seguinte a sagrada Comunhão, mas o sol já se ocultava no horizonte e eles ainda estavam nas vizinhanças de Burano, a vinte quilômetros da Montanha.

Naqueles ermos era impossível caminhar à noite, pois o terreno é agreste e semeado de atalhos. Sem teto e sem pão, deitaram-se na terra nua, sob um espinheiro. Ao levantar-se, aos primeiros clarões da aurora, estavam banhados de orvalho. Com o corpo enfraquecido, mas com o espirito alentado pelo desejo de celebrar a Páscoa com Jesus no coração, prosseguiram apressadamente a viagem. Chegaram em tempo de assistir a Missa solene. Jesus Sacramentado fez-lhes olvidar os sofrimentos passados e os fortificou

para as provações futuras.

O arcepreste, mons. Antônio Serra, conhecido de Paulo, prodigalizou-lhes afetuosos cuidados, hospedando-os em sua casa. Após o desjejum, foram à igreja orar ante o santo Sepulcro. De joelhos, imóveis, passaram o resto do dia, a noite toda e a manhã seguinte, meditando os tormentos do Salvador.

No decurso de tão prolongada oração, o rosto de Paulo ora se tornava vermelho como brasa, ora pálido como cadáver. Que opostos sentimentos experimentava aquele coração enamorado? Ignoramo-lo. Todavia, tais colóquios serviram de excelente preparação à vida de recolhimento e austeridade que empreenderia muito em breve na vizinha Montanha.

Terminadas as festas pascais, fortim a Orbotello solicitar do governador militar, general Espejo y Vera, permissão para residir no Monte Argentário. Ao sair da igreja, avistou este os servos de Deus e lhes perguntou quem eram e donde vinham. Respondeu Paulo com cativante modéstia

" Somos dois irmãos a quem Deus inspirou o desejo de se entregarem d penitência no Monte Argentário " .

Comovido o general por aquele aspeto de penitência que distingue os santos, concedeu-lhes o que pediam. Partiram então para Pitigliano e, recebida a bênção do snr. bispo, puseram-se logo a caminho da ermida da Anunciação.

COMO VIVIAM NO MONTE ARGENTÁRIO

Felizes por poderem, enfim, engolfar-se na contemplação de Deus, começaram urna vida mais angélica que humana.

Diversas horas do dia passavam-nas na pequena igreja, meditando e recitando o divino officio. A certa hora dirigiam-se, separadamente, ao bosque. Lá, à sombra das azinheiras ou no interior de alguma gruta, auxiliados por aquela grandiosa e austera natureza, viviam mais no céu do que na terra.

Para evitarem vãs e importunas imaginações, conservavam a mente figa na meditação dos novíssimos, enquanto maceravam a carne com cruentas disciplinas.

Paulo dormia sobre a terra e João sobre uma tábua. Levantavam-se à meia noite para cantar Matinas, permanecendo em oração até as três horas. Tomavam em seguida breve descanso. Mas, ao ouvirem o gorgueio do rouxinol a saudar o romper da alva, imaginando que tais criaturinhas os convidavam para louvar a Deus, levantavam-se e se punham novamente em oração.

Quando na fortaleza de Monte Felipe ruflavam os tambores, Paulo exclamava

" Reflete no que fazem os soldados da terra para defender quatro muralhas... Que não deverás fazer tu, soldado do Céu, em, favor do reino espiritual de tua alma?.... "

De tudo se servia para elevar-se a Deus. A natureza toda lhe era verdadeira escola de virtude.

A sexta-feira, seu alimento eram as lágrimas. Para melhor, unir-se às

penas de Jesus Crucificado, inventara novo instrumento de penitência: uma lâmina de aço, toda eriçada de agudas pontas. Aplicava-a nas carnes desnudas antes de Matinas e somente a retirava após as Matinas do dia seguinte.

E todas essas mortificações pareciam pouco aos fervorosos anacoretas! Multiplicavam-nas ao aproximar-se das grandes solenidades, sempre precedidas de novenas. Celebrada a Epifania, internavam-se na mais profunda solidão, em memória da estada de Nosso Senhor no deserto. Aliás, bem pouco falavam entre si, para poderem falar com Deus e ouvir-lhe a voz.

E qual o alimento dos nossos solitários?

De Pitigliano trouxeram alguns biscoitos e poucos bagos de uva passa, recebidos de esmola. Alimentavam-se ordinariamente de raízes e ervas silvestres. Provada a constância de seus cervos, inspirou Deus a uma senhora de Orbetello enviar-lhes algumas favas, aceitas com reconhecimento. Comiam-nas amolecidas em água, sentados ao pé duma fonte, que vertia acima da ermida.

Alguns caçadores e carvoeiros, ao ouvirem-lhes os piedosos cânticos e observarem-lhes o teor de vida, deles falavam naquelas redondezas como de dois santos de extraordinária austeridade. Desde então, não lhes faltaram benfeitores e as ofertas espontâneas proporcionaram-lhes o necessário, embora continuassem sempre a alimentar-se de uma sopa insossa ou de pão e água. Nos dias festivos acrescentavam um pouco de vinho, quase sempre avinagrado.

Para dizer tudo em poucas palavras, solidão e silêncio, penitência e oração, eis a vida desses atletas de Cristo nas alturas do Argentário.

Lá, a par da própria santificação, aprendiam a sublime arte da santificação do próximo.

A alma abrasada no divino amor rasco bode encarcerar por muito tempo no âmago do peito as chamas chie a devoram; é mister comunicá-las a outras almas, inflamando outros corações. Os nossos cenobitas desciam freqüentemente a montanha para levar aos povos circunvizinhos as graças do Céu.

Aos domingos e dias santos, ia Paulo a Portércole, por caminhos semeados de espinhos e abrolhos. Terminada a santa missa, com autorização do arcebispo explicava a doutrina cristã aos fiéis, que em multidão acorriam a ouvi-lo. Antes de concluir, descrevia, todo ternura e fervor, uma das cenas da Paixão, ensinando a maneira prática de meditá-la.

João Batista exercitava o mesmo apostolado na parte oposta da montanha, em Pôrto Santo Estêvão, onde havia, desde tempos remotos, uma capela e algumas choupanas de pescadores.

CAPÍTULO X

1723 - 1726

Índice

CONVITE DO BISPO DE GAETA
ERMIDA DE N. SENHORA DA CADEIA
S. JANUÁRIO
VÃO A TRÓIA
NO SANTUÁRIO DO MONTE GALGANO
COM D. CAVALIERI
VÃO A ROMA

CAPÍTULO X

1723 - 1726

CONVITE DO BISPO DE GAETA

A noticia de que no monte Argentário viviam dois santos extraordinários, êmulos dos heróis da primitiva Igreja, correu célere. D. Carlos Pignatelli, bispo de Gaeta, desejou chamá-los à sua diocese. Escreveu a Paulo, convidando-os a irem auxiliá-lo na salvação do rebanho que Deus lhe confiara. E acrescentava:

“ Aqui encontrareis lugar favorável à vossa vocação;
podereis trabalhar muito para glória de Deus e bem das almas
” .

Sentia o santo deixar a solidão do Argentário, mas, consultando o Senhor na oração, decidiu partir.

D. Salvi, embora pesaroso, deu-lhes cartas testemunhais, em que descrevia, em breves palavras, a vida apostólica de ambos

“ Chamam-se Pobres de Jesus. Não possuem outra veste senão uma grosseira túnica de lã, sem capa, sem bastão e sem alforje. Mesmo em viagem, andam descalços e de cabeça descoberta. Unem a vida contemplativa à, ativa, trabalhando para o bem espiritual das almas ” .

Essa carta traz a data de 27 de junho de 1723.

Partiram nos últimos dias de junho de 1723.

Possivelmente fosse nessa viagem que travaram conhecimento com o cardeal Álvaro Cienfuegos, espanhol, religioso da Companhia de Jesus. Possuímos várias cartas em que o ilustre príncipe da Igreja patenteia aos Pobres de Jesus amizade cordialíssima, filiando-os a levarem acabo o santo empreendimento que Paulo em mira.

ERMIDA DE N. SENHORA DA CADEIA

Chegados a Gaeta, ganharam imediatamente todos os cora.. Bastava vê-los para admirá-los. A realidade superava a fama que os precedia.

Aqueles rostos ainda na flor da idade a luzirem modéstia angélica, profunda humildade e amável austeridade; aquela túnica de grosseira lã, o cinto de couro, donde o breviário colocado numa bolsa, o Crucifixo ao peito, descalços... tudo eram práticas de mortificação e desprezo do mundo. Em suas palavras, meigas e fortes a um tempo, havia algo de maravilhoso, que encantava e penetrava os corações, inspirando-lhes o amor à virtude.

Exultava de contentamento o snr. bispo como se encontrara um tesouro. Hospedou-os no palácio. Os dois religiosos ali permaneceram por algum tempo, como se fora no deserto. Após frugal refeição e breve repouso no pavimento desnudo, servindo-lhes o breviário de travesseiro, dirigiam-se à igreja, onde, ajoelhados ante o ss. Sacramento, permaneciam muitas horas na contemplação do infinito amor de Jesus Hóstia.

Tão profunda piedade pasmava de admiração os fiéis.

Mas era a solidão o lugar predileto dos nossos santos, pois desejavam viver ocultos aos olhos do mundo. Obtiveram, finalmente, licença do snr. bispo para retirar-se à ermida de NOSSA SENHORA DA CADEIA, situada em amena colina revestida de oliveiras, junto ao mar, a cerca de dois quilômetros da cidade, ao poente do Promontório de Gaeta. Possuía muitas celas. Assemelhava-se a um mosteiro, com pequena, mas elegante capela, consagrada à Mãe de Deus. Fora outrora habitada por são Nilo e pelos monges basilianos, seus discípulos. Atualmente lá estavam um clérigo e um ermitão, únicos guardiães do santuário.

Ia o prelado visitar seguidamente a Paulo e João Batista, gozando de sua conversação. Para libertá-los das preocupações materiais da vida, encarregou disso ao clérigo Tomás Ricinelli. Os Pobres de Jesus agradeceram de coração tanta bondade, mas não lhe aceitaram os préstimos, exceto quando eram atos de caridade em favor do próximo. Amantes da pobreza, desejavam continuar a viver como pobres.

Praticavam as mesmas austeridades que no monte Argentário. Uma testemunha que os observara de perto, depôs nos processos:

" Via-os tomarem breve descanso sobre a terra nua, com uma pedra sob a cabeça. O jejum era cotidiano e bastante rigoroso: um pouco de pão e água, com sopa de legumes, e ervas, temperadas sempre com a mortificação, porque, se possuíam azeite, faltava-lhes o sal, se tinham sal, faltava o azeite. Muitas vezes, para maior penitência, misturavam cinza nos alimentos. À noite, não tomavam mais que três onças de pão. Quando abundavam as esmolas, reservavam para si o estritamente necessário, distribuindo o resto aos pobres. Sucedia por vezes nada receberem, passando o dia sem comer. "

" Se algum benfeitor lhes oferecia alimentos saborosos, como carne, peixes e coisas que tais, recusavam-nos com delicadeza, dizendo: Isto não é para nós; quando não podiam recusar, davam-nos aos pobres " .

Certo dia o snr. bispo, para dar trégua a tão rígido jejum, enviou-lhes delicioso pastel. Ao colocarem o guisado na mesa, Paulo exclamou:

" Reflitamos por alguns instantes e havemos de concluir que não somos dignos deste alimento, porque é muito saboroso e está admiravelmente preparado... "

Ditas estas palavras, tomou-o respeitosamente nas mãos e o entregou ao pe. Ricinelli, suplicando-lhe o desse de esmola ao primeiro pobre que passasse.

Evidenciou-se nessa ocasião como Deus revelava a Paulo coisas secretas. O sacerdote deu o pastel a um pobre chamado Ângelo que, ao receber manjar tão delicado, julgou se gracejasse com ele e não quis aceitá-lo, enquanto lhe não disseram ser presente de Paulo. Só então se foi alegre, pensando no esplêndido banquete... Porém, olhos invejosos e ávidos seguiam o pobre e o pastel...

" O pastel inteirinho!... Nem um pedacinho para mim?!... "

Terrível tentação!... O ermitão Braz meteu-se por atalho, correu e foi esperar o pobre na estrada, obrigando-o a dar-lhe boa parte da iguaria. Comeu-a em segredo, limpou os lábios e voltou sem temor à ermida, certo de que ninguém o observara.

Paulo, no entanto, com o rosto severo, foi-lhe ao encontro e o repreendeu asperamente, por deixar-se vencer por tão vil tentação. Envergonhado, confessou Braz a sua falta. O pasmo foi geral, pois sabiam todos não pudera o santo conhecer o sucedido por luz superior.

" Na ermida de N. S. da Cadeia " ,

são palavras da testemunha acima citada,

" a ocupação dos nossos solitários eram a oração e a leitura espiritual. Faziam-nas num acanhado coro situado acima da porta da Igreja. Pode dizer-se que a oração era continua " .

Descobrira Paulo pequena gruta em meio dos rochedos à beira-mar. Adornou-a de bela imagem da Virgem, tornando-se-lhe aquele secreto asilo verdadeiro santuário. Lá passava, nas mais doces contemplanções divinas, todo o tempo não ocupado em atos de observância, entregando-se a macerações e disciplinas tão cruéis, que a rocha se manchava de sangue.

Por vezes o demônio suscitava-lhe tempestades tão furiosas como as do mar que o santo tinha à vista. Paulo, longe de amedrontar-se, afeiçoava-se sempre mais àquela solidão, abismando a alma no oceano das divinas misericórdias. E Deus, que ordena aos ventos e às ondas, fazia retornar-lhe a paz ao coração.

As austeridades reduziram à extrema fraqueza os dois solitários. Mas na debilidade corporal hauria a alma novas energias; quanto mais penava a natureza mais os inundava de delicias o divino amor.

Acolhiam os visitantes com suma e sincera delicadeza. Só tratavam de assuntos espirituais, levando todos à virtude.

" Se não nos tornarmos santos com as práticas deste homem de Deus, jamais nos santificaremos " .

S. JANUÁRIO

Ao aproximar-se a festa de são Januário, foram a Nápoles venerar as

reliquias do grande mártir. O secretário do snr. pe. Tomás Perrone anelava acompanhá-los, mas, devido os modos que experimentava em viagens por mar, estava indo Asseverou-lhe o servo de Deus que não o molestaria nenhum enjôo. Assim sucedeu.

O nosso santo fez dessa viagem verdadeiro apostolado. Imenso foi o pesar dos passageiros e tripulantes por chegarem tão depressa a Nápoles, tanto apreciaram os ensinamentos do servo de Deus.

Hospedaram-se em casa dos pais do secretário. No dia de são Januário, ensinaram a todos como se devem venerar as reliquias dos santos. Testemunhas da liquefação do precioso sangue, beijaram com profundo respeito a ampulheta sagrada.

Uma cura milagrosa operada por Paulo naqueles dias aumentou a veneração dos fiéis aos santos peregrinos. Conduziram-no à paróquia de Santa Lúcia, à cabeceira de um enfermo, desenganado pelos médicos. Benzê-lo e curá-lo foi a mesma coisa. O agraciado levantou-se, publicando por toda parte o prodígio.

Na véspera do regresso, enquanto em casa do proprietário do navio, junto ao cais, esperavam vento favorável, grande multidão para lá se dirigiu. Anelavam beijar-lhe as mãos e o hábito. Não sabendo como libertar-se daquelas demonstrações de veneração, puseram-se a falar-lhes da Paixão de N. Senhor e recomendar às mulheres a modéstia cristã, seu melhor adorno.

Chegaram a Gaeta depois de jornada verdadeiramente santa. O secretário pretendia pagar as despesas de ida e volta, mas o proprietário do navio nada quis receber, julgando-se feliz, dizia, por haver levado dois grandes servos de Deus.

Enquanto Paulo permanecia na solidão de Nossa Senhora da odeia, preparava-lhe Deus graça singularíssima. Também desta vez seria um santo bispo o instrumento da Providência para o bem do Instituto.

VÃO A TRÓIA

Governava a diocese de Tróia, no reino de Nápoles, prelado de rara doutrina e eminente virtude. Quando recorria à Santa Sé no interesse da diocese, Clemente XI soía dizer:

" Devo contentá-lo; seu saber e delicadeza de consciência não lhe permitem pedir o que não possa justificar-se pela autoridade e exemplos da antigüidade " .

Inocência XIII e Bento XIII apelidavam-no de santo. Esse venerável antístite era d. Santiago Emílio Cavalieri, tio materno de santo Afonso de Ligório.

Quando Afonso, na flor da idade, resolveu consagrar-se a Deus, o pai pediu ao bispo o dissuadisse da idéia do sacerdócio.

Eis a resposta de d. Cavalieri:

" Meu querido José, eu também abandonei o mundo e renunciei ao direito de primogenitura para salvar a minha alma. Vê, portanto, que não posso aconselhar o

contrário. Crer-me-ia condenado " .

Estas palavras revelam a grandeza de alma do prelado, que se consagrara ao Senhor na vida religiosa antes de ser elevado à sede episcopal.

Apóstolo infatigável, sacrificava a vida pela salvação das almas. Sua principal devoção e a poderosa causa motriz de seu apostolado eram Jesus Crucificado e Jesus Eucarístico: a Cruz e o Altar. Concebera havia muito o mesmo projeto de Paulo da Cruz, a saber: fundar uma Congregação de sacerdotes consagrados à Paixão do Salvador. Soube outrossim por luz superna que Deus suscitaria tal Instituto na Igreja. Quem seria o fundador? Ele ou outrem? Ignorava-o.

Tais eram seus pensamentos quando, por admirável disposição da Providência, os acontecimentos iluminaram-lhe a alma.

No reino de Nápoles e até na cidade de Tróia, narravam-se coisas maravilhosas a respeito de Paulo e João Batista. Enalteciam-lhes sobretudo a devoção a Jesus Crucificado e à ss. Eucaristia. Eis a razão por que d. Cavalieri começou a querer bem àqueles dois desconhecidos. Ao refletir que os apóstolos da Cruz e do Tabernáculo poderiam fazer imenso bem a seu povo, escreveu-lhes carta expressa, muito carinhosa, suplicando-lhes viessem evangelizar-lhe o rebanho.

Antes de aceitar o convite, julgaram dever aconselhar-se com o cardeal Cienfuegos. Este lhes respondeu em data de primeiro de agosto de 1724:

" Aprovo vossa viagem a Tróia., a pedido do bispo, pastor de eminente santidade. Compartilho o parecer daquele digno prelado, isto é, de que Deus nem sempre patenteia a sua vontade por inspirações internas, mas, uma vez por outra, fá-la conhecer por vias extrínsecas. Peço-vos encarecidamente lembrar-vos de mim em vossas orações tão agradáveis ao Senhor, a quem suplico vos abençoe, cumulando-vos de graças " .

NO SANTUÁRIO DO MONTE GALGANO

Conhecida a vontade de Deus, com permissão do bispo de (lacta, partiram para Tróia. E' inenarrável o que sofreram nessa viagem, empreendida nos excessivos calores de agosto. O pe. João Batista foi acometido de fortes dores de cabeça, que lhe abreviaram a vida. Paulo teve violentas febres.

Sem provisões e sem dinheiro, mendigavam o pão. Mas não encontraram quem lhes desse alimento nem pousada. Receberam apenas duas pequenas moedas. Essas provações não lhes alteravam absolutamente a paciência nem o fervor. Poderiam ter abreviado a jornada, dirigindo-se diretamente a Tróia, mas quiseram visitar o santuário do Monte Galgano.

Passaram a noite em oração à porta da gruta milagrosa, celeberrima pela aparição do arcanjo são Miguel. Ali, enquanto oravam, o pe. João Batista ouviu claramente misteriosas palavras

" VISITABO VOS IN VIRGA FERREA, ET
DABO VOBIS SPIRITUM SANCTUM " .

Visitar-vos-ei com vara de ferro e vos enviarei o Espirito Santo.

Ira a revelação do que os esperava: duras provações mescladas de gozos inefáveis. Ao mesmo tempo Deus parecia dar-lhes por protetor a São Miguel. O nosso santo teve sempre especial devoção ao príncipe da milícia celeste, que lhe apareceu por diversas vezes, Certa feita, apresentou-se-lhe resplandecente de luz. Paulo perguntou-lhe se protegia a ele e a Congregação. Respondeu o Arcanjo::

“ Velei sempre por ambos e jamais deixarei de fazê-lo para o futuro ” .

Oferecer-nos-á esta biografia numerosas provas de sua poderosa proteção e contemplaremos os esplendores de sua deslumbrante espada. São Miguel é um dos Patronos principais da Congregação.

COM D. CAVALIERI

O bispo de Tróia chorou, comovido, ao ver os servos de Deus, e os estreitou de encontro ao coração. Ordenou que lhes dessem no palácio o necessário como lenitivo dos sofrimentos passados. E eles recomeçaram logo depois os exercícios de adoração ante o ss. Sacramento, porquanto este inefável mistério de amor atrai os corações como o ímã atrai o ferro. O santo prelado, embora enfermo, permanecia também prolongadas horas em íntimos colóquios com Jesus Hóstia. Os fiéis os acompanhavam. Ouçamos o biógrafo de d. Cavalieri

“ Teve outrossim o santo bispo a inefável alegria de ver grande número de almas inflamar-se no amor do adorável Sacramento dos nossos altares ” .

Querendo ampliar os frutos produzidos pelos exemplos eloqüentíssimos de Paulo, confiou-lhe, como fizeram outros bispos, o ministério da palavra. O obedientíssimo jovem, acompanhado de piedosa irmandade, pregava, à noite, nas ruas e praças da cidade.

Aquela voz possante a ecoar em meio às trevas, despertava o pecador do profundo letargo da culpa. O efeito singular produzido por tais prédicas induziu Paulo a introduzi-las nas Missões.

No palácio episcopal, onde não havia outros adornos que imagens de Jesus Crucificado, habitavam os dois irmãos como nas pobres celas de Gaeta. Tendo ante os olhos os exemplos de um bispo que, para participar dos sofrimentos de Jesus Crucificado, se alimentava ordinariamente de um bocado de pão e algumas frutas, dormia sobre tábuas e tratava asperamente o corpo, Paulo e João Batista aspiravam por jejuns mais austeros e mais cruentas macerações. Não lhos permitiram, porém.

Admirado da santidade de d. Cavalieri, franqueou-lhe Paulo o coração, revelando-lhe todos os refulgos da alma e as inspirações do Céu a respeito da Congregação da SS. Cruz e Paixão de N. S. Jesus Cristo.

Verdadeiro dardo de luz para o venerável antístite!

Eis, pois, o fundador da Congregação que, por convicção sobrenatural, sabia haver de surgir na Igreja de Deus! Apoderando-se-lhe, então, da alma os proféticos transportes do velho Simeão, apertou a Paulo nos braços e entoou o cântico:

“ Contemplo urna obra que é toda de Deus!... Vereis

grandes coisas!... Triunfará por veredas ocultas e maravilhosas!... " .

Acrescentou que desejava depor o peso do episcopado e ser tios primeiros a vestir o hábito da Paixão. A primeira casa deveria fundar-se em sua diocese. Paulo apresentou-lhe as santas Regras para que apusesse algumas anotações. Leu-as com toda atenção e escreveu como preâmbulo:

" Li com grandíssima consolação as Regras de vossa Congregação; maior foi, porém, meu contentamento em vê-las observadas. Ocorreu-me ao pensamento que N. Senhor nestes tempos em que confiou o governo da Igreja a um santo Pontífice e em que deseja restabelecer o antigo prestígio da hierarquia eclesiástica, queira, talvez, pela vossa conduta e dos vossos futuros companheiros, justificar sua causa e o zelo ardente de quem lhe faz as vezes na terra
" .

Desde então o humilde prelado considerou o nosso santo como seu superior, admirando-lhe a grande sabedoria. À imitação de Paulo, também ele franqueou ao servo de Deus o santuário de sua alma, deu-lhe conta da oração e das luzes recebidas do Céu, nada ocultando do que dizia respeito à sua vida espiritual.

Perfeita a harmonia destas duas almas, como se foram duas liras tangidas pelo Espírito divino.

Uma dessas piedosas conferências espirituais foi assinalada por extraordinário prodígio.

Estavam a recitar com muita devoção o símbolo dos Apóstolos, quando, ao ajoelhar-se às palavras: FOI CONCEBIDO POR OBRA DO ESPÍRITO SANTO E NASCEU DE MARIA VIRGEM, ambos subitamente arrebatados em êxtase tiveram a ventura de contemplar o inefável mistério da Incarnação.

O santo bispo insistiu com Paulo e João Batista para que recebessem as sagradas ordens, dizendo-lhes ser esta a vontade de Deus, manifestada a uma sua dirigida. Ela dissera:

" Terão numerosos prosélitos para propagar as glórias de Jesus Crucificado " .

Não fora o estado precário de saúde, teria o snr. bispo ido a Roma expor a Bento XIII a finalidade do novo Instituto e obter-lhe a aprovação.

VÃO A ROMA

Era o ano jubilar de 1725. Paulo resolveu ir em peregrinação à cidade eterna para lucrar o precioso tesouro de indulgências e prostrar-se aos pés do Soberano Pontífice.

" D. Cavalieri, diz seu biógrafo, encorajou aquelas grandes almas a empreenderem a viagem a Roma para obter da Santa Sé a aprovação da santa empresa, deu-lhes cartas comendatícias a vários cardeais e a outros personagens da corte romana " .

Doloroso o momento da separação daquelas três nobres almas, unidas pelos laços de terníssima caridade. Havia seis meses conviviam juntas, servindo a Deus e só dele se entretendo, consumindo-se como vítimas de amor a Jesus Crucificado. E não mais se tornariam a ver na terra! O piedoso bispo já o pressentira, Despediu-se deles por entre muitas lágrimas, dando-lhes a bênção. Os servos de Deus tomaram o caminho de Roma, seguidos pelas fervorosas preces do venerável prelado.

CAPÍTULO XI

1725 - 1727

Índice

ENCONTRO PROVIDENCIAL

SÃO APRESENTADOS A BENTO XIII

VOLTAM A GAETA

JUNTO A N. SENHORA DA CIDADE

MORTE DE D. CAVALIERI

PARTEM DEFINITIVAMENTE PARA
ROMA

ENFERMEIROS EM S. GALICANO

CAPÍTULO XI

1725 - 1727

ENCONTRO PROVIDENCIAL

Em Roma, quando oravam fervorosamente ante o altar da Confissão do Príncipe dos Apóstolos, foram os dois irmãos vistos por monsenhor Marcelo Crescenzi, cônego da basílica Vaticana, logo depois cardeal da santa Igreja. Enternecido pela grande modéstia e recolhimento e pela pobreza do traje dos peregrinos, sentiu-se internamente impellido a perguntar-lhes donde eram e o motivo que os trazia a Roma. Expôs-lhe Paulo a finalidade do Instituto da Paixão, acrescentando que viera solicitar do Soberano Pontífice a aprovação das Regras. O pe. João Maria afirma que o primeiro encontro se teria dado nas

" Tre Fontane " .

O de São Pedro teria sido o segundo.

Notou o prelado na resposta tanta humildade e bom senso, que dele concebeu elevada estima e afeição, inalteráveis até a morte. Muitos anos depois, em carta ao pe. Paulo, rememorava aquelas circunstâncias

" Apraz-me lembrar-lhe que a nossa amizade teve inicio na igreja de São Pedro, no ano jubilar de 1725. Era então cônego daquela basílica, quando o vi com seu irmão, trajados de penitentes, descalços a orar diante do altar da Confissão dos santos apóstolos. Concebi tal desejo de falar-lhes e informar-me de seu estado e vocação que ali mesmo lhes dirigi algumas perguntas. E foi assim que nos conhecemos. Em seguida foram apresentados ao cardeal Corradini e depois a Bento XIII, de feliz memória, que os ordenou sacerdotes. A origem de tão grande bem foi a sua visita aos santuários de Roma nesse traje " .

Desde então jamais cessou o prelado de proteger a Paulo e favorecer a Congregação. Apresentou os dois irmãos, como dissemos, ao cardeal Corradini, seu íntimo amigo. O eminente príncipe da Igreja, grande sábio e coração magnânimo, verdadeiro pai dos pobres, reconheceu sem mais o tesouro de virtudes que enriquecia aqueles Pobres de Jesus, tendo imenso prazer em empenhar seu valimento em prol de seus amigos. Crescenzi, criado cardeal e arcebispo de Ferrara, morreu em 1768. Nascera em 1694.

Começavam a realizar-se as proféticas palavras de d. Cavalieri:

" O Instituto é todo obra de Deus: virá à luz do dia por caminhos ocultos e maravilhosos " .

Aí estão, com efeito, os dois personagens, até a pouco desconhecidos de Paulo, de quem se valeu Nosso Senhor para realizar os seus desígnios. Ainda veremos coisas mais maravilhosas. Teceram elogios tais dos dois irmãos, que Sua Santidade desejou ouvi-los em Santa Maria IN DOMINICA, chamada vulgarmente a NAVICELLA.

SÃO APRESENTADOS A BENTO XIII

Chegou enfim o dia por que Paulo tanto suspirara e pedira com orações e lágrimas; dia em que lhe era dado lançar-se aos pés do Vigário de Jesus Cristo, de quem uma só palavra era o suficiente para levar a efeito a magna obra da Providência.

Os homens de Deus vão de madrugada a Santa Maria e lá esperam com ansiedade o momento solene. São apresentados ao Papa.

A fé lhes faz ver no seu Vigário o próprio Jesus Cristo. Prostram-se e beijam-lhe os sagrados pés. Paulo, refere-o mais tarde, não pode articular palavras. Foge-lhe da mente todo pensamento e, sob o peso de profundo respeito, é todo confusão e mudez. Mas, encorajado pelas afetuosas palavras do Pontífice, expõe rapidamente o espírito do Instituto e conclui rogando-lhe a faculdade de reunir companheiros.

O Santo Padre ouve-o com benevolência e persuade-se do que lhe disseram o cardeal Corradini e Mons. Crescenzi. E sem mais concede-lhe, vivae vocis oraculo, tudo o que pedira.

Deste modo, em 1725, ano de indulgência e perdão, foi colocado o selo da autoridade apostólica na, Congregação da SS. Cruz e Paixão de N. S. Jesus Cristo; época verdadeiramente memorável nos anais do Instituto.

VOLTAM A GAETA

Após entoar de coração cânticos de ação de graças ao Senhor, aos apóstolos são Pedro e são Paulo e aos mártires da cidade eterna, voltaram para Gaeta.

O primeiro a ter conhecimento da feliz nova foi o snr. bispo de Tróia. Satisfeitíssimo com noticia tão agradável, quando mais sofria a ausência de seus amadíssimos irmãos, assim os chamava em sua bondade, respondeu-lhes nos termos seguintes:

" Oh! quanto me consola o saber - bendito seja Deus! - que podeis reunir-vos em comunidade com os que desejam imitar-vos! Não sou invejoso, mas Aemulor Dei aemulatione: tenho santa inveja do bispo de Gaeta, por vos possuir em sua diocese. Nada obstante, in spe contra spem spero et confido: confio e espero contra toda esperança "

Que é que esperava? Ele mesmo o diz claramente em outra carta

" Se meus pensamentos não são temerários, espero e confio ter em minha diocese, antes de falecer, alguns dos vossos companheiros, caso os meus pecados não impeçam tão grande ventura "

O santo bispo envidou todos os esforços por encontrar lugar conveniente e fundar uma casa do Instituto, pois ele e mais um sacerdote aspiravam terminar os dias revestidos da santa libré da Paixão, entregando-se unicamente à prece, à penitência e à propagação das glórias e ignomias de Jesus Crucificado.

Paulo anelava proporcionar-lhe essa consolação e, ao mesmo tempo, viver ao lado de alma tão santa, mas graves razões o retinham em Gaeta, na ermida de Nossa Senhora da Cadeia, admiravelmente conforme o espirito do Instituto e onde começavam a chegar alguns companheiros desejosos de consagrar-se à Paixão do Redentor.

Eram um sacerdote, que apenas conhecemos pela menção que dele faz d. Cavalieri, e o bom Ricinelli, o clérigo de que já falamos.

Este, havia muito se entregara à vida de comunidade com os servos de Deus, imitando-os com fervor admirável em todas as práticas de devoção e penitência. Resolvido a não mais deixá-los, aspirava pelo dia da vestidura.

Paulo chamou à ermida de RETIRO para caracterizar o espirito do Instituto. Esta a razão por que os Passionistas chamam suas casas de RETIROS.

Ali formava, com o exemplo e a palavra, os primeiros filhos, excitando-os a imitarem as virtudes de Jesus Crucificado. Foi, então, com mais clareza, que demonstrou possuir o dom de ler nas consciências e no futuro: dom esse que mais lhe realçou a santidade.

Certa pessoa, ligada pelos laços do matrimônio, aparentemente - desprendida dos cuidados terrenos, estava, conforme se dizia, em continua oração. Julgavam-na em intimas comunicações com Deus e alguns afirmavam que a ss. Virgem a honrava por vezes com sua presença e seus colóquios.

Apresentaram-na a Paulo que, ao examinar-lhe o espirito, concluiu ser tudo engano do demônio. Advertiu-a com muita caridade e ensinou-lhe o verdadeiro caminho da perfeição cristã. Mas foi em vão. Em breve, todos reconheceram a verdade do parecer do santo.

Algumas pobres esposas de marinheiros esperavam seus maridos, ausentes havia muito. Como não recebiam notícias, estavam afluíssimas, na suposição de um naufrágio. Foram ter com o santo, esperando palavras de consolo. Respondeu-lhes com o rosto sereno que nada temessem, porque os maridos, por quem tanto choravam, estavam sãos e salvos. Indicou-lhes até o lugar onde se encontravam naquele momento e afirmou que em breve chegariam com lucros consideráveis. O júbilo daquelas senhoras atingiu o auge quando tiveram a ventura de revê-los, como predissera o servo de Deus.

Em outra ocasião, os mesmos cuidados e as mesmas esperanças levaram à ermida diversas senhoras, e Paulo, comovido, mandou-as voltar daí a três dias. Reuniu, entretanto, a pequena comunidade e puseram-se em oração. Ao revê-las, anunciou-lhes que o navio em que estavam seus esposos corraera grande perigo de cair nas mãos dos turcos, mas não o permitira a misericórdia infinita de N. Senhor e dali a quatro dias entraria no porto. Quatro dias eram passados e a embarcação atracava no porto! Antes de interrogados, narraram os navegantes, ainda a tremer, como por verdadeiro milagre haviam escapado dos cruéis inimigos do nome cristão, que por largo tempo os perseguiram a fim de levá-los cativos para a África.

Por sua vez, referiram-lhes as esposas a profecia do santo e os conduziram à ermida de Nossa Senhora da Cadeia para agradecerem ao homem de Deus.

“ À Virgem é que deveis agradecer, disse Paulo, pois foi ela quem vos salvou do iminente perigo de morte ” .

Estes e outros fatos não menos admiráveis atraíram à ermida verdadeiras multidões. As honras que lhes tributavam e as visitas sempre mais numerosas acabaram por tirar-lhes a doce quietude da solidão. A fim de se subtraírem à glória e reaverem o sossego da oração, deliberaram retirar-se para o santuário de Nossa Senhora da Cidade, no território de Itri, edificado no cume de alta montanha, cuja parte setentrional limita o horizonte de Gaeta.

A força de súplicas obtiveram do snr. bispo permissão de habitar aquele ermo, em companhia dos sacerdotes que velavam pelo santuário.

JUNTO A N. SENHORA DA CIDADE

Partiram com Ricinelli, pois o outro noviço abandonara as fileiras da milícia da Cruz. Percorreram sete milhas para chegar ao sopé daquela alta montanha, desnuda e escarpada. Resolutamente, empreenderam a subida. Após longa caminhada, divisaram, afinal, o santuário por entre a floresta de azinheiras que, qual diadema, o circunda.

Chega-se ao santuário por tortuosa vereda, a cuja beira surgem, aqui e ali, pequenas capelas com as estações da via sacra.

A igreja está edificada ao lado de magnífica azinheira, ostentando a imagem da Virgem com o Menino Jesus nos braços. Diz a tradição que a imagem fora encontrada sobre a vetusta árvore.

Naquele profundo ermo podiam os homens de Deus gozar mais livremente dos frutos da solidão e abismar-se com mais fervor nas contemplações celestes. O canto dos divinos louvores e a santidade de Paulo e João Batista consagraram novamente aquele lugar abençoado. Colocaram-se sob a direção espiritual do venerável sacerdote Erasmo Tuccinardi, que, embora lhes refreasse o rigor das penitências, mortificava-os de mil maneiras. Tirou de Paulo e conservou como preciosa relíquia uma disciplina ensangüentada, confeccionada de sete cordas, de cujas extremidades pendiam outras tantas bolas de chumbo, com seis pontas de ferro cada uma. Impunha por vezes aos dois irmãos humilhações heróicas. Ordenava-lhes, por exemplo, levarem ao santuário grandes troncos de árvores, cortadas no mais espesso da floresta, e eles, alegres, obedeciam, carregando-os aos ombros, descalços, a derramar suor, através dos escabrosos atalhos.

A santidade possui irresistível sedução. Os santos fogem do mundo para os desertos e o mundo teima em segui-los.

O desejo de ver e ouvir o apóstolo da Paixão atraía àquelas alturas numerosos peregrinos. Paulo sempre pronto a deixar Deus por Deus, acolhia-os com a afabilidade dos santos, inflamando-os no amor a Jesus Crucificado.

Mais unidos pelos laços da graça que pelos vínculos do sangue, os dois irmãos auxiliavam-se mutuamente na subida para a cume da perfeição. Certa feita, percorrendo de assuntos espirituais com algumas senhoras que foram visitá-lo, Paulo sentiu, de repente o fogo do santo amor a refletir-lhe do coração no rosto e começou a relatar com simplicidade diversas graças recebidas de N. Senhor, quando chegou João Batista. Como se o surpreendera em alguma falta, disse-lhe em tom severo

" Ah! Paulo, Paulo, ai estão os seus costumes!...

"

O santo interrompeu imediatamente a conversa, abaixou a cabeça em sinal de obediência e se encaminhou para a igreja, com grande edificação para aquelas pessoas.

MORTE DE D. CAVALIERI

Dois meses ainda não eram decorridos da sua permanência no santuário de Nossa Senhora da Cidade, quando sobreveio a morte do estimado d. Cavalieri.

Após a carta de que falamos, o venerável antístite, sempre com o desejo de possuir um retiro Passionista, confiara ao pe. Crivelli, da Companhia de Jesus, a incumbência de examinar vários lugares, escolhendo o que julgasse mais conveniente. O prelado escrevera a respeito aos servos de Deus, manifestando a esperança de tornar a vê-los no local

" escolhido por tão admirável homem de Deus como é o padre Crivelli " .

Satisfeito com os piedosos desejos do prelado, aprovou a N. Senhor tirá-lo do desterro e levá-lo para o repouso da pátria celeste. E' de crer que Deus revelasse ao santo bispo seu próximo trespasses, pois, antes de enfermar, dissera com convicção:

" Em breve morrerei... Não tardará o dia em que

deporei o meu tabernáculo... Urna só coisa pedi a Deus e esta espero consegui-la habitar, por sua infinita misericórdia, na casa do Senhor (Sl. 26, 7) " .

Caiu gravemente enfermo na véspera dos santos Patronos de sua Catedral, 19 de julho de 1726, e pouco depois estava às portas do sepulcro. Anelando expirar nas chagas sagradas de Jesus, pediu a d. Ligório, Bispo de Lucera, seu mais íntimo amigo, que viera assisti-lo, lhe colocasse nos lábios, no momento supremo, a imagem de Jesus Crucificado. Ao principiar a plácida agonia, o santo amigo, desfeito em lágrimas, apresentou-lhe o Crucifixo e recitou a última oração: Senhor, em vossas mãos entrego a minha alma. Esforçou-se o moribundo por repeti-la, beijando com amor o seu Jesus Crucificado. Percebeu-se que dizia em voz baixa Meu Deus e meu tudo, e sua alma foi unir-se ao Salvador na eternidade, precisamente no momento em que o pe. Crivelli, celebrando o santo Sacrifício pelo agonizante, elevava a sagrada Hóstia. D. Cavalieri subia ao Céu juntamente com a Vítima divina, aos 11 de agosto de 1727. Relatou mais tarde o nosso santo que a alma do prelado fora vista por um contemplativo entre os eleitos, no paraíso. Ao apresentar-se ante o trono da ss. Trindade, depois da primeira impressão do amor beatífico, rogou pelo estabelecimento e progresso do Instituto da Paixão. Nosso Senhor respondeu-lhe que sua oração fora ouvida. Esse contemplativo era Paulo, afirmam-no diversas testemunhas.

Perdera aqui na terra o dedicado e santo amigo. Mas, certo de que adquirira no Céu poderoso intercessor, as lágrimas de pesar converteram-se em lágrimas de consolação.

Como a caridade de Nosso Senhor fizera daquelas duas almas uma só, os Passionistas, filhos de Paulo da Cruz, podem chamar-se também filhos deste grande bispo. Incluí-lo-ão na série dos primeiros religiosos e te-lo-ão em eterna memória.

PARTEM DEFINITIVAMENTE PARA ROMA

Com a morte de d. Cavalieri, perdeu Paulo a esperança da propagação do Instituto no reino de Nápoles.

Volveu, então, seus olhares para Roma, onde as instituições piedosas, como plantas em terreno propício, germinam com mais vigor, lançam mais facilmente raízes e produzem abundantes frutos.

Quanto ao mais, o servo de Deus vivia abandonado às inspirações do divino Paráclito.

Aos 14 de setembro, com o irmão e com Ricinelli, deixou o santuário de Nossa Senhora da Cidade e seguiram para Gaeta, donde, recebida a bênção do sr. bispo, embarcaram para Roma,

Já vimos como a divina Providência lhe proporcionara, até nos degraus do trono pontifício, ilustres e generosos protetores. Um dos mais eminentes, glória da púrpura romana, foi o cardeal Corradini, verdadeiro pai dos pobres. Auxiliado por caritativo sacerdote, pe. Emílio Lami, recolhera sua Eminência alguns mendigos em casa de aluguel. Entre eles havia crianças atacadas de lepra e de outras enfermidades não menos repugnantes. O bom sacerdote, ao passo que lhes curava as chagas com ternura verdadeiramente paternal, não olvidava ensinar-lhes a doutrina cristã. O cardeal não se contentava com admirar essa heróica abnegação; tratava

também dos enfermos. Com suas abundantes esmolas e as da nobreza romana, pôde ampliar a instituição, transformando-a num pequeno hospital, muito bem aparelhado, onde podiam asilar-se cerca de cinquenta doentes. Visitava-os freqüentemente. Certo dia para lá levou o cardeal Orsini, vitimo amigo seu, então bispo de Benevento, também muito compassivo para com os membros sofredores de Jesus Cristo.

Esta a origem do belo hospital de São Galicano, que o cardeal Orsini, elevado à Cátedra Pontifícia, com o nome de Bento XIII, mandara construir junto ao Janículo, quando chegavam a Roma Paulo e seus filhos.

O cardeal Corradini, a quem o Santo Padre nomeara protetor do incipiente hospital, recebeu-os quais enviados do Céu e solicitou sua cooperação. Esta não era, porém, a finalidade principal da vocação do santo. Não seria, por ventura, encerrar em acanhados limites a caridade que lhe desabrochava do coração, grande como o universo? Deus não o chamara para ser o médico universal de todas as dores humanas? Nada obstante, o apóstolo deve começar por ver a todos em seu derredor, para medicar a todos. E é no hospital que se adquire essa rápida experiência, pois é lá que se abraçam tildas as misérias espirituais e corporais. Paulo bem o compreendeu, condescendendo com o desejo do cardeal, persuadido de que essa abnegação atrairia bênçãos para o Instituto.

Deus, nas mais solenes promessas, submete a provas a fé dos seus eleitos. Ricinelli caiu doente e teve de ir respirar o ar nativo. Paulo, que o amava como a filho, chorou a sua partida, consolava-o, no entanto, a esperança de breve regresso. Mais tarde o fervoroso noviço pretendeu agregar-se novamente a Paulo, no monte Argentário, mas a mãe, que enviuvara, deteve-o em Gaeta, onde foi sacerdote exemplar e viveu o suficiente para render testemunho jurídico sobre as virtudes do santo.

ENFERMEIROS EM S. GALICANO

Terminado o hospital e consagrada a igreja pelo Soberano Pontífice sob a invocação de São Galicano, aos 8 de outubro de 1726 houve solene tomada de posse.

Espectáculo comovente que houvera maravilhado aos Césares da Roma pagã! Marcha gloriosa, bem diversa da dos antigos triunfadores em demanda do Capitólio, arrastando, acorrentados, os míseros vencidos!

,Aqui triunfam os vencidos da dor, divinizada no Calvário. Os enfermos, com passo lento ou carregados em carros, em liteiras ou nos braços de pessoas caridosas, avançam por entre a multidão comovida! Vai à frente João Batista, empunhando o estandarte da Cruz; Paulo, os sacerdotes e os cardeais, entoando hinos, encerram o cortejo triunfal. Conduzem ao palácio da caridade aqueles pobres, enfermos, anciãos, crianças... que os patrícios da antiga Roma lançaram aos tanques para cevar as lampréias.

Os servos de Deus dedicaram-se àquela obra como

“ se abraçassem nos pobres o mesmo Jesus Cristo ” ,

segundo a expressão de Paulo. Indizível a ternura e a caridade com que os instruíam nas verdades da fé, dispondo-os a receberem os santos Sacramentos. Ensinavam-lhes a santificar os sofrimentos, prodigalizavam-lhes os mais humildes favores. Sua palavra inflamada

abrasava-lhes os corações no divino amor.

Zelavam outrossim pelos enfermeiros, instruindo-os no segredo de transformarem em tesouros de méritos as nobres fadigas da caridade.

Recomendara-lhes o cardeal protetor desenrolassem ativa vigilância no desvelo aos doentes e velassem para que se não introduzisse nenhum abuso, ruína certa das obras mais santas.

Muitas vezes o dever vai de encontro às paixões. Teria a caridade muitos atrativos, se sempre encontrasse reconhecimento. No entanto, foram as injúrias a recompensa dos trabalhos prestados por Paulo e João Batista no hospital de São Galicano.

Respondiam com o silêncio e a paz, ditosos, dizia Paulo,

“ por termos ocasião de mortificar-nos e aplicar-nos ao desprezo de nós mesmos ” .

Pouco se lhes dava das perseguições, contanto não fossem prejudicados os interesses dos enfermos; mais sofriam e mais superabundavam de alegria. Escrevia o santo:

“ E' esta uma vinha de preço inestimável ou, para melhor dizer, é a fogueira mais abrasadora da caridade... Deus seja bendito! ” .

Se Nosso Senhor não deixa sem recompensa um copo de água dado por seu amor, quais não seriam as bênçãos do Céu em recompensa de tantos sacrifícios?

Em breve tornou-se o hospital LUGAR DE SANTIFICAÇÃO e verdadeira escola do Calvário, onde se aprendia a aviar e imitar a Jesus Crucificado. Os doentes, restabelecidos, safam dali com a consciência tão delicada que, no dizer de um escritor contemporâneo, pareciam sair de retiro espiritual.

Tomaram por guia nos caminhos de Deus o superior do hospital, pe. Emílio Lami, que, notando neles sólida virtude, os mortificava publicamente. Certa vez ministrou-lhes guardanapos bastante sujos, de que se tinham servido os mais repugnantes enfermos.

Viera visitar o hospital a marquesa de Vasto. Após acompanhá-la por todo o edifício, disse-lhe o pe. Lami:

“ Senhora, convém observeis como aqui se pratica a virtude ” .

Mandou chamar a Paulo e João Batista e, sob fútil pretexto, repreendeu-os asperamente. Sem pronunciar palavra, puseram-se imediatamente de joelhos, como se foram culpados. Beijaram em seguida as mãos do superior, retirando-se tranqüilos, com grande edificação da marquesa.

O pe. Lami amava-os ternamente. Costumava dizer serem eles o mais precioso tesouro do hospital.

Índice

SÃO ORDENADOS SACERDOTES POR
BENTO XIII

O SANTO NO ALTAR

VISITA INESPERADA

MORTE DO PAI

ÚLTIMA VISITA A CASTELLAZZO

NOVAMENTE EM ROMA

CAPÍTULO XII

1727 - 1728

SÃO ORDENADOS SACERDOTES POR BENTO XIII

Como o pe. Lami, também o cardeal Corradini amava e venerava a Paulo e João Batista. Grandemente admirados do zelo dos servos de Deus, julgaram maior bem produzirem, ordenados sacerdotes. Estes jamais aspirariam a tão sublime dignidade, não soubessem ser esta a vontade de N. Senhor, manifestada por d. Cavalieri. E' que estavam compenetrados da divina excelência do sacerdócio!

O cardeal falou-lhes a respeito. A humildade dos dois irmãos opôs sua autoridade de superior, ordenando-lhes, em nome da obediência, se preparassem às Ordens sagradas.

Incumbiu-se s. eminência de escrever ao bispo de Alexandria, d. Gattinara, que os revestira do santo habito, solicitando as cartas dimissoriais.

Os servos de Deus preparavam-se, com extraordinário fervor, à tremenda dignidade. Amestrados, na solidão, nos sublimes mistérios da fé e nos ensinamentos das sagradas escrituras, apenas lhes faltava conhecer da teologia o necessário para as funções sacerdotais. Entregaram-se a esse estudo com todo o entusiasmo. Tiveram por professor o pe. frei Domingos Maria, menor observante e pároco de São Bartolomeu, na ilha Tiberina.

Receberam a tonsura das mãos de d. Beccari, vigário geral, em sua capela particular, aos 6 de fevereiro de 1727, e as ordens menores no dia 23 do mesmo mês. Aos 12 de abril seguinte, sábado, feitos os exercícios espirituais em o noviciado dos padres Jesuítas, em Santo André de Monte Cavallo, foram promovidos ao subdiaconato, na basílica de Latrão, e ao diaconato no dia 1.º de maio, EXTRA TEMPORA, com dispensa apostólica, após o retiro espiritual na casa dos Lazaristas, no Monte Citório. Finalmente, aos 7 de junho do mesmo ano, sábado das tẽmporas de Pentecostes, foram ordenados sacerdotes na basílica Vaticana, pelo Santo Padre, o Papa Bento XIII.

No momento em que eram associados ao eterno sacerdócio de Jesus Cristo pelas mãos augustas de seu Vigário, irradiavam-lhes do rosto tal fervor e modéstia a ponto de maravilhar o Soberano Pontífice. Ao ver Paulo prostrado a seus pés, pronunciou com voz diais forte as palavras: ACCIPE SPIRITUM SANCTUM - recebe o Espírito Santo.

Apoiou-lhe fortemente as mãos na cabeça e, tornando a junta-las, acrescentou em tom penetrante: DEO GRATIAS, expressão que não está no Pontifical Romano, ditada sem dúvida pelo Espírito de Deus na ordenação de um santo, a quem, decorrido um século, na mesma basílica, seriam tributadas as honras dos altares. Pio IX foi devotíssimo de São Paulo da Cruz. Publicou o decreto de sua canonização aos 4 de outubro de 1866 na capela Vaticana em que o servo de Deus fora ordenado sacerdote.

Terminada a cerimônia, conversou o Papa familiarmente com ambos os irmãos, dirigindo-lhes várias perguntas. Paulo respondia com respeito e simplicidade.

O SANTO NO ALTAR

O nosso santo é, pois, sacerdote!... Vai tomar nas mãos o sangue do Cordeiro divino e oferecer a Víctima imaculada... Tudo eram transportes de alegria e êxtases de amor...

Nesse primeiro Sacrifício oferecido por mãos tão puras, visitou Deus a seu ELEITO com assinalados favores. Muitos anos decorridos, ao recordar-se daquele momento feliz, derramava dulcíssimas lágrimas. Ignoramos quais fossem esses favores, mas conhecemos uma visão admirável numa festa da ss. Trindade e todas as circunstâncias se unem a essa primeira hora de iniciação sacerdotal. Vejamo-lo.

Paulo rendia fervorosas ações de graças da santa missa, quando, arrebatado em êxtase, ouviu os anjos cantarem:

" AO CÉU... AO CÉU... "

Raios de luz celeste desvelaram-lhe as belezas da eterna Jerusalém! A transbordar de alegria, contemplou os coros dos santos, a hierarquia dos anjos e a Rainha do paraíso, sobrepujando a todos os bem-aventurados pelo resplendor da glória, e viu...

" oh! que visão!... "

exclamava mais tarde, referindo-se àquelas maravilhas. Ante seus olhares estava a HUMANIDADE DO VERBO, manancial da glória, cujos fulgores enchem o paraíso. Contemplou, ademais, em meio dum oceano de luz e através de luminosos véus, a Trindade augusta. Penetrou, ao mesmo tempo, profundamente, no conhecimento das infinitas perfeições divinas, a ponto de poder exclaimar

" Oh! que noção possuo, desde aquele arrebatamento, do Poder, da Sabedoria, da Bondade e dos demais atributos divinos!... Altura incomensurável!... Impossível é descrever o que vi, pois não há expressões adequadas " .

Mais. O divino Espírito Santo mostrou-lhe o fulgurante trono que lhe estava preparado desde o princípio do mundo.

Durou a visão cerca de hora e meia.

Imaginemos com que fé e amor subiria Paulo ao altar!

Apesar de absorto nos augustos mistérios, cumpria escrupulosamente as cerimônias, nada julgando de somenos nas coisas de Deus. Inflamava-se-lhe paulatinamente o rosto e lágrimas copiosas umedeciam os paramentos sagrados. Com o decorrer dos tempos, diminuíram as lágrimas, particularmente nas aridezes e desolações espirituais. Porém, jamais deixou de chorar depois da Consagração.

Qual a fonte misteriosa e inesgotável dessas lágrimas? Ouçamo-lo em palestra com seus filhos

" Acompanhai a Jesus em sua Paixão e Morte, porque a missa é a renovação do Sacrifício da Cruz. Antes de celebrardes revesti-vos dos sofrimentos de Jesus Crucificado e levai ao altar as necessidades de todo o mundo "

Quando celebrava, afigurava-se-lhe estar no Calvário, ao pé da Cruz, em companhia da Mãe chis Dores e do Discípulo predileto, a contemplar Jesus em suas penas Essa a causa de tantas lágrimas, verdadeiro sangue da alisa que, mesclado com o Sangue divino do Cordeiro, eram oferecidas ao Eterno Padre para aplacá-LO e atrair sobre os homens graças e benefícios.

Revestir-se de Jesus Crucificado antes do santo Sacrifício, Paulo o fazia diariamente, pois não subia ao altar seu macerar com disciplina terminada em agudas pontas, enquanto meditava a dolorosa Paixão do Senhor, unindo-se espiritual e corporalmente aos tormentos do seu Deus. Terminada a santa missa, retirava-se a lugar solitário, entregando-se aos mais vivos sentimentos de gratidão e amor.

E prescreveu nas santas Regras este método de preparação e ação de graças à santa missa.

Ao comentar as palavras do Evangelho COENACULUM STRATUM, dizia ser o cenáculo o coração do padre, cuja integridade deve ser defendida a todo custo, mantendo-se sempre acesas as lâmpadas da fé e da caridade. Comparava também o coração sacerdotal ao sepulcro de N. Senhor, sepulcro virgem, onde ninguém fora depositado. E acrescentava

" O coração do sacerdote deve ser puro e animado de viva fé, -de grande esperança, de ardentíssima caridade e veemente desejo da glória de Deus e da salvação das almas "

Zeloso da rigorosa observância das rubricas, corrigia as menores faltas. Velava outrossim pelo asseio das alfaias sagradas

" Tudo o que serve ao santo Sacrifício, dizia, deve ser limpo, sem a menor mancha " .

Veza por outra mostrou N. Senhor com prodígios quão agradável lhe era a missa celebrada pelo seu fiel servo.

Celebrava certo dia na capela do mosteiro de Santa Luzia, em Corneto. Tinha como ajudante o ilustre personagem Domingos Constantini. Pouco antes da Consagração, envolveu-o tênue nuvem de incenso, embalsamando o santuário de perfume desconhecido, enquanto o santo se elevava a cerca de dois palmos acima do supedâneo. Terminada a Consagração, envolto sempre

naquela misteriosa nuvem, alçou-se novamente ao ar, com -os braços abertos. Dir-se-ia um Serafim em oração.

O piedoso Constantini de volta à casa, maravilhado, relatou o fato, glorificando a Deus, tão admirável nos seus santos.

Retornemos, porém, ao hospital de São Galicano.

VISITA INESPERADA

Os neo-sacerdotes, animados de novo espírito, desenvolviam maior atividade em prol dos queridos enfermos, sem interromper os estudos da teologia e das sagradas Escrituras, sob o magistério do vigário de São Bartolomeu. Não lhes parecia suficiente o apostolado do exemplo: era necessária a ciência, luz do intelecto, triunfadora do erro. Deveriam ser, na casa de Deus, lâmpadas ACESAS E FULGURANTES. João Batista tornou-se mui versado nas Escrituras; Paulo adquiriu o dom da palavra, forjadora de apóstolos.

Por esse tempo, receberam inesperada visita.

Os idosos pais, não tendo notícias dos dois filhos, enviaram a Roma José, seu irmão, que, desconhecendo a cidade, muito andou para encontrá-los. Extenuado pela longa viagem, acometeram-no violentíssima febre e fortes dores de cabeça. Não podendo suportar as dores, suplicou a Paulo, sentado junto ao leito, lhe colocasse a mão na cabeça... Persuadira-se de que se restabeleceria pelos méritos do santo. Descobriu Paulo as intenções do irmão e aconselhou-o se recomendasse a Deus, em quem deveria confiar. Vencido, porém, pelas reiteradas súplicas do enfermo, pôs-se de pé e exclamou

“ Pois bem, tem confiança. O sacerdote tem poder para ressuscitar os mortos ” ...

E colocando a destra na fronte de José, proferiu as palavras do Evangelho:

“ Super aegros manus imponent et bene habebunt: imporão as mãos sóbre os enfermos e estes serão curadas (Marc. 16, 18) ” .

E o irmão adormeceu... Ao despertar, duas horas após, já não sentia dor alguma. De volta a Castellazzo, inebriou de contentamento o coração dos pais, narrando maravilhas a respeito dos irmãos.

MORTE DO PAI

Mas, ai! as alegrias deste mundo são fugazes

A morte veio ferir o venerando Lucas Danei. Alguém, ao passar-lhe ao lado, inadvertidamente esbarrou nele com violência, lançando-o por terra. A queda foi mortal. O primeiro pensamento do moribundo foi recomendar à família não guardasse ressentimento contra o involuntário autor de sua morte. Abandonando-se totalmente ao divino beneplácito, recebeu os últimos sacramentos e abençoou a desolada família. A esposa, com coragem

que somente a fé pode inspirar na hora do sacrifício, permaneceu de joelhos ao pé do leito do moribundo, a recomendara Deus, com lágrimas e orações, o esposo querido, que a precederia na eternidade.

Assim descansou na paz do Senhor aquele modelo de cristão e de pai, cujas virtudes mereceram dar à Igreja um santo.

A noticia da morte chegou a Roma no dia 16 de agosto.

A austeridade da vida, longe de entorpecer o coração, fá-lo, ao contrário, mais terno e sensível, enquanto que o purifica. O amor de Deus acrescenta à piedade filial um não sei quê de delicadeza afetuosa, que a natureza a sós não poderia dar-lhe.

Os pensamentos de Paulo e João Batista voam para a pobre mãe, sem arrimo e agravada do peso de numerosa família. Que angústias lhe não dilaceram o coração?! Paulo compreendeu que só cartas não seriam suficientes em circunstâncias como essa. Se pudera, voaria para junto da desolada mãe. Escreveu-lhe no mesmo dia as seguintes linhas, que transpiram, a um tempo, a mágoa do filho e a esperança do santo.

" Viva Jesus! "

" Querida mãe. Profundíssimo pesar causou-nos a morte de papai; tanto maior, por ignorarmos as circunstâncias que a acompanharam. Mas creia, mamãe, adoramos imediatamente a vontade de Deus. Pela mesma razão deve a senhora consolar-se. "

" Alegre-se, querida e venerável mamãe, pois nutrimos fundadas esperanças de que papai já esteja no Céu. Tudo faça para que os membros de nossa família participem da nossa alegria. Não posso escrever-lhe outra coisa. Dir-lhe-ei apenas que partiremos quanto antes para Castellazzo e, então, tudo faremos por ajudá-los, tendo unicamente em vista a glória de Deus " .

" Acabamos de receber sua carta e hoje mesmo pediremos permissão para partir. Fá-lo-emos, se Deus for servido, nos princípios de setembro. "

" Reze por nós. Amanhã e nos dias seguintes aplicaremos a santa missa pela alma do nosso falecido pai. "

" Roma, 16 de agosto de 1727.

Seus afetuosíssimos servos e filhos,

Paulo Francisco e João Batista " .

E' esta a linguagem dos santos.

Chora o coração, mas a fé adora e revela a esperança como um raio do Céu. O primeiro golpe de uma grande dor consterna. O filho, ferido no coração, não tem forças para dizer outras coisas; mas irá ter com a mãe, acompanhá-la-á no pranto, orienta-la-á para que tudo seja de maior glória a Deus e paz da família enlutada.

Ele também necessita de orações e pede-as à mãe extremosa. O sacerdote levará ao altar a sua aflição e banhará no Sangue de Cristo a alma do pai, ternamente chorado.

ÚLTIMA VISITA A CASTELLAZZO

Com autorização do cardeal Corradini, põem-se a caminho. Chegados a Castellazzo, após dois meses de penosa viagem, caem doentes.

Paulo ficou dois meses sem celebrar.

Foi, contudo, de grande consolação para a pobre mãe, a presença dos amados filhos. Aconselharam-na a respeito dos negócios domésticos, encorajaram-na, avivando-lhe os sentimentos cristãos, fonte inexausta de secretas doçuras nas contrariedades da vida.

Antes de retornarem a Roma (dezembro), aconselharam novamente aos irmãos, exortando-os a perseverarem na prática do bem e na fidelidade ao divino amor.

Acompanhados pelas lágrimas de todos e pela bênção da santa mãe, dirigiram-se a Gênova, a fim de embarcar para Roma.

Foi essa a sua última visita à terra natal; jamais, porém, se descuidou o nosso santo dos parentes. Como seu amor se não baseava na carne nem no sangue, tinha unicamente em mira a santificação dos entes queridos no humilde estado em que os colocara a Providência.

Anos volvidos, a bondosa mãe, cuja rara piedade já nos é conhecida, passava também ao eterno repouso. Ana Maria Massari morreu pelos fins de setembro de 1746. A família Danei, que não conseguira melhorar suas finanças, experimentava por vezes alguma necessidade. Paulo, pela dupla influência que lhe davam o título de Fundador de uma Congregação religiosa e as múltiplas e ótimas relações de amizade que possuía, poderia sobremaneira auxiliá-la. Nunca o fez, porém. Seus parentes deviam seguir a Jesus pobre pelo caminho seguro do Calvário. Exortava-os a sofrerem as privações da pobreza, qual mãe que encoraja o filho a suportar passageira dor, mas portadora da saúde e da vida. Escrevia-lhes:

" Crede-me, irmãos muito amados, vós sois os mais felizes do mundo. Pobres nesta vida, tereis, porém, se fordes ricos de fé, os tesouros da eternidade. Sabeis por que Deus vos submete a tanta indigência e trabalhos? E' que deseja tornar-vos ricos para o Céu. Por esse meio assegura-vos a eterna salvação. Breve é o penar, pois não dura mais que um momento; eterna, todavia, será a felicidade " .

" Dizei-me: que desejaríeis, se neste momento tivésseis que morrer? Terdes vivido em meio às riquezas, causa ordinária de graves pecados, e serdes lançados nas chamas do inferno ou, ao invés, terdes passado a existência na pobreza, como viveis, e voardes para o céu? Ânimo, pois, ânimo! Não duvideis. Deus não vos abandonará, sempre tereis o necessário " .

E' esta a maneira de amar os parentes em N. Senhor: ajudá-los a santificar-se no próprio estado.

O servo de Deus não descurava de suas irmãs, temendo os perigos do

mundo. A mãe já não estava entre elas, mas o nosso apóstolo lhes recordava de freqüente as suas virtudes, propondo-a como modelo. Recomendava-lhes a oração, o retiro, a modéstia, a vigilância sobre o coração, companheira inseparável das práticas religiosas, por ser a mais sólida muralha de proteção à virgem cristã. Ao irmão José escrevia

" Meu querido José, recomendo-te diligente vigilância sobre as nossas boas irmãs. Reflete que elas, mais do que quaisquer outras, estão obrigadas a dar bom exemplo e a santificar-se, seguindo as instruções que lhes dei de viva voz e por escrito. Vivam retiradas, trabalhem, entreguem-se à oração e à freqüência dos sacramentos. Sobretudo não admitam visitas de estranhos, seja quem for. Devemos julgar bem de todos, não há dúvida, mas não se deve confiar demasiadamente em ninguém. Nosso Senhor, a ss. Virgem, os anjos e os santos devem ser os únicos confidentes da alma. Deves fugir dos homens, dizia o anjo a santo Arsênio " .

" Nutro firme esperança de que as nossas irmãs hão de santificar-se e sirvam de exemplo para todas as jovens de Castellazzo. Conheço algumas pobres pessoas que, vivendo no mundo, fazem grandes coisas por Deus. Embora sofredoras e pobres, jamais deixam a oração. Oh! como são ditosos os que conhecem a verdade e fogem da mentira, tão espalhada pelo mundo! " .

Com advertência e orações soube Paulo conservar na nobre família dos Dáni as antigas tradições de fé e piedade. Uma de suas irmãs, Teresa, a que observara com interesse as secretas mortificações de Paulo e João Batista quando ainda na casa paterna, era venerada em Castellazzo como santa. Virgem amada de Deus, seguia quanto lhe permitiam as enfermidades, as pegadas do santo. Estava acamada havia muito, acometida de persistente febre. Paulo, que tanto lhe queria, encontrava-se a centenas de quilômetros da boa irmã, num dos retiros dos Estados Pontifícios, quando certa noite pareceu à enferma vê-lo em sonho, revestido do santo hábito da Paixão, de estola roxa... abençoando-a com olhar meigo. Despertou no mesmo instante... desaparecera a querida imagem, mas - oh! agradável surpresa! - desaparecera também a febre.

NOVAMENTE EM ROMA

Fizemos esta digressão, enquanto o navio se fazia de vela para Roma. Ei-los já no termo da jornada. Após dois meses de ausência, ei-los novamente no hospital de São Galicano. Parece que a viagem não foi muito boa. Sabemos, com efeito, que, apenas chegados em Roma, Paulo e João Batista caíram enfermos de febre terçã e o estado do nosso santo se agravou de tal forma que por 18 dias não pôde celebrar, continuando acamado durante todo o inverno. De uma carta à marquesa Del Pozzo consta que a 31 de outubro de 1727 Paulo se acha novamente em Roma. A doença que por 18 dias lhe impediu de celebrar a santa Missa acometeu-o após o regresso de Castellazzo.

A prova está concluída. Os apóstolos já estão formados na caridade, na paciência e na humildade. Soou a hora de fixá-los no verdadeiro caminho de sua predestinação, descortinando-se diante deles a larga estrada do apostolado.

Ter-se-ia de bom grado ocultado na obscuridade do hospital, porque a abnegação cristã procura a penumbra ao irrés da glória, anela o silêncio mais do que a ostentação.

Quais os meios de que se servirá a Providência para atingir os seus intentos? Paulo está, por obediência e em virtude de um voto, preso à cabeceira dos moribundos. Parece haver olvidado as promessas que Deus lhe fizera sobre a fundação do Instituto... Engano. Ele as tem bem presentes, mas, como o justo vive de fé, caminha às cegas por onde Deus o conduz, sabendo que lhe executa as obras por veredas ocultas e misteriosas.

Com efeito, de modo totalmente imprevisto transferiu Deus os dois irmãos de São Galicano para o monte Argentário.

Os servos de Deus adoeceram e a moléstia os foi minando paulatinamente a ponto de reduzi-los a extrema debilidade. Desejavam conservar-se fiéis aos compromissos assumidos, mas tiveram que ceder, porque os médicos declararam que o mal se agravaria, se continuassem a respirar o ar malsão do hospital.

Semelhante contratempo contristou bastante o cardeal Corradini, mas uma inspiração do Céu convenceu-o de que N. Senhor chamava os seus eleitos para propagarem a glória da Cruz. E sua eminência cedeu. De acordo com o cardeal Crescenzi, resolveu afastar todos os obstáculos e, demais, auxiliá-los na medida do possível, no cumprimento do divino beneplácito.

Obteve do Santo Padre um Breve dispensando a Paulo e João Batista do voto de se consagrarem aos enfermos nos hospitais e permitindo-lhes celebrar pelo espaço de um ano, até serem provisionados de um BENEFÍCIO a cargo do cardeal protetor.

Mandou-os, pois, chamar e, embora inconsolável pela perda que teriam os enfermos, privados da caridade, ternura e abnegação sem limites dos santos irmãos, facultou-lhes dirigirem-se para onde Deus os convidava.

Durante o tempo da provação, Paulo ouvia no intimo da alma uma voz a bradar-lhe: "AO MONTE ARGENTÁRIO! AO MONTE ARGENTÁRIO...", enquanto que irresistível impulso o impelia a dedicar-se aos interesses da futura Congregação. Dizia mais tarde a venerável sacerdote

" Quando N. Senhor deseja algo para sua glória, não cessa de estimular-nos até sua realização. Eu ia ocultar-me no hospital de São Galicano e o Senhor me fez sair dele à força de impulsos internos " .

Tinha sempre presente a carta de d. Cavalieri, de santa memória. O douto prelado, ao saber do compromisso contraído com o cardeal Corradini a respeito do hospital de São Galicano, dissera-lhe claramente não serem esses os desígnios de Deus sobre eles. Eis as suas palavras

" Tenho muita dificuldade em aprovar continueis no novo hospital de Roma. Estou certo de que essa incumbência é diametralmente oposta à vossa vocação e ao que nos tem inspirado N. Senhor... E' necessário esperar contra toda esperança: "

" Propior est nostra salus quam cum credidimus "

" Nossa salvação está mais próxima do que julgamos (Rom. 13, 11) " .

" Abraão, pai de nossa fé, enquanto sacrificava o filho, continuava a crer seria o pai de todos os crentes... N. Senhor, nos opróbrios da Cruz, glorificava ao Eterno Pai. O Pai, naqueles vexames, desejava a glória do Filho... Permaneci firmes e inabaláveis, apesar de todas as dificuldades... Eu mesmo não sei o que escrevi " .

Estas proféticas palavras escrevia-as o venerável bispo sem lhes compreender o misterioso sentido. Eventos futuros encarregar-se-ão de patentear que foram inspiradas por Deus. X. Senhor, por vezes, conduz a seus eleitos por caminhos aparentemente contrários aos seus desígnios. E' que nas obras divinas o que se nos afigura revés é sempre ressurreição, porque Ele se compraz comumente em tirar a vida do próprio âmago da morte.

Paulo, a quem o Senhor dissera:

" Serás pai de numerosa família de apóstolos " ,

vai encerrar-se em obscuro hospital. Deus rompe, afinal, esse laço, pela voz do Papa, afastando o santo de São Galicano, após revesti-lo da autoridade sacerdotal, indispensável à fecundidade do apostolado, d paternidade das almas e à magna obra a que o destinara. E não são, por ventura, necessários ao apóstolo, para ser perfeito, o altar, o púlpito e o tribunal da reconciliação?

Com a permanência de Paulo no hospital de São Galicano, outros foram ainda os desígnios de Deus, ora claramente revelados.

O hospital, construído pelo Chefe da Igreja, é obra nascente. Necessita grangear desde o inicio a simpatia e a veneração gerais. Além da glorificação da dor, é necessária a da santidade. E quem melhor do que Paulo, cujas virtudes deixarão ali eterna memória, poderá dar-lhe esse prestígio? Ademais, terá ali início a pequena Congregação dos CLÉRIGOS HOSPITALEIROS. Paulo da Cruz auxiliará a fundação. Ele lançará os fundamentos do espirito de caridade e sacrifício que deverá animá-la.

E não terá sua própria Congregação nestes exemplos eloqüente lição de caridade? O Passionista compenetrado do espirito do Instituto está sempre pronto a deixar o retiro para correr à cabeceira dos moribundos, como incessantemente recomendava o santo Fundador.

" Se pelos nossos pecados, dizia ele, Deus enviasse a peste, desejaria ser o primeiro a sair da solidão, a fim de socorrer os pobres empestados, e fá-lo-ia, com a graça de Deus, até o derradeiro alento " .

Na velhice, aos religiosos que lhe pediam permissão para ir ao hospital dizia com entusiasmo

" Oh! que preciosa vinha é o hospital! Quanto bem lá se faz aos enfermos! Benditos sejais! Sim, ide servir àqueles pobres. Eu também iria de mui boa vontade, não fosse surdo e de saúde Mo abalada. Mas Deus não o quer e estou contente " .

Paulo anelava deixar aos filhos a preciosa herança da sua caridade e abnegação para com os pobres.

CAPÍTULO XIII

1728 - 1730

Índice

A CAMINHO DO ARGENTÁRIO
NA ERMIDA DE S. ANTÃO
APOSTOLADO EM PORTÉRCOLE
FATOS PRODIGIOSOS
PRIMEIROS COMPANHEIROS
COMO VIVIAM OS PRIMEIROS
PASSIONISTAS
DEFECÇÕES

CAPÍTULO XIII

1728 - 1730

A CAMINHO DO ARGENTÁRIO

Deus manifestara a sua vontade.

Quais cervos sedentos em busca das fontes da água viva, Paulo e João Batista voam para o Monte Argentário, futuro berço do Instituto da Paixão.

Chegados a Portércole, souberam que a ermida da Anunciação estava habitada por certo anacoreta. Lá estava Antônio Schiaffino, o conterrâneo que saíra de Gaete. É' verdade que, não longe, havia outra ermida dedicada a santo Antão, mas em tal estado que lhes não pareceu bastante decorosa para nela se celebrar o divino Sacrifício. Sobem, nada obstante, o monte, suplicando humildemente ao ermitão habitarem o santo lugar em união de caridade. A proposta foi recusada; nem sequer lhes permitia permanecerem na montanha... Em silêncio e calma, adoraram naquela recusa a vontade do Altíssimo e resolveram voltar a Castellazzo.

Descem ao porto de Santo Estêvão, onde três vapores estão para levantar ferros. Conseguem passagem grátis num daqueles navios. Ao primeiro vento favorável, põem-se em movimento as três embarcações. Duas, desfraldadas as velas, fazem-se rapidamente ao largo, ao passo que a terceira, em que se encontram os servos de Deus, não se move, por maiores esforços que façam os marinheiros. Vem em seu auxílio as outras embarcações. Grossos cabos presos à popa esforçam-se por rebocá-la. Tudo inútil. Permanece imóvel como rocha. Admirados e estupefatos, temeram os marinheiros algum malefício ou castigo do Céu.

Já não sabiam o que fazer, quando Paulo, que estivera em oração no camarote do proprietário da nau, vem acalmá-los, esclarecendo ser ele próprio a causa de o navio não se mover, visto como Deus queria que fixasse

naquele monte sua morada.

Com efeito, apenas saltam em terra ele e seu irmão, o barco se afasta da praia, sulcando rapidamente as ondas como os demais.

NA ERMIDA DE S. ANTÃO

Mais uma vez N. Senhor manifestara o carinho com que velava por eles.

Retornam à ermida de Santo Antão, resolvidos a tudo sofrer para cumprimento da ss. Vontade de Deus. De fato a habitação estava em ruínas. O andar térreo era dividido em dois compartimentos, um dos quais servia de capela. No andar superior havia dois míseros quartos, cujo teto não os defendia do vento nem da chuva. Mesmo em 1736 não passava de mísero tugúrio, que inspirava aborrecimento e horror.

Longe de desanimarem, retiram os escombros e começam a restauração. Ao cabo de alguns dias, a capela, embora pobre, tornou-se decente. Suprindo a falta de adornos, nela resplandecia o máximo asseio. No ano precedente (1727), falecera d. Fúlvio Salvi, grande admirador de Paulo e João Batista. Seu sucessor, d. Cristóvão Palmieri, manifestou-lhes igual afeto, permitindo-lhes habitarem aquela ermida e lá celebrarem o santo Sacrifício.

O ar puro da montanha e o silêncio da floresta, a calma do espírito e do coração restauraram-lhes em breve a saúde e as forças. Recomeçaram, pois, o teor de vida, que já delineamos, a saber

oração contínua, austeras penitências e o canto diurno e noturno dos divinos louvores.

Alegraram-se sobremaneira os habitantes daquelas paragens ao rever os dois solitários, cujas virtudes tanto admiravam. O ermitão é que não estava satisfeito, muito embora Paulo empregasse todos os meios para atraí-lo a melhores sentimentos.

Meses após enviou-lhes N. Senhor um jovem piemontês, desejoso de se lhes associar na vila, penitente. O santo Fundador recebeu-o como irmão leigo e, depois de prová-lo, revestiu-o do santo líbito, com o nome de João Maria. O recém-chegado permanecia muitas horas em oração com os sacerdotes, ajudava-lhes a missa e desempenhava os misteres próprios do seu ofício. Desembaraçados dos cuidados temporais, puderam os padres empregar mais tempo nos estudos e na oração, preparando-se eficazmente Iara, o ministério da palavra.

APOSTOLADO EM PORTÉRCOLE

Em sua primeira visita pastoral a Portércole, na quaresma de 1729, d. Palmieri conheceu melhor os santos anacoretas, cuja fama se apregoava ao longe, e resolveu empregá-los na santificação do seu rebanho. Após prévio exame de moral, concedeu-lhes jurisdição sobre as consciências. Ademais, incumbiu-os de preparar o povo de Portércole para a Comunhão pascal. O documento que o autoriza a ouvir confissões traz a data de 21 de março de 1729.

Ambos trabalharam com extraordinário ardor na conquista daquelas almas. Os pecadores acorriam pressurosos a depositar aos pés

“ dos santos missionários do monte Argentário ” ,

como os chamavam, o peso de suas culpas. Com a paz no coração e a alegria na consciência, purificada no Sangue de Jesus, tornavam para casa com firme propósito de jamais ofenderem o seu Deus.

Desde então os servos de Deus jamais deixaram de trabalhar na vinha do Senhor. Como o divino Pastor, andavam sempre em busca das ovelhas desgarradas. De volta à ermida, catequizavam os pastores, carvoeiros e caçadores, todos imersos na mais completa ignorância religiosa. Amáveis e carinhosos, falavam-lhes de Deus e dos interesses da alma, convidando-os à recepção dos mantos Sacramentos. E tiveram a consolação de ver muitos deles orarem freqüentemente na pequena igreja, ouvirem a santa missa e se aproximarem da mesa eucarística.

Pessoas de todas as condições sociais visitavam a ermida, atraídas pela santidade dos dois solitários. Recomendavam-se às suas orações, pediam conselhos ou purificavam a consciência no tribunal da confissão. Todos se retiravam edificadas e consolados. Como alguns vinham de longe, Paulo os não despedia em jejum, mas, com encantadora simplicidade, oferecia-lhes, embora se tratasse de pessoas ilustres, os modestos recursos da ermida. Muitos aceitavam por devoção essas sagradas migalhas da indigência.

Aos domingos pregavam e confessavam nas localidades vizinhas. Sábado à tarde Paulo descia a Portércole, passando a noite aos pés do Tabernáculo. Rezava pelas almas a quem iria repartir o pão da divina palavra. Na manhã seguinte restaurava as forças com o Sangue do divino Sacrifício e se punha no confessorário a purificar e consolar as almas. Depois do almoço percorria as ruas da cidade, convidando o povo para a doutrina cristã. Multidão de homens, mulheres, crianças e até soldados seguiam-no à igreja. Suas palavras eram setas a inflamar os corações no amor a Jesus Crucificado. E o apóstolo ainda encontrava tempo para varrer e adornar a igreja, a escadaria e as ruas por onde iria passar o ss. Sacramento! Podia dizer com o profeta:

“ Senhor, amei o decoro de vossa casa (Sl. 25, 8)

” .

Extraordinária era a eficácia desse ministério, roborado pelo exemplo. Quantas almas, sentadas à sombra da morte, não se elevavam às regiões serenas da luz e da vida? Ouçamos testemunha ocular, um militar de grandes méritos

“ Ao ver o pe. Paulo, tão pobre, tão desapegado das coisas terrenas, tão modesto no olhar, submetendo-se aos inferiores por amor de Deus, todos reconheciam nele verdadeiro servo do Altíssimo, unicamente ocupado na salvação das almas, sem levar em conta as fadigas e os desprezos. Recebiam alegremente de seus lábios a semente da doutrina evangélica, produzindo esta tão abundantes frutos, a ponto de a cidade de Portércole causar, por suas virtudes, verdadeira admiração às tropas espanholas e alemãs. Oficiais e soldados diziam jamais haver encontrado povo mais cristão ” .

FATOS PRODIGIOSOS

Esse povo mereceu, por sua docilidade, prodigiosa recompensa. Os santos, a par de uma potência liara a conquista do Céu, são verdadeiros pára-raios contra as calamidades da terra, como o atestam inúmeros e incontestáveis milagres.

Obscurecera-se o céu sobre a cidade de Portércole Espessas nuvens agitavam-se confusamente no espaço; relâmpagos e espantosos trovões pressagiavam deplorável furacão. Antevia-se a desolação dos campos assolados. Atemorizados, correm à presença de Paulo, em busca do auxílio de suas orações. Anima-os o santo e, tomando a Cruz, abençoa os elementos desencadeados. Cai no mesmo instante o granizo em grande quantidade. Lamentavam-se todos, julgando perdida a colheita daquele ano. Passada a tempestade, vão pressurosos examinar os campos e os vinhedos. Qual não é a surpresa e a alegria daquele bom povo ao ver intatas as uvas e as demais frutas, como se caíra apenas benéfica chuva!.

Igual prodígio renovou-o Paulo na mesma cidade, anos decorridos, quando lá, pregou uma, missão.

Outra feita percorria o servo de Deus as praias, quando se lhe apresentou um pescador dizendo-lhe, com as lágrimas nos olhos, que havia quatro meses não apanhava peixes e, para cúmulo de desgraça, encontrava as redes sempre laceradas. As despesas com a manutenção dos empregados obrigaram-no a contrair muitas dívidas, sem saber como saldá-las.

“ Padre Paulo, exclamava com os braços estendidos, por caridade, benzei minhas redes e o mar ” .

O homem de Deus pôs-se de joelhos, recitou as ladainhas da ss. Virgem e, após benzer com o Crucifixo o mar e as redes, disse ao proprietário que tivesse confiança, pois N. Senhor viria em seu auxílio.

Ao cair da tarde, cheio de fé, foi lançar as redes. Apanhou tão grande quantidade de peixe, que deu para reparar os prejuízos passados. Reconhecido, enviou na manhã seguinte abundantes peixes aos solitários do Argentário. Desde então a pesca foi sempre abundante.

PRIMEIROS COMPANHEIROS

No mês de maio de 1730, o mais jovem de seus irmãos, Antônio, veio visitá-lo. Trazia uma carta e generosa oferta da marquesa Del Pozzo, cujas terras o apóstolo evangelizara, como dissemos. A morte arrebatara-lhe pessoas queridas. Suplicava-lhe celebrasse algumas missas e lhe enviasse palavras de conforto. Respondeu-lhe Paulo como somente os santos sabem responder. Eis algumas de suas expressões:

A morte aumentou vossas penas... graças sejam dadas ao nosso verdadeiro Bem, por vos conservar pregada à Cruz... Ó Cruz amada! Ó santa Cruz! ÁRVORE DA VIDA, em que está suspensa a eterna VIDA, eu te saúdo, abraço-te e te aconchego ao coração! Senhora, estes são os sentimentos que devem animá-la na presente circunstância. Coragem, pois, coragem! Imite a mulher forte da SABEDORIA. Sob fardo tão pesado, a parte inferior da alma tem que sofrer, não há dúvida, mas a parte racional, a mais alta do espírito, fruirá doce repouso no seio de Deus. Não encare de frente os trabalhos, os encargos da casa ou quaisquer outros afazeres; mas fite seu olhar no querido Amor Crucificado, o nosso

Jesus, o Rei de dores e de angústias. Tudo, então, lhe parecerá doce!

" Convenho em que agora não poderá dedicar muito tempo à oração e a outros exercícios de piedade. Com minha ordinária confiança em N. Senhor, dar-lhe-ei no entanto uma norma para orar sem interrupção: SEMPRE ORA QUEM AGE BEM. Suplico-lhe, portanto, tenha a Deus sempre presente em suas ações... Vigie incessantemente o coração com a lembrança de Deus, seu Amor e seu Bem; faça-o, todavia, suavemente, sem esforços... e quando N. Senhor lhe inspirar sentimentos de amor, detenha-se e os saboreie como a abelha saboreia o mel... Viva toda abismada no santo amor. Viva para o Amor e do santíssimo Amor. Amém " .

Essas expressões não se inventam; faz-se mister experimentá-las para as exprimir. Quem não ama, as não descobre.

O jovem Antônio, fascinado pelas virtudes dos manos e pelos encantos da solidão, decidiu consagrar-se também a Jesus Crucificado. Foi aceito como clérigo. Pouco depois, vem de Gênova um cônego muito erudito, pe. Ângelo Di Stefano, solicitando também a libré do Calvário. Entregou a Paulo unia carta do seu antigo diretor pe. Erasmo Tuccinardi, em que lhe anunciava a próxima vinda de um pároco e de um clérigo. Chegaram no mês de setembro.

Eis os primórdios do humilde Instituto da Paixão.

Já perfaziam o número de sete os solitários do incute Argentário: quatro sacerdotes, dois clérigos e um irmão leigo. Percorriam com fervor e coragem as pegadas de Jesus Crucificado. Paulo regozijava-se no Senhor! Embora acanhada e pobre, nessa primeira residência se firmavam as esperanças do Fundador.

" O retiro é pequeno, escrevia ao pe. Tuccinardi, mas Deus é bastante grande para ampliá-lo. Assim o espero. Lancemos por alicerce pedras vivas e sobretudo sacerdotais.

"

Para que todos estivessem decentemente alojados, com cortinas dividiu em celazinhas os dois quartos superiores. Cada uma comportava apenas uma enxerga, colocada sobre tijolos e tábuas.

O acanhado quarto contíguo à capela, servia de refeitório e de sala de estudo. Pequena choupana feita de palha de trigo e folhagem, situada na frente da porta de entrada, funcionava de cozinha.

COMO VIVIAM OS PRIMEIROS PASSIONISTAS

Essa habitação rústica e pequenina foi testemunha de acontecimentos extraordinários.

Nos altos das montanhas os rios são menos largos e majestosos que nas planícies; estão, todavia, mais perto do céu.

Os tempos heróicos das Ordens e Congregações religiosas são quase sempre os primórdios, tão humildes, tão pobres...

A vida admirável de Paulo da Cruz começou logo a reproduzir-se nos filhos. O Espírito Santo renovava no Argentário as maravilhas da Tebaida. Como o Fundador, os primeiros Passionistas vestiam grosseira túnica de lã preta; andavam sempre descalços e de cabeça descoberta. A alimentação era a mais frugal: legumes, hortaliças e, algumas vezes, peixe. Para maior mortificação eram esses alimentos cozidos sem tempero algum, até mesmo sem sal. E quantas vezes nada havia! Nossos cenobitas jamais pediam o que quer que fosse, satisfeitos com as espontâneas ofertas da caridade. Não se dispensavam do jejum nem aos domingos e festas de guarda. A rígida abstinência só se mitigava nas maiores solenidades: Natal, Páscoa, Assunção, etc. Nesses dias tomavam ovos e leite.

Colhemos esses pormenores dos lábios de um companheiro de Paulo, humilde irmão leigo. Seu testemunho singelo, confirmado com juramento, tem todas as características da verdade. Ouçamo-lo:

" À meia noite nos levantávamos e íamos à igreja. Os padres cantavam Matinas e nós rezávamos o terço ou outras orações. Terminadas as Matinas, fazíamos juntos, pelo espaço de uma hora, oração mental. Havia disciplina quatro vezes por semana. Em seguida, quem o desejasse podia descansar. Os demais aplicavam-se ao estudo ou a qualquer exercício útil. "

" De manhã, antes de clarear, retornávamos à igreja para Prima e Tércia. Ao divino Ofício seguia outra hora de oração mental; depois os padres celebravam a santa missa. Terminada a ação de graças, ocupavam-se por algum tempo, no quarto térreo, em ler e escrever. Dirigiam-se então separadamente para o bosque, cada qual com seus escritos. "

" Nós, irmãos leigos, ficávamos ocupados em outros trabalhos, como sejam: cuidar da horta, cortar lenha e cozinhar alguns legumes... "

" Cerca das onze horas voltavam todos à ermida e iam à igreja recitar Sexta e Noa. O almoço era às onze e meia, seguido de breve recreio. "

" Recitavam Vésperas e, tomando novamente os escritos, dirigiam-se para o bosque. A tardinha, regressavam para rezar Completas, fazíamos uma hora de oração mental, recitávamos o terço e, no inverno, havia uma hora de estudo. A seguir tomávamos parca consoada, porque o jejum era quotidiano, excetuadas as festas... "

" Em suma, era tal a vida de Paulo, que todos o consideravam austeríssimo penitente e anjo em carne humana "

João Orlandini, esse o nome do depoente, recebeu o santo hábito, mas não suportou vida tão austera por falta de saúde. O santo, por inspiração divina, disse-lhe

" Filho, é evidente que você não pode continuar nesta vida. Se recuperar a saúde, recebê-lo-ei novamente... mas, não voltará mais, creia-me. Tema sempre a Deus, conserve-se em sua graça e lembre-se sempre do que lhe vou dizer: terá que carregar pesada cruz; leve-a com paciência e o Céu será seu " .

" Voltei, portanto, para Orbetello, para junto de minha família - acrescenta Orlandini - e tudo o que me disse o pe. Paulo na despedida se verificou e ainda se está verificando " .

Era o santo Fundador a alma daquela humilde família religiosa; estimulava-a mais com o exemplo que com as palavras. Superava a todos no fervor, qual o painel de grande mestre que sobrepuja em beleza e perfeição as cópias e los discípulos.

Embora ocultasse as penitências, algo transparecia e esse pouco eram verdadeiros prodígios. Adquirira completo domínio sobre si. Permanecias, por vezes, vários dias em absoluto jejum. Afirma-se nos Processos que chegou a ficar quarenta dias sem comer nem beber. Para mitigar a sede ardente que o devorava recorria à oração. Continuamente unido a Jesus Crucificado, fruía doçuras celestes, que lhe faziam olvidar as mais prementes exigências da natureza. Ordinariamente não repousava à noite, saindo às escondidas para ocultar-se numa gruta, nas vizinhanças da ermida. Era, todavia, o primeiro a chegar à capela para o canto de Matinas.

Para evitar singularidades, deitava-se por algum tempo na pobre e dura enxerga. Tinha por travesseiro tosca pedra, julgando em sua simplicidade, que ninguém o notara, exceto o confidente, de sua alma e êmulo nas virtudes, o pe. João Batista.

Durante o dia internava-se no mais espesso do bosque e, tendo somente a Deus por testemunha, orava e martirizava suas carnes inocentes. Alguns pastores ouviram certa vez estranho barulho de correntes. Era Paulo a bater-se impiedosamente nas costas desnudas com cadeias de ferro... Essa terrível disciplina ele a usava quase diariamente! Quando idoso, lançou-a numa fossa, exclamando:

" Assim ninguém terá a tentação de usá-la " .

Outra feita, notou certo caçador alguns espinheiros agitarem-se violentamente. Julgando tratar-se de javalis, armou a espingarda, deu mais alguns passos e... assombrado, viu o santo a revolver-se, todo ensangüentado, nos espinhos...

Afirmou o pe. Fulgêncio de Jesus que muitas mortificações praticadas por Paulo só as conheceremos no juízo universal. O heroísmo de suas penitências apenas encontrava paralelo em sua profundíssima humildade. Julgava-se o último e mais miserável dos homens. Escrevia

" Aqui louvam a Deus dia e noite. E eu? ai de mim!... Vir pollutus labiis ego sum (Is. 6,5): Sou um homem de lábios impuros " .

Esse baixo conceito de si fazia-o lançar-se freqüentemente aos pés dos religiosos e implorar, com lágrimas nos olhos, o auxílio de suas orações. Deitava-se, por vezes, à porta da casa para ser pilado como o mais vil dos mortais.

Esperava da Providência os recursos necessários para o aumento da ermida, quando Deus inspirou a um benfeitor de Portércole levar a cabo a santa empresa. Regozijou-se Paulo no Senhor. Já antevia a pequena habitação transformada em grande retiro, seminário fecundo de homens apostólicos. Isto lhe foi de muito estímulo para prosseguir os trabalhos em prol da Congregação.

Esperava que Clemente XII, sucessor de Bento XIII, falecido a 21 de fevereiro de 1730, continuasse a favorecer o Instituto, notadamente com a aprovação das Regras. Escreveu a respeito a mons. Crescenzi. Este, congratulando-se com ele pelo aumento da família religiosa, acrescentava:

" Folgo em servi-los e auxiliá-los em obra de tanta importância. Entreguei sua carta ao cardeal Corradini, que muito se edificou com ela. Sua eminência está disposto também a fazer quanto dele depender... " .

DEFECÇÕES

Belas esperanças... de pronto, porém, desvanecidas...

E' que Deus se comprazia em submeter o nosso santo a duras provas... Cumpria-se o vaticínio do venerável bispo de Tróia, ao compará-lo com Abraão. Prometera o Senhor ao Patriarca numerosa posteridade e lhe ordenara sacrificasse Isac, o filho de suas esperanças...

Paulo recebe a mesma promessa e tem que sacrificar os primeiros companheiros, esperanças do Instituto. A semelhança do divino Mestre, o servo de Deus sofreu o abandono dos seus discípulos. Todos abraçaram com fervor as austeridades da Congregação, mas faltou-lhes força bastante para prosseguirem a rígida jornada.

Confessemos que anui Congregação recém-nascida, sem o prestígio do passado amo os recursos do presente exige fé inquebrantável no futuro. Não necessários heróis de abnegação, que avancem corajosamente, seguindo o Fundador, até o cume da santidade. Assim contemplamos plêiades de santos em torno de Domingos de Gusmão, de Francisco de Assis, de Inácio de Loyola e de todos os grandes fundadores. Paulo da Cruz terá também valorosa falange de santos.

Mas, por agora, está só com seus dois irmãos. E a tristeza do abandono cresceu com o esmorecimento do benfeitor que, cedendo a pérfidas sugestões, decidira não mais cumprir a palavra dada para ampliação da ermida.

Paulo, amparado na Cruz, suportou esse contratempo sem desfalecer. Derramou, contudo, sua mágoa no coração de mons. Crescenzi. Este respondeu exortando-o a não desanimar. Dizia-lhe chie Deus, quando os interesses de sua glória o exigissem, abriria caminho para o estabelecimento do Instituto. Recomendava-lhe a santa perseverança. Paulo abandonou-se sem reservas nos braços da Providência.

" O barco, escrevia ele a Tuccinardi, está lançado ao mar sem vela nem remo, mas sob a direção do grande Piloto, que o conduzirá com segurança ao porto. Investem-no os ventos e as tempestades, para melhor resplandecer a sabedoria de quem o governa. Viva sempre N. S. Jesus Cristo, que nos tem dado força para tudo vencermos por seu amor!... "

" Nas obras de Deus, quando as coisas baixam, então é que mais se elevam... Reze por nós, para podermos levar de vencida os nossos inimigos, fortemente armados contra

nós... "

" Que se cumpra sempre a ss. Vontade de Deus!...
Desprezo de nós mesmos, união perfeita com a vontade
divina... eis os pontos capitais da vida cristã " .

Como se conhece, na tribulação, a linguagem dos santos! Humilham-se e adoram; não vêm os homens, mas unicamente a Deus. Os inimigos de que fala Paulo são apenas os demônios. Eram eles que estimulavam os perseguidores e, raivosos, lhe apareciam sob formas horrendas, martirizando-o com pancadas.

Humilde, atribuía o abandono dos discípulos a seus inúmeros pecados. Todavia, essa nova provação, suportada com heroísmo, devia ser fecunda. Deus lhe enviaria novos filhos, filhos de orações e lágrimas, que seriam a glória do Instituto, adorno da Igreja e coroa do Pai amantíssimo.

CAPÍTULO XIV

1730 -1733

Índice

MISSÕES EM TALAMONA

RECEBE DE CLEMENTE XII O TÍTULO
DE MISSIONÁRIO

OUTRAS MISSÕES

CAPÍTULO XIV

1730 -1733

MISSÕES EM TALAMONA

Teremos ocasião de contemplar, em todo o seu esplendor, o apostolado de Paulo da Cruz. Vimos apenas o prelúdio.

O Fundador conta trinta e seis anos; trabalhará ainda pelo espaço de quarenta anos na conquista das almas. Jamais deixará de anunciar Jesus Crucificado, no alto das montanhas, no profundo dos vales, em pleno mar, às margens dos rios, nas cidades populosas, nas humildes aldeias, lios hospitais, nos cárceres, nos patíbulos, nos canil de batalha, em meio aos empastados, bem como às virgens esposas de Cristo e aos sacerdotes do Senhor. Em suma, onde quer que haja unia alma a salvar, pecadores a perdoar e corações a inflamar no santo amor de Deus.

Nada o deterá no ardor de seu zelo: nem os calores do sol nem as geadas, as tempestades, o ódio dos homens, o furor do inferno, as enfermidades, o peso dos anos. Sempre debilitado e reanimado sempre por novo vigor, assinalará as pegadas com o próprio sangue e cada passo será em benefício das almas, para glória de Deus, para triunfo da Igreja.

Para descrever essa inumerável messe de almas, fora mister muitos volumes. Referiremos aqui apenas o necessária para nos dar a conhecer a vida do santo apóstolo.

O snr. bispo de Soana sofria ao ver a diocese contaminada por pessoas de péssimos costumes, por malfeitores de toda espécie, vindos dos Estados limítrofes, acossados pela policia. Quem conseguirá comover esses corações empedernidos, reformar-lhes os costumes e levá-los para Deus? Os apóstolos do Argentário... Esta a inspiração do prelado. Sabia por experiência possuírem ambos a ciência dos santos e o Espirito do Senhor.

Ao apelo do snr. bispo, abandonam o deserto para, à imita de João Batista, o precursor, pregar a penitência, e, como o grande Apóstolo das gentes, anunciar Jesus Crucificado.

Sua presença era já a mais eloquente das práticas. A túnica ou, melhor, o cilício, os pés descalços, a austeridade da vida, aquela santidade atraente e grave ao mesmo tempo, aquelas palavras partidas de corações em chamas, eram luz para as inteligências, força para a vontade, bálsamo para os corações. Os alais obstinados pecadores caíam, vencidos, a seus pés...

O snr. bispo não cabia em si de contente, bendizendo a Bondade divina. Em dezembro de 1730 mandou-os pregar a santa missão em Talamona, outrora famoso porto da república de Sena, então pequena cidade de mil habitantes.

Eloquência e unção se aliam nos sermões dos humildes missionários. O auditório está suspenso desde as primeiras palavras. E passa da admiração ao estupor, do estupor ao entusiasmo. Paulo no estrado parece transfigurado. Raios de luz jorram-lhe do rosto. E' Jesus que fala pelos lábios de seu apóstolo. Fervor universal, emoções profundas e duradouras, reforma dos costumes, abundantes graças do Céu... eis os frutos dessa missão.

Certo dia, falava o santo a imenso auditório sobre os suplícios eternos, quando uma jovem entra na igreja.

“ Oh! tu - exclama com ênfase - oh! tu que não podes suportar uma dor de dente, como poderás suportar os tormentos do inferno, merecidos pelos teus pecados! ”

A jovem sofrera a noite toda forte dor de dente... Interpelação tão singular, com aquele olhar a penetrar-lhe o âmago da alma, comove-a profundamente. Terminado o sermão, ei-la aos pés de Paulo. Faz confissão geral, renuncia às vaidades do mundo e consagra-se a Deus pelo voto de virgindade. Chamava-se Inês Grazi e pertencia a uma das mais distintas famílias de Orbetello, quer pela posição social como pelos bens de fortuna. Embora não fosse má, era demasiado inclinada às diversões e pompas mundanas. Viera à casa, de campo para entregar-se a frívolas distrações e descobriu as castas alegrias de rins coração todo entregue ao puro amor de Deus. Possuía alma nobre e generosa, chamada por N. Senhor a alta perfeição.

Inês, desde então, considerou como pai quem a gerara em Cristo. Adotou-a Paulo por filha espiritual, jamais cessando de cultivar para o Céu aquela flor do Calvário. Veremos como Inês será o instrumento de valiosa obra do santo Fundador. Permita explicar aqui por que caminho Paulo a conduziu a eminente santidade. Ouviremos, após ter ela voado para o céu, os elogios que o servo de Deus tece a essa alma de escol.

O primeiro cuidado do santo diretor foi traçar-lhe as linhas mestras de uma regra de vida, que abrangesse todas as horas do dia. Nesse regulamento, destinado a uma jovem da alta sociedade, depara-se-nos a escola de São Francisco de Sales: a doçura, a suavidade, a discricção, a liberdade de espirito, juntamente com algo de grave e austero.

Vamos transcrevê-lo para utilidade das almas

" 1 - Pela manhã, ao levantar, uma hora de meditação; a seguir, a Comunhão espiritual.

2 - Possivelmente assista a santa missa.

3 - O tempo que restar até o almoço, empregue-o no trabalho, mas com o espirito unido a Deus, em santo silêncio. Responda com amabilidade, graça e caridade aos que a interrogassem.

4 - Meia hora antes do almoço leia alguma coisa e, se possível, recolha-se aos pés do Crucifixo pelo espaço de um quarto de hora mais ou menos.

5 - Coma em paz, observando discreta mortificação.

6 - Depois do almoço recreie-se em companhia dos demais, sempre, porém, toda doçura e caridade.

7 - Trabalhe até o pôr do sol aproximadamente, com o espirito unido a Deus. Prepare-se então para a oração mental, que durará uma hora.

8 - Jante e tome pequeno recreio. Retire-se em seguida, faça o exame de consciência, a leitura espiritual, a oração da noite e vá repousar.

9 - Recomendo-lhe a presença de Deus, fonte de todo bem.

Que Deus a abençoe " .

Este regulamento Paulo o explicava nas conferências espirituais e nas cartas que lhe escrevia. Quem desejar conhecer a direção dada pelo santo a esta alma eleita, leia as 165 cartas que ainda se conservam. Em pouco tempo elevou Paulo esta alma generosa e dócil, pela Paixão do Senhor, ao cume da divina contemplação. E' que o Calvário é O CAMINHO RÁPIDO DA PERFEITA SANTIDADE.

" Faça, dizia-lhe o santo, um pequeno ramalhete dos sofrimentos de Jesus e conserve-o no âmago da alma. De tempos a tempos tenha algum colóquio intimo com o Redentor sobre qualquer passo doloroso da Paixão, por exemplo: Oh! Jesus, meu sumo Bem! contemplo o vosso rosto lívido, inflamado, coberto de escarros! Oh! meu dulcíssimo Amor! como vos vejo todo ferido!... Ah! queridas chagas! desejo guardar-vos sempre no coração " .

Instruindo-a como deve o cristão renunciar a si para seguir fielmente a Cristo, dizia-lhe

" Ditosa a alma que se desapega do próprio juízo e do

próprio espírito! Profunda lição é esta! Nosso Senhor
lha fará compreender, se a senhora puser seu contentamento
na Cruz de Jesus Cristo e na morte de tudo o que não seja
de Deus " .

Ensinando-lhe a amar os inimigos em Jesus, após recomendar-lhe sincera
cordialidade para com eles, acrescenta.

" Pratique ao mesmo tempo algum ato interior de caridade,
mas com ternura. Por exemplo: Oh! almas queridas de
Jesus! eu vos amo no Coração de Jesus! eu vos amo no
Coração de Jesus, ardente de amor por vós; ó almas
benditas, amai por mim o querido Amor, etc. " .

Na semana santa, escrevia-lhe:

" Querida filha em Jesus Crucificado, convido-a a subir
ao Calvário, para assistir os funerais de Jesus, nosso
Amor. Oxalá, quedássemos ali feridos pela divina
caridade, até morrer de amor e de dor, chorando a Paixão e
Morte do nosso verdadeiro Bem! Durante estes santos dias
celebrarei os divinos ofícios, colocando o coração da
filha que Deus me deu nos Corações puríssimos e
agonizantes de Jesus e Maria. Faça o mesmo com o
coração do pobre pai que a divina Providência lhe concedeu.
"

" Adeus, minha filha. Que Deus a abençoe e a abrase no
seu santo amor " .

A piedosa virgem, fiel até a morte, foi o mais precioso fruto da primeira
missão de Paulo em Talamona. Alguns afirmam ter sido Inês Grazi
conquistada para a graça na Missão de Orbetello. Note-se, porém, que
são Paulo da Cruz já lhe escreve como a pessoa muito conhecida desde 30
de dezembro de 1730.

RECEBE DE CLEMENTE XII O TÍTULO DE MISSIONÁRIO

O eco de seu apostolado na diocese de Soana repercutiu até Roma e mons.
Crescenzi bendisse a Nosso Senhor.

Deve recordar-se o leitor de que Paulo e João Batista, ao deixarem o
hospital de São Galicano, não possuíam título eclesiástico. O Santo
Padre, por um Breve, concedera-lhes faculdade de celebrarem por um ano
apenas. Por carta de mons. Crescenzi sabemos que o cardeal Corradini
desejava provê-los de um benefício, o que lhe não seria difícil, sendo
ele Prefeito da Datária Apostólica. Paulo anelava apenas o benefício da
solidão e das almas. Mons. Crescenzi obtinha-lhes prorrogação anual,
mas, ao ter conhecimento dos prodígios operados pelos dois amigos em
Talamona, exclamou:

" Agora vejo qual o título que N. Senhor deseja para seus
fiéis servos " .

Pede ao snr. bispo de Soana envie ao cardeal Corradini relação dos
trabalhos apostólicos de Paulo e João Batista. Sua eminência
obtem-lhes então de Clemente XII, por Rescrito de 23 de fevereiro de

1731, o titulo de Missionários.

Aos dezoito de julho do mesmo ano, sempre a pedido do benévolo Crescenzi, o Soberano Pontífice dirigia a d. Palmieri um sacerdote muito santo. Desde a admirável transformação de Inês tinha Paulo naquela família seus maiores benfeitores.

Dirigiu em seguida humilde súplica às autoridades de Orbetello.

Os magistrados reuniram o Conselho aos 15 de julho de 1731. Defendeu o projeto com grande entusiasmo o fervoroso cristão e excelente orador Mateus Sanches.

Foi aprovada por unanimidade a verba destinada à construção e, para a compra do SITIO DE SANTO ANTÃO, foi estabelecida uma renda perpétua sobre os bens comunais, como indenização à prebenda do Priorado da colegiada a que pertencia o sitio.

Escreveram ao cardeal abade Lourenço Altieri, suplicando-lhe sancionasse a deliberação. Dirigiram outrossim um memorial à Congregação dos Bispos e Regulares, a fim de obterem da Santa Sé a faculdade de permutar aquela propriedade eclesiástica.

Aqui encontrou a obra de Deus o primeiro obstáculo. O cardeal, sem dar sinal de oposição, não despachava o requerimento. Qual a causa? Ignoramo-lo. O que não padece dúvida é que sua eminência estimava imensamente os missionários do monte Argentário, jamais deixando de empregá-los para o bem espiritual do seu rebanho. Deus Nosso Senhor se comprazia em dar novo esplendor à fidelidade de seus servos e santificá-los mais e mais pela paciência. Passava o tempo sem que se levasse a cabo a empresa.

No ano seguinte (1732), ao examinar-se com maior atenção o local, verificou-se pertencer à família real. Então os ministros, notadamente o general Espejo, obtiveram do vice-rei de Nápoles despacho favorável.

Sem mais tardança, nos meses hibernais, enquanto Paulo pregava na diocese de Soana, os habitantes de Orbetello transportaram para a montanha grande parte do material necessário à construção.

Sobrevieram, no entanto, novos acontecimentos, que pareciam desvanecer toda e esperança. Formidável esquadra armava-se em Espanha, possivelmente contra as possessões do imperador da Áustria, na Itália. Foram reforçadas as guarnições e fortificadas as praças. Tudo prenunciava a guerra com o cortejo de males que a acompanham.

Houve ademais, no princípio do verão, terrível epidemia em Orbetello. As tropas estrangeiras ali aquarteladas faziam temer o contágio. Faleceram inúmeras pessoas.

Paulo restaurava na, solidão as forças esgotadas, quando soube (Ia desoladora calamidade e voou Irara o teatro da luta. De dia v de noite, nos quartéis, nas prisões, nas casas particulares, onde houvesse um empestado a tratar ou unia. alma a, salvar, lá, estava o nosso herói a prodigalizar os tesouros ele sisa caridade A todos prestava os mais humildes ofícios, notadamente aos indigentes e abandonados.

Vítima da caridade, caiu afinal doente. Apenas teve forças liara chegar à ermida. Contínuos acessos de febre reduziram-no a extrema fraqueza. Alimentava-se unicamente de pão dissolvido eus água, com algumas gotas de azeite. Esteve de cama até o mês de novembro.

OUTRAS MISSÕES

Após breve convalescência, prosseguiu as missões na diocese de Soana, mas tão debilitado que causava compaixão a quantos o viam. Passou dois anos em alternativas de sofrimentos, solidão e apostolado; missionário ou anacoreta, distinguiu-se sempre pelos benefícios outorgados ao próximo.

João Fontana, rico senhor de Protocole, havia muito sofria erupções cutâneas de caráter maligno. As mãos e o rosto apresentavam aspeto horrível. Todos o evitavam como se fora leproso. Esgotados os recursos médicos, recorreu ao poder de Paulo. Subiu o Argentário e lançou-se aos pés do santo, rogando-lhe o libertasse da ignominiosa moléstia. O servo de Deus encorajou-o, benzeu-o e o despediu. Tomado de alegria e esperança como jamais experimentara, voltou João para casa pouco antes do anoitecer. Na manhã seguinte, ao levantar-se, pareceu-lhe estar radicalmente curado; mas, temendo uma ilusão, chamou os empregados, ordenando abrissem as janelas. Estava realmente curado. Puseram-se todos de joelhos, rendendo sinceras graças a Deus, sempre prodigioso nos seus santos.

E o apóstolo de Jesus Crucificado continuava as santas missões.

Em Monte Orgiali veio todo o povo ao encontro dos missionários; mas, ao vê-los descalços e trajados tão insolitamente, recebeu-os com vaias, assobios e insultos.

Sem se perturbar, pôs-se Paulo a evangelizá-los. Sua voz tomou um não sei quê de solenidade, que a multidão, passando subitamente do desprezo ao respeito, ouviu-o silenciosa e recolhida. Foi uma das mais frutuosas missões pregadas pelo nosso santo. Desapareceram as discórdias mais inveteradas, os jogos, a embriaguez e os costumes dissolutos. Monte Orgiali estava transformada!.

CAPÍTULO XV

FEVEREIRO A OUTUBRO DE 1733

Índice

PRIMEIRA MISSÃO EM ORBETELLO

PROSEGUE A CONSTRUÇÃO DO
RETIRO

QUARESMA EM PIOMBINO

A FONTE DO PE. JOÃO BATISTA

CONTINUAM AS MISSÕES

SUSPENSA A CONSTRUÇÃO

PEREGRINAÇÃO A CORETO

CAPÍTULO XV

FEVEREIRO A OUTUBRO DE 1733

PRIMEIRA MISSÃO EM ORBETELLO

Apesar da debilidade do corpo, entregava-se o infatigável apóstolo ao trabalho com todo o ardor de seu zelo. Suas missões, assinaladas sempre por grandes prodígios, atraíam a atenção pública. A porfia reclamavam-no os snrs. bispos para suas dioceses.

O cardeal Altieri foi dos primeiros a chamá-lo para pregar em Orbetello, donde já se haviam dissipado os temores da guerra, pois a, armada espanhola tomara a direção da África para combater os infiéis. Paulo, que amava de coração aquele povo, aceitou a incumbência. A cidade toda exultou de alegria por desejar ardentemente ouvir a palavra do heróico

" pai dos empestados " .

Paulo e João Batista deram inicio à missão no mês de fevereiro de 1733. Ricos e pobres, oficiais e soldados da guarnição, todos o ouviam com muito recolhimento. Durou de 4 a 17 de fevereiro.

As mulheres de Orbetello tinham o deplorável costume de vestir-se com pouca decência. Bradou o apóstolo com vigor contra esse abuso, e as leis da modéstia cristã foram respeitadas. somente uma senhora francesa obstinou-se em não obedecer, colocando-se ostensivamente diante do púlpito para ser vista pelo pregador. Este, todo paciência, esperava que a luz divina abrisse afinal os olhos àquela alma e ela reconhecesse a sua torpeza. Vendo, porém, desprezadas as admoestações, lançou sobre ela um daqueles olhares que refletem a indignação da divina justiça.

Prodígio!... O peito e os braços da impudente se tornaram no momento pretos como carvão!... Horrorizou-se a infeliz e, não podendo retirar-se por causa da multidão, cobriu-se o melhor que pôde. No mesmo instante a graça de Deus a iluminou e a converteu. Terminada a prática, humilde e arrependida, lançou-se aos pés do missionário, confessou-se e prometeu reparar os escândalos passados. Paulo, mais inclinado à misericórdia que à justiça, milagrosamente a curou.

O prodígio abalou a cidade... Desde então, as mulheres de Orbetello foram admiráveis pela modéstia. Mais de quarenta jovens das mais distintas famílias, tornaram-se modelos de piedade e verdadeiras apóstolas, cujas palavras e exemplos incitavam as demais ao desprezo das vaidades mundanas e ao amor a Jesus Crucificado.

,A miséria do corpo é causa ordinária das misérias morais. Entre as classes ínfimas, famílias havia que habitavam obscuros e asquerosos cortiços. Pais e filhos viviam promiscuamente no mesmo recinto. Perorou Paulo com eloquência a causa daqueles infelizes e os ricos moveram-se à compaixão. Numerosas famílias deixaram aquele estado de aviltamento.

A missão estava para terminar.

Nada há que melhor nos dê uma idéia do Céu, que o término de uma missão. O júbilo das almas reconciliadas com Deus, a paz dos corações, a harmonia nas famílias, os cânticos sagrados de triunfo e amor, o

contentamento geral a transluzir de todos os semblantes... esse o espetáculo oferecido por Orbetello.

PROSSEGUE A CONSTRUÇÃO DO RETIRO

O santo missionário ia deixá-los...

Nas últimas recomendações falou-lhes da grande obra do monte Argentário, interrompida por causa de seus pecados. Adorava os juízos divinos e se submetia às disposições da Providência. Abençoou o auditório desfeito em pranto e desceu do estrado. Todos se agruparam em seu redor, esforçando-se para lhe beijar a mão ou a`capa. Com muito esforço conseguiu libertar-se da multidão.

À porta da cidade e até às margens do lago, esperavam-no os ministros reais, os oficiais do exército, todos os maiores da cidade. Chamavam-no com o doce nome de pai, protestando-lhe os leais vivos sentimentos de afeto e submissão e prometendo-lhe para limito breve a construção do retiro. Paulo agradeceu comovido e tomou o barco, enquanto a multidão o seguia com a vista e o coração.

Fiéis à promessa, conseguiram os fundos necessários para os alicerces, obrigando-se a novas quotas à medida que adiantassem os trabalhos.

Paulo delineou a planta e iniciou-se a obra.

O edifício devia formar um conjunto harmônica de tudo o que fosse necessário, mas em conformidade com a pobreza religiosa.

Aos 4 de março de 1733, em meio a entusiasta e comovida multidão de fiéis, colocou-se solenemente a primeira pedra. O santo estava ausente. Incumbindo o pe. João Batista da direção dos trabalhos, fora pregar a Quaresma em Piombino.

QUARESMA EM PIOMBINO

Na época em que nos encontramos, pela triste influência do século XVIII, tudo degenerara. As pregações quaresmais eram apenas vã e pomposa ostentação de frívola e presunçosa eloquência. Eloquência artificial, que podia deslumbrar o vulgo, mas deixava as almas como as encontrava: o coração gélido, o espirito sem convicção, a vontade indiferente.

Paulo detestava essas pregações tão contrárias à simplicidade evangélica e à eloquência dos Santos Padres. Nas Regras prescreveu aos missionários a eloquência apostólica: devem pregar, assim nas cidades como nas aldeias, a Jesus Crucificado, não com palavras que lisonjeiam a sabedoria humana, mas com as que revelam o espirito e a virtude de Deus.

Essa eloquência o nosso santo a possuía em grau eminente.

Os habitantes de Piombino anelavam ouvi-lo de novo. D. Ciani, Bispo de Massa e Populônia, pediu ao servo de Deus lhes pregasse os quaresmais. Paulo aceitou, permanecendo, porém, sempre apóstolo. Sua eloquência costumava ele hauri-la nas chagas do Salvador. Subia ao púlpito abrasado de amor para comunicá-lo aos ouvintes.

AS fadigas ordinárias de uma missão não lhe satisfaziam o zelo. Pregou contemporaneamente retiro espiritual às religiosas de Santa Clara, com fruto excepcional. Cinco daquelas esposas de Cristo, especialmente a irmã Querubina Bresciani, dirigida pelo servo de Deus por mais de 25 anos, desta direção chegaram até nós 36 cartas, entregaram-se generosamente ao divino amor, morrendo em odor de santidade.

A FONTE DO PE. JOÃO BATISTA

Enquanto Paulo construía o templo das almas, prosseguia-se o edifício do monte Argentário.

Lutava-se contra a escassez de água. O pe. João Batista recorreu a N. Senhor, que faz brotar de seus tesouros mananciais de água viva.

Animado de viva fé e certo do milagre, dirigiu-se com a Cruz alçada ao bosque vizinho, seguido dos coirmãos e dos operários. Deteve-se de repente, ajoelhou-se, orou por instantes e ordenou cavaassem ali.

Aos primeiros golpes da picareta jorrou límpido e abundante manancial. Conduzido por canos, serviu para a construção.

Continua até os nossos dias a alimentar abundantemente duas caixas: uma dentro do convento para uso dos religiosos, outra na praça da igreja para os peregrinos.

O favor divino incentivou sobremaneira os trabalhos. Quando o santo Fundador regressou de Piombino, as paredes estavam bastante altas. Ficou satisfeitíssimo. Fruiu por alguns dias as doçuras da solidão, retornando logo à messe das almas. Conversões admiráveis e portentosos milagres multiplicavam-se nas missões pregadas por Paulo da Cruz.

CONTINUAM AS MISSÕES

Em Saturnia, vetusta aldeia da diocese de Soana, embora o povo retornasse a Nosso Senhor, sangrava o coração do apóstolo pela penitência de um pecador público, chefe de uma quadrilha de ladrões, temido por sua ferocidade, rapinas e homicídios. Ademais, esse homem vivia em público concubinato. O mal parecia incurável em coração tão corrompido, tanto mais que não ouviria a palavra divina, destruidora do crime...

Como aproximar-se daquele sanguinário, sem expor-se ao perigo de morte?

Os santos não temem a morte em se tratando da glória de Divina e bem das almas. Paulo, embora todos se esforçassem por dissuadi-lo, dirigiu-se à casa do facinora. Este, armado, saiu-lhe ao encontro, perguntando com arrogância e irritação:

" Que deseja, padre? "

O santo, tomando o Crucifixo que levava ao peito, respondeu-lhe

" Que afaste de sua casa aquela infeliz " .

" Mas, padre, não há nisso mal algum! "

" Ordeno-lhe que a mande embora " .

Tais palavras foram como raios a abrandar o furor do celerado.

" Quando devo despedi-la! "

" Imediatamente " ,

replicou o apóstolo.

Deus tocara a alma do pobre pecador.

" Sim, meu padre, eu o farei; mas depois me ouvirá em confissão? "

" Pois não, meu filho, - respondeu o terno pai, estreitando-o nos braços e banhando-o de lágrimas - eu o confessarei, consolá-lo-ei e será feliz " .

De concerto com o pároco, Paulo internou num abrigo a infeliz mulher. O lobo, com admiração e contentamento geral, transformou-se em manso cordeiro; o escandaloso, em humilde penitente,

Repercutiu essa conversão por toda aquela paragem. Grande temor, no entanto, inquietava a muitos. Não estariam irritados com Paulo os ladrões, pela conversão do chefe? Não se vingariam? O apóstolo nada temia; sua confiança repousava em Deus.

Terminada a missão, dirigia-se para Manciano, quando, ao atravessar extensa e solitária campina, ouviu fortes latidas de cães. Levantou os olhos e viu ao longe, em atitude de quem edita planos sinistros, numerosos ladrões, armados até os dentes e rodeados daqueles animais amestrados em sua arte.

Era precisamente a quadrilha do ladrão convertido. Ao terem conhecimento do que sucedera ao chefe, estavam à espera da missão.

Paulo julgou-se perdido.

Bem diversas, porém, eram suas intenções. Aproximaram-se respeitosos e saudaram o servo de Deus. Aqueles homens, conhecedores perfeitos da perversidade do chefe, mais do que ninguém se impressionaram com aquela conversão e, somente podendo atribuí-lo ao poder de um santo, desejavam vê-lo, conhecê-lo e venerá-lo.

Encorajado pela acolhida inesperada, começou a falar-lhes de Deus e dos interesses da alma. Suas palavras penetravam-lhes insensivelmente nos corações. Para ouvi-lo por mais tempo acompanharam-no até as vizinhanças de Manciano.

Esse encontro não foi inútil. A boa semente lançou raízes naqueles corações e, regadas pelas orações do santo, não tardaram a produzir frutos.

Dias depois, ao deixar Paulo Manciano, encontrou novamente

" os seus queridos ladrões " ,

que lhe suplicaram os ouvisse em confissão. Reconciliados com Deus, obtiveram perdão das vítimas de seus crimes e da justiça humana, que havia muito os perseguia!

Naquela época os tribunais civis absolviam facilmente os criminosos que o rigor das penas não conseguia regenerar, mas que o desvelo maternal da Igreja reabilitava pelo arrependimento.

Contente por tantas conquistas, recolheu-se o apóstolo aos pés do Crucifixo para haurir novas forças.

SUSPENSA A CONSTRUÇÃO

Enquanto galgava o monte, procurava com o olhar o novo edifício para admirar seus progressos; mas o trabalho estava paralisado.

Explicaram-lhe que era ordem dos ministros reais. Triste, passou a noite em oração. No dia seguinte desceu a Orbetello para inteirar-se do motivo. Responderam-lhe que o vice-se fora transferido para Nápoles e somente seu sucessor poderia dar licença para o prosseguimento dos trabalhos. A fim de evitar delongas, resolveu ir pessoalmente a Nápoles tratar do assento. Apesar do calor intensivo do verão, empreendeu a pé a longa viagem.

Nada conseguindo, retornou ao monte Argentário, onde novas provações o esperavam. Não só não poderia continuar a construção, mas, talvez, até a parte construída deveria ser arrasada!...

Dor profunda para o coração do santo Fundador! Tanto maior quanto horizontes sombrios prenunciavam grandes calamidades... Mas irá ele suavizá-las com o calor de sua caridade...

PEREGRINAÇÃO A CORETO

Maria SS. lhe será a medianeira. Parte para Coreto...

Visitar o pobre casebre, onde o Verbo divino se dignou incarnar-se no seio imaculado da mais pura das virgens; beijar aquelas paredes sagradas; depositar no coração da Mãe as angústias do coração ferido: essas as aspirações de Paulo da Cruz.

" Lá irei mesmo de joelhos, se for necessário " ,

exclamou o santo.

Dois prodígios se operaram durante a viagem.

Em Pitigliano, o dr. Gheraldini, grande amigo do homem do Deus, entregou-lhe uma carta para o pe. Pedro Bianchi, um parente, morador em Perugia. Um empregado de Gheraldini acompanharia a Paulo até Cetona, através de verdadeiros desertos. Ao chegarem ao lugar denominado Cruz de São Cassiano formou-se horrível temporal, anúncio de chuvas torrenciais. Ajoelhou-se o servo de Deus e orou por breve tempo. Coisa admirável! Chovia a cântaros; não, porém, na estrada por onde passavam!

O guia julgou-o feiticeiro e confirmou-se nesse juízo quando, ao voltar, observou que de Cetona à Cruz de São Cassiano a estrada estava enxuta, mas a começar dali tudo era água!

Gheraldini esclareceu-o dizendo-lhe que tivera a ventura de acompanhar a um santo!

O pe. Bianchi, ao ver Paulo descalço e mal trajado, tomou-o por vagabundo. Pô-lo à mesa dos empregados e fê-lo pernoitar em habitação separada, trancando-o a chave e a ferrolho. As janelas tinham grades de ferro...

O humilde servo do Crucificado notou todas aquelas precauções e alegrou-se no Senhor. Pediu apenas viessem

" SOLTÁ-LO "

bem cedo, devendo empreender longa viagem.

O eclesiástico esqueceu-se do pedido e o sol já ia alto, quando mandou a irmã abrir a porta ao prisioneiro; mas o santo já estava longe...

" Sem dúvida, diz são Vicente Maria Strambi, de lá o tirara a mão do Senhor, que sabe, quando lhe apraz, operar maravilhas " .

CAPÍTULO XVI

1733 - 1736

Índice

SITUAÇÃO PERIGOSA

CONQUISTAS

PREPARATIVOS DE GUERRA

O CAPELÃO MILITAR

OUTROS MINISTÉRIOS SAGRADOS

NOVOS COMPANHEIROS

CAPÍTULO XVI

1733 - 1736

SITUAÇÃO PERIGOSA

Corria o ano de 1733. Negras nuvens acumulavam-se no céu da Itália. Espanha, França e Sardenha confederaram-se para apoderar-se das possessões austríacas na Itália.

No mês de outubro, enquanto os exércitos franceses e cardos invadiam a Lombardia, os espanhóis, desembarcados em Spezzia, marchavam contra a Toscana. O duque de Mântua, seu comandante, aquartelou-se na cidade de Sena. Era, portanto, para temer o cerco de Orbetello e de outras fortalezas do litoral.

Irrompeu entretanto um destacamento inimigo, requisitando todos os animais da região e devastando os campos.

O infante d. Carlos, nomeado generalíssimo, avançou aceleradamente contra Nápoles, desprovida de tropas austríacas pela incúria do Imperador. O ataque foi decisivo. D. Carlos entrou, quase sem oposição, na cidade, conquistando em pouco tempo todo o reino. Coroado em Palermo, recebeu o nome de Carlos III.

Durante as vicissitudes da guerra, o vice-rei da Áustria, Visconti, dera ordem perentória para que todos os vassales das forças inimigas abandonassem, no prazo de um mês, o território dos Estados imperiais.

Terrível golpe para os solitários do monte Argentário! Paulo e seus filhos, vassalos do rei da Sardenha, deviam deixar, quiçá para sempre, a amada solidão! Orbetello unia suas lágrimas às do santo Fundador. Seu pai e arrimo em todos os infortúnios, aquele que por Eles se sacrificara heroicamente no decurso da epidemia, tinha de abandoná-los aos horrores da guerra!... té os soldados. se lamentavam...

O general austríaco, intimo amigo do servo de Deus, resolvia a deixá-lo partir. Encontrou, afinal, um expediente para eximir os santos solitários de ordem tão rigorosa. Fêz mais. Permitiu-lhes entrarem e saírem da fortaleza quando lhes parecesse.

CONQUISTAS

Ao passo que ambiciosos guerreiros se sacrificavam pela conquista de algumas terras com a espada que mata, Paulo, com a Cruz que salva, sacrificava-se pela conquista das almas imortais... Apesar da guerra, missionou o nosso santo diversas cidades das dioceses de Aquapendente, de Città della Pieve, de Soana e da Abadia das Três Fontes.

Dentre os muitos e portentosos milagres operados nessas missões, relataremos os dois seguintes.

Em Scanzano, diocese de Soana, um cônego, ameaçado de morte por seu parente, permanecia temeroso em casa. O santo foi em procura do homem vingativo. Vendo-o este, pôs-se a correr. Paulo seguiu-o por largo tempo, através dos campos, rogando-lhe que parasse. Vendo que não obedecia, tomou do Crucifixo, que levava ao peito, e bradou fortemente:

" Se desobedeceres a este Cristo e não fizeres as pazes com teu parente, cairás morto na primeira fossa que encontrares " .

Atemorizado pela ameaça, deteve-se o culpado por alguns instantes, mas continuou logo a fugir de quem desejava salvá-lo. Ao aproximar-se, porém, de uma fossa, deteve-se, refletiu, mudou de sentimentos e foi ter com o homem de Deus. Estava este a orar ao pé de uma árvore. Pediu-lhe perdão e ouviu de seus lábios palavras de paz e de conforto. Paulo mandou chamar o cônego. Abraçaram-se e reconciliaram-se para sempre.

Um tal Francisco Vivarelli, de Magliano, da mesma diocese, recebera de empréstimo de um sacerdote cem escudos. Ao saldar prometera-lhe o credor destruir a promissória logo que chegasse em casa. Esqueceu-se, no entanto, de o fazer e faleceu logo depois. Os herdeiros, dando com o documento, reclamaram de Vivarelli os cem escudos. Este, ao ver a letra, ficou desolado. Afirmou com juramento que saldara a dívida, alegando as circunstância em que o fizera.

Não lhe deram crédito e recorreram ao juiz.

Paulo, por esse tempo, pregava missão em Magliano Foi ter Vivarelli na esperança de que resolveria a contenda. Ices

-lhe o santo que iria consultar a N. Senhor, na santa missa. Logo após o santo Sacrifício, convidou Vivarelli a acompanhá-lo a casa do benfeitor onde se hospedara. Pôs-se novamente em oração, mandando em seguida chamar os herdeiros do falecido. Surgiu viva discussão entre os interessados, sem nada concluir.

Paulo tirou, então, da manga um documento e disse aos pretensos credores:

" Meus filhos, vede se este recibo é do vossa tio.
Observai se a caligrafia é dele " .

" Sim, responderam surpresos, esta letra é do nosso tio.
Não teríamos certamente movido causa judicial, se no-lo
houvessem apresentado antes " .

E sem mais rasgaram a promissória.

Paulo tomou o recibo, colocou-o novamente na manga e ninguém mais o viu.

PREPARATIVOS DE GUERRA

Enquanto o santo missionário regava com suores o campo evangélico, aproximavam-se os espanhóis do monte Argentário. Conquistadas Nápoles e a Sicília, começou o duque de Montemar, em fevereiro de 1735, a concentrar na Toscana, por mar e por terra, grande contingente de tropas.

Iminente era o ataque. O general austríaco, Espejo vendo ser impossível, com os poucos soldados de que dispunha atacar o inimigo, resolveu concentrar-se nas fortalezas e resistir o quanto possível.

Reinavam em Orbetello e comarcas circunvizinhas o salto e o terror; o perigo geral ameaçava também o santo apóstolo, pois estava em toda parte. Consolava os desalentados elevava os ânimos e corações para o Céu. Penetrava nas fortalezas, doutrinava os soldados, ouvia-os em confissão e lhes comunicava o invencível valor do heroísmo cristão, que não teme a morte, por não temer a eternidade.

A glória de Deus reclamava certo dia a presença do apóstolo na vila de Santa Flora, província de Sena. Repleta de perigos era a viagem. Nada, todavia, o retinha em se tratando da glória de Deus.

Ao regressar, foi preso por um destacamento de soldador espanhóis que, tomando-o por espião das tropas imperiais, o conduziram à presença do general, marquês de Las Minas, valoroso soldado como fervoroso católico.

Certificou-se logo o marquês que tinha diante de si um santo religioso e fêz questão que almoçasse consigo. A tarde Paulo pediu licença para partir e foi por entre demonstrações de afeto e veneração do general e dos soldados que deixou o acampamento. Permitiu N. Senhor o incidente a fim de que o apóstolo, no decorrer das batalhas prestes a travar-se, pudesse levar a todos, espanhóis e imperiais, os socorros da fé que, na caridade de Jesus Cristo, abraça todos os povos, sem distinção de partidos políticos.

No mês de abril surgiram as bandeiras inimigas. Montemar, terminando o cerco de Orbetello, passou o comando do destacamento ao general de Las Minas, com ordem de apoderar-se das alturas do monte Argentário, donde seria relativamente fácil destruir a fortaleza de Monte Felipe. Este, sem encontrar oposição, ocupou o monte, nele assentando a base das operações.

Não longe estava a ermida de Santo Antão. Desejou o general rever a Paulo, cumulando-o de gentilezas. Muitas vezes quis tê-lo à sua mesa, edificando a todos a modéstia e mortificação do santo.

Como fosse tempo pascal, Las Minas fê-lo confidente de sua consciência..

O CAPELÃO MILITAR

Aos dezesseis de abril, sábado depois da Páscoa, começou o ataque à fortaleza. Viu-se então o que pode a caridade de um santo. Ao primeiro ribombo da artilharia, tomou o Crucifixo e lançou-se ao fragor das batalhas, qual anjo consolador. Da fortaleza inimiga caíam por toda parte balas e metralhas. Um só pensamento dominava a Paulo da Cruz: salvar almas. Corria em procura dos feridos e moribundos, prodigalizando-lhes as consolações do Céu e purificando-lhes a consciência no Sangue de Cristo.

Explode-lhe tão perto uma bomba, que o deixa coberto de terra! Em seu derredor caem mortos e feridos. Não levando em conta os perigos, multiplica-se para acudir em toda parte onde haja uma alma a reclamá-lo.

Para confessar um soldado moribundo, não teme, com a intrepidez do herói, chegar precisamente onde a artilharia causava maior destroço. Las Minas, testemunha da santa audácia do venerável amigo, não podendo moderar-lhe o zelo, fê-lo acompanhar por um soldado. A cada troar da artilharia imperial, este o adverte que se lance por terra. Se não ficou no campo de batalha., foi por patente proteção divina. E' que Deus se compraz em ver os seus servos desprezarem a morte para salvar as almas.

Mas o apóstolo ainda não se dava por satisfeito. Infatigável, corria sob nuvens de fogo para o exército que sitiava Orbetello do lado oposto, dizimado por mortífera epidemia. Graças ao seu zelo, ninguém morria sem os últimos Sacramentos. No começo, muitos soldados encontravam dificuldades para confessar-se por não compreenderem o italiano nem o espanhol. Paulo, todavia, aprendeu em pouco tempo seus idiomas, pelo menos o suficiente para ouvi-los em confissão.

E, coisa extraordinária, somente explicável pelo ascendente da santidade: ambos os contendores davam livre acesso à caridade do servo de Deus! Dos sitiados passava aos sitiadores verem-no, suspendiam o fogo da artilharia, abriam-lhe as portas e o recebiam como um amigo, como um pai. Tal foi a prudência, que sempre guardou, tal a veneração que inspirava,

que jamais deu motivo à mais leve suspeita.

Após 29 dias de cerco, uma bomba fêz voar pelos are o depósito de pólvora. Monte Felipe rendeu-se, caindo logo mal Portércole em poder dos espanhóis.

Para ser completa a conquista, faltava apenas Orbetello, protegida pelo lago. Informado falsamente de que seus habitantes eram partidários dos imperiais, ordenou Las Minas fossem devastados -os vinhedos e os campos e bombardeada a cidade. Já preparavam o terreno e assentavam as baterias. Paulo, ciente dos acontecimentos, foi ter com o general e advogou a causa da infeliz cidade, desfazendo as calúnias.

A principio Las Minas mantinha-se irreductível. Mas, vencido. pelas lágrimas do santo, exclamou

" Eu o faço em consideração ao seu pedido " .

E revogou as ordens. Não tardou a rendição da praça, como previra Paulo, e dias depois capitulava a guarnição.

O general, ao encontrar-se com o servo de Deus, disse-lhe

" O senhor tinha razão, pe. Paulo. Estou satisfeitíssimo com Orbetello. Agradeço-lhe de coração os conselhos que me deu. "

O santo exerceu extraordinária influência nos soldados espanhóis. Ouçamos suas palavras ao snr. Estêvão Cencelli, nobre patricio de Viterbo.

" Cheguei a ser o dono daquele exército, pois, por sua bondade, tanto o general de Las Minas como os oficiais nada me negavam do que lhes pedisse " .

E, exaltando a piedade das tropas, acrescentava:

" Eram verdadeiros cristãos! Com que fervor e entusiasmo vinham confessar-se! Ao dizer-lhes que ignorava o idioma castelhano, replicavam-me com vivacidade: Interrogue-nos, Padre, sobre os mandamentos de Deus e dir-lhe-emos as nossas faltas. E, graças a Deus, tudo saía perfeitamente bem " .

O mesmo snr. Cencelli, pelo trato familiar que mantinha com a oficialidade espanhola, pôde verificar de visu e, por assim dizer, tocar com o dedo a grande estima que todo o exercito professava de Deus e a alta opinião que formava de sua santidade.

OUTROS MINISTÉRIOS SAGRADOS

Do teatro da luta levava o soldado de Cristo seu apostolado a campos mais pacíficos. O snr. bispo da ilha de Elba anunciou por carta pastoral ao povo e ao clero a próxima chegada do grande missionário Paulo da Cruz, tecendo-lhe rasgados elogios. Considerava-o como extraordinário presente outorgado à terra pela misericórdia do Senhor, recomendando aos sacerdotes fizessem o retiro espiritual sob sua santa direção.

Três meses consecutivos regou com seus suores aqueles campos apostólicos. Deus o recompensou com a abundância dos frutos colhidos. Portentosos prodígios acompanharam essas missões.

Em Rio residia uma senhora maltratada pelo marido por causa das calúnias de uma vizinha, que lhe votava ódio mortal. A vítima, desfeita em pranto, foi desabafar-se com o santo missionário. Mandou este chamar a caluniadora e falou-lhe com energia de que só é capaz o coração de um apóstolo. A infeliz parecia querer retratar-se. Aproveitando a boa disposição fez vir à sua presença o marido da caluniada. E dirigindo-se à culpada:

“ Então, está disposta a retratar o que disse a respeito da esposa deste homem? ”

Como é difícil ao orgulho a reparação da calúnia! A mísera não soube vencer-se e, obstinando-se na culpa, respondeu com pertinácia:

“ O que eu disse a seu respeito é a pura verdade! ”

O defensor da inocência, repleto do espírito de Deus, exclamou:

“ Pois bem, venha comigo à igreja e confirme ante o ss. Sacramento o que disse ” .

E lá, ante o tabernáculo, em presença de outro sacerdote, da vítima e do esposo, a mulher não titubeou em cometer execrável perjúrio, confirmando as calúnias. Em castigo, porém, audácia, ficou imediatamente possessa do demônio, que a elevou aos ares, enquanto da boca, espumante e colérica, lhe saía a língua toda. As testemunhas estavam apavoradas... Pondo-se em oração, recitou Paulo os exorcismos, e o espírito maligno, passados instantes, deixou-a cair por terra sem sentidos. Retirando do tabernáculo o cibório, o santo o aconchegou à cabeça da desventurada mulher. A virtude do ss. Sacramento fê-la voltar a si e, com o coração lacerado pelo arrependimento, retratou-se de tudo o que dissera.

Na mesma localidade a voz do missionário tomou repentinamente solene e terrífica entoação, como se se dirigisse a obstinado pecador. Fixa os olhares no portal do templo, detém-se por instantes e exclama, imerso em profunda tristeza

“ Oh! tu somente queres permanecer obstinado na culpa? ”

E abraçando o grande Crucifixo que estava sobre o estrado em que pregava, prosseguiu

“ Eu, eu mesmo, com meu Jesus, virei converter-te ” .

Ao pronunciar estas palavras, elevou-se extático, voou por sobre o auditório, chegou até a porta da igreja e retornou ao mesmo lugar.

Estavam todos imóveis pelo inaudito do milagre!

Ao chegar à ilha de Elba, nos primeiros dias de junho, Paulo encontrou-a assolada pela seca. Era o tempo da ceifa e não caíra uma gota de água! Ninguém queria ter o trabalho de colher alguns feixes de palha. O santo, imploradas as bênçãos do Pai celeste, dizia-lhes, no entretanto:

“ Confiança, meus filhos. Ide à messe e vereis como N. Senhor é bom... ”

Considerando-o grande taumaturgo, obedeceram. E tão abundante foi a colheita, que diziam, á maneira de provérbio:

" O ano e a colheita do pe. Paulo " .

Após alguns dias de descanso no monte Argentário, prosseguiu as missões.

Orbetello e Portércole reclamavam novamente o obreiro evangélico. Voltara a reinar a paz naqueles arredores e desejavam entregar-se aos interesses da alma e do Céu.

Em ambas essas missões, os soldados espanhóis se mostraram admiráveis na fé. Muito embora poucos entendessem bem o idioma italiano, a palavra do missionário penetrava-lhes o coração, fazendo-lhes derramar abundantes lágrimas. O general de Las Minas, em companhia dos oficiais, assistia os sermões e, sob a direção espiritual do apóstolo, fez grandes progressos na virtude. Paulo ensinara-lhe a meditar os novíssimos e a Paixão de N. Senhor, e o piedoso general empregava toda manhã duas horas nesse santo exercício. Aproximava-se freqüentemente dos Sacramentos, confessando-se sempre com Paulo, e entretinha-se em colóquios espirituais com o santo diretor, cujos conselhos seguia à risca. O mesmo fazia a esposa, mulher piedosíssima.

Não queremos passar em silêncio o prodígio operado por Paulo na família Grazi. Foi o homem de Deus visitar o snr. Anastácio, atacado de gota. Agudíssimas eram as dores. Ao ver o servo de Deus, começou a bradar que não se aproximasse e muito menos o tocasse, pois não podia sequer suportar o contato dos lençóis. Exortou-o o santo a ter confiança em Deus, enquanto traçava com o dedo sobre o lençol o sinal da Cruz, da cabeça aos pés do enfermo. O efeito foi imediato. Desapareceram as dores e Anastácio estava curado. Não sabendo conter-se, bradou o miraculado

" Estou são! "

Rogou-lhe Paulo que se calasse, mas Anastácio, sem prestar-lhe atenção, repetiu com voz mais alta:

" Estou curado! Já não sinto mais nada! "

O servo de Deus, lançando-se-lhe aos pés, conjurou-o por favor a que guardasse silêncio; mas, ao perceber que eram inúteis os pedidos, saiu apressadamente, como se fora surpreendido em grave delito. Aproximou-se então Anastácio da janela e pôs-se a bradar com toda a força dos pulmões:

" Milagre! Milagre! "

Vestindo-se às pressas, saiu pelas ruas e praças da cidade, proclamando o prodígio.

Por essa época o servo de Deus lançou mão de um expediente verdadeiramente heróico para converter a grande pecador. Uma tarde de inverno chegou à ermida de Santo Antão célebre bandido, armado como andam tais pessoas. Acolheu-o Paulo com a habitual afabilidade. Disse-lhe o bandido que havia 30 anos não se confessava. Paulo, por mais que se esforçasse para reconciliá-lo, com Deus, nada conseguiu. Pediu-lhe que pelo menos aceitasse hospitalidade por aquela noite, no que concordou o pecador.

Na manhã seguinte, não se atrevendo a apresentar-se ao santo, tomou as armas e partiu furtivamente. Descia a montanha quando, ao passar por um reservatório de água gelada, via nele mergulhado o homem de Deus, com os braços estendidos em forma de Cruz.

" Que está fazendo aí, pe. Paulo? "

exclamou, estupefato.

" Aqui estou, respondeu o santo com inflexão penetrada de dor, aqui estou penitenciando-me por você " .

Essas palavras enterneceram afinal aquele coração de pedra. Não reteve as lágrimas e foi ajudar a Paulo a sair do gelo, acompanhando-o até a ermida. A conversão fora integral. Oito dias de retiro sob a direção do caridoso padre formaram-no na penitência e na vida cristã.

NOVOS COMPANHEIROS

Essas inúmeras vitórias faziam o santo olvidar as ingentes e incessantes fadigas do apostolado.

Como prêmio de seu zelo, aumentou Deus o pequeno rebanho, formado por Paulo na escola da Cruz, a fim de enviá-lo mais tarde aos combates do Senhor.

No sábado das tēmporas do Advento de 1735, o snr. bispo de Soana ordenava sacerdote a seu irmão, Antônio. Celebrou ele a primeira missa na pequena igreja da ermida, assistido por Paulo e João Batista, que choravam de comoção. Dias após, chegou um jovem sacerdote de Pereta, diocese de Soana por nome Fulgêncio Pastorelli. Quando clérigo, assistira uma missão do pe. Paulo e, desde então, desejou ser Passionista. Te-lo-ia feito imediatamente, não o aconselhara o santo esperasse a ordenação. O afeto que nutria pelo santo Fundador levava-o frequentemente ao Argentário, onde permanecia por vários dias em conferências espirituais com o servo de Deus.

Sucedeu certa feita graciosa aventura, prova de que aqueles solitários não viviam para a terra. A primeira vez que o pe. Fulgêncio chegou ao monte, Paulo e seus companheiros quiseram preparar-lhe um

" banquete " .

Acenderam o fogo e puseram a cozinhar algumas favas. Mas... começando a discorrer sobre a grandeza de Deus e as alegrias do paraíso, engolfaram tanto nesses santos e sublimes conceitos, que olvidaram as favas e a ceia... No dia seguinte deram com o fogo apagado, a panela fria e as favas queimadas...

Apresentaram-se outros postulantes, todos desejosas de vestir a libré da Paixão. Eram nove ao todo. Não sendo possível alojá-los na pequena ermida, construíram uma choupana de folhagem, coberta de palha, onde quatro deles pernoitavam. Eram pobres, mas felizes...

Como eram fervorosos e penitentes aqueles primeiros Passionistas!...

CAPÍTULO XVII

1736 - 1738

Índice

VAI A NÁPOLES CONFERENCIAR COM
CARLOS III

VIAGEM A PISA

OBSTINADAS PERSEGUIÇÕES

INTERVENÇÃO DE S. MIGUEL
ARCANJO

INAUGURAÇÃO DA PRIMEIRA IGREJA
DO INSTITUTO

A NOVENA DA APRESENTAÇÃO

NAS CULMINÂNCIAS DA MÍSTICA

CAPÍTULO XVII

1736 - 1738

VAI A NÁPOLES CONFERENCIAR COM CARLOS III

Paulo sentia não poder instalar melhor a querida família religiosa. A construção continuava suspensa por falta de recursos.

O irmão Marcos fora incumbido de conservar, ao menos, as paredes já levantadas. Quando em casa, Paulo comprazia-se em ajuda-lo pessoalmente. Um sacerdote seu amigo, ao vê-lo trabalhar, perguntou-lhe com que meios contava levar a cabo o edifício. Paulo respondeu

" Tenho apenas 30 soldados, mas conto com o auxílio de
Deus " .

A compra e o transporte dos primeiros materiais custaram muito e lhe consumiram as abundantes esmolas que recebera de Orbetello e já não tinha coragem de solicitar novos auxílios, levando em consideração as devastações da guerra.

O general de Las Minas, que conseguira do rei licença para a continuação das obras, aconselhara-o a dirigir-se a Carlos III, cuja generosidade, dizia ele, corria parrelhas com sua bondade.

Após a festa de santo Antão, no rigor do inverno, confiando a pequena comunidade à direção do pe. Fulgêncio, partiu para Nápoles com o pe, João Batista. Recebeu-os o rei durante o jantar. Perguntou-lhes com vivo interesse o motivo da viagem. Expôs-lhe o servo de Deus em breves palavras a finalidade do Instituto e os primórdios da construção do convento. Agradeceu a Sua Majestade a licença concedida e concluiu afirmando contar com sua generosidade para o remate do edifício.

Carlos III, contente por saber da existência de obra tão santa, sem mais deu ordem para lhe entregarem cem dobrões. Com ótimo auxílio prosseguiram velozmente as obras. Para mais acelerar os trabalhos, os próprios religiosos se uniram aos pedreiros. Todas as manhãs, após as orações e a santa Missa, dirigiam-se à construção. Paulo, como servente, animava a todos com o exemplo e a palavra. Construindo o templo material, não descuidava o edifício espiritual das almas, incutindo no mestre e nos operários ódio mortal ao pecado, amor ardente à sagrada Paixão de Jesus e à Mãe das Dores.

Quem poder, descrever os transportes de alegria do santo Fundador?

“ Meu Deus, exclamava, é esta a mansão do vosso amor,
por vós preparada para os que vos amam ” .

Os demônios, divisando no edifício forte baluarte contra o seu poder, envidaram todos os esforços por lançá-lo por terra; destruíam de noite o que se levantava durante o dia. Contudo, força superior paralisou a teimosia diabólica. Vencidos pelas orações do santo, vingaram-se os espíritos infernais em sua pessoa, atormentando-o atrozmente, enquanto novas derrotas lhes infligia a paciência heróica de Paulo da Cruz.

VIAGEM A PISA

De regresso da expedição militar à Lombardia, assentara o exército espanhol quartel em Livorno e Pisa, para onde teve que seguir o general de Las Minas. Este falou ao generalíssimo, duque de Montemar, a respeito do bem imenso que fizera Paulo em prol de seus soldados. O duque, que já admirava as virtudes do servo de Deus, convidou-o a pregar missão às tropas.

Paulo embarcou no Porto de Santo Estêvão em falua real, que navegava em companhia de outras embarcações. Já estavam à vista de Livorno, quando, improvisamente, se levantou furiosa tempestade. As outras naves, arrebatadas pelo furacão e feitas joguetes das ondas, sossobraram. Igual sorte ameaçava o barco em que se achava o nosso santo. Os marinheiros colheram as velas, lançando mão dos remos; mas um deles fez-se logo em pedaços, deixando-os à mercê dos ventos. Paulo invocou o socorro da Estrila dos mares, recitando as ladainhas da ss. Virgem e abandonou-se às mãos da Providência.

Os marinheiros, animados por suas palavras, conseguiram levar a embarcação ao porto, após ingentes esforços. Geral foi a estupefação, pois parecia inevitável o naufrágio.

Depois de render sentidas graças à Mãe de Deus, Paulo apresentou-se ao duque, pondo-se à sua disposição. Combinaram a missão para a semana depois da Páscoa, na cidade de Sena. Paulo retornou imediatamente ao monte Argentário, levando abundantes esmolas recebidas do generalíssimo e dos demais oficiais espanhóis.

Nos últimos dias da quaresma partiu para Pisa com o pe. João Batista, mas a missão fora adiada, porque Madri ordenara que o exército deixasse aos poucos a Toscana.

A convite do Vigário Capitular de Chiusi, foram ambos missionar aquela diocese.

OBSTINADAS PERSEGUIÇÕES

De volta à solidão, ao invés de doce e merecido descanso, encontraram perseguições e angústias tais, que, sem especialíssima proteção do Céu, não teriam resistido. Os demônios e os homens coligavam-se para destruir o Instituto. Dir-se-ia haver N. Senhor entregue o santo às mãos dos inimigos. Ouçamos as cruéis angústias de sua alma em carta confidencial a um amigo

“ Ó Deus! como estão raivosos os demônios! Quanto dano causam as más línguas! Não sei para que lado voltar-me. Só Deus sabe como estou. Aumentam de todas as partes as tempestades e de todos os lados sopram ventos contrários. Persequem-no. os demônios com perversidade e os homens com boa intenção. Bendito seja Deus!... ”

Em outra carta, escreve:

“ Preparam-se novos combates. Como me sairei deles? Sucedem-se as tempestades, aumentam as trevas, os temores não se desvanecem. Os demônios atacam, os homens ferem com a língua Por fora rudes assaltos, por dentro temores, trevas, aridezas espirituais, desgostos e desolações ” .

Vejamos donde surgiu a tempestade.

Por inveja, julgava Portércole injuriosa preferência a construção do retiro em território de Orbetello. O descontentamento chegou a explodir em burlas e insultos ao santo e a seus filhos

O que, porém, mais amargurava o coração de Paulo era que a, perseguições vinham também de Orbetello, onde alguns homem influentes olhavam de maus olhos o servo de Deus, talvez ofendi dos por sua apostólica franqueza ou por motivos outros, que se envergonhavam de declarar. Não se atreviam, contudo, a cumba tê-lo abertamente, por causa da estima do povo e da proteção que lhe dispensavam os membros mais eminentes do governo.

Com a ausência, porém, do general de Las Minas, não teve limites a audácia daqueles homens. Estimulados pelos demônio, começaram por desacreditá-lo publicamente. Ele devia abandonar o retiro... Inventaram as mais negras calúnias e urdiram a trama com tão fina malícia, que nela prenderam até o eminentíssimo abade, aliás de ânimo já prevenido, em virtude de outras falsa acusações.

Daqui provieram ao homem de Deus tribulações sem conta. Chegaram os perversos a propalar que o cardeal ameaçara aos que auxiliassem os missionários do Argentário. Esses infames ardis entibiaram o amor dos fiéis aos seus benfeitores. Uns por temor outros por respeito humano, outros ainda desalentados pelas calúnias, todos enfim deixaram de enviar ofertas à ermida. E o servos de Deus se viram reduzidos a tal indigência, a ponto de alimentar-se somente de ervas silvestres.

Em tais angústias, acrescidas por desolações espirituais e vexações diabólicas, gemia o santo:

“ Em que águas se encontra submerso o pobre Paul Ah! Deus flagela-me de maneira indescritível e temo que os

sofrimentos aumentarão! Pedi ao Senhor que me castigue com misericórdia, mas me salve a alma, que tão caro lhe custou.
Deus seja bendito! "

A essas espantosas provações aliava-se a ausência das doces consolações providas ao missionário quando conquista alotas para o Céu.

Na missão pregada em Pitigliano, dor imensa invadiu-lhe o coração ao ver os fiéis, por torpes intrigas, oporem obstinadíssima resistência à palavra divina. Ambos os irmãos, desolados, abandonaram a ingrata cidade, sacudindo o pó de seus pés, como manda o Evangelho.

Para cúmulo dos males, caiu enferma a pequena comunidade, inclusive Paulo. Faltava até o necessário. O coração do santo, embora imerso na mais profunda mágoa, haurindo ânimo nas chagas do Salvador, alternava os filhos queridos. Levantava-se penosamente do pobre leito para tratá-los com afeto verdadeiramente maternal.

Mas Deus velava por seus servos. De Parto Langone, ilha de Elba, chegou por esse tempo o fervoroso sacerdote Pedro Cavalieri a alistar-se na milícia da Cruz. Não desanimou ao deparar tanta penúria e tantos sofrimentos; mas, como enviado de Deus no momento supremo, serviu-lhes de enfermeiro e o fez com extremos de dedicação. Quando os viu completamente restabelecidos foi regularizar os seus negócios e os da família e retornou ao monte Argentário para receber o santo hábito das mãos do Fundador.

Ademais, minorou a Providência a pobreza dos seus servos, com despertar nas almas generosos sentimentos de caridade para com eles.

Piedosa senhora da diocese de Aquapendente enviou-lhes muito legumes e as religiosas de Piombino angariaram donativos em seu favor.

Já não passavam fome, mas... cresciam as perseguições.

INTERVENÇÃO DE S. MIGUEL ARCANJO

Juraram os inimigos expulsá-los do Argentário. Exasperados pela ineficácia das calúnias, lançaram mão da violência, julgando conseguir o que não conseguiram os demônios. Haviam de destruir o retiro, quase concluído!

Auxiliados pelas trevas da noite, quando tudo era silêncio em torno do edifício e os religiosos descansavam tranquilos na ermida, os desalmados, cegos pela paixão, foram de mansinho executar o plano sinistro. Já se aproximavam daquelas paredes sagradas, quando o mesmo poder misterioso que as defendera contra os demônios feriu-os de espanto e terror, fugindo quem para uma direção quem para outra.

Que tinham visto?

De pé, sobre um globo de fogo, empunhando cintilante espada, o arcanjo são Miguel a defender o edifício...

Foi assim que uma santa alma o contemplou.

Ciente do perigo por que passara a construção e da maneira como fora defendida, dedicou o santo Fundador um altar da nova igreja ao glorioso Arcanjo.

Com sinais tão evidentes da proteção celeste, julgou Paulo dever dirigir-se ao eminentíssimo abade para desfazer as calúnias dos adversários. Por duas vezes foi a Roma, escreveu inúmeras cartas; mas só após ingentes trabalhos conseguiu pôr à luz do dia a má fé dos caluniadores.

O cardeal, sempre temeroso de que os pobres e perseguidos religiosos não pudessem ter os altares suficientemente adornados não permitiu o exercício do culto na nova igreja. Autorizou-os apenas a habitarem o retiro. Essa determinação levou ao auge a consternação do santo.

Todavia, esperou resignadamente que Deus mudasse o coração do prelado.

Como fosse excessivo o calor em 1737, não podiam os religiosos continuar na ermida sem perigo de graves enfermidades. Transferiram-se, pois, para o novo edifício. Mas surgiu outro inconveniente. Os sacerdotes, debilitados pela enfermidade que os acometera, deviam percorrer diariamente milha e meia, descalços e por caminhos pedregosos, para celebrar na igreja de Santo Antão, quando a preço de enormes sacrifícios haviam construído esplêndida igreja.

Paulo resolveu escrever ao snr. cardeal, rogando-lhe provisionasse a nova igreja como oratório privado, para que pudessem os, sacerdotes ao menos celebrar o santo Sacrifício.

" Assim, acrescentava, permaneceremos por mais tempo aos pés do Crucifixo, visto não nos ser permitido trabalhar em prol das almas administrando-lhes os sacramentos, como até hoje fizemos. Esperamos que a misericórdia divina, a quem de coração desejamos servir durante toda a vida, compadecer-se-á de nós. Na divina Bondade descansam todas as nossas esperanças. Rendemos graças ao nosso Amor Crucificado por nos haver fechado os caminhos humanos. Nossa confiança estriba-se unicamente em sua paternal bondade " .

INAUGURAÇÃO DA PRIMEIRA IGREJA DO INSTITUTO

Não fora vã a confiança de Paulo. Como por encanto, as tribulações se converteram em alegria.

Não chegara a carta a Roma e, por ordem de Clemente XII, com data de 31 de agosto de 1737, expedia-se um Breve em que se facultava ao eminentíssimo abade delegar a quem lhe aprouvesse para benzer solenemente como oratório público a nova igreja erigida pelos dois sacerdotes Dániel no Monte Argentário.

" Na mencionada igreja, sem prejuízo dos direitos paroquiais, administrar-se-ão os sacramentos e realizar-se-ão quaisquer outras funções eclesiásticas " .

Eis a origem do privilégio: Na, festa da Assunção, sempre celebrada por Paulo com terníssima piedade, escreveu a mons. Crescenzi e, como se sói dizer, derramando o coração no peito do amigo, referia-lhe as tribulações que o oprimiam. O prelado, de concerto com o cardeal Corradini, obteve da Santa Sé a suspirada mercê.

O cardeal Altieri, ao receber o Breve Pontifício, como tinha em vista apenas a glória de Deus, considerou-o prova manifesta da divina bondade. Sem mais expediu ordem ao vigário geral, Moretti, para benzer a igreja.

Convém saber que o cardeal sempre estimou os missionários do Monte Argentário e a partir de agora trata-os-á com toda benevolência. Justa reparação aos sofrimentos que, involuntariamente, lhes causara, deixando-se enganar pelas calúnias dos detratores.

Também em Orbetello e lugares circunvizinhos, as coisas mudaram de feição. O comando das guarnições fora confiado ao general Carlos Brom, católico fervoroso, que se mostrou zeloso defensor do santo perseguido.

Intimidados, relegaram os adversários as perseguições.

O povo, arrependido, ardeu em desejos de assistir a inauguração da igreja que, erigida no flanco da montanha parecia desprender-se dos bosques de azinheiras para, de longe, convidar as almas à oração e elevá-las docemente para Deus.

Foi escolhido para a solenidade o dia 14 de setembro de 1737, festa da Exaltação da Santa Cruz.

Desde o raiar da aurora inúmeras barquinhas sulcavam o lago, conduzindo os romeiros à margem oposta. Era de ver aquelas alturas coalhadas de povo provindo de Orbetello e das localidades vizinhas, à espera do ato inaugural! Para realce da solenidade, lá estavam os magistrados da cidade, o general Brom com a oficialidade espanhola. A banda militar tocava hinos religiosos, cujos acordes repercutiam pelas quebradas da montanha...

Chegou, enfim, o vigário geral com o clero. Enfiou na igreja e revestiu-se dos paramentos sagrados. O santo Fundador, de corda ao pescoço, alçando o glorioso estandarte da Cruz, dirigiu-se do convento para a igreja, seguido de oito filhos seus, quatro sacerdotes e quatro irmãos leigos. Descalços, graves e modestos, patenteavam aos rostos macilentos, a par de celestial serenidade, o estigma de heróicas penitências. De seus lábios evolavam-se para o alto hinos ao Senhor.

Recebidos à porta pelo clero, ingressaram no templo e iniciou-se a bênção solene do santuário, sob o título de Nossa Senhora da Apresentação.

Celebrada a santa missa com todo o esplendor do culto, proferiu o venerável apóstolo comovente sermão. Todos estavam emocionados, inclusive Paulo.

Outras consolações Deus lhe reservara.

O leitor certamente se lembrará do memorial enviado à sagrada Congregação dos Bispos e Regulares para a permuta da propriedade eclesiástica, contígua à ermida. Pois bem, o snr. cardeal abade, que desde o Breve de Roma se tornara um dos maiores benfeitores dos religiosos da Paixão, tudo fez para que se obtivesse aquele favor. Teceu-lhes os mais entusiásticos elogios. Chama-os de

" sacerdotes zelosíssimos que, de há muito, com
contínuas e ingentes fadigas, trabalham no serviço de Deus
e bem das almas " .

Fez questão de presenciar a assinatura do contrato firmado em casa consistorial de Orbetello. Estava também presente o tesoureiro de Sua Majestade, que mandou fosse lido o decreto real, pelo qual se outorgava aos

sacerdotes Paulo e João Batista Dáni e aos seus companheiros licença de colher lenha nos terrenos pertencentes à Coroa. Esse decreto fora obtido sem que Paulo o soubesse.

Meses antes doara-lhe o general uma fanga de terra a cavaleiro da planície e da encosta da montanha. Esse terreno, unido à propriedade eclesiástica do Sítio de Santo Antônio, formava encantador recinto circundado de bosques e mais um jardim enriquecido de límpido regato.

Paulo não estava, todavia, plenamente satisfeito. Algo lhe faltava: conservar na nova igreja o ss. Sacramento.

Escrevia a um seu penitente, mais tarde santo Passionista:

" Meu querido amigo, o retiro está completamente terminado; as celas estão prontas. Só resta adornar um pouco a igreja para poder receber condignamente o ss. Sacramento. Ó meu Deus! Uma hora me parece mil anos, enquanto não vir em nossa igreja o meu Amor eucarístico. Quando poderei, nas horas de profundo silêncio, orar ao pé do santo altar? Quem me dará asas de pomba para voar ao Coração sagrado do meu Jesus " .

Penou muitos anos à espera dessa suprema ventura, confiando sempre poder um dia ter sob o seu teto o Deus do Tabernáculo. Esmerava-se em adornar e embelezar a igreja, muito embora não pudesse enriquecê-la como desejava.

A NOVENA DA APRESENTAÇÃO

O cardeal abade presenteou-o com grande e magnífico quadro, da escola do cavalheiro Conca, representando a ss. Virgem ao consagrar-se a Deus no templo de Jerusalém.

Essa atenção agradou imensamente a Paulo; aliás, era tocar-lhe na fibra mais sensível do coração, pois a Apresentação de Maria ao templo foi sempre uma das principais devoções do serve, de Deus. Começou a celebrar a festa com muita solenidade, precedida de novena. Nesses dias venturosos, experimentava consolações celestiais, sobretudo ao entoar o salmo, tão em harmonia corai suas lutas e triunfos. Citemos alguns trechos:

" Alegrai-vos no Senhor, vós, povos de toda a terra; entoai cânticos ao seu nome; celebrai-lhe a glória e os louvares... Ó meu Deus, que toda a terra vos adore, apregoe a vossa glória e cante o vosso nome... "

Parecia, reconhecer nas seguintes expressões as veredas por onde Deus o conduzia:

" Foi o Senhor que me fortaleceu a alma na vida e não permitiu me vacilarem os pés; vós, porém, ó meu Deus, nos provastes, fazendo-nos passar pelo fogo, como o ouro pelo crisol... Caminhamos pelo fogo e pelas águas, e afinal nos conduzistes a um lugar de refrigério... "

Com que efusão da alma ele cantava:

" Entrarei em vossa casa com holocaustos: cumprirei os

votos que meus lábios pronunciaram e minha boca proferiu em meio das angústias... Bendito seja o Senhor, que não rejeitou minha oração nem de mim afastou sua misericórdia!... "

A idade avançada, as grandes distâncias, as graves enfermidades não o impediam de estar no Argentário para celebrar a novena e a festa da Apresentação. Costumava dizer:

" O grande dia da Apresentação, eu o considero um dos mais santos da Igreja " .

E que piedosas recordações lhe não trazia ao espírito essa festividade?! Foi nesse dia que deu o último adeus ao mundo, para receber no dia seguinte, sexta-feira, das mãos do seu bispo, o hábito da Paixão, consagrando-se inteira e irrevogavelmente a Jesus Crucificado. Havia ainda um motivo secreto que o obrigava a amar com predileção essa festa. Certa ocasião, ao discorrer com seus religiosos a respeito da Apresentação, exclamou com ênfase:

" Eu sei, sim, eu sei!... "

E chegou a confiar o segredo a quem não soube guardá-lo...

NAS CULMINÂNCIAS DA MÍSTICA

Numa festa da Apresentação, ignoramos o ano, o bem-aventurado, recebeu do divino Esposo das almas soberana prova de amor.

Antes de referi-lo, elevemos a Deus o espírito e o coração.

Para significar a união com a alma fiel, toma Deus na sagrada Escritura o nome de Esposo:

" Desposar-te-ei para sempre... na fé " ;

disse pelo profeta Oséias (11,20). Essa promessa cumpriu-a o Verbo divino, desposando-se com a natureza humana pela Incarnação. Eis por que é Jesus chamado o Esposo e a Igreja a Esposa.

" Desposou-se com a natureza humana que lhe era estranha, exclama Bossuet, e fê-la uma só coisa consigo. Desposou-se igualmente com a santa Igreja, esposa imortal e imaculada. A Igreja desposa-se por sua vez com as almas santas, por ela atraídas à sociedade de seu reino e, mais, de seu tálamo régio, cumulando-as de dons e castas delicias, delas gozando, entregando-se a elas, dando-lhes tudo o que tem e tudo o que é: o corpo, a alma, a divindade, e preparando-lhes na vida futura uma missão incomparavelmente superior (Bossuet, Oitava Elevação, semana 24) " .

Nosso Senhor desposa, portanto, todas as almas justas, pela fé e caridade que o Espírito Santo lhes derrama nos corações. Contraindo união conjugal, mais estreita e sublime, com certas almas privilegiadas, de pureza sem mácula, inteiramente suas, às quais se compraz em abrir todos os tesouros do seu infinito amor: sagradas e inexplicáveis bodas!

O Verbo divino, pela efusão da eterna luz, enaltece a alma à mais sublime contemplação e a inunda dos dons do Espírito Santo. E' este, na vida presente, um dos mais elevados graus da união da alma com Deus. A esposa, unindo-se ao celeste Esposo, nele se transforma e, a Ele unida espiritualmente, exclama: Já não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim!

Ao voltar a si do êxtase nupcial, ela conserva profunda impressão dos altos conhecimentos recebidos e das puras alegrias que a inebriaram, sem encontrar, contudo, imagens e expressões adequadas para descrevê-los.

" Vi e ouvi - pode ela dizer com o grande Apóstolo - coisas tão misteriosas, que é impossível à linguagem humana referi-las (II Cor. 12, 4) " .

Por vezes, adaptando-se às nossas faculdades, que do sensível se elevam ao inteligível, Deus dá à alma simbólica manifestação dos esponsais contraídos. Foi o que sucedeu a São Paulo da Cruz no dia da Apresentação.

Orava, todo absorto em Deus, quando resplandecente luz o deslumbrou. Circundada pelos resplendores da glória imortal, apareceu-lhe a Rainha do Céu com o Menino Jesus nos braços, acompanhada de luzente falange de anjos e santos de sua maior devoção, como sejam: São João Evangelista, o apóstolo São Paulo, São João da Cruz, Santa Teresa, Santa Isabel, Santa Maria Madalena de Pazzi e outros.

Tomado de soberano respeito, prostrou-se com o rosto em terra em profunda adoração. Uma voz de inefável doçura convidou-o a celebrar a mística união com o Verbo divino. O humilde Paulo não respondia palavra. Abismado no seu nada, considerava-se indigníssimo desse favor.

Então, alguns daqueles santos se lhe aproximaram, levanta do chão e o apresentaram à augusta Mãe de Deus. Maria, fitando-o com ternura maternal, entregou-lhe preciosíssimo anel, em que estavam insculpidos os instrumentos da Paixão. Disse-lhe a divina Mãe que aquelas bodas deviam recordar-lhe incessantemente os sofrimentos e o amor de Jesus para com ele.

O divino Infante, em confirmação das palavras da Mãe SS., colocou-lhe no dedo o anel sagrado. E a visão desapareceu.

Deixou, no entanto, na alma de Paulo impressão tão viva que, ao referi-la no último ano de vida, os soluços embargavam-lhe a voz.

Quem jamais poderá descrever os tesouros de graças que essa união espiritual com o Verbo de Deus trouxe à alma do santo? E foi penhor de outras assinaladas mercês com que o cumulou

" o terno, apaixonado e transformado Esposo, cujo amor se manifesta por inauditos efeitos " ,

como teremos ocasião de referir no decorrer desta história...

CAPÍTULO XVIII

1738 - 1740

Índice

TENTA OBTER A APROVAÇÃO DA
REGRA

MISSIONÁRIO APOSTÓLICO

DIFERIDA A APROVAÇÃO DA REGRA

MISSÕES NA DIOCESE DE CITTÀ
DELLA PIEVE

OUTRAS PENOSAS PROVAÇÕES

CAPÍTULO XVIII

1738 - 1740

TENTA OBTER A APROVAÇÃO DA REGRA

Estava fundado o primeiro retiro da Congregação. A pequena semente germinara e a árvore, embora débil, começara a desenvolver-se.

O servo de Deus julgou chegado o momento de dar-lhe existência jurídica pela aprovação apostólica.

Em princípios de 1738 partiu para Roma e, por intermédio de mons. Crescenzi, apresentou as Regras a Clemente XII, solicitando aprovação.

O soberano Pontífice acolheu benignamente a súplica e mandou examiná-las por uma comissão de cardeais.

MISSIONÁRIO APOSTÓLICO

Como mons. Crescenzi desejasse que na primavera seguinte Paulo pregasse missões em Città della Pieve e em diversas povoações da diocese, obteve para ele e João Batista, com rescrito de 22 de janeiro, o título de MISSIONÁRIOS APOSTÓLICOS e a faculdade de darem a bênção papal com indulgência plenária aos que assistissem os exercícios da missão.

DIFERIDA A APROVAÇÃO DA REGRA

A comissão cardinalícia considerou as Regras demasiado austeras, surgindo daí algumas dificuldades. Paulo, certo de que gamem óbices seriam superados sem a sua presença, incumbiu mons. Crescenzi de resolvê-los e partiu para o monte Argentário. Esperava na oração a notícia de um êxito favorável, quando recebeu carta do referido prelado, reclamando-lhe a presença em Roma, por sobrevirem novas dificuldades.

Em fins de fevereiro retornou à Cidade Eterna. Essas longas e repetidas viagens em pleno inverno fizeram-no sofrer muitíssimo. Quantas vezes seus

passos eram assinalados com manchas de sangue!

E após tantos sofrimentos, amargos desenganos o esperavam em Roma!

Os juizes se opunham à aprovação das Regras...

Enquanto Paulo orava na igreja de São Carlos, no Corso, disse-lhe claramente N. Senhor que viria a aprovação, porém bem mias tarde.

De fato, apesar das diligências de mons. Crescenzi, os comissários indeferiram a petição.

Paulo, sempre humilde e resignado, adorou a ss. Vontade de Deus. Foi o próprio Paulo quem, após muitos anos, indo ao palácio papal em condições bem diferentes, disse ao seu confessor, aludindo aos primeiros tempos:

" Quantas vezes deixei nestas escadarias rastos de sangue!
"

MISSÕES NA DIOCESE DE CITTÀ DELLA PIEVE

Alguns dias de recolhimento e oração no Monte Argentário, e eis novamente em campo o valoroso missionário!

Pregou ininterruptamente sete missões na diocese de

" CITTÀ DELLA PIEVE " ,

a começar pela catedral. Muitos milagres acompanharam esses labores apostólicos. Citaremos apenas um, dos mais admiráveis, operado em presença de todo o povo.

Sofria o missionário ao ver que alguns habitantes de Piágaro resistiam à palavra de Deus e desacreditavam a missão. Apelou para N. Senhor a fim de triunfar daqueles corações.

Jesus para consolá-lo, revelou-lhe os desígnios de sua misericórdia em prol daquelas almas. Várias vezes, mas sobretudo noa últimos dias, proferiu o apóstolo estas notáveis palavras:

" Há entre vós quem deseja ardentemente a minha partida e o fim da missão, que lhe parece interminável. Pois bem, ao retirar-me, deixarei alguém que pregará melhor do que eu " .

Ditas estas palavras, deu a bênção papal, desceu do estrado e, seguido de grande parte do povo, partiu para Monteleone, onde ia iniciar outra missão.

Muitas pessoas permaneciam ainda na igreja, quando um grande Crucifixo esculpido em madeira começa a derramar copioso suor, particularmente das sagradas chagas das mãos, dos pés e do lado. Todos bradavam a um tempo: Milagre! Milagre!

Os que estavam fora entraram em tropel e se puseram em redor da venerável imagem para melhor observar o fenômeno.

Um senhor, por nome Antônio Félix, lançou-se sobre o altar, exclamando:

" Isto é efeito dos meus pecados... "

A emoção foi geral. Antônio enxugou respeitosamente o misterioso suor com um lenço branco.

Outras testemunhas foram referir a Paulo o prodígio.

" Eu já o sabia, - foi a sua resposta. - De que cor é o suor? "

" Azul " ,

disseram-lhe.

" Bom sinal, replicou o santo e prosseguiu caminho. "

Na verdade, sinal da misericórdia divina. Pecador algum resistiu por mais tempo à graça. Os que não se haviam comovido com a palavra ardente do apóstolo, renderam-se à vista do milagre.

Para cultuar a milagrosa imagem e perpetuar a memória do ocorrido, construíram uma capela, em que se colocou o Crucifixo, gravando-se em lápides de mármore as seguintes inscrições:

Ao lado do Evangelho:

" D. O. M. HAEC IMAGO CHRISTI E
CRUCE PENDENTIS, POST HABITAM A
PAVLO DE CRUCE E MONTE ARGENTARIO
SACRAM MISSIONEM, SPECTANTE ET
INGEMISCENTE POPVLO PLAGARENSI,
CAERVLEO SVDORE MANAVIT DIE XI MAII
MDCCXXXVIII "

Ao lado da Epístola:

" ADMIRANDI SVDORIS MONVMENTVM,
QUAESTORES POPVLI PLAGARENSIS, STIPE
COLLATITIO, ET ANTONIVS PAZZAGLIA,
CIVIS CALLENSIS, SACERDOS ET
ECCLESIAE RECTOR, CONSILIO,
INDUSTRIA, ET PECVNIA, SACELLI HVIVS
ORNAMENTUM ANNO 1738, FIERI CVRAVIT. "

[Omitimos outras inscrições].

Damos aqui a tradução das duas inscrições:

" Esta imagem de Jesus Crucificado, ao terminar a missão pregada pelo pe. Paulo da Cruz, do monte Argentário, à vista do povo de Piágaro, que soluçava e chorava, derramou suor de côr cerúlea, aos 11 de maio de 1738

" .

" Os magistrados da cidade de Piágaro erigiram este monumento com o auxílio de subscrições, em memória do suor prodigioso, e Antônio Pazzaglia, cidadão de Calle, sacerdote e reitor desta igreja, esmerou-se em ornar

esta capela, com sua competência e dinheiro, no ano de
1738 " .

Sem dúvida, relataram ao servo de Deus outros pormenores do prodígio, diz São Vicente Strambi, porque escrevia em uma de suas cartas:

" Eu já estava. ao par do que ocorrera em Civitavecchia
" .

Qual o fato de que o santo faz aqui menção? É o que ignoramos, mas percebe-se que se trata de algo milagroso.

" Um acontecimento não menos prodigioso sucedeu em uma de nossas missões na Umbria. Um Crucifixo esculpido em alto relevo suou abundantemente. Instauraram processo verbal do prodígio e enviaram-no a Roma. Atualmente está em grande veneração aquele Crucifixo, pelos milagres que por ele se operaram " .

Assim se exprime o santo numa carta de Santo Anjo, datada de 28 de junho, dirigida ao dr. Domingos Ercolani, de Castellana.

São Vicente Strambi acrescenta

" O povo de Piágaro sempre venerou com culto especial aquele Crucifixo, só o contemplá-lo comove e traz à lembrança o prodígio, porque ainda conserva o vestígio das gotas de suor que lhe correram da cabeça aos pés. Eu mesmo me convenci, com meus próprios olhos, da veracidade do fato, na missão que lá pregamos, em 1777 " .

Para não cairmos em demasiadas repetições, diremos que, até a primavera de 1740, o infatigável apóstolo pregou muitas missões em várias dioceses, especialmente na de Todi, na Umbria, e sempre com imenso fruto de salvação.

OUTRAS PENOSAS PROVAÇÕES

Mas a maior recompensa desses ingentes trabalhos era a Cruz, sempre a Cruz, porque sem ela jamais poderá o apóstolo associar-se a Cristo na redenção das almas. No entanto, neste ponto da nossa história, a Cruz que lhe pousou aos ombros foi das mais pesadas, e o cálice que sorveu, dos mais amargos. Viu-se submerso num oceano de tribulações internas e externas.

E' certo que no termo da via dolorosa vemos resplandecer, com iluminações celestes, as alegrias puras da caridade, mas, atualmente, densas trevas o envolvem; nem um raio sequer de luz vem minorar-lhe as excessivas dores.

Por mais que fizesse não conseguia a aprovação das Regras.

Com razão a santa Igreja tem como verdadeiro milagre a fundação de um Instituto religioso. Que de provações e angústias por parte dos homens, de satanás e do mesmo Deus! Que inquebrantável constância não se faz necessária! Pode-se dizer, sem exagero, que, se a obra não for de Deus, naufragará infalivelmente.

Contudo, se tão sólida há, de ser a pedra angular, não menos firmes

devem ser as que se hão de colocar nos alicerces como sustentáculo de um edifício, cuja cúpula tocará o Céu.

Deus não se apressa, por ser eterno, mas os homens que não possuem confiança sem limites e força de vontade a toda prova esmorecem e retrocedem. Necessita o fundador, como base primeira de sua grande obra, de heróis na fé e no amor.

" EXPECTA, REEXPECTA " :

Confia no Senhor, confia, hoje, confia sempre.

Esta profunda sentença do profeta Isaías (28, 10-13) dá-nos a chave dos insondáveis caminhos da Providência.

Todavia, tão dilatada demora desanimou a dois dos companheiros de Paulo, respeitáveis sacerdotes, esperanças fagueiras de Instituto.

Mas quem não sabe morrer não sabe também viver. Em todo sacrifício há morte e, em seguida, ressurreição.

Com o retorno desses sacerdotes ao século, originaram-se novas perseguições. Os inimigos, sempre à procura de pretextos para combater a Congregação, aproveitaram o ensejo para difamá-la, como só a paixão sabe fazê-lo.

Diziam:

" Isto é absurda aglomeração de austeridades impraticáveis e Roma o reprovou. O retiro em breve ficará desabitado " .

Os afiados dardos dirigiram-se particularmente contra o santo Fundador.

Idearam terrível trama para destruir o humilde Instituto. Um jovem florentino, de nobre e poderosa família, solicitou o santo hábito. Seu ar de piedade enganou o venerável Fundador. Era, um traidor enviado por homens tão perversos como ele, para semear a cizânia entre os servos de Jesus Cristo..

Paulo não tardou a descobrir a malícia do hipócrita e, sem respeito humano, expulsou o lobo do aprisco.

Esse ato de santa energia serviu de pretexto às calúnias mais soezes. Chegaram a tal extremo as coisas, que o servo de Deus julgou prudente, para não ser ocasião de pecados, não mais aparecer de dia na cidade. Quando a necessidade o obrigava, fazia-o à noite, como criminoso digno de repreensão pública.

Estranha. explosão de ódio, que causará espécie a quem ignora as insondáveis dobrezes do coração humano!

Na Verdade, como conciliar a perseguição com as excelsas virtudes do santo e com os prodígios por ele operados? E' que nesse primeiro Passionista vivia o grande Mártir do Calvário...

Não dera o Salvador vista aos cegos, não ressuscitara os mortos?... E a mesma plebe que presenciara os milagres não chegou ao ponto de exigir-lhe a morte?

Mas, já o dissemos, em todo sacrifício, após a morte há

ressurreição.

Jesus passou dos opróbrios á glória; em Paulo da Cruz resplandecerá, no teatro de suas humilhações, em Orbetello, a mais refulgente auréola que possa coroar a fronte do apóstolo.

Por agora é mister tragar até as fezes o cálice da amargura.

Deus é soberanamente cioso de suas obras. Parece por vezes deixá-las perecer, para, em seguida, elevá-las bem alto, a fim de que se saiba ser Ele seu único autor.

Maneja assim a debilidade humana para sua glória, sem expô-la aos enganos do amor próprio. Quanto mais excelsa é a obra que lhe apraz construir por intermédio do homem, mais este sente a sua insuficiência e miséria. E do remate à base aparecerá unicamente a poderosa mão de Deus.

Qual o marinheiro, que, ao ver sua embarcação batida pela tempestade e desesperado dos auxílios da terra, volve ao Céu os olhares e tem como resposta apenas os clarões do raio, assim Paulo da Cruz, ao contemplar a humilde Congregação combatida pelas conspirações do ódio, volta-se para Deus, parecendo-lhe que Deus repele e o abandona a ele e à Congregação!...

Na Capela da SS. Trindade de Gaeta, apresentara-se-lhe um Anjo com uma Cruz de ouro e Deus lhe dissera interiormente:

" Apraz-me fazer de ti outro Jó " .

Efetivamente, o estado atual do nosso santo, os brados lancinantes de sua alma relembram-nos o patriarca da Iduméia.

" Meus enormes pecados precipitaram-me na mais lastimosa miséria. As perseguições, as murmurações e as calúnias dos homens, que abraço de boa vontade para abater o meu orgulho; a espantosa guerra suscitada pelos demônios e, o que é mais terrível, o tremendo açoite do Altíssimo... eis o inferno que sofro. Suspiro apenas por uma boa morte, pelos méritos da sacratíssima Paixão de N. S. Jesus Cristo... "

Notem-se as últimas palavras; eram furtivos clarões em meio da noite tenebrosa. Tudo voltará às trevas. E Paulo prossegue:

" Sim, estou persuadido, antes, certo de que a divina Majestade não aceita a obra que eu julgava deveria realizar-se e a respeito da qual Deus me dá sinais demasiado palpáveis. Prevejo para breve a destruição do convento e serei açoitado com golpes tão terríveis, a ponto de me causarem a morte. Deus manifesta-me claramente sua náusea e me faz conhecer que não deseja servir-se desta pérvida criatura. Espero, todavia, a salvação de minha alma; pelos méritos infinitos da ss. Paixão de N. Senhor "

Com razão se tem relevado que

" o fundo de espiritualidade de são Paulo da Cruz é a participação à Paixão de Nosso Senhor e a união com Cristo sofredor (M. Viller, em Revue de Ascetique et de Mystiques 1951, p. 133) " .

Julgamos que em nenhuma outra carta como nesta aparece melhor quanto o nosso, santo participou das dores de Jesus. Sem dúvida causa espanto a terrível provação por que passou, principalmente se se refletir que durou cerca de 45 anos. O pe. Garrigou-Lagrange, em seu artigo *Nuit de l'esprit reparatrice en Saint Paul de la Croix*, dá uma boa explicação, dizendo que, nos místicos, além da provação purificadora, há outrossim a reparadora. São Paulo da Cruz, mais que para se purificar, sofre com Jesus para expiar as culpas alheias.

Ó Paulo da Cruz, e as promessas de N. Senhor e da divina Mãe?! Já vos não recordais das celestes aparições, que tanta segurança vos causavam?!

O santo não as olvidara, mas julgava ter-se tornado indigno delas por seus pecados. Prova de sua infidelidade era o abandono de Deus, abandono de amor, por ele considerado abandono de cólera.

Não lhe faltava a confiança, mas nele devia resplandecer a humildade.

Quando Deus deixa o FUMO DO POÇO DO ABISMO (Apoc. 9, 2), isto é, o lodo da natureza decaída, se eleve à parte superior do homem, até a alma do santo se vê obscurecida e como envolta em trevas. Percebe tão somente as chagas da primeira queda.

Embora pura como a luz meridiana, ela se crê coberta de todas as máculas. E' o velho Adão a agitar-se, pois ele jamais perece completamente aqui na terra nem mesmo nos santos.

A indiferença existente entre os santos e os pecadores é que estes deixam crescer o germe original da morte, ao passo que aqueles tenazmente o combatem, extirpando-lhe continuamente os rebentos.

Sem este conhecimento da natureza humana, ser-nos-ia incompreensível a linguagem dos santos e o estranho apreço que fazem de si, chamando-se e considerando-se grandes pecadores, não obstante a santidade de vida.

Todavia, nessa aparente crise de desesperação, conserva-se, ao âmago da alma, por vezes desconhecido, o único e supremo laço de confiança.

Paulo termina as sentidas lamentações com esta expressão:

“ Espero que N. Senhor me há de salvar pelos méritos de sua sagrada Paixão e Morte ” .

As cruéis agonias que o martirizavam, ele as guardava no coração, ocultando-as aos filhos. Dizia-lhes:

“ Irmãos meus, pratiquemos o bem e abandonemo-nos nos braços da divina Providência. Deus é nosso Pai ” .

Nova mágoa vem ferir-lhe o coração. Mons. Crescenzi ausentar-se-á de Roma. Perderá o santo o ativo auxiliar, que empregava sua poderosa influência em prol do amigo.

Aos seis de fevereiro de 1740, falecia Clemente XII. Por seis meses permaneceu vacante a Sé Apostólica, prolongando-se assim as provações do santo Fundador. Para cúmulo de males, abatido por sofrimentos morais e esgotado pelos trabalhos apostólicos, caiu Paulo gravemente enfermo. Esteve às portas da morte. Quando tudo parecia perdido, apareceu-lhe a SS. Virgem e o animou com as seguintes palavras:

" Meu filho, nada temas. Tudo tem corrido bem.
Esforça-te por multiplicar os retiros e governá-los como
até agora o tens feito. Continua a pregar as santas missões
e a confessar os pecadores, porque isto agrada muitíssimo ao
meu divino Filho " .

CAPÍTULO XIX

1740 - 1741

Índice

A ELEIÇÃO DE BENTO XIV

PODEROSO PROTETOR: O CARDEAL
REZZONICO

AUDIÊNCIA PAPAL

APROVAÇÃO DA REGRA

A PROFISSÃO RELIGIOSA

CAPÍTULO XIX

1740 - 1741

A ELEIÇÃO DE BENTO XIV

Aos 17 de agosto de 1740 subia ao trono de São Pedro, com o nome de Bento XIV, um dos mais ilustres Pontífices, glória e honra de século o cardeal Próspero Lambertini, arcebispo de Bolonha. Paulo saudou com alegria a nomeação do grande Pontífice, pressentindo-o poderoso sustentáculo da fé, ameaçada por todos os quadrantes pelas sacrílegas violências da incredulidade. Assim profetizou o glorioso pontificado de Bento XIV:

" Para falar-lhe com toda confiança, posso garantir a v. s. ilma. que, ao receber a grata notícia da exaltação de Lambertini à Sé Apostólica, embora o não conhecesse como cardeal, comovi-me extraordinariamente. Senti nascer-me vivíssima esperança de quê este santo e zeloso Pontífice estimulará a piedade, tão decaída no seio do cristianismo. Meu coração derramou-se em louvores e ações de graças ao Altíssimo, pela grande misericórdia que concedeu ao seu povo " .

Uma voz interior lhe dizia:

" Eis o Papa que estabelecerá na Igreja, com autoridade apostólica, o Instituto da Santa Cruz " .

Este doce pensamento desabrochava-lhe no coração, mas não se abandonava

a ele, por ter sempre ante os olhos a

" IMAGEM DE MEU HORRÍVEL, NADA E
DE MINHAS ENORMES INGRATIDÕES,
PRINCIPAL OBSTÁCULO À OBRA DE DEUS " .

Iria apresentar as santas Regras ao novo Pontífice. Mas necessitava de um protetor. Onde encontrá-lo? Crescenzi já não esta em Roma. Elevado no ano precedente a arcebispo de Nazianzo fora enviado a Paris como nuncio apostólico.

E' verdade que Crescenzi, antes de partir, dignara-se recomendar o santo amigo ao cardeal Rezzonico, ornamento do sagrado Colégio, assim pela piedade como pela ciência.

Sua eminência, que o conhecera e admirara no hospital de São Galicano, julgou-se feliz em receber como legado o título de protetor do santo, manifestando-lhe sempre terníssimo afeto.

Paulo, por sua vez, depositou no novo protetor ilimitada confiança.

Escreveu-lhe que falasse ao Sumo Pontífice a respeito da Congregação nascente. Eis a resposta do cardeal:

" Estive aos pés do Santo Padre, expondo em resumo a finalidade do vosso Instituto, o ideal santíssimo que tem em vista, o grande bem que proporcionará à Igreja, o progresso que se lhe deve desejar e que sem dúvida tomaria com a aprovação das Regras pela Santa Sé. O Santo Padre ouviu o relatório com muita satisfação, honrou-o com seu assentimento e incumbiu-me de dizer-vos que enviásseis a Roma um dos vossos religiosos com as Constituições que desejais aprovadas. O Papa crê poder dar-vos essa consolação " .

Venturosa carta! Verdadeiro bálsamo às aflições de Paulo. Desaparecera, como por encanto, a febre que o martirizava. Estava curado! E aquele coração generoso, que soube ocultar as penas, não soube reter o júbilo que o inebriava, comunicando aos filhos a feliz nova e exortando-os a redobrem as orações para alcançar do Senhor êxito completo em assunto de tanta importância. Igual recomendação fêz às almas que dirigia pelas veredas da perfeição.

Escrevia à madre Maria Querubina Bresciani, do mosteiro de Piombino:

" Jamais os negócios de nossa congregação andaram tão bem... Agora minha filha, é tempo de insistir, de dirigir fervorosas súplicas ao Altíssimo em favor desta santa obra, que temo assaz obstacular. Ofereça ao Eterno Pai o Sangue preciosíssimo de seu Unigênito Filho, a fim de que se não irrite com minhas ingratidões, e me conceda a graça de cumprir a sua ss. Vontade. Se esta obra não fôr para sua maior glória, que me dê tempo a asilo para penitenciar-nie e chorar meus enormes pecados " .

Tendo unicamente em vista a maior glória de Deus, Paulo e João Batista, após a festa de Todos os Santos, partiram para Roma.

PODEROSO PROTETOR: O CARDEAL REZZONICO

Por várias vezes o cardeal Rezzonico oferecera-lhes hospitalidade e, a fim de, que os humildes religiosos não receassem alojarse num palácio, escrevia-lhes com simplicidade:

“ Encontrareis aqui pobre e humilde alojamento, semelhante ao vosso retiro, onde gozareis completa liberdade, assim para tratardes dos vossos afazeres, como para cumprirdes os deveres de piedade. Nada vos estorvará... ”

O piedoso cardeal recebeu-os cordialmente e não permitiu tivessem em Roma outro domicílio.

De concerto com o cardeal Corradini, resolveu Rezzonico apresentar imediatamente ao Soberano Pontífice as santas Regras para a aprovação.

Bento XIV acolheu benignamente o pedido, dignando-se examiná-lo pessoalmente. Aquela inteligência de escol descobriu ali o dedo de Deus. Disposto a aprová-las, confiou-lhe o exame a Rezzonico e Corradini, certo de que ambos seriam favoráveis. O prudente Pontífice nomeou um terceiro juiz, o abade conde Pedro Garagni, por ele tido em grande consideração, mas inexperiente em semelhantes assuntos.

Leu-as o abade com a preocupação que por vezes altera o entendimento de quem examina as obras de Deus à luz da prudência humana. Pareceu-lhe tudo aquilo acúmulo de penitências impraticáveis. Foi durante essas primeiras impressões que recebeu a visita do santo Fundador. Ao ver a Paulo fraco, pálido e a tiritar de frio, confirmou-se em sua opinião. Sem preâmbulos declarou-lhe que jamais cooperaria para a aprovação de Regras tão rigorosas, despedindo-o asperamente, quase diríamos expulsando-o de sua presença. O servo de Deus julgou frustradas as esperanças. Não ignorava gozar o abade de grande influência junto de Bento XIV, a quem exporia com franqueza o seu parecer.

Insuperável obstáculo!

Nada mais esperando dos homens, voltou-se para N. Senhor, E foi ouvido... Na noite seguinte, foi o abade subitamente acometido de atrocíssimas dores, acompanhadas, de estranhas ansiedades. Seria algum castigo? Assim o julgava Caragni, mas sem atinar com a causa.

Reuniu os domésticos e juntos imploraram tis luzes do Céu. Recitavam as ladainhas de Nossa Senhora, quando se lhe apresentou ao espírito o pe. Paulo, não já como homem vulgar e indigno de consideração, mas como santo de avantajada virtudes.

Passou uma noite perturbada; ao amanhecer, mandou chamar o humilde e pobre religioso, pediu-lhe perdão e protestou haver mudado de parecer. Estava disposto a auxiliá-lo no que pudesse.

Durante a conversa como por encanto desapareceram-lhe as dores; as cruéis agitações converteram-se em dulcíssima paz, íntimas relações de amizade estabeleceram-se entre o abade e o servo de Deus, sendo Garagni o mais ativo promotor da aprovação, das Regras e o velocíssimo arauto do Instituto da Paixão. Efetivamente não se ocupava apenas o abade em secundar, com sua Influência, tudo o que se referia ao novo Instituto, mas empregava todos os esforços e aproveitava de todas as oportunidades para enaltecê-lo e torná-lo conhecido. Louvava de continuo as heróicas virtudes do Fundador e dos religiosos passionistas. Ao saber que algum piedoso jovem desejava vestir o hábito religioso, persuadia-o a que se

aliasse na novel milícia de Jesus Crucificado, fazendo-se discípulo do pe. Paulo da Cruz. Por ocasião da partida de um deles para o Argentário, disse-lhe:

“ Se eu fosse mais jovem, iria também juntar-me aquele santo berrem, tornando-me passionista. Feliz de ti que tens a dita de ingressar nesta santa Congregação!
Invejo-te deveras e a todos os que fazem como tu ” .

Leiam-se as cartas do santo ao snr. abade Garagni.

AUDIÊNCIA PAPAL

Persuadido de que deixaria em Roma poderoso protetor, pensou o santo em regressar imediatamente à sua solidão do Monte Argentário. Mas de partir, teve outra Consolação: a de oscular os pés do Vigário de Jesus Cristo. O Papa, ao ver os dois irmãos, humildes e pobres, encorajou-os com palavras paternais. Disse que aprovaria com máximo prazer as santas Regras, mas com algumas mitigações, como sejam: o uso do chapéu, da capa, da sandálias e de hábito menos grosseiro. Sem tais mitigações acrescentou o Santo Padre, os que se agregassem à Congregação não perseverariam.

Sempre dócil em obedecer, respondeu Paulo que para ele a voz de Sua Santidade era a mesma voz de Deus.

Deu-lhes em seguida o Santo Padre a bênção apostólica e eles, felizes como se houvessem estado na presença do mesmo Jesus Cristo, partiram para a solidão.

O santo escrevia freqüentemente ao abade Garagni, recomendando-lhe velasse pela integridade das santas Regras, como lhas inspirara a divina Majestade, sem outras modificações que as apontadas por Sua Santidade.

Anelava ardentemente trazer no peito o **DISTINTIVO** que lhe mostrara mais de uma vez a ss. Virgem:

“ Se não é atrevimento da minha parte, recomendo à vossa piedade esse sagrado **SINAL** de salvação, para termos a ventura de trazê-lo externamente e muito mais no coração, para vexame do inferno ” .

Paulo estimulava o zelo do amigo, expondo-lhe a missão e a beleza da obra a que emprestava eficiente assistência.

Sondara o apóstolo as profundas chagas do seu século: a libertinagem, o orgulho, o espírito de incredulidade, as falsas doutrinas. Percebera os surdos e ameaçadores ruídos do vulcão prestes a entrar em atividade e que tantas ruínas iria causar.

Oh! como desejaria deter o braço de Deus, alçado para castigar a terra!

“ Porém, tremo e temo, dizia ao abade Garagni. O mundo está talvez tão pervertido, que já não há reter os terríveis açoites dos flagelos divinos. O que digo, toco-o com a mão ” .

Faziam-se, portanto, necessários os apóstolos da Cruz.

A sagrada Paixão do Redentor, pregada por toda parte e sem cessar, será a poderosa alavanca que irá levantar o imenso peso das iniquidades humanas.

O sofisma pervertera de tal modo o espírito que no futuro, se dirigirá forçosamente ao coração do homem.

Outro argumento da oportunidade do Instituto da Paixão:

" A maior parte dos cristãos vive esquecida dos, infinitos sofrimentos do nosso amabilíssimo Jesus. Esta a causa por que dorme na lama da iniquidade. Para arrancá-la do letargo, mister se faz obreiros zelosos que anunciem, com o clarim da divina palavra, a sacratíssima Paixão de Jesus, Cristo, despertando os pobres pecadores, sentados nas trevas e sombras da morte. Só assim glorificar-se-á a N. Senhor com inúmeras almas convertidas e com muitas outras que se hão de entregar à oração, caminho da santidade. Inflame-se, pois, de zelo, ilmo. senhor, e insista com os eminentísimos cardeais, caridosos protetores desta santa obra, para lhe obterem do Santo Padre a aprovação " .

APROVAÇÃO DA REGRA

Meses decorridos, terminaram os comissários o exame das Regras, com a prudência reclamada pela importância do assunto.

Aos 30 de abril de 1741, emitiram voto favorável, declarando que as Regras dos Clérigos Menores Regulares Descalços da Santa Cruz e Paixão de Jesus Cristo, com as pequenas alterações prescritas pelo santo Padre, podiam, crescido o número de religiosos, ser aprovadas com Rescrito Apostólico.

Na mesma tarde levou o abade Garagni ao Santo Padre, juntamente com as Regras, o voto dos comissários.

O grande Pontífice julgava o Instituto de muita vantagem para as almas e de muita glória para Deus. Chegou a dizer:

" Este Instituto foi o último a aparecer na Igreja de Deus, quando deveria ter sido o primeiro " .

Antes, porém, do juízo definitivo, quis Bento XIV refletir por alguns dias. A fim de implorar as luzes do Céu e a proteção Maria, convidou os habitantes de Roma a visitarem as quatro principais igrejas consagradas à ss. Virgem. Ele mesmo, no dia, 14 de maio, visitou a igreja de Santa Maria IN TRASTEVERE, orando por largo tempo.

De volta ao Palácio, deu ordens ao auditor, mons. Millo, para, que escrevesse o Rescrito de aprovação, publicado com data do dia seguinte, no qual Sua Santidade APROVA, CONFIRMA E LOUVA o Instituto da Santa Cruz e Paixão de Jesus Cristo.

Triunfara o Céu, o inferno jazia vencido.

Contemplemos em espírito, através dos séculos, alistados na, gloriosa milícia da Cruz, legiões de apóstolos, jovens e fortes, seguros do seu

porvir.

Os filhos de Paulo da Cruz, sob o estandarte da Igreja, tomam posto de combate, ao lado de Domingos de Gusmão, de Francisco de Assis e de Inácio de Loyola. E o santo desabafa as efusões de sua alma em louvores ao Deus das vitórias:

" Que todos os viventes louvem ao Senhor (Sl. 150, 6)! Que todas as criaturas glorifiquem as infinitas misericórdias deste grande Deus que, sem deixar-se vencer pela malícia de meu coração, dignou-se coroar esta obra, que é toda sua! Como a Providência a conduziu suavemente e por caminhos secretos! Oh! como é bom o meu amabilíssimo Salvador! Oh! quão suave é o seu divino Espírito!... Oh! quão amável é a sua Bondade! À tempestade sucede a bonança, à borrasca segue-se a serenidade. Seja para sempre bendito o seu santo Nome... A Ele somente honra, glória e poder pelos séculos dos séculos. Assim seja " .

Soara a hora das graças: Deus se compraz agora em derramá-las a flux sobre o servo fiel, sempre intrépido em meio das procelas.

Estava então em Roma o cônego Ângelo de Stefano, de Gaeta, dos primeiros a vestir o santo hábito da Paixão, mas que não suportara as austeridades do Instituto. Ao saber que Bento XIV lhe mitigara os rigores, desejou retornar ao caminho do Calvário. Falou a respeito com o Soberano Pontífice, que o encorajou a levar a efeito a resolução.

Ao partir para o monte Argentário, encarregou-lhe o abade Garagni de entregar ao santo amigo as Regras e Constituições aprovadas, bem como um Rescrito do cardeal Altieri. Sua Eminência concedia, finalmente, ao pe. Paulo a faculdade de conservar na. igreja o ss. Sacramento.

O servo de Deus recebeu carinhosamente a seu antigo filho, portador de tantos favores, chamados por ele: GOLPES DA INFINITA E DIVINA BONDADE.

Sem mais, deram princípio aos exercícios espirituais em preparação à profissão religiosa, conforme prescrevem as santas Regras. Quis o santo solenizar de modo particular o dia em que o Deus do Tabernáculo estabeleceu entre eles a sua morada. Dir-se-ia que o mesmo Céu fizera a escolha. Assim o diz o cardeal Rezzonico, em carta ao pe. Paulo:

" Não foi sem desígnio particular da Providência o haverdes esperado tanto tempo... Queria Deus começásseis a gozar da presença real de Jesus Cristo, no mesmo dia em que a santa Igreja comemora o adorável benefício outorgado a todo o gênero humano. Grande, portanto, é o júbilo que sinto, na esperança de que reparareis, conforme puderdes, as inúmeras irreverências cometidas diariamente contra o ss. Sacramento " .

A PROFISSÃO RELIGIOSA

No dia 1º de junho de 1741 - CORPO DE DEUS - os religiosos cantaram solenemente a santa Missa e o TE DEUM, sendo Jesus Eucarístico colocado no Tabernáculo da bela igreja da Apresentação.

Momento augusto, que arrebatou os corações, particularmente o do nosso santo.

Admirava-se Paulo de não morrer de alegria, atribuindo-o, por humildade, à falta de amor a Deus:

" Se O amasse, não resistiria à felicidade que me consome: cairia desmaiado, morto, reduzido a cinzas em vista de tantas graças e misericórdias como as que sua divina Majestade se digna conceder a este horrível nada, a este monstro de ingratidões " .

No domingo seguinte, 4 do mesmo mês, os religiosos Passionistas, com o seu santo mestre, consagraram-se perpetuamente a Jesus Crucificado, pelos laços indissolúveis dos votos.

Espetáculo digno dos Anjos e de Deus! A santa Igreja, protegida pelo Céu, dará à luz nova família religiosa; os Anjos exultarão ao receber esses irmãos, perpétuos companheiros de adoração ao pé da Cruz, para colherem no cálice da alma o Sangue da Redenção e espalharem-no a flux pelo mundo todo.

Os sacerdotes celebraram a santa missa e os irmãos comungaram.

O ss. Sacramento estava exposto.

Com a Cruz aos ombros e a coroa de espinhos na cabeça, adiantam-se todos para o altar. Prostram-se com o rosto em terra, símbolo da morte mística.

De fato, pela profissão, eles irão morrer para o mundo e para as criaturas.

Lê-se a Paixão de N. Senhor segundo são João. Às palavras

" TRADIDIT SPIRITUM " ,

levanta-se o Fundador, com os olhos marejados de lágrimas, e emite a profissão dos quatro votos: pobreza, castidade, obediência e propagar a devoção à Paixão de Jesus Cristo.

Recebe, em seguida, a profissão de seus filhos. Para completa consagração a Jesus Crucificado e perene lembrança de suas dores, prova outrossim de que já não pertencem ao mundo, deixam o nome de família, a exemplo do Fundador, e tomam outro a recordar-lhes o espírito do Instituto: Pe. João Batista de São Miguel, Antônio da Paixão, Fulgêncio de Jesus e Carlos da Mãe de Deus. Não se faz menção dos nomes dos irmãos leigos. Conhecemos apenas o de José de Santa Maria, que professou dias depois.

O santo Fundador colocou em seu peito e no de seus filhos o Emblema sagrado, que traz esculpido o título da Paixão de Jesus Cristo.

A começar daquele dia os missionários do monte Argentário receberam o nome de Passionistas.

Confessamos experimentar profunda emoção ao narrar a humilde origem da nossa família religiosa.

Quando examinamos o tênue fio de água que dá origem aos grandes rios,

nossos pensamentos voam para Deus, princípio universal de todo bem.

Ó humilde Congregação de Jesus Crucificado, tens, a começar de agora, um lugar à luz do sol. A grande VOZ que criou o mundo e lhe ordenou: Caminha, disse também a ti: Anda e, sustentada pelo braço poderoso da Igreja, tua Mãe, demandas, desde então, o norte e o meio dia, o oriente e o ocidente, atravessas os mares, com o fito de fertilizar o campo evangélico, banhando-o com teus suores e com teu sangue!

Ó monte Argentário, ó deserto embalsamado pelas virtudes heróicas de nosso Pai, ditoso confidente de sua alma, de suas dores e de suas consolações, modesto berço dos religiosos da Paixão, quanto és digno de nossa estima!...

CAPÍTULO XX

1741 - 1742

Índice

O APÓSTOLO DOS SOLDADOS

MISSÕES EM ORBETELLO

MISSÕES EM PORTÉRCOLE E EM
PORTO LONGONE

DEFENSOR DOS SOLDADOS

CAPÍTULO XX

1741 - 1742

O APÓSTOLO DOS SOLDADOS

As Ordens e Congregações religiosas, assim como os indivíduos, recebem graças especiais, referentes à missão a que Deus os destina.

Agora que o Instituto da Paixão recebeu das mãos da Igreja a incumbência oficial de pregar a Jesus e Jesus Crucificado, já podemos entrever quais sejam essas graças e qual a sua eficácia e fecundidade. Veremos também o nosso santo alçar o vôo das alturas do Argentário e estender as asas de apóstolo. Chegamos ao zênite deste ardente sol que vai abrasar o mundo.

Paulo tem quarenta e sete anos, idade em que a experiência, unida ao vigor, opera o bem mais sólido e duradouro que na juventude.

Ademais, por graça extraordinária, possui uma dessas naturezas invejáveis, que nunca envelhecem e cujo vigor se renova como o da água.

Esta chama acompanha-lo-á até a idade mais avançada.

A começar de agora, caminharemos de prodígio em prodígio.

Encontramo-nos novamente no teatro da guerra. Enquanto os combatentes banham com sangue humano algumas regiões da terra, sempre pequena para suas ambições para sua glória, Deus se serve de suas ambições para a própria glória, para o triunfo da Igreja e salvação das almas.

O falecimento de Carlos VI suscitara contra a Áustria a famosa guerra de SUCESSÃO, imortalizada pelo sublime brado da Hungria:

" Morramos pela nossa rainha Maria Teresa " .

Muitos pretendentes disputavam entre si os diversos despojos do Império.

Como os reis de Espanha e das duas Sicílias reclamavam a Lombardia para d. Felipe, Parma e Placência reforçavam consideravelmente as guarnições do litoral toscano.

Por outra parte, avançavam poderosas tropas austríacas.

Tudo pressagiava o próximo reluzir do raio das batalhas.

O duque de Sangro, generalíssimo dos exércitos aliados, desejando que os soldados se preparassem para a luta como verdadeiros cristãos, apelou para o santo do Argentário, para que lhes pregasse quanto antes grandes missões sucessivamente em Orbetello, Portércole e Pisa.

MISSÕES EM ORBETELLO

Desceu, pois, o apóstolo a Orbetello, acompanhado do pe. Ângelo de Stefano, ainda noviço. Colocaram na ampla praça um tablado, de sobre o qual Paulo dirigia a palavra divina à imensa multidão de fiéis e a milhares de soldados de diversos idiomas e nações: italianos, espanhóis, franceses e suíços.

Renovou N. Senhor, na pessoa de seu servo, os prodígios da Igreja nascente. Pregava Paulo em italiano e os soldados entendiam como se falasse suas próprias línguas, pelo que, estupefatos, exclamavam:

" Não é, por ventura, italiano esse sacerdote? Como é, então, que fala o meu idioma e o de meus companheiros, e todos ao mesmo tempo...? "

E todos pendiam de seus lábios sem perder palavra daqueles comoventes sermões. A compunção era geral.

Aos acentos daquela voz, por vezes ameaçadora e terrível como a justiça, outras carinhosa e doce como a misericórdia, as lágrimas, os soluços, o pavor ou a esperança produziam no auditório espetáculo indescritível.

A emoção atingia o auge quando o santo, armando-se de pesada corrente de ferro, dilacerava-se os ombros, fazendo jorrar o sangue. Os oficiais do Estado Maior, mais próximos do tablado, chegavam-se a ele, chorando, para arrancar-lhe das mãos a disciplina ensangüentada. Os brados de PIEDADE! e os gemidos aumentavam e repercutiam no meio da multidão, que bradava:

" PERDÃO! MISERICÓRDIA! BASTA,
PADRE! BASTA! JÁ ESTAMOS

CONVERTIDOS! "

Homens, mulheres, soldados e até pessoas de alta linhagem, que viviam em inimizade, diz um oficial, testemunha de vista, reconciliavam-se naquela praça pública, pedindo mutuamente perdão. Colocaram sobre o tablado, aos pés do pregador, livros obscenos e ímpios, baralhos, etc. Paulo lançou-os imediatamente ao fogo. Espetáculo que sobremaneira excitou ao arrependimento todos os assistentes.

Apenas descia do estrado, todos corriam para ele e lhe circundavam o confessionário. Ouçamos ainda um depoimento simples e sincero, como sói ser o do soldado. Vamos resumi-lo:

" Pregava o pe. Paulo com tanto zelo, que o rosto se lhe inflamava; sua voz atemorizava, compungia e convertia os pecadores. Em suma, o dedo de Deus era visível... Assim como atemorizava no decurso do sermão, era todo doçura ao terminá-lo: enternecia os corações e a todos inspirava confiança em Deus e esperança do perdão " .

Todo o povo, comovido e contrito, derramava abundantes lágrimas... O que Paulo semeava nos sermões colhia no tribunal da penitência, onde era todo caridade. Muitos soldados que se não atreviam a confessar-se, temerosos pelas faltas cometidas, fizeram-no a conselho dos companheiros, que já haviam tocado, por assim dizer, com as mãos, a afabilidade e a doçura extraordinárias do servo de Deus para com os pecadores, principalmente para com os mais infelizes. Essa pregação produziu em Orbetello admiráveis conversões.

Havia no regimento suíço inúmeros luteranos e calvinistas. Ao presenciarem espetáculo inédito em suas seitas, atraídos pela caridade do apóstolo, pelo poder de sua palavra e iluminados pela graça, concluíam:

" Este pregador é forçosamente o arauto da verdade " .

E, descobrindo no verdadeiro apóstolo a verdadeira Igreja, lançavam-se em grande número para o tablado, declarando, sem respeito humano, desejarem abjurar os erros e a heresia,

Houve entre eles um jovem de nobre linhagem, que exclamou em perfeito italiano:

" Abjuro, detesto e abomino a seita a que pertenci até o dia de hoje tendo-a por falsa. Reconheço e confesso ser a Igreja Católica Apostólica Romana a verdadeira Igreja fundada por Jesus Cristo " .

Estas palavras foram pronunciadas com tal expressão de fé, que a todos comoveram.

Quem poderá descrever a ternura com que Paulo os apertava de encontro ao coração? Com solicitude paternal instruía-os nas verdades da fé, preparando-os para ingressarem na Igreja Chegou a setenta o número de tais abjurações.

Eis o poder do santo; bastava vê-lo e ouvi-lo para se encontrar a demonstração apodítica da verdade católica.

As palavras do apóstolo confirmava-as Deus com milagres.

Referiremos apenas alguns.

Certa noite, após ingentes fadigas, tomava Paulo breve descanso, quando foi despertado por um sargento do regimento de Namur:

“ Pe. Paulo, vem depressa, que o demônio está
arrastando um soldado do quartel ” .

O santo missionário salta da cama, toma o Crucifixo e corre para o quartel. Em meio do povo e dos militares, vê o soldado, pálido e a tremer, ser arrebatado por mão invisível. Bradava o pobrezinho:

“ Socorro! Socorro! o demônio me arrasta... ”

Paulo impõe preceito ao espírito maligno e diz ao soldado:

“ Não temas, meu filho, aqui estou para socorrer-te.
Arrepende-te de teus pecados. E' o suficiente ” .

Inspira-lhe ao mesmo tempo grande confiança na misericórdia divina e nos méritos de N. Senhor, obrigando-o a todo o pacto com o demônio.

Os presentes estão assombrados! O santo reitera as ordens ao inimigo das almas e este põe-se em fuga

O soldado, depois de tão violentos sobressaltos, desfigurado e abatido, apenas se mantém em pé. pergunta-lhe o servo de Deus se ainda vê algum demônio.

“ Não os vejo, responde, mas quero confessar-me ” .

Paulo coloca-lhe ao pescoço o rosário, arma poderosíssima contra o inferno, e diz-lhe que o confessará na manhã seguinte.

O soldado não faltou à palavra, mas, como não falava o italiano foi conduzido ao capelão do regimento que o ouviu em confissão.

Outro militar, resolvido a reconciliar-se com Deus, vai lançar se aos pés do pe. Ângelo. Enquanto se acusa dos, pecados, percebe que mão invisível o arrasta com violência. Agarra-se ao confessor. O misterioso poder arrasta o penitente o confessor e o confessor Na igreja tudo são gritos e tumulto. Acorre o pe. Paulo, põe o rosário no pescoço do penitente e dá ordens ao demônio. Cobre com a capa o soldado espavorido, leva-o à sacristia e o confessa, libertando-o das sugestões diabólicas.

Tanta é a tranqüilidade e tão doce a paz do penitente, que anela morrer na, graça de Deus. Ao voltar à igreja, levanta a pedra que cobre um dos sepulcros e atira-se a ele, julgando em boa fé que, para garantir a glória celeste, fosse lícito sepultar-se vivo.

Intervém novamente o santo e ordena-lhe que saia dali. Mas são necessárias reiteradas ordens.

Ao referir o fato a um sacerdote, dizia Paulo, a sorrir, que mais lhe custara tirar o pobre convertido do sepulcro que arrancá-lo das mãos do demônio.

Pregava o servo de Deus na igreja de Santa Cruz, hoje demolida. Detém-se, de repente, e exclama:

“ Pobres irmãos meus! Pobres irmãos meus! ”

Desce do estrado e dirige-se para a porta do templo. O povo o acompanha. Lá chegados, vêm, desolados, enorme incêndio nos bosques que circundam o retiro da Apresentação.

Traça o santo o sinal da Cruz e as chamas se apagam: a fumaça, como nuvem sombria, eleva-se aos ares e desaparece.

No último dia da missão, organiza uma procissão de penitência. Vêm-se em primeiro lugar dupla e extensa ala de povo e de soldados, modestos e recolhidos; em seguida o clero, com a cabeça coberta de cinza, e o santo missionário, descalço, com uma corda e uma corrente ao pescoço, uma coroa de espinho na cabeça, grande e pesada Cruz aos ombros. Seguem-no as pessoas mais distintas da cidade, como sejam, as autoridades civis e os oficiais do exército. Fecha o cortejo a multidão compacta, do povo.

De quando em vez detém-se a procissão e o santo dirige aos presentes palavras candentes de ódios ao pecado, de amor a Jesus Crucificado e de indefectível fidelidade a Deus.

Foi o encerramento da missão verdadeira apoteose.

Em seguida ao sermão e às últimas recomendações, lançou o apóstolo a bênção papal, fecunda e divina, porque é o Vigário de Jesus Cristo ou, melhor, o mesmo Jesus quem abençoa as almas.

A prova temo-la no seguinte milagre.

Um infeliz soldado, apesar dos exemplos dos companheiros, permanecia invencível na obstinação. No momento solene da bênção apostólica, enquanto todos inclinavam respeitosa e humildemente a cabeça, ele a conservava levantada...

Mas, ó prodígio! reparou que o grande Crucifixo que o missionário tinha nas mãos desprendia a dextra e abençoava a multidão!...

A graça triunfara. Profundamente emocionado, caiu em pranto desfeito... e a ovelha tresmalhada voltou contrita ao redil.

Como sempre, o humilde apóstolo subtraíu-se às manifestações de regozijo e correu a ocultar-se em sua modesta cela.

Assim os Anjos, cumprida a missão na terra, voam para o Céu...

Mas, ai! essa apoteose foi perturbada por imprevista catástrofe, que mergulhou na dor uma família inteira!

Ao retirar-se o povo da igreja, terminada a bênção papal, um menino da família Benetti, chamado Vicente, que se divertia no terraço da casa paterna, caiu à rua e ali ficou sem dar sinal de vida. Todos deram-no por morto, inclusive os médicos. A pobre mãe lamentava-se em brados lancinantes e pedia, entre soluços:

" O santo missionário! o santo missionário! "

Paulo recebeu o recado ao pôr os pés na lancha que o levaria à outra margem do lago. Regressou imediatamente à cidade e dirigiu-se à casa da desolada família. Tomou nos braços o menino, como para aquecê-lo com o hálito...

A vida retorna!... E o pequeno corre para os braços da mãe, que não

acredita nos próprios olhos.

MISSÕES EM PORTÉRCOLE E EM PORTO LONGONE

Apenas dois dias de repouso aos pés do Crucifixo e eis Paulo em Portércole e depois em Porto Longone, à conquista de novos triunfos para Deus e operando milagres semelhantes aos de Orbetello.

As três missões deixaram vestígios que perduraram por muitos anos.

A perseverança é o selo divino de uma missão, é a prova incontestável de que o apóstolo que a pregou não agitou somente a superfície das almas com efêmeras emoções, mas penetrou-as profundamente, para ali assentar os alicerces da fé sobre inabaláveis convicções.

" Enquanto estive em Orbetello, depõe o oficial acima citado, notei que os habitantes da cidade eram morigerados e piedosos fruto dos contínuos trabalhos do pe. Paulo. Vários oficiais, colegas meus, mudaram de vida, tocados por suas pregações, e permaneceram sempre fiéis... Em suma, foram tais os frutos da missão pregada pelo pe. Paulo em Orbetello, que a guarnição em peso se converteu. Eu mesmo fui testemunha ocular dessa transformação geral " .

Oficiais e soldados veneravam o santo missionário. Quando ele passava diante dos quartéis prestavam-lhe honras militares, embora sob os protestos do humilde religioso.

DEFENSOR DOS SOLDADOS

Paulo jamais cessou de exercer em favor dos militares sua solícitude e seu zelo, e estes, por sua vez, elevavam de vez em quando, de sua guarnição, o olhar para o Monte Argentário, onde lhes parecia ver o amado Pai, qual Anjo do Céu, estendendo sobre eles suas asas protetoras.

Eis alguns fatos que nos falam da sua poderosa influência sobre o espírito militar.

Dois oficiais espanhóis odiavam-se de morte; um fora ferido à espada pelo outro. A injúria reclamava reparação pública pelas armas. Ao ter conhecimento da contenda, pôs-se Paulo em atividade para evitar o duelo: empresa tanto mais difícil e delicada, quanto é certo que se encontrava não só ante o ódio mais profundo mas também ante o falso ponto de honra, de que tão cioso se mostrar o amor próprio do soldado.

Nada obstante consegue reconciliá-los e fazê-los novamente sinceros amigos

Quando algum soldado era condenado à morte, o apóstolo, empunhando o Crucifixo, o assistia, exortava-o ao arrependimento, purificava-lhe a alma, no Sangue do Redentor, suavizava-lhe os horrores da morte e abria-lhe de par em par as portas do paraíso.

Na missão de Porto Longone, na Ilha de Elba, um soldado fora condenado à morte. Vieram ter com o santo alguns oficiais, rogando-lhe obtivesse do

governador indulto para o condenado mais infeliz do que culpado. O pobre soldado tentara desertar.

Correu Paulo ao palácio e solicitou audiência. Responderam-lhe os contínuos que o governador, ao firmar sentença de morte, não recebia pessoa alguma antes da execução. Era ordem formal, absoluta e inviolável.

Não podiam, portanto, introduzi-lo sem se comprometerem.

O santo insistiu dissessem ao chefe que o pe. Paulo necessitava falar-lhe de assunto urgentíssimo. Renderam-se os contínuos; ao ouvir o nome de Paulo, o general permitiu o conduzissem à sua presença.

Estava em seus aposentos, sentado, o queixo apoiado no cabo da espada desembainhada, com a ponta voltada para o chão, imóvel, a espera da comunicação de que fora executada a sentença.

Sempre tão afável para com o servo de Deus, recebeu-o desta vez sem voltar-se e perguntou-lhe, rispidamente

“ Então, pe. Paulo, que deseja? ”

“ Excelência, - respondeu o santo - o indulto para o condenado à morte ” .

“ Não posso ”

- replica o governador. E às mais eficazes razões, às mais vivas súplicas de Paulo, respondia sempre

“ Não posso, não posso... ”

“ Pois bem, - exclamou o apóstolo - já que v. excia. não pode conceder esta graça, outorgue-a N. Senhor ”

...

E bateu com a dextra na parede.

O edifício se abalou até os alicerces, como se sobreviera violento terremoto!

“ Pois não, pe. Paulo, pois não, - anuiu o general, espavorido - a graça está concedida ” .

Assim foi livre da morte esse soldado que já estava para ser executado.

Já que falamos do apostolado de Paulo entre os soldados, permita-se-nos referir um fato ocorrido mais tarde, em 1748.

Certa manhã, ao romper do dia, o comandante da guarnição de Orbetello entregou um bilhete ao barqueiro Diapozza, encarregando-o de levá-lo imediatamente ao pe. Paulo, no retiro da Apresentação. Incumbiu-o, outrossim, de conduzi-lo ao quartel de Santa Bárbara, onde havia um soldado possesso do demônio.

Diapozza avistou o servo de Deus em companhia de outro religioso. Desciam a montanha recitando as ladainhas de N. Senhora. Entregou o recado e Paulo guardou-o, sem examiná-lo, dizendo:

“ Apressemo-nos, apressemo-nos; sei de que se trata ”

e continuou a oração.

Ao tomarem o barco, interrogou o barqueiro:

" Vieste buscar-me para o soldado? "

Este, admirado, quer saber quem lho dissera.

" Eu o sei, eu o sei " ,

respondeu o santo.

No quartel tudo era susto e confusão. O demônio levantara do solo o infeliz soldado e ninguém conseguia Neutralizar a violência satânica, por mais esforços que empregassem.

Paulo começou o exorcismo, mas bradava o demônio com ar de burla.

" Este entregou-me a alma a troco de dinheiro " .

" Jamais cunhaste moeda, - disse o santo - não podes ter dinheiro senão roubado. Ao demais, injusto é o contrato, porque este infeliz tem obrigação de entregar a alma a quem lha deu " .

E continuou o exorcismo. Não pôde o demônio resistir. Fugiu, caindo o soldado desfalecido. Ao tornar a si, confessou-se com verdadeiro arrependimento. O mesmo fizeram os companheiro Paulo passou o dia todo no confessionário.

CAPÍTULO XXI

1742 - 1745

Índice

MISSÃO EM VETRALLA

DUAS DEFECÇÕES

NOVOS RECRUTAS

FUNDAÇÃO DE SORIANO

INAUGURAÇÃO DE DOIS RETIROS

CAPÍTULO XXI

1742 - 1745

MISSÃO EM VETRALLA

A vida do soldado de Cristo é a história dos seus combates, os combates de Paulo da Cruz são sempre gloriosos e coroados de vitórias imortais.

Apenas a novel milícia da Cruz emitira os santos votos, o snr. bispo de Viterbo pediu uma missão em Vetralla. A respeito desta missão escreveu o santo a 23 de abril de 1742:

" A missão de Vetralla foi tão frutuosa que mais o não podia ser, tanto para o clero como para o povo " .

O generoso apóstolo, embora debilitado pela enfermidade contraída em Piombino, aceitou-a. Em presença das almas recobrou forças e a missão coroou-se de pleno êxito.

Um pecador, cujos crimes punham em sobressalto toda a comuna, comoveu-se profundamente à voz do missionário. Do abismo do mal elevou-se à mais alta perfeição, entregando-se a austeras penitências e as obras de sublime caridade. Acompanhava, em suas excursões apostólicas, àquele que o regenerara em Cristo, auxiliando-o no que pudesse. Nas viagens, insistia com o santo para que montasse o seu cavalo. Recusado o convite, suplicava:

" Ó bom Padre! Causar-me-íeis imenso prazer, aceitando a oferta... "

Para não contristá-lo, acabava Paulo por satisfazê-lo, sorrindo ao ver tanta simplicidade e candura. Mais tarde, de aos enfermos num hospital de Vetralla, edificando a todos pelos exercícios das virtudes cristãs. Terminou seus dias santamente nos braços do pai amantíssimo.

Essa missão, que teve início no domingo de Quasimodo de 1742, operou verdadeira ressurreição de almas.

Os habitantes de Vetralla desejavam conservar junto de si o santo missionário, mensageiro das alegrias do Céu, mas era forçoso partir para outros campos de trabalho. Resolveram, então, fundar, nos arredores da cidade, um retiro semelhante ao do monte Argentário.

Convocou-se para esse fim, aos 20 de maio de 1742, o Conselho Geral da cidade.

Falou à assembléia um dos mais conspícuos membros da circunscrição administrativa, nos seguintes termos

" Senhores, sabeis o grande bem que nos proporcionou a missão aqui pregada no mês de abril próximo passado pelo célebre missionário Paulo da Cruz. Não é menos certo, porém, que maiores vantagens auferiríamos com a fundação de um retiro de sua Congregação na ermida do Santo Anjo. E creio, senhores, estar próximo esse dia. Movido por essas considerações, sou de parecer que os snrs. magistrados levem ao conhecimento do dito padre a aspiração unânime da cidade e envidem todos os esforços para que se digne tomar posse da ermida " .

A proposta foi aprovada por unanimidade.

A moradia que desejavam doar a Paulo era o antigo mosteiro dos beneditinos, dedicado a São Miguel, distante três milhas da cidade, em meio de vasta floresta, no monte Fogliano. Paulo agradou-se do lugar e, embora poucos fossem os seus filhos, confiante em Deus, aceitou a oferta.

Trataram de obter da Congregação do Bom Governo a transferência do edifício ao novo Instituto.

DUAS DEFECÇÕES

Mas, as obras de Deus trazem sempre o selo das contradições A vida dos santos é entrelaçada de consolações e amarguras.

De consolações, para superarem a debilidade da natureza humana; de amarguras, para enriquecerem a alma de virtudes e merecimentos.

O noviço Ângelo de Stefano, sempre enfermiço, não suportou os rigores do inverno e retornou ao século. Que mágoa para o coração do santo, que o considerava uma das colunas da Congregação nascente!

Teve de sofrer outra separação. O pe. Antônio, seu irmão, não se comportava conforme o seu desejo. Paulo, unindo a doçura à severidade, esforçava-se por fazê-lo voltar ao antigo fervor. Tudo inútil. Despediu-o, pois, preferindo reduzir a Congregação a três sacerdotes e dois irmãos leigos a permitir nela se introduzisse a tibieza.

Rude golpe para o Instituto porque, embora não afetasse as bases de sua existência, comprometia a fundação projetada.

De fato, certa comunidade aproveitou, o ensejo para defender pretensos direitos, obtendo em Roma que a Congregação do Bom Governo proibisse terminantemente ao Conselho de Vetralla ceder a Paulo a ermida do Santo Anjo.

A morte arrebatara-lhe, no dia 8 de fevereiro, o poderoso protetor, cardeal Corradini. Por outro lado, experimentava completo abandono espiritual e cruéis vexações diabólicas.

Estava envolto em densas trevas, quando recebeu carta do cardeal Rezzonico. Verdadeiro bálsamo consolados!

" Muito me alegrou, dizia este, a notícia de que estais disposto a aceitar a ermida ofertada pelo Conselho de Vetralla. Ainda que a não possais inaugurar com mais de três ou quatro religiosos, não a recuseis. Espero que a divina Providência aumente os operários de sua vinha. Não temais as oposições do inimigo, que vos move tão crua guerra. Haveis de vencê-lo, confundindo-o. Que N. Senhor vos de ânimo e valor; para este fim dirijo-me incessantes súplicas. Agradeço-vos a caridade das orações e desejo-vos abundantes bênçãos do Céu " .

NOVOS RECRUTAS

Essas palavras não eram somente uma esperança; eram uma profecia.

Do Piemonte, da Toscana, dos Estados Pontifícios, acorreram ao monte Argentário, para alistar-se na milícia da Cruz, clérigos e irmãos leigos, em número tão elevado, que não restou vaga uma cela sequer. Eram

todos fervorosos e generosos. Bendisse Paulo ao Senhor pela inesperada fecundidade.

Entre os recém-chegados, para sermos breves, citaremos apenas os sacerdotes Marco Aurélio Pastorelli e Francisco Appiani, almas verdadeiramente santas.

O primeiro, ótimo religioso da Congregação da Doutrina Cristã e superior do colégio de Civitavecchia, conhecera a Paulo quando ali pregara a santa missão. Atraído para o novo Instituto, com consentimento de seu superior geral trocou sua batina pela humilde túnica da Paixão.

Possuía rara piedade, a par de vasto saber e, embora de compleição franzina, tinha grande espírito de penitência. Dizia o pe. Paulo:

" Crede, o pe. Marco Aurélio é excelente operário,
útil para missões e para tudo " .

" Oh! que grande providência! " .

O segundo, única vergôntea dos Appiani, príncipe de Piombino, aspirava, desde 1735, vestir o santo hábito da Paixão, A piedosa mãe resignara-se ao sacrifício, mas o pai, apesar do afeto que nutria pelo santo Fundador, desejava prender o filho ao século pelos laços do matrimônio.

O piedoso jovem, em vista desses obstáculos, desabafa por cartas com o santo as angústias de sua alma.

O prudente diretor aconselhava-lhe:

" Se alguém lhe propuser o casamento, responda que não
pode fazer essa injúria a unia grande princesa, a quem já
deu sua palavra e que se dignou aceitá-lo por filho e esposo
" .

Ao ter conhecimento das dificuldades suscitadas contra a fundação de Vetralla, perorou a causa junto do cardeal Riviera, prefeito da Congregação do Bom Governo. Este anuiu aos desejos de Colonna, mas quis conhecer antes a opinião do Soberano. Pontífice.

Sua Santidade aprovou o projeto do povo de Vetralla, dando ordens para que se expedissem quanto antes as faculdades. necessárias.

" É justo salientar, diz são Vicente Strambi, que o bom
êxito da empresa se deve, em grande parte, ao abade conde
Garagni, o qual escreveu a Paulo aos 12 de outubro,
avisando-o da mercê obtida " .

Eis em resumo suas palavras

" Para vossa consolação posso dizer-vos que larga estrada
se abre para o desenvolvimento do Instituto. Orai sem
cessar e pedi orações. Quer-me parecer que N. Senhor
vos deseja em mais de um lugar perto de Roma " .

Aos 29 de dezembro foi publicada a autorização.

Enquanto se tratava da fundação do Santo Anjo, ofereceram a Paulo outro retiro, anexo à Confissão de Santo Eutízio. Chama-se Confissão o local da sepultura dos mártires, porque confessaram o nome de Jesus Cristo.

O viajante que, de Vetralla, galga os montes Ciminus e desce a vertente oposta, atravessa espessos castanhedos, descortinando ao longe o território de Soriano, uma das mais belas possessões dos príncipes Albani.

No fundo do vale, que se estende em vasta planície até as margens do Tibre, eleva-se pequena igreja construída sobre uma gruta. Atrás de um dos altares jaz o sepulcro de santo Eutízio, donde, por uma galeria de catacumbas, se vai ter à espaçosa gruta, cavada na rocha, em cujo centro há um reservatório das águas que caem da abóbada. É a milagrosa fonte de santa Corona, virgem e mártir.

-Nesse piedoso asilo, santo Eutízio, sacerdote da igreja de Ferento, na última perseguição de Diocleciano, vivia oculto, celebrava os divinos mistérios e sepultava os falecidos na paz do Senhor e os mártires da fé.

Alfim, também ele caiu nas mãos dos perseguidores, suportou horríveis tormentos em Ferento, recebendo a auréola do martírio.

O bem-aventurado Dionísio, bispo diocesano, cumulou de honras esse sepulcro, na gruta duplamente consagrada assim pelo Sangue de um Deus como pelo de seu mártir.

“ As preciosas relíquias que ali descansam, escreve são Vicente Strambi, gotejam visivelmente misterioso maná ” .

É um líquido misterioso que mana do túmulo ainda em nossos dias, ao qual se atribui uma eficácia sobrenatural. Quando o santuário era abandonado pelos piedosos sacerdotes que velavam pelo bem espiritual daqueles pobres camponeses, pregava o nosso santo a missão de Vetralla e o cardeal Alexandre Albani encontrava-se de passagem em Soriano. Ao ouvir grandes elogios aos novos apóstolos da Cruz, julgou-os enviados do Céu para continuarem a obra apostolar dos que partiam.

De volta a Roma, informou-se melhor com o abade Garagni. Falou a respeito com seu irmão Hanibal Albani, também cardeal e camerlengo da Santa Sé, que aplaudiu a escolha.

De acordo com Garagni, tratou da fundação, sem que Paulo o soubesse. Os Albani obtiveram de Bento XIV o que desejavam. Sua Santidade encarregou ao cardeal Valente de escrever ao governador de Soriano e ao bispo de Orte e Civita-Castellana.

A este, em data de 11 de dezembro, dizia em resumo:

“ Sua Santidade resolveu, para o bem espiritual das almas, estabelecer na igreja de Santo Eutízio, os sacerdotes da novel Congregação da PAIXÃO DE N. SENHOR JESUS CRISTO. Antes de decidir-se, aprouve ao Santo Padre ouvir o cardeal de São Clemente, que agradeceu como devia a Sua Santidade por intenção tão santa e paternal... Declarou o Pontífice supriria, em virtude da autoridade apostólica, qualquer aprovação necessária... V. excia. deverá, pois, empregar sua autoridade, para encaminhar, favorecer e estabelecer esta

obra, dando assim execução às ordens de Sua Santidade "

Muito folgou o snr. bispo por possuir em breve os missionários Passionistas.

O abade Garagni escreveu ao santo Fundador, chamando-o a Roma para tratar de assuntos importantes.

Paulo, julgando ir de encontro a novas dificuldades, deparou com as ótimas disposições dos cardeais Albani no tocante à fundação de Santo Eutizio.

Crendo que Deus desejava essa fundação ao invés da de Vetralla, agradeceu aos cardeais e retornou ao monte Argentário.

Alegraram-se os religiosos com essa notícia.

Pouco depois o santo recebe carta do cardeal Riviera, notificando-lhe as ordens do Santo Padre em relação à fundação de Vetralla.

Que fazer? Insuficientes são os religiosos para ambas as fundações. Mas eram ordens do Chefe da Igreja... O Vigário de Jesus Cristo lançava a toda vela a pequena e frágil embarcação.

O santo não hesitou.

Consultados os padres João Batista e Fulgêncio de Jesus, decidiu-se tomar posse dos dois retiros. A Providência, em dando as casas, enviaria outrossim religiosos para as habitarem.

Paulo solicitou do Papa dispensa de alguns meses de prova, para os noviços e o privilégio de serem ordenados, com. o título de

" mesa comum " ,

os que ainda não eram sacerdotes. E partiu imediatamente para Vetralla a fim de concertar com o snr. bispo a tomada de posse do retiro do santo Anjo, prosseguindo viagem para Roma, onde permaneceu apenas dois dias. Eram os dias 27 e 28 de janeiro de 1744 (15). O cardeal Albani incumbiu-se de obter do Santo Padre os privilégios solicitados e enviou-o a Soriano para pregar uma missão, certamente frutuosa em vista da fundação que se seguiria.

O apóstolo passou por Orte para pedir faculdades necessárias. O prelado. ao vê-lo transido de frio e tão fatigado, hospedou-o no palácio episcopal, qual Anjo do Céu.

Recobradas as forças suficientes, iniciou a missão, coroada de frutos abundantes.

Não a terminara e já recebia do cardeal Albani uma carta com os Rescritos Apostólicos. No primeiro, outorgava-lhe o santo Padre a faculdade de dispensar doze noviços do tempo de noviciado que julgasse conveniente; no segundo, o título de

" mesa comum para certo número de clérigos. "

INAUGURAÇÃO DE DOIS RETIROS

Aos 15 de fevereiro de 1744 concluiu a missão e voava para o Argentário.

Ao contemplar aqueles noviços, fervorosos e mortificados, chorou de contentamento. Admitiu doze à profissão e, sem mais, tomou consigo nove para a fundação dos dois retiros. Chegaram a Vetralla no dia 16 de março.

Precedidos dos magistrados e do povo, dirigiram-se à catedral. Após breve visita ao ss. Sacramento, conduziram-nos triunfalmente ao palácio do governador da cidade, onde os cônegos da catedral, sob protestos dos humildes religiosos, lavaram-lhes os pés.

Edificante e comovente foi a tomada de posse, no dia seguinte.

Imensa multidão reuniu-se na catedral, ao som festivo dos sinos. Paulo, com uma corda ao pescoço e coroa de espinhos na cabeça, seguido de seus religiosos, entoou, com a Cruz alçada, a ladainha de todos os santos. Pôs-se em movimento a procissão. A cidade em pêlo os acompanhava.

Antes da missa solene, leu o tabelião a ata da posse.

Sobre o altar-mor, como a recordar a finalidade do Instituto e a incrementar o espírito de piedade, havia uma tela antiga, obra de excelente artista, representando Jesus Crucificado. Todos os presentes ficaram edificadas com essa cerimônia, que trescalava recolhimento e devoção.

Sob a direção do pe. João Batista, lá permaneceram quatro religiosos.,

O convento do Santo Anjo tornou-se mais tarde as delícias de Paulo, porque, afastado cerca de três milhas da habitação mais próxima e oculto em meio do bosque, convidava à prece e favorecia os exercícios de piedade.

Com as mesmas solenidades e os mesmos transportes de alegria, tomou posse do santuário de Santo Eutízio, cuja direção confiou ao pe. Marco Aurélio.

Enquanto o servo de Deus venerava o glorioso sepulcro, a lousa sobre a qual Eutízio ordinariamente celebrava o santo Sacrifício, destilou em abundância o maná misterioso, e no local em que sua mão tocara, brotaram cinco gota:, brilhantes como pérolas!.

Demonstração patente de que acolhia com prazer os missionários da Paixão, que iriam ali preparar-se a difundir a fé, selada pelo seu sangue.

“ Nosso Senhor, diz o santo biógrafo de Paulo, abençoou essa fundação. A ilustre família Albani sempre dedicou especial afeto e benevolência à pobre Congregação, jamais cessando de cumulá-la de benefícios ”

Dias após escrevia o príncipe Horácio ao pe. Paulo:

“ Entre as muitas obrigações que contraí com meus tios cardeais, considero das mais importantes a de me proporcionarem o grande benefício da santa missão pregada por v. revma. em Soriano, de imenso proveito aos meu: vassallos, bem como o estabelecimento dos santos religiosos

Passionistas no retiro de Santo Eutízio.

Desde o princípio experimentei singular satisfação, que foi sempre crescendo, ao refletir que, com a graça de Deus, verei em breve reanimar-se nestas paragens o espírito de piedade.

Agradeço-vos de coração por serdes o principal promotor de tão grande bem e por me haverdes proporcionado tantos motivos de apreciar os vossos méritos e os de vossos coirmãos.

Por todas essas razões estou sempre ao vosso inteiro dispor, no que me fôr possível.

Recomendo-me às vossas fervorosas preces, em que deposito moita confiança " .

CAPÍTULO XXII

1745 - 1748

Índice

O PADRE TOMÁS STRUZZIERI

GRAVÍSSIMA ENFERMIDADE

OUTRA APROVAÇÃO DAS REGRAS

MISTERIOSA PROMESSA

I.º CAPÍTULO GERAL

CAPÍTULO XXII

1745 - 1748

O PADRE TOMÁS STRUZZIERI

Em profundo recolhimento. orava o nosso santo ante o sacrário, na igreja da Imaculada dos Montes. das religiosas capuchinhas, quando entrou um sacerdote e se dirigiu à sacristia.

Guiado por impulso interno, pe. Paulo o segue.

Ao se encontrarem perguntam-se mutuamente:

- O senhor é o pe. Paulo?

- E v. revma. é o pe. Tomás Struzzieri?

E abraçaras-se cordialmente, como se foram velhos amigos, que havia muito não se encontravam.

O sacerdote tivera conhecimento do maravilhoso apostolado do pe. Paulo e da fundação do Instituto da sagrada Paixão. Paulo, por sua vez, ouvira falar do pe. Tomás Struzziéri, um dos mais eloquentes oradores da época.

Estimularam-se mutuamente ao sacrifício pela glória de Jesus Crucificado e em prol das almas. Desde essa primeira entre, vista uniram-se pelos laços de santa e indissolúvel amizade. Struzziéri desejou voar imediatamente para o monte Argentário; mas seus amigos, de prudência demasiado humana, esforçavam-se por fazê-lo desistir da santa resolução!

Aos 40 anos de idade e com tão brilhante porvir, garantido pela nobreza do berço e pelos dotes intelectuais, abraçar uma Congregação tão austera e mal consolidada!

Orava Paulo e solicitava orações em prol do amigo.

" Diga a soror Colomba, escrevia a um sacerdote, que agora é tempo de auxiliar-me. Recomendo-lhe um grande missionário que começa sentir alguma inclinação para o nosso Instituto. Seria um dos nossos mais poderosos apóstolos. Oh! quanto o desejo!... Que reze muito, pois espero será ouvida... Ah! por caridade, não nos perca de vista, nem de dia nem de noite. O mesmo digo a v. revma.: Lembre-se de nós ao celebrar o santo Sacrifício

" .

Dois anos decorreram e Paulo tornou a avistar em Roma o pe. Tomás. À claridade de luz superior, descobriu naquela alma as, perplexidades que a agitavam, descrevendo-as nas menores circunstâncias.

E' patente a vontade divina. A graça triunfa. Segue para o Argentário o filho de suas preces e, aos dois de fevereiro de 1745, recebe das mãos do Fundador o santo hábito. A partir de agora chama-se pe. Tomás Maria do Lado de Jesus.

Excelente conquista! Este apóstolo que no dizer de são Vicente Strambi,

" podia valer por muitos " ,

nascera em Senigallia, de nobre família, e unia à circunspecção da experiência e do talento os tesouros de vasta e profunda doutrina, de arrebatadora eloquência, de que dera sobejas provas no ministério apostólico. Estas belas qualidades eram coroadas por voz forte e sonora, admirada pelo célebre missionário são Leonardo de Porto Maurício. Mas, acima de tudo possuía rara prudência e sólida piedade.

Ei-lo simples noviço da menor e mais humilde das Congregações religiosas! Maior, porém, era em sua cela do que sob os dourados tetos de seu palácio e das cátedras apostólicas, donde arrebatava as multidões.

Traçou interessante descrição de seu noviciado, que se não pode ler sem profunda emoção. A alma se desabafa em cânticos de amor e em arroubos celestiais. Ouçamos algumas de suas expressões:

Quando pus os pés neste santo retiro, julguei entrar no paraíso Reinava o mais profundo silêncio e as mesma, paredes respiravam santidade. Os religiosos pareciam Anjos, tanto resplandeciam em virtudes. Amavam tanto a

pobreza, a ponto de procurarem, com piedoso empenho, as piores coisas, como sejam hábitos remendados e estragados.

" Eram tão mortificados, que os superiores deviam vigiar para que tomassem o necessário alimento. Porfiavam em privar-se já de uma coisa, já de outra e, freqüentemente. jejuavam a pão e água! Se lhes faltava o que as Regras permitem. ou mesmo o mais frugal alimento, ninguém se queixava. vendo em tudo a vontade de Deus. Que de habilidade não empregavam no mortificar o paladar! Misturavam no, alimentos erva. ou pós amargos! Quase todos possuíam o dom da oração e alguns. depois de Matinas, permaneciam diante do ss. Sacramento até a hora de Prima. Estavam sempre recolhidos e de olhos baixos para não perderem a Deus de vista. Os mesmos recreios eram escola de oração. "

" Jamais discorriam do mundo nem dos negócios seculares, mas unicamente de Deus, da vida dos santos, da conversão das almas, da ventura de derramarem o sangue pela fé. Dessas práticas hauriam novo fervor, com ardente aspiração de trabalharem e sofrerem muito por Deus. Eram admiráveis na obediência. Bastava conhecerem a vontade do superior para executarem-na imediatamente. Praticava-se a caridade em tão sublime grau, que cada qual. se comprazia em carregar o fardo do companheiro. Acusavam-se a si mesmos para desculpar os coirmãos. Jamais se ouvia a mais leve murmuração " .

O testemunho genuíno, muito mais prolixo, é citado na integra em Memorie dei Primi Compagni. Esta citação é abreviada e com alguns períodos invertidos; mas deixamo-la assim. Se os religiosos lhe eram de edificação, ele não o era menos aos religiosos. Digno êmulo de suas virtudes, tinha os lábios na chaga do Coração de Jesus, a que consagrara o nome, e bebia sofregamente no manancial das divinas perfeições, luzes e paz até então desconhecidas.

Julgava-se no paraíso. Toda noite, durante o sono, aparecia-lhe em sonho o santo Fundador, entretendo-se com ele em assunto, espirituais. Ilusão ou realidade?. Ignorava-o. Ao despertar para Matinas, era como se saísse de doce êxtase: o coração estava-lhe de amor...

Em pouco tempo fêz-se perfeito religioso. O santo Fundador, com licença apostólica, julgou-o digno da profissão após dois meses e meio de prova.

O pe. Tomás Maria era modelo acabado de humildade, doçura e penitência, virtudes adquiridas na oração assídua.

Missionário zeloso e infatigável, administrador prudente, foi de grande auxílio ao santo Fundador.

Ocultara-se à sombra da Cruz, mas fê-lo conhecido o resplendor de seu gênio e de suas virtudes. Em 1760, ordem formal de Clemente XIII arrebatava-o à Congregação. Devia seguir para a Córsega, como teólogo do visitador apostólico, o cardeal De Ângelis.

Delicadíssimo era o encargo. Revoltara-se a ilha para sacudir o jugo da república de Gênova e, como julgassem os bispos partidários dos opressores, desterraram-nos. Daqui surgirem ultrages à Religião, ódio mortal a seus ministros, devassidão dos costumes e profanação das

igrejas.

Onde quer que se apresentasse o pe. Tomás Maria, sua eloquência doce e insinuante conquistava os corações e acalmava os espíritos.

Pelos trabalhos excessivos em país montanhoso, muita vez com perigo de vida, De Ângelis caiu doente. Obrigado a abandonar a ilha, deixou o pe. Tomás como seu vigário geral. Ao chegar a Roma, teceu-lhe elogios tais, que o Santo Padre o constituiu visitador apostólico e o nomeou bispo de Tiana.

Longe de arrefecerem-lhe o zelo, essas honras deram-lhe maior vida, força e constância. Enfim, por seu intermédio, a grande voz da Igreja conseguiu dominar os furiosos brados de independência nacional. Sua caridade e prudência souberam unificar os ânimos e pacificar a ilha. Todos o amavam como a terníssimo pai. Contudo, a mais digna de suas obras, quer como religioso, quer como apóstolo - permita-se-nos recordá-la aqui, para que o mundo conheça o vínculo que une os filhos de Deus - foi a caridade com que acolheu, consolou e alimentou a quatro mil Jesuítas, heróicos e santos mártires, lançados naquelas praias, após serem tratados da maneira mais iníqua e caluniados como somente o poderia fazer a malícia infernal.

Gênova cedeu a Córsega ao rei de França. Restabeleceu-se a hierarquia eclesiástica, terminando gloriosamente. em 1770, a visita do santo Pastor.

Informado de seus méritos, ofereceu-lhe Luís XV o título de metropolitano da ilha. As honras, porém, o não atraíam. Sua única aspiração era voltar ao monte Argentário, para junto dos coirmãos, e entregar-se novamente à vida de silêncio e oração.

O rei, patenteando-lhe estima e reconhecimento, enviou-lhe dez mil flancos. O apóstolo recebeu-os quando já se encontrava a bordo e os remeteu imediatamente ao Cabido da catedral, para serem distribuídos aos pobres.

Clemente XIV obrigou-o a aceitar o bispado de Amélia, transferindo-o mais tarde, apesar das lágrimas do rebanho e resistência do Pastor, à Sé de Todi, onde, em 1780, com a idade de 74 anos, falecia em odor de santidade. Seu corpo repousa na catedral de Todi, cercado pela veneração dos fiéis e glorificado por muitos milagres; mas a santa Igreja não pronunciou ainda seu parecer.

Tivemos como obrigação traçar, de relance, a vida desta grande e santa figura de religioso, cuja glória reverbera na fronte augusta de Paulo da Cruz.

GRAVÍSSIMA ENFERMIDADE

De par com a graça vai sempre o sacrifício. Paulo comprara seus filhos com orações, lágrimas e dores. Satanás fazia-os pagar bem caro. O pe. Tomás custou-lhe trabalhos inenarráveis. Conduziu-o de Roma ao Argentário no rigor do inverno. Fatigado como estava por tintas viagens e trabalhos, caiu enfermo. Dores atrozes o martirizavam, chegando a causar apreensão o seu estado.

Transportaram-no a Orbetello, em casa de piedoso benfeitor. Nada

conseguia acalmar a veemência dos sofrimentos. Eram tão agudos e pungentes, que o santo, para não se lamentar, recitava as ladainhas de N. Senhora, com acento de profunda tristeza. Alimentava-se pouquíssimo e tudo lhe causava ânsias de vômito

Não pregou olho durante quarenta dias e quarenta noites. Confrangia o coração ouvi-lo, com os olhos fixos numa imagem de Maria, dirigir-lhe comovedoras súplicas:

" Ó Maria, uma hora de descanso....Ao menos, insistia chamando, ao menos meia hora... Ó Mãe, minha doce Mãe, por caridade... um quarto de hora, pelo menos um quarto de hora!... " .

E não era atendido... Bem sabia a terna Mãe não ser desejo de N. Senhor dar tréguas às dores do filho amado. Ao amargo desse cálice, sobrevinham insuportáveis desamparos, fantasmas horríveis, pensamentos desoladores, espantosas angústias... O pavor do inferno, mais do que o temor da morte, torturava-lhe a alma. Os demônios afligiam-no e o martirizavam. Embora de 1756, transcrevemos a carta seguinte que revela um dos pontos fundamentais da vida mística de São Paulo da Cruz:

" Há cinco dias que. estou pregado no leito com tormentos e espasmos nas junções e nervos dos joelhos e dos pés, tormentos que superam minhas forças humanas, além de outros horrendos flagelos e espantosíssimos abandonos, que são provas de um inferno antecipado, como a alta união e as delícias que experimentam as almas justas são provas de uma beatitude antecipada " .

Tudo suportou o santo, durante cinco meses, com inalterável paciência e resignação. Aos filhos, que de contínuo vinham visitá-lo, ao vê-los pesarosos, dizia

" Temos uma eternidade para gozar... Que são, portanto, as tribulações desta vida? "

Todavia, se o corpo encontrou nesse crisol enfermidades para o resto de seus dias, nada perdeu a alma de seu vigor varonil.

Que intrepidez de ânimo! Parecia olvidar os sofrimentos quando se tratava de Deus, das almas e dos interesses do Instituto!

OUTRA APROVAÇÃO DAS REGRAS

As Regras estavam aprovadas por simples Rescrito. O Santo Padre prometera aprová-las por Breve Apostólico, logo que crescesse o número de casas e de religiosos.

Em uma de suas viagens a Roma, Paulo solicitou essa aprovação, e Bento XIV nomeou a comissão de três cardeais, entre os mais ilustres do Sagrado Colégio, para revê-las. Eis os nomes dos cardeais: Gentili, prefeito da Congregação do Concílio, Girólami da Congregação dos Bispos e Regulares e o cisterciense Besozzi, ilustre pela piedade e pelo saber.

Todos, mas particularmente Besozzi, deram a Paulo palavras -de esperança. Tudo corria bem. O santo, contudo, temia os ardis de Satanás, sempre pronto a levantar-se contra ele. De volta à solidão,

exortava os filhos a invocarem, com orações e lágrimas, a proteção do Céu.

Não eram quiméricos esses temores. Logo que os inimigos do Instituto tiveram conhecimento da revisão das Regras, lançaram-se novamente à luta, empenhando-se por destruí-lo de vez. Lamentavam

" Mais uma Ordem religiosa na Igreja de Deus, havendo já tantas e tão veneráveis por doutrina e santidade! Como se faltassem Ordens consagradas à propagação do culto a Jesus Crucifica Aprovar outra unicamente por trazer ostensivamente no peito as insígnias da Paixão?!... "

Esses e semelhantes queixumes eram o tema de seus colóquios.

E não se contentavam de alvoroçar a cidade, esforçavam-se por influir no ânimo dos cardeais encarregados da revisão das Regras.

O cardeal Girólami deixou-se arrastar pelas más línguas e, na primeira reunião sustentou, inflexível, dever-se rejeitar a todo trance o pedido do Fundador. Eis os motivos aduzidos por sua eminência: As Regras do Instituto, no parecer de todos, são tão austeras, a ponto de sobrepujarem as forças humanas. Aprová-las será expor a Sé Apostólica a condescender, com deplorável facilidade, aos desejos dos que, por zelo certamente sincero mas pouco esclarecido, pretendem demasiado da fragilidade humana. Ademais, o excesso de austeridades terminará por quebrantar o ânimo dos mais robustos, lançando-os no relaxamento e, onde esperavam encontrar caminho seguro para o Céu, toparão com a condenação eterna. E concluía que, tudo bem ponderado, pelo respeito devido à Santa Sé e pelo interesse das almas, era de parecer negar-se a aprovação.

Os cardeais Gentili e Besozzi eram de opinião contrária. Eis, o raciocínio de suas eminências: As Regras já foram aprovadas, pelo atual Pontífice. Deve-se ainda refletir que os Passionistas, à medida que aumentam em número, observam fielmente essas Regras e são infatigáveis no ministério apostólico...

O certo é que nada se concluiu nessa sessão.

Semanas após, reuniu-se novamente o conselho. O cardeal Girólami, ao notar a inflexibilidade da opinião contrária, propôs um meio termo: modificar em vários pontos as Constituições.. O cardeal Albani, embora alheio à comissão, velava pela integridade das santas Regras.

Escreveu sem mais ao Fundador, pondo-o ao par de tudo.

Pobre Paulo! Amante como era da perfeita pobreza, por ele chamada o estandarte do Instituto, afligia-se ao extremo ao saber pretendiam facultar às casas de estudo possuírem rendas.

Aconselhou-se com o pe. Tomás Maria e, convencido de que Deus queria a pobreza integral no Instituto da Paixão, respondeu a sua eminência alegando tantas razões, em carta vasada em termos tão calorosos, que o Príncipe da Igreja ficou plenamente persuadido e resolveu falar do assunto diretamente a Bento XIV. O Santo Padre, para pôr termo à controvérsia, nomeou-o prefeito da comissão.

Foi o suficiente para não se tocar mais nesse assunto, mas Girólami propunha sempre novas alterações. Julgou-se necessária a presença do santo Fundador.

Nada o deteve: nem as dores que ainda o atormentavam nem as fadigas de nova viagem. Chegou a Roma em fevereiro de 1746. O cardeal Albani obteve dos Mínimos de São Francisco de Paulo, de quem era o Protetor, o hospedassem no convento de Santo André. Seu estado de saúde reclamava especiais cuidados.

A presença de Paulo, sua doçura e humildade, salvaram a obra de Deus.

Girólami, persistente em suas opiniões, caiu enfermo. O sumo Pontífice, admirador sincero do Instituto, excluiu-o da comissão. Era o termo dos debates. Era o triunfo. Mitigadas as Regras em coisas de somenos, como o uso constante (das sandálias e o jejum e abstinência apenas três vezes por semana, exceto no advento, que continuava quotidiano, os juizes, de comum acordo, aprovaram-nas no dia 27 de março de 1746, apresentando-as no dia seguinte ao Santo Padre.

O sábio Pontífice, satisfeitíssimo, dignou-se escrever de próprio punho o Rescrito para a expedição do Breve.

Ouçamos os acentos de reconhecimento e júbilo, que brotaram da alma de Paulo da Cruz

" Querido e amadíssimo pe. Fulgêncio. A caridade inspirar-vos-á compaixão de uma alma tão pobre e imperfeita como a minha... "

- O santo pensa sempre no seu nada, toda vez que Deus o glorifica, mas seus olhares se voltam logo para o Céu:

" Graças a Deus, segunda-feira da Paixão, 28 do corrente mês, quando se lê no Evangelho da Missa: SI QUIS SITIT VENIAT AD ME ET BIBAT, etc. (Jo. 7, 37), o Vigário de Jesus Cristo firmou a minuta do Breve para a aprovação de nossas santas Regras... "

" Ontem me lancei aos pés de Sua Santidade, manifestando-lhe o meu reconhecimento... "

" Que dizer da altíssima Providência de Deus. permitindo, apesar das mais ativas diligências, não nos fosse outorgada essa mercê antes dos grandes dias da Paixão? Quantos mistérios!... "

" V. Revcia. estará lembrado de que o mesmo sucedeu com o retiro do monte Argentário. Não conseguimos. a despeito de todos os esforços, tomar posse solene do retiro nem celebrar o divino Sacrifício senão no dia da Exaltação da Santa Cruz... NOS AUTEM GLORIARI OPORTET IN CRUCE DOMINI NOSTRI JESU CHRISTI (Gal 6. 37): Não devemos gloriar-nos senão na Cruz de N. S. Jesus Cristo... Convenço-me sempre mais de que a Congregação é obra de Deus. Assim o crê Roma em peso: religiosos e prelados... Deus me tem ajudado. Posso dizer que é milagre de sua misericórdia resolver-se o magno assunto tão depressa e com êxito feliz " .

" Em breve ordenarei solene: ações de graças... No entanto, que todos se esmerem em louvar e agradecer ao

Altíssimo " .

31 março 1746

O Breve de aprovação tem a data de 28 de abril. O cardeal Albani custeou todas as despesas, levando-o no mês de junho, pessoalmente, ao santo Fundador, então de passagem pelo retiro de Santo Eutízio.

MISTERIOSA PROMESSA

Paulo escrevia ao pe. Fulgêncio:

" No dia da Comemoração de São Paulo, 30 do corrente, começai, vo-lo peço, o tríduo solene em ação de graças, com exposição do ss. Sacramento, devendo terminá-lo no dia da Visitação da ss. Virgem, em que cantareis e aplicareis a santa missa segundo a minha intenção. Haverá comunhão geral nos três dias. Pedi todos com muita piedade e fervor o desenvolvimento do Instituto e, para os religiosos, o verdadeira espírito apostólico, que é espírito de grande perfeição " .

" Em suma, rogai a Jesus nos conceda a todos o seu santo espírito " .

" Disse tudo em poucas palavras " .

" E a mim, miserável, que destruo a obra de Deus, que direi? Prostro-me aos pés de todos e a todos peço perdão de minha vida pecaminosa, relaxada, tibia e escandalosa, porque não sou regular, mas, ao contrário, muito irregular. Rogo-vos supliqueis à divina Majestade me perdoe os pecados, que são graves, gravíssimos mesmo; e se, por minha culpa, eu não sirva de exemplo aos demais com vida verdadeiramente santa, rogai a Deus me tire deste mundo, concedendo-me, porém, uma santa morte " .

" Por amor de Deus, não me recuseis esta caridade.
ESTOU CERTO, CERTÍSSIMO DE QUE, SE
CORRESPONDERDES A VOCAÇÃO, DEUS A TODOS
VOS FARÁ SANTOS. SEI O QUE ESTOU
DIZENDO... " .

" Sei o que estou dizendo... " .

Os santos ocultam os favores do Céu, mas muitas vezes se traem por uma palavra, um suspiro, um nada... E' preciso interpretá-los e surpreendê-los quando distraídos. Aqui há, evidentemente, alguma revelação sobrenatural, alguma promessa de graças especiais aos que abraçam o Instituto da sagrada Paixão. Deus lhe daria uma coroa de santos... Quando o santo Fundador escrevia estas frases tinha como discípulos almas que praticavam a virtude em grau heróico, como sejam, seu irmão pe. João Batista, o pe. Fulgêncio de Jesus, o pe. Marco Aurélio do SS. Sacramento, o pe. Tomé do Sagrado Lado, o pe. Francisco Antônio do Ss. Crucifixo, o pe. Tomé de São Francisco Xavier, o pe. José das Dores de Maria Santíssima, o pe. Antônio do Calvário, o pe. Felipe Jacinto do SS. Salvador, o pe. Bernardino de Jesus, o pe. João Batista de São Vicente Férrer, o irmão José de

Santa Iliária, o ir. Tiago de São Luiz, etc..

Dos religiosos desse tempo escreve o santo Fundador que

" levam uma vida de santos " ,

que

" caminham como valorosos na senda da perfeição " ,

que

" graças a Deus, são todos bonus odor Christi " ,

" o bom odor de Cristo " ,

que é

" uma beleza ver o espírito ardoroso com que se entregam à conquista da virtude, principalmente os jovens, de maneira tal que, se não se refreassem, muito mais quereriam fazer "

Será para admirar que à sua morte o santo lhes tenha tecido os mais lisonjeiros elogios e tenha visto todos salvos os 60 religiosos que o precederam na eternidade?

Desses seus discípulos hoje um deles já recebeu as honras dos altares, é São Vicente Maria Strambi; o pe. João Batista, seu irmão, é Venerável; de outros estão iniciados os processos de canonização.

Não se admire o leitor dessas expressões de abjeção e desprezo. Paulo já nos acostumou a elas e já explicamos esse mistério de humildade nos santos. Consideram-se os maiores pecadores porque, na luz intensa em que vivem, descobrem as menores faltas, ainda que involuntárias, que lhes empanam a pureza da alma...

I.º CAPÍTULO GERAL

Aprovadas as Constituições, era mister constituir-se a hierarquia, com a eleição canônica dos superiores, especialmente do Preósito Geral.

Nos primeiros dias de abril de 1747, dos diversos retiros partiram para o monte Argentário os membros mais conspícuos da Congregação. Embora pequeno quanto ao número, esse Capítulo é venerável pela santidade e luzes celestiais de que eram ornados os que nele tomaram parte.

Aos dez do mês, por unanimidade de sufrágios, foi eleito Preósito Geral o santo Fundador.

A Igreja, ao aprovar a nova Congregação, elevou-a à nobreza do Calvário. Necessitava, pois, de um brasão. Adotou-se o mesmo emblema apresentado por d. Maria do Santo Fundador e aprovado por Bento XIV. Acrescentaram-se-lhe apenas um ramo de oliveira ao lado direito e, ao esquerdo, uma palma, símbolos das divinas conquistas da Cruz: a paz e a vitória. Vitória sobre o inferno e o mundo, paz entre o Céu e a terra, o homem e Deus.

Paulo da Cruz pediu, implorou o libertassem do fardo que lhe impuseram aos ombros. Tudo em vão.

Inclinou, então, a cabeça e submeteu-se às ordens da Providência.

E será Superior Geral até a morte!...

Quão sábia fosse a escolha, ve-lo-emos no capítulo seguinte. Bem mereceu ele o elogio de Maria ss.:

" A Congregação vai bem; continue a governá-la como tem feito até agora " .

CAPÍTULO XXIII

Índice

GOVERNO DE PAULO

SUA PRUDÊNCIA

AMÁVEL SIMPLICIDADE

CONFIANÇA EM DEUS

JUSTIÇA PARA COM TODOS

INVICTA PACIÊNCIA

CARIDADE PARA COM OS SÚDITOS

TERNURA PATERNAL PARA COM OS DOENTES

CARINHO PARA COM OS JOVENS

FIRMEZA INABALÁVEL

CAPÍTULO XXIII

GOVERNO DE PAULO

A bondade é o traço supremo, o esplendor da beleza moral chamada SANTIDADE.

Se nas perfeições divinas houvera graus, poder-se-ia dizer que a bondade seria o primeiro de seus atributos, por ser o poderoso ímã que a Ele atrai todos os seres. Causam-nos admiração a grandeza e a eternidade de Deus; sua bondade, porém, comovemos o coração e nos subjuга a alma.

E' a humildade justa e agradável amálgama de doçura e de força. Sem doçura, a força seria rigor inflexível; a doçura, sem a força, tornar-se-ia debilidade. Nada mais doce do que a força; nada mais forte que a doçura.

" A SABEDORIA ATINGE DE UM A OUTRO
EXTREMO DO MUNDO COM FORÇA INFINITA E
TUDO DISPÕE COM IGUAL DOÇURA (Sap.
8,1) " .

Com efeito, nas obras divinas, na criação, na redenção, na santificação em Jesus Cristo, na Igreja, nos: auto: ... que força e que doçura.

Não há muito tivemos, na Catedral de Pedro, luminoso exemplo, cuja lembrança arrebatava as almas cristãs e confundia os ímpios. Que doçura no imortal Pio IX! E que força invencível e inquebrantável ante os assaltos conjugados do inferno!

Também em Paulo da Cruz aliaram-se a doçura e a força. Mais do que no passado, ve-lo-emos nas páginas seguintes dirigindo o pequeno rebanho, O REINO QUE O PAI CELESTE HOVE POR BEM CONFIAR-LHE (Luc. 12, 32).

SUA PRUDÊNCIA

Deus, ao inspirar-lhe a fundação do Instituto, parece haver-lhe outrossim gravado no espírito a maneira como governá-lo.

Dirigia-se sempre pela operação invisível da graça. Completamente alheio à falsa prudência do século, antepunha aos interesses da Congregação o beneplácito e a glória de Deus.

Quando se tratava da glória de N. Senhor nada o detinha. Jamais, porém, iniciava qualquer trabalho com ansiosa precipitação; muito ao contrário, refletia seriamente, escolhendo os meios mais adequados para o bom êxito da empresa. Por vezes as circunstâncias o obrigavam a agir com presteza. Mas, quer temporizasse, quer se lançasse logo ao trabalho, opera-a sempre com plena posse de si mesmo e com a calma de quem está unido a Deus.

" Agir diversamente, dizia, não convém nem pode dar bom resultado " .

Em afazeres de alguma importância, não confiava na própria opinião; pedia luzes a Deus e tomava conselho dos homens.

Repetia com freqüência as sentenças do Espírito Santo:

" EU, A SABEDORIA, HABITO NO
CONSELHO (Prov. 8, 12)... MEU FILHO,
NADA FAÇAS SEM CONSELHO "

(Ecl. 32, 24).

Essa a sua regra. Quando lhe davam parecer justo e reto, rendia-se imediatamente, sem levar em conta a condição de quem lho dava.

AMÁVEL SIMPLICIDADE

Fiel guardião das máximas do divino Mestre, aliava a prudência à simplicidade e à candura, aliança proposta por N. Senhor sob o símbolo da serpente e da pomba. Nada mais encantador do que vê-lo agir. A simplicidade cristã era a alma de sua política e a força motriz da alta sabedoria com que desvendava os ardis dos perseguidores.

" À força de tratar tantos que fazeres, dizia com tristeza, vim a perder a bela simplicidade que trouxera do seio de minha mãe " .

Desejava que os religiosos fossem também alheios a toda simulação.

" Sou lombardo, repetia, o que tenho no coração, tenho-o nos lábios " .

Se, por resposta evasiva de algum de seus filhos, julgasse concluído um trabalho apenas começado. fosse qual fosse o motivo dessa simulação, admirava-se e se afligia. Queixava-se amargamente se a mentira se repetisse, descobrindo muitas vezes por luz superna a verdade que desejavam ocultar-lhe.

O pe. Antônio depôs nos processos de canonização que, certa manhã, comera às ocultas cinco figos, limpando em seguida os lábios para não ser descoberto. Julgava-se impune, tanto mais que no momento Paulo orava na igreja. Qual, porém, não foi o seu espanto ao ouvir o servo de Deus repreendê-lo:

" Como se atreveu a comer figos sem licença?... Bem, acrescentou, dentro de alguns dias adoecerá em castigo dessa desobediência " .

E assim sucedeu.

Em outra ocasião, caminhavam juntos, quando Paulo lhe dirigiu uma pergunta. Antônio respondeu-lhe com uma mentira. E o santo, com ar severo:

" Para que não mais torneis a mentir, digo-vos que estais a pensar em tal coisa, em tal lugar, etc. "

E, com toda clareza e minuciosas circunstâncias, revelou-lhe os pensamentos, com espanto do irmão.

Não julgava mal de ninguém, estando convencido que todos eram melhores do que ele. A todos tratava com profundo respeito e o manifestava com expressões sinceras.

CONFIANÇA EM DEUS

Outro efeito de sua simplicidade era viver continuamente abandonado nos braços da divina Providência, qual uma criança no regaço materno.

Reprovava o desassossego exagerado dos superiores no que diz respeito às necessidades do convento. Recomendava-lhes a confiança na Providência, que jamais abandona aos que se lhe lançam nos braços. Costumava repetir

..Quando éramos três, N. Senhor providenciava para três; quando

dez, para dez, e agora que somos muitos, providenciará para muitos. Basta que sejamos bons e observantes fiéis das santa: Regras e nada nos faltará, conforme o nosso estado de pobreza.

E a experiência tem confirmado essa profecia. Jamais faltou o necessário a seus filhos e, mesmo em épocas de escassez geral, -eles puderam socorrer os pobres.

Numa de tais circunstâncias escrevia o Servo de Deus:

" A geada destruiu os vinhedos, a colheita do trigo é bastante escassa. Teme-se a carestia, mas os celeiros e as adegas do Soberano Senhor não podem falir " .

Deus vinha sempre em seu auxílio, bastas vezes com milagres, para conservar viva nos filhos esta confiança.

Batendo os bosques do monte Argentário, alguns caçadores, obrigados pela fome, foram ter ao retiro da Apresentação. Paulo dá-lhes pão e vinho, restando apenas algumas favas para a ceia dos religiosos.

Pois bem, aquele legume, insuficiente para um, multiplicou-se a ponto de ter cada religioso a quantidade necessária. E não terminou aqui o prodígio. Ainda estavam à mesa, quando receberam melhores alimentos.

Os religiosos de outro convento, por uma terrível tempestade de neve, estavam sem pão e sem esperança de obtê-lo. Chegou a hora da refeição e o santo mandou tranqüilamente a seus filhos que fossem ao refeitório. Instantes depois, tocaram a sineta da portaria. Era um senhor desconhecido a entregar-lhes, sem dizer palavra, uma cesta cheia de branquíssimos pães. Não se podendo conter de alegria, o bom irmão levou imediatamente ao refeitório a inesperada esmola. Quando voltou para agradecer ao misterioso benfeitor, este desaparecera, sem deixar sequer as pegadas na neve!

Estes e semelhantes fatos, que tanto realçam a prudência e simplicidade do servo de Deus, emprestam outrossim a seu governo encanto indescritível.

Mais do que tudo, porém. contribuía para fazê-lo querido e respeitado a incomparável suavidade do seu jugo.

Severo para consigo. era todo indulgência para com os demais. Não ordenava, suplicava sempre.

JUSTIÇA PARA COM TODOS

A justiça era a alma de seu governo. Não permitia negar-se aos religiosos o que as regras concedessem.

Repreendeu severamente a um reitor que provera de água o jardim em detrimento da alimentação e vestuário dos religiosos.

O pe. Fulgêncio, por fervor indiscreto, fazia a comunidade levantar um quarto de hora antes.

Paulo o censurou publicamente, advertindo-o não subtraísse um minuto sequer do descanso concedido pelas Constituições.

" Quanto aos cargos, nota São Vicente Strambi, não

julgava fossem títulos de isenção e motivo de repouso.
Tinha por máxima que o superior deve sacrificar-se pela
Congregação e pela sua família religiosa " .

Nas eleições, tinha unicamente em vista os méritos e a capacidade dos súditos, dando sempre preferência à virtude. Propôs algumas vezes ao Capítulo a eleição de religiosos que ele sabia não aceitariam o encargo; fazia-o, porém, para homenagear a virtude.

INVICTA PACIÊNCIA

A par da justiça, resplandeceu em Paulo paciência inalterável. Jamais repreendia com voz alterada pela indignação ou cólera.

Dizia que

" o aviso dado com bondade cura qualquer chaga, ao passo
que, dado com aspereza, produz dez " .

Escreveu a um reitor demasiado severo:

" Não seja precipitado no corrigir, principalmente quando
sentir qualquer princípio de paixão; mas, passado algum
tempo. quando estiver calmo, chame o culpado e o corrija com
coração de pai e de mãe " .

E dava o exemplo. Que doçura e paciência nas correções!

Ao advertir a um irmão leigo, este alterou-se a ponto de proferir palavras inconvenientes. Paulo, calmo e humilde, abaixou a cabeça, abriu os braços e falou ao culpado:

" Tenha compaixão de mim, querido irmão; um pouco de
paciência... "

O irmão, arrependido, lançou-se chorando aos pés do pai amoroso.

CARIDADE PARA COM OS SÚDITOS

O que, porém, mais atraía os corações dos filhos era sua terníssima e extraordinária caridade. Ninguém a ele recorreu, que não fosse aliviado das penas, encorajado nas tristezas e esclarecido nas perplexidades.

Tinha bálsamo para todas as feridas, refrigério para todas as dores, pressentindo muitas vezes as necessidades das almas.

TERNURA PATERNAL PARA COM OS DOENTES

Para com os enfermos mais terna e afetuosa era sua caridade. Recomendava aos superiores os tratassem com verdadeiro amor materno. Não tolerava em tais casos economia, ordenando vendessem, se necessário, os mesmos vasos sagrado. Visitava-os várias vezes ao dia, servia-os com suas próprias

mãos, preparava-lhes e ministrava-lhes os remédios, consolando-os com incomparável afabilidade. Desejava vê-los santamente alegres e totalmente abandonados à divina Vontade.

Se o mal se agravava, não permitia os deixassem sós.

Quando, por sua vez, adoecia, penava mais pelos incômodos alheios do que pelos próprios males. Apenas tinha-se em pé, dirigia-se, por vezes apoiado em muletas ou levado pelos braços dos filhos, às celas dos enfermos. Não podendo levantar-se, enviava alguém para saber como estavam, se nada lhes faltava e se eram tratados com caridade.

" A pobreza é boa, exclamava amiúde, mas a caridade é melhor " .

E acrescentava:

" Para os enfermos faz-se mister uma mãe ou um santo " .

Paulo possuía coração de mãe, por ter a caridade do santo.

CARINHO PARA COM OS JOVENS

Afeto especial nutria para com os noviços e estudantes. Deviam ser cultivados como plantas delicadas. Proibia impôr-lhes jejum a pão e água e tratá-los com demasiado rigor, acrescentando:

" Da conservação das forças, particularmente na juventude, depende uma observância mais pontual " .

Quando da tomada de hábito, não se continha ao contemplar aquela juventude que, do borrascoso mar do mundo, aportava nas plagas seguras da observância regular. Desde aquele momento far-lhes-ia saborear as doçuras de sua terna caridade.

Ao passarem à casa de estudos, seguia-os com o coração.

Em suma, nada omitia do que pudesse fazê-los progredir assim nas letras como no amor a Jesus Crucificado.

Alguns escolásticos, de partida para outro retiro, onde iriam dar princípio ao curso filosófico, foram pedir-lhe a bênção.

Presenteando-os com uma imagem da ss. Virgem, assim fala o carinhoso pai:

" Já não tendes pai nem mãe... ei-la, tomai-a por mãe... "

Fitando os filhos queridos, ajoelhados a seus pés, acrescentou, chorando:

" Prestai atenção, meus filhos. Resta-nos pouco tempo de vida: não nos veremos mais cá na terra. Quero, portanto, deixar-vos três lembranças, que deveis conservar na memória. Recomendo-vos, em primeiro lugar, a pureza de intenção, porque ela possui a secreta virtude de tudo transformar em ouro. Estudai unicamente para a glória de

Deus e bem das almas. "

" Em segundo lugar, edificai um santuário interior e aí entrai para tratar com o Soberano Bem, que habita dentro de nós, como no-lo ensina a fé. Nas horas de estudo, detende-vos de quando em quando, dizendo internamente, com espírito de fé: Ó PADECIMENTOS DE JESUS!... "

" Recomendo-vos, finalmente, a modéstia da vista, guarda angélica do recolhimento... "

Ao pronunciar estas palavras, derramou novas lágrimas e os abençoou carinhosamente.

FIRMEZA INABALÁVEL

O governo do nosso santo, com ser suave, não deixava de ser forte.

Observava, com vista perspicaz, a conduta dos religiosos.

Aos incorrigíveis, após os meios brandos, empregava atitudes enérgicas, fazendo-os tremer. Se alguém resolvesse abandonar o Instituto, deixava-o partir, dizendo

" Prefiro a observância a todos os indivíduos do mundo. Deus não precisa de ninguém; poucos e bons! " .

Corrigia as mais leves faltas, porque desejava que todos fossem perfeitos. Falar em voz alta, rir estrepitosamente, proferir palavras ociosas, mostrar-se demasiado alegre ou delicado, eram defeitos que não passavam sem correção.

Cantando o divino Ofício no coro, um clérigo cometeu um erro. Voltou-se o santo para ele, repetindo a sentença:

" MALEDICTUS HOMO QUI FACIT OPUS
DEI FRAUDULENTER "

(Jerem. 48, 10). Essas palavras foram pronunciadas com tal inflexão de voz, que a todos fêz tremer, servindo de lição para o futuro.

Se alguém não inclinava a cabeça ao GLORIA PATRI ou ao nome ss. de Jesus, repreendia-o severamente.

Não hesitou em mudar de retiro a um irmão leigo que faltara à santa caridade.

Um religioso se mostrara demasiado familiar e alegre em presença de algumas piedosas benfeitoras, em visita ao retiro do Santo Anjo. Advertiu-o asperamente, exigindo-lhe para o futuro mais modéstia e gravidade religiosa, como convém aos filhos da Paixão. Alguma vez exclamou:

" Não conheceis a força que Deus colocou neste peito?
Não é bom superior quem não sabe dizer não " .

Julgava-se réu de grande pecado se, para não perder a estima dos

súditos, deixasse de corrigir-lhes os defeitos. Soía repetir:

“ Não quero condenar-me por pecados alheios. Jesus imputou a Pilatos sua morte, porque este se mostrara fraco perante os doutores da lei e Heli foi castigado por não opor-se com energia às indignas arbitrariedades dos dois filhos ” .

Ao comentar a incúria de certos superiores que, ou por fraqueza de carácter ou por falsa caridade, deixam de repreender os súditos delinquentes, suspirava

“ Oh! quantos superiores estão no inferno por pecados de omissão! ”

Só nomeava superiores serios e de ánimo varonil, que se não deixavam levar por considerações humanas de timidez ou de outras quaisquer paixões.

Era seu lema:

“ Não é bom superior o que não sabe dizer, quando necessário: NÃO SE PODE ” .

Não se deve aqui concluir que Paulo fosse inflexível. Pelo contrário, era compassivo por natureza. Se os religiosos se humilhavam e se arrependiam, era como se os visse refugiar-se em santuário inviolável. E passava do rigor á brandura.

Alguns dos nossos estudantes, narra são Vicente Strambi, não sei por que falta, prostraram-se-lhe aos pes, pedindo perdão.

O santo, sereno e alegre, disse-lhes, a sorrir:

“ Oh! repreenda-os agora quem fôr capaz!... Que querem que eu faça? Levantem-se, pois venceram ” .

E pós-se a conversar com eles alegremente, como pai amorosíssimo.

Era isento daqueles caprichos que depravam e exasperam o carácter.

Com admirável discernimento, regulava-se na correção pelo grau de virtude do culpado, a exemplo do Salvador

“ que não quebrou a frágil cana, nem apagou a mecha ainda fumegante ”

Is. 42. 3

Ciente de que o homem deve ser dirigido com delicadeza e respeito para mais facilmente triunfar, no coração de Paulo a compaixão e a ternura quase sempre substituíam a repreensão e o castigo.

Porém, onde mais lhe resplandecen o zelo, foi quando se tratava de gravar no coração dos religiosos as três virtudes fundamentais do Instituto: POBREZA, ORAÇÃO E SOLIDÃO.

“ POBREZA! E' O GLORIOSO
ESTANDARTE SOB QUE MILITA A
CONGREGAÇÃO ” ;

é

" A MURALHA INEXPUGNÁVEL DO
INSTITUTO " .

" Recomendo-vos, dizia aos religiosos, a santa pobreza. Se fordes pobres, sereis santos. Se, porém, andardes em procura dos bens deste mundo, perdereis o espírito religioso e desaparecerá dentre vós a observância regular. Os filhos da Paixão de Jesus Cristo devem viver despojados de todos os bens terrenos. Nossa Congregação deve ser pobre de espírito e completamente desnuda, Somente assim conservará perene vigor " .

Era zelosíssimo na prática desta celestial virtude. Exigia que pobre fosse o vestuário dos religiosos, pobre a alimentação, pobres as celas, pobres os edifícios.

Como da santa pobreza nasce a vida perfeitamente comum, tinha esta em grande estima

" Oh! que felicidade a vida comum! que grande tesouro encerra! " .

E suas obras se conformavam ao seu parecer. Nunca possuiu coisa alguma como própria e exigia que entre os filhos tudo fosse comum.

Era a pobreza personificada. Entremos em sua cela: pequena mesa de madeira ordinária, duas ou três cadeiras de palha, uma enxerga sobre algumas táboas, uma coberta de lã. um Crucifixo, uma pia de barro para água benta, alguns quadros ordinários... essas as preciosas mobílias de Paulo da Cruz! Esmerava-se por ser o mais pobre entre os pobres.

Não era menor seu amor à oração.

" Se formos homens de oração, sentenciava, Deus servir-se-á de nós, embora miseráveis, para os mais brilhantes triunfos de sua glória. Sem a oração, nada faremos de bom " .

Estimava deveras os religiosos que se entregavam de fato à oração, e com eles se aconselhava.

Para que o espírito de oração lançasse profundas raízes na alma de seus filhos, exortava-os ao recolhimento com a lembrança da presença de Deus:

" Este exercício faz com que a oração seja contínua " .

E prosseguia:

" Pessoas há que têm grande devoção em visitar lugares santos e as igrejas mais célebres. Estou longe de criticá-las; digo, contudo, que o nosso interior é grande santuário, por ser o templo vivo de Deus. Nêle reside a ss. Trindade. Permanecer nesse templo é devoção verdadeiramente sublime " .

Com tais expressões inflamava os corações dos filhos no desejo de tratarem familiarmente com Deus, comunicando-lhes o verdadeiro espírito de oração.

A esta solidão interior colocava uma centinela: a solidão exterior, sem a qual é impossível a primeira.

Chamou de retiros aos nossos conventos, para infundir-nos o amor á solidão. Edificou-os, sempre que possível, longe dos povoados, para que, após as fadigas do apostolado, encontrassem

“ religiosos, no ar puro e na calma do silêncio, o duplo refrigério do espírito e do corpo. ”

Quando os religiosos deixavam o retiro, esperava-os ansiosamente, contando as horas da ausência. Ao regressarem, não lhes permitia referirem acontecimentos profanos.

“ Isto seria trazer o mundo para o convento ” .

Como na Congregação o espírito de solidão devia estar unido ao zelo das almas, também ao apostolado tinha imenso amor e extremava-se por infundi-lo no coração dos filhos. Repetia:

“ Levando-se em consideração o bem das almas, vale mais um missionário do que um convento. Prefiro perder um convento que um missionário ” .

Alegrara-se sobremaneira quando os religiosos partiam para as missões. Abraçava-os ternamente e, chorando, dizia-lhes:

“ Oh!! se tivesse trinta anos a menos, percorreria de boa vontade o mundo todo a pregar a divina misericórdia!... ”

Ao regressarem, extenuados, venerava-os como vítimas da caridade, assinalados com os gloriosos estigmas do sacrifício. Desabafava o coração em santos afetos. Apertava-os ao peito, osculava-lhes a fronte, fazia-lhes mil caricias. Deviam ser tratados com a máxima caridade. Éle mesmo, admirável ancião, os servia á mesa, ensinando a todos o preço do missionário apostólico.

Folgava em ver entre os filhos o verdadeiro amor fraterno.

A vida religiosa era para ele escola de respeito e caridade. Exigia dos sacerdotes suma condescendência para com os irmãos leigos, e destes o maior respeito pelos sacerdotes, em consideração do divino caráter que os revestia. Todos deveriam dar-se a cada um e cada um a todos.

Com o imolar-se perenemente em prol dos filhos queridos, matava o egoísmo, peste e ruína das comunidades religiosas, e doutrinava o desprendimento, vida dos conventos. Quem não sabe dar-se, não sabe ser pai.

Para traçar-lhe numa pincelada o governo, diremos: nos limites das santas Regras, doçura ilimitada: transpostos esses limites, firmeza inquebrantável. E nisto consiste a salvação das Ordens e Congregações religiosas. e o preservativo do relaxamento,

Eis o governo de São Paulo da Cruz. Governo de prudência e simplicidade, de doçura sem fraqueza. de força sem aspereza, que obrigava os religiosos a viverem no fervor e na fiel observância, fazendo o pai venerável derramar lágrimas de inefável consolação.

Fala bem alto o fato seguinte:

Aos religiosos de Santo Eutízio (Soriano), faltava-lhes o necessário para fazerem o pão em casa. Piedoso benfeitor comprometeu a fazê-lo, devendo os religiosos ir buscá-lo. A família do bom homem edificava-se desse mister. Ao apresentar-se à porta da casa, modesto e recolhido, o irmão encarregado apenas pronunciava a palavra: PÃO. Assim procedia, não por escassez de inteligência ou educação, mas para evitar palavras inúteis e não faltar ao santo silêncio, prescrito pelas Regras.

Semelhante delicadeza de consciência é prova patente das heróicas virtudes dos primeiros Passionistas.

O santo Fundador afirmava, jubiloso, que mais de SESSENTA, isto é, todos os que até então haviam falecido com o santa hábito, gozavam no paraíso os esplendores da glória eterna.

CAPÍTULO XXIV

1748 - 1749

Índice

FUNDAÇÃO EM CECCANO

FUNDAÇÃO EM TUSCÂNIA

OUTROS PEDIDOS DE FUNDAÇÃO

FURIOSA TEMPESTADE

CAPÍTULO XXIV

1748 - 1749

FUNDAÇÃO EM CECCANO

Fecundada por graças extraordinárias, a Congregação da Santa Cruz produzia frutos de eminentes virtudes, expandindo por toda parte o bom odor de Jesus Cristo.

Ceccano, florescente cidade dos Agros Romanos, anelou possuir um retiro de Passionistas. Ofereciam um convento a pequena distância da cidade, antiga residência dos Beneditinos. Contíguo ao mosteiro havia humilde igreja sob a invocação de Santa Maria de Corniano, cuja imagem, conforme piedosa lenda, fora encontrada milagrosamente.

Ceccano em peso ansiava por acolher quanto antes os novos apóstolos.

D. Bórgia bispo de Ferentino, grande admirador de Paulo e de seus filhos, secundava os desejos de Ceccano, auxiliando a restauração do mosteiro e da igreja. O piedoso prelado escreveu ao santo Fundador, rogando-lhe com vivíssimas instâncias aceitasse a oferta.

Paulo enviou a Ceccano o pe. Tomás Maria para tratar da fundação.

Este julgou o lugar conforme o espírito do Instituto: POBRE e SOLITÁRIO. O santo decidiu satisfazer a aspiração daquele povo verdadeiramente piedoso.

Celebradas as festas de Natal em Santo Anjo, dirigiu-se com sete religiosos a santo Eutízio, donde tomou mais alguns para formar a comunidade de Ceccano. Era em princípios de 1748, estação calma.

Para animá-los a suportar as fadigas e os incômodos da longa jornada, pôs-se a discorrer com tanto ardor sobre a Paixão de N. Senhor, que os religiosos, enternecidos até as lágrimas, acompanharam-no com o entusiasmo do soldado que segue destemido capitão.

A única provisão que levaram era a ilimitada confiança na divina Providência. Viajaram muitos dias por caminhos desconhecidos, superando incríveis trabalhos, mas sempre contentes.

O povo todo os esperava, fora da cidade, com manifestações de júbilo. Para realçar a solenidade, viera de Ferentino o sr. bispo, que os abraçou afetuosamente, chorando de comoção.

Receberam condigna hospitalidade em casa do sr. Angeletti.

No dia seguinte, festa do Nome de Jesus (14 de janeiro de 1748), com as cerimônias de praxe tomaram posse do retiro.

Deus N. Senhor manifestou por um prodígio quão grata lhe era a fundação.

Terminada a cerimônia, muitos ficaram por lá, dando expansão ao júbilo que lhes ia na alma. Depositaram na relva suas provisões e começaram a comer alegremente. Mas logo faltou a vinho e, compreende-se, diminuiu o entusiasmo.

Paulo, informado, veio ter com eles. Vendo um corote atirado a um lado, perguntou-lhes por que não bebiam. A resposta unânime foi que estava vazio e lho demonstraram virando-o com a abertura para baixo. Paulo insistiu que bebessem do corote. Um dos presentes, mais dócil que os demais, obedeceu, e o vinho saía abundante, como se a vasilha estivera cheia. Depois do primeiro, tomaram os outros e bastou para todos. Atônitos, olhavam para o santo cheios de estupor e de veneração.

Este fato tem grande importância: é o próprio Deus que apresenta a essas almas o poder dum apóstolo, com o dom dos milagres.

Dias após, o nosso santo já lançava seus soldados aos combates do Senhor. Enquanto o pe. Tomás, em companhia de outros sacerdotes, missionava os arredores, Paulo iniciava a missão de Ceccano. Ao terceiro dia, porém, adoeceu. O povo temeu perde-lo apenas o conhecera.

A família Angeletti prodigalizou-lhe cuidados afetuosíssimos.

Paulo, que amava a pobreza mais do que a própria vida e que, mesmo nas enfermidades, só desejava as ignomínias da Cruz, apressou-se, embora convaléscente, em voltar para junto dos filhos.

Chegado ao retiro, recaía.

Sempre apóstolo, de seu leito de dor informava-se da missão de Ceccano, folgando imensamente em saber que as almas acorriam aos pés dos confessores.

O pe. João Batista, por revelação do Céu, soube em Santo Anjo da enfermidade do irmão, recomendando-o às orações da comunidade.

N. Senhor deferiu-lhe as súplicas e o santo restabeleceu-se.

Apenas pôde viajar, empreendeu o caminho de Roma, a fim de solicitar do Soberano Pontífice o título de MESA COMUM para vários clérigos, prestes a ordenar-se. Ao ver-se na presença do Papa, a fé e o reconhecimento comoveram-lhe profundamente a alma e doces lágrimas desluzaram-lhe pelas faces.

O Vigário de Jesus Cristo, para animá-lo, felicitou-o pelo seu zelo apostólico e pela nova fundação. Concedeu-lhe o favor solicitado, acrescentando com inefável bondade que, para evitar as fadigas de tão longa viagem, podia recorrer a ele por intermediário. Paulo, que via no Santo Padre a pessoa adorável de Jesus Cristo, considerou a mercê como concedida pelo mesmo Salvador.

Ao regressar ao Santo Anjo, referiu aos filhos o feliz êxito da fundação e passou ao monte Argentário, onde permaneceu poucos dias, pois outra fundação o chamava.

FUNDAÇÃO EM TUSCÂNIA

Em 1743, após frutuossíssima missão em Toscanella, hoje Tuscânia, cidade da Etrúria, todos, autoridades e povo, desejaram possuir os novos apóstolos de Jesus Crucificado. Ias, como toda obra de Deus, essa fundação deveria sofrer contradições. Somente em 1747, Bento XIV, estando em Civitavecchia em visita a alguns monumentos que mandara erigir, removeu todos os obstáculos. No ano seguinte, d. Abatti. bispo de Toscanella, teve a ventura de receber os Passionistas.

O venerável Fundador deixou o monte Argentário em companhia de vários religiosos e se encaminhou para Toscanella. A viagem foi semelhante às demais. Pernoitaram em Montalto. Dolorosa foi a jornada do dia seguinte.

Ao chegarem às vizinhanças de Toscanella, caiu Paulo desfalecido. Ao tornar a si, arrastou-se penosamente até a cidade, onde o esperavam amarguras e desengano: Nada fora preparado. O lugar prometido era humilde santuário, chamado de Nossa Senhora do Cerro, em meio de um bosque. A pequena distância elevava-se pobre ermida quase em ruínas. Descuidaram-se de restaurá-la e de provê-la do necessário.

Paulo exigia a pobreza, mas que não prejudicasse a saúde dos filhos. Fora expô-los à morte deixá-los naquele lugar úmido e malsão. Resolveu, pois, levá-los de volta ao Santo Anjo, a isto se opondo o snr. bispo, que os alojou provisoriamente numa casa da cidade. No entanto, convocou os maiores, expondo-lhes a urgente necessidade de restaurar-se a ermida e a igreja de Nossa Senhora do Cerro.

Abriu a subscrição com quinhentos escudos, em honra, dizia ele, das cinco chagas de Nosso Senhor. O exemplo foi contagiante e no espaço de um mês tudo estava convenientemente preparado.

No dia 27 de março, com grande afluência de fiéis, tendo à frente o venerável Pastor, tomaram posse daquela ermida, elevando, desde então, para os Céus, o perene concerto dos divinos louvores.

Indescritíveis as amarguras curtidas por Paulo nessa fundação. Ouçamo-lo em carta ao pe. Fulgêncio de Jesus, com a habitual simplicidade:

" Sem falar dos sofrimentos físicos, assaltaram-me na viagem terríveis tormentos morais. Nada digo sobre as contradições. Ontem tomamos posse do retiro e fizemo-lo com a máxima solenidade. Jamais, porém, fundamos retiro mais pobre. Quanto a mim, nunca experimentara penas interiores tão horríveis. Outras dificuldades me oprimem... Basta. Deus o sabe. Tenho muita esperança. Os religiosos estão satisfeitos. Espero outrossim grande bem para o próximo " .

As provações ainda não haviam terminado. Deus, por secreta disposição de sua Providência, deixou-os por algum tempo em extrema indigência. Durante vários dias alimentaram-se somente de legumes e um pouco de pão. Dia houve que faltou quase tudo. O santo animava-os, dizendo:

" Como hoje é dia de jejum, faremos ao meio-dia ligeira colação. Para a ceia Deus providenciará " .

À noite, com efeito, apresentou-se pessoa desconhecida com uma cesta de massas. O servo de Deus, sempre caridoso, especialmente com os jovens, mandou preparar uma boa sopa. Como não tivessem colheres nem garfos, fabricaram-nos de junco e de madeira.

O que os não abandonava eram a alegria e o fervor Paulo era quem se afligia, julgando ser a cansa dessas privações. Anunciando-lhes que precisava partir para o Santo Anjo, a alegria se converteu em tristeza, parecendo-lhes que, ao perderem-no de vista, perderiam a sua proteção. O amado pai permaneceu junto deles com o coração e o espírito, alcançando-lhes de Deus o que, quando presente, lhes faltava.

Piedosa virgem de Pianzano, por nome Lúcia, grande serva de Deus, dirigida por Paulo nos caminhos do espírito, guiada por irresistível impulso interior, foi ter na manhã seguinte ao retiro cie Nossa Senhora do Cerro. Informada da necessidade dos pobres religiosos, converteu-se em mendicante a favor deles. Aliás, antes de voltar ao Santo Anjo, Paulo lhe dissera que haveria de prover do necessário a seus filhos. A pobre operária, tida por todos como alma verdadeiramente santa, recebeu toda espécie de víveres, levando-os no dia seguinte, em dois cavalo, à ermida.

A partir de então nada mais faltou aos religioso., pois Toscanella em peso os auxiliava.

OUTROS PEDIDOS DE FUNDAÇÃO

Com o dilatar-se do Instituto, cresciam os labores apostólicos dos Passionistas. Onde quer que possuíssem residência ou pregassem a divina palavra, reformavam-se os costumes, reconciliavam-se os inimigos, desapareciam os escândalo.. reanimavam-se os corações no amor a Jesus Crucificado.

Na província de Campagna o pe. Tomás Maria e outros sacerdotes pregaram grandes e frutuosas missões. Povos e bispos solicitavam fundações. O santo via nisto o agir da Providência, que se comprazia em dar maior lustre

e extensão ao humilde Instituto, nascido do coração alanceado de Jesus.

FURIOSA TEMPESTADE

Mas eis que se levanta contra a Congregação tão furiosa tempestade, que ameaça destruí-la por completo, lançando a alma de Paulo num oceano de amarguras. Satanás empregou esforço supremo para arruinar a obra de Deus, arrojando contra ela espumas de raiva. Deus assim o permitiu para glória do Instituto.,

Apresentaram ao Papa libelos difamatórios, imputando aos filhos da Paixão crimes horrendos. Diziam que a fé e mesmo a igreja corriam iminente perigo, não fossem logo exterminados os Passionistas.

E' doloroso saber que pessoas eminentes pela santidade caíram na cilada, abraçando em boa fé a causa da calúnia, julgando defender assim a Religião.

Bento XIV, porém, não deu crédito àqueles panfletos mentirosos. Conhecia e admirava os religiosos pintando com tão negras cores. Quando se lhe apresenta a ocasião. patenteava-lhes cordialíssimo afeto. Perito na arte de conhecer a verdadeira santidade e os refolhos do coração humano, como o demonstrou na admirável obra DE CANONIZATIONE SANCTORUM, desde o primeiro encontro que teve com Paulo da Cruz reputou-o santo extraordinário, recomendando-se a si mesmo e a Igreja às suas orações. Desejava vê-lo amiúde e tratá-lo familiarmente, chegam do a dizer-lhe em presença de outras pessoas:

" Pe. Paulo, sei que fazeis muitíssimo bem à Igreja "

E tão grande era a benevolência do sábio Pontífice para com o nosso santo, a ponto de fazê-lo sentar-se a seu lado e conversar com ele com a maior familiaridade. Concedia-lhe o que pedisse. Valeu-se o servo de Deus, certa vez, de um cardeal para obter um favor. O Papa ressentiu-se, queixando-se docemente:

" Padre Paulo, quando deseja alguma coisa, não se sirva de intermediário, dirija-se diretamente a Nós " .

O santo acenara apenas ao Santo Padre sobre a nomeação de um cardeal protetor da Congregação, como possuíam todos os Institutos. O benigno Pontífice respondeu imediatamente:

" Nós somos o Protetor da vossa Congregação " .

Desde então o Instituto da Santa Cruz sempre esteve sob a imediata proteção do Vigário de Jesus Cristo.

Todavia, para não faltar ao dever de Pastor vigilante, Bento XIV nomeou secreta comissão de cardeais para vigiar de perto o Fundador e seu Instituto e observar atentamente os costumes dos novos missionários, sua doutrina e ensinamentos.

A perseguição afligia imensamente o nosso santo, sem, contudo, roubar-lhe a confiança nAquele que, do alto dos Céus, toma a defesa do justo.

Pudera solicitar dos bispos, seus verdadeiros admiradores, atestado de inocência. Não o fez, todavia. Deus lhe era testemunha e isto lhe bastava.

Longe, pois, de o perturbarem, as perseguições excitavam-lhe mais e mais a caridade; a impetuosidade dos ventos contrários avivava a atividade das chamas que lhe devoravam o coração.

Tudo eram dádivas do divino amor. incomparáveis tesouros de méritos para os filhos bem amados. Discorrendo. no recreio, a respeito dessa tempestade, exclamou. certa vez. em transportes de júbilo:

" Sucede amiúde cair um raio e. ao ferir o cume desnudo da montanha, descobre rica mina de ouro. Vereis como o golpe do raio que nos fere irá descobrir-nos essa mina. Deus tirará imenso bem desta provação " .

Como Deus é admirável em suas obras! A tempestade irá lançar à luz meridiana virtudes que se ocultavam à sombra. Todo aquele aglomerado de falsas acusações, aquelas rigorosas pesquisas dos cardeais serviram tão somente para patentear o rico tesouro de santidade, a pureza sem mácula de doutrina e ensinamentos, beira como o zelo realmente apostólico dos novos campeões da fé!

Bento XIV, que dera a existência jurídica ao Instituto, ao vê-lo surgir mais glorioso da procela, regozijou-se no Senhor, prometendo auxiliá-lo ainda mais para o futuro.

A vitória não fora, porém, completa; outras borrascas sobreviriam.

Desmascarados, os perseguidores lançaram mão de outras armas...

Apelaram para as leis políticas proibitivas de novas fundações na província da Campagna. Miravam eles o retiro de Ceccano e outros, solicitados pelos bispos e já aceitos por Paulo.

O golpe fora armado magistralmente e ai da Congregação, se tivessem conseguido seu intento! Em se cortando os galhos de planta tão tenra, era para temer-se viesse a perecer.

O Servo de Deus. que a regara com lágrimas e a fecundara com tantas orações e ingentes fadiga: estava preocupado. Muito mais que Deus lhe retirara luzes e consolações. deixando-o em terrível abatimento moral.

Mesmo assim descansava nos braços amorosos do seu Deus!

Nada de processos. Aos snrs. bispos, que insistiam na defesa jurídica da Congregação, Paulo escrevia muitas cartas, rogando desistissem de qualquer demanda.

" Escrevi várias vezes, dizia, a fim de impedir esses processos. Protestei não desejar obter casas por esse caminho, mas pacificamente. Continuemos a orar muito...
" .

Jamais teve guarida em seu coração o rancor e o ressentimento contra os inimigos; muito ao contrário, sempre lhes teve especial afeto, desculpando a malícia dos atos com a boa intenção. Para evitar contendas com os adversários, deu ordem expressa aos religiosos de Ceccano de abandonarem o retiro apenas recebessem nova carta sua nesse sentido.

Informado secretamente da decisão tomada, o povo ficou profundamente magoado e decidiu impedir-lhe a execução. Certo dia em que a comunidade saiu a passeio, correu o boato de que os padres tinham abandonado o convento.]Reuniram-se logo uma multidão de homens, armados do primeiro instrumento que lhes veio à mão; correram ao encontro dos religiosos, decididos a fazê-los voltar. Compreende-se o sobressalto que estes tiveram. Ao saberem, porém, que a atitude e aparente hostilidade era prova de amizade, criaram ânimo. O difícil foi persuadir esses bons homens de que não havia perigo de fuga e que voltassem a suas casas. Tiveram os religiosos que renunciar ao passeio nesse dia e retornar ao convento, notificando o santo Fundador do ocorrido.

Paulo agradeceu N. Senhor por essa prova de verdadeiro afeto aos filhos de sua alma.

CAPÍTULO XXV

1749 - 1758

Índice

MAIS PROVAÇÕES E SOFRIMENTOS

VISITA DE PAULO A CECCANO

CARTAS AMIGAS

PREGA O JUBILEU

FUNDAÇÃO EM FALVATERRA

FUNDAÇÃO EM TERRACINA

FUNDAÇÃO EM PALIANO

FUNDAÇÃO EM MONTECAVO

VISITA AOS SEUS CONVENTOS

CAPÍTULO XXV

1749 - 1758

MAIS PROVAÇÕES E SOFRIMENTOS

A fim de subtrair ao joguete de rancorosos inimigos a Congregação que

“ DEVERA TER SIDO A PRIMEIRA A
APARECER NA IGREJA DE DEUS ” ,

reuniu Bento XIV nova comissão de cardeais para o julgamento definitivo.

Mas foi tal a audácia e persistência dos desalmados que não temeram, nem sequer ante aquele supremo tribunal, enfrentar os bispos e concílios

diocesanos com freqüentes impugnações. Dois anos de enredos e intrigas!

Chegaram ao desprante de proibir o prosseguimento da construção do retiro de Ceccano.

Os pobres religiosos, obrigados a permanecer no antigo edifício, que os não defendia do frio, da umidade e das intempéries, adoeceram quase todos. O pe. Tomás Maria esteve às portas da morte. Paulo temeu perder o querido e fiel amigo, poderoso sustentáculo do Instituto.

E tudo ele atribuía a seus pecados...

Coisa realmente estranha, apenas explicável por disposição da Providência, pondo à prova os filhos do Calvário!

Neste convento, construído no Patrimônio de São Pedro, quanto tiveram que sofrer os nossos religiosos! Proibiram-lhes até esmolar o necessário alimento!

VISITA DE PAULO A CECCANO

O pai amoroso foi visitá-los e, ao vê-los tão angustiados pela extrema indigência, estimulou-os a confiarem em Deus, mas tanto os abatera o prolongado sofrer, que nem as palavras do santo conseguiam reanimá-los.

Recorreu então ao Senhor em sua aflição, pedindo, com lágrimas pão para seus filhos.

Ainda orava, quando se apresentou à portaria amável ancião com duas mulas carregadas de pão e azeite. O servo de Deus correu-lhe ao encontro e o saudou qual Anjo do Céu. Encarregou a um irmão leigo de cuidar do ancião e das mulas. Mas, ó maravilha! a ninguém se encontrou mais, nem sequer as pegadas na neve!

Prodígios semelhantes repetiram-se nos retiros de Santo Eutízio e Santo Anjo de Vetralla. Narremos este último.

Não havia um pedaço de pão para a ceia. O pe. Marco Aurélio avisou o santo Fundador e, gracejando, lhe disse:

" Padre, faça um milagre para dar o que comer à comunidade! " .

Replicou o servo de Deus:

" Compete a v. revcia. fazê-lo " .

Pôs-se, todavia, em oração. Momentos depois mandou a um irmão leigo sair pelos arredores do convento e observar se alguém passava com pães.

A poucos passos do retiro um homem, trajado de pastor, levava aos ombros uma cesta cheia de pães recém cozidos...

Expôs o irmão ao desconhecido a urgente necessidade dos religiosos. Sem dizer palavra, aquele senhor entregou-lhe todos os pães. O irmão, satisfeitíssimo, levou-os ao santo.

Estes e outros milagres operados por N. Senhor em favor de seu servo,

são provas patentes de amor àquelas almas generosas, que tudo deixaram para segui-lo pela encosta escarpada do Calvário.

CARTAS AMIGAS

Com o multiplicar-se das perseguições, terá o leitor mais de uma vez perguntado a si mesmo

- Que é feito dos cardeais Rezzonico e Crescenzi. amigos de peito do nosso santo?

O primeiro fora elevado à Sé de Pádua e o segundo, terminada a missão em Paris, fora nomeado arcebispo de Ferrara. Ambos, porém, não perdiam de vista o dileto amigo. Escreviam-lhe de freqüente, animando-o a levar de vencida os inimigo. do Instituto,

" Nada temais, diziam-lhe, tudo resultará em grande glória para Deus " .

Dias N. Senhor reservara a si proporcionar a mais doce consolação ao nervo fiel.

E' o dia da Invenção da unta Cruz. Paulo está em Roma, onde fora regularizar os negócios da Congregação, ainda em preito.

Andara a manhã toda. Esgotado, volta à casa dos snrs. Angeletti e retira-se a seu aposento. Unia hora depois, como não aparecesse, o companheiro aproxima-se de mansinho à porta do quarto. Silêncio profundo. Deve estar dormindo. Volta duas horas após, persuadido de que já despertara. Chama-o por diversas vezes e nada de resposta! Temendo algum grave acidente, abre a porta e... afigura-se-lhe entrar no paraíso! Que alegria inefável! O santo está aureolado de luz, como se fora o sol!

A vista do prodígio, exclama com simplicidade:

" Agora compreendo porque não respondia... Padre, tudo para v. revcia. e nada para mim? "

A estas palavras, cessa o êxtase. Paulo impõe-lhe silêncio:

" A ninguém diga o que viu " .

PREGA O JUBILEU

Deus e o Papa parece coligarem-se no aliviar as angústias do santo.

De fato, o soberano Pontífice vai testemunhar de público quanto estima o Instituto perseguido.

Aproxima-se o ano jubilar de 1750. Roma deve servir de exemplo aos fiéis de todo o mundo, que lá vão ter nesse ano de graças e de perdão.

O Santo Padre ordena grandes missões em 14 igrejas da cidade, confiando o honroso encargo ao. pregadores de maior renome, assim pela santidade de

vida como pelo zelo apostólico.

Paulo foi um dos escolhidos. Prova patente de que as calúnias só serviram para aumentar no coração do Pontífice o afeto aos filhos da Paixão.

O santo devia pregar no vasto e magnífico templo de São João dos Florentinos. Atemorizado por semelhante honra, não se julgava bastante eloquente para anunciar a divina palavra à metrópole do mundo católico em ocasião tão solene.

Confiou ao pe. Tomás Maria as práticas de máxima, constituindo-o superior da missão. O superior Geral da Congregação seria súdito do pe. Tomás!

Ao pe. Marco Aurélio entregou a parte catequética, reservando para si breves instruções sobre a Paixão de N. Senhor.

Mas Deus exalta os humildes. O pe. Tomás Maria caiu enfermo ao terceiro dia da missão, cabendo a Paulo substituí-lo e arcar com o peso desta batalha apostólica.

Assistiam diariamente os sermões cinco cardeais, que se comoviam até as lágrimas. O entusiasmo era geral. Roma, em peso queria ouvir a palavra do santo. Quantos frutos de salvação! Diziam por toda parte ser impossível ouvir ao pe. Paulo discorrer sobre a Paixão sem chorar e converter-se.

O gozo espiritual que o santo recebeu de N. Senhor nesse jubileu foi o prelúdio da completa vitória. No mesmo ano, os cardeais pronunciaram o veredicto definitivo em favor dos bispos e dos concílios diocesanos, defensores impertérritos dos direitos dos filhos da Paixão. Era o triunfo definitivo. Não mais irão perturbar os pacíficos religiosos em seus retiros; e três novos conventos, suspensos há dois anos, abrirão suas portas para receber os filhos de Paulo da Cruz.

FUNDAÇÃO EM FALVATERRA

A primeira casa a ser aberta foi a de Falvaterra, nos limites dos Estados Pontifícios com o reino de Nápoles, a milha e meia da cidade, cuja igreja era dedicada a São Sócio.

Graças assinaladas e freqüentes milagres atraíam diariamente para lá multidões de peregrinos. Após uma missão pregada em 1748 pelo pe. Tomás Maria, decidiu-se edificar ao lado do santuário um retiro para os apóstolos de Jesus Crucificado. D. Lourenço Tartagni secundou as aspirações do rebanho, auxiliando generosamente a construção.

Na quaresma de 1751. Paulo com doze religiosos tomavam posse do santuário. Isto se deu a 2 de abril, festa das Dores de Nossa Senhora. Seus santos, exemplos e sua palavra apostólica produziram imenso bem não somente nos habitantes da localidade, mas em todos os peregrinos que lá iam ter para venerar as relíquias do glorioso mártir.

FUNDAÇÃO EM TERRACINA

A segunda fundação foi perto de Terracina, também nos Estados

Pontifícios e nos limites do reino de Nápoles.

O bispo dessa cidade, d. Uldi, carmelita, ao saber que o pe. Tomás Maria, seu velho e grande amigo, era o reitor do retiro de Ceccano, enviou-lhe grande provisão de legumes, acompanhada de gentil missiva.

Suplicava o prelado ao religioso aceitasse a humilde oferta como pobre auxílio à recente fundação.

O pe. Tomás estava em missão ao chegar o portador. Paulo, que se encontrava de cama, pensou em mandar escrever, agradecendo ao snr. bispo, mas uma voz lhe segredou:

“ Levanta-te e escreve tu mesmo, solicitando a fundação de um retiro em sua diocese ” .

Estas palavras foram-lhe um raio de luz. Lembrou-se de uma revelação que tivera vinte anos antes. Em viagem para Gaeta com João Batista, ao divisar do navio a montanha que domina Terracina, rasgou-se-lhe o véu do porvir e contemplou naquelas alturas um retiro da Congregação.

Já não podia duvidar da vontade de Deus. Levantou-se e escreveu a d. Uldi. Depois de agradecer ao bondoso antístite, acrescentou que, conforme seu parecer, seria de glória para Deus e bem das almas fundar-se naquela montanha, com licença e bênção de sua excia., uma casa do novo Instituto.

Eis a resposta de d. Uldi:

“ O lugar de que me falais é adequado ao vosso desígnio e oferece inúmeras vantagens. Há espaço para lindo jardim e abundante material de construção. Para que possais dar início quanto antes à obra, dar-vos-ei, em louvor das cinco Chagas do Salvador, quinhentos escudos ” .

Apelou para a generosidade dos fiéis e, em breve, uma casa de oração se erguia naquelas alturas. Lá havia antigamente um palácio do imperador Sérgio Galba. Podem-se ver ainda as ruínas, que testemunham a magnificência desse edifício. O convento foi levantado sobre as antigas muralhas do palácio. Os subterrâneos, estão intactos.

“ Assim, nota são Vicente Strambi, quis Deus que no mesmo lugar onde se erguia outrora o palácio de um imperador se construísse em sua honra uma igreja com um convento de religiosos que dia e noite louvassem a bondade divina ” .

Sobrevieram, então, as perseguições de que já falamos.

O santo bispo foi admirável na defesa do Instituto. Ordenou continuassem a construção. prodigalizando os donativos de sua munificência. Mas. no mês de novembro cie 1749, Deus o chamava para a recompensa dos justos, reservando a glória de completar a santa obra a seu sucessor, d. Palombela, que unia à piedade do pontífice o zelo do apóstolo.

Digno filho dos Servos de Maria, dedicou o convento a Nossa Senhora das Dores. O ingresso solene de Paulo com onze filhos seus deu-se no dia 6 de fevereiro, domingo da Sexagésima.

Percorreram a pé a longa jornada de Santo Anjo a Terracina e, dias após, deu início a um retiro espiritual àquelas almas simples e fervorosas.

A memória do santo missionário perdurou indelével naquele bom povo, que sempre se mostrou generoso para com os Passionistas.

FUNDAÇÃO EM PALIANO

Paulo aceitara outra fundação a três milhas de Paliano, mas, sobrevindo diversos obstáculos, só pôde levá-la a efeito no dia 23 de novembro de 1755. Como sempre, uma missão lá pregada pelo grande apóstolo excitou os habitantes da localidade a solicitarem um retiro dos religiosos de Jesus Crucificado. Sua eminência, o cardeal Gentili, bispo de Palestrina e grande admirador do santo, ofereceu-lhe antigo santuário. situado em pinturesca e graciosa colina, por nome SANTA MARIA DE PUGLIANO. O. Venera-se ali vetusta imagem da Mãe de Deus, a que piedosa lenda atribui origem milagrosa. Amainada a tempestade, Paulo para lá enviou o pe. Tomás Maria, então Provincial, com onze religiosos, cujas virtudes aumentaram os atrativos daquela colina, protegida pela augusta Rainha do Céu. Foi a 23 de novembro de 1755.

FUNDAÇÃO EM MONTECAVO

A árvore sagrada da Congregação continua a estender seus ramos.

Nas altura: de Montecavo. outrora Monte Albano, erigira o paganismo célebre templo a Júpiter Lácio, objeto de cega veneração.

Os romanos e os povos do Lácio lá celebravam as famosas férias latinas, rendendo à impudica divindade o culto de vítimas humanas e de crimes inomináveis.

Ao desmoronar-se o templo, com a gentilidade, o cristianismo triunfante ergueu abre suas ruínas bela igreja em louvor da Trindade. Por muitos anos, os sacerdotes de Jesus Cristo dali alavam para o Céu o perfume divino da Vítima purificadora de todas as manchas. Todavia, fora abandonada aquela solidão; as freqüentes tempestades que varrem a montanha com impetuosa violência arruinaram a igreja e a casa. Graças à generosidade da ilustre família Colonna, tudo se restaurou e. no domingo de Iramos, 19 de março de 1758, doze filhos de Paulo da Cruz ali chegavam para reatar a misteriosa cadeia de orações e sacrifícios. cantando em uníssono com os Anjos as imortais vitórias da Cruz.

Paulo, não podendo assistir pessoalmente a tomada de posse, fê-lo em espírito. Os religiosos curtiram por algum tempo extrema pobreza. O terno pai os encorajava por cartas:

" Vossos sofrimentos são ricos presentes da divina Majestade, que se compraz estejais profunda e fortemente engastados no áureo anel de caridade. Deseja que sejais vitimas, holocaustos oferecidos à glória do Altíssimo no sagrado crisol do sofrimento. Quer que, pelo sacrifício, espalheis sempre o suave odor das virtudes... Oh! eu espero que estas fundações, à face de Roma, sejam de muita glória para Deus e de grande vantagem para a Congregação. "

VISITA AOS SEUS CONVENTOS

Se difícil é o fundar, não o é menos o conservar e aperfeiçoar. O Santo era todo solícitude para os novos retiros. Qual prestimoso jardineiro, observava as tenras plantas que formara a custo de suores, para não perder de vista o germe, a flor e o fruto.

Visitava-os freqüentemente e, mesmo quando idoso e achacado pelas austeridades e santos labores do apostolado, viajava sempre a pé, suportando incríveis fadigas e privações de toda espécie, suavizadas muitas vezes, é verdade, por transfigurações de luz e êxtase, sempre proporcionadas à generosidade do sacrifício.

Para não interromper a seqüência da história, referi-las-emos em capítulo especial.

Que efeitos produziam essas visitas! Com que ternura ouvia as confidências dos religiosos, as angústias de suas privações, o heroísmo de seus combates, os segredos de suas vitórias!

Que delicadeza em afastar da família religiosa a mais tênue nuvem, que pudesse macular as almas dos filhos; queridos! Que de consolação não prova, ao ver os religiosos no gozo da santa pobreza, na simplicidade evangélica, nas puras alegrias do fervor! Quem poderá descrever a suavidade e o poder de suas palavras?

Como apóstolo, animava-os às conquistas espirituais; como serafim, abrasava-os no amor ao divino Crucificado, único objeto de suas aspirações, norte de seu agir, júbilo e vida de seu coração.

CAPÍTULO XXVI

1758 - 1761

Índice

MORTE DE BENTO XIV

CLEMENTE XIII

A IGREJA DE ISCHIA

CONSTRUÇÃO DO NOVICIADO NO
ARGENTÁRIO

PEDIDO DA PROPAGANDA FIDE

PAULO E A INGLATERRA

CAPÍTULO XXVI

1758 - 1761

MORTE DE BENTO XIV

Grande desgraça afligira a cristandade. A Igreja Católica estava de luto pela morte de Bento XIV, ocorrida aos 3 de maio de 1758, festa da Invenção da Santa Cruz.

Acabava a Santa Sé de perder um dos mais ilustres Pontífices e a Fé Católica um de seus mais resplandecentes luzeiros.

Perda dolorosa para o coração de Paulo, que chorava a Igreja, viúva de tão bondoso Pastor, e a Congregação, órfã de pai tão amoroso.

Apresentavam-se-lhe à memória os, benefícios recebidos do digno Vigário de Jesus Cristo.

Todas as casas do Instituto, com exceção da primeira, foram construídas sob sua soberana proteção. A jovem milícia de Cristo triunfara de tantas lutas pela defesa de seu poderoso braço, e o Fundador fora sempre recebido por Sua Santidade com paternal carinho. Jantais o despedira sem obsequiá-lo com alguns favor. Já é do conhecimento do leitor o afeto singular de Bento XIV para com o nosso santo, chamado por ele o Apóstolo dos tempos modernos, e para com a Congregação por ele fundada. Esse afeto e veneração cresceu tanto com o correr dos tempos, a ponto de o magnânimo Pontífice trazer sempre consigo parte de uma carta escrita por Paulo, como se fora preciosíssima relíquia. Pouco antes de falecer, disse a alguns dos nossos, que foram visitá-lo:

“ Estou para morrer; todavia ajudar-vos-ei ainda no que puder ” .

Na verdade, se o reconhecimento é a virtude das almas nobres, é sobretudo a virtude dos santos.

Não há, pois, que estranhar a dor profunda do servo de Deus, sempre sensível ao menor sinal de interesse por seus filhos.

Portanto, o pai e os filhos dirigiram ao Céu fervorosas preces pelo descanso daquela grande alma, apesar de viva confiança de que já gozasse da presença do Senhor; confiança baseada nas gloriosas e santas obras praticadas em vida e na serenidade com que aceitou a morte, ocorrida no dia do triunfo da Santa Cruz.

A aflição e as lágrimas de Paulo tinham origem no vivo e nobre sentimento de gratidão, pois já soubera. por luz superior, que o futuro Pontífice seria intrépido e generoso defensor da Igreja e magnânimo protetor do seu Instituto.

CLEMENTE XIII

Discorrendo os religiosos sobre a eleição do futuro Vigário de Jesus Cristo. perguntaram familiarmente ao santo quem seria o sucessor do Pontífice falecido. Como guardasse silêncio, cada qual indicou o seu candidato.

Então Paulo, inspirado por Deus, interrompeu-os, dizendo

“ E que diríeis se o novo Papa fosse o cardeal

Rezzonico? "

Exclamaram todos:

" E' impossível. Rezzonico é veneziano e tão terrível é a guerra entre a corte de Roma e a república de Veneza, que certamente o sagrado Colégio não irá escolher um cardeal dessa cidade " .

Parecia convincente a razão. Houve um momento de silêncio. Esperavam que o santo confessasse o equívoco. Ele permanecia calado, em atitude sumamente grave. Sabiam, por experiência, o significado de semelhante conduta. Quando, por inadvertência, manifestava alguma mercê do Céu, procurava imediatamente ocultá-la com o véu do silêncio. Desconfiaram, pois, houvesse Paulo feito uma profecia.

Aos seis de julho, com surpresa geral, Rezzonico era nomeado Papa.

Todas as dificuldades à eleição foram vencidas pelo conceito de santidade que gozava, especialmente em Pádua.

Exultou o santo de alegria.

Ao ver, em dias tão calamitosos, impávido piloto guiar a barca de Pedro, ordenou aos religiosos rendessem fervorosas ações de graças a Deus N. Senhor.

O íntimo amigo do servo de Deus era, pois, o sucessor de são Pedro!

Sua bondade e amor ao Instituto, suas cartas a Paulo, gentis e afetuosas; a hospitalidade dada aos dois irmãos e o interesse tomado junto de Bento XIV em prol da Congregação, tudo prenunciava que o Santo Padre iria cumulá-la de graças e benefícios.

" Folgo em saber, escrevia o santo aos 8 de junho de 1758 ao mestre de noviços, folgo em saber que o cardeal Rezzonico foi eleito Papa. O pe. João Batista e eu iremos a Roma beijar os pés de Sua Santidade e tratar dos votos solenes, bem como de uma residência na Cidade Eterna " .

Foram recebidos com a máxima afabilidade pelo santo Padre, que conversou com eles por largo tempo, recordando-lhes os doces colóquios que tiveram antes de sua elevação à Sé arquiiepiscopal de Pádua.

Sensibilizado pela bondade de Clemente XIII, falou-lhe o santo a respeito dos votos solenes e do desejo de ter uma casa em Roma. O bondoso Pontífice prometeu satisfazê-lo. Abençoou-os e os despediu, imensamente satisfeito pela visita.

De regresso à solidão do Santo Anjo, Paulo providenciou os documentos necessários para estabelecer os votos solenes no Instituto. O Papa lhe aconselhara os enviasse ao cardeal Crescenzi, então em Roma. Este apresentou a Clemente XIII a petição, que em fevereiro de 1760 foi confiada, como é de praxe, ao exame de uma comissão cardinalícia.

Paulo esperava a decisão com santa indiferença, tendo unicamente em vista a vontade de Deus. Para não faltar ao dever, embora idoso e achacado, empreendeu várias viagens a Roma e escreveu inúmeras cartas. Ouçamo-lo em uma delas:

" Espero que a exaltação do cardeal Rezzonico ao Trono Pontifício nos seja de grande vantagem, mas repouse a nossa confiança unicamente em Deus. Rezemos, portanto. Assim o faz a nossa pobre Congregação e outras almas piedosas, rogando a sua divina Majestade nos conceda os votos solenes... " .

Em data de 28 de agosto de 1760, escrevia

" Se conseguirmos esse desiderato, em tempos tão calamitosos, será verdadeiro milagre " .

Por vezes densas trevas o envolviam.

" Sinto, escrevia ao pe. João Maria, sinto intensa luta em meu interior; experimento dúvidas, temores e profunda repugnância de intrometer-me n o assunto; não sei o que é isso. Por favor, dê-me seu parecer " .

Para certificar-se da vontade de Deus, pedia orações e mandava celebrar o santo Sacrifício.

Clareou-se-lhe, afinal, a alma. Na última sessão cardinalícia, 23 de novembro de 1760, disse a um de seus religiosos:

" Nada se concluiu " .

Assim fora. Que motivos induziram os cardeais, homens prudentes e ponderados, a procederem dessa maneira? Paulo já o dissera com a expressão:

" em tempos tão calamitosos... " .

Por toda parte, em França, Portugal, Espanha, Áustria e mesmo na Itália, tramava-se a ruína das Ordens religiosas. A procéla levantada pelo hálito deletério dos inimigos de Deus e da humanidade, rugia e avançava sempre mais ameaçadora. A guerra de extermínio contra a venerável Companhia de Jesus, começada por Pombal, Ministro de Portugal, tristemente célebre pelo seu ódio maçônico e perseguições aos Jesuítas, avassalara o mundo: guerra satânica que, na Companhia, guerreava todas as Ordens e Congregações religiosas.

Visavam em primeiro lugar a mais forte, para, em derrubando os arcos principais, lançarem por terra o edifício, isto é, a Igreja, e em seguida mergulharem no sangue e no lodo os tronos e a sociedade toda.

Esses, sem dúvida, os pressentimentos dos cardeais comissários.

Em tais circunstâncias, seria quase um milagre o estabelecimento de nova Ordem religiosa. O santo Fundador adorou as disposições da Providência.

Clemente XIII, inspirado por Deus, respeitou, apesar do afeta a Paulo e a seu Instituto, a decisão dos cardeais, concedendo-lhe no entanto, espontaneamente, outros favores e privilégios.

Desejava ter notícias do dileto amigo, recomendava-se às suas orações e, faltando-lhe o tempo para escrever-lhe pessoalmente, fazia-o pelo cardeal João Batista Rezzonico, seu sobrinho. Escreveu-lhe uma vez de próprio punho.

Seria difícil dizer o que mais era de admirar, se a condescendência do Pontífice ou a humildade do religioso.

Paulo, já o dissemos, reconhecia na pessoa do Papa o mesmo Jesus Cristo. A distância entre o Vigário de Cristo e ele era, portanto, infinita. Não compreendia como o Chefe da Igreja pudesse abater-se tanto.

Ao receber a carta, não pôde reter as lágrimas. Antes de lê-la aos filhos, exortou-os a ouvi-la como se fora uma página das sagradas Escrituras. À hora da ceia, instado a tomar algum alimento, respondeu:

“ Não tenho fome, estou saciado de felicidade ” .

Eis nova prova de amor do augusto Pontífice ao nosso santo.

A IGREJA DE ISCHIA

A igreja de Ischia, povoado da diocese de Aquapendente, estava quase em ruínas e o povo não se resolvia a edificar novo templo. Inúteis foram os pedidos do vigário e até do bispo diocesano. Este apelou para o zelo de Paulo, enviando-o àquela localidade a fim de pregar uma missão e convencer o povo da necessidade de um templo digno da Majestade divina.

O apóstolo, após a prática de máxima, fêz breve mas calorosa exortação a respeito. Foi o suficiente. Terminou a cisão; a igreja seria edificada.

Com a partida do missionário, alçaram novamente a cabeça os opositores. Sabendo-o Paulo, com cartas vibrantes revigorava os ânimos para continuarem com entusiasmo a obra começada.

“ Coragem! dizia-lhes, imitai a Neemias que, com a trolha em uma das mãos e a espada na outra, reedificou Jerusalém de suas ruínas... ” .

E ao cônego Scarsella:

“ Imitai a santa Teresa, para quem os obstáculos só contribuíam a inflamar-lhe o ardor na construção dos mosteiros: as oposições eram-lhe presságio manifesto da glória que dariam a Deus as obras assim combatidas ” .

Encontrando-se o cônego em Roma no interesse da construção obstaculada, recebeu carta do santo. clamando como sempre pela cansa da igreja.

Apresentou-a ao cardeal Orsini. que a guardou para mostrá-la aos amigos. Foi, enfim. cair às mãos de Clemente XIII. Sua Santidade. comovi ido, pós termo à contenda, ordenando a construção alo templo e, para o adorno da casa de Deus, ofertou cem moedas de ouro.

O snr. bispo não cabia em si de contente.

“ Não tenho palavras nem expressões, escrevia a Paulo, para devidamente agradecer a v. revcia. pelo grande bem que fêz em Ischia, com a santa missão. Apaziguou aquele povo e conseguiu que se consumisse a igreja. Devo-lhe eterna gratidão... Sou ias, capaz de corresponder aos trabalhos de

v. revcia. em favor de meu rebanho. Deus o recompensará com superabundância. recomendo-me às suas fervorosas preces... "

CONSTRUÇÃO DO NOVICIADO NO ARGENTÁRIO

Outra obra chamava a atenção de Paulo. Desejava uma casa de noviciado em completa solidão. O retiro da Apresentação atraía muitos peregrinos, e os noviços, como plantas delicadas, deviam estar segregados da terra para lançar profundas raízes no Céu. Havia muito aspirava por um convento no cume da montanha. Seria um asilo de maior silêncio para a alma, de maior recolhimento para o coração, de maior liberdade para o espírito e de ar mais puro e saudável para o corpo.

Em 1753 obtivera do rei de Nápoles o terreno necessário.

Traçou com o bastão o plano e ordenou se começasse o edifício.

Não possuía um real; ilimitada, porém, era sua confiança em Deus. E N. Senhor veio em seu auxílio. Em 1761 estavam concluídos a igreja e o convento, de pequenas dimensões, é verdade, mas de linhas elegantes e severas a um tempo. Verdadeiro santuário. isolado do fragor do mundo, unicamente aberto às vozes do Céu.

Com o beneplácito do cardeal Colonna, abade comendatário, o santo para lá conduziu os noviços e os alojou na nova casa, consagrada a São José, esposo castíssimo da mais pura das Virgens e mestre da vida interior.

Florescia e frutificava, no campo da Igreja, a pequena vinha do Senhor. O Servo de Deus desejava ver o humilde Instituto tomar o vôo do apostolado, a que o divino Mestre entregara o império do universo.

" Rezai, rezai muito - escrevia. ao amigo de sua juventude, Paulo Sardi - para que o nosso Instituto se propague por todo o mundo cristão e até entre os infiéis "

PEDIDO DA PROPAGANDA FIDE

A Propaganda Fide ouvira as secretas aspirações de sua alma, pedindo-lhe missionários para os países infiéis. Exultou o coração do apóstolo.

Os filhos diletos partiriam nas asas da fé e do amor, atravessando os mares, desprezando escolhos e tempestades, à conquista de almas para a Igreja e para o Céu; dilatariam o reino de Deus e da Cruz, a preço de ingentes fadigas, quicá do próprio sangue. Antevia o Instituto cingido com a régia púrpura dos mártires. E exclamava:

" Bendito seja o Senhor Deus de Israel, pois somente ele opera maravilhas " .

Todos anelavam partir, com a impaciência do herói, que aspira, no combate, as posições mais próximas da morte, pórtico da glória.

Mas o estrondo da guerra e o bloqueio geral da península cerraram as portas aos missionários. Enquanto aguardavam melhores tempos, a morte veio clarear as fileiras da santa milícia, ceifando os primeiros companheiros do santo, apóstolos de altíssimas virtudes e zelo ardente.

O pe. Tomás Maria seguira para a Córsega, com o cardeal de Ângelis.

E os Passionistas, com mágoa do Fundador, deixaram por então de levar a luz da fé aos povos SENTADOS ÀS TREVAS DO BARRO E À SOMBRA DA MORTE (Luc. 1, 79).

PAULO E A INGLATERRA

O nosso santo tinha predileções pela Inglaterra. Quantas lágrimas, quantos suspiros, que ardentes votos pelo seu retorno ao seio da santa Igreja Católica

“ Ah! A Inglaterra dilacera-me o coração.... Ah!
a Inglaterra, a Inglaterra! ”

repetia emocionado.

Certa vez exclamou:

“ Peçamos pela Inglaterra. Sou obrigado a fazê-lo, porque apenas me ponho em oração, apresenta-se-me ao espírito esse pobre reino. Há mais de cinquenta anos que pego a conversão da Inglaterra; faço-o todos os dias na santa Missa. Ignoro os desígnios de Deus; talvez queira usar-lhe de misericórdia, com chamá-la á, verdadeira fé. Rezemos, rezemos muito; o resto pertence a Deus ” .

Paulo estava de cama; o enfermeiro, encontrando-o em êxtase, tocou-o por três vezes. Ao voltar a si, exclamou

“ Onde estava eu? Na Inglaterra; perpassaram-me pela mente os ilustres mártires ingleses. Oh! como roguei por aquele reino! ” .

De outra feita. ao celebrar o divino Sacrifício, N. Senhor desvendara-lhe o porvir daquela nação. Continuará nas sombras do erro ou resplandeceria na luz indefectível da verdade? Ignoramo-lo. A última hipótese parece-nos mais provável e nosso coração se regozija ao esposá-la. O que não padece dúvida é que Paulo teve a felicidade de contemplar em espírito os Passionistas na Inglaterra.

Terminada a santa Missa, disse aos religiosos:

- Oh! que me foi dado contemplar! Os meus filhos na Inglaterra!

O ven. pe. Domingos da Mãe de Deus, no prefácio que escreveu a 21 de novembro de 1847 para a tradução inglesa da Vida de São Paulo da Cruz composta por são Vicente Strambi, assim confirma esta consoladora visão:

“ O fato foi referido pelo confessor do ven. Padre. Um dia, enquanto celebrava a santa Missa em uma de nossas igrejas situada na diocese de Viterbo, sob a invocação de

São Miguel Arcanjo, no Monte Fogliano, deteve-se no altar mais que de costume permanecendo imóvel durante a comunhão por cerca de meia hora. Durante esse tempo notou seu confessor, o pe. João Maria de Santo Inácio, que estava com o rosto resplandecente e inundado de luz celestial. Terminada a Missa, disse o referido pe. João Maria ao ven. Padre em tom de gracejo:

- Choveu bastante esta manhã, não?

Era esta uma frase muito familiar ao ven. servo de Deus quando queria se referir à abundância de unção divina ou a outros favores celestes na oração. O semblante do ven. padre Paulo enrubeceu e, entre lágrimas e soluços, exclamou:

- Oh! que coisa vi eu esta manhã! Os meus filhos, os passionistas, na Inglaterra! Os meus filhos na Inglaterra!

O confessor estava ansioso por obter dele mais algum esclarecimento a esse respeito, mas só obteve esta resposta:

- Os meus filhos na Inglaterra! "

Inglaterra! as lágrimas e orações de São Paulo da Cruz, os suores apostólicos de seus filhos não serão estéreis; farão crescer em tuas plagas a árvore fecunda da verdade. Sim, tornarás a ser a Ilha dos Santos.

A profecia do santo se realizou por meio do ven. pe. Domingos da Mãe de Deus, em 1841. Hoje Inglaterra, Irlanda e Escócia contam numerosas casas de Passionistas. Eis como se cumpriu a profecia. Um jovem após a Comunhão orava ante a imagem da ss. Virgem, em o nosso convento do Santo Anjo. Resplandecente claridade o envolveu e uma voz lhe segredou:

" Serás Passionista e estabelecerás na Inglaterra muitas casas dessa Congregação. "

Esse jovem é o venerável pe. Domingos da Mãe de Deus, o grande apóstolo da Inglaterra. Quando Provincial, em visita às casas da Província de Nossa Senhora das Dores, caiu com o cavalo em um rio e, submerso nas águas, prestes a afogar-se, exclamava:

" Eu não posso morrer aqui, pois ainda não vi a Inglaterra " .

Nomeado, em 1841, primeiro Superior do nosso retiro de Cambrai, nos limites da Bélgica, passou à Inglaterra a chamado do cardeal Wiseman, onde fundou vários conventos e trouxe ao redil da verdadeira Igreja número incalculável de protestantes, entre outros, diversos personagens insignes, como Dalgrains, Newman, mais tarde cardeal da santa Igreja, o célebre pe. Faber, etc..

Recebeu no Instituto ao Lord Spencer, em religião pe. Inácio de São Paulo, antigo ministro anglicano e futuro sucessor de Domingos como Provincial.

Foi o pe. Domingos homem de vasta e profunda erudição, como o demonstram muitas obras filosóficas, teológicas e ascéticas. Amava entranhadamente

a ss. Virgem, a quem devia as graças extraordinárias com que o Céu o enriquecera.

Faleceu em odor de santidade aos 27 de agosto de 1849, com 67 anos de idade. Nasceu em Viterbo, no dia 22 de junho de 1792. Seu corpo, milagrosamente conservado, repousa no retiro de Sant'Ana em Sutton-Oak, nos arrabaldes de Liverpool.

Apareceu diversas vezes a um pe. Passionista, cercado de resplendor.

O processo de canonização está bem adiantado. O Santo Padre Pio X, com decreto de 14 de junho de 1911, proclamou-o Venerável. Esperamos para breve as honras dos altares a este digno filho do grande apóstolo de Jesus Crucificado.

Para maior conhecimento do ven. Domingos da Mãe de Deus leia o esplêndido livro do pe. Frederico C. P., Il Ven. P. Domenico della Madre di Dio, passionista, apóstolo, mistico, scrittore.

CAPÍTULO XXVII

1761 - 1765

Índice

A PAIXÃO DE JESUS O TRANSFORMA

FERIDAS E SEDE DE AMOR

TUDO O ELEVA A DEUS

SEU DOMÍNIO SOBRE A NATUREZA

CAPÍTULO XXVII

1761 - 1765

A PAIXÃO DE JESUS O TRANSFORMA

Supera de muito as nossas débeis forças o que nos resta dizer a respeito de Paulo da Cruz. Para cantar as maravilhas que iremos referir neste capítulo, fora necessário a lira do Anjo e o coração do Serafim. Balbuciaremos apenas algumas palavras.

Ó Jesus Crucificado, que de portentos não operais com vossos santos!

Paulo foi sempre serafim de amor. Com o transcorrer dos anos essas labaredas cresceram tanto, a ponto de transformar-se em verdadeiro incêndio. Ao meditar os padecimentos do Redentor, abismava-se o santo naquele oceano sem praias nem fundo. Flexas de amor transpassavam-lhe o coração e ele chorava copiosamente. Os colóquios com Jesus Crucificado comoveriam corações de pedra. Ouçamo-lo

“ Ó meu amado Redentor, que se passava no vosso Coração

divino durante a flagelação?! "

- Ou:

" Oh! que aflição, que agonia vos causavam os nossos pecados, as minhas ingratidões!... Por que não morro também por vós? " .

Chamava-o de

" MEU SOBERANO BEM, O CELESTE
ESPOSO DE MINHA ALMA... "

Em suma, a dor e o amor encontravam expressões que, para traduzi-las, fora mister dar às palavras asas de fogo. E das expressões nasciam os desejos: sofrer e morrer pelo Amor Crucificado. Essas aspirações levavam-no aos delíquios da embriaguez espiritual e do êxtase.

Ao refletir:

" Um Deus açoitado!... um Deus crucificado!... um Deus morto por meu amor!... " ,

quedavam-se-lhe todas as potências da alma; o espírito já não formulava nenhum pensamento; somente o coração se absorvia no silêncio interior, suprema expressão da caridade.

Jesus, então, o atraía, comunicava-lhe de maneira inefável as próprias dores, fazia-o desfalecer de altíssima suavidade, submergindo-o no âmago do seu divino Coração.

Duravam pouco essas operações da graça: os frutos, porém, como sejam, amor mais ardente a Jesus Crucificado e fome insaciável de padecer, perduravam por largo tempo.

Nas desolações espirituais, não pedia lenitivo: ao contrário, temia privar-se desses ricos tesouros. O frio, o calor, a fome, a sede, todos os incômodos físico. eram-lhe doces refrigerios. Suportava-os com imensa alegria. chamando-os

" PENHORES DO AMOR DIVINO, PEDRAS
PRECIOSAS PARA O SEU CORAÇÃO " .

Martirizava de mil maneiras o corpo inocente, chegando a gravar com ferro em brasa sobre o coração a Cruz e o nome ss. de Jesus, cicatriz imortal que levou à eternidade.

Guindara-se Paulo de grau em grau à mais alta região do amor, haurindo sublimes noções dos mais secretos mistérios do Céu.

Certo dia, com Jesus Eucarístico no coração, foi arrebatado em sublime êxtase. Abismado no Soberano Bem, prelibou por instantes os inefáveis encantos do amor e. associado à Humanidade do Verbo, teve sensível conhecimento da Divindade...

Compreendeu, além do mais, ser Jesus Crucificado a porta soberana do amor, a transformação da alma em Deus e o aniquilamento no Infinito.

" Por esta porta é que devemos entrar, - diz santa Teresa - se quisermos que a divina Majestade nos revele grandes segredos " .

(Autobiografia da santa, cap. XXVII). Intuíu outrossim como a alma, do puro amor de Deus, desce novamente, se assim nos podemos exprimir, a Jesus Crucificado. Penetrou tanto este segredo, chegando a enunciá-lo com linguagem divina:

" A alma abismada toda no puro amor, sem imagens, em fé pura e simples, permitindo-o Deus, vê-se de repente submersa no das dores do Salvador e, num só relance da fé, contempla-os todos sem operação do entendimento, por ser a Paixão de Jesus Cristo obra exclusiva do amor. A alma perdida por completo em Deus, que é caridade, que é amor, transforma-se num inefável amálgama de amor e de dor. O espirito penetra-se de ambos esses sentimentos, vendo-se submerso no amor doloroso e na dor amorosa... "

As chamas de amor reverberavam-se-lhe no rosto, no corpo tudo, chamuscando-lhe a túnica na parte que tocava o coração.

Se tais eram as chamas desse amor, qual lhe não seria a impetuosidade?

Sentia contínuas e dolorosas palpitações de coração, sobretudo às sextas-feiras: indizível martírio que o fazia prorromper em furtivas lágrimas e gemidos, sempre solícito em ocultar os dons celestes.

O coração, pelas violentas palpitações, não se conteve nos estreitos limites do peito, dilatando duas costelas; fenômeno que não se pode explicar naturalmente, na opinião do sábio médico Del Bene, que o observara no retiro de Vetralla, quando tratou o nosso santo. Aliás, outras testemunhas do fato prodigioso atestaram-no com juramento no processo de Canonização.

Paulo sempre passou a noite de quinta para sexta-feira santa de joelhos, imóvel, ante o ss. Sacramento exposto, a meditar os padecimentos e a morte ignominiosa do Salvador. Numa dessas noites, enquanto desabafava o amor em torrente de lágrimas, Jesus gravou-lhe no coração o EMBLEMA sagrado, semelhante ao que trazia sobre o peito, com os instrumentos da Paixão e as dores de Maria. A partir desse momento, intumescceu-se-lhe o peito, dilatando extraordinariamente a cavidade que encerra o coração. Afirma o dr. Giuliani com juramento que não só viu, mas tocou as três costelas prodigiosamente arcadas, não tenda a menor dúvida da sobrenaturalidade do fato.

FERIDAS E SEDE DE AMOR

Aquele vasto incêndio de amor, demasiado forte para um vaso de barro, houvera consumido bem depressa a frágil natureza, não fosse ela protegida pela virtude do Altíssimo.

O corpo era, para o santo, pesado cárcere da alma. Oh! como anelava rompê-lo a fim de voar livremente para o único centro da vida, N. Senhor Jesus Cristo, íman irresistível dos corações! Ao ver-se represado pelos laços da matéria, suspirava:

" Oh! quem me dera reduzir-me a cinza de amor!...
Ai! meu Deus! Ensinai-me como hei de me exprimir.
Quisera ser todo chamas de amor, mais, mais ainda, quisera saber cantar no fogo do amor e louvar as grandes

misericórdias que o Amor Incrriado concede à minha alma. "

E como para refrear os ardores da alma:

" Não, não, aspiro precipitar-me, como a mariposa,
nas chamas do amor, e ali, no silêncio do amor,
perder-me, abismar-me, no TODO divino " .

A ferida de amor ressecava-lhe por tal modo as entranhas, que nem mesmo os rios poderiam refrigerá-lo. Exclamava, então

" Para saciar-me a sede, só mesmo um oceano... Desejo
sorver um oceano de fogo de amor! " .

- Voltando-se para Jesus Crucificado, suplicava-lhe, chorando, lhe permitisse saciar a ardentíssima sede no manancial inexaurível do divino Coração. Apiedou-se Nosso Senhor desse suplício de amor, contentando-o de maneira inefável. Estava Paulo de joelhos ao pé de grande Crucifixo, Mais violentas do que nunca eram as palpitações do coração e a sede mais abrasadora. As lágrimas não lhe proporcionaram refrigério algum. Não poderia suportar por mais tempo aquele martírio de amor. Pedia, instava com o divino Esposo a que o acolhesse em suas chagas adoráveis.

" Ó Deus de Amor, que não fazeis pelo amor? "

Transfigura-se a santa imagem!... Ali está Jesus vivo, palpitante de amor! Desprende as mãos da Cruz e estreita, num amplexo inebriante, o servo fiel ao peito adorável, permitindo-lhe colar os lábios na sagrada chaga do lado e saciar a sede ardente naquele manancial de vida!

Foram três horas paradisiacas... Este episódio foi reproduzido pelo pintor L. Cochetti em magnífica tela ofertada ao Santo Padre no dia da canonização do santo.

O amor fomenta o amor, como o fogo unido ao fogo cresce de intensidade.

Aquele divino amplexo, longe de acalmar a sede de Paulo, aumentou-a mais e mais. Sua vida é amor; tudo nela é amor, unicamente amor. No entanto, ele se cria despojado desse amor!

" Ó doces abraços! Ó ósculos divinos! Quando nos
inflamaremos como os serafins?... "

" Que faremos, dizia aos filhos, que faremos para agradar ao doce Jesus? Ah! quisera fosse a nossa caridade bastante ardente para abrasar a todos os que se aproximassem de nós!... E' pouco. Nossa caridade deveria inflamar os povos mais distantes, de todos os idiomas, de todas as nações, de todas as tribos; em suma, a todas as criaturas, a fim de que todos conhecessem e amassem o soberano Bem... "

Outras vezes exclamava:

" Ah! se fora possível, quisera atear fogo no mundo inteiro, para que todos amassem a Deus " .

M. Viller em Revue d'Ascetique e de Mystique, 1951, diz que são Paulo da Cruz é o maior místico e

" o maior mestre espiritual italiano do século XVIII "

As abrasadas expressões que citamos atestam autorizadamente quão alto se elevava o nosso santo na união com Deus.

TUDO O ELEVA A DEUS

Nas excursões apostólicas ou nas visitas aos retiros, tudo o que se lhe deparava pelas estradas eram outras tantas vozes a convidá-lo a amar o Criador. À vista das flores, dos prados e campinas, comovia-se deveras; inflamava-se-lhe o rosto e, ao ouvir seus secretos cânticos de amor, tocava-as com o bastão e lhes dizia

" Calai-vos, calai-vos... "

Aconselhava a um religioso:

" Se fores ao jardim contemplar as flores, interroga a uma delas: Quem és tu? A resposta não será: sou uma flor, mas: - EGO VOX, sou um pregador. Eu prego o poder, a sabedoria, a bondade, a magnificência do nosso grande Deus. - Reflete nessa resposta, abisma-te, compenetra-te, embebe-te de todo nela " .

Os fiéis de Fabiano, onde o santo pregara missão, acompanharam-no até bem longe da cidade. Estava o servo de Deus santamente alegre. Ao chegarem ao lugar denominado CINQUE QUERCIE, dando com avista naquelas campinas em flor, prorrompeu nestas expressões:

" Ó grande Deus! Ó grandeza de Deus!... "

E, com os braços estendidos elevou-se aos ares, com verdadeiro assombro dos espectadores. Passados instantes, voltou a si, continuando a falar-lhes com toda a naturalidade.

Em viagem para o retiro de Santo Eutízio, voltou-se de repente para o companheiro e o interrogou:

" A quem pertencem estes campos? "

" São os campos de Gallese " ,

respondeu o religioso.

Insistiu o santo:

" A quem pertencem estes campos? "

Não obtendo resposta, com o rosto resplandecente, continuou.

" A quem pertencem estes campos? Ah! ainda não me compreendeste?... Pertencem ao nosso grande Deus... "

E por instantes voou por sobre aquelas campinas!...

De outra feita, ia de Terracina a Ceccano. Em Fossanova deixou a estrada romana para visitar a igreja e o convento onde falecera o angélico doutor santo Tomás de Aquino. Enveredando por um trilho, pôs-se a exclamar, com extraordinário ardor:

" Ah! não ouves estas árvores e folhas clamarem: Amai a Deus? Amai a Deus?!... "

Do rosto dardejavam-lhe raios de luz. E prosseguia:

" E' impossível não amar a Deus! "

Dir-se-ia quisesse abrasar o coração do companheiro com as chamas do próprio coração. Ao retornar à estrada, repetia a todos que encontrava:

" Irmãos meus, amai a Deus, amai a Deus, que tanto merece ser amado. Não ouvis as folhas das árvores bradarem: Amai a Deus? Oh! amai a Deus, amai a Deus!

"

O religioso e os desconhecidos choravam e, soluçavam ao ouvir elas palavras de fogo.

Celeste embriaguez, loucura do santo amor. que só ao amor é dado compreender! Martírio de inefáveis delicias no desterro desta vida! Antegozo da felicidade eterna, reservado a este serafim de amor!...

Das culminâncias da santidade divisava o nosso santo, nas belezas das criaturas, o reflexo da divina formosura; esse harmonioso concerto de amor alteava-o à fonte eterna da harmonia e da beleza.

SEU DOMÍNIO SOBRE A NATUREZA

Quando o homem, pela completa destruição do pecado, restabelece as leis harmônicas que o unem novamente ao Criador, readquire o soberano império das criaturas.

Em se tratando de distinguir o sinete divino nos escolhidos do Senhor. os animais e até os seres inanimado. parecem dotados de razão: o fogo torna-se orvalho refrigerante; a água solidifica-se como cristal; os animais mais ferozes são mansos cordeiros. Quem se não enternece ao ler, na biografia dos mártires, os tigres, os leões e os ursos lançarem-se-lhes aos pés para os beijar? Quem desconhece o corvo de são Paulo eremita, e os leões que lhe assistiram os funerais? A hiena de são Macário, o lobo de são Francisco de Assis?

Quanto ao nosso santo, já vimos como a chuva, as ondas e as tempestades o respeitavam e lhe obedeciam. São fatos freqüentes em sua vida.

Paulo está gravemente enfermo; querem levá-lo em liteira a Borgheto, mas chove a cântaros. Resolvem enfrentar o mau tempo. Pois bem, em consideração aos méritos do enfermo e à caridade dos que o conduzem, Deus a todos preserva da chuva. Atravessam vários charcos, sem molhar nem mesmo os calçados.

Numa missão por ele pregada, seu zelo apostólico irritou a alguns libertinos, porque lhes arrebatava a presa de suas vis paixões. Para vingar-se, envenenaram-lhe o alimento. O servo de Deus o tomou sem a menor suspeita; mas o veneno respeitou essa existência consagrada a Deus e o santo missionário redobrou de coragem para quebrar os grilhões dos pobres escravos do pecado.

Desejando o santo ir de Fullônica a Porto Ferraió, encontraram somente uma embarcação, que forte tempestade lançara à praia. Apesar da boa vontade do proprietário, fora temeridade fazer-se ao largo com aquela nau.

“ Não temais, disse Paulo. Vamos em nome de Deus ”

Ouçamos agora o capitão de uma nave real, testemunha ocular do fato

“ O proprietário da embarcação sinistrada e seus marinheiros, ajudados por mim e meus marujos, não conseguimos pô-la ao mar. ”

“ Vem então o pe. Paulo em nossa ajuda. Tinha o Crucifixo na mão esquerda e com a direita empurrava o barco. Verdadeiro milagre! Instantes após ei-lo a flutuar! Soube por conhecidos da ilha, que a viagem fora ótima, mas apenas desembarcados abriu-se ao meio a embarcação e foi a pique ” .

Matias Mairé, de Sutri, fora encarregado por Mons. Pedro Picciotti, vigário geral, de levar carta urgente ao pe. Paulo, que pregava missão em Monte Romano. O rio Biédano estava muito cheio e Matias temeu atravessá-lo.

,Alguns carroceiros, práticos do rio, também não ousavam transpô-lo. Enquanto o mensageiro refletia, chegou a cavalo um religioso Franciscano. Ao saber do motivo que levava Matias a Monte Romano, disse-lhe com toda confiança e simplicidade:

“ Vejamos se o pe. Paulo de fato é santo ” .

Tomou pelas rédeas o cavalo de Matias e empreendeu a travessia. A água atingiu o pescoço dos cavalos. Molharam-se bastante, mas chegaram felizmente à margem oposta. Em Monte Romano todos se admiraram como conseguissem atravessar o Biédano naquele dia; cessou, porém, o espanto ao saberem que confiaram no poder do santo missionário.

Acolheu-o o servo de Deus com muita caridade e, restauradas as forças, contra a opinião de todos, ordenou a Matias que regressasse sem mais com a resposta.

“ Parta, disse-lhe o santo, e eu lhe prometo a proteção divina ” .

O pe. João Batista interrogou-o:

“ V. revcia. garante que ele passará o Biédano sem perigo? ”

“ Sim, garanto, respondeu Paulo, mesmo que as águas cubram as copas das árvores, passe sem receio ” .

Com essa garantia, Matias não titubeou.

Prodígio! O cavalo andava sobre as águas como se fora em terra firme! Os carroceiros, supersticiosos, atribuíam o milagre a sortilégios diabólicos.

“ Não há duvidar, diziam, vêm-se até as ferraduras do cavalo ” .

Matias chegou a Sutri às primeiras horas da noite. O vigário geral, temeroso de algum acidente, estava para enviar nova carta, como aliás predissera o santo.

Fatos como esse há diversos nos processos apostólicos. Quantas vezes não passou o santo a pé enxuto regatos e rios, nas excursões apostólicas?!

Vejamos agora como os próprios animais obedeciam ao santo.

Pregava numa das praças de Orbetello. Dois búfalos, desvencilhando-se do carro, investiram contra a multidão. Confusão e terror! O servo de Deus aconselhou a todos:

“ Ninguém deixe seu lugar. Isto é ardil de Satanás, para impedir o fruto da divina palavra ” .

Tomou o Crucifixo e, dirigindo-se aos búfalos, já à entrada da praça, ordenou-lhes que retrocedessem. Eles obedeceram, enveredando pela rua do açogue, em direção à porta da cidade!

Percorrendo os Campos Romanos, deu Paulo com um lavrador encolerizado pela indocilidade de dois bois recalcitrantes no pinar o arado. O lavrador proferia horríveis blasfêmias. O santo o repreendeu com caridade e doçura.

Longe de comover-se com os paternais conselhos, irritou-se ainda mais o energúmeno, tomando da espingarda e apontando-a contra Paulo. Este, nada temeroso, mas horrorizado pelos ultrajes dirigidos ao seu Deus, empunhou o Crucifixo e bradou:

“ Já que não queres respeitar a Deus N. Senhor, respeitem-no os teus bois ” .

Os animais, como dotados de razão, prostraram-se imediatamente com os joelhos em terra.

O blasfemador, atemorizado, lançou-se aos pés, do santo, pediu-lhe perdão e o seguiu até a cidade onde Paulo ia pregar missão, para reconciliar-se com Deus

O convento das religiosas de Farnese fora infetado de répteis venenosos, causa de transtornos na observância regular.

O santo, instado a livrá-lo do flagelo, escusou-se, por humildade, a fazê-lo, alegando não ter licença para entrar na clausura.

Recorreram as religiosas ao cardeal Rezzonico. Sua eminência escreveu a Paulo:

“ Sentiria se esta carta não o encontrasse aí, para consolar essas Mas filhas com livrá-las das víboras que as molestam. Se estiver ainda em Farnese, faculto-lhe a entrada na clausura. Não me recuse esse favor ” .

O santo rendeu-se às súplicas das religiosas e do Prelado. Suas orações foram eficazes, pois dali por diante nenhum réptil penetrou mais no convento.

Esses milagres humilhavam o servo de Deus e da humilhação nasciam novos prodígios.

Paulo pregava retiro espiritual no convento de Sant'Ana, em Ronciglione. À hora da refeição alguns personagens da cidade, inclusive um eclesiástico, vieram visitá-lo. A casa estava infestada de moscas. O servo de Deus, notando a náusea daqueles senhores, disse-lhes:

" Sou grande pecador; se fora santo, afastaria estas moscas " .

" Conheço um santo homem que desta maneira (e traçou o sinal da cruz) enxotá-las-ia imediatamente " .

Traçar o sinal da Cruz e desaparecerem as moscas foi uma só coisa! O santo, que não esperava o prodígio, todo confuso, não abriu mais a boca. Os presentes se edificaram por esse silêncio como os maravilhou o milagre.

Paulo jazia enfermo em casa de piedoso benfeitor de Civita-Castellana.

No quarto contíguo, gorgearam maravilhosamente dois canários. O servo de Deus, para melhor gozar da doce melodia, rogou os trouxessem ao seu quarto. Quiseram convencê-lo de, que, amedrontados, deixariam de cantar.

" Trazei-mos, trouxei-mos " ,

replicou Paulo.

Apenas as avezitas são colocadas ao lado do leito, olham enternecidas para o doente e, como para contentá-lo, batem as asas e põem-se a cantar admiravelmente. O santo, em sublime concerto com essas criaturinhas, desabafa o coração, em terníssimos afetos ao Criador.

Terminado o êxtase, humilhado, Paulo suplicou ao benfeitor afastasse os canários, mas as encantadoras avezitas continuaram a gorgear por muito tempo.

Bendito sejas, ó Jesus Crucificado, pelos prodígios de amor que operais em vossos santos, por vossas chagas adoráveis e por vossa Paixão ss., vida, doçura e esperança dos cristãos!

CAPÍTULO XXVIII

Índice

ARAUTO DA SAGRADA PAIXÃO

CRUCIFICADO COM CRISTO

BENEVOLÊNCIA PARA COM OS OUTROS

SEU MÉTODO NAS MISSÕES

FRUTOS CONSOLADORES

O MEIO INFALÍVEL

CAPÍTULO XXVIII

ARAUTO DA SAGRADA PAIXÃO

Paulo, setuagenário, terminará em breve a longa carreira apostólica, conservando, para o resto da existência, as nobres cicatrizes das mortificações e sofrimento. Só por graves enfermidades suspendia os ministérios apostólicos.

Consideremos em conjunto esse admirável apostolado.

Foi a Itália o teatro de seus labores. Percorreu-a pregando missões e retiros espirituais ao clero e às comunidades femininas.

Qual a origem desse apostolado, admiração de todos, inclusive dos Soberanos Pontífices? Vejamo-lo.

Paulo, num ímpeto de fervor, suplicou a Jesus Crucificado a conversão de todos os pecadores, por quem o Redentor derramara seu preciosíssimo Sangue. Depois contemplou a própria alma e exclamou

" Ali! eu peço pelos outros, quando minha alma está no
mais profundo do inferno! "

Jesus respondeu-lhe com inefável ternura.

" Tua alma repousa no meu Coração " .

Eis a origem do apostolado de Paulo da Cruz: o Coração de Jesus.

Nesse santuário o santo vivia a mesma vida de Deus: seus pensamentos e afetos eram os pensamentos e afetos do divino Redentor, seu zelo pela salvação das almas se inflamava no zelo que levava Jesus ao Calvário, à Cruz, à Morte. A caridade de N. Senhor abrasou o universo; Paulo quisera abrasar o inundo todo.

No horto das Oliveiras, Jesus, à vista dos pecados da humanidade, suou sangue e entrou em agonia; ao considerar a inutilidade do Sangue divino para tantas almas, Paulo, de mil modos diversos, arrancava de suas veias o sangue generoso,

" para completar na própria carne, o que faltava à
Paixão de Cristo "

(Col. 1.24). Pálido, desfigurado, abatido, em angústias mortais, parecia prestes a exalar o último suspiro. Sussurrava, apenas:

- Ah! um Deus Crucificado!... Um Deus morto!... ó caridade... ó prodígio de amor!... Ó criaturas ingratas! Até as pedra. choram!... Como?! Morreu o Soberano Sacerdote, e nós não choramos? Só mesmo tendo perdido a fé para não desfazer em lágrimas. Ó meu Deus!...

Muitas vezes, ao contemplar N. Senhor na Cruz, pedia-lhe, suplicava-lhe a graça de morrer crucificado. Em parte Jesus o contentou, pois esteve quase sempre a agonizar na Cruz dos sofrimentos.

Nos divinos ardores do Coração de Jesus, perpétua morada de sua alma, consumia-se no desejo de cooperar com Ele na destruição do pecado e no resgate das almas imortais. Essa a sua missão

Acolheu-o, certo dia. o divino Mestre na chaga adorável de seu

Coração, inundou-o de luz e descobriu-lhe a maldade do pecado, inflamando-o de ardentíssimo zelo.

Eis o segredo de seu maravilhoso apostolado; eis o incentivo dessa luta sem tréguas ao pecado, ao mundo e a Satanás.

Sempre de armas na mão, arrancou inúmeras almas ao inferno, atacou impiedosamente o inimigo da salvação, conquistando imortais vitórias para a Cruz de Cristo.

CRUCIFICADO COM CRISTO

Nada mais eficaz que o apostolado do sofrimento. Paulo, vítima de amor e expiação pelos pecados da terra, repitamo-lo, viveu perenemente crucificado.

Antes da aprovação das Regras alimentava-se exclusivamente de legumes e pão, bebendo apenas água. Uma vez por outra, quando em casa dos benfeitores, acrescentava, sempre por obediência, algumas gotas de vinho. Qualquer alimento saboroso tirava-lhe o apetite. Nada tornava fora das refeições.

Após os sermões ou depois de muitas horas de confissão, mitigava a sede aos pés de Jesus Sacramentado. Costumava dizer

“ Ó bom Jesus! Vós dissestes: Quem tem sede venha a mim e eu o saciarei (Jo. 7,37). Saciai-me, portanto. E, em verdade, em verdade, Jesus me saciava... Disse-me um médico que, em consciência, eu deveria beber alguma coisa depois das práticas, pois a ardente sede poderia causar-me febre maligna. Ah! esse médico me arruinou. Paciência. ”

Não irei repetir que Paulo dormia sobre o pavimento desnudo, depois de passar parte da noite a orar, de joelho, afugentando o sono com aspérrimas penitências. Direi apenas que a simples vista dos instrumentos usados por ele (muitos se conservam como relíquias) causam horror.

Além da disciplina conservada em Gaeta, ha uma outra terminada em bolas de chumbo, eriçadas de pontas de ferro. Um coração e um cilício igualmente de ferro, terminados em agudas pontas; duas correntes, cujas extremidades são estrelas e grampos. Em Santo Anjo conserva-se uma cruz de madeira, com cento e oitenta e seis pontas de ferro, que Paulo trazia sobre o peito!

Açoitava-se, sobretudo nas missões, com uma corrente formada de vários anéis de ferro. O auditório, à vista do sangue abundante, prorrompia em brados de compaixão. Um dos assistentes subiu, certa vez, ao púlpito, sem que o servo de Deus o percebesse, para arrancar-lhe das mãos o instrumento, verificando como era forte o braço do santo, pois recebeu tão violento golpe, que lhe quebrou o braço!. Paulo curou-o com o sinal da Cruz.

Mais tarde, sabendo que os religiosos do retiro da Apresentação conservavam essa corrente, lançou-a numa cloaca, dizendo:

“ Já que me aleijaste para o resto da vida, não quero que aleijes a outrem ” .

Nos últimos anos, disciplinava-se, nas missões, com instrumento formado de cinco chapas de aço, afiadas nas extremidades como navalha.

Algumas vezes, particularmente quando pregava sobre o inferno, apresentava-se trazendo uma corda ao pescoço e uma coroa de espinhos tão calcada na cabeça que o sangue lhe banhava todo o rosto!.

Acrescentemos as freqüentes viagens, sempre a pé, descalço, a cabeça descoberta, revestido de simples túnica, assim no verão como no inverno. E as enfermidades, companheiras inseparáveis do Servo de Deus?

Em viagem para Farnese, onde ia pregar missão com o pe. João, Batista, pediu a um senhor que encontrara no caminho fosse à frente anunciar ao pároco sua próxima chegada. Eis as palavras do mensageiro:

" Para um dos missionários, pode v. revma. preparar um ataúde, porque tem mais aparência de morto que de vivo " .

Para comunicar-lhe o poder e fecundidade da Redenção, N. Senhor, por vezes, o abandonava ao furar de sataniza, como fizera com seu divino Filho na Paixão.

BENEVOLÊNCIA PARA COM OS OUTROS

Rigorosíssimo consigo, era Paulo todo benevolência para os religiosos. Deviam seguir o conselho do divino Mestre:

" MANDUCATE QUAE APPONUNTUR VOBIS
"

(Luc. 10, 8):

- Comei o que vos apresentarem.

Não permitia singularidades, exigia a vida comum.

Perguntou-lhe o pe. Marco Aurélio como agiria se algum dos nossos se pusesse a jejuar nas missões. Como célebre e santo missionário, respondeu:

" Afastá-lo-ia das missões. As regras são precisas neste ponto. Se outros jejuam, é porque as Regras que professaram nada lhes prescrevem a respeito. A observância das Regras conserva a humildade e a saúde; caso contrário, corre-se risco de perder uma e outra coisa " .

Aconselhava aos missionários:

" Alimentai-vos o suficiente. Se N. Senhor vos comunicasse força sobrenatural, poderíeis passar vários dias sem comer, mas já que vos não concede essa graça, é necessário prudência, pois ingentes são as fadigas " .

Não aceitava missão sem certificar-se da vontade de Deus. Longe de se ingerir em tão difícil encargo com zelo indiscreto e caprichoso, não daria um passo sem ser chamado pelos superiores e por eles munido de legítimo mandato. A mesma regra queria se seguisse à risca em toda a Congregação.

Regozijava-se no Senhor, quando reclamado o seu ministério ou o de seus religiosos; caso contrário. resignava-se às disposições divinas, com santa indiferença.

SEU MÉTODO NAS MISSÕES

Vejam os seu método de missões.

Começava por avisar os párocos do dia da chegada dos missionários. Nessas cartas respirava o fogo de seu zelo. Fazia questão que a entrada fosse solene, porque, ao pôr os pés na paróquia, costumava anunciar ao povo a paz e o perdão. Em calorosa alocução, dizia que viera trazer a paz e a guerra a paz com o Pai celestial e a guerra ao pecado e ao inferno. Nosso Senhor seria o mediano da paz e o generalíssimo da guerra, garantindo aos ouvintes que, sob a mediação e direção desse comandante, estavam asseguradas a derrota dos inimigos e a reconciliação com Deus. Entre cânticos piedosos, dirigiam-se à igreja, onde pregava o sermão preparatório. Assim ficava aberta a missão.

No curso da mesma havia duas instruções catequéticas: uma de manhã aos camponeses, consistindo na explicação simples e clara dos mandamentos da lei de Deus; a outra, à noite, sobre disposições necessárias à recepção dos sacramentos da Confissão e Comunhão. Tinham a duração de uma hora.

Em seguida a esta pregava-se o sermão de máxima.

Por vezes, particularmente nos primórdios de seu ministério, organizava procissões e outras práticas de piedade.

Tinha em grande conta os assim chamados ORATÓRIOS DE PENITÊNCIA, porque dispunham os homens a confessar-se com as devidas disposições. Para isso reunia-os na igreja, meia hora depois da ave-maria. Um missionário excitava-os ao arrependimento e ao propósito. Proibia terminantemente às mulheres aproximarem-se da porta da igreja; aconselhava-as a permanecerem em casa, rezando pela conversão dos maridos. Praticava-se este exercício cinco ou seis vezes durante a missão.

A noite, uma hora depois do sol posto, dobravam-se todos os sinos, lembrete aos pecadores de que estavam mortos para Deus e para a graça. Todos deviam rezar cinco pai-nossos e ave-marias em louvor das Chagas de Jesus, implorando perdão e misericórdia para os que se achavam na inimidade divina.

Quatro pessoas, das mais influentes e edificantes, recebiam a incumbência de reconciliar os inimigos e restabelecer a paz nas famílias.

Sem descuidar o estudo e os princípios da sagrada eloquência, mais do que nos livros, era nas chagas do Redentor que Paulo hauria os argumentos de seus sermões. Antes de subir ao tablado, prostrado de joelhos ante o Crucifixo, por vezes sobre uma tábua eriçada de pregos, buscava força, eloquência e unção para si e graças para as almas dos ouvintes.

Pregando a missão em Bassano de Sutri, vieram procurá-lo com urgência enquanto preparava a prática em seu quarto. O dono da casa, Nicolau Cappelli, tomou a liberdade de entrar para avisá-lo. Paulo, surpreendido por essa visita inesperada, procurou esconder com presteza o instrumento de penitência e, para disfarçar, disse:

" E' aos pés do Crucifixo que costumo preparar minhas
práticas " .

Recitava aos pés de Jesus Sacramentado o símbolo de santo Atanásio,
acrescentando.

" Eis, Senhor, o momento em que irei glorificar as vossas
misericórdias "

e subia ao estrado.

Dava os avisos que julgava convenientes e começava o sermão. Por vezes,
terminando o exórdio, deixava as regras da eloquência, dirigindo-se pelo
impulso da graça. Sem perder de vista o objeto principal, fazia
admiráveis digressões, cujos efeitos patenteavam a assistência do divino
Espírito Santo. Súbitas iluminações, abrasadas expansões de amor
brotavam-lhe do coração. Dir-se-ia um ser sobrenatural. Afirmavam:

" A presença do pe. Paulo no estrado já é uma missão
" .

Sua eloquência vigorosa, doce, simples, ardente e insinuante, arrastava
os corações ao amor de Deus.

Os sentimentos da alma reverberavam-se no exterior: por vezes os olhos
chamejavam a cólera divina, para logo, todo meiguice, evidenciarem a
misericórdia do Senhor; o rosto refletia o horror ao pecado e a compaixão
aos pecadores; a pesar seu, caía amiúde em pranto desfeito. Quando
tratava de assuntos terríficos, bastava fitá-lo, para sentir-se
atemorizado: o olhar, o gesto, a voz, tudo denunciava o terror que o
dominava.

" Tremiam-lhe todos os membros, diz testemunha ocular.
Amedrontava, por estar amedrontado " .

Famoso bandido disse-lhe mais de uma vez:

" Pe. Paulo, v. revma. no púlpito me faz tremer dos
pés à cabeça " .

Oficial de alta patente dizia-lhe também:

" Pe. Paulo, tomei parte em batalhas sangrentas,
encontrei-me sob o fogo do canhão e jamais tremi, mas vós
me fazeis tremer dos pés à cabeça " .

Na prática do inferno. arrepiavam-se-lhe os cabelos, chamejavam-lhe os
olhos.

" Oh! Que dura necessidade, bradava, que dura
necessidade a de odiar para sempre Aquele que nos ama desde a
eternidade! "

" Ai! Jamais ver a Deus!... "

" Eternamente longe de Deus!... "

E repetia, com acento terrível, que parecia se lhe despedaçasse o
coração:

" Sempre!... Jamais!... "

Tremia, estremecia, chorava, fazendo o auditório tremer,, estremecer e chorar com ele.

Qualquer que fosse o assunto, na peroração abrandava a voz e falava com extraordinária ternura, comovendo os corações mais empedernidos.

Se pregava sobre o paraíso, os ouvintes deixavam com ele a terra, para antegozarem as inefáveis delícias do Céu.

Diziam sábios doutores:

" O pe. Paulo sabe mais teologia do que nós...
Preliba a felicidade do paraíso; eis porque discorre
maravilhosamente sobre ele " .

Pregava sobre a Eucaristia? Suas palavras eram um cântico de amor, um hino seráfico. Amiúde era arrebatado em êxtase e envolvido de brilhante luz.

Discorria sobre a Paixão de N. Senhor? Sua alma se desfazia em suspiros e lágrimas.

" Este Padre, diziam todos um dia morrerá no estrado,
pregando a Paixão de Jesus " .

Com que emoção não repetia:

" Um Deus amarrado por meu amor! Um Deus açoitado por
meu amor! Um Deus morto por meu amor! "

Ao pronunciar essas palavras, penetrava no santuário da Divindade, oceano de bondade e perfeição infinitas. O amor arrebatava-o; ninguém sabia falar sobre a sagrada Paixão como o pe., Paulo.

FRUTOS CONSOLADORES

Sua eloquência, aurida no Calvário, produzia incalculáveis frutos de salvação. Os pecadores interrompiam-lhe freqüentemente os sermões com soluços e gemidos, ferindo o peito e confessando as próprias culpas em altos brados. O missionário ia buscá-los até nos braços de Satanás.

Todos desejavam ouvi-lo e confessar-se com ele, porque a todos prodigalizava terníssima caridade. Como bondoso médico, cuidava de todos, mas de modo particular dos mais enfermos. Costumava dizer serem os ladrões seus melhores amigos. Como os amava! Estes, convencidos de que Paulo os estimava, afeiçoavam-se-lhe extraordinariamente.

Doçura e insinuação eram as armas usadas pelo santo para ganhá-los a Deus. Tomava parte em suas penas. Abraçava-os e os acariciava. Numa palavra, fazia-lhe, de pai, a fim de libertá-los das cadeias do pecado. Para significar que alguém era grande pecador, soíam dizer

" Para ti só o pe. Paulo " .

Fora mister grossos volumes para referir as admiráveis conversões de bandidos, operadas por Deus nos ministérios de seu apóstolo.

Já referimos algumas; relataremos outras no capítulo seguinte.

Inspirava-lhes confiança na misericórdia de Deus:

" Coragem, meus filhos. Não vos inquieteis. Eu tomo sobre mim os pecados cometidos até este momento. Cuidai do futuro; do passado eu me encarrego " .

A este propósito, quis o demônio perturbá-lo. Estando em oração diante do SS. Sacramento, sugeriu-lhe esta reflexão:

" Miserável! tomaste sobre ti os pecados de outrem! Recordá-los-ei no dia do juízo " .

O santo, lembrando-se de que Jesus é a Vítima de propiciação pelos nossos pecados, lançou sobre Ele essas faltas, dizendo-lhe com simplicidade filial:

" Senhor, sobrecarreguei-me de pecados alheios por vosso amor. Tomai-os, pois eu os descarrego em vós... "

e fez o movimento dos ombros como quando alguém descarrega um peso. Assim recobrou a paz.

O MEIO INFALÍVEL

Se Jesus era o princípio de seu apostolado, era outrossim o meio mais poderoso. Diariamente, nas missões, terminada a prática de máxima, meditava, juntamente com os fiéis, a Paixão de N. Senhor. Aos pecadores, temerosos da divina justiça, encorajava-os com as chagas e o sangue do Salvador.

Ao findar a missão pronunciava solene sermão sobre Jesus Crucificado. Era, por assim dizer, o golpe de misericórdia nas almas obstinadas. Dificilmente deixavam de arrojarem-se nos braços amorosos do Redentor.

Eis as palavras do santo:

" Vejo cada vez melhor que o meio mais eficaz para converter os pecadores obstinados é a Paixão de N. Senhor, pregada conforme o método que a divina, incriada e infalível Bondade aprovou por intermédio de seu Vigário na terra " .

Paulo sempre exigiu a discipulação, tão necessária para conduzir a bom termo qualquer empresa, máxime as que requerem grandes fadigas. Com o correr dos tempos teve que moderar o ardor de seu zelo. De manhã, ouvia confissões até o meio dia. A noite, terminado o sermão, descansava ou, melhor, recolhia-se por instantes, recomendando a Deus o êxito da prática, antes de voltar ao confessionário.

A sagrada Paixão era também para o servo de Deus o meio mais eficaz para garantir os frutos da missão. Exortava a todos meditassem os cruéis tormentos do Redentor ou, pelos menos, deles se recordassem frequentemente.

" Eu converti por esse meio os mais empedernidos pecadores e

ladroes, enfim, toda especie de pessoas perversas, e tao sincero era o arrependimento, que, ao confessá-los mais tarde, não encontrava matéria de absolvição. E' que tinham sido fiéis aos conselhos que lhes dera de meditarem os sofrimentos de Jesus " .

Aos que ainda ignoravam as doçuras das Chagas do Salvador, manancial de vida e felicidade, acomodava-se à sua fraqueza, aconselhando-lhes:

" Não deixe passar dia sem meditar por meia hora ou, ao menos, por quinze minutos, sobre algum mistério da Sagrada Paixão. Com esta prática se conservará longe do pecado e crescerá na virtude " .

As missões duravam o tempo conveniente. Paulo se regulava neste ponto pelas necessidades dos povos e pelo proveito que hauriam.

Concluída a missão, partia imediatamente, assim como voltam os Anjos do Céu, desempenhadas na terra as ordens do Altíssimo, levando consigo ardentíssimo zelo pelo bem espiritual das almas, que auxiliara no caminho da perfeição, recomendando-as fervorosamente a Deus em suas orações.

CAPÍTULO XXIX

Índice

O APÓSTOLO DOS BANDIDOS
OS BANDIDOS DE MONTIANO
O SALTEADOR DE MAGLIANO
TEMEROSA SURPRESA
HÁ DOZE ANOS NÃO ME CONFESSO
SUA VOZ É OUVIDA AO LONGE
BILOCAÇÃO
SEU ANJO OU ELE MESMO?
PODER SOBRE OS ELEMENTOS
DEUS PREGA EM LUGAR DE PAULO
CONHECE O FUTURO E AS COISAS OCULTAS
PROTEÇÃO DIVINA

CAPÍTULO XXIX

O APÓSTOLO DOS BANDIDOS

Que força, que fecundidade no apostolado de Paulo, inspirado unicamente em Jesus Crucificado!

Já vimos como Deus abençoou a extraordinária messe de almas, colhida pelo grande missionário no campo da Igreja.

Por toda parte onde se fazia ouvir a sua voz, operava-se completa transformação: refloresciam os costumes, desapareciam os ódios implacáveis, restabelecia-se a paz no seio das famílias, entregavam-se as almas à prática da oração mental, os corações se inflamavam no amor ao Cristo Crucificado.

Reviviam-se os mais belos tempo do cristianismo. Pronunciava-se o nome do grande missionário com admiração e acatamento.

“ O pe. Paulo é verdadeiramente santo! é grande apóstolo de Jesus Crucificado! ”

Não sabiam separar-se dele. Terminada a missão, acompanhavam-no, em multidão, grande trecho da estrada; recomendavam-se às suas orações, beijavam-lhe as mãos, a capa e até as pegadas, ao longo dos caminhos!

Dir-se-ia recebera de Jesus moribundo o dom particular de converter os salteadores em BONS LADRÕES.

Respiquemos, na vasta seara, mais alguns fatos.

OS BANDIDOS DE MONTIANO

Paulo, em viagem para Montiano, deu com um bando de bandidos, a cavalo. Atraídos por sua afabilidade, resolveram acompanhá-lo. Paulo falou-lhes sobre Deus, a alma e a salvação eterna, como somente ele sabia fazê-lo. Aqueles homens, habituados aos crimes e homicídios, sentiam diminuir-lhes a crueldade e a fereza. Ao repararem que as pegadas do servo de Deus eram assinaladas por manchas de sangue, apearam, instando a que montasse um dos cavalos. Recusada a oferta, os bandidos, nos trechos escabrosos, estendiam as suas capas e o obrigavam a passar sobre elas.

Seguiram-no até Montiano. Armados como estavam, atravessaram as ruas em silêncio e entraram na igreja, assistindo com o máximo respeito o sermão pregado pelo servo de Deus. Assim fizeram até o término da missão.

O que é mais admirável é que todos mudaram de vida, tornando-se ótimos cristãos até a morte.

O SALTEADOR DE MAGLIANO

Eis mais um fato em que resplandece a misericórdia divina.

Famoso salteador jurara assassinar um senhor de Orbetello. Paulo deliberou ir ter com o temível bandido. Em vão quiseram demovê-lo do intento. Armado do Crucifixo, encaminhou-se ao esconderijo do facínora. Encontrou um homem armado dos pés à cabeça e perguntou-lhe se era fulano de tal...

" Sou " ,

respondeu-lhe este com ar ameaçador. Paulo ergueu a Cruz, ajoelhou-se e exclamou:

" Vim expressamente para solicitar-lhe um favor em nome de Jesus Cristo e não voltarei sem havê-lo conseguido " .

" Que é o que deseja? "

" Que perdoe à tal pessoa, pondo fim a seus temores " .

Tanta doçura triunfou da fereza cruel:

" Ah! Padre! balbuciou o vencido da graça, levante-se, pois não posso negar o que me pede. Somente o senhor poderia consegui-lo. Sim, perdô-o de todo o coração " .

A pedido de Paulo firmou um documento em que declarava perdoar a quem até então perseguira de morte. Notando as boas disposições do facínora, falou-lhe, com a habitual bondade, de Jesus, cujos braços abertos anelavam por apertá-lo ao Coração.

Novo triunfo da Cruz. Confessou-se não somente o bandido, mas todos os seus cúmplices, e perseveraram nos bons propósitos.

Que alegria a daquela pobre gente! Que júbilo, sobretudo, para o coração do apóstolo!

Como tardasse a voltar, preocupavam-se os de Orbetello. Com seu regresso, geral foi o contentamento, notadamente do pobre homem a quem Paulo salvara a vida.

TEMEROSA SURPRESA

Essas conversões tornaram-se notáveis em toda a Itália, repercutindo até nos antros dos salteadores. Vários entre eles foram à procura do santo para depor-lhe aos pés o pêlo de tantos delitos.

Vejamos apenas o seguinte.

Anoitecia. Paulo e João Batista percorriam a estrada, ladeada de bosques, que vai ter a Montemarano, aldeia da Toscava. Para tratar a sós com Deus, conforme costumava, mandou que se adiantasse o companheiro.

Um ladrão, armado, tomou-o pelo braço, arrastando-o para o bosque. Assustado, Paulo o foi seguindo. Ao recobrar coragem, perguntou ao estranho personagem o que desejava.

" Mais para dentro! mais para dentro! " ,

replicou o bandido, continuando a arrastá-lo. Julgando-se perdido, encomendou a alma a Deus.

No mais espesso da floresta, lançou-se de joelhos o facínora e implorou humildemente:

" Padre, confesse-me por amor de Deus " .

" Meu irmão, poderia ter-mo dito antes " .

" Perdoe-me, Padre; julguei que, se não procedera assim, não me ouviria em confissão " .

" Sim, confessá-lo-ei, mas deixe-me antes tranquilizar ao meu companheiro " .

Horas depois o singular penitente estava reconciliado com N. Senhor, a quem tanto ofendera!.

HÁ DOZE ANOS NÃO ME CONFESSO

O santo costumava dizer:

" A brandura atrai, o rigor afasta " .

E aduzia o fato seguinte. Numa missão, dissera-lhe um pecador:

" Padre, confesse-me, pois faz doze anos que me não confesso... "

Notando no penitente, depois da confissão, insólita alegria, perguntou-lhe porque se privara por tanto tempo dessa felicidade. Disse-lhe aquele senhor:

" Padre Paulo, fui um dia confessar-me. O sacerdote repreendeu-me asperamente, expulsou-me do confessionário, bradando: - Retira-te daqui, pois estás condenado...
- Atemorizado, nunca mais me atrevi a confessar-me " .

Anos depois, esse convertido, encontrando-se com o santo, beijou-lhe as mãos, dizendo-lhe:

" Padre Paulo, desde que me confessei com v. revma., com a graça de Deus, não mais cai em pecado grave " .

Que poder não encerra a doçura!...

Poderíamos referir numerosas e admiráveis conversões de mulheres de má vida. Quantas vezes essas míseras, tocadas pelas palavras do santo, interromperam-lhe o sermão, com exclamar

" Ai de mim! infeliz pecadora...! Perdão! Perdão, pelos escândalos que dei! " .

Ante cenas tão edificantes, gerais eram a comoção, os soluços e os gemidos.

Narremos o fato de uma jovem cega de Orbetello.

Cegara de repente, havia oito meses. Persuadira-a o demônio de que Deus a abandonara e que, para recuperar a paz e a tranquilidade, devia deixar os exercícios de piedade. Pobre jovem! Sucumbira à ilusão, julgando que somente a desconfiança absoluta fá-la-ia menos infeliz! Com efeito, desde então, não derramara uma lágrima sequer...

Vivia nesse mísero estado havia vários meses, quando lá chegou o pe. Paulo, hospedando-se na casa dos Grazi, seus benfeitores.

Uma irmã da desditosa jovem, certamente por inspiração divina, levou-a ao santo. Após a missa, o serro de Deus, espontaneamente, perguntou pela cega. Ao apresentarem-na, foi-lhe dizendo:

" Júlia, necessitas duas granas: a luz da alma e a luz dos olho.. Qual a tua preferência? "

- E, sem dar-lhe tempo para a resposta:

" Oh! não há dúvida, preferes a vista da alma, não é? "

E pousou dois dedos nos olhos da cega.

" Estes dois dedos acabam de tocar grande e santa coisa, O PÃO DOS ANJOS... "

" A vista da alma..., exclamou logo Júlia fora de si, a vista da alma " .

A luz divina iluminara o espirito da donzela. Reconciliou-se com Deus, gozando, desde então, inefável felicidade, como jamais experimentara no pastado.

Como N. penhor Crucificado é infinitamente misericordioso! Vejamos agora o teu infinito poder.

SUA VOZ É OUVIDA AO LONGE

Um senhor dirigia-se a cavalo para Porto Ferraio, na ilha de Elba.

Ao chegar a Elbetro, ecoaram-lhe aos ouvidos estas terríveis palavras: INFERNO!... ETERNIDADE!... Deteve-se, assustado. Donde viria voz tão possante? Não deparando ninguém naquela solidão, cravou as esporas no cavalo e prosseguiu o caminho. Dados alguns passos ouviu novamente, com timbre mais forte, as mesmas palavras. A tremer, desceu do cavalo, pôs-se do joelhos, implorando de Deus perdão para as próprias faltas.

Em Porto Ferraio soube que o pe. Paulo pronunciara aquelas palavras, no instante em que ele as ouvira a três quilômetros de distância!.

Prodígios semelhantes repetiram-se com um pastor, um enfermo e um médico.

O pastor, cuidando de seu rebanho; o enfermo, em seu leito de dor; e o médico, no cumprimento dos deveres profissionais, a cinco milhas de distância?

E o que é mais admirável, ouviram todo o sermão!.

BILOCAÇÃO

Terminara o santo a missão em Piombino.

Verdadeira multidão acompanhara-o ao porto para dar-lhe o adeus de despedida. Com vento propício, em breve o vapor desaparecera no horizonte.

Entre os que lá se achavam, estava o dr. Gheraldini. De volta à cidade, fora visitar um amigo. Qual não foi, porém, o seu espanto ao ver o pe. Paulo deixar aquela casa!

" Como, pe. Paulo, v. revma. por aqui? Acompanhei-o ao porto, vi-o partir... perdi de vista o vapor... "

" Silêncio, senhor Gheraldini, aqui estou por um ato de caridade " .

E desapareceu....

Por vezes, voz misteriosa obrigava os pecadores a procurarem o caridoso médico. Não era raro aparecer o santo a alguma pessoa para consolá-la ou para reconciliá-la com N. Senhor.

Certa manhã, enquanto depunha os paramentos sagrados, apresentou-se-lhe um homem e foi logo dizendo:

" Padre Paulo, ouça-me em confissão, pois há dez anos não me confesso " .

" Você quer infamar-se? " ,

respondeu-lhe o santo. E voltando-se para os presentes:

" Não acreditem o que ele quer é confessar-se em primeiro lugar " .

" Repito, protestou aquele senhor, faz dez anos que não me confesso " .

Terminada a ação de graças, Paulo o confessou. Misericórdia de Deus! Onde abundara a culpa, superabundou a graça. O pobre homem, grande pecador, golpeava o peito com uma pedra, prova do sincero arrependimento. O santo teve que intervir, arrancando-lhe a pedra da mão.

O mais maravilhoso foi o modo como o penitente chegou aos pés -lo confessor. Enquanto se dirigia ao povoado onde se pregava a missão, apareceu-lhe o demônio, ameaçando levá-lo ao inferno. Compreende-se facilmente o espanto do pobre pecador. Durante a noite, uma voz se fizera ouvir diversas vezes:

" Confessa-te com o pe. Paulo " .

Essa a razão por que o chamou pelo nome, embora o não conhecesse.

SEU ANJO OU ELE MESMO?

Em outra ocasião, passara Paulo a noite toda no confessionário. De manhã, celebrada a santa missa e dadas as devidas graças, retirara-se à

casa paroquial, para breve descanso. Apenas se recolhera, bateram à porta.

Era um senhor que desejava confessar-se.

" Meu filho, disse-lhe o santo, necessito repousar por alguns instantes; vá à igreja e qualquer de meus companheiros o atenderá " .

Mas uma voz lhe segredou aos ouvidos:

" Confessa esse pobre homem " .

Chamou-o sem mais e o penitente lhe declarou:

" Padre, se aqui estou para confessais-me a esta hora, é porque o senhor mesmo mo insinuou " .

" Como? " ,

perguntou, admirado, o servo de Deus.

" Esta é a verdade, replicou o penitente. O senhor me disse na noite passada: Vem confessar-te " .

Maravilhou-se Paulo das sublimes invenções da graça, confessando, todo humildade, que uma vez por outra, o Anjo da guarda tomava-lhe o semblante para coadjuv-lo na conversão das almas.

Confirma-o o fato seguinte.

Na igreja do monte Argentário, denotando grande preocupação, jazia a um canto, ajoelhado, ex-oficial do exército.

Notou-o o pe. Luís do Coração de Jesus. Aproximou-se dele, perguntando em que poderia servi-lo.

" Está em casa o pe. Paulo? " .

Perturbou-se ao saber que o servo de Deus estava ausente.

" Desejara confessar-me com ele " ,

acrescentou, suspirando.

" Se é apenas isto o que deseja, não faltam aqui confessores há seis " .

" Pois bem, confessar-me-ei com v. revma. " .

O pe. Luís conduziu-o à sala do Capitulo, onde havia grande e comovente Crucifixo. Apenas o ex oficial deu com os olhos naquela efígie, caiu de joelhos e, batendo no peito, exclamava, chorando:

" Perdoar-me-á, padre, perdoar-me-á? " .

" O havê-lo atraído a seus pés, é prova patente do perdão " ,

respondeu-lhe o pe. Luís, para animá-lo.

" Padre, há mais de 50 anos que vivo em sacrilégio, atormentado sempre por cruéis remorsos. Não conseguia vencer o pejo. Uma noite pareceu-me ver em sonho a Jesus Crucificado, entre sua Mãe ss. e o pe. Paulo. Este, tirando de sob a capa afiada espada, disse-me em tom ameaçador: - Vai, vai confessar-te no retiro do monte Argentário ou dar-te-ei a morte. - A ss. Virgem, compadecendo-se de mim, acenou-lhe com ambas as mãos a que sustasse o golpe, assegurando-lhe que eu viria confessar-me. "

" Saltei da cama, apavorado. Estava banhado de suor frio, como se deixara o banho. Pois bem, apesar de tudo, não me decidia a confessar-me. "

" Dias após, repetiu-se o sonho, mais terrível ainda. O pe. Paulo, com sua fulminante espada, atirou-se sobre mim, bradando: - Para ti já não há remédio. - A ss. Virgem, sempre a interceder por mim. asseverava que desta vez eu me reconciliaria com Deus. Despertei com o mesmo suor e o mesmo espanto " .

" Clareou o dia, pus-me a caminho e aqui estou. Haverá salvação para mim? "

Cálidas lágrimas deslizavam pelas faces do pecador arrependido. A contrição e o amor, unidos ao Sangue divino do Cordeiro restituíram-lhe a paz juntamente com a segunda inocência.

" Meu padre, disse ele ao levantar-se, jubiloso, dos pés do confessor, já que me não foi dado confessar-me com o pe. Paulo, suplico-lhe relate ao mesmo o que acaba de ouvir, recomendando-lhe este pobre pecador " .

No primeiro encontro disse o pe. Luís ao servo de Deus:

" V. Paternidade aterroriza os pobres pecadores " .

E relatou-lhe o fato.

" Ó meu Deus, exclamou o santo, humilhado, não é esta a primeira vez que o meu Anjo da guarda se reveste de minhas pobres feições " .

PODER SOBRE OS ELEMENTOS

Satanás não dava tréguas ao servo de Deus. Quando devia ele pregar em campo aberto ou em praças públicas pela grande afluência de fiéis, o que não era raro, o inimigo de todo bem suscitava tempestades. Relatemos o fato seguinte.

O grande missionário pregava numa praça de Santa Flora. O dia era belo. De repente, ouvem-se estampidos de trovões, escurece o céu, a chuva está prestes a cair... O auditório quer dispersar-se.

" Ninguém se mova, aconselha Paulo, com voz vibrante. Isto é obra do demônio, irritado pelo bem das almas " .

Abençoa o céu com o Crucifixo. No mesmo instante cai violenta tromba de água, alagando os campos vizinhos, sem cair, contudo, uma só gota na praça.

Inflamado de novo fervor, declarando querer penitenciar-se pelos pecadores, açoita-se com tanta violência, que arrebenta a disciplina. Uma parte voa ao telhado de uma casa vizinha! Tomando, então, da corrente que tinha ao pescoço, continua a flagelar-se até que um sacerdote lhe arrebatava das mãos o terrível açoite.

Era assim que o ardoroso atleta de Cristo confundia o inimigo da salvação...

Em viagem para Montalto, surpreendeu-o a noite em meio do caminho. Teve de abrigar-se com o companheiro numa hospedaria. Ao vê-los, proferiu alguém horrível blasfêmia.

Interpelou-o imediatamente o servo de Deus:

" Traidor, que disseste?... Poderias converter em sangue esta pedra? "

Bateu com a destra na pedra, levantou-a e... ei-la a verter torrente de sangue!...

A tremer, lançou-se-lhe aos pés o blasfemo, pedindo perdão. No dia seguinte, confessou-se com o servo de Deus, prometendo, sinceramente, jamais blasfemar.

Vejamos agora o poder de Deus no castigar os pecadores renitentes à caridade do missionário.

Em Pitigliano, seis homens, da ínfima camada social, escravos de inomináveis paixões, além de escarnecerem publicamente do pregador, reuniam-se numa farmácia próxima à igreja e, à hora do sermão, batiam fortemente com um malho numa bigorna. Infernal era o barulho. Ninguém podia ouvir a palavra de Deus. Rogado a que cessasse o ruído e fechasse a farmácia durante as funções religiosas, respondeu com insolência o farmacêutico:

" Que pretensão a desse padre! Diga-lhe que não a fecharei " .

Os demais alegaram que, estando em casa particular, fariam o que bem lhes parecesse. E continuou o barulho.

Após breve oração, Paulo profetizou:

" Miserável! Não quer fechar a farmácia? Aberta ela permanecerá, mas não para ele " .

E prosseguiu:

" Que tomem cuidado caso contrário haver-se-ão com a cólera de Deus " .

O escândalo produziu deploráveis efeitos. Muitas pessoas abandonaram a missão. Paulo, aflito, anunciou que o castigo era iminente e terrífico.

O mais culpado entre eles, sofreu a morte abjeta do ímpio Ário; encontraram-lhe o cadáver em lugar imundo. Todos foram castigados com morte

infamante.

O farmacêutico experimentou os revezes da fortuna. Reduzido à miséria, perdeu o estabelecimento. Este ficara aberto, mas não para ele. Ademais, toda a população foi castigada com mortífera peste, que ceifou setecentas pessoas! Ai dos apóstolos de Satanás que molestam aos apóstolos de Jesus Cristo!

Em Magliano, seis ou sete pessoas resistiam à graça.

" Compadeço-me dos que desprezam a divina misericórdia,
suspirava Paulo. Cairão sob os golpes da divina justiça!
"

Passados alguns meses, um morreu afogado, outro de uma queda, um terceiro assassinado, todos, enfim, pereceram miseravelmente!

Em Vetralla, uma mulher não queria perdoar grave injúria recebida de outra senhora, não obstante os rogos e as lágrimas desta e os esforços de diversas pessoas enviadas por Paulo. Então, resolve o santo ir pessoalmente à casa da ofendida. Apresenta-lhe o Crucifixo, fala-lhe do perdão outorgado pelo Filho de Deus aos seus crucifixores. Tudo em vão. A resposta era sempre a mesma

" Não posso, não posso " .

O servo de Deus, repleto de Espírito Santo, pronuncia então estas terríveis palavras:

" Já que não podes perdoar por amor de Jesus Cristo,
Ele também não te perdoará " .

Dias após, a infeliz mulher morre repentinamente, tornando-se o seu cadáver tão horrendo, que ninguém podia fitá-lo sem espanto!

A santa missão é, muitas vezes, a última graça reservada aos pecadores!

Em Capálbio, vivia um homem escandalosamente. Paulo empregou todos os meios para arrancá-lo daquelas cadeias criminosas. O pecador fingiu sincero arrependimento, mas, que horror! Na noite seguinte recaiu no pecado. Enchera a medida... Na mesma noite surpreendeu-o a divina justiça...

O acontecimento deu aso a Paulo a que pregasse aquela noite sobre o inferno. A impressão foi profunda....

Se os pecadores impenitentes eram castigados, às almas generosas Deus cumulava de muitas bênçãos.

Acrescentemos aos fatos já narrados, o seguinte, ocorrido em Canepina e em Vallerano ao mesmo tempo.

Os castanheiros não produziram fruto naquele ano. A população, que vivia desse produto, estava consternada. Temendo o santo que esse desassossego obstaculasse os frutos da missão, orava e animava a todos:

" Converti-vos, meus irmãos, e eu, da parte de Deus,
asseguro-vos abundante colheita " .

O povo confiou nessas palavras e não foi confundido. N. Senhor lhes

recompensou a fé.

Em Arlena, diocese de Montefiascone, uma senhora chamada Jerônima Ricci, havia três anos ficara completamente surda: não ouvia sequer o som dos sinos. O que mais a amargurava era não poder ouvir a palavra do santo missionário. Uma tarde, esporou-o à porta da igreja e, ao passar, cortou-lhe, às escondidas, partezinha da capa, aplicando-a aos ouvidos. Repreendeu-a o homem de Deus severamente

" Muito bem! Ganhou alguma coisa com isto? "

" A felicidade de ouvi-lo " ,

pôde ela responder, porque recuperara a audição.

Em Orbetello, consumia-se em alta e prolongada febre uma menina de doze anos. Paulo foi visitá-la. Consolou-a, asseverando que seu mal perduraria ainda por muito tempo por ser de grande glória de Deus, mas recuperaria a saúde por um milagre. Quinze anos esteve a pobrezinha entre a vida e a morte. Decorrido esse tempo, voltou o santo a Orbetello, a fim de pregar outra missão. A enferma desejou ouvi-lo, pelo menos uma vez. Para satisfazê-la, os pais carregaram-na à igreja, mas, quase ao findar o sermão, caiu desmaiada. Temeram por sua vida. O santo missionário aproximou-se da moribunda, benzeu-a com o sinal da Cruz e retirou-se.

Prodígio? Instantes após, a menina estava radicalmente curada!

A cidade toda chorou de comoção, vendo-a passar das portas da morte à saúde perfeita.

Viveu ainda muitos anos e pôde narrar o milagre no processo de canonização.

DEUS PREGA EM LUGAR DE PAULO

Jesus Crucificado patenteia outrossim a sua infinta sabedoria pela palavra de seu apóstolo. Desde os mais verdes anos, Paulo, esclarecido por luz superior, elevou-se de grau em grau a altíssima perfeição e ao conhecimento das verdades sobrenaturais, de maneira que sua eloquência era mais divina, que humana.

O amor deseja mais do que lhe permitem as forças. Deus, todavia, o ampara no excesso do sacrifício.

Uma vez entre outras, Paulo, em meio do sermão, sentindo-se desfalecer, fitou o Crucifixo e exclamou:

" Senhor, amparai-me " .

Pois bem, uma voz semelhante à sua continuou a prédica. Certo de que era a voz de um Anjo, o apóstolo ouvia em silêncio, agradecendo a N. Senhor.

O auditório não deu pelo prodígio, mas os efeitos foram extraordinários.

Num dia de Pentecostes, não se sabe de que ano, abrasado de inefáveis ardores, Paulo, absorto, transformado no Soberano Bem, antes de subir ao

púlpito, falou com infantil confiança ao divino Espírito Santo:

" No estado em que me acho não poderei pregar; pregai em meu lugar " .

Oh! maravilha! O mesmo Espírito Paráclito tomou a palavra e desenvolveu o tema. O santo, sempre em êxtase, fazia coro com o auditório, gemendo e chorando. Exclamavam todos:

" Oh! que sermão! E' o Espírito Santo que fala pela sua boca! "

A certa altura, com os olhos alçados ao Céu, clamou:

" Oh! Quantas graças recebidas e em mim nada mais ha da que ingratidões e iniquidades! " .

O mesmo prodígio repetiu-se em outras circunstâncias, como confessou o servo de Deus.

Francamente, não é para admirar a força e doçura irresistíveis daquelas palavras e expressões e dos frutos estupendos que produziam...

Jesus Crucificado em pessoa substituiu a seu apóstolo. Foi na missão de São Lourenço das Grutas, diocese de Montefiascone. Demos a palavra ao cônego José Paci, mais tarde arcepreste daquela paróquia.

" Era o último dia da missão. O pe. Paulo subiu ao tablado para dar a bênção papal. Revestido de roquete, eu segurava, à esquerda do missionário, o grande Crucifixo que ele levava às missões. Começada a prática, voz misteriosa feria-me o ouvido, Eu as ouvia antes que o pe. Paulo as pronunciasse.

Surpreso, pus-me a escogitar donde proviria aquela voz.

No tablado estávamos somente o pe. Paulo e eu. Concluí, mesmo pelo fruto produzido no auditório, que Jesus Crucificado falara pelo seu servo. Todos choravam de verdadeira comoção. Aliás o sermão houvera enternecido corações de pedra "

[S.1. 127 p. 42. Conserva-se esse Crucifixo na capela dum castelo, perto de Aquapendente].

Ao descer do tablado, correram todos para o pregador, a fim de beijar-lhe as mãos e venerá-lo como santo, mas ele desapareceu sem que ninguém soubesse como nem para onde. Fora transportado milagrosamente a Grutas de Castro, localidade vizinha.

CONHECE O FUTURO E AS COISAS OCULTAS

Vejamos agora como Paulo desvendava o futuro e os mais secretos mistérios do coração humano.

Na missão de Viterbo, visitou-o o conde Brugiotti, seu íntimo amigo. Em meio à conversa, o santo, de repente, exclamou:

" Ah! Senhor! não permitais tal desgraça à pessoa a quem tanto estimo " .

O conde, sobressaltado, perguntou:

" Será, por ventura, a morte de meu velho pai? "

" Não " ,

replicou Paulo, e calou-se.

Na decorrer da missão repetia, de quando em quando:

" Ah! Senhor, não o permitais " .

Um dia, antes da prática, triste e inquieto, saiu apressadamente. Na rua, encontrou-se com o conde Brugiotti, que lhe perguntou para onde se dirigia.

" À casa de d. Abatti " ,

respondeu o servo de Deus.

" Mas, pe. Paulo, está na hora da prática. Ireis depois " .

" Vão, não, depois será tarde " .

Teve o santo longa e secreta entrevista com o digno prelado.

Ao sair, ouviram-no exclamar:

" Oh! que terrível desgraça! Oh! que desgraça " !

Voltou à igreja e, com mais ardor do que nunca, discorreu sobre a morte. Deteve-se de improviso e, após instantes de silêncio, com voz dolorosa e plangente, clamou:

" Está a expirar o vosso bispo... D. Abatti acaba de falecer!... Rezemos todos pelo descanso de sua alma " .

Ajoelhou-se e, com acento lúgubre, principiou o DE PROFUNDIS. No mesmo instante chegou apressadamente o mensageiro com um bilhete ao missionário, anunciando a morte repentina do snr. bispo... A fatal notícia confirmou a predição do santo e produziu no povo a mais profunda consternação.

Ler nas consciências, especialmente no ato da confissão, era coisa ordinária na vida do servo de Deus. Se o penitente, por vergonha ou esquecimento, ocultava alguma falta, o confessor dizia-lhe

" E aquele pecado cometido em tal dia, tal ano, em tal lugar? "

O coitado se alarmava, mas o bom médico prosseguia:

" Ânimo, meu filho, Deus enviou-me unicamente para curá-lo. Apenas desejo a vossa santificação... "

Com essas luzes, conhecia os desígnios de Deus sobre as almas.

Uma jovem teve a desgraça de cometer, por fragilidade, alguns deslizes. A vergonha não lhe permitia confessá-los. Vivia em temores, sobressaltos e horríveis angústias, aumentados pelos sacrilégios cometidos na recepção dos sacramentos.

Foi confessar-se ao servo de Deus, resolvida a vencer o pejo. Não o conseguiu, porém. Manifestou todos os pecados, exceto os que lhe afligiam o coração. Paulo, cheio de caridade, interrompia-a de vez em quando, exortando-a a declarar as culpas mais graves. Ela não se decidia.

Vendo que tudo era inútil, disse-lhe, por fim

“ Agora, filha, deixe que eu fale ” .

E principiou a expor pormenorizadamente, com circunstâncias de lugar, tempo e pessoas, todas as faltas que a jovem se envergonhava de confessar. E acrescentou

“ E você, filha, nunca se confessou delas, não é verdade? N. Senhor aqui me enviou para curar as chagas de sua alma. Desejo que seja santa ” .

A jovem tremia como frágil cana e pouco faltou que não desfalecesse, mas, criando Animo, sentiu-se tão aliviada na consciência, experimentou tão doce consolação como jamais gozara no passado. Chorou os seus pecados e foi, desde então, alma piedosíssima.

Paulo, iluminado pelo Espírito Santo, descobria as faltas mais comuns dos lugares onde pregava. Descobria outrossim os pecados cometidos durante a missão. Por vezes essa luz celeste o fazia interromper o sermão e exclamar:

“ Vejo-te, infeliz! Enquanto prego a penitência, estás ofendendo a Deus ” .

Vinha-se depois a saber que naquela hora se havia cometido algum pecado.

Embarcara em Porto de Santo Estêvão com destino a Piombino. Furiosa tempestade lançara a embarcação às praias de Tróia. Desembarcados, exclamou o homem de Deus:

“ Não sei como o mar não nos tragou a todos, pois há aqui um senhor que faz muitos anos não se confessa ” .

Um dos passageiros adiantou-se e, sem respeito humano, declarou:

“ Sou eu esse infeliz ” .

Oficiais e marinheiros, todos se confessaram com Paulo.

Tão habitual era esse dom do servo de Deus, que quem se aproximasse dele devia ter a consciência bem pura. Um dos principais personagens cie Roma chegou a dizer a um nosso religioso:

“ Antes de entrar na cela do pe. Paulo é necessário confessar-se. pois ele descobre as faltas mais recônditas do coração ” .

Já vimos como Deus velava pelo seu apóstolo. Acrescentemos os fatos seguintes.

Paulo e mais dois religiosos extraviaram-se num bosque. Fatigados e quase desfalecidos de fome, caminhavam com dificuldade, quando encontraram um senhor e sua esposa, que se dirigiam de Valentano à residência campestre.

Convidaram-nos a pernoitar em sua casa. O piedoso senhor, ao lavar os pés do servo de Deus, notou nele cravados grandes espinhos. Extraiu-os, penalizado. Essa caridade não ficou sem recompensa. Anos decorridos, enfermara gravemente a piedosa senhora. Paulo, em Montalto, estava para embarcar-se para o monte Argentário. Mudando repentinamente de parecer, dirigiu-se a Valentano. E' que Deus lhe revelara o estado da benfeitora e as violentas tentações de desespero que a agitavam.

Encontrou-a em profundo letargo.

" Então, d. Ângela, por que essas dúvidas?
Olvidastes a misericórdia infinita de Deus? "

A estas palavras a enferma recobrou, com os sentidos, dulcíssima confiança em N. Senhor. Mais. Estava completamente curada!.

O servo de Deus e o pe. Fulgêncio de Jesus deviam embarcar-se nas vizinhanças de Bolsem. O comandante recusou terminantemente transportá-los de graça e os tratou com brutalidade. Paulo, sem alterar-se, pôs-se em oração. De repente, chegou a cavalo um senhor bem trajado, aproximou-se do santo e o interrogou:.

" O senhor é o pe. Paulo? " .

Recebendo resposta afirmativa, entregou-lhe o dinheiro necessário para ambas as passagens, despediu-se cortesmente e se retirou sem esperar agradecimento.

Em outra missão, no mais ardente da prática, cedeu o tablado e, quando o santo ia dar com a cabeça na balaustrada da Comunhão, alguém o sustentou no espaço, baixando-o de vagar ao pavimento do presbitério.

Numa de suas excursões apostólicas, foi com o companheiro descansar ao pé duma árvore. Passados instantes, disse ao religioso:

" Saíamos daqui imediatamente " .

Afastaram-se alguns metros e a árvore tombou fragorosamente!.

Paulo, sozinho, dirigia-se para o monte Argentário, mas, extenuado e transido de frio, caiu por terra, quase desfalecido. Não havia esperança de socorro humano, por ser deserto o lugar.

" Senhor, exclamou, morrer sem a assistência de meus religiosos? Oh! eu vo-lo suplico, não o permitais, Jesus. Abandono-me, todavia, à vossa amorosa providência... "

Palavras não eram ditas, e dois belíssimas Anjos o transportaram pelo ar à porta do retiro!

" Oh! como é grande a providência do Senhor! " ,

sussurrou Paulo, agradecido.

O servo de Deus devia pregar uma missão. A viagem era longa e as estradas estavam cobertas de neve. Mas... e as almas... e a glória do seu Senhor Crucificado? Ele partiu com o pe. João Batista. Depois de muito caminhar, a fadiga e a debilidade reduziram-nos ao ponto de não poderem ter-se em pé.

Com a habitual confiança, recorreu aos Anjos do Senhor e, sem mais, mãos invisíveis, num abrir e fechar de olhos, transportaram-no ao termo da viagem. E o pe. João Batista? Nova prece do santo e o querido irmão estava a seu lado!

Com que fervor não pregaram aquela missão?.

Glória vos seja dada, ó Jesus Crucificado, pelos prodígios que operais em prol de vossos apóstolos.

Eles a se humilharem e Vós a exaltá-los!...

CAPÍTULO XXX

Índice

RETIROS AO CLERO

ANJO DOS CLAUSTROS

DESCOBRE AS VOCAÇÕES

PRUDENTE DIRETOR ESPIRITUAL

A SAGRADA PAIXÃO, BASE DA VIDA
ESPIRITUAL

O ABANDONO EM DEUS

MORTE MÍSTICA

CAPÍTULO XXX

RETIROS AO CLERO

Inacabado seria o quadro que traçamos sobre o apostolado de Paulo da Cruz, não disséssemos algo dos exercícios espirituais pregados aos sacerdotes e às comunidades femininas, bem como seu método no dirigir as almas à perfeição.

Nos átrios do santuário, expandia-se o santo com toda liberdade. Já se não tratava da luta contra as misérias do mundo, luta dolorosa, porque há almas impenetráveis às flexas divinas. Nos exercícios espirituais, Paulo encontrava-se em seu elemento, respirava a atmosfera de seu coração, atmosfera de pureza, de luz e amor.

Como sacerdote, falava a sacerdotes, como apóstolo, a apóstolos; como santo, à assembléa dos santos. Com que respeito se apresentava ante eles que, ainda jovem, tomara a resolução de se conservar sempre de pé diante dos ministros de Deus, para ele a encarnação perene de Jesus Cristo, a participação de seu eterno sacerdotício, da cruenta imolação do Calvário e da Redenção humana!

Com que ardor exortava os sacerdotes. a corresponderem à sua sublime vocação; aos sacerdotes, que trazem em seu destino O destino dos povos, em sua santidade a santidade de seu rebanho, em sua eternidade a eternidade das almas confiadas à sua solícitude?

Em Latera, diocese de Montefiascone, falou ao clero a respeito do bom exemplo e do zelo sacerdotal, com tanto ardor que, circundado de luz. se elevou da terra e voou pelos ares, como se tivera asas.

Aqueles, sacerdotes, à vigia do milagre, abraçaram-se de amor a Deus e às almas, votando-se ao sacrifício e ao heroísmo.

Alentava os mais fracos e menos generosos no serviço de Deus, abraçava-os, tudo fazia para que resplandecesse em suas frentes a formosa coroa sacerdotal.

ANJO DOS CLAUSTROS

Nos virginais asilos das esposas de Cristo, era realmente um anjo a falar aos anjos. Cultivava com carinho esses jardins do Esposo, embalsamando-os com o bom odor de suas heróicas virtudes.

Tinha em vista, sobretudo, a exata observância, a mútua caridade e o amor ardente ao celeste Esposo.

Que admirável talento no dirigir aquelas almas! Guindou inúmeras religiosas à mais sublime perfeição.

Tinham elas tão alto conceito de sua santidade, que se atreviam a pedir-lhe milagres.

No mesmo convento das capuchinhas de Farnese, onde expulsara as víboras, uma noviça, Maria Cecília do Coração de Jesus, atacada de tísica pulmonar, temia não ser admitida à profissão religiosa. As superiores encarregaram ao servo de Deus de persuadi-la a que retornasse para casa.

O santo desincumbiu-se do compromisso no confessorário.

" Minha filha, tenho más notícias a dar-lhe. Sua enfermidade não lhe permite a profissão religiosa. E' necessário que regresse para casa de seus pais " .

" Oh! isto nunca, nunca " ,

respondeu, chorando, a pobre noviça.

" Pois bem " ,

replicou, comovido, o servo de Deus,

" eu vou dar-lhe uma bênção. Tenha confiança " .

Benzeu-a com o Crucifixo, acrescentando:

" Persigne-se com o óleo da lâmpada do ss. Sacramento.
Confie, filha, recuperará a saúde e professará " .

A noviça, de fato, restabeleceu-se, professou e, decorridos vinte anos, testemunhou o fato com juramento.

A tuberculose contaminara o convento do Carmo, em Vetralla. Apesar de todas as precauções, faleceram cinco ou seis religiosas, em poucos anos. As Superiores receavam que o mal atingisse as mais jovens, o que, certamente, contribuiria para afastar futuras pretendentes.

No auge da aflição, recorrem ao pe. Paulo que, em 1753, lá se encontrava para pregar o santo retiro. Que ele intercedesse junto de N. Senhor em favor do mosteiro.

O servo de Deus recorreu a -Maria ss., tesoureira de todas as graças.

No dia 2 de julho, festa da Visitação, benzeu a água com a relíquia da ss. Virgem, bebeu dela e deu-a às religiosas para beberem.

" Tranqüilizai-vos, minhas filhas, profetizou; o mal está debelado. Outras enfermidades molestar-vos-ão, jamais, porém, a tuberculose. Nem temais que vos faltem noviças " .

Foram tantos os pedidos, que tiveram de recusar, dali para frente, muitas postulantes.

" Quanto à tuberculose, afiança-nos são Vicente Strambi, jamais apareceu um caso sequer no mosteiro, como vários médicos mo asseveraram. O mais maravilhoso, porém, é que, no momento da predição, havia duas religiosas atacadas do mal, desde o mês de março precedente: soror Teresa Margarida da SS. Trindade e soror Maria do Coração de Jesus. Esta goza, de há muito tempo, excelente saúde. Àquela profetizou o pe.
Paulo: "

" Em breve morrerás, mas tua morte será um doce sono "

De fato, aos 31 de dezembro do mesmo ano, após ouvir a santa missa e comungar, de volta à cela, sentiu-se mal. O médico, chamado às pressas, julgou o caso perdido. Recebeu na mesma tarde o viático e a Extrema Unção. Conforme predissera Paulo, soror Teresa fruía paz extraordinária, não cessando de exclamar:

" Cantarei para sempre as misericórdias do Senhor (Sl. 88, 1). Vinde, Jesus meu, e não tardeis " .

Prelibava as alegrias do Céu. Dizia às coirmãs:

" O pe. Paulo me anunciara uma morte doce como o sono. Vede como se verifica a profecia. Depressa, depressa, não posso mais esperar " .

E foi continuar na pátria celeste, em companhia dos coros cia. virgens, o cântico de amor começado neste desterro.

O santo, pregando retiro às religiosas de nutri, disse a uma das irmãs:

" Acaba de falecer uma religiosa em Vetralla e já está no céu " .

Escreveram imediatamente àquele mosteiro dando conta do ocorrido, e a resposta confirmou naquelas boas filhas o conceito que tinham de sua santidade.

Inúmeras casas religiosas o reclamavam, pelo menos para conferências ou conselhos. E Paulo aproveitava para lhes insinuar a devoção para com Jesus Crucificado.

Certa vez, discorreu às Carmelitas de Vetralla sobre o amor de Deus, tomando por tema o texto:

" Se alguém tem sede, venha a mim "

(Jo. 7, 37). Falou o tempo todo em êxtase. As irmãs pendiam de seus lábios. Recomendou-lhes especialmente a Comunhão freqüente como meio anais eficaz de união com Deus. Deviam receber a Jesus Sacramentado com amor e não com temor.

" Essa alocução, diz são Vicente Strambi, abrasou no amor divino aquela, comunidade. Ainda hoje, tantos anos decorridos, quando ouvem as palavras: Se alguém tem sede... , lembram-se, enternecidas, das palavras do pe. Paulo " .

DESCOBRIR AS VOCAÇÕES

Quando o servo de Deus ia a Civita-Castellana, hospedava-se em casa do dr. Ercolani, nosso grande benfeitor. Tinha esta uma filha de sete ou oito anos por nome Isabel, a quem o santo costumava chamar

" a minha freirinha " .

A pequena zangava-se, respondendo em tom de revolta:

" Por que me chama assim? Não quero absolutamente ser freira " .

" Por que não? " ,

replicava o santo, a sorrir.

" Porque desejo ficar sempre com mamãe " .

Com a partida de Paulo, Isabel se punha a pensar:

" Dizem que o pe. Paulo lê no futuro. Talvez ele fale por inspiração divina! "

E temendo que assim fosse, desabafava-se com a mãe:

" Mamãe, se o pe. Paulo me chama de freirinha, é porque eu devo ser religiosa " .

A mãe, condescendendo com sua tenra idade, respondia:

" Eu não consinto que o sejas; não, não serás " .

" Fale sempre assim, mamãe, e jamais serei religiosa " .

Todavia, uma vez o servo de Deus tirou-lhe a esperança de permanecer no lar paterno. Chamando-a como de costume

" minha freirinha " ,

a mãe interveio

" Pe. Paulo, isto é impossível, pois ela é tão doentia... "

" Tranqüilize-se, retornou o santo, a isto remediará a boa Mamãe do Céu... "

" Não, não, eu não quero ser freira " ,

protestou Isabel.

O bondoso padre, que gostava de gracejar com a inocente criança, acrescentou:

" Não temas, minha filha, que não te farão priora, por seres de pequena estatura " .

A menina crescia, conservando sempre repugnância à vida religiosa. Na idade de 19 anos, a doença progrediu tanto, que a mãe, desenganada dos meios humanos, levou-a a Roma em peregrinação à imagem de Nossa penhora do Carmo, sob o arco de Costaguti. Lá, recebeu Isabel, com a cura repentina, a graça inestimável da vocação religiosa. Realizara-se a profecia de Paulo:

" A boa Mamãe do Céu remediará a isto " .

Em obediência ao chamamento divino, solicitou Isabel ingresso no Carmelo de Vetralla. Não queriam admiti-la por sua compleição delicada, mas Paulo, que lá se encontrava para a profissão de uma religiosa., mandou chamá-la e lhe disse em presença da Priora:

" Como estás, minha filha? Nada temas, serás religiosa e morrerás com o santo hábito " .

Bateu com a mão na grade e acrescentou:

" Serás religiosa neste mosteiro " .

Foi o suficiente; ninguém mais se opôs a essa vocação. Um ano depois, tomava o santo hábito, e são Vicente Strambi, que a conheceu pessoalmente, diz-nos que soror Maria Vitória do Espírito Santo, (esse o seu nome de religião) seguia estritamente todos os atos de observância, apesar de seu estado de debilidade e, o que é mais admirável, qualquer dispensa a enfraquecia ainda mais. Só se achava bem no cumprimento rigoroso das santas Regras.

PRUDENTE DIRETOR ESPIRITUAL

Não eram somente as esposas de Cristo, segregadas à sombra dos claustros, que se punham sob a direção do nosso santo. Também as almas que gemem no mundo, quais pombas fora da arca, escolhiam-no por diretor espiritual.

Quantas virgens, viúvas, esposas, cavalheiros, sacerdotes, não inflamou o excelente mestre no santo amor de Deus e não elevou à prática da., mais sublimes virtudes?

Exigia fidelidade aos deveres do próprio estado, mas exigia outrossim que SUA CONVERSAÇÃO ESTIVESSE NO CÉU, com os Anjos, com Deus.

A correspondência epistolar patenteia a extraordinária habilidade que adquirira na ciência dos Santos; ciência haurida aos pés do Crucifixo.

Diretor esclarecido, versado nos grandes místicos, era, sobretudo, homem de oração, tendo por guia, nos caminhos da graça, o divino Espírito Santo.

Com que encanto, doçura e força dissipava os temores e os escrúpulos, soerguia os ânimos, prevenia as ilusões, tirando partido das mesmas faltas, com inspirar a humildade, o desprezo de si, a desconfiança nas próprias forças e confiança ilimitada na misericórdia infinita de N. Senhor.

Quem quiser conhecer são Paulo da Cruz como Diretor espiritual leia o que escreveu o Pe. Caetano do Nome de Maria, C. P., em sua obra *Doctrine de St. Paul de Ia Croix sur l'Oraison et la Mystique*, chap. I p. 1-12; e *St. Paul de la Croix Ap. et Missionaire*, p. 187-221. Como Diretor espiritual, são Paulo da Cruz foi definido

" um digno êmulo de são Francisco de Sales (St. Paul de Ia Croix Ap. Missionaire, p. 187) " .

Em *Vida Sobrenatural*, 1927, XIII, 286, lemos que Paulo da Cruz, como Diretor e Mestre de espírito, figura muito bem ao lado de são João da Cruz, de são Pedro de Alcântara e de santa Teresa de Jesus: em seus escritos encontram-se os mais elevados conceitos da Teologia Mística. O Pe. Gubiart, S. J., na *Revue d'Ascetique e de Mystique*, 1925, p. 26. o coloca ao lado de santo Afonso de Ligório

" au premier rang des maitres de la vie spirituelle " ,

comparando-o, nas questões de mística, a são João da Cruz.

São Paulo da Cruz não escreveu tratados de mística; temos sua doutrina em

" cartas rápidas e familiares dirigidas a correspondentes assaz diferentes " .

Nelas o santo Diretor procede por meio de alusões e lembretes de princípios, como um médico que escreve uma receita. Mas demonstra experiência tão própria e tão vasta, que se revela o maior místico e o maior Diretor espiritual italiano do século XVIII. O santo é tão iluminado, possui tanta benevolência e cordialidade que, sem em nada

diminuir as exigências de perfeição, para cuja meta dirige com mão segura todos os que a ele se voltam, é o mais animador dos guias, o mais encorajados dos mestres. P. M. Viller, na Revue d'Asc. et de Myst., 1951, p. 134.

A primeira qualidade do diretor de almas é o

" discernimento de espírito " ,

que se não deve confundir com a profecia nem com a penetração dos segredos das consciências.

DISCERNIMENTO DE ESPÍRITO, conforme o sentir comum, são luzes especiais que auxiliam a descortinar os princípios donde procedem os movimentos interiores e escolher com acerto a direção que se deve dar à consciência..

E' em Deus que o diretor vê e conhece as almas. Necessita, portanto, de luz superna para discernir as inspirações do Espírito Santo do temperamento humano ou das sugestões diabólicas. E' ponto capital.

Sem esse discernimento, em que deploráveis e funestas veredas se podem lançar as almas! Essas luzes auxiliam o diretor a alotar-se às condições do dirigido, elevando-se com os perfeitos aos píncaros da santidade, aniquilando-se com os fracos e imperfeitos, como a mãe carinhosa se comporta com os filhos doentes.

Paulo da Cruz possuía esse dom em alto grau.

Seus ensinamentos, sempre oportunos e sábios; a facilidade com que penetrava as mais recônditas chagas das consciências para aplicar-lhes o remédio adequado; a clareza com que expunha os mais secretos mistérios que Deus opera no santuário da alma; a convicção, o alcance e a uniformidade de suas instruções... tudo isto nos fala claramente que Paulo possuía o Espírito de Deus. que penetra o âmago dos corações, para discernir-lhe os diversos movimentos.

A SAGRADA PAIXÃO, BASE DA VIDA ESPIRITUAL

Para ele, o principio da vida espiritual, a purificação, o progresso e a perfeição, tudo depende da Paixão de Cristo: caminho mais breve, simples e seguro para conseguir o desprendimento próprio e revestir-se do espírito de Deus.

A Paixão de N. Senhor é a porta que conduz ao jardim de delícias as almas amantes.

" EGO SUM OSTIUM " ,

repetia todo compenetrado,

" EGO SUM OSTIUM "

(Jo. 10, 9). A alma que entra por esta porta caminha sem tropeço

" Na Paixão, prosseguia, não cabem ilusões. Não, não há ilusões na Paixão " .

E' impossível meditar a Paixão e ofender a Deus

" Meditar hoje e amanhã num Deus açoitado, coroadado de espinho e crucificado por nosso amor, e ofendê-Lo?!
Não, não pode ser "

Eis os conselhos do sábio diretor a um mestre de noviços.

" O pe. N. começa a ter o dom da oração. Vele, todavia, a fim de que se não descuide da prática das virtudes e da imitação de Jesus Cristo. Que comece sempre a oração por um dos mistérios da sagrada Paixão; que se exercite em piedosos colóquios, suavemente, sem esforço. Se Deus o atrair logo ao silêncio de amor e de fé em seu seio divino, não se perca em estranhas reflexões, com detrimento da paz e do descanso da alma. Recomendo-lhe, sobretudo, prove bem os noviços na humildade e no desprezo de si mesmos... Neste ponto não há excesso... " .

Escrevia a alma piedosa:

" Agradeço à divina misericórdia o ter-lhe concedido a graça ele pensar continuamente nos sofrimentos de Jesus. Reflita especialmente no amor com que N. Senhor padeceu por nós. O caminho mais breve para a santidade é perder-se toda no abismo de suas dores. O Profeta chama à Paixão de Jesus OCEANO DE AMOR E DE DOR. Ali! minha filha, é este um segredo revelado unicamente aos humildes. Neste mar imenso a alma descobre a preciosa pérola das virtudes e toma para si os sofrimentos do Amado. Espero que o Esposo lhe ensine esta pesca divina, contanto que se conserve na solidão interior, despreendida de toda imagem, separada de todas as criaturas na pura fé e no santo amor... " .

Escreve a um religioso

" Não devido que esteja interiormente no seio de Deus, aniquilado, indiferente a tudo e a todos. E' este o caminho reais breve para. abismar-se e perder-se no Infinito, depois de se haver transposto a divina porta, Jesus Crucificado, apropriando-se de suas dores. O amor ensinar-lhe-á tudo, por ser a sagrada Paixão obra de amor infinito... "

A medida que a alma progredia na oração e nas virtudes, Paulo a amparava com avisos e conselhos oportunos e prudentes.

Escrevia a alma virtuosa:

" Suas cartas muito me alegram em Deus N. Senhor... Fidelidade absoluta, minha filha, em corresponder a tão grandes benefícios, penhor de maiores graças e mais altas luzes, para que sua alma se abra em maior amor de Deus, adquira mais sólidas virtudes, praticadas com maior heroísmo... Recomendo-lhe não perca de vista a Jesus Crucificado. Vida de nossa vida. Filha minha, sua oração não deve ser como no principio: siga as normas por mim traçadas. O amor é virtude unitiva que SE APROPRIA DAS PENAS DO AMADO... "

Após indicar o modo como APROPRIAR-SE DAS DORES DO AMADO, o sábio diretor nada mais fazia do que vigiar a ação divina nas almas, prevenindo-as de que se deixassem guiar pelas luzes do divino Espírito Santo.

" Digo-lhe, não faça a oração como lhe ensinei, mas como Deus lhe ensinar... Dê liberdade à alma para empreender o vôo em direção ao Soberano Bem; deixe-se conduzir pela sabedoria infinita de Deus. A mariposa revolteia em torno da chama, acabando por incinerar-se; que sua alma revolteie em derredor da luz divina, que se arroje a ela e se reduza a cinza... "

O ABANDONO EM DEUS

Dirigindo as almas sempre para a humildade e para as virtudes sólidas, o incomparável mestre elevava-as, gradativamente, ao mais alto grau de oração, ao recolhimento, ao silêncio espiritual, ao descanso, à união e à transformação divina. Várias pessoas, religiosas e seculares, dirigidas pelo nosso santo, morreram em odor de santidade. Citemos apenas sóror Maria Querubim Bresciani, Inês Grazi, Rosa Calabresi, sóror Maria Crucifixa, Lúcia Burlini, etc..

Aduzamos, em confirmação do que dissemos, algumas citações; guardemo-nos, porém, de escalpelá-las com seca e árida análise.

" Quando estiver bem aniquilada, bem desprezada e convencida do seu nada, peça a Deus lhe permita penetrar em seu divino Coração, e Ele não lho negará. Permaneça como vítima naquele divino altar, em que arde eternamente o fogo do santo Amor. Deixe que essas chama. sagradas penetrem até a medula de seus ossos e a reduza a cinza. Em seguida, se o Divino Espírito Santo dignar-se elevar essa cinza à contemplação dos divinos mistérios, consinta que sua alma se abisme na santa contemplação. Oh! como isto agrada a N. Senhor! "

Para melhor se fazer compreender, elucidava esses ensinamentos com graciosas comparações.

" Veja essa criança. Após haver acariciado a mãe e brincado em torno dela, descansa e dorme em seu regaço, continuando, contudo, a mover os labiozinhos para sugar o leite. Assim a alma, esgotados os afetos, deve dormir no seio do Pai celeste, não despertando dessa consideração de fé e amor sem consentimento do Soberano Bem " .

Dizia ainda:

" Permaneça em descanso. Se o Esposo a convidar ao sono, durma tranqüila e não desperte sem sua permissão. Esse sono divino é dom outorgado pelo Pai celeste aos filhos queridos: sono de fé e de amor, em que se adquire a ciência dos santos e onde não há lugar para as amarguras das adversidades... Oh! silêncio! Oh! sono sagrado! Oh! solidão preciosa! "

" Seja sempre e cada vez mais humilde; seja verdadeiramente pobre de espírito; despoje-se de todos os dons, porque nós os maculamos com as nossas imperfeições. Ofereça sacrifícios de louvor, honra e bênção ao Altíssimo, vivendo em absoluto desapego. Esses sacrifícios devem ser ofertados em fogo de amor, conservando-se a alma no sagrado deserto " .

Ensina o santo que, uma vez por outra, durante o sono interior, Deus convida a alma a certas práticas piedosas.

" Quando a alma é convidada à doce solidão, ao silêncio sagrado da fé e do amor, que a obriga a rogar pelas necessidades particulares e gerais da igreja e do mundo, deve ela obedecer prontamente: em cessando, porém., esse movimento interior, volte ao repouso em Deus. Se o descanso se converter em sono de amor e de fé, tanto melhor. Se for humilde e se estiver encerrada em seu nada, espero que a divina Bondade lhe fará compreender esta linguagem " .

Eis como descreve os TOQUES divinos, que excitam a alma a desapegar-se de tudo e de si mesma, para abismar-se em Deus:

" Conserve, diligentemente, em seu interior, as torrentes do amor, ofertas da divina Bondade. embora Jesus, depois da sagrada Comunhão, já possua o seu coração. Não O amará, sem o manancial vivo do santo e puro amor, isto é, sem o divino Espírito Santo... Quando Deus lhe proporcionar essas torrentes, dádivas assinaladas do divino Amor, lance-se no Infinito Bem, e comporte-se como criança, dormindo o sono de fé e amor no seio do celeste Esposo. O amor pouco fala. Note se essa soberana graça de oração, mercê do Altíssimo, lhe proporciona conhecimento mais profundo do seu nada. Viva oculta às criaturas e patente só a Deus, com ardente desejo de sua maior glória, com total menosprezo de sua pessoa, com a prática de todas as virtudes, notadamente da humildade, paciência, doçura, tranqüilidade de coração e amabilidade no trato com o próximo " .

MORTE MÍSTICA

Ouçamo-lo agora explicar o completo e perene PERDER-SE da alma em Deus:

" Esteja totalmente abismada em Deus; deixe cair o seu espírito, qual gota de água, nesse Oceano imenso de caridade; repouse nele e receba as comunicações divinas, sem perder de vista o próprio nada. Nessa divina solidão, aprendem-se todas as coisas; nessa escola interior, mais se aprende calando do que falando. Santa Maria Madalena caiu de amor aos pés de Jesus: calada, ouvia, amava e se desfazia em amor " .

" Conserve em toda parte esta oração e recolhimento interior no locutório, nos trabalhos manuais, em todo lugar, enfim. Saia de si mesma e perca-se em Deus,

liberte-se do tempo e perca-se na eternidade " .

" Estou, por exemplo, à beira-mar. Tenho suspensa do dedo uma gota de água. Pergunto-lhe: Pobre gota, onde desejas estar? Ela me responde: No mar. Que faço eu? Sacolejo o dedo, deixando cair no mar a pobre gota. Pois bem, retire-a do mar, seu centro, se for capaz. Oh! se ela tivera língua! "

" Tire a conseqüência e aplique a si mesma a parábola. Perca de vista o céu; a terra, o mar e suas praias, todas as criaturas, em suma. Deixe sua alma, pequena gota de água, perder-se na vasto Oceano donde saiu, isto é, em Deus, infinitamente bom, infinitamente grande " .

Que linguagem! Para exprimir-se em tal maneira, somente com a inspiração do Espírito Santo. Lê-se nos Processos que muitas vezes os anjos escreviam em lugar de Paulo aquelas cartas admiráveis por ele enviadas a seus dirigidos; o próprio Redentor o fez diversas vezes.

No entanto, subamos mais; atingiremos o aniquilamento do Eu humano, o ápice da cruz, a morte mística com o Deus do Calvário, para viver a vida divina. E a alma poderá, então, dizer a si mesma: NÃO SOU MAIS EU QUEM VIVE, E' CRISTO QUE VIVE EM MIM (Galat. 2, 20).

Jesus Crucificado, com suas angústias e sede de amor, é o modelo desta morte mística.

" Jesus orou pelo espaço de três horas, lá no alto da Cruz. Ó meu Deus, que oração crucificada não foi essa!. Oração sem nenhum consolo, nem interior nem exterior. Que grande ensinamento, santo Deus! Peça a Jesus que lho imprima no coração. Oh! quanto há aqui a meditar! Li algures que durante a agonia, depois das três primeiras chamas de amor, isto é, das três primeiras palavras, quedou-se Jesus em silêncio até a hora nona, em contínua oração. Que oração terrífica, ó meu Deus!

"

" Repouse, portanto, na Cruz do doce Jesus, dizendo apenas: - PAI MEU, FAÇA-SE A VOSSA VONTADE... - E cale-se... Continue a descansar sobre a Cruz até chegar o ditoso momento da verdadeira morte mística. Então, como diz são Paulo, OCULTAR-SE-Á TODA EM CRISTO JESUS (Coloss. 3,3), na altíssima solidão por que tanto suspira, totalmente desprendida das criaturas. E' esta a hora de sofrer em silêncio e paz. "

" Filha minha, resignação perfeita em sua agonia e chegará à morte mística " .

Se a alma morre, morre para reviver; se se despoja de tudo, é para revestir-se dos tesouros celestes. Citemos algumas palavras do santo a respeito da transformação divina:

" Compenetrada assim do seu nada e despojada de tudo, arrojese confiante no abismo de todo o bem e deixe à infinita bondade de Deus agir divinamente em sua alma, isto é, transpassá-la com os raios de sua luz, transformá-la

por completo em Si pelo amor, fazendo-a viver de seu divino Espírito, de sua vida de amor, vida santa, vida divina. Deixe que a pobre mariposa, após revoltear em derredor da luz divina, com seus afetos, sentimentos de humildade, de fé e, sobretudo, de amor, deixe-a lançar-se na luz divina, que é a mesma essência de Deus. Que ela seja ali morta, incinerada... "

" Já não viverá de sua vida, ruas na vida e da vida do supremo Bem. Essas as operações de sua divina Majestade nas almas humildes e pequeninas, que atribuem a Deu. toda a glória de seus dou., apresentando-os ante o seu trono, humilde e amorosa oferta, qual incenso de agradável odor "

" Leia com atenção estes belos ensinamentos, leia-os, contudo, com coração humilde, simples e aberto, a exemplo da madrepérola, que recebe o rocio do céu e logo cerra suas conchas e se vai para o fundo do oceano formar a sua pérola preciosa " .

Deve ter notado o piedoso leitor como o nosso santo, para que a alma se não extravie no vácuo, na ilusão ou na esterilidade, dá por pedra de toque da oração a prática das virtudes, especialmente da humildade e do desprezo de si mesma.

Esboçamos apenas as egrégias qualidades de Paulo da Cruz como diretor de almas, considerando-o pelo prisma de sua predestinação: A PAIXÃO DE JESUS CRISTO.

A sagrada Paixão foi a poderosa alavanca de que se serviu para, em elevando os corações, altear gradativamente as almas à mais alta contemplação.

Omitimos, muito a contragosto, preciosos tesouros espirituais, brotados de sua pena e de seu coração, expressos no sonoro e rico idioma italiano, tão apto a traduzir os afetos da alma.

Nada obstante, o exposto bastará, creio, para convencer-vos de que para falar-se de tão sublimes conceitos com tanta clareza e facilidade, é necessário habitar-se as regiões superiores da amor e da fé.

Podemos, pois, colocar o nosso santo a par dos grandes mestres da vida espiritual.

Voltemos, todavia, à nossa história.

CAPÍTULO XXXI

1765 - 1767

Índice

DOLOROSO PRESENTIMENTO

OS DOIS IRMÃOS

MORTE DO PE. JOÃO BATISTA

UMA RESIDÊNCIA EM ROMA

ÚLTIMA VISITA À PROVÍNCIA DA
CAMPANHA

MANIFESTAÇÕES POPULARES

VAMOS VER O SANTO...

ACONTECIMENTOS PRODIGIOSOS

CAPÍTULO XXXI

1765 - 1767

DOLOROSO PRESENTIMENTO

Estamos no ano de 1765. O venerável Fundador tem 72 anos de idade, 50 dos quais passou-os nos árduos, fecundos e incessantes labores do apostolado.

Sua maior pena era o não poder pregar, como no passado, a sagrada Paixão e Morte de N. Senhor Jesus Cristo. Suplício para o zelo e o amor encarcerados.

Apesar da velhice, vislumbramos sempre no extraordinário apóstolo os ardores dum coração que jamais envelhece.

Esta nova fase de vida começou por dolorosa provação. Certa manhã de julho de 1765, ao celebrar o santo Sacrifício no retiro do Santo Anjo, voz misteriosa falou-lhe ao coração:

" Prepara-te para grandes sofrimentos " ,

palavras repetidas mais claramente no dia seguinte.

Impressionado, investigou quais seriam esses sofrimentos...

Vem-lhe ao pensamento o pe. João Batista, o irmão querido, o fiel companheiro de seus trabalhos, de suas penitências, o poderoso sustentáculo do Instituto, o conselheiro esclarecido de sua alma, o confidente dos segredos de sua consciência, irmão mais pela fé que pela natureza... Deus o chama., Deus levá-lo-á consigo!

Golpe terrível, seta a atravessar-lhe e a dilacerar-lhe o coração!

OS DOIS IRMÃOS

Paulo e João Batista eram dois corpos vivificados por uma só alma.. Cada qual vivia mais no outro que em si mesmo; tudo o que se passava num refletia-se no outro. As amarguras de Paulo, atrevas, as luzes, as perseguições humanas e diabólicas, as celestes consolações, tudo ele depositava na alma de João Batista.

Caracteres bem diversos, mas que se completavam no mais admirável laço de união.

Paulo era amável, afetuoso, embora ardente; de temperamento impetuoso, moderado todavia pela virtude.

João Batista era menos afável e mais severo; quiçá algo desabrido, mas refreava essa aspereza natural com notável candor. Em Paulo havia mais do Serafim que do Arcanjo; em João Batista, mais do Arcanjo que do Serafim.

Paulo era compassivo para com as faltas de seus filhos; João Batista, severo e intransigente. Não poupava ao próprio irmão. Eis por que Paulo mais o estimava: era-lhe não somente amigo e irmão, mas também guia fiel e seguro nas veredas da santidade.

Exceto a diferença de caráter, em tudo o mais, harmonia absoluta de sentimentos: o mesmo amor à soledade e à oração, a mesma generosidade no sacrifício, o mesmo zelo pela salvação das almas, o mesmo interesse pela glória de Jesus Crucificado.

A vida de João Batista se entrelaçara com a de Paulo. Compartilhou de seus trabalhos e, muitas vezes, dos favores do Céu.

Embora de caráter ríspido, João Batista era santo. O mesmo Paulo assim o considerava

" E' um santo homem, dizia aos religiosos, homem de vida interior. Sei que ele chora e reza sem cessar. Por vezes se esconde até de mim. Tem o dom das lágrimas e está em contínuos colóquios coar Deus " .

Diz por sua vez São Vicente Maria Strambi:

" Conserva-se entre nós a recordação de algumas passagens de sua vida, reveladoras das virtudes do padre João Batista e que justificam a alta consideração em que o tinha o pe. Paulo " .

Árvore de côdea algo dura, é verdade, mas de abundante e fecundo cerne. Homem de oração, mortificação e método; mais amigo das agruras da Cruz que de sua doce unção; alma sempre grande e magnânima nas maiores provações; alma em tudo coerente consigo mesma; apóstolo todo fogo em seu zelo, profundamente humilde, de amor ardente ao seu Deus: tal foi o pe. João Batista de São Miguel Arcanjo.

A terra era-lhe mísero desterro; vivia em continuo temor de ofendera N. Senhor. Chorava pelas desordens do mundo.

" Já estava sazonado para o Céu, escreve Strambi; era uma dessas pedras polidas e primorosamente trabalhadas, dignas da mansão celeste " .

MORTE DO PE. JOÃO BATISTA

O pe. João Batista adoecera de febre terçã, enfermidade passageira no entender do médico: Paulo, porém, repetia apreensivo:

" Meu irmão morrerá desta doença. Sei o que digo;
vê-lo-eis em breve " .

A febre progredia. Certo ele também do fim próximo, jazia no pobre leito, sempre absorto em altíssima oração. Paulo, por sua vez, estava de cama, prostrado por forte ataque de gota. Ambos se viam privados daqueles recíprocos estímulos que tanto, os fortificavam.

Passados alguns dias, Paulo melhorou. Apoiado em muletas, pôde arrastar-se até o leito do querido irmão, já quase moribundo,. Com ternura, perguntou-lhe

" Como vai, padre? "

Inspirando-se nas palavras e no heroísmo de Judas Macabeu, respondeu-lhe o enfermo:

" SI APPROPIAVIT TEMPUS NOSTRUM,
MORIAMUR FORTITER "

- se chegou o nosso tempo, morramos corajosamente (Mac. 9, 10).

Para melhor dispô-lo aos amorosos amplexos do Redentor,, discorria o santo sobre as incomparáveis belezas do paraíso; excitava-o a vivos sentimentos de fé, esperança e amor, ao perfeito abandono à vontade divina. Ajudava-o e o servia por si mesmo deixando transparece, a pesar seu, a profunda dor que o amargurava. À vista, porém, da resignação do enfermo, adorava o divino beneplácito.

Aconselhava-lhe o moribundo:

" Busquemos unicamente a glória de Jesus Crucificado.
Apascente o pequeno rebanho que o Pai celeste lhe confiou.
Atenção, muita atenção no admitir os postulantes e em fazê-los ordenar. Com essa diligência sereis poucos, é verdade mas, um batalhão escolhido, todo consagrado à glória de N. Senhor " .

Para fortalecer-lhe sempre mais a alma, o santo multiplicava as absolvições sacramentais. Perguntava-lhe amiúde se algo o inquietava.

" Nada " ,

respondia o enfermo, com o sorriso nos lábios.

Ao aproximar-se o momento fatal, suplicou-lhe Paulo dele se lembrasse no paraíso. João Batista, com simplicidade, o prometeu.

Entrou, finalmente, em agonia. Conservava o espírito fixo em Deus, único objeto de seu amor.

Paulo, conforme o costume do Instituto, convocou todos os religiosos à cela do moribundo e, com muita piedade e ternura, começou as orações da ENCOMENDAÇÃO DA ALMA. Todos choravam, desejando na hora suprema serem assistidos pelo santo Fundador.

Como se vislumbrara na frente do irmão as primeiras fulgurações da eterna glória, entoou com voz plangente, mas entusiasta, a SALVE-RAINHA, continuada pelos religiosos. Recitavam ainda essa belíssima oração e a alma de João Batista voava para o seio de Deus. Era

sexta-feira, 30 de agosto do ano de 1765. Contava 70 anos e alguns meses de idade.

Os santos não são insensíveis, pois a graça não destrói a natureza, mas a eleva e a enobrece. Mais do que ninguém possuem delicada e ardente sensibilidade.

Paulo tinha o coração lacerado. Era homem e não o dissimulava. A fé e o amor reprimiram-lhe até então as lágrimas, mas agora já as não podia reter. Como são Bernardo, em semelhante circunstância, pagou o tributo à natureza.

" Correi, correi, ó lágrimas, que já vos não posso reter! Já não vive quem as impedia de caírem... Não foi João Batista que morreu, fui eu, que não vivo senão para morrer " .

E prosseguia:

" Agora que meu irmão morreu, quem me mortificará, quem me corrigirá? Ah! tenho sobejos motivos para chorar; perdi o vigilante guarda da minha alma " .

E repetia:

" Quem me corrigirá os defeitos?... "

[S. 1. 768 § 63. Vida escrita pelo Pe. João Maria Cioni, ed. 1934, p. 215-221].

Pago esse tributo à natureza, depositou sua aflição nas chagas do Salvador, exclamando:

" OBMUTUI ET HUMILIATUS SUM - guardei silêncio e humilhei-me " .

Sl. 38, 30

As lágrimas deram lugar às orações em sufrágio da alma do falecido.

Ó Religião do Calvário, como és formosa e consoladora! Como elevas o homem, divinizando-lhe a dor!

O santo ancião, que apenas podia ter-se em pé, fêz questão de celebrar os funerais, mergulhando o morto querido no Sangue divino do Cordeiro. No decorrer das cerimônias, a voz de Paulo era um amálgama de lágrimas, de esperança, de resignação e de amor.

Interrogado pelo confessor, logo após a santa missa, onde estaria a alma do finado, respondeu

" Não posso negá-lo, senti imensamente a morte de meu irmão; no entanto, se Deus me perguntasse: Queres que ressuscite a teu irmão? Se o desejares, fá-lo-ei, mas eu prefiro que continue morto; eu logo responderia: Não quero, Senhor, senão o que quereis; morto também eu o quero " .

O conceito que são Paulo da Cruz tinha de seu irmão se deduz das seguintes expressões: o Pe. João Batista

" é tão assíduo na oração, que não há na
Congregação quem o iguale " ;

" teve uma morte verdadeiramente santa, como santa foi sua
vida " ;

" foi tal o concurso de povo, que foi preciso colocar
guardas junto ao seu cadáver " .

Assevera ainda que com suas relíquias muitos conseguiram graças.

Virtude tão heróica foi logo recompensada. Enquanto meditava estas palavras: REGEM CUI OMNIA VIVUNT, contemplando em Deu o Princípio de todos os seres, luz celeste lhe certificou que o irmão gozava da eterna bem-aventurança. A partir instante, sempre que falava de João Batista transfigurava-se-lhe o rosto e exclamava:

" Não, meu irmão não morreu... não morreu... ele
vive em Deus... "

UMA RESIDÊNCIA EM ROMA

O nosso santo havia muito desejava uma casa em Roma, mas, certo de que ainda não soara a hora da Providência, resolveu abrir, inteiramente, uma residência para poucos religiosos e que servisse de abrigo aos que necessitassem ir à Cidade Eterna.

No ano seguinte partiu para lá e, a conselho de Clemente XIII, obteve um casebre nas vizinhanças do Coliseu, na rua que ia dar à basílica de Latrão. E, sem mais, retornou ao retiro do Santo Anjo.

Seu grande benfeitor, Antônio Frattini, nobre romano, auxiliado por outras pessoas, encarregara-se das formalidades e gastos da aquisição e dos reparos no prédio.

Paulo profetizava que aquele pequeno grão de mostarda, lançado à terra pela divina Providência, tornar-se-ia frondosa árvore.

O vaticínio cumpriu-se ao pé da letra, como veremos.

Intitulou à pequena casa: Residência do Santo Crucifixo.

O pe. João Maria de Santo Inácio, com dois sacerdotes e um irmão leigo, todos de singular virtude, habitaram a residência. Lá viviam como no deserto, orando e penitenciando-se.

Como o snr. Frattini foi mais tarde ecônomo do nosso Instituto, oferece interesse a origem da amizade que o ligou para sempre ao servo de Deus.

Ia Frattini anualmente, em companhia do velho pai, a Sutri e a Vetralla, em visita a duas de suas irmãs, religiosas. Estas narraram-lhe coisas admiráveis a respeito de Paulo. Frattini, desejando conhecê-lo, dirigiu-se ao retiro do Santo Anjo, onde conferenciou com o santo por largo tempo. Conhecerem-se e amarem-se foi o mesmo. Daí por diante, sempre que visitava as irmãs ou mesmo por cartas, retemperava a alma nos conselhos de Paulo.

Adoecera o pai de Frattini; ele escreveu imediatamente ao servo de Deus,

recomendando-o às suas orações. Paulo respondeu

" De boa vontade rezarei por seu pai, posto que por agora nada haja a temer, pois ainda não chegou a sua hora " .

Algum tempo depois, recaiu o bom velho e Antônio sem mais notificou-o ao amigo. Pela resposta, temeu a morte do pai e do temor passou à certeza, quando soube por um religioso do Santo Anjo que o santo, ao recomendar o enfermo às orações da comunidade, afirmara várias vezes estar o ancião maduro para o Céu. O filho, aflito, preparou-se para o golpe, que não tardou a feri-lo.

Em outra circunstância, Frattini libertou-se de iminente perigo, e sua senhora recuperou milagrosamente a saúde pelas orações do servo de Deus.

Por tudo isso e ciente ademais dos dons sobrenaturais do santo, Frattini o venerava e professava-lhe terníssimo afeto.

ÚLTIMA VISITA À PROVÍNCIA DA CAMPANHA

Antes de deixar este vale de lágrimas, resolveu Paulo visitar pela última vez os retiros da Campagna e abraçar os filhos queridos. Anuncia-lhes a visita nos seguintes termos:

" Como meu estado de saúde e minha idade avançada fazem entrever a morte bem próxima, resolvi no Senhor ir dar-vos o último adeus e abraçar os meus amados irmãos... "

Em meio às lágrimas dos religiosos do Santo Anjo, temerosos de não mais o verem cá na terra, empreendeu a longa e penosa viagem, no mês de novembro de 1766, dirigindo-se para Montecavi. De lá seguiu para Terracina, onde passou muito mal. Após quatro meses de cruéis sofrimentos, com o aproximar-se da primavera pôde continuar a viagem. Celebradas as festas pascais em São Sósio, visitou Ceccano e, por último, Paliano.

MANIFESTAÇÕES POPULARES

Conhecido o itinerário, acompanhemos o santo na longa jornada. Caminharemos de triunfo em triunfo.

Os religiosos corriam de bem longe a encontrá-lo: júbilo, respeito, amor, todos os sentimentos da piedade filial se lhes estampavam no rosto, ao rever o Pai amado.

Com que ternura os abraçava, com que caridade os ouvia, solava e encorajava na via da perfeição. Assim fora sempre, mas agora, com o pressentimento da morte próxima, essas audiências tomavam caráter extremamente comovedor. Torrentes de ternura jorravam-lhe do coração com as últimas recomendações, no supremo adeus do pai aos filhos desolados. E a despedida?! Choravam os religiosos, e Paulo, profundamente comovido ao abraçá-los, misturava suas lágrimas às dos filhos queridos...

Acompanhavam-no com a vista e, quando o pai querido desaparecia no horizonte, retornavam ao convento, tristes, silenciosos...

Que diremos do entusiasmo dos fiéis? Oh! a terra bem compreende que entre ela e o Céu são necessários esses heróis de santidade, esses amigos de Deus, poderosos intercessores junto do divino juiz.

Eis o segredo dos admiráveis arroubos que se apossam das multidões à passagem dos homens de Deus, desses protetores e salvadores da humanidade.

Apenas corria a voz de que Paulo da Cruz estava para chegar, todos se punham em movimento nas cidades, vilas e aldeias. Convidavam-se mutuamente:

VAMOS VER O SANTO...

Foram verdadeiras multidões que se abalavam ao seu encontro.

Ébrios de contentamento, acompanhavam-no até a residência e, quando o santo ancião descia da carruagem, a que o obrigavam a idade e os incômodos, agrupavam-se-lhe ao redor a fim de beijar-lhe o santo hábito e as mãos.

Os mais indiscretos chegavam a cortar-lhe fragmentos do santo hábito e até dos cabelos. Todos queriam obter alguma coisa do homem de Deus, qual preciosa relíquia. Por vezes, para evitar acidentes, eram necessárias forças armadas.

Em Ceprano e Frosinone, o concurso foi tal, que os soldados com muita dificuldade conseguiram abrir caminho para a passagem do servo de Deus.

As residências cios benfeitores e até a solidão dos nossos retiros não eram refúgio seguro. Todos, queriam vê-lo, ouvi-lo, falar-lhe e gozar por instantes de sua presença.

O humilde religioso abria a todos, os braços de sua caridade; para todos tinha uma palavra de conforto, um conselho, uma advertência, recomendando sempre a meditação da sagrada Paixão e o amor a Jesus Crucificado.

Quando celebrava o santo Sacrifício, a igreja regorgitava de fiéis, como nas grandes festividades. E' que Paulo no altar excitava a fé e a piedade.

Os cânticos piedosos recordavam os dias felizes das missões, pregadas pelo grande apóstolo, cânticos que se faziam ouvir particularmente ao acompanharem-no ao longo das estradas.

Os lavradores, apenas o viam, deixavam os seus afazeres, os bois e as carretas, para lhe correrem ao encontro. Rodeavam-no e lhe pediam a bênção.

Estas cenas eram diárias.

De permeio com o povo havia pessoas da mais alta distinção: barões, condes, sacerdotes e até bispos.

Em Fondi, d. Calcagnini, apenas soube da chegada do santo, foi visitá-lo. Abraçou-o e, entre outras provas de afeto e veneração, convidou-o para, no dia seguinte, celebrar em sua capela particular.

Em Anagni, enquanto o prelado se entretinha com o servo de Deus em conferência espiritual e em consultas a respeito do governo da diocese, chegou o snr. bispo de Ferentino para conferenciar com ele. Em seguida, apesar dos protestos do homem de teve ele que atravessar a cidade entre os dois prelados, acompanhado de verdadeira multidão de fiéis. Mais tarde disse Paulo ao confessor:

" Jamais em minha vida experimentei tanta vergonha e confusão como naquele dia " .

Os alunos do seminário e os pensionistas foram incorporados receber a bênção do santo. As esposas de Cristo rogaram ao snr. bispo lhes enviasse o pe. Paulo para afervorá-las no serviço de Deus.

O ardente apóstolo pregou em diversos mosteiros. Às clarissas de Anagni discorreu sobre o texto do Apóstolo:

" Estou morto e minha vida está oculta em Deus com Jesus Cristo " ,

e fê-lo com tal fervor e unção, que as virgens do Senhor derramaram abundantes e doces lágrimas.

Essas demonstrações de afeto e veneração eram verdadeiro martírio para o coração do humilde religioso. Todavia, nenhuma tentação de vanglória o molestava, porque havia muito alcançara o grau de humildade em que o amor próprio se extingue inteiramente; havia tocado, digamo-lo assim, o TODO de Deus e o NADA da criatura. Admirava-se de

" não poder descobrir o motivo da veneração com que o recebiam por toda parte "

São palavras suas ao confessor.

Persuadiu-se de que estavam enganados, sendo ele a causa desse engano. Este o pensamento que o afligia, fazendo-o chorar e suspirar.

Oh! como desejaria fugir, ocultar-se e desaparecer dos olhos de todos, a fim de que ninguém fosse enganado! Para evitar essas demonstrações, partia de madrugada ou à noite, mas tudo em vão. Dir-se-ia que N. Senhor, tomando o partido do povo, se comprazia em pôr à prova a humildade de seu servo.

ACONTECIMENTOS PRODIGIOSOS

O leitor perguntará, com certeza: Como se explicam manifestações tão entusiásticas e gerais?

Pelo conceito que todos tinham de sua santidade e pelos prodígios que acompanhavam sua passagem.

Todos viam nele um reflexo das perfeições divinas ou, antes, o mesmo Jesus Cristo. Apenas se lhe aproximavam, eram curados os enfermos da alma ou do corpo, os desesperados recobravam a paz, os que jaziam em trevas reaviam a luz, os molestados por remorsos se compungiam.

As mães apresentavam-lhe os filhinhos para que os abençoasse, e os enfermos, carregados ou arrastando-se, dirigiam-se para onde ele devia

passar.

Em São Sósio, Ana Amatti, viúva de Falvaterra, tinha um filho com perigosa hérnia. A boa senhora levou-o ao venerável padre. Paulo o abençoou e, no mesmo instante, desapareceu a hérnia!.

Teresa Spagnoli, esposa de Vicente Mattia, cônsul em Terracina, que já sofrera a extração de um tumor no seio esquerdo, notou que novo tumor surgia no direito. Para não contristar o marido, ocultava o mal. Manifestou-o, todavia, ao servo de Deus. Este ordenou-lhe:

" Senhora, cale-se a respeito dessa enfermidade " .

Benzeu-a e, de volta à casa, Teresa teve a satisfação de se ver livre do mal e, o que é mais, desaparecera a cicatriz da operação.

Em Ceccano, certa mulher, que tinha uma mão paralítica, milagrosamente se viu curada com a aplicação de um pedaço da capa do santo.

Uma menina de dez a onze anos, chamada Gertrudes Ruggieri, de Sutri, ferira-se com um espinho na mão direita. Os médicos se viram incapazes de debelar o mal, que progredia, causando dores atrozes à pobre paciente.

Levada à presença de Paulo, um ano após o ferimento, este a benzeu com uma relíquia, recomendando-lhe prudência e oração. A pequena, ao beijar-lhe a capa, arrancou-lhe alguns fiapos. Jubilosa do piedoso furto, pediu a mãe lhos aplicasse na mão enferma. Dias após disse à mãe que sentia coceira na parte afetada.

" Confiança, minha filha, respondeu a mãe, o pe.
Paulo debelará o mal " .

Ao tirar as ataduras, notou que nada mais havia da ferida, nem mesmo a cicatriz.

" Vês, minha filha, diz chorando a mãe, o pe. Paulo
te curou. Deves rezar diariamente um pai-nosso e uma
ave-maria em ação de graças " .

Anuiu a menina e perseverou na promessa feita. Às vezes, porém, se esquecia quando chegava a noite, antes de deitar-se ou depois de já estar na cama, sentia pontadas na mão, do que se queixava singelamente à mãe. E esta:

" Recitaste o pai-nosso e a ave-maria? "

" Ai! me esqueci " .

Reparando a omissão, imediatamente passava a dor.

Por todos esses prodígios, crescia o entusiasmo do povo.

Como industriosa é a humildade para fugir das honras! Paulo começou a benzer a água com a relíquia da ss. Virgem e essa água operava milagres. Era Maria e não ele a taumaturga. A Nossa Senhora, portanto, e não a ele, deveriam dirigir-se aquelas homenagens, que tanto o afligiam.

Impossível fora relatar aqui todos os milagres operados pela água benta com a relíquia de Nossa Senhora. Narremos os seguintes.

Em São João Incário, cidade do reino de Nápoles, estava a expirar

certa pessoa. Apenas tocou com os lábios uma gota da água benta pelo santo, deixou o leito, como se despertara de profundo sono. O médico dirigiu-se a São Sósio para relatar a Paulo o ocorrido, acrescentando:

" Agora encontrei ótimo remédio para os meus clientes,
pe. Paulo; não prescreverei outro: é a sua água " .

Em Pastera, estava para expirar uma senhora devido a um parto prematuro. Fizeram-lhe beber daquela água obtendo feliz resultado.

José Maceroni, de Terracina, atacado de febre maligna, somente por milagre poderia escapar da morte.

" Pois bem, disse a mãe do enfermo, far-se-á o milagre
" .

Na manhã seguinte, de madrugada, foi ter com o servo de Deus; encontrou-o no altar a celebrar o santo Sacrifício. Apenas chegou ele à sacristia, lançou-se-lhe aos pés a pobre mãe e, chorando, lhe disse

" Pe. Paulo, os médicos desenganaram a meu filho...
Pe. Paulo, tenha piedade desta mãe... Piedade... "

O servo de Deus, comovido, respondeu:

" Deixe-me dar as ações de graças; depois falaremos "

Voltou Paulo com o pe. Nicolau da Coroa de Espinhos, a quem dissera:

" José não morrerá " .

E à desolada mãe:

" Coragem senhora, José não morrerá. Vou benzer a
água da ss. Virgem. Não duvide, seu filho não
morrerá. Chegando em casa, deu-lhe de beber desta água e
logo melhorará. Antes de dar-lha, reze uma ave-maria e
um gloria-patri em louvor da SS. Trindade. Creia-me,
ainda que esteja na agonia, recuperará imediatamente a
saúde " .

Parte a pobre mãe, dando-lhe asas à esperança. Ao entrar em casa, vê que estão preparando o remédio para o filho.

" Que é isto? " ,

pergunta ela. Ao receber a resposta retruca:

" O remédio está aqui. Todos de joelhos!... de
joelhos!... "

Ajoelharam-se todos como que eletrizados por aquela voz materna.

" Recitemos uma ave-maria e um gloria-patri. E' o pe.
Paula que ordena " .

Terminada a oração, dá uma colher de água benta ao filho moribundo. No mesmo instante começa a melhora. Dias depois vai o jovem agradecer ao servo de Deus, a quem relata a cura miraculosa.

" Não é a mim que você deve agradecer, mas às
fervorosas orações de sua mãe e à intercessão de Nossa
Senhora " ,

respondo Paulo.

Em meio de prodígios, de cânticos, festas e aclamações populares,
concluiu o santo a visita triunfal, para ocultar-se na residência do Santo
Crucifixo, em Roma. Lá chegou no dia 6 de maio de 1767.

Mas. as honras são como a sombra: perseguem aos que delas fogem. Paulo
não se vê livre de louvores. Apenas corre a notícia de sua volta, os mais
insignes personagens da cidade, cardeais particularmente o cardeal
Vigário, que largo tempo o tem em seus braços em prolongado amplexo,
cumulam-no dos mais ternos afetos e veneração.

Tão logo lho permitiram as forças, foi lançar-se aos pés do Sumo
Pontífice que, satisfeitíssimo por tornar a vê-lo, tratou-o
familiarmente e deu-lhe a bênção apostólica.

CAPÍTULO XXXII

1767 - 1769

Índice

GRAVE ENFERMIDADE

ASSALTOS DO DEMÔNIO

DESOLAÇÕES INTERIORES

ABANDONO POR PARTE DE DEUS

CANÇÕES DE AMOR

CAPÍTULO XXXII

1767 - 1769

GRAVE ENFERMIDADE

Os religiosos do Santo Anjo anseiam rever o pai amado. Paulo, por sua
vez, anela voltar àquele retiro, tão querido ao seu coração. Dias,
pesada Cruz o espera. Dias depois, de sua chegada ao Santo Anjo, é
atacado de violenta febre, sintoma de grave enfermidade.

Chama-se o médico. Com a simplicidade da criança, pôs-se Paulo em
suas mãos, sujeitando-se a remédios que, sabia, lhe seriam
prejudiciais.

De fato, atrofiaram-lhe por completo o organismo. Renovaram-se-lhe as
violentas dores de gota, ciática e reumatismo; quarenta dias de atroz
martírio. Não retinha o mais leve alimento.

A idade avançada e a gravidade da moléstia inspiraram sérios temores.

Recebeu por três vezes o santo Viático.

Que eram, porém, os sofrimentos físicos em comparação com as dores morais? Desamparo por parte de Deus, a par de furiosos assaltos dos demônios!

Chegados que somos ao ponto culminante destas estranhas provações, concentremo-las num só quadro.

ASSALTOS DO DEMÔNIO

Vamos referir, com lhanza, fatos extraordinários, indubitáveis e autênticos todavia.

Em França, os biógrafos de santos costumam, antes de entrar nesta matéria, fazer longas dissertações filosóficas, teológicas. etc.. Precauções, pois estamos em épocas dos ESPÍRITOS FORTES.

Julgamo-nos dispensados desse trabalho por uma razão bem simples: os chamados ESPÍRITOS FORTES, ridicularizadores da crença nos demônios e dos exorcismos da Igreja, encontram-se diante de fatos que lhes pedem pelo menos sérias reflexões. Nos últimos tempos, Satanás teima em zombar de seus zombadores, com estranhos fenômenos, explicáveis somente pela intervenção real do espirito da mentira.

Serve-se a Providência muitas vezes do demônio para plasmar os santos.

A Paulo da Cruz não podia faltar esse traço de semelhança com Jesus Cristo, que entregou o corpo ao arbítrio de Satanás nas provações do deserto e ao chegar o PODER DAS TREVAS nos dias da Paixão.

E' que Deus escolhera a Paulo, generoso atleta, para humilhar o gênio da soberba.

Jesus, dissera um dia ao nosso santo:

" Apraz-me vê-lo sob os pés dos demônios " .

Os espíritos infernais aproveitaram-se da permissão divina, já que a santidade de Paulo os exacerbava. Como vingança às derrotas sofridas, descarregavam-lhe todo o seu furor. Ouçamos ao nosso santo:

" O convento (do monte Argentário) está quase concluído. Espero inaugurá-lo na Quaresma. Oh! que alvoroço fazem os demônios! Somente Deus sabe como me acho

" .

Os demônios, já o dissemos, destruíam de noite o que se edificava de dia.

" Faz muito tempo que pobre ancião, encanecido no vicio, ouve, à noite, assobios que o fazem tremer. Garantiram-lhe, porém, que tudo há de passar e nada o prejudicará. Não vos amedronteis, pois N. Senhor combaterá por vós. ALLELUIA! ALLELUIA!

ALLELUIA! O demônio teme o ALLELUIA, palavra caída do Céu. Estou nas mãos da divina misericórdia, embora cruelmente atormentado pelos ministros de sua justiça e ainda mais pelos meus pecados " .

Os ataques diabólicos, inspirados sempre na mais entranhada malícia, revestiam-se, por vezes, de caráter de intrigas mesquinhas e pueris. Em se tratando de prejudicar, não têm delicadeza esses inimigos. Todos os meios lhes parecem bons. Para o êxito de seus tetricos projetos, não se envergonham de metamorfosear-se em animais, não, porém, como Deus os criou: nisto está o embuste.

Justo castigo do orgulho, a ensinar-nos que toda criatura, por mais sublime que seja, em pretendendo sobrepujar-se a Deus, inferioriza-se aos irracionais.

Apareciam-lhe freqüentemente sob horríveis formas, como de gatos selvagens, de cães raivosos ou de aves de rapina.

Para tornar mais divertidas suas chalaças, aproveitavam do tempo em que Paulo estava enfermo e desamparado de Deus.

Após prolongadas insônias, conseguia Paulo pegar no sono. Pois bem, os espíritos malignos interrompiam-no, com assobios, uivos, espantosos ruídos, simulando detonações de diversas peças de artilharia a um tempo.

Acordava o santo, sobressaltado.

Outras vezes, tiravam-lhe os cobertores ou caminhavam sobre a cama, como gatos.

Na grave enfermidade de Orbetello, passou quarenta dias e quarenta noites insone, atormentado de pungentes dores. Afinal, acalmado-se-lhe um pouco os sofrimentos, adormeceu. Imediatamente, infernal ruído o acordou. Eram os demônios a abrirem e fecharem com violência as portas de um móvel... O santo, com ar de desprezo, pô-los em fuga, podendo descansar por algumas horas.

Ao referir a aventura ao confessor, ele, que sabia unir a alegria à virtude, dizia-lhe a sorrir:

" Que lhe parece? Não diz o provérbio que o cachorro que dorme não caça?... Um pobre homem insone há quarenta dias e quarenta noites, despertado no primeiro sono!... E' isto, por ventura, agradável? " .

Estava o santo de cama com o mal de gota. O demônio, a fim de martirizá-lo, tomou-lhe o dedo mais dolorido e o torceu violentamente, fazendo-lhe experimentar dores inauditas.

Atacavam-no com mais furor, quando ocupado em afazeres da glória de Deus ou do bem das almas.

Ao começar a oração ou o Ofício divino, parecia-lhe desencadear-se o inferno... Se tomava da pena para escrever coisas de importância, o demônio, raivoso, rugia, espantosamente. Se nos recreios discorria de assuntos de piedade, de volta à cela tinha que haver-se com os espíritos infernais.

Ao rever as Regras das religiosas da Paixão, maltrataram-no os demônios a valer. Uma noite, mão invisível tomou-lhe da cabeça, batendo-a

violentamente de encontro à parede. O barulho despertou o enfermeiro, na cela contígua. No dia seguinte, perguntando-lhe o confessor como passara a noite, respondeu, sorrindo

“ O bom Deus não permite que as artimanhas dos demônios façam muito mal, mas bem é que não fazem ” .

E acrescentou:

“ O que os queima agora é o mosteiro! ” .

O que mais irritava a Satanás era a conquista de almas. Nos primeiros anos de residência no Argentário, descia Paulo aos sábados a Portércole, a fim de instruir o povo nos rudimentos da religião, passando a noite ao pé do Tabernáculo.

Os demônios esforçavam-se por amedrontá-lo com estrépitos infernais. O santo prosseguia a sua oração. De manhã, entregava-se às obras de apostolado com êxito correspondente à preparação.

Nas jornadas apostólicas, seguiam-nos os espíritos infernais, fazendo-lhe pagar bem caro as almas arrebatadas ao seu domínio.

À noite, batalhões desses espíritos entravam-lhe pelo quarto com alaridos de um povo amotinado. Puxavam-no da cama, arrastavam-no pelo assoalho, bradando enfurecidos:

“ Ah! Vieste atormentar-nos? Quantas almas já nos arrebataste!... ”

As meditações sobre a sagrada Paixão causavam-lhes grandes perdas. Confessaram pela boca dum possesso, que a santa missa celebrada pelo servo de Deus e a Paixão pregada por ele eram o que mais os afligia.

O inocente corpo de Paulo, especialmente as pernas estavam sempre chagadas pelos açoites dos demônios. (quantas manhãs encontravam-no pálido, lívido, obrigado a permanecer na cama, sem mover-se...

Regressava, certa feita, numa missão quando, ao sopé de alta montanha, nas vizinhanças de Feniglia, os demônios, de forma visível, colocando-se em ala ao longo da estrada, açoitaram-no cruelmente, como a soldado sujeito ao castigo das chibatadas.

Impossível referir todos os maus trato: infligidos pelos demônios ao servo de Deus; mas o apóstolo surgia sempre mais audaz desses combates e com a espada mais afiada para novas batalhas e novos triunfos...

Uma vez por outra tomavam os inimigos forma humana, pretendendo enganá-lo.

Em Santo Anjo, na enfermidade de que falamos no princípio deste capítulo, apresentaram-se-lhe no quarto seis ou sete personagens, que se diziam médicos. Vinham da parte do pe. João Batista anunciar-lhe que se preparasse para a morte. O desenlace ocorreria na próxima quarta feira.

O santo, percebendo imediatamente o embuste diabólico, respondeu-lhes que tinha médico em quem confiava plenamente e que, portanto, não fora necessário virem até o retiro por tão pouco. O dr. Mattioli tê-lo-ia avisado.

Com efeito, se aqueles médicos de nova linhagem pretendiam assustá-lo,

enganavam-se redondamente, pois o maior desejo de Paulo era deixar este desterro e voar para a Pátria celeste. O certo, é que os demônios desapareceram, envergonhados.

Em outra ocasião, estavam o pe. Paulo e um companheiro hospedados em casa de um nosso benfeitor. Mal se recolheram ao quarto, apareceu-lhes o demônio sob a figura de horrível gigante.

" Pe. Paulo " ,

perguntou transido de susto o companheiro

" Não está vendo? "

" Tranqüilize-se " ,

respondeu o servo de Deus, acostumado a tais visitas,

" tranqüilize-se, ele não veio para v. revcia " .

No dia seguinte percebeu o companheiro para quem viera o inimigo, ao observar as pernas do pe. Paulo lívidas pelos açoites recebidos durante a noite.

" Outros religiosos testemunharam as violências diabólicas no corpo inocente do pe. Paulo " ,

acrescenta são Vicente Maria Strambi, dando a entender, provavelmente, que. ele também o testemunhara.

Que valor não demonstrou nesses assaltos o servo de Deus?! Ele bem sabia que contra tais inimigos não cabem temores, mas confiança ilimitada no poder e na misericórdia de Deus.

Jamais pediu socorro, patenteando ao inimigo que o não temia. Convencido de que o espírito soberbo tem mais audácia que poder, opunha-lhe somente profundo desprezo. Armava-se do Crucifixo. coloca-a ao pescoço o rosário e, com voz possante, intimava-o, em nome de Jesus e Maria, a retirar-se.

Fugia, não há dúvida, mas para voltar com desdobrado furor.

DESOLAÇÕES INTERIORES

Não são os combates exteriores os mais penosos nem os mais cruentos. O rugido do leão adverte o peregrino; porém, é mais para temer a serpente que se oculta, silenciosa, na sombra.

Os espíritos malignos introduziam-se, sorrateiros, na alma de Paulo, para atormentá-lo. Inspiravam-lhe desgosto, fastio, profunda melancolia. Eis como se abre ao confessor:

" Estou fortemente tentado a fugir e ocultar-me nos bosques
" .

Excitavam-lhe a ira, em violentos acessos de cólera. Que martírio! Ele se tornava insuportável a si mesmo. Em tais circunstâncias, isolava-se, temendo proferir palavras de impaciência. Sorria o herói a

sós e em silêncio, por amor de Deus.

Assaltavam-no horríveis tentações de blasfêmia e desesperação. Em impetuosas arremetidas, instigavam-no ao suicídio.

Em conferência com o diretor, disse-lhe que tivera forte tentação de lançar-se pela janela. Tentações a respeito da PREDESTINAÇÃO eram as que mais o molestavam. Vinham-lhe à mente toda sorte de sofismas e se lhe apresentavam com tais subtilezas, obrigando-o a empregar grandes esforços para debelá-los.

Nos momentos de abandono e trevas, mais persistentes se tornavam os ataques.

Essas tentações, ao passo que lhe multiplicavam os méritos, amestravam-no outrossim na difícil arte da direção das almas. Nos ensinamentos ministrados por Paulo, ele nos revela o segredo de seus triunfos.

" E' necessário, dizia, pôr freio ao demônio, resistir-lhe valorosamente, desprezar-lhe as investidas "

Escrevia ao mestre de noviços:

" Não me admiro das tempestades e combates que me suscitam os demônios, porque, enfim, está escrito que o PECADOR SERÁ ATRIBULADO SOBREMANEIRA, compadeço-me, todavia, desses jovens inocentes " .

" E' necessário barrar o inimigo, mostrar-lhe os dentes, como se costuma dizer, e vexá-lo com ordens perentórias... Escreva essas ordens, dê-as em voz alta, revestido de estola; coloque-as à porta da cela com fé ardente e recite-as com grande autoridade em nome de Jesus Cristo " .

A uma religiosa, escrevia:

" Arme-se sempre de fé, de confiança em Deus e de profundíssima humildade de coração. Reitere suas ordens ao demônio para piou se retire em nome de Jesus e se vá ao abismo, em que o precipitou o orgulho. Nada de temor. Essas aparições diabólicas, com as terríveis tentações que as acompanham, são excelentes indícios, e as aflições que sente é o fogo que há de purificá-la e prepará-la para uma maior união com Deus... Oh! que excelente trabalho!... Profunda humildade!... silêncio e abnegação respeitosa `diante de Deus!... esse o meio para voar bem alto. Embora se encontre na solidão interior, repousando docemente no seio do Pai celeste, suspire como criança e diga-lhe da obstinação de Satanás em a tentar. Ele está ao par de tudo, mas faz questão dessas lamentações e gemidos infantis. Peça-lhe, profundamente humilhada, não permita ao demônio molestá-la com essas horríveis aparições... Abandone-se à sua ss. vontade. Este deve ser o seu contínuo alimento. O doce Jesus sempre se alimentou da vontade do Pai, que se comprazia em vê-lo num oceano de dores. Seja magnânima; não se assuste com a presença do

demônio: permaneça oculta em Deus e nada a prejudicará. Quando vir esses fantasmas, não abandone a oração; ao contrário, fortaleza e constância! Não deixe o lugar em que se acha, e o demônio fugirá, confundido. Ânimo, pois! Jesus deseje santificá-la. Jesus abençoe... "

Mais perigoso é. quando se transfigura em anjo de luz.

O bom padre, sempre alerta em se tratando do bem espiritual de seus filhos, escreve o seguinte:

" No que respeita ao irmão N., espero não haja engano; mas o demônio freqüentemente se faz de macaco, com pretexto de bem... Dessas lutas pode resultar algum secreto orgulho. Deve, portanto, avisá-lo que, se por um pecado venial se merece o purgatório com seus horríveis tormentos, não é para maravilhar-se que a Bondade divina permute essas penas em leves sofrimentos neste mundo. Que se humilhe, resigne e abandone, com plena confiança em Deus, concentrado sempre em seu nada... "

O santo era o primeiro a seguir fielmente essas lições tão conformes aos ensinamentos do Espírito Santo.

ABANDONO POR PARTE DE DEUS

Mas, que são todos os assaltos do inferno em comparação com as provações divinas? Cerca de cinquenta anos viveu Paulo em trevas, aridezes espantosas e desolações internas. De tempos a tempos um raio de luz vinha espancar essas trevas, como nas prisões dos mártires.

N. Senhor, que se comprazia em fazer-se procurado pelo servo fiel, privava-o da doçura das consolações e das luzes com que outrora o favorecia. Permanecia no âmago de seu coração, mas, Paulo só o via irritado contra si!

Eis o término da Paixão: o cimo da Cruz, o desamparo do Calvário. A paz, a luz, o amor, tudo desaparecera. O espírito de Paulo jaz submerso num oceano de tristeza, envolto em densas obscuridades: Deus se retirara e escondera. Já o não vê em sua alma, nem o percebe no coração. A fé ocultara-se em noite lúgubre. O Céu já lhe não pertence; escancara-se-lhe aos pés o bátrio infernal!... Desamparado do Céu e da terra, pede ajuda, implora um raio de luz... Nada, ninguém responde... apenas o tétrico silêncio de morte.

" Paulo, escreve são Vicente Strambi, foi martirizado pelos demônios, perseguido pelos homens e provado por Deus com dolorosas enfermidades: nada obstante, não foram essas as mais terríveis provações. O cravo que lhe trespassou o coração, a suprema agonia de sua alma, foi o temor de haver perdido a Deus, de jamais poder contemplar-lhe o divino rosto. O pobre Paulo que, abrasado de amor, desde a mais tenra idade aspirava por essa união!... que, para possuir eternamente o seu Deus, tudo abandonara; que, para agradar-lhe, houvera sacrificado mil vidas... perdê-lo, e perdê-lo para sempre?! Para ele não há mais lenitivo nem consolo. Seu coração lança-se para Deus com todas as forças... mas é repellido, golpeado, ferido por mão

de ferro... "

Ó abandono do Gólgota! Ó trevas espantosas! angústias, agonias, desolações!...

Não há negar, o nosso santo tragou até a última gota o cálice do Redentor.

Desse profundo abismo, em meio das ondas encapeladas pela furiosa tempestade, perseguido por todos os lados, o coração trespassado, respirando com dificuldade, desprende-se-lhe do peito o brado do abandono, o lúgubre lamento:

" MEU DEUS, MEU DEUS, POR QUE ME
ABANDONASTES? (Mat. 27,46). Oh! em que estado me
acho! Temo a cada instante a voz do Senhor, ordenando à,
terra que me trague!... "

" Estou em meio dos combates, - escrevia a um de seus
religiosos - mas Deus não permite que isto se manifeste no
exterior. Até no sono me persegue a tormenta e desperto a
tremor. -Já faz anos que me encontro neste estado... "

" Grande Cruz pesa sobre mim há tanto tempo, sem
consolação alguma. Comparo-a ao granizo, pois de todo se
lhe assemelha. Estou como um homem em alto e revoltado mar e
ninguém me apresenta uma tábua de salvação. Resta-me,
todavia, um raio de esperança, bem fraco, é verdade, que
apenas o diviso " .

" Imaginai, prosseguia, imaginai pobre náufrago agarrado
a uma tábua: cada onda, cada lufada de vento o
apavora... vê-se no fundo do mar... Imaginai um
condenado à força: palpita-lhe o coração e estremece sob
o peso de contínuas ansiedades. Oh! que horrível
expectativa! Julga continuamente haver chegado a hora
fatal... esse o estado de minha alma! " .

Seu único refúgio era o abandono em Deus. Como Jesus, desamparado, ele se lança nos braços do Altíssimo:

" MEU PAI, EM VOSSAS MÃOS ENTREGO
MINHA ALMA (Luc. 23, 46) " .

Exclamava ainda:

" Podeis fugir, ó meu Deus: seguir-vos-ei sempre,
sempre serei vosso filho... "

Ouviram-no protestar, na cela, com indizível ênfase:

" Não desejo outro bem senão ao meu Deus. Ó bondade
infinita do meu Jesus!... Fugi, ó Senhor; fugi para
onde quiserdes, que eu serei vosso e vos seguirei sempre:
sim, serei sempre e inteiramente vosso " .

De tempos a tempos, em meio deste oceano de sofrimento, alçando a cabeça sobre as ondas, canta-a com santo entusiasmo.. O canto é a efusão das grandes almas. Todos os santos cantaram os mártires do sangue, nos patíbulos; sobre o altar do sacrifício, os mártires da caridade.

Nos cânticos de amor de Paulo da Cruz retratam-se os cânticos de amor dos Franciscos de Assis e das Teresas:

AMOR AO SOFRIMENTO

E' na Cruz que o santo Amor
A alma amante purifica,
Quando férvida, constante,
A Ele toda se dedica.

Quem me dera descrever
O tesouro alto, divino,
Que encerrou no sofrimento
O grande Deus Uno e Trino!

Mas, por ser grande segredo,
Só revelado cio amante,
De longe apenas o admiro
Eu, que sou pobre ignorante.

Quão feliz o coração
Que, na Cruz abandonado,
Se consome em santo amor,
Entre os amplexos do Amado!

Mais ainda é felizardo
Quem, no seu puro penar,
E' em Cristo transformado,
Sem a sombra do gozar.

Oh! feliz é quem padece
Sem apego ao seu sofrer,
P'ra mais amar quem o fere,
Só buscando a si morrer!

Com Jesus à Cruz pregado,
Eu te, dote esta lição;
Muito mais aprenderás
Quando imerso na oração. Amém.

Coisa admirável! Quando Paulo sofria maiores aridezes, trevas e abandonos da parte de Deus, então é que lhe brotavam da coração vivíssimos transportes de amor e puríssimas luzes do Céu. Mas, ainda assim, se lhe ocorria a idéia da condenação, tremia dos pés à cabeça, fazendo tremer aos seus ouvintes. Mesmo nessas ocasiões, porém, compreendia, à primeira palavra, o estado das almas, divisava os perigos e as dificuldades, inspirando-lhes coragem, sugerindo-lhes os meios eficazes para vencerem as tentações e se disporem aos favores celestes.

Estava em trevas e espargia luz; em aridezes e abrasava. os corações; em desolações e consolava maravilhosamente as almas!

Quem lhe desconhecesse o interior, tê-lo-ia por alguém que nadasse em grandes consolações. E' que as virtudes varonis não necessitam das doçuras concedidas à debilidade dos principiantes.

N. Senhor, ocultando-lhe os méritos, ocultava-lhe outrossim o estado de sua alma. Eis a razão por que, hábil no consolar a outrem, não conseguia elevar-se do abismo de amarguras em que se achava, nem valer-se dos conselhos dados às almas ou encontrados nos livros.

Dizia ao diretor:

" Estou envolto em trevas e obscuridade; agitado de temores e inquietações, não encontrando nenhum livro que me auxilie e tranqüilize. Li o tratado místico de Taulero: deparei com alguma coisa, mas não me satisfiz... E' mister continuar vivendo entre ondas e tempestades " .

Ainda lobrigaremos na alma do servo de Deus alguns relâmpagos, ainda ouviremos alguns ribombos de trovões, mas serão tormentas de verão, logo dissipadas pela bonança e pela serenidade, prêmio das lutas passadas, penhor da eterna tranqüilidade do paraíso.

CAPÍTULO XXXIII

1769 - 1770

Índice

MORTE DE CLEMENTE XIII

CLEMENTE XIV

SOLENE APROVAÇÃO DAS REGRAS

PAULO PREGA O JUBILEU EM ROMA

O PAPA O DETÉM EM ROMA

CAPÍTULO XXXIII

1769 - 1770

MORTE DE CLEMENTE XIII

Aos dois de fevereiro de 1769 os monarcas católicos da Europa, por iníquas e cruéis perseguições, faziam baixar ao sepulcro nobre e santo ancião.

Clemente XIII alou-se para o seio de Deus, a fim de receber o galardão de seus combates. Conhecemos os íntimos laços de amizade que o unia a Paulo da Cruz. O nosso santo chorou a viuvez da Igreja e a perda do santo amigo.

Debilitado como estava, fêz questão de celebrar missa solene pelo finado Pontífice.

" Sinto verdadeira mágoa, escrevia, por essa infausta noticia. Esta manhã celebrei solenemente a missa pelo

descanso de sua alma, aplicando-a outrossim para obter da Bondade divina santo Pastor para a Igreja. Depositei os corações dos cardeais nas chagas de N. Senhor, de modo especial o de Galganelli... "

CLEMENTE XIV

Terminada a santa missa, disse a um de seus religiosos

" Mergulhei os corações dos cardeais no Sangue de Jesus; o que mais resplandecia era o de Ganganelli " .

Paulo só conhecera Ganganelli em 1766, por ocasião de uma visita que fez a sua eminência. Desde essa primeira entrevista fascinaram-no e o edificaram as eminentes virtudes do prelado. Teve, ademais, tão claro conhecimento de sua futura elevação ao Pontificado que, ao sair da audiência, profetizou

" Oh! Este será Papa " .

Uma voz interior lhe segredava:

" Eis o Soberano Pontífice que dará a última demão no Instituto " .

Admiremos, de passagem, a divina Providência, unindo sempre ao santo, em cordial amizade, os cardeais predestinados à Sé Apostólica, a fim de facilitar, em meio de mil dificuldades, o estabelecimento do novo Instituto.

De regresso à casa dos Angeletti. afirmou sem hesitação:

" Ganganelli não acaba assim: será mais do que cardeal, subirá mais alto... " .

Em 1767 foi o cardeal visitá-lo na humilde residência do SS.. Crucifixo. Após cordial conversa, ao retirar-se, enquanto abraçava o servo de Deus, dizia-lhe

" Pe. Paulo, estou ao seu inteiro dispor, no que puder fazer por V. Paternidade e pela Congregação " .

" Eminência, replicou Paulo, virá o tempo em que poderá e, de fato, fará muito pela minha Congregação " .

E repetiu por três vezes as mesmas palavras. O Príncipe da Igreja ponderou:

" Pe. Paulo, nem sempre as coisas sucedem como nós as desejamos " .

" Não será conforme nós desejamos, sentenciou Paulo, mas segundo o beneplácito de Deus " .

E, com o rosto abrasado, voltou-se para Antônio Frattini e acrescentou:

" Eis, Frattini (e aponta com o dedo a Ganganelli),
eis o sucessor do Papa atual. Vê-lo-eis em breve " .

E animando-se sempre mais:

" Não sou profeta, nem filho de profeta, mas não sou eu
quem fala, é Deus que me faz falar. Vê-lo-eis, sim,
vê-lo-eis em breve " .

O cardeal fita Frattini e diz apenas:

" Frattini " ,

e põe o dedo nos lábios, significando-lhe que deveria guardar silêncio
sobre a predição de Paulo.

Durante o conclave, o servo de Deus recebeu em Santo Anjo uma carta,
anunciando-lhe ser voz corrente que o cardeal Stoppani seria o futuro Papa.
Ao lê-la, pôe-se a menear a cabeça, asseverando a dois de seus
religiosos:

" Stoppani, não, não; Ganganelli será o novo Papa " .

O pe. José Jacinto de Santa Catarina, ao chegar de Roma para o
Capitulo geral, foi pedir a bênção do servo de Deus.

" Que se diz em Roma sobre a eleição do novo Papa? " .

perguntou-lhe Paulo.

" O nome do cardeal Stoppani está em todas as bocas " ,

respondeu o religioso.

" Oh!, replicou o santo, não será ele " .

" Quem será, então? " .

" Ganganelli " .

" Como sabeis que Ganganelli será Papa? " ,

perguntou o pe. Jacinto.

Paulo, com semblante grave e recolhido, respondeu

" Estou tão certo disto, como estou certo de ter este
lenço na mão " .

Tinha sobejas razões para assim falar, escreve são Vicente Maria
Strambi, porque, conforme declarou por diversas vezes ao confessor, salvo as
luzes recebidas a respeito da fundação do Instituto, nada lhe fora mais
claramente revelado do que a exaltação de Ganganelli ao Pontificado.
Quando se reflete nas intrigas das cortes européias a respeito dessa
eleição, deve-se concluir que era impossível, humanamente falando,
prever-lhe o resultado. Citemos o pe. Cordara:

" Nas reuniões de cardeais, ninguém pensava em
Ganganelli para elevá-lo ao pontificado... Foi eleito

como era de praxe e por unanimidade de votos... Foi questão de horas... "

O pe. de Novais atribula-o à maravilhosa disposição da Providência.

Consulte-se um dos mais formosos monumentos históricos dos nossos tempos: CLEMENTE XIII E CLEMENTE XIV, pelo pe. de Ravignan, Tomo I, cap. VII.

Um mês antes da eleição, disse Paulo a Romano Tedeschi, nosso benfeitor de Ronciglione, em visita ao santo:

" O senhor, que mora em Ronciglione, por onde passa o correio, logo que souber da eleição de Ganganelli, mande-me buscar. Quero ir beijar-lhe os pés " .

Aos dezenove de março de 1769, Ganganelli era eleito Papa, sob o nome de Clemente XIV! Tedeschi e mais alguns amigos correram a Santo Anjo levar a boa nova. O dedicado benfeitor fez questão de transportar a Roma o santo ancião, obrigado, por grave enfermidade, a viajar de liteira. No dia 25 de março, de madrugada, estavam em Ronciglione, mas, como todos desejavam confessar-se ou aconselhar-se com o santo, somente na manhã seguinte puderam prosseguir viagem. À tarde já se achavam na residência do Santo Crucifixo.

O novo Pontífice não perdera de vista a Paulo. Certo dia, em conversa com mons. Angeletti, seu camareiro secreto, grande amigo e benfeitor da nossa Congregação, asseverou-lhe:

" Sem dúvida alguma, por estes, dias estará em Roma o pe. Paulo " .

" Impossível, Santidade, respondeu Angeletti, ele está enfermo, podendo apenas mover-se " .

" Não importa, tornou o Papa que conhecia bem o coração do santo, não importa: ele virá " .

Ao saber de sua chegada, desejou vê-lo imediatamente, enviando um de seus coches à residência do Santo Crucifixo.

Uma carruagem do palácio apostólico!... Imaginemos a confusão do humilde religioso, ao ver-se transportar ao Vaticano com tanta honra.

Que contraste com o passado! Ao confessor, que o acompanhava, disse o santo:

" Quantas vezes percorri estas ruas, descalço. Quantos trabalhos suportei nesta cidade para o progresso da santa obra da Congregação!... "

Respondeu-lhe o confessor:

" Agora colhe v. revma. os frutos desses trabalhos...
"

Chegados ao palácio, introduziram-nos imediatamente, por cena do Pontífice, ao gabinete papal. Apenas o viu, levantou-se o - to Padre e correr a abraçá-lo com verdadeira efusão de alegria... Fê-lo sentar-se a seu lado. ordenou que pusesse o solidéu. dando-lhe mil provas de carinho.

Comoveu-se o santo ancião, derramando muitas lágrimas.

Após prolongado e íntimo colóquio, animado o servo de Deus por recepção tão cordial, suplicou humildemente ao Santo Padre se dignasse aprovar solenemente a Congregação. Respondeu-lhe Sua santidade que o faria de bom grado.

Depois de uma hora de audiência, tomou o Papa pelo braço o santo amigo e, com insigne benevolência, acompanhou-o até a porta. Aos protestos de Paulo, respondia o Pontífice:

" Deixe-me, deixe-me praticar a caridade " .

Aos dezoito de junho voltou Paulo à audiência de Clemente XIV para apresentar-lhe o MEMORIAL, pedido de aprovação das santas Regras e dos privilégios das demais Congregações e Ordens religiosas. O Soberano Pontífice, que o venerava como santo, acolheu-o com a mesma benevolência da primeira vez. Dignou-se apresentar-lhe uma cadeira, ajudando-o a sentar-se. Disse que iria pessoalmente examinar o memorial e as santas Regras. O padre Consultor Geral, aludindo a Bento XIII, que facultara ao santo Fundador reunir companheiros, atreveu-se a dizer que um filho de são Domingos dera o nascimento ao Instituto da Paixão...

" Pois bem, interrompeu Clemente XIV sem dar-lhe tempo de completar o pensamento, um filho de São Francisco o aperfeiçoará... "

Paulo, por sua parte, disse ao Santo Padre que esperava visitar, no dia da Assunção, a imagem da ss. Virgem em Santa Maria Maior, na capela Borghese, a fim de agradecer à Mão de Deus a confirmação do Instituto com novos privilégios.

Na véspera da Assunção, após quarenta dias de exame, os dois comissários, mons. Galada e mons. Garampi, mais tarde cardeais da santa Igreja, notificaram ao Santo Padre seu voto de aprovação. No dia seguinte, Sua Santidade enviava à residência do Santo Crucifixo o pe. Sangiorgio, seu confessor, a fim de comunicar a Paulo que seus anseios estavam satisfeitos e que já providenciara o despacho do Breve para a nova confirmação das Regras com Bula de aprovação.

Não se pode exprimir quão sensibilizado ficasse o coração do santo à cortesia do Pontífice e à proteção de Nossa Senhora.

Voou, pois, a Santa Maria Maior, onde, precisamente a cinqüenta anos, ante aquele comovente ícone, emitira o voto de propagar a devoção à sagrada Paixão de N. Senhor Jesus Cristo.

Apesar da idade avançada e cios graves incômodos, assistiu quase sempre de pé o Ofício divino, rendendo vivíssimas ações de graças a Deus e à ss. Virgem.

Por carta circular, comunicou a grande mercê a todos os religiosos, ordenando solenes ações de graça.

Passados alguns dias, foi o ven. Fundador agradecer ao Santo Padre.

Como sempre, cordialíssima foi a recepção. Depois de familiar palestra, com simplicidade infantil, disse Paulo a Clemente XIV:

" Santo Padre, como hei de pagar as despesas do Breve?

" ,

e assoprando levemente na mão, acrescentou:

" Tenho apenas isto " .

O Santo Padre, comovido, respondeu-lhe sorrindo

" Pe. Paulo, deveis bem mais do que pensais, porque, além do Breve, vou dar-vos também urna Bula... Não penseis mais nisto: conheço bem a vossa pobreza " .

Paulo retirou-se plenamente consolado.

Por mais que se apressasse, sempre levou algum tempo: mas finalmente ficaram prontos os dois importantíssimos documentos. O Breve, com data de 15 de novembro de 1769, confirmava as Regras; a Bula, com data do dia seguinte, aprovava solenemente o Instituto. Ao invés de expedi-los, num rasgo genial de extraordinária bondade Clemente XIV encarregou um prelado de levá-los pessoalmente ao servo de Deus, qual presente precioso, no dia 23, festa de São Clemente.

Paulo osculou respeitosamente a Bula, rica de mercês e privilégios, e, colocando-a sobre o altar, reuniu a pequena comunidade para o hino de ação de graças à divina misericórdia, sempre liberalíssima em seus favores.

PAULO PREGA O JUBILEU EM ROMA

No mesmo ano, conforme a praxe, publicara Clemente XIV um jubileu extraordinário pela sua elevação ao sólio pontifício.

Santos e ardorosos missionários deveriam pregar missões nas principais igrejas de Roma, a fim de disporem as almas ao precioso tesouro das indulgências. O Santo Padre incumbira ao cardeal Vigário da escolha, com a condição, porém, de não faltar o grande apóstolo (Ia, Paixão, caso seu estado de saúde o permitisse. Foi o cardeal pessoalmente à residência do Santo Crucifixo comunicar a Paulo os desejos do Pontífice.

Escusou-se por modéstia o humilde ancião, alegando o peso dos anos, o estado de saúde e a quase completa surdez. Respondeu-lhe o cardeal:

" Pe. Paulo, possúis excelente voz; quanto à surdez, basta que não sejam surdos vossos ouvintes " .

Reconhecendo sempre na vontade dos superiores a vontade de Deus, submeteu-se à obediência, preparando-se, com o estudo e a oração, para essa última batalha por Deus e pelas almas.

Colonna pôs à escolha do servo de Deus três igrejas: São Carlos no Corso, Santo André delle Araste, freqüentada pela alta sociedade romana, e Santa Maria da Consolação, em arrabalde de gente pobre.

Como era de esperar, preferiu Paulo a última, dizendo que N. Senhor o enviara a evangelizar os pobres:

" EVANGELIZARE PAUPERIBUS MISIT
ME (Luc. 4, 18) " .

Não esteve sua eminência pela escolha. Admirou a humildade do santo, mas desejava campo mais vasto ao zelo do apóstolo, para mais abundantes serem os frutos de suas palavras.

" V. revma. pregará na basílica de Santa Maria do
além-Tibre " ,

concluiu o cardeal.

Iniciar-se-ia a missão no dia 10 de setembro; dias antes violenta febre prostrou o santo missionário. Afligiu-se deveras o Soberano Pontífice, enviando imediatamente ao Santo Crucifixo o próprio confessor para consolar o amigo e seu médico para o tratar.

Comoveu-se o humilde religioso à afetuosa solicitude do Pontífice, exclamando, a chorar:

" Donde a mim tanta ventura? Eu, o menor filho da santa
Igreja...? "

Geral foi o desapontamento, quando viram no púlpito, ao invés do célebre missionário, a um de seus filhos, mas o desapontamento se converteu em angústia ao saberem do motivo da substituição.

Verdadeira multidão dirigiu-se ao Santo Crucifixo para saber da gravidade da doença e se ainda havia esperança de ouvi-lo,

O anelo do povo e a mágoa do Pontífice conseguiram de Paulo um ato heróico. Debilitado pela febre, convalescente ainda, levantou-se do leito e dirigiu-se ao combate!...

" Se aqui me encontro, exclamava o atleta de Cristo ao
imenso auditório, se aqui me encontro, devo-o ao valor da
obediência ao Santo Padre " .

Geral era a comoção ao contemplarem o venerando ancião, levado ao púlpito pelos braços de pessoas caridosas. Todavia, na cátedra da verdade, ele se transformava. Apoiado ao bastão, descalço, de cabeça descoberta, como em anos passados, o zelo renovava-lhe as energias. O fogo da juventude reanimava-se-lhe nos olhos; a voz, sempre vibrante e sonora, verberava os vícios ou magnificava a virtude. Quando discorria sobre a Paixão de Senhor, desfazia-se em lágrimas e obrigava a todos a chorarem com ele.

Roma em peso se comove: nobres e plebeus, prelados e cardeais, todos ouvem aquela sublime linguagem como eco do Céu, onde já pairava a alma do apóstolo.

Aumentava dia a dia o concurso do povo. Tornando-se pequena a imensa basílica, teve que continuar as pregações na praça fronteira. Mesmo assim, milhares de pessoas foram obrigadas a retirar-se sem terem a consolação de ouvir a voz do Pregador.

Terminado o sermão, precipitavam-se sobre o santo: todos queriam tocar-lhe as vestes, beijar-lhe as mãos, vê-lo de perto. Homens vigorosos e uma companhia de soldados, mandados pelo cardeal Panfili, a custo conseguiam protegê-lo da multidão.

O Sumo Pontífice desejava, todas as noites, ter notícias do amigo, especialmente de sua saúde e do êxito de seus sermões. Satisfeito dos frutos colhidos pelo seu povo de poma, assim se expressava:

" Deixai-o fazer, deixai-o fazer " ,

como se dissera: veremos outros prodígios.

Foi o que sucedeu: a voz do apóstolo sacudiu toda Poma. Sua palavra poderosa repercutia em todas as igrejas, impulsionando irresistivelmente todas as almas. E' que Deus se comprazia em coroar, com a mais brilhante e fecunda das missões, no centro do catolicismo, na cidade dos grandes Apóstolos Pedro e Paulo, um apostolado de cinquenta anos...

Na abundância de tão rica messe, apanhemos humilde flor, desconhecida aos olhos do mundo, mas toda fragrância aos olhos de Deus.

Enternecida com as palavras de Paulo sobre a Paixão de N. Senhor, a jovem princesa de Carignano sentiu nascer-lhe na alma imenso prazer pelas coisas do Céu. Renunciou aos prazeres mundanos, aos esplêndidos saraus, às estéreis frivolidades do século, para, de ajuste com seu marido, príncipe Dória, viver unicamente para Deus. Seu palácio tornou-se verdadeiro claustro.

Mudança tão repentina foi causa de murmuração entre os adoradores do mundo. Pesarosos pela ausência de unia princesa que, pela distinção da juventude, pelos dotes de inteligência e pela magnitude das riquezas, era o atrativo e o encanto das brilhantes reuniões, caluniaram-na de que os escrúpulos lhe haviam perturbado o juízo. Paulo, penalizado por essas calúnias, exclamou:

" Que glória para Roma se pudera ufanar-se de possuir muitas loucuras como esta! "

O servo de Deus animava-a à perseverança em meio dos doestos insensatos. Seus conselhos chegavam à jovem princesa por intermédio de santo sacerdote. O fulgor das virtudes da princesa fêz com que todos reconhecessem naquela alma o modelo da nobreza romana. Pregado o último sermão com força prodigiosa, fugiu Paulo dos aplausos, ocultando-se no Santo Crucifixo, para lá viver no recolhimento e na oração.

Com a definitiva e solene aprovação das Regras, julgava terminada a sua missão. Nutria um único desejo: retirar-se à solidão do Santo Anjo e ali terminar seus dias na paz do Senhor, dormindo o último sono ao lado de João Batista, o saudoso irmão.

Para despedir-se da Cidade eterna e enriquecer a alma com os tesouros das santas indulgências, visitou, em outubro, as sete basílicas.

Os grandes santuários, as relíquias dos mártires, notadamente dos Apóstolos Pedro e Paulo, seus patronos, reanimaram-lhe sobremodo o fervor.

O PAPA O DETÉM EM ROMA

Disponha-se a partir, quando o cardeal Vigário, informado de sua resolução, foi ao Santo Crucifixo dissuadi-lo de deixar Roma. Como nada

conseguisse, levou ao conhecimento do Pontífice o projeto do santo Fundador.

Clemente XIV, não consentindo que Roma perdesse tão rico tesouro e, ademais, desejando-o sempre junto a si, disse-lhe com paternal afeto:

" Eu sei o que v. revma. irá fazer no seu retiro do Santo Anjo. Rezará para si, por Nós, por toda a Igreja... Pois bem, o mesmo poderá fazer aqui em Roma e melhor ainda " .

Inclinou o humilde religioso a cabeça. Deus falara pelos lábios do Papa; ele obedecerá.

Agradou a Clemente, exímio juiz em se tratando de virtudes, essa admirável submissão. Ele irá recompensar o heróico sacrifício.

Por ocasião do santo Natal, foi Paulo, conforme costumava, Sua Santidade. Patenteando o Pontífice, como sempre, afeto, fê-lo sentar-se a seu lado e pronunciou as seguintes

" Pe. Paulo, já que v. revma. se rendeu de pronto ao desejo ir cardeal Vigário e ao Nosso, permanecendo em Roma, justo é que providenciemos uma casa e uma igreja para sua Congregação. E' necessário, é de justiça, mas dê-me tempo " .

Em seguida, para dar ao ven. ancião o consolo de celebrar a santo Sacrifício na noite de Natal, facultou-lhe cantara missa na capela doméstica de sua residência.

Satisfeitíssimo pelo insigne favor, retornou Paulo à modesta habitação. Não podendo conter os transportes da alma, repetia

" Ó prodígio! Ó milagre! Um Deus vem a nós!... "

Somente ele poderia dizer-nos as comunicações divinas recebidas naquela noite de graças e bênçãos. A abundância das lágrimas e o ardor do rosto manifestavam o fogo sagrado com que o divino Infante lhe abrasara o coração.

De manhã, celebradas as outras duas missas, foi venerar o santo Presépio na basílica de Santa Maria Maior. Lá, ante aquele trono de pobreza, ajoelhado ou em pé, assistiu à missa solene celebrada pelo Santo Padre.

Passou o dia todo absorto na contemplação desses inefáveis mistérios de caridade, anelando seu coração correr docemente para o Verbo, para a Sabedoria eterna, que se fêz homem e habitou entre nós.

CAPÍTULO XXXIV

1770 - 1771

Índice

VISITA A PROVÍNCIA DO

PATRIMÔNIO

BREVE DE CLEMENTE XIV

VOLTA A ROMA

ESTIMA DE CLEMENTE XIV PELO
SANTO

GRAVÍSSIMA ENFERMIDADE

CURA IMPROVISA

CAPÍTULO XXXIV

1770 - 1771

VISITA A PROVÍNCIA DO PATRIMÔNIO

Principiava o ano de 1770. Surge por vezes, em pleno inverno, um desses dias ensolarados, que dá nova vida à natureza.

Também no ocaso da existência depararam-se por vezes essas transformações repentinas, brilhantes raios solares a reanimarem e revigorarem as forças debilitadas.

Foi o que se deu com Paulo da Cruz.

Julgando-se com vigor bastante para empreender uma viagem, resolveu visitar os retiros do Patrimônio de São Pedro. Isto é, os dois do Monte Argentário, e os de Tarquínia, Tuscânia, Vetrália e Soriano.

Aos 19 de março solicitou permissão e a bênção do Santo Padre.

O Papa condescendeu com os desejos do santo, contanto que se não opusesse o cardeal Vigário.

Nessa ocasião manifestou o Santo Padre o desejo de cumulá-lo de novos benefícios e, como se nada houvera feito pelo Instituto, queixou-se de que Paulo nada lhe pedisse.

" Admiro sua discreção, disse o Pontífice, mas, suplico-lhe, peça tudo o de que necessita, sem temor de ser importuno " .

Paulo foi ter com o cardeal Vigário, que opôs dificuldades à partida, anuindo, afinal, com a condição de que estivesse de volta, ao mais tardar, para a festa de São João Batista. Temia sua eminência pela saúde do ven. ancião, desejando tê-lo em Roma antes dos excessivos calores do estio.

Antes de partir foi Paulo visitar os sepulcros dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, recomendando-se à sua proteção.

No dia 27 de março de 1770, em companhia do confessor, dirigiu-se para Civitavecchia. Péssima era a estrada e o vento bastante frio. Paulo, muito teve que sofrer... Ao companheiro que, a sorrir, lhe perguntava se por essas estradas tinha puxado a carroça, respondeu Paulo

" Carroça? Carroção! Ia e vinha de Roma ao Monte Argentário para os interesses da Congregação, sempre a pé e descalço, nos rigores do inverno como nos ardores do verão. Oh! quanto sofri! " .

À tarde desse dia chegaram, tiritando de frio, à hospedagem de Monterone, onde, após tomarem leve refeição, pôs-se Paulo a falar de Deus às pessoas da casa, que, naquelas solidões, raramente tinham ocasião de ouvir a palavra divina. Discorria, como sempre, com extraordinário fervor, mas em tom familiar e persuasivo.

No dia seguinte, celebrada a santa missa, prosseguiu viagem. Em Civitavecchia, onde ainda viva era a lembrança de sua missão, deteve-se um dia, a instâncias do benfeitor que o hospedara. Inúmeras pessoas foram visitá-lo e aconselhar-se com ele. Aos 29 do mesmo mês chegava ao retiro de Tarquínia, recebido com indescritível alegria pelos religiosos.

Na manhã seguinte, abriu a visita canônica, pregando simultaneamente o retiro espiritual à comunidade. As lágrimas e o amor emprestavam-lhe às palavras irresistível eloquência.

Celebrou todas as cerimônias na festa de Nossa Senhora das Dores e durante a Semana Santa. Das exortações e conferências transpirava o incomparável apóstolo de Jesus Crucificado.

Depois da Páscoa, encaminhou-se para a querida solidão do monte Argentário, embarcando numa falua, em Corneto. Apenas se fizeram ao largo, violenta tempestade obrigou-os a desembarcarem na torre de Montalto. O santo aproveitou a ocasião para evangelizar os pescadores da praia.

Todo absorto em Deus, não percebeu que lhe cortavam pedaços da capa.

Essa ingênua piedade recebeu imediata recompensa. Pedindo-lhes o servo de Deus algum pescado, responderam nada possuírem.

" Pois bem, meus amigos, lançai as redes " .

" Padre, é trabalho perdido, não sendo tempo propicio " .

" Que importa? Lançai as redes " ,

insistiu o santo.

Por condescendência lançaram as redes e eis reproduzida a milagrosa pesca do evangelho... Duzentas libras de peixe, inclusive enorme esturjão!

Correram a mostrá-lo ao servo de Deus. Exclamavam, surpresos e reconhecidos:

" Obrigado, padre, obrigado! Isto é milagre devido às vossas orações " .

Como o mar tardasse em serenar, decidiu Paulo prosseguir a viagem por terra; impossível, contudo, encontrarem um coche. Então, confiando em Deus, resolveu seguir a cavalo. Andou assim cerca de vinte e seis milhas, com vento frio e tempo chuvoso. Ao cair da noite de 17 de abril, chegaram a Orbetello, onde contara entrar incógnito. Enganou-se, todavia. Com a rapidez do relâmpago, toda Orbetello soube da chegada do santo, acudindo em tropel, civis e militares, pobres e ricos, crianças e adultos e, por entre aclamações de alegria, acompanharam-no à casa do benfeitor.

Passou a noite a receber visitas e a inflamar corações no amor a Jesus Crucificado. Desejava prosseguir viagem na madrugada seguinte, mas chuva torrencial obrigou-o a permanecer em Orbetello o dia todo. Ditosa chuva, que a cidade bendizia e que não temeu arrostar para estar aos pés do apóstolo, pedir-lhe a bênção e... cortar-lhe fragmentos do hábito e da capa.

Impaciente por rever a saudosa solidão onde passara a juventude, empreendeu corajosamente a subida do Argentário. Repetia de quando em quando:

" Ah! quantas coisas me recordam estes montes! "

Aumentou-se-lhe a comoção à vista dos religiosos, descendo contentes a encosta, ao encontro do Pai amadíssimo. Chegando aia retiro da Apresentação, deu principio à visita canônica. Que consolação não experimentou ao ver o fervor daqueles filhos, unidos todos pelos vínculos da verdadeira caridade! Encorajou-os a seguirem, sempre com o mesmo ardor, as pegadas de Jesus Crucificado.

Da Apresentação passou ao retiro de São José. Saíram-lhe ao encontro os noviços, fazendo ressoar pelas quebradas das montanhas, com voz vibrante, o hino BENEDICTUS.

Enternecido, começou a chorar. O confessor, servindo-se das palavras de São Francisco de Sales, interpelou-o

" Está chovendo? "

Respondeu-lhe o santo fundador

" Como quer que não chore, quando me lembro que, ao subir pela primeira vez esta montanha, tinha apenas um pedaço de pão e vinte bagos de uva, recebidos de esmola em Pitigliano e agora contemplo duas casas repletas de fervorosíssimos religiosos que, dia e noite, contam os divinos louvores? "

Escrevendo do Retiro da Apresentação aos 23 de abril de 1770, diz:

" Achei este sagrado Retiro um verdadeiro santuário, cheio de verdadeiros servos do Altíssimo, que com seu fervor e santidade de vida reпреndem minha grande tibieza... "

Permaneceu vários dias no noviciado. Comprazia-se sobretudo em estar no meio daquela juventude, primeira florescência da alma, suave perfume do coração, encanto de inocência e de amor que, com embalsamar o santuário, parecia rejuvenescer o santo ancião. Falava com ternura verdadeiramente maternal àqueles filhos ainda necessitados de leite.

Numa de suas alocações, discorreu de maneira tão comovente, que aquelas almazinhas em flor derramaram rios de lágrimas.

Nos recreios, era o primeiro a comunicar-lhes essa encantadora alegria, que faz da vida religiosa paraíso antecipado.

Para ouvi-lo melhor e não perderem palavra, agrupavam-se os jovens noviços em seu derredor. Certa feita, numa dessas recreações, tinha-os como suspensos de seus lábios, elevando-os insensivelmente da conversação jovial às belezas do paraíso. O pe. Pedro de São João, mestre de noviços, em arroubo de entusiasmo, atreveu-se a dizer-lhe:

" Meu Padre, se v. revma. morrer longe de nós,
digne-se legar em testamento ao noviciado seu coração;
queremos conservá-lo aqui " .

" Meu coração " ,

exclamou o santo desfeito em lágrimas e fazendo um gesto como se desejara arrancá-lo do peito,

" meu coração merece ser queimado e lançadas suas cinzas
ao vento, pois jamais soube amar a Deus " .

Ditas estas palavras, retirou-se à cela, a fim de mais livremente chorar aos pés do Crucificado. Que exemplo e que edificação àqueles religiosos, que davam os primeiros passos no caminho da perfeição!

BREVE DE CLEMENTE XIV

Antes de deixar Roma, o Santo Padre exigira do servo de Deus a promessa de que lhe enviaria notícias da viagem e do estado de sua saúde.

Paulo escreveu do retiro de Corneto a Sua Santidade, dando-lhe conta da viagem, da regularidade, do fervor e da paz reinantes entre os religiosos. Satisfeito por tão consoladoras informações, expediu-lhe Clemente XIV o seguinte Breve:

"Clemente XIV, Papa.

Querido filho, saúde e bênção apostólica.

De outras provas que vos demos do nosso amor paternal, podeis concluir facilmente com que satisfação recebemos vossa carta, em que tão bem soubestes expressar os vossos sentimentos de fé, afeto e respeito a Nós e à Sé Apostólica, prova sobretudo do vosso amor e do amor de vossa Congregação a Nossa pessoa, com assegurar-nos de que não cessais de pedir à clemência do Deis Todo Poderoso direção e amparo à Nossa debilidade nas gravíssimas funções do apostolado supremo. Não podíeis dar-nos melhor prova de vossa piedade filial, nem fazer coisa mais conforme à finalidade do vosso Instituto e às necessidades do Nosso encargo, já que unicamente em Deus encontramos auxílio e força.

Ânimo, pois, querido filho! Assim agindo, continuareis a merecer de Nós e da Igreja universal; não cesseis vós e todos os vossos religiosos de implorar-Nos o auxílio divino, de que tanto necessitamos Deste modo correspondereis dignamente à Nossa paternal esperança e aumentarei, sempre mais Nossa especial benevolência para convosco e para com os vossos. Esta a disposição de Nosso coração para convosco e para com o vosso Instituto. Formulamos ardentes votos para que cada dia cresçais em méritos e virtudes.

Com que prazer lemos o relatório de vossa Congregação nesta. regiões!

Com que alegria soubemos como se estende e prospera, espalhando o perfume da santidade!

Para torná-la mais e mais florescente, prometemo-vos o Nosso auxílio, a Nossa autoridade e a Nossa proteção. Já conheceis o. Nossos sentimentos para convosco, mas, ao reafirmá-los, desejamos que este Breve seja prova de Nosso especial afeto para com todos vós. Exortamo-vos, com a mais viva insistência, perseverareis no caminho da virtude, que haveis empreendido, auxiliando-Nos com vossas fervorosas preces, a manter e aumentar sempre mais Nossa paternal benevolência para convosco, bem como Nossa alegria pelo progresso da vossa Congregação.

Acompanhamo-vos com os Nossos votos e pomos sob os auspícios da divina Misericórdia os primórdios e o desenvolvimento de vossa Congregação, dando-vos de coração a bênção apostólica, a vós, amado filho, e a todos os vossos religiosos, a vós unidos no espírito de humildade e caridade.

Dado em Roma, em Santa Maria Maior, sob o anel do Pescador, aos 21 de abril de 1770, primeiro ano do Nosso Pontificado " .

Este breve, imortal monumento de adesão sem limites, de terníssimo afeto do Vigário de Jesus Cristo, beijou-o Paulo devotamente e com indizível alegria... mas, de repente pôs-se a tremer

"Ali! como sou infeliz! exclamou chorando. Temo muito ouvir dos lábios do Senhor, no derradeiro dia: RECEBESTE A RECOMPENSA EM TUA VIDA".

E' que Paulo se acostumava a avaliar os méritos sobrenaturais pelas provações, de maneira que, as alegrias da terra lhe pareciam empecilho à conquista do paraíso e porta aberta aos tormentos eternos.

Somente o confessor conseguiu acalmá-lo, persuadindo-o de que Deus concedia esses favores em prol da Congregação e para a glória de Jesus Crucificado.

VOLTA A ROMA

Em Roma temiam pela sua saúde; receavam de que as forças lhe não correspondessem aos ardores da alma. Enviavam-lhe cartas e mais cartas instando pela sua volta. O santo, por sua vez, percebia que as forças lhe diminuía paulatinamente. Imprudência seria continuar as visitas.

Delegou poderes ao pe. João Maria de Santo Inácio para substituí-lo e retomou o caminho de Roma. Repetiram-se por toda parte as demonstrações de respeito e veneração. Duras provações para o humilde religioso.

Ao aproximar-se de Montalto, esperava-o quase toda a população. A entrada na cidade foi verdadeira marcha triunfal. Homens, mulheres, crianças, velhos e enfermos, todos desejavam vê-lo, falar-lhe e receber-lhe a bênção. Paulo, todo confundido, exclamava:

"Ah! miserável de mim! E' necessário que me fechem a chave, porque estou a enganar o mundo. E' verdade que não tenho tão deplorável intenção, mas o fato é que ele se engana, julgando-me por aquilo que não sou".

Chegado a Roma, foi logo lançar-se aos pés do Soberano Pontífice, visitando em seguida o cardeal Vigário.

Ambos lhe manifestaram o prazer que sentiam em revê-lo, após ausência tão prolongada.

O bem prodigalizado às almas, o sacrifício e o heroísmo do santo ancião nessa visita aos retiros, estavam a merecer alguma recompensa. Pois bem, como sempre, N. Senhor o recompensou com o sofrimento. A gota, a ciática e uma fluxão nos olhos retiveram-no por alguns dias no leito.

Havia bastante tempo, ocupava-se o santo de grande e santa obra: a fundação das religiosas Passionistas, cujas Regras ele entregara ao Santo Padre no dia primeiro de julho. Clemente XIV encarregou de examiná-las a um doutor de rara prudência e muito saber.

ESTIMA DE CLEMENTE XIV PELO SANTO

Aos 26 do mesmo mês apresentou-se o servo de Deus no palácio apostólico para nova audiência.

Clemente XIV, estando adoentado, não recebia ninguém. Ao saber, porém, que Paulo desejava falar-lhe, mandou-o entrar imediatamente, fê-lo sentar-se a seu lado, dando-lhe mil provas de carinho. A presença do santo amigo era doce lenitivo ao Pontífice atormentado de violentas dores.

Quanto se comprazia em contemplar aquele semblante de santo, aquela alma reta e leal! Que diferença de tantas fisionomias oficiais, intrigantes, molestas, mandatários bastante fiéis aos poderes humanos, que lhe assediavam e torturavam a consciência. A presença de Paulo compensava por instantes a presença de tantos indesejáveis... Disse o Santo Padre ao companheiro do servo de Deus

"Oh! quanto me apraz conversar com o pe. Paulo! Quanto bem me faz ao coração! Esta manhã não dei audiência a ninguém, nem mesmo ao Secretário de Estado; excetuei apenas o meu PAIZINHO".

Era o afeto extraordinário a Paulo que assim o fazia falar. Na verdade, sempre que o santo o visitava, Sua Santidade parecia olvidar sua alta dignidade, tão íntima e familiar era a benevolência com que o tratava.

Não se contentava com manifestar-lhe o júbilo que sentia com ir-lhe ao encontro e conduzi-lo pelo braço à cadeira, mas acariciava-o, beijava-o na fronte e colocava-lhe a mão na cabeça.

Em certa ocasião chegou a inclinar-se para apanhar o solidéu que o santo deixara cair... Tanta afabilidade não diminuía a veneração de Paulo ao Chefe da Igreja. O vigor de sua fé fazia-o tremer em presença do Vigário de Jesus Cristo.

"Ali! exclamava, falando dos desprezadores da dignidade

pontifícia, se eles tivessem o conceito que Deus me dá a respeito dessa dignidade!..."

E a veneração se lhe aumentava à medida que se enfronhava melhor nas eminentes virtudes do Pontífice.

Ao ver Clemente XIV, entre os esplendores da corte pontifícia, portar-se com a simplicidade e pobreza do claustro, inteiramente dedicado aos interesses de Deus, maravilhado, exclamava:

"Oh! a quantos religiosos não confundirá e condenará o Papa, no dia do Juízo!..." "

Conheceu ainda melhor os princípios sobre que se baseava tão magnânimo desprendimento quando, discorrendo a sós com o Santo Padre a respeito da alma e de Deus, disse-lhe Clemente XIV, com expressão em que brilhava a nobreza de generosos sentimentos

"Tenho apenas um temor: é de comportar-me como os vapores que, atraídos aos ares pelo sol, o obscurecem. Tenho por máxima que a dignidade não deve servir-me, mas, ao contrário, sou eu quem deve servir à dignidade".

Nas excursões apostólicas, observara o santo a onda de incredulidade que avassalava os espíritos, e ouvira os primeiros brados da guerra ímpia à Igreja e à sociedade.

Era necessário que o clero se compenetrasse do espírito de sua sublime vocação e se desdobrasse em zelo, preparando-se assim para o combate. Em poucas palavras expôs ele ao Pontífice o seu plano. Clemente XIV achou-o muito prudente e apto para conseguir o fim colimado, acrescentando que se harmonizava inteiramente com seu ponto de vista

"Como vê, pe. Paulo, nossos sentimentos são os mesmos".

GRAVÍSSIMA ENFERMIDADE

No Advento, o servo de Deus desejava jejuar e abster-se da carne, conforme as prescrições da Regra, mas a isto se opuseram o enfermeiro, o médico e o confessor. Paulo obedeceu, embora a contragosto.

Na véspera da Imaculada Conceição, os demônios o maltrataram horripelantemente. Não sabia como defender-se. Para cúmulo de males, experimentava cruéis desolações de espírito.

Após uma noite de mortais angústias, ficou tão abatido, que não pôde celebrar a santa missa nem visitar o Papa que, naquela manhã, lhe enviara um coche para conduzi-lo ao Vaticano.

Dois religiosos foram notificar ao Soberano Pontífice o estado de saúde do servo de Deus. Clemente XIV, bastante preocupado, entregou-lhes 40 escudos para o tratamento do santo amigo.

Agravou-se-lhe, todavia, a enfermidade. O médico, julgando tratar-se de febre intermitente, aplicou-lhe uma sangria e prescreveu o quinino. Paulo a sorrir, disse ao confessor

"Isto não é doença para médico; é doença bernifal".

Alusão ao demônio, a quem por gracejo chamava de Bernife.

Embora notasse que os medicamentos lhe aumentavam as dores, tomava-os por obediência. Não digeria alimento algum.

Aos 18 de dezembro, quiseram administrar-lhe o santo Viático. Paulo disse ao confessor:

"Este mal vem dos demônios, enviados por Deus para atormentar-me, mas não para matar-me. Não creio, pois, que morrerei por agora".

Desconfiando, todavia, de si, preparou-se para a suprema viagem, recebendo, com muito fervor, o santo Viático. De manhã, pronunciou estas palavras

"Na verdade, nada me perturba, mas, por um ato de obediência a Deus, desejo a absolvição".

Recebeu-a com a humildade de grande pecador, exclamando em seguida:

"Toda a minha confiança repousa na sagrada Paixão do meu Jesus. Sabe N. Senhor que sempre lhe quis muito bem e trabalhei a fim de que todos O arpassem. Espero usará de misericórdia para comigo... Ah! os pobres salteadores a quem auxiliiei nas missões... eles rogarão por mim...!"

E repetia:

"Meu Jesus, misericórdia! Meu Jesus, misericórdia!"

Recebeu o santo Viático com extraordinária piedade. Os religiosos choravam de comoção. À tarde, agravando-se sobremaneira o mal, os médicos o desenganaram. Quando todos se retiraram, interrogou ao confessor:

"Estou deveras muito mal?"

"Sim",

respondeu-lhe o padre.

"De há muito, prosseguiu o servo de Deus, N. Senhor me deu a conhecer que deveria passar por grave enfermidade, não, porém, mortal. Meu coração aceitou-a com prazer... Todavia, se morrer agora, peço por caridade celebrem-me as exéquias aqui na capela, sem nenhuma solenidade e, a horas caladas da noite, transportem-me secretamente à igreja de São Pedro e S. Marcelino e lá me enterrem sem nenhum aparato. Quando o meu corpo estiver consumido, coloquem os ossos num saco, ponham-no sobre um asno e os levem ao retiro do Santo Anjo para depositá-los ao lado de meu irmão João Batista".

Ignorava Paulo as ordens do Santo Padre. Clemente XIV determinara depositassem-lhe o corpo na basílica de São Pedro, enquanto os religiosos da Paixão não tivessem igreja em Roma.

Ao dizer-lhe o confessor que, a respeito da sepultura, o Papa já providenciara, surpreso, exalou profundo suspiro e exclamou

"Ah! quisera morrer onde não pudessem tributar-me nenhuma honra".

Vendo-o muito triste, acrescentou o confessor, para consolá-lo

"Obediência durante a vida, obediência na morte e obediência depois da morte! N. Senhor Jesus Cristo facultou aos discípulos enterrarem-no onde quisessem".

A estas palavras, aquietou-se o enfermo, lançando-se nos braços de Deus. Perguntado como se sentia, respondeu

"Parece-me que não morrerei por agora".

De fato, no decorrer da noite, benéfica transpiração e restaurador descanso trouxeram-lhe acentuada melhora. Ao acordar, tomou algum alimento.

Pela manhã, visitaram-no o cardeal Pirelli e mons. Zelada. Em conversa com os dois ilustres prelados, asseverou-lhes

"Nunca temi tão pouco a morte como nesta ocasião. Na realidade, morrer não é coisa terrível, pelo contrário, é agradável. Se a morte é a privação da vida, quem no-la arrebatou é Deus, que no-la deu."

Acentuaram-se dia a dia as melhoras. Pretendia celebrar na noite do santo Natal, mas o Sumo Pontífice, temendo uma recaída, lho proibiu.

Dizia com encantadora afabilidade:

"Costumam os príncipes no dia de seu aniversário natalício despachar favoravelmente os pedidos; do mesmo modo, no aniversário de seu Nascimento assinou o doce Jesus a súplica dos nossos religiosos, que desejam o prolongamento de minha existência. Quero, pois, com a graça de Deus, mudar de vida".

A esperança de conservá-lo enchia de júbilo os corações, mas nova recaída fê-lo experimentar dores mortais. No dia doze de janeiro, perdeu por diversas vezes os sentidos. Uma sangria restituía-lhe a fala, sobrevindo-lhe, porém, violenta febre com freqüentes síncope e tal prostração de forças, que todos o deram por perdido. Aos 22 do mesmo mês, pediu o santo Viático.

Jesus, ao descer àquela alma querida, fêz-lhe prelibar as alegrias do paraíso.

"Terminada a ação de graças, são palavras do confessor, encontrei-o perfeitamente tranqüilo. Disse-me, com admirável serenidade:"

"Agora já não receio a morte. N. Senhor quase me garantiu o paraíso. Quando um príncipe envia ministros a países distantes provê-os do necessário. N. Senhor, meu Deus e meu Pai, deu-me seu Filho Unigênito como Viático para a grande viagem à eternidade".

As esperanças em breve se desvaneceram. As alternativas de melhoras e recaídas eram continuas. No dia 16 de fevereiro pediu novamente o Viático.

Desejando morrer como Jesus, pobre e despojado de tudo, mandou chamar o confessor, que desempenhava as funções de primeiro Consultor Geral, e lhe entregou todos os objetos de uso. Pediu-lhe apenas, por caridade, um hábito bem estragado, que lhe servisse de mortalha. Recomendou-lhe, com vivas instâncias, a pobre Congregação, concluindo

"De boa mente aceito a morte. Quem é culpado de lesa-majestade deve morrer. Eu sou culpado; é justo, pois, que morra"

Um dos presentes ponderou:

"Atualmente, pela graça de Deus, não o sois".

"Ah? respondeu, não sabe o homem se é digno de amor ou de ódio. Nada obstante, eu espero: os méritos de Jesus Cristo são as minhas riquezas".

Pediu ao confessor o absolvesse no momento de exalar o último suspiro. Este, desfeito em lágrimas, caiu de joelhos, suplicando-lhe a bênção. Paulo o abençoou com o Crucifixo, dizendo

"Deus lhe conceda o seu Santo Espírito -
CONCEDAT TIBI DEUS SPIRITUM SANCTUM".

"Agora, acrescentou, ide, de minha parte, dizer ao Sumo Pontífice, que desejo morrer como verdadeiro filho da Santa Igreja",

O Papa, vivamente comovido, enviou-lhe de novo a bênção apostólica com indulgência plenária em artigo de morte.

No entanto, o mal cedera, novamente, podendo Paulo, embora sempre enfermo, ocupar-se do governo do Instituto e da fundação do mosteiro das religiosas Passionistas, em Corneto.

Era o coroamento de seus desejos: dar à Cruz nova família de virgens que, emulando o fervor de seus filhos, seguissem o Esposo Crucificado pela estrada do Calvário. Diz-nos expressamente seu confessor que o servo de Deus, embora achado pelas suas doenças, não perdia de vista a Congregação e o governo que, como à cabeça, lhe estava confiado. Por isso animava oralmente os religiosos a santamente... agirem e, por meio do secretário, escrevia aos Retiros cartas cheias de santos avisos...

Estando tudo preparado para a inauguração do primeiro mosteiro das Passionistas, mandou como seu representante o Pe. João Maria de Santo Inácio.

Porém, essas consolações espirituais já lhe não alentavam o corpo debilitado. Nova recaída reduziu-o ao extremo. Temiam a cada instante o desenlace fatal.

Demos a palavra ao irmão enfermeiro. Seu depoimento foi confirmado por outras testemunhas:

"Achava-me na residência do Santo Crucifixo, perto de

São João de Latrão, quando gravíssima enfermidade reduzira o pe. Paulo quase à agonia. O dr. Giuliani, médico do hospital de S. João de Latrão, tratava o servo de Deus, visitando-o diariamente. Percebendo que o mal progredia, garantiu-nos que o enfermo não passaria a semana. O pe. Procurador Geral e eu fomos avisar o Papa de que o pe. Paulo estava nas últimas. Referimos a Sua Santidade o que nos dissera o médico"

CURA IMPROVISA

O Sumo Pontífice, muito aflito, pronunciou estas palavras:

"Eu não quero que ele morra agora. Digam-lhe que lhe concedo uma prorrogação e que obedeça".

"Voltamos contentíssimos assim pelas provas de benevolência do Pontífice, como pela esperança da cura, desejo expresso do Papa. Demos conhecimento imediato ao pe. Paulo da ordem do Soberano Pontífice. Coisa verdadeiramente admirável. O servo de Deus pôs-se a chorar e, voltando-se, com as mãos postas, para o Crucifixo que estava ao lado da cama, falou-lhe nestes termos:"

"MEU JESUS CRUCIFICADO, EU QUERO
OBEDECER AO VOSSO VIGÁRIO".

"Instantaneamente experimentou grande melhora. Logo depois estava curado, ficando-lhe apenas os achaques da velhice".

Diz-nos o Pe. Inácio que esta enfermidade durou cerca de dezoito meses. E' o período no qual se receava continuamente perdê-lo; vieram depois as conseqüências, que duraram quase outro tanto. Ouçamos as informações do próprio santo:

1771 - 10 de maio: é o sexto mês que está de cama.

12 de julho: são sete meses completos que jaz no seu leito de dores.

27 de julho: há oito meses que está pregado no leito e não celebra.

1772 - Levanta-se um pouquinho durante o dia, mas está fraco e precisa de muletas e do auxílio dos enfermeiros. A 25 de dezembro diz que passa seus dias na cama com seus graves achaques.

1773 - A 26 de janeiro diz que está ainda de cama, sendo já o terceiro ano.

A 26 de maio, apoiado à bengala e ajudado por um religioso, chegou até o quarto do Pe. Cândido, mas sentiu-se tão cansado como quando caminhou 30 milhas.

A 19 de junho diz ter celebrado três vezes durante a oitava do Corpo de Deus, mas com grande custo.

Depois celebra nos dias festivos e em algum outro dia.
Enfim, do dia de são Bernardo em diante, embora a custo,
celebra diariamente.

"Assim, diz são Vicente Strambi, confirmou N. Senhor
que a confiança viva e a obediência generosa lhe violentam
docemente o Coração e lhe arrebatam graças
extraordinárias".

CAPÍTULO XXXV

1771 - 1772

Índice

AS RELIGIOSAS DA PAIXÃO

MADRE MARIA CRUCIFIXA E
DOMINGOS CONSTANTINI

FUROR DO INFERNO

MULTIPLICA O TRIGO

REGRAS DO NOVO INSTITUTO

LUZES ESPECIAIS

APROVAÇÃO DE CLEMENTE XIV

NOVOS OBSTÁCULOS

INAUGURAÇÃO DO MOSTEIRO

BREVE APOSTÓLICO

CAPÍTULO XXXV

1771 - 1772

AS RELIGIOSAS DA PAIXÃO

Jesus Crucificado já possuía seu exército de apóstolos no Instituto da sagrada Paixão. Graças ao Altíssimo, estavam estabelecidos doze retiros, modelos de observância e fervor religioso, repletos de zelosos pregoeiros da divina palavra, atraindo milhares de almas ao pé da Cruz e purificando-as no sangue do Redentor.

Jesus Crucificado convocava também ao Calvário virgens consagradas à sua Paixão. Esposas dolentes, feridas no coração pelas chagas do celeste Esposo, viverão, longe do estrépito do mundo, contemplando a sua divina agonia, compadecendo-se de suas dores, chorando continuamente sua morte, salvando a humanidade pela oração e pelo sacrifício. A origem dessa

instituição traz também em si o sinete divino. Colhendo fatos dispersos aqui e ali, veremos como ela foi obra exclusiva de Deus. Em seus fundamentos encontraremos também a Cruz.

Desde os primórdios da Congregação, uma alma santa, Inês Grazi, a célebre convertida na missão de Talamona, recebera a revelação de que o pe. Paulo fundaria um Instituto de virgens dedicadas à Paixão de N. Senhor.

Vivia Inês no lar paterno, entregue à oração e à penitência.

Paulo a chamava: QUERIDÍSSIMA FILHA EM JESUS
CRUCIFICADO... INÊS DA CRUZ DE JESUS.

Morta Inês o santo

" desejaria que houvesse uma pena doura e piedosa que
descrevesse a vida da grande serva de Deus, Inês da Cruz
de Jesus... "

O sábio diretor, que tudo pesava na balança do santuário, para conservá-la humilde, não levava, ao que parece, em grande consideração as suas revelações.

Entregou-se à oração para conhecer a vontade divina. E N. Senhor lhe manifestou claramente que a jovem falara por inspiração do Céu.

O santo esperava pela hora da Providência.

Escrevia em 18 de junho de 1749 a outra grande alma, também sua dirigida

" Quem sabe quando sua divina Majestade será servido dar
começo à obra das santas virgenzinhas? Espero-a
tranqüilamente... Deus quer ser rogado. Essa obra deve ser
fruto da oração " .

Foi na prece, com efeito, que o servo de Deus descobriu os meios para trazê-la à luz do dia.

MADRE MARIA CRUCIFIXA E DOMINGOS CONSTANTINI

Abastado cônego português José Carboni, deliberara fundar em Roma um mosteiro, sob o título de Nossa Senhora das Dores. Por este motivo mantinha assídua correspondência epistolar com Maria Crucifixa Constantini, religiosa beneditina do mosteiro de Santa Luzia, em Corneto. Ela devia ser a pedra fundamental da obra projetada. Em visita ao sr. Domingos Constantini, de Corneto, perguntou-lhe Paulo por sua irmã, Maria Crucifixa, sua dirigida havia muitos anos.

Respondeu-lhe Domingos que ela deixaria o mosteiro de Corneto para fundar o de Nossa Senhora das Dores, em Roma.

"Eu conheço o cônego Carboni, disse o santo; seu
projeto não se realizará".

"Como?! - interrogou, admirado, Domingos - se tudo

está regularizado: a casa construída, o Soberano Pontífice autorizou e abençoou a obra..."

"Está bem, concluiu Paulo; repito-lhe: este empreendimento não se concretizará. A irmã Maria Crucifixa não sairá de Corneto. Deus emprega-la-á em uma obra que devo fundar".

Domingos relatou à irmã a conversa que tivera com o pe. Paulo. A religiosa, julgando que o homem de Deus pretendia fazê-la mudar de parecer, ponderou

"Já dei minha palavra àquele digno cônego e não posso tornar atrás".

Não tardou, todavia, em certificar-se que Paulo fora iluminado pelo alto, ao proferir aquelas palavras. O cônego Carboni, chamado a Portugal por negócio urgente, desistiu da fundação. Decorridos muitos anos, Domingos, que não tinha filhos, deliberara legar os bens ao usais jovem de seus irmãos, a fim de proporcionar-lhe digno matrimônio, mas morte repentina o arrebatou. Resolveu, então, de acordo com a esposa e o cônego Nicolau, seu irmão, edificar em Corneto um mosteiro para as religiosas de que lhe falara o pe. Paulo na conversa que tiveram sobre o mosteiro de Nossa Senhora das Dores, projeto do cônego Carboni.

Paulo aceitou a oferta, prometendo-lhe as bênçãos do Céu.

Obtida licença do snr. bispo e escolhido o lugar, puseram imediatamente mãos à obra.

Na demolição de alguns velhos prédios, depararam, pintada numa parede, antiquíssima imagem da ss. Virgem. Coisa prodigiosa! A parede ficou reduzida a fragmentos, mas a imagem da Virgem permanecera intata! E' a mesma que hoje se venera no altar da capela do mosteiro.

A construção prosseguia célere, com grande contentamento do servo de Deus, que escrevia a alma piedosa

"Queremos edificar um mosteiro para almas generosas e santas, mortas às criaturas, semelhantes em virtude e mortificação a Jesus Crucificado e à Mãe das Dores. A ss. Virgem será a Abadessa do mosteiro".

FUROR DO INFERNO

Logo, porém, pressentiu o despeito do inferno, advertindo aos fundadores e exortando-os por cartas a permanecerem intrépidos não obstante as oposições que não tardariam a surgir.

As provações, com efeito, vieram multiplicar os méritos desta santa obra, motivo de júbilo para as pessoas de bem. Os maus, ao invés, zombavam da empresa e de seus autores. Já estava bastante adiantada a construção, quando escassearam os recursos.

Convencido Constantino de que os gastos seriam maiores do que previra, viu-se obrigado a suspender a obra. As murmurações e as mofas aumentavam...

Escrevia-lhe Paulo para o animar:

"Arme-se cada vez mais de grande confiança em Deus; não se amedronte ante as dificuldades. Deus fará milagres. "

"Prossiga a obra com humildade e pureza de intenção, tendo por objetivo glorificar a Deus e preparar um asilo para as puríssimas pombas do Crucificado. Elas guardarão perpétuo luto em memória da sagrada Paixão; de seus corações repletos de amor, brotarão mananciais de lágrimas, bálsamo às chagas do Salvador. Oh! que grande obra! Agradeço a Deus, que o escolheu para empreendimento tão útil à sua glória. Seja humilde."

"Repita com frequência: - Nada sou diante de Vós, ó Deus!"

Recomeçou Domingos a construção, com muita coragem. Prestes a concluí-la, foi ter com o sr. bispo para firmar o contrato em que legava ao mosteiro, depois da morte, todos os seus bens, e dava uma renda de quatrocentos escudos anuais, enquanto vivesse.

A renda pareceu insuficiente ao digno prelado: exigia cinquenta escudos para cada religiosa.

Constantini, que não esperava por essa exigência, ficou perplexo. Para cúmulo de desgraça, sofrera sensíveis perdas em seus negócios, sendo, ademais, escassíssima a colheita naquele ano. Teve, pois, de interromper os trabalhos.

Com tais contratemplos, queria N. Senhor acrisolar-lhe a virtude e a todos patentear o seu poder, como o santo predissera.

MULTIPLICA O TRIGO

Regressando de Roma, no ano de 1766, Paulo passou por Corneto. Constantini referiu-lhe suas mágoas, acrescentando que tinha apenas dez medidas de trigo, quando lhe eram necessárias pelo menos cinquenta para a manutenção da casa e dos empregados. Pediu-lhe o servo de Deus o conduzisse ao celeiro, onde, após breve oração, benzeu o trigo, dizendo, em seguida, a Constantini:

"Não desanime; prossiga firme no santo propósito para glória de Jesus Crucificado".

A bênção do santo foi maravilhosamente fecunda. As dez medidas de trigo, reduzidas a farinha, não chegariam até o fim de maio. No entanto, duraram até o mês de agosto, tempo da nova colheita, bastando para a família, para os empregados e para abundantes esmolas. E as bênçãos do Céu choviam sobre Constantini. Vários negócios, empreendidos com a bênção do santo, saíram-lhe muito bem, de maneira que pôde dar a última demão no mosteiro.

Já não temia nenhum obstáculo.

REGRAS DO NOVO INSTITUTO

Enquanto se construía o mosteiro, Paulo, na solidão do Santo Anjo, compunha as Regras de suas futuras filhas em Jesus Crucificado.

Entregava-se a prolongadas orações, consultava a dois de seus filhos, repletos da ciência dos santos, e escrevia.

Essas constituições são semelhantes às que Paulo compusera, inspirado pelo Espírito Santo, em São Carlos de Castellazzo. Há pequenas alterações, apropriadas às esposas de Jesus Cristo. Sendo impossível analisá-las pormenorizadamente, lancemos rápido olhar sobre o conjunto.

Basta percorrê-las de relance, para concluir-se que foram inspiradas por Deus. Retrata-se nelas, em certo modo, a alma do santo.

Quem as lê sente-se abrasado no fogo sagrado que lhe inflamava o coração. Respiram perfumes celestiais.

Paulo põe como base da perfeição religiosa a Paixão de N. Senhor, princípio gerador de todas as virtudes.

Pela contemplação perene do Redentor, as religiosas reproduzirão em si as dores de Jesus, suas chagas, agonia, morte... Morrerão para o mundo e para si mesmas, haurindo em Jesus Crucificado **TODOS OS TESOUROS DA SABEDORIA E DA CIÊNCIA** (Coloss. 2, 3).

Caminhando sem cessar pelas pegadas do celeste Esposo, quais esposas fiéis, elevar-se-ão de virtude em virtude ao cimo da sagrada montanha da perfeição; unir-se-ão a Deus, vivendo. unicamente dele e para Ele: vida de amor, **VIDA OCULTA EM DEUS COM JESUS CRISTO** (Coloss. 3,3).

O santo Fundador não podia deixar de assinalar, entre os dias da semana, a sexta-feira.

"A sexta-feira será para as irmãs dia solene. Até a hora da refeição, meditarão as dores do Redentor, farão a Via Sacra ou outras práticas de piedade, mortificar-se-ão em louvor do divino Esposo Crucificado. Nesse dia, uma religiosa, designada por sorte, visitará por 33 vezes o ss. Sacramento, memorial da Paixão de Jesus Cristo".

Como auxilio à vida interior e para que as religiosas possam gozar das delícias da divina presença e da oração, prescrevem as Regras que cada qual trabalhe em sua cela, conservando-se na presença de Deus pela recitação contínua de orações jaculatórias, a exemplo dos antigos anacoretas e dos Padres do deserto, que trabalhavam com as mãos, conservando o espírito e o coração absortos em Deus.

"Todavia, façam tudo com espírito de doçura e tranqüilidade".

A vida das religiosas Passionistas deve ser, pois, vida de trabalho, de oração, de paz, de tranqüilidade de espírito, de santa alegria, beijando em silêncio as chagas do Salvador.

Maria sereis o modelo da alma que vive sempre ao pé da Cruz:

"Em suma, dirijam-se, como fiéis servas e boas filhas, a Maria, a Imaculada Mãe de Deus, invocando-a em todas as necessidades da alma. Esmerem-se particularmente por permanecer em espirito no Calvário, meditando e compartilhando os cruéis tormentos suportados por Maria na Paixão e Morte de seu divino Filho, procurando outrossim, com palavras e obras, nas ocasiões que se apresentarem, insinuar com bons modos essa devoção, culto e compaixão para com as Dores de Maria".

Além dos votos ordinários de pobreza, castidade e obediência, emitem voto de clausura e de propagar a devoção à Paixão de N. Senhor.

Mas, como poderão cumprir este último voto, na solidão do claustro?

Vejamo-lo. Por ventura a vida dessas religiosas não é a pregação mais eloqüente de Jesus Crucificado? Certamente. O mundo não lhe contempla a imolação diária no altar da Cruz, mas cada pedra de seus mosteiros está a bradar: Almas cristãs, não olvideis o preço de vossa redenção! O sino dos conventos, de som melancólico e suave (causa de remorsos para os pecadores), faz-nos pensar no Deus do Calvário, quando, principalmente às quinze horas de sexta-feira, chora a agonia de um Deus! E lá, no interior do santuário, a voz daquelas virgens, pura como a dos Anjos, que é que nos diz? Almas mundanas, se pensásseis nos sofrimentos de Jesus, amaríeis tão freneticamente os prazeres da terra?

Se essas virgens admiráveis não vão do claustro ao mundo, muitas almas tristes e sofredoras vão do mundo ao claustro mendigar-lhes palavras de paz, de luz e de consolação. Quantas jovens, escravizadas pelas vaidades, fonte de amargura e desenganos, desprezaram essas frivolidades ao visitar um mosteiro e ao respirar o suave perfume que se exala das grades do místico jardim do Esposo?!

Ademais, não é a oração o mais eficaz dos apostolados?

Além de rezarem diariamente cinco pai-nossos e cinco ave-marias para a propagação da devoção a Jesus Crucificado, as religiosas da Paixão pedem a Deus assista com sua graça aos missionários Passionistas neste sagrado ministério. Esforçar-se-ão, por sua vez, em inflamar as almas de amor às chagas de Jesus, com explicarem a doutrina cristã às crianças de primeira Comunhão e às senhoras e moças, que se retiram aos seus mosteiros para exercícios espirituais.

Finalmente propagam tão salutar devoção quando, por necessidade ou caridade, seja por escrito seja à viva voz, se comunicam com seus pais ou com outras pessoas seculares.

Se toda Ordem religiosa recebe graças especiais, quão notáveis e fecundas devem ser as que recebem as religiosas da Paixão! Que preciosa coroa há de brilhar na frente dessas esposas de Jesus Crucificado!

Se a devoção a Jesus Crucificado, no dizer dos santos doutores, é a origem de todas as graças, o caminho mais breve para a perfeição, a vereda segura para a eterna glória e para merecer a incomparável palma dos mártires, que dizer de uma vida toda entregue à prece e às lágrimas, ao pé da Cruz?

Tal foi a vida da ss. Virgem. Sempre no Calvário, imersa sempre na contemplação dos cruéis tormentos de seu divino Filho!

Santa Maria Madalena, no deserto, suplicava a Jesus lhe ensinasse como

passar os dias de seu desterro. Apareceu-lhe são Miguel com uma Cruz. O arcanjo colocou-a à entrada da gruta, para significar a Madalena que deveria meditar continuamente a sagrada Paixão de seu Jesus.

E' o que fazem as religiosas Passionistas. Saiba o mundo, di-lo-emos bem alto, embora ferindo no mais vivo a modéstia daquelas santas almas, as religiosas da Paixão souberam até hoje satisfazer às doces esperanças do divino Esposo Crucificado. Uma revelação à grande serva de Deus santa Gema Galgani no-lo patenteia à evidência. Ansiosa por sacrificar-se à justiça divina pelos pecadores, desejava ardentemente abandonar o mundo e tornar-se religiosa Ouvira o Redentor dizer que

"a justiça de seu eterno Pai exigia vítimas".

E N. Senhor acrescentou:

"Quantas vezes detive seu braço vingador, com apresentar-lhe um pugilo de almas queridas, vitimas de extraordinário valor! Suas penitências, mortificações e atos heróicos aplacaram-nO. Agora ainda lhe ofereço vitimas para O apaziguar, mas são poucas".

Perguntou Gema:

"Quem são?"

"As filhas da minha Paixão. Se soubesses quantas vezes meu Pai se aplacou ao contemplá-las!"

Se Gema desejava ser religiosa Passionista, a começar de então esse desejo tornou-se-lhe a paixão dominante.

Embora não lograsse consegui-lo, muito trabalhou e rezou para a fundação das Passionistas em Luca.

Que Jesus Crucificado conserve sempre este celestial aroma de santidade nos claustros de suas prediletas filhas, as religiosas Passionistas!

Santa Gema Galgani, nascida em Camigliano (Luca), aos 12 de março de 1878, de pais verdadeiramente cristãos, deu-se a conhecer desde a infância como alma privilegiada, uma dessas vitimas de propiciação, imagens perfeitas do Coração de Jesus, verdadeiros Anjos de paz, enviados à terra para abrasá-la e forçá-la a levantar a vista para o Céu.

A oração e o desejo de agradar a Deus foram a única aspiração dessa alma; seu único anseio era padecer, consumir-se pela glória de N. Senhor, alma de sua alma. vida de sua vida.

Parece que Deus a enviara ao mundo somente para amar e padecer.

Aos nove anos recebeu pela primeira vez, em transportes seráficos, ao Deus da Eucaristia, e este primeiro contato com Jesus-Hóstia abrasou-lhe o coração em labaredas de amor. Comungava diariamente.

Distinguiu-se pelo desprendimento total das criaturas, pelo espírito de penitência e mortificação, por profunda humildade, rara modéstia, castidade angélica. Finalmente, singular foi o amor de Gema ao sofrimento, desejando assemelhar-se a Jesus Crucificado e ser vitima de expiação pelos pecadores.

Era esta, não há dúvida, a vontade de Deus em relação a Gema Galgani. pois, desde a mais tenra idade, foram tais e tantos os sofrimentos de sua vida. que podemos chamá-la duro e continuado martírio.

O demônio a perseguia e cruelmente a atormentava; por outro lado, Jesus e Maria visitavam-na freqüentemente, fazendo-lhe prelibar doçuras inefáveis. Tinha quase de continuo a presença visível do Anjo da guarda, seu instrutor nas vias da perfeição e seu companheiro na recitação dos divinos louvores. A medida que crescia em idade e em virtude, crescia outrossim no amor de Deus, chegando à perfeita e perene união com o Sumo Bem, após passar pelos diversos graus da vida mística. Sublimada à vida celeste, tornaram-se-lhe estreitos os limites naturais do coração, dilatando-se-lhe prodigiosamente até encurvar três costelas. Desprendia tanto calor, que chegou a queimar a carne e até as vestes na parte que tocava o coração. Aplicando-se-lhe o termômetro, subia rapidamente o mercúrio até cem graus, temperatura da água a ferver! Estava quase de continuo em êxtase. Uma palavra sobre N. Senhor arrebatava-a dos sentidos e a inflamava com se fora Serafim. Teve todos os estigmas do Redentor. Da cabeça coroada de espinhos brotava sangue abundante desde o anoitecer de quinta até a tarde de sexta-feira. Frequentemente suava sangue por todo o corpo, como o Salvador no Getsêmani, e, ao presenciar qualquer ofensa a Deus ou ao ouvir uma blasfêmia, derramava lágrimas de sangue e agonizava com Jesus num mar de dores. Consumida mais pelos ardores da divina caridade do que pelo martírio do corpo, faleceu a santa donzela aos 11 de abril (sábado santo) de 1903, conforme predissera. Contava cerca de 25 anos de idade, levando ao Céu o lírio da inocência batismal.

Deus, sempre admirável em seus santos, não tardou em glorificá-la na terra por maravilhosos prodígios. A fama de sua santidade estendeu-se por todas as camadas sociais, podendo-se dizer com toda verdade que suas virtudes abalaram o mundo inteiro.

A biografia desta inocente donzela, escrita por seu diretor espiritual pe. Germano de Santo Estanislau, santo e sábio religioso Passionista, saiu à luz no ano de 1907. Em brevíssimo tempo houve numerosas edições, sendo traduzida em quase todos os idiomas do universo, até mesmo em chinês.

Considerando os admiráveis efeitos produzidos pela leitura dessa biografia, pode-se dizer, sem medo de errar, que a divina Providência a destinou para realizar assinalado bem na terra.

O processo ordinário de beatificação, terminado na Cúria eclesiástica de Luca, foi entregue à sagrada Congregação dos Ritos em dezembro de 1910. Gema foi beatificada aos 14 de maio de 1933 e canonizada no dia 2 de maio de 1940, por Sua Santidade o Papa Pio XII, gloriosamente reinante.

LUZES ESPECIAIS

Retornemos à história de nossa fundação, para o que Paulo da Cruz não cessava de implorar as luzes do Céu.

Celebrava a santa Missa na residência do Santo Crucifixo, no dia de santa Maria Madalena, quando, de repente, inflamou-se-lhe o rosto e começou a chorar... E' que recebera naquele instante luzes especiais a respeito da ereção do Instituto das religiosas Passionistas e do primeiro

mosteiro lia cidade de Corneto. Nada mais o deterá. Dias após, escrevia

"Alegrou-me intensamente sua carta. Dir-lhe-ei em resposta que, de fato, o mosteiro poderia ter sido inaugurado este ano".

"Assim o julgava, mas as grandes obras de Deus têm sempre muitas dificuldades a superar. E' necessário que eu lute ainda por algum tempo. Dessa luta resultará maior glória para Deus e melhor fundamento para a santa obra. Deixemos passar o vento das perseguições, suscitadas por Satanás e por algumas pessoas que pensam servir a Deus, perseguindo e contradizendo as suas obras. Vou falar com o Santo Padre e pô-lo ao par dessa fundação. Tenho firme esperança de obter, pela infinita misericórdia de Deus, um Breve favorável e a aprovação das Regras e Constituições das futuras religiosas".

APROVAÇÃO DE CLEMENTE XIV

Já estava concluído o código sagrado, escrito com a pena embebida no Sangue divino do Cordeiro. Só faltava a aprovação da Igreja. Antes de apresentá-lo ao Santo Padre, desejava o servo de Deus observar de viso em que ponto estava a construção do mosteiro.

Na última visita aos retiros do Patrimônio de São Pedro, teve a satisfação de vê-lo terminado. De regresso a Roma, julho de 1770, apresentou pessoalmente a Clemente XIV as santas Regras. O Sumo Pontífice encarregou de examiná-las ao pe. mestre Pastrovich, sábio e piedoso sacerdote, consultor do Santo Ofício, mais tarde bispo de Viterbo.

Ouçamos-lhe a relação:

"Estas Regras não somente são conformes à fé, à santidade dos costumes e à perfeição religiosa, mas estão repletas de unção, prudência e discrição e em harmonia com a finalidade do Instituto, donde se pode esperar, com fundamento, muito proveito espiritual para as almas que as professarem".

Do mesmo parecer foi mons. Zelada, a quem o prudente Pontífice encarregara de revisá-las.

Clemente XIV desejava aprová-las por um Breve mas, a pedido do Santo, aprovou-as por um Rescrito, com força de Breve, aos 23 de setembro de 1770.

Paulo, antes da aprovação solene, queria expô-las à experiência.

No dia seguinte, mons. Zelada foi em pessoa à residência do Santo Crucifixo entregar o precioso documento ao santo Fundador.

NOVOS OBSTÁCULOS

Tudo estava concluído. Faltava apenas abrir o santo asilo às castas pombas, que, de asas estendidas, aspiravam alçar o vôo para o Calvário.

No entanto, o snr. bispo de Corneto continuava a exigir renda superior às posses de Constantini.

Paulo, do leito de dor, recorreu à generosidade de Clemente XIV que autorizou a seu tesoureiro, mons. Branchi, mais tarde fumo Pontífice, com o nome de Pio VI, que destinasse às religiosas da Paixão uma renda anual de trezentos escudos.

Superados todos os obstáculos, marcou-se o dia da inauguração do mosteiro. Dez jovens, impacientes por ocultar-se à sombra da Cruz, já estavam em Corneto. Receberam-nas com muita caridade, honra e generosidade.

Faltava, todavia, a que devia governá-las como primeira Mãe e mestra.

Uma princesa de Roma, senhora de grande piedade, viúva havia alguns anos, desejava tomar o santo hábito da Paixão. Aconselhou-se com Clemente XIV, que se alegrou com a resolução da princesa, animando-a a consagrar-se a Jesus Crucificado, constituindo-a, com um Breve, Superiora do novo mosteiro e autorizando-a a fundar outros.

E a profecia do santo Fundador de que a primeira Superiora, a pedra fundamental desse edifício sagrado seria a irmã Maria Crucifixa?

A solenidade da tomada de posse do mosteiro estava fixada para o dia seguinte ao de QUASIMODO, para, o qual, naquele ano, fora transferida a festa da Anunciação.

O pe. João Maria, delegado do santo Fundador então enfermo, já se encontrava em Corneto.

Imensa multidão acorrera dos lugares vizinhos para assistir o edificante espetáculo.

Tudo estava pronto para a cerimônia e a princesa não chegava...

Mudara, não se sabe porque, de resolução, indo encerrar-se num mosteiro de Narni.

Paulo, ciente por inspiração do alto, do que devia acontecer, disse ao enfermeiro que o assistia:

"Essa pessoa não irá a Corneto. Ela mudou de parecer.
A cerimônia não se realizará".

Buais seriam as murmurações, as críticas e as mofas do povo ludibriado em suas esperanças; a perplexidade das piedosas postulantes, vindas de tão longe com a única aspiração de separasse do mundo quanto antes, a aflição dos pais, não sabendo se as deviam deixar ou reconduzi-las para casa

O pe. João Maria partiu imediatamente para Roma a fim de relatar o sucedido ao santo Fundador. Ficou estupefato ao ver que o santo, nada ignorando, interrompeu-o logo às primeiras palavras:

"Vá, vá imediatamente ao Sumo Pontífice e relate a Sua Santidade a deserção da princesa, nomeada com

autoridade apostólica como fundadora e superiora do novo Instituto e solicite nova permissão para a tomada de hábito daquelas pobrezinhas".

O Papa, surpreso por esse incidente, que ninguém poderia prever, ordenou que se expedisse sem mais um Rescrito, pelo qual concedia ao Vigário Capitular faculdade de proceder, sem tardança, à inauguração do mosteiro e à tomada de hábito das postulantes. Por outro Rescrito permitia a Maria Crucifixa Constantini passar da Ordem de São Bento à Congregação da Santa Cruz e Paixão de Jesus Cristo, para dirigir as novas religiosas, como Superiora e Mestra da disciplina regular. Cumpria-se assim a profecia do santo. A venerável Madre Maria Crucifixa morreu em odor de santidade, porém a Igreja ainda não se pronunciou. Conserva-se o seu retrato no convento dos santos João e Paulo, em Roma. Nas feições fortes e enérgicas, percebe-se uma alma grande, nobre, elevada, generosa, da família das ilustres fundadoras, tais como as Teresas e as Chantais.

INAUGURAÇÃO DO MOSTEIRO

Não foi sem manifesta disposição da Pr Providência que se transferiu a cerimônia para o dia 3 de maio de 1771, festa da Santa Cruz. Trinta e quatro anos antes, depara-se-nos a mesma dificuldade na inauguração da igreja do monte Argentário, realizadas finalmente, no dia da Exaltação da Santa Cruz.

Assim, as duas igrejas mães, ambas sob o título da Apresentação, foram dedicadas ao culto no dia consagrado às glórias da Cruz, estandarte triunfal de salvação, distintivo do novo Instituto.

Solene foi a cerimônia, geral o contentamento.

Somente as almas enamoradas do divino amor e da solidão podem compreender o júbilo das novéis esposas de Cristo Crucificado ao receberem o santo hábito e transporem os umbrais do claustro para descansar nos braços de Deus. A 14 de maio de 1771 M. Crucifixa e suas companheiras enviam uma carta de agradecimento ao Papa dizendo-lhe que

"no novo Instituto lhes parece viverem num paraíso terrestre".

Terminado o ano de prova, com fervor sempre crescente, mereceram todas ser admitidas à profissão religiosa.

Recebeu-a d. Banditi Prelado digno da primitiva Igreja, mais tarde ornamento do sagrado Colégio. Eis como manifestava seu júbilo, em carta ao santo Fundador

"Posso, finalmente, anunciar ao meu veneradíssimo pe. Paulo que as onze religiosas do seu Instituto emitiram os santos votos em minhas mãos. Efetuou-se a cerimônia no dia 20 deste mês (maio de 1772), experimentando eu a maior consolação. Contemplei um mosteiro repleto do espírito de Deus e de santo fervor. Todas nos dão esperança de glorificarem a N. Senhor, à sua sagrada Paixão e de serem de proveito espiritual a esta cidade. Sim, é-nos lícito esperar que Deus, movido pelas orações dessas boas almas, derramará sobre todos nós suas

bênçãos. Não podeis imaginar como foi comovente a cerimônia e a emoção que eu senti. Antes cie realizá-la, quis conferenciar com cada uma em particular, convencendo-me de que sua vocação é verdadeira e de que abraçaram o estado religioso com desejo sincero de conseguir a eterna salvação... Na sexta-feira de manhã seguindo as prescrições de vossas Regras, foram eleitas a Superiora, a madre Vigária e a Conselheira. Tudo correu com muita ordem em minha presença, havendo sempre unanimidade de votos".

Foi eleita Superiora a Madre Maria Crucifixa.

BREVE APOSTÓLICO

Escreveram as religiosas ao Santo Padre, comunicando-lhe a profissão e a eleição das Superiores. Clemente XIV, sempre benévolo e cheio de caridade paternal, dignou-se responder-lhes com um Breve, em que patenteia de maneira perfeita o espirito do novo Instituto e o vivo interesse de Sua Santidade por essa fundação. Transcrevemo-lo aqui como coroa do que dissemos a respeito das religiosas Passionistas.

Às nossas amadas Filhas em Jesus Cristo, as Religiosas da Paixão, na nossa vila de Corneto.

CLEMENTE XIV PAPA

Queridas Filhas em Jesus Cristo: Saúde e bênção apostólica.

A carta em que Nos relatais a vossa solene profissão foi para Nós objeto de grande alegria. Nada pode ser-nos mais grato do que ver o vosso Instituto, por Nós aprovado, enriquecer-se com as virtudes que constituem a santidade e perfeição da vida. Manifestais-Nos a paz e consolação espirituais experimentadas ao consagrar-vos a Deus. Isto Nos dá motivo de esperar grandes consolações por v essa constância no gênero de vida que abraçastes, bem como pela união de caridade reinante entre vós todas. Eis o que, com grande confiança, esperamos de vós.

No entanto, apraz-Nos encorajar-vos e exortar-vos vivamente.

Aplicai-vos, com a maior solícitude, em imitar as virgens prudentes do Evangelho, a quem o Esposo encontrou vigilantes e aparelhadas para recebê-Lo. Vigiai, sem olhar para o mundo que abandonastes; mas, com os olhos fitos no Céu, agradecei continuamente a Deus pelo singular beneficio recebido.

Gravai no espirito e no coração a Paixão de Jesus Cristo, nosso Salvador. E' ela a insígnia e o ornamento que nos honra nela estão a força e a beleza do vosso Instituto. Ponde toda a vossa atenção, todo o vosso estudo e todas as vossas delícias em meditá-la.

Se tiverdes sempre presente a Paixão e Morte de nosso

Redentor, nada vos será difícil nem desagradável, pois, até em meio das penas e angústias, a contemplação de vosso Guia e Esposo proporcionar-vos-á os doces frutos da paz e alegria interior, porque nenhuma satisfação, nenhum prazer poder-se-á comparar a esse amor repleto de suavidade celestial, a essa alegria com que N. Senhor inunda o coração que o procura e o medita.

Se o mundo estiver crucificado para vós e vós para o mundo; se, pela pureza de coração e simplicidade, viverdes unicamente para Jesus, vosso Esposo, se fordes escrupulosas cumpridoras das Regras do vosso Instituto, o vosso mosteiro espargirá suavíssimo perfume de virtude e santidade.

Poder-se-á, então, dizer de vós e das que seguirem os vossos exemplos: ESTA E' FORMOSA ENTRE AS FILHAS DE JERUSALÉM.

Finalmente vos pedimos, queridas filhas em Jesus Cristo, uma coisa que, temos certeza, no-la dareis de boa vontade, considerada a piedade e submissão para Conosco; é que peçais sempre a Deus, Pai de misericórdia, por Nós e pela Igreja, confiada à nossa debilidade.

Prometemos conceder-vos, quando a ocasião se apresentar, todo o auxilio e a ajuda que possam depender do afeto que vos consagramos.

Como penhor dessa promessa damo-vos de todo o coração a Bênção Apostólica.

Dado em Roma, em Santa Maria Maior, sob o anel do Pescador, aos 25 de julho de 1772, quarto ano do nosso Pontificado.

Que estímulos nestas palavras do Vigário de Cristo àquelas virgens que, longe do mundo, permanecem vigilantes e recolhidas aos pés do Esposo Crucificado, encontrando na meditação de suas dores o mais saboroso manjar!

Ditosas, sim, porque, fiéis à vocação, elas se esforçam por seguir quotidianamente os exemplos do divino Redentor!

Terão, não há duvidar, a ventura de gozar de sua glória e de suas inefáveis delicias, no paraíso.

"SE SOFREMOS COM JESUS CRISTO,
COM ELE SEREMOS GLORIFICADOS".

CAPÍTULO XXXVI

1772 -1773

Índice

CONTINUA DOENTE EM SANTO

CRUCIFIXO

CLEMENTE XIV, OS JESUÍTAS E
PAULO

DOAÇÃO DO RETIRO DOS SANTOS
JOÃO E PAULO

NO NOVO RETIRO

CAPÍTULO XXXVI

1772 -1773

CONTINUA DOENTE EM SANTO CRUCIFIXO

Voltemos à residência do Santo Crucifixo.

Em pobre e humilde cela, o santo ancião, do leito de dor, entrega a Jesus Crucificado uma nova família religiosa. Esse leito foi para ele, durante dezoito meses, como que o crisol em que se purifica o ouro.

Na primavera de 1772, readquirindo alguma força, amparado pelos enfermeiros e apoiado às muletas, pôde ouvir missa e comungar diariamente. Essa melhora, no testemunho do próprio Fundador, consistiu em levantar-se durante uma hora cada dia ou, melhor,

“ em ficar sentado fora do leito, sem poder caminhar a não ser com muletas e amparado por dois religiosos, para se poder arrumar a cama ” ,

como escreve a 14 de abril desse ano.

Desse jeito, mais ou menos, passou o restante do ano e a primeira metade de 1773.

Na festa do Corpo de Deus de 1773, o mistério do amor o fez transbordar e o reanimou a tal ponto que conseguiu, embora

“ com grandíssima dificuldade ” ,

celebrar três vezes durante a oitava. A seguir, porém, teve que se resignar a celebrar apenas alguma vez por semana, até que a festa de São Bernardo (20 de agosto) lhe trouxe a consolação de recomeçar o santo Sacrifício diário.

Era o ardor do espírito a triunfar da debilidade do corpo. Terminado o santo Sacrifício, não se mantinha em pé. Deitado ou sentado, passava os dias na cela, transformada em verdadeira escola de virtude.

Personagens os mais insignes principalmente sacerdotes, vinham visitá-lo. O Santo a todos inflamava no amor a Jesus Crucificado, terminando por recomendar-lhes a meditação assídua da sagrada Paixão do Redentor. Esse assunto fazia-lhe olvidar as dores que o atormentavam. A voz, quase imperceptível, tomava então entoações prodigiosas.

Os alunos da Propaganda ficaram tristes ao saber que não podiam ser recebidos por estar o Santo muito mal. Paulo, informado pelo enfermeiro, mandou-os entrar. Ao ver aqueles jovens, destinados a derramar pela fé o

suor e, quiçá, o próprio sangue, reanimou-se e, com o rosto inflamado e voz sonora, como nos mais belos dias de seu apostolado, pôs-se a exaltar a sublimidade da vocação a que foram chamados. Os jovens levitas, comovidos, retiram-se dispostos a todos os sacrifícios pela salvação das almas.

O enfermo consagrava à meditação de Jesus Crucificado o tempo que passava a sós em sua cela. A alma, em efusões de afeto, desabafava-se em jaculatórias, verdadeiros dardos de amor.

Quando as dores eram mais violentas, os colóquios com Jesus Crucificado tomavam inflexões de inefável ternura.

Respondia aos que dele se compadeciam

“ É tão grande a felicidade que nos está preparada, que devemos reputar em nada os nossos sofrimentos... ”

Estava-lhe sempre nos lábios o cântico dos Serafins:

“ SANTO, SANTO, SANTO Ê O
SENHOR... ”

bem como este cântico de louvor:

“ BÊNÇÃO, GLÓRIA, SABEDORIA, AÇÃO
DE GRAÇAS, HONRA, VIRTUDE E
FORTALEZA A NOSSO DEUS NOS SÉCULOS DOS
SÉCULOS (Apoc. 5,13) ” .

Por vezes parecia que Deus o abandonava, desaparecendo-lhe da alma os raios da luz celeste. Exclamava, então, todo resignado:

“ Tratai-me como vos aprouver, ó meu Deus, jamais deixarei de amar-vos... ”

Comovedora era a sua humildade. Obrigado por um de seus religiosos a repetir a célebre oração de são Martinho:

“ Senhor, se sou necessário a vosso povo, não recuso o trabalho ” ,

sobressaltado de terror, como em presença de grave tentação, exclamou

“ Qual! eu necessário! eu necessário! Jesus é necessário, só Jesus é necessário! ” ,

acrescentando ainda:

“ Ah! se me julgasse tal, crer-me-ia um condenado... ”

Não somente se cria inútil, mas de pêlo a seus filhos, repetindo às vezes ao enfermeiro

“ Oh! como sou pesado para a comunidade! Como sinto ver-vos ocupados sempre com minha pobre pessoa! Chamai-me o Superior do vizinho hospital; vou pedir-lhe que me receba entre os pobres enfermos ” .

Respondeu-lhe o enfermeiro que, ao invés de pêlo à comunidade, era de

consolação a todos e todos chorariam inconsoláveis a sua morte.

" Vossa grande caridade, replicou o Santo, vossa grande caridade é que me suporta, porque apenas mereço ser abandonado como uma besta. Sou mais perverso que os mesmos bandidos " .

Voltando-se em seguida para o Crucifixo, batia no peito, dirigindo-lhe palavras de grande humildade. O enfermeiro chorava ao ouvi-lo; o santo enfermo tomou-lhe a mão e acrescentou

" Ah! meu querido irmão, quanto lhe sou obrigado!...
"

O mais leve trabalho que lhe prestassem, aceitava-o todo humilhado, a título de esmola. Não cessava de elogiar a caridade dos religiosos, repetindo sempre

" Que Deus lhe recompense a caridade, meu querido irmão
" .

Pedia perdão de supostas faltas de caridade. Amante da santa pobreza, suplicava nada gastassem com sua pessoa. Queria morrer, como vivera, despojado de tudo. Aborrecia o que quer que fosse com aparência de delicadeza. O cardeal Colona, comovido ante a pobreza de sua cama, enviou-lhe ótima coberta de lã. Paulo não se resolvia a usá-la. Permitia apenas, para não desgostar a sua eminência, que o enfermeiro a estendesse sobre a cama toda vez que o cardeal o visitava. Mas era de vê-lo durante a visita, envergonhado e receoso, como o ladrão surpreendido em fragrante. Terminada a visita, ordenava que a retirassem do leito.

Transformava o nosso Santo a sua enfermidade em eloquente pregação para os outros e tesouro de mérito para si.

CLEMENTE XIV, OS JESUÍTAS E PAULO

No dia 31 de Julho de 1773, duas grandes vítimas se imolavam simultaneamente ao Deus do Calvário: Clemente XIV e a Companhia de Jesus.

Deste acontecimento memorável, que a verdade histórica já esclareceu com suas luzes, consignaremos apenas o que se refere ao nosso assunto.

Havia três anos Paulo da Cruz, idoso e gravemente enfermo, não punha os pés fora da residência do Santo Crucifixo. O incidente causou-lhe grande golpe ao coração, pois amava e venerava a Companhia de Jesus, sendo outrossim amado e venerado pela Companhia. Diz o Pe. João Maria de Santo Inácio nos Anais manuscritos da nossa Congregação:

"Na tarde de 16 agosto, cerca de uma hora após o anoitecer, deu-se a supressão da Companhia de Jesus; esta funesta nova foi ouvida com grande consternação pelo nosso Padre, o qual todavia adorou os secretos e imperscrutáveis desígnios de Deus...

Nos três anos em que se tratou do assunto da referida supressão, esteve ele cravado em seu leito: quando já tudo estava concluído, começou a se levantar..."

Essa amizade vemo-la consignada em bela inscrição greco-latina pelo pe. Lagomarsini, professor no Colégio Romano, no frontispício de vários livros, ofertados ao nosso Santo. Temos ainda uma memória escrita pelo pe. João Maria de Santo Inácio, último confidente do pe. Paulo e seu confessor. O pe. João afirma que, a respeito da supressão da Companhia, tão benemérita da Igreja, Paulo não tomou parte alguma, nem deu jamais um conselho, o que, aliás, lhe não foi pedido. Citemos suas palavras textuais:

"Afirmo de que as más línguas não acusassem a este Servo de Deus como se tivesse sido o conselheiro do Papa neste assunto da supressão, Nosso Senhor o deteve num leito; só agora está novamente são. Antes que adoecesse, ao irmos à audiência, jamais o Santo Padre nos pediu qualquer conselho a este respeito".

Se fizemos menção deste drama, cujo desenlace foi dos mais funestos, foi unicamente para referir célebre profecia do nosso canto, prova do grande afeto que ele nutria pela Companhia de Jesus.

Em 1767, sendo Sumo Pontífice Clemente XIII, recebeu o Santo uma carta do pe. Luís Reali, Jesuíta, em que lhe relatava as tremendas perseguições suscitadas contra a Companhia. Em resposta, assim se expressava o servo de Deus:

"Quanto às extremas angústias a que se vê sujeita essa ilustre Companhia, tenho a dizer-lhe que me afligem profundamente. 86 o pensar em tantas calamidades faz-me gemer e chorar. Quantos inocentes e pobres religiosos furiosamente perseguidos, os demônios a triunfar, diminuída a glória de Deus, inúmeras almas condenadas, porque violentamente privadas do amparo espiritual proporcionado pelo ministério dos Jesuítas, em todas as partes do mundo. À vista de tal espetáculo, entrego-me a orações especiais. Espero que, após tantas tempestades, o DEUS QUE DÁ A MORTE E A VIDA, QUE MORTIFICAT ET VIVIFICAT, saberá ressuscitar a seu tempo essa Companhia, com maior esplendor e glória. Esta foi sempre e continua a ser a minha opinião".

Citamos, diz o Pe. de Ravignan, esta bela carta, e nos comprazemos de citar outros depoimentos não menos explícitos deste grande servo de Deus em favor da Companhia, por ele amada e estimada até o fim dos seus dias. Isto é fato que não padece dúvida.

Os eventos confirmaram-lhe a previsão, que somente por luz profética, muito freqüente em Paulo da Cruz, poderia ter escrito.

Estão anunciadas claramente a MORTE E A RESSURREIÇÃO da Companhia de Jesus. Ta época em que escrevia o Santo estas coisas, ninguém poderia prevê-las, muito menos vaticiná-las com tanta certeza. A primeira, parte da profecia realizou-se 6 anos depois e a segunda, 47 anos, quando a Companhia, ao sopro de Deus, reergueu-se da ruína, rejuvenecida e fortificada pelas perseguições.

Quando, portanto, desabou a tempestade, continuava o nosso Santo retido no leito por grave doença.

No outono, experimentou alguma melhora, conseguindo andar apoiado num bastão.

Sua primeira visita, como era de justiça, foi ao Santo Padre, que acabava de regressar de Castel-Gandolfo. Alegrou-se sobremaneira o Papa ao rever o velho amigo, após longa ausência, motivada pelo estado de saúde de Paulo.

Mais afetuosa do que nunca foi a recepção. O santo Padre terminara a missa em sua capela doméstica e, ao retirar-se aos aposentos particulares, levou consigo a Paulo, fazendo-o sentar-se a seu lado e obrigando-o a tomar parte em sua colação.

Paulo, com profundo sentimento de respeito e gratidão, disse a Clemente XIV:

"Santo Padre, se ainda não morri, devo-o a V. Santidade. Tive grande confiança na ordem que V. Santidade me deu e N. Senhor ouviu".

O Papa agradeceu a divina Bondade, contente por saber da boca do Servo de Deus a maneira maravilhosa como recuperara a saúde. Fazendo sinal ao companheiro do Santo para que passasse a outra sala, continuaram em longa e secreta conferência. Não fosse dia de audiência, a palestra ter-se-ia prolongado por mais tempo. A 30 de outubro de 1773, dizia o Santo escrevendo ao Papa, que esperava darto de poucos dias ir à audiência. Este seu desejo, porém, só se realizou aos 31 de dezembro.

DOAÇÃO DO RETIRO DOS SANTOS JOÃO E PAULO

O Papa não se esquecia da promessa feita ao servo de Deus, de doar à Congregação um convento e uma igreja em Roma.

Estava novamente de partida para Castel-Gandolfo, quando recebeu a visita do Procurador Geral que, em nome de Paulo, fora apresentar-lhe os votos de feliz veraneio. No decurso da audiência, perguntou-lhe Sua Santidade se de fato tivera o pe. Paulo um mano chamado João, fiel companheiro de sua vida religiosa. Como recebesse resposta afirmativa, replicou:

"JOANNES ET PAULUS..."

João e Paulo... e calou-se.

De volta a Roma, transferiu os Lazaristas, encarregados de pregarem retiros espirituais aos ordinandos, ao noviciado de Santo no monte Cavallo, lugar mais consentâneo com suas incumbências e no dia 6 de dezembro do mesmo ano de 1773, entregava aos Passionistas a basílica e o convento doa Santos João e Paulo.

Trinta anos antes (1743), Paulo e Tomás Struzzieri, que já conhecemos, dirigiam-se à basílica de São João de Latrão. Ao entrarem na praça dos Santos João e Paulo, no monte Célio, deteve-se de repente o servo de Deus e, voltando-se para Struzzieri, perguntou-lhe

"Que igreja é esta? Quem habita este convento?"

Depois da resposta do companheiro, replicou:

"Ó Deus! minha casa!... Esta casa é minha!...
Aqui devo morrer!..."

Struzziéri percebeu que o Santo estava extático, mas não compreendeu, então, o significado de suas palavras.

Quando, à noite, regressou à casa, interrogou ao pe. Francisco Casalini, seu amigo, a que poderia ter aludido o pe. Paulo com aquelas palavras enigmáticas. Este, após várias conjeturas, concluía que provavelmente Paulo predissera a união dos Passionistas com na Padres da Missão. Casalini assim julgava levando em consideração as grandes dificuldades que se opunham ao estabelecimento do novel Instituto.

Com a entrega do convento ao servo de Deus e ainda mais quando, depois de sua morte, depositaram-lhe os despojos na basílica, reconheceram o significado daquelas palavras.

Apesar da revelação, jamais o Santo deu um passo para obter aquela casa; jamais falou a respeito com o Santo Padre, nem sequer quando Sua Santidade lhe prometia um retiro em Roma.

Eis os agradecimentos do Santo:

"Regozijo-me diante de Deus por ter V. Santidade fundado na Metrópole do mundo uma casa, em que se há de pensar continuamente na sagrada Paixão de N. Senhor. Essa fundação será perante toda a Igreja monumento da piedade e do zelo com que V. Santidade propagou a devoção à sagrada Paixão de Jesus Cristo, a fim de que todos a pratiquem até a consumação dos séculos..."

Promete, apesar dos achaques, esforçar-se por celebrar diariamente a santa missa e, acrescenta

"Além dos votos, que dia e noite dirijo ao Altíssimo por V. Santidade, faço-o também no santo altar e isto, parece-me, com mais eficácia: no momento em que deixo cair a santa partícula no cálice, deposito o piedosíssimo coração de V. Santidade no precioso Sangue do Redentor. Desejo que ele se embeba bem nesse Sangue divino, a fim de produzir muitíssimos frutos de vida eterna entre os fiéis de Jesus Cristo."

"Sinto-me animado, mais do que nunca, da maior confiança, e consola-me imensamente o coração o saber que o ALTÍSSIMO COBRIRÁ V. SANTIDADE COM SEU SOBERANO AMPARO E QUE A SANTÍSSIMA VIRGEM TE-LO-Á ENCERRADO E BEM GUARDADO EM SEU PURÍSSIMO CORAÇÃO".

Como são comovedoras estas últimas palavras!

Veremos como foram ouvidas as continuas e fervorosas preces de Paulo em prol de um PAPA MANSO E AFÁVEL POR NATUREZA, no sentir de todos; Papa, a quem cruéis perseguições precipitarão logo no sepulcro, mas o Céu COBRIRÁ DE PROTEÇÃO EXCEPCIONAL na suprema agonia.

Paulo vai transladar a pequena comunidade do Santo Crucifixo para a basílica dos Santos João e Paulo.

O cardeal Boschi, titular do templo, feliz por receber a um Santo, acolhe-lo-á com toda a solenidade. Aos 10 do mesmo mês enviou ao Santo Crucifixo dois de seus mais belos carros, com empanados trajados de rica libré e com ordem de obrigarem a Paulo aceitar toda aquela suntuosidade. Não podia resolver-se a isto o humilde servo de Deus. Teve, no entanto, que obedecer. Durante o trajeto, choravam, louvando e agradecendo a Deus, ele e seus filho..

A augusta basílica inspira profundo respeito, pois ali se pisa berra embebida do sangue dos mártires.

O primeiro ato do santo ancião, apenas pôs os pés naquele santuário, foi um cântico de reconhecimento e de amor; prostrou-se ante o altar do Santíssimo, adorou o Deus da Eucaristia com a mais doces efusões de sua alma, venerou as relíquias dos santos mártires e deu princípio àquele cântico eterno, a que respondem os concertos dos Anjos.

A vetusta basílica, Tabor de sua imortal transfiguração, é consagrada aos santos mártires João e Paulo, dois irmãos, oficiais da corte de Constância, filha do grande Constantino.

Em vão persuadia-lhes Juliano Apóstata a que renunciassem a fé de Cristo. O infeliz traidor fê-los degolar secretamente na mesma casa dos heróis. No ano de 1887, graças ao entusiasmo e assíduo trabalho do pe. Germano de Santo Estanislau, Passionista, arqueólogo insigne, descobriu-se sob a atual basílica, a casa dos santos João e Paulo.

Todas as dependências são decoradas com ricos FRESCOS do IV século da Era Cristã, de grande valor artístico, apreciadíssimos pelos sábios contemporâneos.

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, depara-se-nos a feliz mudança das idéias e dos costumes pagãos nos costumes e idéias cristãs.

Quem desejar mais pormenores deste santo lugar, consulte a magnifica obra escrita pelo sábio arqueólogo Pe. Germano, intitulada:

"La Casa Celimontana dei Martiri Giovanni e Paolo".

No século quarto, são Pamáquio, senador romano, da família dos Gracos e dos Cipiões, transformou a casa em igreja, fundando contíguo ao templo um mosteiro sob as Regras de são Pacômio. Morta sua esposa Paulina, filha de santa Paula, para lá se retirou.

Tornou-se o senador humilde monge; após uma vida de grande perfeição, foi seu corpo depositado ao lado da sepultura dos santos mártires.

A basílica, onde são Gregório pronunciou uma de suas homílias, é grande, bela, possui três naves, enriquecidas de pavimento de mosaico, de pinturas de Pomarâncio, de colunas de granito, de leões de pórfiro, de monumentos funerários de mármore branco, onde dormem, na Comunhão dos Santos, diversos cardeais, bispos, sacerdotes e outros ilustres personagens.

As relíquias dos santos João e Paulo jazem debaixo do altarmór em rico sarcófago de pórfiro.

À esquerda da capela-mór, nas grandes solenidades do centenário do nosso

Instituto e na canonização do Fundador, vimos inúmeros peregrinos de todas as partes do mundo, de toda as condições sociais, do humilde aldeão e da ingênua mulher dos Campos Romanos, das Marcas, da Úmbria e de Nápoles, às nobres senhoras e cavalheiros, sacerdotes, bispos e cardeais, todos prostrados ante as preciosas relíquias de um pobre religioso, vistas através do vidro, debaixo do altar, com o santo hábito da Paixão, a Cruz de Missionário no peito, o livro das Regras na mão.

Invocavam a SÃO PAULO DA CRUZ!

Como estávamos alegres ao deparar ali, especialmente os nossos sacerdotes, os nossos bispos, os nossos cardeais de França! Vários deles, com comovente benevolência desejavam para suas dioceses os filhos de São Paulo da Cruz.

O convento tem um não sei quê de majestoso, que se harmoniza admiravelmente com a oração e o silêncio.

A comunidade é numerosa.

Uma das alas do edifício destina-se aos exercitantes, sacerdotes ou leigos, que em todas as épocas do ano lá vão ter, em grande número, para o retiro espiritual.

Além do jardim, bastante espaçoso, há o antigo VIVARIUM ou vasta caverna aberta na rocha, onde permaneciam os animais bravios, destinados aos combates do anfiteatro e à arena do Coliseu, toda semeada de galerias subterrâneas.

Sobre essas grutas formidáveis, diz piedoso peregrino, achavam-se as prisões destinadas aos cristãos e aos facínoras, cujos suplícios e morte serviam de diversão ao povo romano. Nada conheço de mais pavoroso que o aspeto daqueles lugares, vistos à luz da tocha do CICERONE, que nos dirigia.

E aumenta-se-nos o horror ao pensarmos nas atrocidades assinaladas nos últimos dias do paganismo. E semelhante civilização encontrou e ainda encontra apologistas e admiradores!...

Do jardim descortina-se um dos mais formosos e, ao mesmo tempo, dos mais santos panoramas do mundo: ali bem perto, o Coliseu, o Fôro, o Capitólio e as basílicas sem número com suas resplandecentes cúpulas, dominadas soberanamente pela basílica de São Pedro. Numa palavra, Roma toda está à nossa vista.

Mais além, os Campos Romanos, que já descrevemos das alturas de Montecavi, onde o nosso convento aparece de improviso como floco de neve perdido no azul dos céus.

CAPÍTULO XXXVII

1773 - 1775

Índice

VIGOR JUVENIL

ÚLTIMA FESTA DO AMOR
AUDIÊNCIAS MEMORÁVEIS
MORTE DE CLEMENTE XIV
O NOVO PAPA, PIO VI
PIO VI NA CELA DE PAULO
ROSA CALABRESI
SEU ÚLTIMO CAPÍTULO

CAPÍTULO XXXVII

1773 - 1775

VIGOR JUVENIL

Paulo, octogenário, conserva a alma perenemente jovem!

" TRANSPLANTADO NOS NOVOS ÁTRIOS
DO SENHOR, REFLORESCE COMO A
PALMEIRA DO DESERTO E MULTIPLICA-SE
COMO O CEDRO DO LÍBANO (Sl. 91,
13-14) " ,

elevando-se sempre para o Céu com novos perfumes e novos frutos.

Vai ele imprimir naquela casa o primeiro movimento de regularidade, cuja perfeição tanto nos edificou, muitos anos decorridos! O retiro dos Santos João e Paulo é o verdadeiro modelo das casas do Instituto. Parecia-nos ver e ouvir o nosso Santo: sua presença era-nos, em certo modo, sensível.

O servo de Deus reuniu imediatamente no novo retiro Trinta religiosos.

Como serão fecundos seus últimos anos!

A medida que se lhe aproximava a eterna união com Cristo, trabalhava com tresdobrado ardor para firmar a sua família religiosa na exata observância, no espírito de fervor, como a herança mais preciosa que desejava deixar-lhes ao partir deste mundo.

Escolhera para si a menor e a mais incômoda das celas, por estar próxima ao ss. Sacramento, mas os pedidos dos filhos e a ordem expressa do cardeal Pallotta obrigaram-no a habitar uma maior e melhor situada, também contígua à igreja.

Pelo Natal não deixou de visitar o Santo Padre. Não é necessário repetirmos que a entrevista foi afetuosíssima por parte do Papá e repleta do mais profundo respeito por parte de Paulo. Esta audiência teve lugar no dia 31 de dezembro.

À meia noite, cantou a santa missa com extraordinária piedade. Todos choravam. Quis também officiar na festa da Epifania (1774).

Como não pudesse subir nem descer escadas, conduziam-no em cadeira de braços ora à igreja, em visita ao ss. Sacramento, ora à sacristia para consolar pessoas aflitas, bem como aos andares superiores, às celas dos enfermos.

De ordinário, conservava-se sentado no quarto, rezando ou ditando cartas ao secretário. Por vezes, chamava a um ou outro de seus filhos ou à comunidade toda, exortando-os à oração e à união com Deus.

ÚLTIMA FESTA DO AMOR

Aproximava-se a semana santa, tempo em que mais do que nunca banhava com lágrimas as chagas do Salvador.

Fez questão de celebrar os longos ofícios de Quinta-feira Santa e distribuir, pela última vez, a sagrada Comunhão a seus filhos.

De manhã, falou à comunidade sobre A CARIDADE DE JESUS NA INSTITUIÇÃO DA SS. EUCARISTIA. Na peroração, insistiu no amor e no respeito com que se devem celebrar os santos mistérios, chamados por ele OS FUNERAIS do divino Redentor.

Discorria com extraordinária ternura. Ninguém podia conter as lágrimas.

Terminou exortando-os a pedirem mutuamente perdão, a fim de que a caridade unisse todos os corações num só coração, em Jesus Cristo.

Começou ele mesmo esse ato de humildade:

"Hoje, meus irmãos, é a festa do amor!..."

Mas os soluços embargaram-lhe a voz. A custo continuou:

"Oh! quantas vezes eu indigno sacerdote, me alimentei da carne imaculada do meu Jesus!... e jamais correspondo a tão grande benefício; jamais pratiquei o menor bem! Fui sempre ingrato ao meu Jesus; destruí as suas obras; em casa e fora, só dei escândalos. Peço perdão, portanto, em primeiro lugar, a Deus, depois aos consultores. Peço outrossim perdão aos reitores, aos sacerdotes, aos clérigos, aos irmãos leigos, aos terciários e aos empregados; perdão ao ar que respirei e à terra que me sustentou. Em uma palavra, peço perdão a todos pelos maus exemplos que dei".

"Ah! não era essa, porém, a minha intenção... Perdoai-me todos, queridos irmãos!... Hoje, na santa missa, porei vossos corações no cálice consagrado, e vós, na sagrada Comunhão, rogai, rogai por mim, rogai pela minha pobre alma!..."

Somente a santidade pode exprimir-se assim. Que humildade! que cena!

Por uma parte, os gemidos e os soluços dos filhos, emocionadíssimos; por outra, a humildade do santo ancião, que lhes deixara o exemplo das mais heróicas virtudes!

Transportaram-no em seguida à sacristia, onde se revestiu dos paramentos

sagrados. Ajudado pelos ministros e muito mais pelo fervor de sua alma, dirigiu-se ao altar com a fronte coroada da auréola de santidade a todos patente.

Chorou durante toda a missa mas, de modo especial, quando conduzia o seu amado Senhor ao santo Sepulcro. Dir-se-ia que o coração se lhe desfazia em amor e compaixão para com Deus.

Teve que enxugar-se muitas vezes o rosto, para não banhar as vestes sacerdotais.

Os ministros, os religiosos e o povo, todos choravam, d vista do comovente espetáculo.

AUDIÊNCIAS MEMORÁVEIS

No mês de maio experimentou alguma melhora e foi ter com o Santo Padre. Dias depois Sua Santidade mandou avisá-lo que na festa dos santos Patronos da basílica, 26 de junho, iria visitá-lo.

Com que espírito de fé se preparou para receber o Vigário de Jesus Cristo!

Após haver venerado na igreja o sepulcro dos santos Mártires, flua Santidade subiu ao convento. Paulo, como se vira ao mesmo Jesus, exclamou em transportes de alegria

"HODIE SALUS HUIC DOMUI FACTA EST
(Luc. 19, 9)"

Hoje a salvação entrou nesta casa.

Clemente XIV, conduzido a uma sala, onde lhe prepararam um trono, teve a extrema bondade de admitir os religiosos e outros insignes personagens, eclesiásticos e seculares, ao ósculo dos pés.

Retirou-se em seguida com o servo de Deus para um colóquio secreto numa sala mais afastada. De que terão falado? Eis o depoimento do enfermeiro do santo, irmão Bartolomeu:

"Entretanto o Santo Padre no quarto preparado, entreteve-se por algum tempo a sós com o pe. Paulo, estando eu presente para assistir ao padre, que estava enfermo. O servo de Deus falou com o Papa a respeito de Deus e de sua bondade e discorreu cola tal espírito, verdadeiramente superior ao saber humano, que o Santo Padre, admirado, escutava com as mãos cruzadas sobre o peito e a cabeça inclinada, mostrando-se muito consolado interiormente com essa conversa, afirmando que mais se teria prolongado, não fosse a hora adiantada e o receio de incomodar os familiares de sua corte, e se despediu levando grande consolação, como revelou a pessoas da corte".

Deste fato fala também são Vicente Strambi, assim concluindo: Retirou-se depois Sua Santidade ao quarto interno contíguo à sala e se entreteve por longo tempo a discorrer em segredo com o pe. Paulo. Ao partir declarou o Santo Padre que estava muito contente e satisfeito, dizendo que aquela era realmente uma casa de servos de Deus.

O pe. João Maria de Santo Inácio, o confessor do Santo, depois de ter, dito que a visita foi à tardinha, que o Papa se deteve a rezar na basílica e foi recebido pelo Fundador com as palavras - Hodie salus huic domui facta est -, que subiu ao convento e foi introduzido numa sala onde já fora preparado o trono, que recebeu ao beijo do pé os religiosos e estranhos, termina com estas palavras textuais:

"Depois... retirou-se ao quarto interno do apartamento e aqui se deteve a discorrer em segredo com o referido pe, Paulo. Despediu-se em seguida o Pontífice declarando estar muito contente e satisfeito, dizendo ser essa verdadeiramente uma casa de servos de Deus".

Diante destes depoimentos, que juízo deveremos fazer do que refere Centomani em Pastor, vol. XVI. 2 p. 463? Levem sobretudo em conta os futuros historiadores que essa visita se deu nos Santos João e Paulo aos 26 de junho de 1774.

Clemente XIV não mais tornaria a ver o santo amigo senão no céu.

MORTE DE CLEMENTE XIV

A saúde do Pontífice, para quem a tiara fora verdadeira coroa de espinhos e o trono pesada cruz, estava muito abalada. Cruelíssimas perseguições de diversos potentados da terra, dilacerando-lhe a alma, feriram-no de morte.

No dia 10 de setembro, perderam a esperança de salvá-lo. Paulo, a tal notícia, desejou voar à cabeceira do querido e santo enfermo, mas, sobrevivendo-lhe grande indisposição, pôde apenas rezar e chorar pelo Pontífice.

Lágrimas fecundas! potentes orações, que subiram ao trono de Deus!

O Santo dissera ao Papa que O SENHOR O COBRIRIA COM SEU SOBERANO AUXÍLIO E A SS. VIRGEM O ESTREITARIA AO MATERNO CORAÇÃO.

Com. efeito, Deus enviou para suavizar e consolar a suprema agonia de seu representante na terra, a um de seus servos mais queridos, o grande devoto de Maria: santo Afonso de Ligório.

Com admirável resignação e singular piedade recebeu os últimos sacramentos, respondendo às orações da encomendação da alma. Pouco depois, no dia 22 de setembro de 1774, entre oito e nove horas da manhã, Clemente XIV entregava a Deus sua santa alma.

Os Passionistas jamais olvidarão a este insigne Pontífice, que muito amou e favoreceu a humilde Congregação fundada por São Paulo da Cruz, estabelecendo-a solidamente na Igreja com sua autoridade apostólica.

Paulo ficou inconsolável. Suas orações e lágrimas em prol do falecido pareciam inesgotáveis. Mandou que se expedissem cartas circulares, ordenando que em todas as casas do Instituto se celebrassem solenes ofícios fúnebres.

Durante o ofício e a missa celebrados na basílica dos Santos João e

Paulo o servo de Deus, penetrado de dor, orava, sentado em sua cadeira de braços, ao pé do cadafalso, como órfão do melhor dos pais. De volta à cela, não quis receber a ninguém nem mesmo a um sacerdote amigo, dizendo que não era tempo de falar, mas de orar e chorar. De repente, porém, notou-se-lhe estranha mudança: cessaram as lágrimas, dissipou-se a nuvem de tristeza que lhe cobria a fronte e exclamava, jubiloso:

"Hoje é festa! Hoje é festa!"

Dirigindo-se ao secretário, acrescentou:

"Vá dizer ao pe. Reitor que mande passar uma pitaça a mais".

Todos se persuadiram de que Deus o consolara, revelando-lhe a glória do amado Pontífice. Aliás, era essa a maneira de exprimir-se, ao saber que alguma alma ingressara no paraíso. Costumava dizer:

"Hoje, sim, hoje há grande festa no Céu..."

O NOVO PAPA, PIO VI

O nosso Santo viveu sempre a vida íntima da Igreja, compartilhando-lhe as alegrias e as dores. Sofria ao ver a Igreja sempre mais ultrajada, com o crescer da impiedade.

Em tempos tão calamitosos, fazia-se necessário hábil, santo e experimentado piloto na direção da Barca de Pedro! A esse fim se dirigiam as orações e as penitências de Paulo e de seus filhos.

Durante o conclave perguntava amiúde com particular interesse a mons. Frattini pela saúde do cardeal Ângelo Braschi.

Frattini admirava-se do interesse do servo de Deus para com o seu íntimo amigo. Cresceu-lhe a admiração ao ouvir Paulo dizer:

"Ao celebrar esta manhã a santa missa, depusitei no Sangue precioso de Jesus o coração do cardeal João Ângelo Braschi... Glória a ele glória a ele... Oh! que ruído fazia naquele preciosíssimo Sangue! QUE RUÍDO! Como exprime bem esta palavra profética o reinado do sucessor de Clemente XIV! Perturbação geral da Europa; sanguinolentas e ímpias ruínas, produzidas pela revolução francesa; mosteiros, igrejas e tronos destruídos, cabeças de reis, rainhas e de outras vítimas sem número a rolares pelos cadafalsos! Finalmente, o Vigário de Cristo, errante de prisão em prisão, morrerá no exílio! Houve por ventura, pontificado mais combatido?"

Veremos, a este respeito, mais explícita profecia do nosso Santo.

Frattini compreenderá as palavras de Paulo quando, aos 15 de fevereiro de 1775, o cardeal Braschi eleito Papa, sob o nome de Pio VI, nome que nos relembra um dos mais santos e magnânimos Pontífices da Igreja.

Esta eleição transbordou de contentamento o coração de Paulo, mostrando uma vez mais como Deus lhe revelava a formosura secreta das almas.

PIO VI NA CELA DE PAULO

O novo Papa recolheu, na herança de Clemente XIV, como precioso legado, singularíssimo afeto ao venerável Fundador e a seu Instituto. Uma de suas primeiras visitas foi ao nosso santo.

Aos cinco de março, primeiro domingo da Quaresma, depois de adorar o ss. Sacramento na basílica, encaminhou-se para a cela do servo de Deus. Avisaram-no e ele, todo confuso, pôs-se a exclamar

"Como! como! visitar ao último dos filhos da Igreja!... O Soberano Pontífice, o Vigário de Jesus Cristo na terra vem visitar-me!..."

Quando Sua Santidade entrou na cela, aumentaram-se-lhe as lágrimas. Tirou o solidéu e, com acento de voz que somente a fé pode inspirar, falou ao Santo Padre:

"SS. Padre, como se dignou V. Santidade visitar o último membro da santa Igreja?!"

Estas palavras comoveram profundamente a Pio VI, que o beijou na fronte e mandou que se cobrisse. E como o Santo não se resolvia a fazê-lo, o Santo Padre tomou-lhe com bondade das mãos o solidéu, beijou-o e colocou-lho na cabeça. Vencido pelo respeito, Paulo o retira e o Pontífice torna a colocar-lho na cabeça:

Sempre a chorar, continuou:

"Santo Padre, quando faleceu o predecessor de V. Santidade, de feliz memória, eu chorava por considerar-me órfão; agora não, não, já não sou mais órfão: tenho um pai... e que pai, meu Deus!"

As testemunhas dessa cena não se podiam conter.

São Vicente Strambi, que estava presente, assim se exprime:

"Belo exemplo de bondade, de caridade, humildade, verdadeiramente digno do Vigário de Cristo, o mais humilde, o mais afável e o mais amante dos homens!"

Pio VI esteve com Paulo cerca de quinze minutos, em familiar conversa, pondo-se a seu inteiro dispor em qualquer circunstância, indicando por mediador a mons. Frattini, ali presente, nomeado, havia pouco, seu Prelado doméstico.

Paulo pediu-lhe desculpas por não poder inclinar-se para beijar-lhe os pés. Sua Santidade quis consolá-lo. Apoiou uma das mãos na parede e colocou o pé na pobre cama do Servo de Deus, que, com todo o ardor de sua fé e de sua piedade, o beijou e o banhou de lágrimas.

Pio VI retirou-se, enternecido.

ROSA CALABRESI

Uma outra visita cheia de interesse e de encanto, preparada, sem dúvida, por Deus, revela-nos melhor a alma de Paulo da Cruz, que se vai iluminando sempre mais, à medida que se aproxima dos esplendores eternos.

Uma jovem, natural de Cervéteri, chamada Rosa Calabresi, alma pura e cândida, experimentou, na idade de 18 para 19 anos, os suaves atrativos do celeste Esposo, chamando-a à perfeição. Ciente de que não poderia, sem guia experimentado, corresponder ao chamamento divino, recorreu à oração. E se lhe apresentou ao pensamento o nosso santo.

Não o conhecia pessoalmente, mas ouvira referir grandes coisas a respeito de seu zelo e caridade.

Cheia de confiança, escreveu-lhe, manifestando-lhe o estado de sua alma e suplicando-lhe se dignasse tomá-la sob sua direção.

Paulo aceitou a incumbência e começou a dirigi-la pelas veredas da contemplação, até a união mística com Deus.

A começar de então estabeleceu-se entre essas duas grandes almas ininterrupta correspondência epistolar.

O Servo de Deus dirigiu-a durante 10 anos sem a conhecer pessoalmente; nada obstante, penetrava-lhe todos os segredos da alma.

Logo depois de se entregar à direção de Paulo, viu-se Rosa atormentada por sérios temores acêrca da salvação. Resolvera fazer confissão geral, mas apenas depositava confiança no servo de Deus. Estando em tais perplexidades, uma carta de Paulo vem restituir-lhe a luz e a paz de que necessitava

"Louquinha de Jesus, dizia-lhe, afaste imediatamente toda idéia de confissão geral".

De outra feita, um missionário passionista, grande servo de Deus, pregava em Trevignano, nas vizinhanças da localidade em que Rosa morava. Ardia a piedosa virgem do desejo de ouvi-lo, mas seus irmãos impediram-na de ir a Trevignano. Caiu Rosa em profunda tristeza. Por revelação divina soube Paulo da pena que a torturava e escreveu-lhe:

"Quanto melhor seria se consagrasse à oração essas horas passadas em gemer inutilmente..."

A jovem já escrevera quatro cartas ao servo de Deus, sem manifestar, por temor, um escrúpulo que a atormentava. Eis as palavras de Paulo

"Já seria tempo de dar-me por escrito o que a inquieta e não continuar a ocultá-lo no coração, tranquilizando-se uma vez por todas".

E declarando-lhe abertamente a causa de suas ansiedades, dizia-lhe provirem do demônio, exortando-a a viver na paz e alegria do divino Espírito Santo.

Que espetáculo admirável! Afigura-se-nos contemplar dois serafins cantando as maravilhas do divino amor. Admiramos ademais as secretas disposições da Providência que, desta maneira, nos revelou os prodígios de sua graça em Paulo da Cruz, prodígios que, não fora essas confidências, ficariam ignorados.

Rosa, depois da morte do servo de Deus, dar-nos-á testemunho jurídico de fatos extraordinários, últimos clarões, porém de brilho extraordinário, desse sol prestes a esconder-se no ocaso da eternidade, para lá resplandecer com novos fulgores. Narraremos esses fatos no capítulo seguinte.

SEU ÚLTIMO CAPÍTULO

Paulo parecia dominar a idade e os achaques. Ocupou-se da Congregação, especialmente da observância regular, até os últimos instantes da vida.

Na Bula de aprovação, a pedido do santo, Clemente XIV facultara modificar-se as santas Regras nos pontos em que o tempo e a experiência o aconselhassem.

O venerando ancião, imploradas as luzes do Alto e a assistência dos santos, particularmente dos fundadores de Ordens religiosas, pôs-se a revisá-las, meditando-as ponto por ponto. Aconselhava-se outrossim com os religiosos mais antigos.

Estava para reunir-se o Capítulo geral. Ciente de que em breve deixaria os amados filhos, convocou não somente aos padres capitulares, mas a todos os superiores da Congregação.

Desejava deixar-lhes as últimas recomendações para o bom governo do Instituto e consultá-los a respeito das alterações a serem introduzidas nas Regras, a fim de fixar definitivamente os limites da observância, podendo-se assim responder a futuros reformadores:

"Ne transgrediaris terminos antiquos, quos posuerunt patres tui (Prov. 22, 28). Não ultrapasasses os limites antigos, traçados pelos teus maiores".

Antes de iniciar-se o Capítulo, conferenciou com cada superior em particular, dirigindo-lhes salutares admoestações, recomendando-lhes sobretudo a máxima caridade para com os súditos e muito empenho pela perfeição religiosa.

Solicitou a todos os capitulares orações fervorosas, a fim de que N. Senhor escolhesse um Superior Geral conforme o seu Coração.

Paulo não podia ser reeleito, pois a isto se opunham as Constituições. Aliás, seu maior desejo era depor o peso do governo, para preparar-se a comparecer ante o tribunal de N. Senhor.

Ao saber, porém, que já haviam obtido dispensa para poderem confirmá-lo no cargo, apressou-se em apresentar-lhes a absoluta impossibilidade em que se achava de aceitar o superiorado da Congregação. Tratava-se de questão de consciência, acrescentou o venerando ancião.

Como, porém, jamais agia por soas próprias luzes, consultou o confessor, que, para tranquilizá-lo, aconselhou-o, caso o reelegessem, a expor candidamente os motivos que o obrigavam a recusar, colocando-se em seguida nas mãos dos Padres Capitulares, cuja deliberação seria a expressa vontade de Deus.

Aceitou o conselho com a docilidade duma criança.

Apresentou-se à aula capitular com uma corda ao pescoço, chorando, como se merecesse o cadafalso. Acusou-se das faltas que julgara haver cometido no governo do Instituto, solicitando perdão a Deus e aos capitulares a penitência proporcionada às culpas cometidas.

Ninguém conseguiu reter as lágrimas.

No primeiro escrutínio foi reeleito por unanimidade de votos. Ao conhecer o resultado da eleição, quase desmaiou.

A renúncia, por incapacidade absoluta e por razões de consciência, responderam os capitulares haverem também agido por consciência e que a unanimidade de votos patenteava claramente a ss. Vontade de N. Senhor.

Recusar era ir de encontro ao divino beneplácito. Paulo submeteu-se.

Ao som festivo dos sinos, dirigiu-se a comunidade à sala capitular, a fim de prestar obediência e homenagear o eleito do Senhor.

O Santo pronuncia comovente discurso, começando por estas palavras:

"Aflige-me, irmãos queridos, a vossa desgraça..."

desenvolvendo a idéia com acentos de profundíssima humildade. Por último, abençoou a todos, ajoelhados a seus pés.

Concluído o Capitulo, reuniu novamente os capitulares, propôs-lhes a revisão de alguns pontos das Regras, dizendo que aceitava sugestões baseadas na experiência.

A exortação final foi a respeito da harmonia e caridade que deviam reinar em nossas comunidades, bem como sobre o recolhimento interior, não deixando de recomendar a doçura por parte dos superiores.

As Regras, assim modificadas, foram apresentadas ao Santo Padre, o qual, após maduro exame por parte dos Cardeais Delle Lanze e Zelada, publicou uma Bula em que, mencionando as aprovações de seus predecessores Bento XIV e Clemente XIV, confirmava integralmente as ditas Regras, sancionando as modificações introduzidas e enriquecendo o Instituto de muitas mercês e privilégios.

Esta preciosa Bula, PRAECLARA VIRTUTUM, tem a data de 15 de setembro de 1775, primeiro ano do glorioso Pontificado de Pio VI.

CAPÍTULO XXXVIII

1775

Índice

PERFIL DO SANTO

DOTES NATURAIS

SUA FÉ
EM DEUS TODA SUA ESPERANÇA
CARIDADE PARA COM O PRÓXIMO
SUA HUMILDADE
SUA OBEDIÊNCIA
PUREZA ANGÉLICA
PRELÚDIO DA GLÓRIA

CAPÍTULO XXXVIII

1775

PERFIL DO SANTO

Poucos meses de vida restam ao nosso Santo. Tudo o prenuncia. Aliás, de há muito ele já não vive na terra.

Em breve estaremos órfãos! Como filhos desolados, com os olhos fitos no pai moribundo, a fim de gravar-lhe as feições no coração, contemplemos pela última vez esta egrégia figura, esta alma santa, de partida para a eternidade.

Em Paulo da Cruz uniam-se maravilhosamente os dons da natureza e da graça.

DOTES NATURAIS

Grave, majestoso e cortês a um tempo, inspirava confiança, incutia respeito, atraindo para Deus os corações. De sua pessoa exalava-se como um perfume de piedade, que excitava devoção. Tudo nele respirava perfeita harmonia: porte esbelto, compleição robusta, sensibilidade, amabilidade, distinção e encanto; fronte espaçosa, olhar vivo e penetrante, donde, no púlpito, jorravam relâmpagos, suavizados, contudo, pela bondade e pela modéstia; voz sonora e insinuante, passo majestoso.

Possuía alma ardente e nobre; inteligência lúcida, vasta e profunda; memória fiel, vontade resoluta e perseverante; coração terno, sincero e generoso.

Clemente XIV, ainda cardeal, ao vê-lo pela primeira vez, admirado, exclamava:

"Encontrei no pe. Paulo um homem TALHADO À
ANTIGA".

Com efeito, pertencia à família das grandes almas.

A Igreja, juiz infalível, colocou-o ao lado dos grandes legisladores monásticos, sobre cujas frentes o gênio funde seu brilho com os esplendores da santidade: os Elias, as Teresas, os Bentos, os Domingos, os

Franciscos de Assis, os Inácios, etc.

A vivacidade e a paciência, a força e a doçura, a prudência e a simplicidade, numa palavra, qualidades as mais opostas associavam-se, em altíssimo grau, em Paulo da Cruz. Preparara Deus esta natureza para a missão a que a destinara.

De que necessita, com efeito, um Fundador, especialmente em época de implacável guerra contra as Ordens religiosas?

Temperamento possante, a que nada consiga desalentar, nem as dificuldades do empreendimento, nem o ardor de incessantes combates, nem o mesmo tempo, que é necessário saber esperar.

A vida de são Paulo da Cruz é continuada série das mais heróicas virtudes. Este belo astro, desde o seu nascer, lançou vivo esplendor e, na trajetória de sua existência, aumentou sempre de brilho, sem um eclipse sequer.

Vamos agora reunir alguns raios esparsos de suas mais belas virtudes.

SUA FÉ

A fé, firme e profunda, jamais se lhe abalou. Era o segredo de seu poder sobre as almas e os demônios, era a poderosa alavanca com que alçava o mundo e, em certo modo, obrigava Deus a operar milagres. Dizia freqüentemente invejar os mártires. Anelava como eles selar a fé com o próprio sangue.

As palavras, os atos, a mesma vida, tudo em Paulo da Cruz, repousava na fé, fé pura, fé simples.

"Guiai-vos pela fé",

era uma de suas máximas.

"Oh! como admiro as almas que andam em pura fé e se abandonam totalmente às mãos de Deus..."

Efeito de sua fé era o viver continuamente com o coração no Céu, considerando-se peregrino na terra. Exclamou certa vez, em conversa com os religiosos:

"Não posso compreender a simples possibilidade de não se pensar sempre em Deus".

- Tomou a mão de um religioso e prosseguiu:

"Esta pele é sua, não é verdade? Estas mãos, estes nervos, estes braços são seus, não é verdade? Sim, não há duvidar, pois estão unidos ao seu corpo. No entanto, há alguma coisa mais certa do que isto; é o habitar Deus em seu coração. Isto é verdade de fé, ao passo que pertencer-lhe este braço podemos pô-lo em dúvida, por ser falível o sentido do tato..."

Ouçamo-lo ainda:

"Vós sois o templo de Deus vivo; visitai amiúde este santuário interior, vede se as lâmpadas estão acesas..."

Entendia por lâmpadas, a fé, a esperança e a caridade. E, a sorrir:

"Permanecei em vossa cela; ide à vossa cela".

- Por vezes perguntava:

"Como está em sua cela?"

E explicava:

"Sua cela é o seu coração e a sua alma é templo do Deus vivo; lá Ele habita pela fé".

Dizia, ademais:

"Pela presença habitual de Deus, reza-se vinte e quatro horas por dia".

Tudo, já o dissemos, o elevava para Deus. Antes da aprovação das Regras, jamais usou chapéu, pelo respeito que nutria à infinita Majestade de Deus.

Quando o Santo Padre obrigou a usá-lo, Paulo se descobria ao falar com pessoas piedosas, considerando-as templos do Espírito Santo.

Vigiava escrupulosamente a pureza de doutrina das nossas escolas. Quando se estudava o tratado da predestinação, maior era a sua solicitude.

"Frequentemente nos interrogava sobre essa matéria, diz um religioso, temendo subtilezas contrárias ao dogma".

"Conheci, explicava, alguns clérigos que, ao estudarem esse tratado, caíam em temores e excessivas perplexidades. Vinham ter comigo, muito aflitos, e eu lhes dizia: QUI BONA EGERUNT, IBUNT IN VITAM AETERNAM; QUI VERO MALA, IN IGNEM AETERNUM: HAEC EST FIDES CATHOLICA. Os que praticam o bem irão para a vida eterna; ao invés, os que praticam o mal irão para o fogo eterno: é esta a fé católica (Símbolo de Santo Atanásio). Com estas palavras dissipareis, como eles, todas as inquietações e perplexidades do espírito".

A fim de preservar os religiosos de doutrinas suspeitas, prescreveu nas Regras a inconcussa doutrina do angélico doutor santo Tomás de Aquino.

Salvo as tentações que o assaltaram na juventude, não mais teve uma dúvida contra a fé. Donde o respeito e o amor que votava à santa Igreja católica e a seu Chefe, o Vigário de Cristo. Por especial disposição da Providência, manifestaram-lhe os Soberanos Pontífices ilimitado afeto. Suas orações em prol do Santo Padre eram fervorosas e continuas, ordenando, ademais, que se recitassem diariamente, em todos os retiros, as ladainhas dos Santos com a oração pelo Papa.

Ao ouvir pronunciar o nome do Pontífice, inclinava a cabeça, recolhia-se e acrescentava:

"Falais do Papa, isto é, do Vigário de Jesus
Cristo...".

Estava firmemente persuadido de que as orações do Santo Padre são
eficacíssimas:

"Oh!, exclamava, quão agradáveis devem ser a Deus tais
orações!".

Ao considerar as perseguições da Igreja, lamentava-se e, com a
indignação do filho que vê ultrajada sua mãe, exclamava, chorando:

"Como sinto as angústias da santa Igreja, nossa
Mãe!... Suas tribulações transpassam-me cruelmente o
coração!... Sim... porque me glorio de ser verdadeiro
filho da santa Igreja! Um espinho, antes, um feixe de
espinhos despedaça-me o coração, ao ter conhecimento
dessas funestas noticias. Prouvera a Deus terminassem
aqui, mas não terminarão aqui os atuais castigos".

"Sede magnânimos, meus queridos filhos, escrevia aos
religiosos, e lembrai-vos de que devemos caminhar pelas
pegadas de Jesus Crucificado..."

A austeridade de sua fé era acompanhada de certa simplicidade cândida e
afetuosa, que se manifestava, principalmente, na celebração dos divinos
mistérios.

Na véspera do Natal, quando cantava o martirológio, a voz se lhe afogava
em lágrimas. A noite, antes de matinas, levava o Menino Jesus,
colocado em pequeno berço, processionalmente, pelo retiro, acompanhado dos
religiosos, entoando hinos ao Deus recém-nascido.

Comprazia-se em contemplar o Todo-Poderoso, a Bondade Infinita, a
Sabedoria divina envolto em pobres paninhos. Os gemidos, o recolhimento, a
fé e a caridade de Paulo faziam com que os religiosos olvidassem por completo
o mundo e se abismassem naquele mistério de Amor.

Escrevia:

"Um Deus Menino! Um Deus envolto em pobres faixas! Um
Deus reclinado sobre um punhado de feno e entre dois
irracionais!... Quem recusará a humilhação? Quem
recusará, submeter-se às criaturas por amor de Deus? Quem
se atreverá a queixar-se? Quem não guardará silêncio
interior e exterior nas tribulações?"

O grande pensamento, o pensamento universal, único, que penetrou, que
animou e absorveu a vida toda de Paulo da Cruz, o pensamento que conservou
o perfume de sua inocência batismal, que lhe coroou de triunfos os combates
da juventude, que lhe fecundou os labores do apostolado e o manteve nas
austeridades do claustro e do deserto; o pensamento que, em suma, lhe
consagrará o ocaso da vida e a última agonia, comunicando à alma as
transfigurações da glória, será o pensamento da sagrada Paixão e Morte
de Jesus. O assunto é inesgotável. Seriam necessários volumes para
desenvolvê-lo cabalmente. Resumindo, diremos que a vida do nosso Santo
oferece-nos uma das vivas imagens de Jesus Crucificado, com suas
tristezas, angústias, flagelação, coroação de espinhos, fel,
vinagre, perseguições dos homens, ódio dos demônios, agonias do Horto
das Oliveiras, desolações do Calvário.

Para conseguir essa semelhança, entregou-se Paulo a todos os trabalhos e sofrimentos, superando seu amor todas as dores.

"Lembra-me, diz uma testemunha, que, pasmado de seu gênero de vida, lhe perguntei: - Pe. Paulo, como pode suportar tais rigores? - Respondeu-me: -Deus sofreu tanto por mim! Não é de mais que eu faça alguma coisa por seu amor".

Encontrava a Paixão na sagrada Eucaristia, memorial perene do Sacrifício do Calvário através do tempo e do espaço. Visitava continuamente a Jesus Sacramentado e seu desejo era permanecer para sempre diante do Tabernáculo, como os Anjos no Paraíso, ou consumir-se de amor, como se consome a lâmpada do Santuário. Na velhice, fazia-se transportar ao altar do Santíssimo. Durante a adoração das quarenta horas, na basílica dos Santos João e Paulo, ia de manhã à tribuna, fechava-se a chave e não atendia a ninguém. Certa vez, desejando falar-lhe pessoa de muita distinção, atreveu-se o porteiro a avisá-lo.

"Não é tempo para falar com as criaturas, respondeu o santo ancião, quando o Proprietário da casa, o Senhor dos Senhores, o Soberano do universo está em seu trono...".

Descobria, por atração secreta, onde se achava o ss. Sacramento.

Um ímpio, que cometera horrível sacrilégio, viera entregar-lhe a Hóstia consagrada... Imediatamente percebeu a presença do seu Deus, e Jesus exultou nas mãos do fiel servo.

Sua maior devoção, porém, depois da Paixão de Jesus, era para com Nossa Senhora das Dores. Propagava com o mesmo zelo a Paixão do Filho e as dores da Mãe.

"Se vos dirigis a Jesus Crucificado, dizia, aí encontrareis Maria; onde está a divina Mãe, lá estará o Filho".

Por vezes ideava comovente diálogo de amor entre a Mãe e o Filho, enternecendo profundamente o auditório.

Comparava as dores do Filho e da Mãe a dois mares de mútua comunicação

"A dor de Maria é como o Mediterrâneo, porque está escrito: VOSSA DOR E' GRANDE COMO O MAR (Tren. 2, 33); daqui se passa a outro mar e esse sem limites: a Paixão de Nosso Senhor... É ali que a alma se enriquece, colhendo as preciosíssimas pérolas das virtudes de Jesus e Maria".

Para ele a mais intensa dor da ss. Virgem foi receber nos braços o corpo inanimado de Jesus e acrescentava que Nossa Senhora, imersa nessa dor, aparecera a ALGUÉM, patenteando no rosto os vestígios da morte: Tanto a transfigurava o sofrimento!. Esse

"alguém"

era o mesmo Paulo. Conversando com um sacerdote sobre a Paixão do Salvador e as dores de Maria, tirou da manga pequena imagem de Nossa Senhora das Dores, obra de excelente artista, dizendo-lhe

"Tome-a, eu lha dou; saiba, contudo, que Maria não aparece aqui em toda a intensidade de sua dor. Eu a vi muito mais angustiada e abatida sob o peso da aflição".

Conserva-se essa imagem no mosteiro das Carmelitas de Vetralla.

Pouco antes da morte, estava Paulo dando as devidas ações de graças da santa missa, quando lhe apareceu Maria, o Coração transpassado de aguda espada e os olhos inundados de lágrimas. Falou-lhe das angústias de seu Coração, em termos tão comoventes, que se teria enternecido um coração de pedra. Fêz-lhe compreender que atrocíssimas foram as suas dores, pelo ardor de sua caridade e pela grandeza de seu espirito, capaz de abranger um oceano de sofrimento. Queixou-se da falsa devoção dos que pretendem ser seus servos, ofendendo gravemente ao seu divino Filho. Em seguida, a Mãe de misericórdia, desejando salvar a um pobre sacerdote, revelou a Paulo o miserando estado daquela alma. Quando esse ministro de Deus veio visitá-lo, ouviu dos lábios do Santo estas terríveis palavras:

"Ah! tendes aos meus olhos a fealdade do demônio!"

A graça, porém, já operara. Confuso e arrependido, lançou-se o pecador aos pés do servo de Deus.

Paulo honrava com culto especial ao Anjo de sua guarda e ao Arcanjo são Miguel, protetor da nossa Congregação; a são José, casto esposo da Virgem e grande mestre da vida interior; a são Pedro, príncipe dos Apóstolos; a são Paulo, valoroso campeão das glórias da Cruz; a são Lucas, modelo de mortificação e a são Francisco de Assis, em quem o amor inculpiria visivelmente as dragas de Jesus.

Nutria particular devoção a santa Maria Madalena, que, afirmava, foi a que mais amou a Deus, depois da ss. Virgem; a santa Teresa, em cuja celestial doutrina muito se comprazia, e a santa Catarina de Gênova, prodígio do amor divino.

Tinha outrossim profunda veneração às santas Relíquias; lesos de barro, não há dúvida, mas impregnados de celestiais virtudes;
MEMBROS VIVOS DE JESUS CRISTO, TEMPLOS DO
ESPÍRITO SANTO.

EM DEUS TODA SUA ESPERANÇA

Se a fé de Paulo era admirável, não o era menos a sua esperança.

Dizia considerar-se uma criança a quem a mãe sustivesse no alto de uma torre. Ninguém temeria que ela a lançasse no abismo.

"Assim, acrescentava Paulo, confiante, não posso persuadir-me de que Deus me deixe cair nos abismos infernais".

Essa a razão por que descansava, em perfeito abandono, nos braços da divina Misericórdia. Sustentado por essa esperança, fruía dulcíssima paz e inalterável serenidade. Nada o desanimava. Quando se lhe afigurava tudo perdido, redobrava de confiança:

"Tudo está contra nós. Oh! como isto me alegra... Deus ser-nos-á favorável em proporção às

perseguições".

Em se tratando da glória de Deus e dos interesses da Congregação, seu valor, ardor e constância não conheciam limites. De feito, quantas fadigas, quantas humilhações e dissabores não suportou, pelo espaço de 47 anos, para o bem do Instituto?!

Se, quando de sua primeira viagem à Cidade eterna, perguntassem ao jovem solitário, qual o motivo que o fazia percorrer, descalço e tão mal aparelhado de roupa, distância tão longa e ele respondesse:

"que tinha em mira fundar uma Congregação de apóstolos que levassem a tocha da fé a todos os recantos do universo",

não o teriam, por ventura, tomado por louco? E se o jovem insistisse, certamente o interrogariam:

"Quais são os vossos protetores em Roma? quais os vossos companheiros? quais os recursos de que dispodes? vossa ciência, vosso talento?"

"Não possuo protetor, nem amigo, nem companheiros, nem dinheiro, nem ciência... Vou a Roma porque Deus assim mo ordenou; conto unicamente com sua proteção".

Que deduziriam de uma tal resposta? Este jovem ou estava animado de heróica confiança em Deus, ou era presunçoso, guiado por quiméricas ilusões.

O fato é que Paulo, levando de vencida tildas as dificuldades, conseguira estabelecer a grande obra. Doze retiros de religiosos e o convento das filhas da Paixão são o atestado de seus sacrifícios e, sobretudo, de sua ilimitada confiança em Deus! Inúmeras vezes, é do Santo a expressão, ele via essa obra sustentada por um fio, e jamais desanimou!

"Vereis, exclamava com toda confiança, vereis! Eu sei o que será desta Congregação".

Contava unicamente com o poder de Deus, embora insignes personagens, sacerdotes, bispos, cardeais, Papas, lhe oferecessem seus préstimos, sua influência e seu dinheiro.

CARIDADE PARA COM O PRÓXIMO

Falemos algo de sua caridade. Pelos fatos narrados no decorrer desta biografia, sai-nos espontâneo do peito o brado: Que serafim de amor!

Paulo se transformara pela caridade em Jesus Crucificado. Podemos compará-lo aos Franciscos de Assis, aos Felipes Néri, às Teresas de Jesus.

O amor de Deus é o princípio e medida do amor do próximo.

Jesus Crucificado, ao apossar-se de uma alma, não entra só, mas a humanidade em peso, encerrada em seu sagrado Coração. Eis a razão por que ateaia na alma amor inestinguível e universal, compaixão ilimitada a todas as dores, a todos os infortúnios, a todas as indigências;

compaixão ardente, generosa, que arrasta ao sacrifício, à imolação, a fim de lenir todos os sofrimentos. Essa a caridade de Paulo da Cruz.

Viveu para a humanidade, porque viveu para Deus. Anelava, embora ao preço do próprio sangue, outorgar a todos os verdadeiros bens, a luz, a verdade, a paz, o Céu, Deus!

Por uma alma, como o divino Mestre, subiria ao Calvário e, como o grande Apóstolo das Gentes, consentiria em ser ANÁTEMA POR SEUS IRMÃOS (Rom. 9, 3).

Os Santos são os verdadeiros amantes dos pobres. Somente eles possuem o segredo da verdadeira caridade que sabe dar e sabe dar-se.

Paulo era paupérrimo, mas sabia tirar da sua indigência algo para os mais indigentes. Em se tratando de alimentar os membros sofredores de Jesus, padecia fome.

"Dai aos pobres a minha sopa, dizia, dai-lhes outrossim a minha quota de pão. Eu não a mereço, por ser pecador".

Quando idoso, arrastava-se à portaria para entregar pessoalmente aos pobres a esmola. Punha-se de joelhos ante eles e, com a cabeça descoberta, suplicava-lhes chorando que comessem. Animava-os em seguida a sofrer com paciência, por amor de Deus, as agruras da indigência. Dizia-lhes:

"Coragem, pobres de Jesus Cristo, o paraíso é dos pobres. Infelizes dos ricos, porque suas riquezas, se não forem empregadas em Mas obras, servir-lhes-ão de maiores tormentos no inferno!".

Aos religiosos dizia:

"Fitai a fronte dos pobres e lá vereis gravado o Nome de Jesus...".

Exigia que nossos retiros socorressem a todos os pobres que se apresentassem. Em tempo de carestia exortava aos religiosos que multiplicassem as mortificações para auxiliar os necessitados, tomando parte em suas penas. A generosidade dos filhos alegrava sobremaneira o coração do pai.

Era todo delicadeza para não humilhar a indigência envergonhada. Em se tratando da inocência, exposta pela pobreza ao naufrágio, realmente engenhosa era a sua caridade.

Recebera de esmola uma moeda de ouro. De volta à casa, duas jovens pedem-lhe algum auxílio e o Santo, sem mais, entrega-lhes o pequeno tesouro, recomendando-lhes a modéstia e a devoção à sagrada Paixão de N. Senhor.

Para dotes de casamento, dava às donzelas pobres os móveis dos conventos e o dinheiro necessário.

Em Orbetello, uma senhora moribunda estava para deixar desamparada e na maior penúria a filha única. O coração de Paulo compadeceu-se do perigo da filha e da aflição da mãe. Dizia ao pe. Fulgêncio de Jesus

"Oh! como desejaria socorrê-la!"

Na noite seguinte apareceu milagrosamente à enferma e a curou.

Nas missões, a voz do apóstolo perorava a causa dos pobres, chegando a esmolar às portas dos ricos para aliviar a miséria dos favorecidos da fortuna.

Era o Anjo consolador de todas as enfermidades, aflições e pena. Não pregava missão sem levar aos hospitais e às prisões o bálsamo da caridade de Jesus Cristo.

Socorria também, com preces incessantes banhadas no Sangue do Redentor, as almas do purgatório. Com que ternura falava cie seus sofrimentos e com que zelo excitava a todos, particularmente aos seus religiosos, a apressarem a libertação daquelas almas.

As pobrezinhas apareciam-lhe freqüentemente, tristes e desoladas, solicitando o auxílio de suas orações. Mutiplicava então as preces e as austeridades.

Citemos um fato narrado pelo próprio Paulo a Rosa Calabresi.

Recomendara a certo sacerdote se emendasse de alguns defeitos; infelizmente, porém, de nada adiantou a recomendação. Uma noite, no retiro do Santo Anjo, ouve forte pancada à porta do quarto onde repousava. Pensando que fosse o demônio que vinha incomodá-lo, gritou Paulo:

"Vai-te embora".

Passados alguns instantes, nova pancada se fêz sentir. E Paulo de novo

"Vai-te embora."

A terceira vez achou que não devia ser o demônio e respondeu:

"Em nome de Deus eu te ordeno me digas quem és e o que
queres".

Responde-lhe uma voz aflita:

"Sou o padre N.; morri esta noite às seis e meia, -
naquele tempo as horas começavam ao pôr do sol-, e fui
condenado ao purgatório por causa daqueles defeitos de que
v. revma. diversas vezes me avisou. Ai! que sofrimentos!
Parece-me que faz milhares de anos que estou no
purgatório!"

Paulo consultou o relógio; eram seis e três quartos.

"Faz apenas um quarto de hora que expirou e já lhe parecem
milhares de anos?"

"Sim, parecem-me milhares de anos!"

Movido de compaixão para com aquela alma, toma da disciplina e se flagela com grande fervor. Não recebendo nenhum sinal de libertação, repete a disciplina e reza fervorosamente. Deus lhe dá a entender que essa alma será libertada no dia seguinte. Pela manhã, na santa missa, à hora da comunhão, vê-a circundada de luz, subindo à glória do Céu.

Tem-se dito que a gratidão é a flor da caridade; ela brilha, pois,

sobretudo nos santos. Sensível ao menor benefício, Paulo era gratíssimo para com os benfeitores.

"Parecia, diz uma testemunha, querer dar aos benfeitores o mundo todo e os primeiros lugares no céu".

Ordenou que em todos os retiros se cantasse missa na intenção dos mesmos nas festas de segunda classe. Recomendava-os, sensibilizado, às orações dos religiosos, especialmente quando enfermos ou quando os negócios lhes iam mal. Era de ver a caridade e a ternura com que os acolhia no retiro! Visitava-os freqüentemente nas enfermidades e os assistia na última agonia.

Os benfeitores falecidos eram objeto de especiais cuidados do santo Fundador. Multiplicava as orações, a fim de que pudessem quanto antes gozar da glória celeste. Prescreveu nas Regras orações diárias para eles, além de uma missa mensal com o ofício dos defuntos e de uma missa cantada dentro da oitava de Finados.

Descrevemos os milagres por ele operados em prol dos nossos benfeitores Grazi, Constantini, Frattini, Angeletti, Suscioli e outros.

Nutria afeto particular pelos inimigos, pelos perseguidores da Congregação e até pelos que tentaram assassiná-lo. As injúrias Paulo as considerava assinalados favores e títulos especiais para a sua benevolência. Caluniado, certa vez, não quis justificar-se, dizendo apenas:

"Agora assiste-me a obrigação de rezar por eles".

Acusado perante o Santo Padre de difundir erros contra a fé, de fomentar cismas e de usurpar direitos alheios, jamais abriu a boca para defender-se e, quanto dependeu de si, sempre impediu que outros o fizessem, imitando o divino Mestre que não pronunciou palavra em defesa de sua inocência.

Numa viagem a Roma, foi injuriado por uma pessoa que perdera o espírito de sua vocação. A mansidão do servo de Deus, longe de acalmá-lo, irritou-o sobremaneira. Lançou-se contra Paulo, atirou-o ao chão, bateu-o com furor diabólico, sapateando sobre seu corpo. Como Jesus no Pretório, o Santo tudo suportou em silêncio e sem alterar-se.

Uma só coisa o afligira: a ofensa feita a Deus. Pouco depois, respeitável sacerdote, seu amigo, o pe. Francisco Casalini, vendo-o pensativo, perguntou-lhe pelo motivo

"Rezai comigo, respondeu tranqüilamente, por uma alma que corre perigo de perder-se".

SUA HUMILDADE

Caridade tão extraordinária era fruto de sua profundíssima humildade, e esta tinha origem nas infinitas humilhações do Redentor.

"Um Deus humilhado! um Deus abatido!",

exclamava e, a essa consideração, jamais se saciava das injúrias e dos opróbrios.

Essa também a origem do desprezo que votava a si próprio. Ao celebrar a santa missa, imaginava ser um dragão revestido dos paramentos sagrados. Dizia:

"Chegou a hora e o Filho do Homem será entregue às mãos dos pecadores (Mat. 20, 18). Ah! meu Jesus velai por mim porque, se me abandonardes, serei pior do que Lutero e Calvino. Tenho muito medo de mim mesmo!".

Escolhia sempre as incumbências mais trabalhosas e humildes. Enquanto as forças o assistiram, jamais permitiu que lhe varressem o quarto ou arrumassem a cama. Frequentemente lavava os pratos, cozinhava, servia aos enfermos, comia no chão, ajoelhava-se diante dos religiosos, batendo humildemente no peito e rogando-lhes com lágrimas nos olhos:

"Rezai por minha pobre alma".

Conversando certa feita com um de seus religiosos, disse-lhe:

"Hoje celebramos a festa de santo Inácio. Recomendai-me a ele, porque muito o estimo".

"Certamente, replicou o religioso, deve ser vosso amigo, pois também é Fundador".

"Cale-se, disse Paulo, santo Inácio foi grande santo e eu sou pior do que uma besta".

Era magoá-lo dar-lhe o título de Fundador.

"Ah! se soubessem que golpe me desferem no coração, certamente evitariam chamar-me de Fundador, se mais não fora, pelo menos por compaixão. Esta expressão me faz chorar sangue!... Traz-me à memória as minhas ingratidões, recorda-me de que com os meus pecados arruinei a obra de Deus. E' Jesus o Fundador do Instituto da Paixão".

Certa vez perguntou-lhe o cardeal Orsini como fundara a Congregação. Ao que Paulo respondeu

"São coisas muito longas, Eminência".

E como este insistisse, desejando saber quem era o Fundador, Paulo replicou:

"O Fundador, Eminência, é o divino Crucificado".

De outra feita, em Roma, na antecâmara de um Prelado, perguntar-lhe os contínuos quem era o Fundador do Instituto da Paixão.

"Um pobre pecador",

respondeu o servo de Deus.

"Um pobre pecador...".

Certo dia, diz testemunha ocular, originou-se santa disputa entre o pe. Paulo e frei Leonardo de Porto Maurício. Os fiéis de Aquapendente desejavam ouvir um sermão de qualquer um desses dois célebres missionários, de passagem pela cidade. Ambos se recusavam, cedendo

mutuamente a honra da palavra. Finalmente, são Leonardo se deu por vencido e falou ao povo. Foi nessa ocasião que Paulo solicitou do grande missionário conselhos para o maior êxito de suas missões. Após alguma relutância, disse-lhe são Leonardo:

"Sou de parecer que o missionário ideal deve ter o interior bem ajustado".

Agradou tanto ao servo de Deus essa lição, que jamais a esqueceu, repetindo-a amiúde aos seus missionários.

Comprazer-se nas humilhações é a pedra de toque da verdadeira humildade. Paulo amava tanto o próprio desprezo, a ponto de andar em procura de vexames. E' que ele tinha os olhares perenemente fitos em Jesus, que se comprazia em ser o opróbrio da plebe. E devemos notar que era sensibilíssimo às humilhações, mas sabia domar os impulsos da natureza. Essa a razão por que os desprezos lhe causavam satisfação, e as honras verdadeiro suplicio.

Chegando-lhe ao conhecimento que alguma carta ou qualquer escrito continham louvores à sua pessoa, destruía-os e os lançava ao fogo.

"Se me fosse possível, dizia do intimo do coração, cancelaria o meu nome dos Breves Pontifícios. Não quero que fique recordação minha na Congregação".

Conservavam-se no retiro da Apresentação alguns documentos concernentes aos primeiros anos de sua consagração a Deus. O pe. Fulgêncio trouxera-os de Alexandria, perfeitamente legalizados. Apenas chegou ao conhecimento do servo de Deus, partiu imediatamente para lá, exigindo do modo mais absoluto que lhe entregassem todos aqueles escritos. A ordem era por demais explicita, forçoso era obedecer. O pe. Fulgêncio, com o pretexto de não perturbar o descanso dos religiosos, respondeu-lhe que os entregaria na manhã seguinte. E durante a noite, padres e irmãos copiaram-nos fielmente. Ao receber os originais, Paulo os lançou imediatamente ao fogo.

Afligia-se ao ver-se venerado como santo e exclamava:

"Oh! como estão enganados! A misericórdia divina far-me-ia grande caridade, se me mandasse ao purgatório até o fim do mundo".

D. Palmieri colocou no peito de um seu irmão moribundo o DISTINTIVO usado pelo servo de Deus e instantaneamente o enfermo recobrou a saúde. Escreve o prelado ao padre Fulgêncio relatando-lhe o ocorrido. Este julgou dever apresentar ao venerável pai a carta do snr. bispo. Paulo caiu em pranto desfeito.

Uma mulher, aproveitando-se do momento em que o Santo conversava com outra pessoa, cortou-lhe um pedaço da capa.

"Que fizeste? - interroga-a Paulo com ar severo - isto não se deve permitir..."

Essa indiscrição era coisa ordinária em suas viagens.

"Cortaram-me a capa, julgando que eu fosse o abade, quando não passo do cozinheiro. Oh! se me conhecessem, evitar-me-iam como se evitam os empestados! Deus se compraz em confundir-me e humilhar-me. Seja feita a sua ss.

Vontade".

Outras vezes, dizia:

"Esta boa gente quer fazer meias para suas galinhas. Como são cegos! Os juízos dos homens são bem diferentes dos de Deus!".

Fugia dos lugares onde pudesse receber louvores; cuidava que não lhe trocassem as roupas, repreendendo severamente a quem ousasse fazê-lo.

Não deixava, nem mesmo aos homens, beijarem-lhe as mãos.

Não podemos passar em silêncio o fato seguinte. Paulo, em companhia de um seu religioso, regressava de Orbetello ao monte Argentário. Um pescador, que apenas o conhecia de fama, saudou-os e lhes disse

"Como sois ditosos em ir àquele convento onde habita o pe.
Paulo, o grande santo".

Essas palavras golpearam terrivelmente a humildade do servo de Deus, que no momento não soube o que responder. Passados instantes, perguntou:

"Quem é mesmo esse santo de quem está falando? O padre
Paulo?"

"Sim, confirmou o pescador, ele é grande santo".

Então o servo de Deus, como para arrancá-lo do erro, replicou:

"Pois bem, posso assegurar-lhe com toda certeza que ele
não se julga santo".

E continuou o caminho.

O pescador afirmava-o sempre mais alto e, aborrecido pela opinião contrária do religioso, acrescentou:

"Quer o creia, quer não, eu lhe digo que ele é santo,
verdadeiro santo, grande santo".

Como é difícil em meio de tantas honras e tantos prodígios não levantar-se o vento da vaidade! A Paulo, porém, por graça singularíssima, jamais o molestou um pensamento de vanglória! Dizia ao confessor, com encantadora simplicidade

"Graças a Deus, o orgulho nunca se me aproximou.
Julgar-me-ia condenado, se me assaltasse um pensamento de
soberba".

Nem sequer podia compreender a possibilidade desses pensamentos. Comparava-se a um pobre maltrapilho, coberto de úlceras dos pés à cabeça, e perguntava:

"Poder-se-ia vangloriar esse homem, caso o introduzissem
a uma reunião de grandes senhores? Pecador como eu,
orgulhar-se? Deus me fez ler num grande livro: o livro dos
meus pecados. Rezai pela minha pobre alma, para que Deus
tenha compaixão dela".

Nunca se acusou desse pecado.

Por mais que fizessem, jamais conseguiram os religiosos que ele se deixasse retratar. O pintor Tomás Conca conseguiu traçar-lhe fielmente as feições, contemplando-o sentado em uma cadeira de braços, através das fendas da porta. Logo depois, Conca mostrou-lhe a efígie que desenhara. Paulo examinou-a com atenção e exclamou:

"Meu Deus, que cara de réprobo...!"

Para consolá-lo, disse-lhe Conca:

"Pe. Paulo, retratei-o para fazer um ensaio, pois notei em v. revma. uma fronte pinturesca. Esse retrato conserva-lo-ei para mim".

Poderíamos multiplicar os fatos concernentes à sua humildade, mortificação, amor ao sofrimento e à pobreza, mas digamos algo de sua obediência e pureza.

SUA OBEDIÊNCIA

Já dissemos que, quando jovem, Paulo emitira o voto de obedecer a todos. que admirável obediência em Castellazzo, em Nossa Senhora da Cadeia, em Nossa Senhora da Cidade e, sobretudo, no hospital de São Galicano!

Mais tarde, como Fundador e Superior Geral da Congregação, o amor, que é engenhoso, soube encontrar mil maneiras de praticar virtude tão agradável a Deus.

Escravo das Regras e da obediência, ao primeiro sinal da sineta, corria aos exercícios da comunidade. Considerava como Superior o diretor espiritual; nada fazia sem pedir-lhe licença.

Escrevia a uma penitente:

"Pedirei licença ao pe. João Batista para ir a Orbetello. Se obtiver permissão, amanhã cedo estarei na igreja de São Francisco; caso contrário, tenha paciência".

Enfermo, obedecia cegamente aos enfermeiros. Igual obediência prestava aos snrs. bispos, aos pastores de almas e, especialmente, ao Santo Padre, o Papa.

PUREZA ANGÉLICA

Em todo o curso desta vida, temos respirado, como num jardim, o doce perfume desta alma virginal, branca e pura como o lírio. Desde os mais tenros anos, tomara por divisa a sentença POTIUS MORI QUAM FOEDARI, Antes morrer do que pecar.

Conservou a inocência batismal até o último alento de vida. Discorreu de sua juventude, acusava-se de ter sido demasiado vivo, e acrescentava que Deus o preservara dos escolhos em que tantos jovens se perdem.

Quando enfermo em Orbetello, julgando-se sozinho, assim se desabafava com, N. Senhor:

"Bem sabeis, ó Senhor, que, com o auxílio de vossa graça, o vosso Paulo jamais maculou a alma com falta deliberada".

Não pensemos que nele a virtude fosse fruto espontâneo de temperamento gélido ou de insensibilidade.

Muito ao contrário, possuía rara ternura de coração, natural ardente, imaginação vívida. Alcançara a pureza angelical a preço de lutas e combates cruentos. Sua juventude foi dotada de riquíssimos dons naturais e do atrativo da virtude. Nem por isso foi isenta de perigos. Apesar das mais sérias precauções, encontrou rudes assaltos, que quebrantariam virtude menos sólida.

Numa palavra, nele brilhou o lírio da virgindade, porque soube cercá-lo com os espinhos da mortificação, da modéstia, da fuga das ocasiões e da desconfiança das próprias forças.

Sua modéstia era realmente angélica. Chegou a dizer certa vez que preferia lhe arrancassem os olhos, antes que fitar o rosto de urna mulher.

Conhecia apenas pela voz uma senhora espanhola de Orbetello, de rara formosura, a quem dirigira por muitos anos.

A castidade, qual tímida pomba, vê perigo por toda parte.

Em conversa com pessoas de outro sexo, suas palavras respiravam gravidade religiosa e celestial unção. Exigia que a porta do locutório estivesse aberta. O companheiro recebia ordem de não afastar-se muito. Costumava dizer que o companheiro é como o Anjo da guarda. Não admitia exceção com quem quer que fosse.

Estando em conferência espiritual com uma princesa, fecharam por inadvertência a porta do quarto. Bradou Paulo imediatamente:

"Abram, abram a porta, pois estarmos de porta fechada é contra as regras de nossa Congregação".

Disse certa vez:

"Não confio absolutamente em mim; nesta matéria fui sempre escrupuloso, tornando-me por vezes até descortês".

Santas DESCORTESIAS, que levam o religioso a cumprir sua primordial obrigação: a observância das Regras!

Velava o coração a fim de que se não afeiçoasse às almas por ele guiadas à santidade. NADA DE LATROCÍNIO EM RELAÇÃO A DEUS! essa a sua divisa.

Uma senhora, recomendando-se-lhe às orações, acrescentou com certa afetação:

"Lembre-se sempre de mim em suas orações; jamais me esqueça".

"Isto não, replicou o Santo; depois de ter atendido às

senhoras que a mim recorrem e de tê-las ajudado o melhor possível, recomendo-as a N. Senhor e procuro esquecer-me delas".

Talvez pareça pouco satisfatória a resposta, mas era a máxima do servo de Deus que a familiaridade com essas pessoas é espinho capaz de ferir o formoso lírio da pureza.

Deviam seus filhos ser Anjos em carne humana. Exortava-os calorosamente a imitarem a modéstia do Salvador. Recomendava-lhes não somente a modéstia da vista e o combate à concupiscência, mas também modelassem o seu agir às normas da modéstia, que a tudo empresta medida, compostura e dignidade.

Subira tão alto na região do amor celeste que, embora revestido de carne humana, já o constituíra Deus poderoso protetor da castidade. Na missão de Valentano, dissera a uma jovem

"Minha filha, Deus me fêz conhecer que sua inocência será submetida a terrível provação. Muito cuidado, minha filha".

Estimulou-a a confiar em Deus, garantindo-lhe a vitória.

Quatro anos decorridos, em quatro ocasiões diversas, sofreu a jovem violentos assaltos. Para repelir o brutal inimigo, invocava o nome do pe. Paulo e sempre saiu vitoriosa.

Espargia o nosso santo em derredor de si o perfume da pureza. Bastava conversar com ele ou mesmo dele se aproximar, para experimentar os atrativos dessa virtude. Odor característico exalava-se-lhe do corpo, dos objetos de uso e até da cela em que habitava. E esse celestial perfume perdurava por meses e anos.

Por vezes suas carnes virginais como que tomavam as propriedades do corpo glorioso: impassibilidade, claridade, agilidade e subtileza.

No êxtase, tornava-se insensível à dor, desprendia de si luz vivíssima, elevava-se aos ares, voava como os Anjos, ausentava-se de casa com portas fechadas, como Jesus no Cenáculo, encontrava-se presente em vários lugares simultaneamente. Frequentes eram esses prodígios na vida do servo de Deus.

Para retratar com perfeição a Paulo da Cruz, fora mister um raio de luz puríssima, mãos de Anjos, as cores que matizam a celeste Jerusalém.

PRELÚDIO DA GLÓRIA

Narremos os portentos assinalados nas palestras espirituais do Santo com a virgem de Cervéteri.

Nesses colóquios, o rosto de Paulo inflamava-se como se fora serafim de amor. Certa vez, arrebatado em êxtase, elevou-se dois palmos acima da cadeira em que estava assentado, saciando-se no manancial da divina luz. O rosto resplandecia-lhe como o sol. Os braços, tinha-os ora estendidos, ora cruzados no peito, os joelhos permaneciam unidos. Manteve-se nessa posição, entre o céu e a terra, pelo espaço de uma hora.

Noutra ocasião, discorrendo sobre a ss. Trindade, mistério de que outrora recebera conhecimentos especiais, jorravam-lhe do rosto, como sucedera a são João da Cruz e a santa Teresa, raios celestes, mais resplandecentes do que nunca, a reverberar-lhe na cabeça em forma de auréola. Ligeiro estremecimento agitava-lhe docemente os membros, prenúncio de próximo arrebatamento. Para impedi-lo, agarrou-se aos braços da cadeira, apoiando-se fortemente no espaldar da mesma. Nada adiantou, no entanto. Juntamente com a cadeira, elevou-se ao ar à altura de um homem. Toda a sacristia se iluminara dos resplendores emanados de seu corpo. Uma hora perdurou o êxtase. Em seguida, agitado por leve tremor, sem separar-se da cadeira, desceu à posição anterior.

Rosa, assaltada por escrúpulos, interrogou a Paulo a respeito da própria alma. O Santo convidou-a a implorarem as luzes do Céu. Puseram-se em oração. Ela de joelhos, o santo enfermo sentado em sua cadeira.

De repente, apareceu formosíssimo menino circundado de resplandecente luz. O santo ancião, remoçado, prostrou-se por terra, adorou ao Deus-Menino, pedindo-lhe a bênção e exclamando por entre suspiros e lágrimas:

“Ó bondade, ó benignidade, ó amor infinito do Eterno
Filho de Deus, que se dignou visitar a este miserável
vermezinho da terra!”

E prosseguiu:

“Peço-vos perdão, Jesus, das inúmeras. faltas,
ingratidões e irreverências, cometidas em tantos anos de
pregação, de administração e recepção dos
sacramentos...”

Jesus-Menino respondeu:

“FOI TUDO BEM, FOI TUDO BEM E
CONFORME A MINHA VONTADE...”

E como prova de que tudo fora bem, lançou-se-lhe aos braços, acariciando-o com suas mãozinhas. Paulo aconchegava-o forte mente ao coração, abrasado de amor, banhando-o de lágrimas e rogando a salvação de sua alma..

Então, o divino Menino, apertando-o mais fortemente, disse:

“A SALVAÇÃO DE TUA ALMA É TÃO
CERTA COMO É CERTO QUE ME TENS EM
TEUS BRAÇOS...”

Desapareceu o Deus Menino, deixando a alma do Santo inebriada de celestiais doçuras.

Voltando à habitual debilidade, não conseguia levantar-se, mas dois Anjos de encantadora formosura alçaram-no e o colocaram na cadeira.

Usas a Virgem bendita não quer ficar atrás nos benefícios concedidos ao seu servo. Foi ela quem o iniciou em sua sublime vocação; a ela, pois, cabe dar a última demão na vida mística de Paulo. Ei-la, portanto, rivalizando com Jesus nas consolações que ambos concedem ao devotíssimo servo, chegado já às portas da eternidade.

Conferenciava Paulo com Rosa Calabresi. Inesperadamente, de um grande

quadro que representava Nossa Senhora com o Menino Jesus parte uma voz articulada, sensível:

"Paulo, Paulo!"

No mesmo instante, brilhante como o sol, aparece Maria ss. em forma natural e humana, trazendo nos braços o divino Filho. Surpreendidos pela visão celestial e inundados de prazer inefável, os dois contemplativos se prostram de joelhos diante da grande Senhora. Dirigindo-se ao santo, diz-lhe a Rainha do céu

"Meu filho, pede-me graças".

Paulo, de cabeça inclinada, responde:

"A salvação de minha alma!"

"Podes ficar tranqüilo que a graça te é concedida",

replica Maria.

Mas Paulo pensava também na obra predileta do seu coração, seu amado Instituto.

"Fica tranqüilo, diz-lhe a Virgem, que a Congregação vai indo muito bem e teu agir é muito do agrado de Deus".

Fala depois o Menino Jesus e lhe diz coisas inefáveis, que a feliz espectadora não se sente capaz de exprimir; consolou admiravelmente seu servo e, entre outras coisas, lhe disse

"que erva mártir por suas penas e sofrimentos".

Agora o desejo de Paulo é ser acariciado pelos celestes visitantes, os quais benignamente condescendem e pousam ambos a mão sobre a cabeça dos dois devotos servos.

Já outra coisa mais não restava senão desvencilhar-se dos liames do corpo e entrar naquela eterna bem-aventurança que começara a prelibar. Paulo vive desse desejo; a celeste Rainha lhe anuncia que dentro em breve ele se realizará no próximo outubro, numa quarta-feira.

Antes de findar a visão, desejava Paulo receber a bênção de Jesus e de sua ss. Mãe. Sentindo-se indigno de a pedir, diz à santa filha espiritual que a peça; mas esta, não menos humilde e confundida que o santo diretor, respondia que a ele cabia pedi-la. Jesus e sua ss. Mãe alegravam-se com essa emulação de humildade, que acabou com o triunfo do santo, o qual impôs à dócil filha o dissesse em virtude da santa obediência. O pedido foi imediatamente atendido: Mãe e Filho levantaram a mão e abençoaram os devotos servos, que ficaram absortos em êxtase.

A piedosa virgem, voltando a si, viu somente seu venerado pai, levantado alguns palmos do chão, com os joelhos dobrados e com semblante resplandecente de luz. Quanto tempo durou a visão o êxtase não o sabemos; a devota discípula diz que

"durou muito empo e não acordou nem voltou ao estado natural senão pela arde".

Ditosa transfiguração a que o conduziram o sofrimento e o mor, prelúdio da suprema transfiguração que se há de operar depois da morte

CAPÍTULO XXXIX

JUNHO A 18 DE OUTUBRO DE 1775

Índice

ÚLTIMOS DIAS

ANUNCIA TRISTES ACONTECIMENTOS
PARA A IGREJA

ADEUS PATERNO

EPÍLOGO DE UMA VIDA SANTA

O CÉU RECEBE MAIS UM SANTO

LÁGRIMAS DE JÚBILO

CAPÍTULO XXXIX

JUNHO A 18 DE OUTUBRO DE 1775

ÚLTIMOS DIAS

Esta narração final entristece e alegra a um tempo o nosso coração.

De fato, se chegamos ao dia da despedida, chegamos outros sim ao momento da eterna recompensa.

A vida de Paulo da Cruz é agora toda amor sem combate, paz sem temor, luz sem sombra. Nada mais perturba a doce e perene serenidade de sua alma. É como a aurora daquela glória, daquela felicidade, que não conhece ocaso.

Elevara-o tão alto o amor, a ponto de consumir o vaso de terra; sucumbia o corpo aos ardores divinos. Os olhares do Santo estavam fixos na Beleza divina, sobejas vezes prelibada. Eram-lhe necessários a solidão e o silêncio. Na cadeira ou no leito, comprazia-se em estar só e de porta e janela fechadas, para melhor ouvir a voz suavíssima do Criador.

Muitos eram, no entanto, os que desejavam vê-lo. Os religiosos, contra vontade de Paulo, viam-se obrigados a introduzir em sua cela pessoas de distinção, notadamente eclesiásticas.

O amável ancião, longe de agastar-se, acolhia-os com afabilidade. O objeto de suas conversas era sempre a Paixão de N. Senhor. Incitava a todos, prelados ou cardeais, a alimentar-se da Paixão do Redentor, presenteando-os com algum pequeno crucifixo.

Os alunos da Propaganda, atraídos por seus admiráveis conselhos, visitavam-no freqüentemente. Paulo folgava em dirigir a palavra àqueles jovens, esperanças da Igreja, futuros apóstolos dos gentios.

" Meus bons filhinhos, dizia-lhes, acostumai-vos a sofrer por amor de Jesus; excitai-vos mutuamente no desejo de derramar o sangue e dar a vida pela fé " .

Asseverava-lhes que jamais conseguiriam a heróica fortaleza dos mártires, sem a diária meditação dos tormentos e agonias do Filho de Deus. Em seguida, com ternura paterna, perguntava-lhes se amavam de coração a Maria e, à resposta afirmativa, acrescentava:

" Amai-a, meus filhos, amai-a sempre mais. É nossa Mãe, pois gerou-nos ao pé da Cruz. Ah! meus queridos filhos, tende sempre presente ao espirito as suas dores, compadecendo-vos de seu martírio com todas as veras da alma
" .

Estas palavras animavam aqueles levitas, admiradores sinceros das virtudes do Santo. Davam-se por felizes quando podiam subtrair-lhe alguns fios da capa. Um clérigo estrangeiro, prestes a ser ordenado, desejou falar a sós com o servo de Deus. O religioso que o conduziu à cela de Paulo depôs:

" Ao sair da entrevista, fora de si de contente, chamou-me à parte e perguntou-me: - Quem é esse padre?
- Respondi que era o padre Paulo da Cruz, nosso Fundador. - Pois saiba que ele é um santo. Disse-me coisas tais, que estou estupefato! Tem o espirito de profecia. Repito-o, é um grande santo! " .

ANUNCIA TRISTES ACONTECIMENTOS PARA A IGREJA

Quem mais visitava o santo enfermo era Antônio Frattini, seu grande amigo e benfeitor, prelado doméstico do Palácio Apostólico.

Uma dessas visitas assinalou-se por incidente, que merece ser relatado.

Apenas Frattini entrara na cela, Paulo perguntou-lhe como estava o Santo Padre. Sabendo que gozava excelente saúde, estático, acrescentou:

"Eu me chamo Paulo da Cruz, mas sou da Cruz apenas de nome... com muito mais razão esse título pertence ao Santo Padre. Diga-lhe da minha parte que se acomode bem sobre a Cruz, porque terá de estar cravado nela por muito tempo..."

Ditas estas palavras, inflamou-se-lhe o rosto e torrentes de lágrimas deslizavam-lhe pelas faces. Voltou-se em seguida para o grande Crucifixo, o mesmo que levava às missões, prosseguindo com acento de dor profunda

"Pobre Igreja! Pobre Religião Católica! Senhor, fortificai o vosso Vigário, dai-lhe luz e coragem, para cumprir em tudo a vossa santíssima Vontade..."

Levantou os braços e continuou:

"Sim, eu o espero; sim, eu o desejo; sim, eu o quero..."

Saiu do êxtase, fitou a Frattini e perguntou-lhe:

"O sr. está aí?"

Este, convencido de que acabava de ouvir lúgubre profecia em relação à Igreja, soube dissimular, passando a outro assunto.

Frattini não se atreveu a relatar o fato ao Papa, temendo amargurá-lo.

Em 1779, convidado a depor nos processos ordinários, julgou em consciência dever calar-se, pois, manifestando ao Pontífice a repugnância que experimentava em revelar certas profecias que a prudência aconselhava silenciar por enquanto, teve por resposta proceder com cautela e moderação.

Irrompida, em 1789, a revolução francesa, percebeu que a profecia começava a realizar-se e julgou tudo dever declarar nos processos apostólicos.

O vaticínio cumpriu-se ao pé da letra, quando, para cúmulo de tantas maldades, o Vigário de Jesus Cristo, joguete de paixões coligadas, faleceu em Valença (França), nas amarguras do exílio.

Felizmente a oração que Paulo, vinte e quatro anos antes, dirigira a Jesus Crucificado em favor de Pio VI veio fortificar, qual Anjo consolador, o augusto mártir em seu Calvário!.

ADEUS PATERNO

Quando ao servo de Deus faltaram as forças para celebrar o santo Sacrifício, um sacerdote de voz clara e forte celebrava-o num quarto contíguo à sua cela, administrando-lhe diariamente a sagrada Comunhão.

Na festa do ss. Sacramento, 15 de junho, por supremo esforço de amor, celebrou pela última vez.

A começar desse dia, o Santo não experimentou mais melhoras. A morte aproximava-se a passos agigantados.

No dia dos santos João e Paulo, 26 de junho, teve prolongados desmaios.

Seu estômago com dificuldade suportava apenas algum gole de caldo. Dizia com infantil ingenuidade:

"Parece-me ter pedras no estômago".

Os médicos ordenaram-lhe pão dissolvido em água; foi esse o seu alimento pelo espaço de quase um mês, tempo que lhe restava de vida. Tomava-o em pequena quantidade, cada vinte e quatro horas.

Os sofrimentos não lhe alteravam a serenidade do espírito nem a paz do coração. Repetia por vezes:

"Não desejo viver nem morrer, mas somente cumprir a as.
Vontade de Deus".

Aos religiosos que lhe compadeciam as dores, dizia:

"Causam-vos mágoa as minhas dores? A mim não...
Elas me conservam nas chagas de Jesus".

Persuadido de que em breve morreria, acrescentava:

"A terra chama pela terra".

Certa vez, enquanto tomava o escasso alimento foi acometido de violentos vômitos. Heróico e sereno, repetiu aos religiosos penalizados as palavras de Judas Macabeu: SI APPROPIAVIT TEMPUS NOSTRUM, MORIAMUR FORTITER (1 Mac. 9, 10). Se chegou o tempo, morramos valorosamente.

Quando as dores lhe davam alguma trégua, ocupava-se dos deveres de seu ofício, dando sábios conselhos aos religiosos de Roma ou ditando cartas repletas de zelo e prudência aos filhos ausentes.

Jamais deixou as práticas de piedade. Recitava diariamente os quinze mistérios do Rosário, como tributo de amor à divina Mãe. Ao enfermeiro que, notando o esforço empregado na recitação do Rosário, lhe observava

"V. Paternidade não pode mais rezá-lo, pois perde a
respiração",

respondia:

"Quero recitá-lo enquanto viver. Quando não mais puder
com os lábios, fá-lo-ei com o coração".

Tinha por costume oferecer à Rainha do Céu, no dia 15 de agosto, a assim chamada

"hora do rosário".

Fazia-o das três. às quatro da madrugada. Jamais deixou essa prática de piedade, nem mesmo nas enfermidades, pedindo a um religioso o despertasse àquela hora.

O médico, temendo o desenlace, julgou prudente administrar-se-lhe o santo Viático. Paulo, embora soubesse que a morte não era iminente, quis comungar em presença da comunidade. Era o dia 30 de agosto. O primeiro Consultor trazia o Santíssimo, precedido dos religiosos que, com tochas acesas nas mãos, entoavam cânticos litúrgicos. Ao ver entrar na cela o seu amável Jesus, o santo enfermo, imobilizado havia bastante tempo, estendeu os braços com agilidade e exclamou

"Meu doce Jesus, protesto que desejo viver e morrer na
comunhão da santa Igreja. Detesto e abomino todo e qualquer
erro".

Recitou em seguida, com extraordinária expressão de fé, o símbolo dos Apóstolos.

Ao notar os religiosos, ajoelhados e chorando ao redor do eito, aproveitou a ocasião para fortificá-los no espírito de Jesus Crucificado. O testamento sagrado do pai moribundo foi escrito por dois sacerdotes, que se encontravam no Oratório contíguo à cela. Ouçamo-lo:

"Em primeiro lugar, recomendo-vos instantemente o
santíssimo preceito dado por Jesus aos discípulos, na

véspera de sua morte: Conhecer-vos-ão por meus discípulos, se vos amardes mutuamente (Jo. 13, 35). A caridade fraterna é, meus queridos irmãos, o que de todo o coração desejo de todos os presepes e de todos os que se acham revestidos desse hábito de penitência, memorial perene da Paixão e Morte do nosso amado Redentor, bem como dos que futuramente forem chamados pela divina misericórdia a este pequeno rebanho do Senhor. Recomendo a todos, particularmente aos superiores, amor ao espírito de razão, de solidão e de pobreza. Se este espírito se conservar entre nós, a Congregação resplandecerá como sol, por toda a eternidade, em presença de Deus e dos homens. Amai, eu vo-lo aplico, amai sempre com amor filial e sincero a santa Igreja. Pedi incessantemente por ela e por seu chefe. Sêde submissos o Santo Padre em tudo e por tudo. Trabalhai como infatigáveis apóstolos na salvação das almas; inflamai os corações na devoção à Paixão de N. Senhor e às Dores da divina Mãe".

Após haver manifestado sincero reconhecimento aos benfeitores, notadamente ao Romano Pontífice, apoderou-se-lhe da alia profundo sentimento de humildade:

"Como sou miserável! Estou para deixar-vos e entrar na eternidade... Ai de tuim! que apenas vos deixo maus exemplos! o entanto, confesso-vo-lo que sempre tive em vista a vossa santificação e perfeição espiritual. Peço-vos, portanto, perdão, com rosto em terra. Recomendo-vos encarecidamente a minha alma, fim de que N. Senhor a receba no seio de sua misericórdia. Espero-o pelos méritos de sua Paixão e Morte".

Voltando-se para o SS. Sacramento, prosseguiu:

"Sim, meu amado Jesus, espero, embora pecador, ir imediatamente ver-Vos no Paraíso e dar-Vos, ao deixar o corpo, aquele santo ósculo que a Vós me unirá para sempre, podendo assim cantar eternamente a vossa infinita misericórdia."

"Recomendo-vos, meu doce Jesus, a pobre Congregação, fruto de vossa Paixão, de vossa Cruz, de vossa Morte. Abençoi, vo-lo suplico, abençoi a todos os religiosos e benfeitores do Instituto... "

Tomou então a voz do Santo entoação de inefável ternura. Prestemos atenção, nós que temos a ventura de ser filhos de são Paulo da Cruz. Aconselha-nos são Vicente Maria Strambi conservemos a lembrança destas solenes palavras

"Suplico-vos, ó Virgem Imaculada, Rainha dos Mártires, suplico-vos pelas dores que sofrestes na Paixão de vosso amado Filho, lançai a todos a vossa bênção maternal. Coloco a todos e a todos deixo sob o manto de vossa doce proteção".

Despediu-se por fim dos filhos queridos:

"Vou deixar-vos, mas esperarei a todos lá no Céu, onde rezarei pela santa Igreja, pelo Soberano Pontífice, pela nossa Congregação, pelos benfeitores. Deixo-vos

todos, presentes e ausentes, com a minha bênção".

E levantando com esforço a destra, traçou o sinal da Cruz sobre os filhos, que choravam e soluçavam. Dirigiu-se em seguida ao Salvador

"Vinde, vinde, Senhor Jesus...! VENI,
DOMINE JESU (Apoc. 22, 20)."

E chorando batia no peito e repetia

"DOMINE, NON SUM DIGNUS - Senhor, não
sou digno..."

e com devoção de serafim recebeu em seu coração o amabilíssimo Jesus.

Todos se retiraram, pois o Santo precisava de silêncio, para se abismar em adoração e ações de graças.

EPÍLOGO DE UMA VIDA SANTA

Comungava diariamente e sempre em jejum, suportando ardentíssima sede.

O Santo Padre, ao saber do heróico sacrifício do servo de Deus, mandou-lhe dizer por Frattini que podia comungar quatro vezes por semana sem estar em jejum. Paulo aproveitou-se do privilégio até o último dia de vida.

Enternecido pela bondade do Vigário de Cristo, recomendou novamente aos filhos jamais omitissem a recitação diária das ladainhas de todos os Santos conforme as intenções do Papa e pelas necessidades da santa Igreja e acrescentou:

"Se me salvar, como espero pela sagrada Paixão de N.
Senhor Jesus Cristo e pelas Dores de Maria, hei de rezar
sempre pelo Santo Padre. Como lembrança, deixo-lhe
depois da minha morte, esta imagem da Virgem das Dores.
E' prova de meu reconhecimento".

Passados instantes renova a recomendação de rezarem pelo Papa

"a fim de que a divina misericórdia o conserve em saúde por
muito tempo, para o bem da santa Igreja, e o assista em
todos os empreendimentos. Como os desejos do Santo Padre
são unicamente agradar a Deus, que os realize com todo o
zelo possível".

Paulo continuava a consolar os filhos desolados, a exortá-los à fiel observância das santas Regras, a recomendar-lhes evitassem as menores faltas voluntárias. Que os superiores vigiassem sobre este ponto,

"porque os que perderam o espírito religioso são, no campo
do Senhor, como ervas daninhas, que põem a perder a boa
semente".

Repetiu o que dissera aos superiores, quando gravemente enfermo, em Santo Anjo

"Despojo-me do pouco que tenho em uso e peço-vos a

caridade de dar-me de esmola alguma roupa usada, que me servirá de mortalha".

Visitando-o o revmo. pe. João Maria Boxadors, Geral da Ordem dos Pregadores e grande admirador do Santo, mais tarde cardeal da santa Igreja, Paulo recomendou-lhe seu pequeno rebanho, dizendo-lhe que o deixava sob a proteção da Ordem de São Domingos, cumulada de tantos favores pela SS. Virgem.

Pediu-lhe autorização para erigir, nos nossos noviciados, a confraria do santo Rosário, e facultade ao Mestre de Noviços de inscrever na mencionada confraria todos os religiosos, que almejassem usufruir desse privilégio.

O pe. Boxadors concedeu-lhe de boa mente o favor solicitado e Paulo regozijou-se no Senhor por enriquecer a Congregação de tão precioso tesouro.

O mal aumentava. O servo de Deus, sempre tranqüilo, esperava pela morte. Imagem viva do Redentor, o corpo era-lhe uma chaga. Nenhuma posição lhe mitigava as dores. Sentia sede devoradora e a água aumentava-lhe as dores! Dizia, às vezes:

"Parece que me arrancam a alma; não há em todo o meu corpo um espaço de quatro dedos isento de dor".

E não se lamentava! Que paz e serenidade inalteráveis!

Alçava, de vez em quando, os olhos ao céu, juntava as mãos, e exclamava:

"Bendito seja Deus!"

ou patenteava por gestos que adorava a ss. Vontade de Deus. O pe. João Maria de Santo Inácio, seu confessor, disse-lhe certa vez:

"Jesus deseja fazê-lo morrer crucificado como Ele".

Manifestou o santo enfermo, pela expressão do rosto, que folgava imensamente em estar pregado à Cruz do seu Senhor.

Fitava amiúde Jesus Crucificado e a Virgem das Dores, haurindo força e alegria para o derradeiro sacrifício.

Passavam os dias e as noites, e ele sempre a sofrer. Era verdadeiro milagre como um homem tão extenuado de forças pudesse viver sem alimento algum.

Temiam os religiosos vê-lo entrar de um momento a outro em agonia, mas Paulo lhes assegurava que a hora do trespasse ainda não chegara. O pe. João Maria devia pregar missão em Tolfá; temendo, todavia, que o Santo morresse em sua ausência, diferia a partida de um dia para outro. Paulo, antepondo a glória de Deus e a salvação das almas à própria consolação, disse-lhe:

"Vá, vá tranqüilo, pois não morrerei tão logo".

Animado sempre do espírito apostólico, acrescentou:

"Ao passar flor Rota, incentive aqueles bons habitantes a assistirem a missão".

O missionário, após pedir-lhe a bênção, beijou-lhe a mão. Paulo, por sua vez, osculou a mão desse filho que tão bem o assistia nos caminhos espirituais.

D. Struzzieri, antigo filho do venerável Fundador, então bispo de Amélia, escreveu-lhe pedindo o esperasse em Roma no ia 18 de outubro. Referiu-lhe o secretário as palavras e o desejo do Prelado. O Servo de Deus respondeu sorrindo:

"Sim, responda-lhe que o esperarei".

No entanto extinguiu-se-lhe a voz e as forças se lhe diminuía de dia a dia.

Sentindo aproximar-se o último combate, solicitou o sacramento da Extrema-Unção, escolhendo para ato tão comovente festa da Maternidade divina de Maria, segundo domingo de outubro.

No sábado, 7 do mesmo mês, confessou-se com o pe. João faria, que já voltara da missão. Domingo de manhã, recebeu m Viático Aquele que é a Ressurreição e a Vida.

"Em seguida, para melhor compenetrar-se da graça da Extrema Unção, mandou chamar a um de seus padres, narra o piedoso biógrafo do Santo, pedindo-lhe expusesse os efeitos deste grande sacramento. Ele, que com tanta competência podia ensinar a outrem, quis por humildade ser instruído?".

O religioso que teve essa honra é o mesmo que nos oculta o nome: SÃO VICENTE: MARIA STRAMBI, então lente de Teologia em Santos João e Paulo, mais tarde Bispo de Macerata Tolentino. Um santo a doutrinar a outro santo!

Terminadas as vésperas, dirigiram-se os religiosos à cela do enfermo

Com as mãos postas, profundamente recolhido, seguia as orações rituais, enquanto dos olhos deslizavam-lhe doces lágrimas. Os religiosos, à imitação do pai moribundo, rezavam e choravam.

Terminada a cerimônia, chegou d. Marcucci, vice-gerente, perguntando pela saúde do pe. Paulo.

"Ah! Expia., respondeu chorando o religioso, é a última vez que vereis ao nosso pai, pois está tão acabado, que pouco lhe resta de vida".

Encaminhou-se o snr. bispo para a cela do servo de Deus. A vista daquele rosto, em que se associavam as sombras da morte e os primeiros resplendores do Céu, comoveu-se profundamente, não pronunciando uma palavra sequer.

Colho o santo se esforçasse por pedir-lhe a bênção, d. Marcucci, dizendo-lhe que se não fatigasse, lançou-se de joelhos aos pés da cama, rezou três ave-marias e pronunciou em voz alta as seguintes palavras:

"Que Jesus e Maria, nossa Mãe, nos abençoem..."

Dir-se-ia não atrever-se abençoar a um santo com a fórmula ordinária dos bispos.

Pode dizer-se que Paulo estava em contínua agonia. Todavia, oito dias depois, com admiração geral, conseguiu escrever de próprio punho uma carta à virgem de Cerveteri. Dava-lhe alguns conselhos e dizia que a esperava no Céu, para onde iria daí a dois dias. Rosa Calabresi depõe:

"Estávamos já bem adiantados no mês de outubro de 1775, quando recebi uma carta do Ven. Servo de Deus..., a última que recebi. Estava escrita toda de sua mão. Os pensamentos davam a conhecer uma mente clara e uma alma virtuosa. A escrita, porém, indicava a fraqueza das forças, pois as letras não estavam traçadas como de costume e as linhas começavam no alto e iam terminar quase na metade da página. Dava-me diversas recomendações..., a última bênção... (dizendo que) dentro de dois dias teria morrido..., concluía que tornaríamos a nos ver no céu".

No dia de São Lucas (18 de outubro), de quem era devotadíssimo, recusou a poção de pão dissolvido em água, desejando comungar em jejum.

Foi sua última Comunhão. De ora em diante só vive para o Céu. Quer deixar a terra num ósculo de amor.

Pedi não permitissem entrar na cela pessoa estranha, pois os derradeiros instantes de vida deveriam pertencer exclusivamente a N. Senhor e aos seus filhos.

Apesar da proibição, os religiosos abriram exceção ao bispo de Scala e Ravello, a um religioso Camaldulense do Convento de São Gregório e a um senhor de Ravena.

O Santo, sempre bondoso, acolheu-os, presenteando-os com pequeno Crucifixo, exortando-os, por sinais a meditarem perenemente a sagrada Paixão de Nosso Senhor.

Enternecidos até as lágrimas, exclamaram ao retirar-se:

"Ah! na verdade vê-se a santidade estampada em seu rosto! Oh! como são ditosos, estes padres, pois têm por pai a um santo! Sim, Paulo é grande santo!".

Pouco antes do meio dia, chega d. Struzzieri. Desce do carro e corre à cela do amado pai, toma-lhe a mão e cobre-a de beijos. O moribundo reanima-se ao rever o querido filho. Sorri, descobre a cabeça em sinal de respeito ao Prelado e deseja também beijar-lhe a mão, mas o snr. bispo retira-a imediatamente.

Após afetuosas palavras, disse Paulo ao enfermeiro

"Diga ao pe. Reitor que trate bem ao snr. bispo e aos seus domésticos, fazendo-os servir pelos religiosos".

Cumprira a palavra, esperando o snr. bispo. Agora, ciente de que lhe chegara a última hora, pediu ao enfermeiro o ajudasse a mudar de posição, para poder fitar as imagens de Jesus Crucificado e da Mãe das Dores. Nessa posição permaneceu até a morte.

Pouco depois, sentindo calafrios, disse ao enfermeiro

"Chame o pe. João Maria porque minha morte está próxima".

Respondeu-lhe este que não via perigo iminente de morte, tanto mais que o médico, horas antes, o achara melhor.

"Chamem, chamem o pe. João Maria para auxiliar-me",
insiste o Santo.

Estavam os religiosos no coro cantando vésperas. O irmão, não julgando iminente o desenlace, sentou-se junto ao leito do servo de Deus e perguntou-lhe:

"Meu padre, por ventura não aceita de boa vontade a morte para cumprir a SS. Vontade de Deus?"

Respondeu o moribundo com voz forte

"Sim, morro de muito boa mente para cumprir a SS. Vontade de Deus".

"Coragem, pois, acrescentou o enfermeiro; confie em N. Senhor".

Estendeu Paulo os braços às queridas imagens e disse com admirável ternura

"Ali estão minhas esperanças, na Paixão de Jesus e nas Dores de minha Mãe Maria...."

O CÉU RECEBE MAIS UM SANTO

Terminadas as vésperas, chamou o enfermeiro ao pe. João Batista de São Vicente Ferrer, primeiro Consultor. Paulo, apenas o vê, exclama:

"Auxiliem-me, porque vou morrer",

e entrou em doce agonia.

Pressurosa a comunidade acorreu à cela do pai moribundo. Estão todos de joelhos, a orar. O pe. Reitor encomenda-lhe a alma. Os religiosos e mons. Frattini respondem às orações da Igreja. O primeiro Consultor, por delegação especial do Santo Padre, dava ao moribundo, com a bênção apostólica, a indulgência plenária em artigo de morte, bem como as indulgências do Rosário e do Carmo.

O pe. João Maria absolveu-o novamente, atendendo ao pedido do Santo.

Excitava-o d. Struzzieri a vivos sentimentos de fé, esperança e caridade. Leu-se em seguida a Paixão de Jesus Cristo segundo São João. Esta leitura pareceu reanimar o enfermo. Percebia-se que hauria, desse manancial de salvação, paz, consolo e amor. Seus olhares fitavam ora a imagem de Jesus Crucificado, ora a de Nossa Senhora das Dores.

Manifestara o desejo de morrer sobre palhas, com uma corda ao pescoço, coroa de espinhos na cabeça, revestido do santo hábito com o distintivo da Paixão no peito.

Satisfizeram-lhe em parte o desejo. O pe. João Maria, ao estender

sobre ele a santa túnica e ao colocar-lhe ao pescoço uma corda, disse-lhe:

"Alegre-se, pois lhe é dado morrer na cinza e no cilício...".

De repente, entra o moribundo em doce êxtase. Que expressão de felicidade! Os lábios se entreabrem em celestial sorriso, os olhos estão fixos no Céu, os braços estendidos. Com repetidos sinais das mãos, parece pedir aos presentes deixem passagem livre a misteriosas pessoas que se aproximam.

Foi opinião geral que fruía celestial visão.

E não se enganaram, pois, após a morte, apareceu glorioso a uma alma santa, revelando-lhe que naquele instante baixaram à sua cela, circundados de resplandecente luz, o divino Redentor, a 88. Virgem, o Apóstolo são Paulo, são Lucas, são Pedro de Alcântara, o pe. João Batista, seu irmão, e todos os seus religiosos que o precederam na Glória, seguidos de inúmeras almas por ele convertidas nas santas missões.

O Santo já gozava dos primeiros albos da eterna bem-aventurança!

Deixou cair os braços e cerrou os olhos.

"Pe. Paulo, bradou o bispo de Amélia, lembrai-vos no Céu da pobre Congregação e de todos nós, pobres filhos vossos".

E o pai amoroso com sinais dá a entender que o fará.

Momentos após, ao lerem estas palavras do Evangelho de são João:

"PAI, E' CHEGADA A HORA,
GLORIFICA O TEU FILHO, PARA QUE TEU
FILHO TE GLORIFIQUE (Jo. 17, 1), pareceu
entregar-se a aprazível sono... e sua alma já contemplava
na glória Aquele a quem tanto amara nos sofrimentos.

Eram cerca de dezesseis horas de quarta-feira, 18 de outubro de 1775. O nosso Santo contava 81 anos, nove meses e quinze dia".

LÁGRIMAS DE JÚBILO

Os religiosos, quais órfãos, agruparam-se, chorando, ao redor do santo corpo. Beijavam aquelas mãos que tanto os abençoaram, poisavam as cabeças naquele peito, que ardeu de amor a Deus N. Senhor, esperando alcançar por esse contato sagrado a plenitude do espírito que deve animar aos filhos da Paixão.

De repente, por um desses sentimentos instintivos ou divinos, fenômeno que se dá unicamente na morte dos santos, a dor cede lugar à alegria, as lágrimas à doce e celestial consolação.

Será, por ventura, um raio secreto da felicidade dos bem-aventurados, que baixa do Céu às almas, reverberando-se no mortal sepulcro?

Frattini e os demais testemunhas dessa morte ou, melhor, deste triunfo, exclamavam, jubilosos:

“Tivemos a felicidade de ver como morrem os santos...”.

CAPÍTULO XL

Índice

APARECE GLORIOSO
PRECIOSO LEGADO PARA O PAPA
HOMENAGEM DO POVO ROMANO
PRIMEIRAS VOZES DO CÉU
SEPULCRO GLORIOSO
ASCENSÃO LUMINOSA
OS MILAGRES PARA A BEATIFICAÇÃO
PROCESSO DE CANONIZAÇÃO
A SUPREMA APOTEOSE
DECLARAÇÃO

CAPÍTULO XL

APARECE GLORIOSO

Numerosos prodígios anunciaram à terra que o céu contava mais um santo. Aquele que gravara no coração as chagas de Jesus Crucificado devia revestir-se dos traços de Jesus glorioso.

Depois de sua morte, apareceu Nosso Senhor às santas mulheres e aos apóstolos. Paulo também apareceu a algumas almas santas.

No instante em que o nosso santo deixava o mundo para entrar na eternidade, sua penitente Rosa Calabresi rezava, em Cervéteri, retirada em seu quarto. Eis que de repente o aposento se ilumina com extraordinária luz, no meio da qual, elevada no ar, vê uma pessoa revestida de paramentos sacerdotais e tão resplandescente que não podia fitá-la.

Por três vezes a visão a chama pelo nome:

“ Rosa! ”

Mas a jovem, temendo se tratasse de alguma ilusão diabólica, não respondia. Então ouviu distintamente estas palavras:

“ Eu sou o pe. Paulo. Vim trazer-te a notícia de que

faleci há pouco e agora vou para o céu para gozar de Deus... adeus até o céu! "

Rogou-lhe Rosa pedisse a Deus para que ela também se tornasse digna de ir gozá-lo no céu. E a visão desapareceu.

Na manhã seguinte eis que chega uma carta do pe. Inácio, seu novo diretor, na qual este lhe notifica o feliz trânsito do nosso padre. Em vista do que já vira, nenhuma tristeza experimentou a boa moça. Já era inútil rezar por ele; todavia, para manter a promessa que lhe fizera nas conferências espirituais, correu à igreja e começou a via sacra.

Chegando à terceira estação, vê uma grande luz e, no meio dela, o servo de Deus, não vestido de passionista,

" mas de lindo manto branco e vermelho, cercado e cortejado por grande multidão de anjos " .

Admirada por vê-lo vestido daquela maneira, perguntou-lhe o que significava aquilo. E o santo diretor:

" Isto é o símbolo de minha ilibada pureza e de minha ardente caridade, virtudes que tanto amei e pratiquei durante minha vida, e de meu martírio pela penitência e pelo sofrimento " .

Dizendo-lhe que aplicasse aquela via sacra pelas almas do purgatório, deixou-a, depois de lhe dirigir estas textuais palavras:

" Adeus, filha! Espero-a no céu para ver a Deus, para louvar a Deus, para possuir a Deus por toda a eternidade "

PRECIOSO LEGADO PARA O PAPA

Enquanto fora de Roma aconteciam estes fatos maravilhosos, o nosso santo recebia demonstrações de estima também por parte do Santo Padre. Recebendo do Sr. Frattini a dolorosa notícia, depois de um primeiro momento de pesar, Pio VI exclamou:

"Feliz dele!"

E dirigindo-se a quem lhe trouxera a comunicação:

"Não se entristeça pela morte do pe. Paulo; era grande servo de Deus e não duvidamos de que já esteja no céu. Morres num belo dia, pois se lê de são Lucas que trouxe sempre em sete corpo a mortificação da cruz; e o servo de Deus soube muito bem imitá-lo".

O Papa deu ordem que o seu sagrado corpo fosse encerrado em dois caixões, um de madeira e outro de chumbo, correndo as despesas por sua conta, em monumento a lhe ser ereto.

Antes de morrer, dispusera o servo de Deus que o quadra de Nossa Senhora das Dores que lhe fora tão caro fosse doada ao Papa em sinal de gratidão filial para com o Vigário de Jesus Cristo.

Pio VI ficou tão satisfeito com o presente, que o mandou colocar numa moldura de prata dourada, com a seguinte inscrição composta por ele mesmo:

"Pio VI Pont. O. Max. effigiem hanc summa a se
Religione cultam moriens legavit P. Paulus a Cruce
Clericorum excalceatorum Sanctissimae Crucis et Passionis
Jesu Christi Fundator".

Em vernáculo:

"A Pio VI Pontífice Ótimo Máximo esta imagem,
venerada com grande devoção, o Pe. Paulo da Cruz,
Fundador dos Clérigos Descalços da SS. Cruz e Paixão
de Jesus Cristo, ao morrer, deixou como legado".

"A Pio VI, Sumo Pontífice, o pe. Paulo da Cruz,
Fundador dos Clérigos descalços da SS. Cruz e Paixão
de N. 8. Jesus Cristo; legou, ao morrer, esta imagem
por ele sumamente venerada".

Tal foi a estima do Papa por essa imagem, que a colocou-os pés do Crucifixo de sua capela particular e, quando passava do Quirinal ao Vaticano, levava-a consigo. Será dos pés desse quadro e dessa cruz que o executor da sacrílega violência napoleônica virá arrancá-lo para o exílio, depois de o heróico mártir exclamar, levantando-se com a fronte serena e a coragem no coração:

"Deus o quer!... Vamos!..."

HOMENAGEM DO POVO ROMANO

A noticia do falecimento do pe. Paulo invade os recantos de Roma. A cidade se comove e se agita. Prelados, religiosos, Adultos e crianças, todos bradam

"Acaba de morrer um santo".

Na mesma tarde de 18 de outubro imensa multidão se dirige à basílica dos Santos João e Paulo, para contemplar os sarados despojos.

Conforme a previsão da Regra, os religiosos o revestiram do santo hábito, puseram-lhe a estola ao pescoço, o Crucifixo entre as mãos, colocaram-no sobre uma tábua nua, na cela em que falecera, com um tijolo por travesseiro e a cabeça coberta de cinza.

Conto já era noite, apenas alguns sacerdotes e insignes benfeitores puderam satisfazer o piedoso desejo de ver os restos mortais do servo de Deus. Os religiosos, que não podiam separar-se do amado Pai, passaram a noite orando ou salmodiando ao pé do santo corpo.

Na manhã seguinte levaram-no processionalmente à basílica, colocaram-no no centro da nave principal. Apenas quatro círios ardiam em redor do cadáver.

Abertas as portas, verdadeira multidão de fiéis precipitaram-se para o interior do templo. Todos desejam contemplar o Santo, beijar-lhe as mãos

ou os pés, obter alguma coisa que lhe pertencesse. A devoção começa a ser indiscreta e, momentos decorridos, a túnica do bem-aventurado está em pedaços.

Tiveram que proteger aqueles despojos. Alguns senhores se encarregaram de velar pelo santa corpo. Os sacerdotes e pessoas de distinção nele tocavam terços, medalhas e outros objetos, enquanto distribuíam fragmentos daquelas sagradas vestes.

Desde o raiar da aurora houve missas em todos os altares da basílica, celebradas por sacerdotes Passionistas e por padres seculares e regulares, entre eles cardeal Boschi, titular da basílica, d. Macucci, sub-administrador, d. Tibério Ruffo. Todos assistiram aos funerais.

Às dez horas, cantaram o ofício dos defuntos, seguindo-se a Missa solene.

O corpo ficou exposto até as dezenove horas. Apesar da chuva torrencial e da distância do convento ao centro da cidade, foi sempre aumentando o concurso de povo. As vastas naves do templo regorgitavam de fiéis.

PRIMEIRAS VOZES DO CÉU

O entusiasmo cresceu com os portentosos milagres operados naquele dia do corpo sagrado, inocente vítima imolada no Calvário, templo agradável a Deus, irradiava maravilhosa virtude. Revestiu-se o rosto de celestial formosura, como se Paulo estivesse em êxtase.

Desprendiam-se-lhe das faces uns como raios de luz, elevando as almas para Deus. Não se cansavam de contemplá-lo, exclamando:

"Como é belo! Como é belo! Que pena sepultá-lo tão depressa!".

Um piedoso sacerdote, ao beijar-lhe a mão, percebendo suave e misterioso perfume, perguntou ao irmão enfermeiro se o haviam embalsamado ou unguido com aromas.

Depois de muitas horas o corpo ainda se conservava flexível. Do rosto deslizava-lhe suor, que os presentes enxugavam com lenços de linho, para conservar quais preciosas relíquias.

Uma senhorita, por nome Gertrudes Marini, que um tumor maligno no rosto mantinha de cama havia três meses, foi levada pelos pais à basílica dos Santos João e Paulo. Empregando grande esforço, conseguiu chegar junto ao corpo do servo de Deus. Apenas tocou-o, ficou radicalmente curada, embora já estivesse desenganada pelos médicos.

"Milagre, milagre?",

exclamaram as testemunhas do prodígio. O brado repetido por todos aumentou sobremaneira o entusiasmo geral. Irmão Bartolomeu, o feliz enfermeiro do Santo, após referir o fato, conclui ao certo é que apenas tocou no Servo de Deus, no mesmo instante ficou boa e voltou para casa sã e livre, com admiração e pasmo de todos os que a tinham, visto enferma. Eu o sei porque fui com o Pe. Postulador à casa da referida jovem, a qual, na presença de diversas testemunhas, atestou com juramento a narração por mim feita acima e deu fé publicamente disto.

Muitos outros milagres atestavam o poderoso crédito de que já gozava Paulo da Cruz, de maneira que este dia foi antes de triunfo que de pesar.

Anoitecera e o povo não deixava a basílica. Foi necessária a autoridade do sub-administrador para que se pudesse fechá-la.

O pintor Domingos Porta fêz então, em gesso, a máscara do Santo.

Transportaram depois o sagrado corpo à capela do SEPULCRO, assim chamada porque nela se colocava Jesus Eucarístico na noite de quinta para sexta-feira santa.

A boca do Santo se conservava aberta. Irmão Bartolomeu, vendo inúteis seus esforços para fechá-la, valeu-se do seguinte recurso:

"Pe. Paulo, vós sempre me obedecestes em vida,
obedecei-me também agora. Fechai a boca".

E sem mais a boca se fechou!.

Em presença do sub-administrador, da comunidade e de algumas pessoas, redigiu o tabelião a ata do levantamento do corpo. Substituíram-lhe a túnica, que a piedade dos fiéis reduzira a farrapos. Cortaram-lhe os poucos cabelos que ainda lhe restavam, distribuindo-os como relíquias.

Foi então que observaram com todo vagar o Nome ss. de Jesus gravado no peito com ferro em brasa, e o prodígio de amor que lhe levantara diversas costelas.

Nada, porém, chamava mais a atenção do que o rosto do Santo, sempre mais brilhante e resplandecente. Ir. Bartolomeu depõe:

"Seu semblante despedia como que raios de luz".

Todos, inclusive o sub-administrador, exclamavam:

"Como é belo! Como é belo!".

Após as últimas despedidas, colocaram-no num caixão de madeira, um tijolo sob a cabeça, o Crucifixo no peito e ao lado um tubo de metal revestido de chumbo, contendo uma inscrição latina, sinopse de sua vida.

Selaram a caixa com seis chancelas, quatro do sub-administrador e duas da Congregação. Fecharam as portas da capela, guardando d. Marcucci as chaves.

No dia seguinte, maior concurso de povo esperava na praça. Desejavam venerar os restos mortais do grande missionário. Ao saberem que o ataúde já fora selado, geral foi a consternação.

Todos se queixavam de haverem ocultado tão depressa os venerandos despojos, privando a muitos do prazer de contemplá-los.

Até o Santo Padre se lamentou. Era intenção de Sua Santidade mandar extrair o coração; os superiores, ignorando os desejos do Papa, não julgaram prudente tomar essa iniciativa, sem ordem expressa de sua Santidade.

Foi tal a santa indiscrição dos fiéis, que chegaram a cortar fragmentos da porta para conservá-los como relíquias.

No dia vinte e um, ao anoitecer, fêz-se o reconhecimento do caixão, que foi depositado em outro de chumbo. Este foi igualmente lacrado com chancelas do sub-administrador e da Congregação. Ambas as caixas foram colocadas em outra de madeira e sepultadas em humilde túmulo, no fundo da nave esquerda, perto da porta da capela, enriquecido pouco depois de modesto monumento.

SEPULCRO GLORIOSO

Deus glorificou esse sepulcro, centro de atração para as almas e manancial de inúmeros prodígios.

Contínuos eram as romarias provenientes de toda parte. E Nosso Senhor recompensava a fé dos peregrinos.

Entre os numerosos milagres operados por Deus junto ao sepulcro de seu servo, narraremos apenas os seguintes.

Teresa Leoni, de Uriolo, estava prestes a expirar, pondo outrossim em perigo o fruto que trazia no seio. O esposo, Constantino Gori, escreveu ao pe. Paulo, então enfermo na residência do Santo Crucifixo. Pôs-se o bem-aventurado em oração. Momentos depois respondia ao esposo aflito:

"Confiança, a mãe e a filha que dará à luz superarão todos os perigos".

Com efeito, Teresa deu felizmente à luz uma criança que em memória do benefício recebeu, o nome de Paula.

Ao chegar ao uso da razão, diziam-lhe os pais que ela deveria santificar-se, pois tivera por pai e protetor a um Santo.

Logo depois da morte do servo de Deus, Paula, estando com ú anos de idade, foi atacada de sarampo. O mal afetou-lhe especialmente os olhos, transformados em carne viva. Durante seis meses a pequena esteve completamente cega. Todos os remédios foram inúteis. Causavam-lhe alívio a efígie de Paulo sobre os olhos ou o seu solidéu na cabeça.

Numa segunda-feira, entrando a mãe no quarto, disse-lhe Paula

"Mamãe, eu vi o pe. Paulo".

"Viste a sua imagem",

respondeu a mãe.

"Não, vi a ele em pessoa, disse-me que na próxima quinta-feira abrirei os olhos".

"Vamos, explica-te",

replicou a tremer a pobre mãe, não acreditando no que ouvira.

"O pe. Paulo perguntou-me: Paulinha, conheces-me? - Sim, respondi. - Quem sou eu? - Sois meu pai. - Desejo curar-te: na quinta-feira abrirás os olhos. Não o digas

senão à tua mãe".

Na quinta-feira estava curada, com grande admiração dos médicos. E' de notar-se que a pequena não conhecera o pe. Paulo, nem jamais vira o seu retrato; no entanto, descrevia perfeitamente bem as suas feições. Quando, para certificar-se melhor da verdade, combatiam os pais algumas de suas asserções, ela defendia com persistência o que afirmara.

O cônego Vespasiano de Sanctis, de Soriano, diocese de Terracina, fora atacado de

"cólica miserere".

Como já sofresse de enorme e perigosa hérnia, perderam a esperança de salvá-lo. O médico ordenou que se lhe administrassem os últimos sacramentos.

Na tarde em que todos supunham morreria, pediu o enfermo um pedaço de pão que ele subtraíra ao pe. Paulo, quando este almoçava em casa dum benfeitor.

Tomou algumas migalhas dissolvidas em água e sem mais entregou-se a profundo sono, que durou a noite toda.

Ao despertar-se pela manhã, estava radicalmente curado. Até a hérnia desaparecera! Desde então nunca mais padeceu desse incômodo.

Madalena Ciancaglioni, de Bieda, diocese de Viterbo, tinha a espinha dorsal inflamada. Sentiu certo dia dores tão fortes, que julgou chegada sua última hora. Possuindo pequena imagem do Santo, toma-a nas mãos e diz

"Pe. Paulo, por caridade, livre-me deste mal; não posso mais".

No mesmo instante sentiu como mão invisível a tocar-lhe a parte enferma, desaparecendo para sempre as dores.

No convento de Santa Clara, em Castellana, soror Maria Inocência de Jesus achava-se havia muitos anos em tal estado de fraqueza, que não podia seguir os atos da comunidade. Isto muito a afligia. Certo dia, ajoelhada ante a imagem do servo de Deus, exclamou:

"Pe. Paulo, vós que fostes tão amante da Observância regular, obtende-me a graça da saúde, a fim de que possa cumprir as prescrições das santas Regras".

Mal pronunciara estas palavras, soror Maria sentiu novo vigor, seguindo desde então todos os atos de observância da austera regra de são Francisco, inclusive os mais rigorosos jejuns da Igreja.

E' preciosa a proteção dum santo nas necessidades da vida material mas muito mais o é no que respeita a salvação da alma. Muitos fatos pudéramos referir, que nos demonstram a intervenção de Paulo neste campo imenso e geralmente desconhecido, mas nos limitaremos a um somente.

Venerando Colombo, ourives de Roma, havia muito desejava fazer confissão geral. Dirigira-se para este fim a várias igrejas, mas, por fúteis motivos, sempre a diferia. Por esse tempo, Roma em peso se admirava dos prodígios operados no sepulcro de Paulo da Cruz.

Pensou Venerando encontrar ali tranqüilidade para sua consciência. Aos 22 de outubro de 1775, de joelhos junto à sepultura do Santo, pronunciou as seguintes palavras:

"Pe. Paulo, se sois, como apregoam, grande servo de Deus, obtende-me verdadeira contrição de meus pecados".

Proferir essas palavras e sentir-se compungido até as lágrimas foi uma só coisa. Pediu um confessor, mas, sendo muito tarde, disseram-lhe que voltasse no dia seguinte. Venerando não pregou olho a noite toda, ouvindo de vez em quando misteriosa voz:

"vai confessar-te nos Santos João e Paulo".

De madrugada já se encontrava aos pés do confessor. No dia seguinte, de caminho à basílica para terminar a confissão geral, surpreendeu-o forte aguaceiro ao aproximar-se do Capitólio. Na dúvida se devia prosseguir caminho ou tornar atrás, invocou o auxílio do Santo e continuou a andar. Chegado à igreja notou que nem sequer uma gota de água lhe molhara a roupa!

Terminou a confissão e retornou contentíssimo, apregoando por toda parte a santidade do grande taumaturgo.

ASCENSÃO LUMINOSA

Enfim, foram tantos os milagres a atestarem a santidade de Paulo, que se julgou dever começar os processos ordinários de beatificação.

Pio VI, em setembro de 1784, dava ao servo de Deus o título de VENERÁVEL.

No mês de maio de 1792, novo decreto permitiu prosseguir-se a causa de beatificação. Tudo corria celeremente, quando aos 20 de fevereiro de 1798, dia para sempre lamentável, foi o augusto Pontífice violentamente arrebatado de seu palácio para não mais voltar.

Pio VII, logo após seu retorno triunfal a Roma, empenhou-se para o bom êxito desta causa, proclamando, em 18 de fevereiro de 1821, a HEROICIDADE DAS VIRTUDES DO V. PADRE PAULO DA CRUZ.

OS MILAGRES PARA A BEATIFICAÇÃO

Entre os inúmeros milagres operados por sua intercessão, dois foram aprovados pela Sagrada Congregação dos Ritos para a sua beatificação.

Vamos relatá-los como se acham nos Processos.

Francisco Maria Giorgi, de Fondi, sofria desde o berço freqüentes vômitos e prolongadas síncope, provenientes de aneurisma no coração. À idade de nove anos acometeu-o o tifo. Desenganaram-no os médicos.

Os pais, conformados com a vontade de Deus, já providenciavam os funerais.

Lembrou-se então o pai de que tinha um fragmento das vestes do nosso Santo. Colocando alguns fiapos numa colher de água, puseram-se ele e a piedosa esposa de joelhos diante da imagem do servo de Deus, suplicando a cura do filho. Passados instantes, enquanto a pobre mãe continuava a orar e a chorar ante a sagrada efígie, entrou o pai no quarto do agonizante e, com muito esforço, conseguiu fazê-lo beber algumas gotas de água com a relíquia do Santo.

O enfermo abriu imediatamente os olhos e chamou pela mãe. Correu esta para junto do filho, apertou-o nos braços, perguntando-lhe o que desejava.

Francisco quer levantar-se e comer...

A ternura sempre temerosa da mãe não se atreveu a satisfazer-lhe os desejos.

O filho insistiu. A mãe, vencida finalmente pelos rogos de Francisco, trouxe-lhe algum alimento. O pequeno tomou-o com apetite e dormiu tranqüilamente a noite toda.

A mãe, desejando saber se com o tifo desaparecera também o aneurisma, pôs a mão sobre o coração do filho. Com grande mágoa, percebeu as mesmas violentas palpitações.

"Já que me obtivestes a graça de fazê-lo tornar à vida, dignai-vos também livrá-lo deste mal".

Pela manhã, a mãe e o esposo, que era cirurgião, aproximaram-se do menino para examiná-lo. Também o aneurisma desaparecera!...

Francisco se levantou, vestiu-se por si mesmo, alimentou-se e foi tomar parte nos divertimentos dos coleguinhas.

Vejamos o outro milagre, não menos portentoso.

A jovem Maria Rollo, de humilde família de Roccasecca, pequena aldeia do reino de Nápoles, sentia, havia muito tempo, agudíssima dor no peito.

Por sentimento de pudor, não se atrevia a manifestá-lo a ninguém, nem mesmo à mãe.

Pelo fim de julho de 1844, já não podendo suportar a veemência das dores, abriu-se com o confessor. Este animou-a a sofrer com resignação por amor de N. Senhor Crucificado, mas ao mesmo tempo persuadiu-a a que recorresse aos médicos.

Qual não foi, porém, sua aflição, ao saber que seu mal era um cirro e que se não se submetesse imediatamente ao tratamento prescrito, devia resignar-se a dolorosa operação ou a morrer de câncer!

Sendo pobre, não pôde seguir o tratamento. No mês de outubro, os médicos reconheceram indícios certos de câncer, declarando que o único recurso era a operação imediata. A pobre jovem não se resolvia a fazê-lo.

A começar desse dia aplicou sobre a parte enferma um fragmento das vestes do nosso santo, suplicando-lhe a curasse. Entretanto, o mal progredia.

Sobrevieram-lhe freqüentes e horríveis convulsões, dores intoleráveis, cruéis insônias, fastio por qualquer alimento.

Num sábado, arrastou-se como pôde à igreja, para adorar o SS. Sacramento, solenemente exposto.

Enquanto se recomendava fervorosamente à intercessão do pe. Paulo, abrasou-se-lhe extraordinariamente o peito e faltaram-lhe as forças. Julgando chegada sua última hora, lançou-se nos traços da Providência. Momentos após, reanimou-se e voltou para casa. De caminho, percebeu que estava curada.

Não quis, todavia, naquela tarde, revelar o milagre. Na manhã seguinte, relatou o milagre a duas de suas mais íntimas amigas. As jovens não puderam conter os transportes de júbilo, publicando o prodígio e, em companhia da agraciada, renderam vivíssimas ações de graças ao santo Protetor.

Desde então fruiu perfeita saúde e, havendo contraído matrimônio, amamentou vários filhos.

Enquanto corria o processo concernente a estes milagres, subia ao trono de Pedro o imortal Pio IX. Após sua volta triunfal do doloroso exílio a que o condenara ingrata e ímpia conjunção, aprovou o grande Pontífice esses milagres operados pela intercessão de Paulo da Cruz, inscrevendo-o solenemente, no dia primeiro de maio de 1853, no catálogo dos BEM-AVENTURADOS. As sagradas relíquias de Paulo da Cruz foram expostas à veneração pública. Como a devoção ao grande apóstolo de Jesus Crucificado se estendia extraordinariamente pela Itália e pelos demais países da cristandade, seus filhos inúmeros devotos aspiravam por construir elegante e rica capela, que perpetuasse a memória das virtudes e dos milagres de tão insigne Taumaturgo.

Começaram a reunir o dinheiro necessário para obra tão grandiosa e, logo após a solene canonização, principiaram-se os trabalhos. Em 1880 a obra estava, incluída. Aos 26 de abril, festa de são Marcos Evangelista, foram solenemente trasladados os restos mortais de Paulo da Cruz para a nova capela. Lá jazem sob o altar, depositados em belíssima urna de bronze dourado.

O altar, verdadeira jóia de arte, foi dádiva do egrégio e piedoso Príncipe Alexandre Torlônia. Pio IX, grande admirador e devoto de são Paulo da Cruz, doou as colunas de alabastro, que tanto realce dão à capela.

PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Deus continuava, entretanto, a patentear a santidade de eu servo com novos prodígios.

Reabriram-se, pois, os processos para a canonização.

Vejamos os dois milagres apresentados à Sagrada Congregação dos Ritos para a sua canonização.

Rosa de Alena, distinta senhorita de Campo di Mele, diocese de Gaeta, tinha um cirro no lado esquerdo do peito.

Rosa Rollo, por modéstia, não se decidia a manifestá-lo, quando a violência das dores a obrigou a recorrer ao médico, já era demasiado

tarde. Inúteis foram os remédios, degenerando o mal em câncer incurável.

Recorreu ao pe. Paulo, de quem era devotíssima; mas, não experimentando melhoras, resolveu submeter-se à operação. Ao aproximar-se de Pontecorvo, onde devia ser operada, divisou, no alto duma colina, a igreja e o convento dos Passionistas. Para lá se dirigiu a fim de confessar-se, antes de por-se às mãos do cirurgião. Encomendou outrossim uma missa solene no altar do Bem-aventurado.

Ajoelhou-se ante a estátua de Paulo, suplicando-lhe, mais com lágrimas que com palavras, obtivesse de Deus o milagre da cura.

Sente intenso calor no peito... Terminada a missa, dirige-se ao hospital, onde o médico que devia operá-la já não encontra vestígio algum da enfermidade

E a jovem, em arroubos de contentamento, corre aos pés do Santo a fim de agradecer-lhe o insigne favor.

Os cirurgiões que a trataram, fizeram questão de certificar-se do milagre. Foram todos concordes em testemunhar a realidade do prodígio, que correu célere pela cidade e arredores, contribuindo para aumentar a devoção ao servo de Deus.

O segundo milagre quis o bondoso Pai operá-lo em favor dos seus filhos.

Em 1853, como se perdesse completamente a colheita, os religiosos do retiro do Santo Anjo de Vetralla não receberam dos fiéis o trigo necessário até a próxima colheita.

O irmão porteiro perguntou ao reitor se podia continuar a distribuir aos 150 pobres, que diariamente se apresentavam

portaria, a mesma quantidade de pão. O caridoso padre, confiando na divina Providência, respondeu que continuasse a dar a cada pobre meia libra de pão, como antes.

O irmão que tomava conta do trigo quis saber exatamente quanto ainda havia. No dia 6 de março de 1854 restavam apenas nove "rubros", que, joeirados, mal chegariam a oito. Reunidos a outra pequena quantidade, havia ao todo doze "rubros" e pouco, o que não bastaria até o mês de maio, pois gastavam-se, somente com a comunidade, 6 "rubros" mensalmente.

O pe. provincial, ao saber que o reitor não podia comprar o trigo de que necessitava, ordenou à Comunidade fizesse um tríduo invocando a intercessão do santo Fundador, mandando, ainda aos jovens estudantes fossem recitar algumas preces especiais à entrada do celeiro.

Ouviu Paulo as súplicas de seus filhos.

Estamos no fim de maio e no celeiro continuam os seis "rubros" de trigo! Notemos que de seis de março ao fim de maio foram ao moinho vinte e três sacos de trigo, mais de 13 "rubros"! ...

O milagre era patente. Colocaram os religiosos no celeiro a efigie do Santo, continuando as orações.

Dos seis "rubros" que havia em fins de maio, mandaram ao moinho mais oito. De toda parte acorriam ao convento para obter alguns grãos do trigo milagroso.

Resumindo. Com o acréscimo de dez "rubros" e sete medidas de trigo obtidos milagrosamente pela intercessão de Paulo,, houve o suficiente para alimentar até a próxima colheita, trinta e seis religiosos, sem contar os que lá foram ter para o Capítulo provincial, os hóspedes, sempre numerosos em Santo Ângelo, e a multidão de pobres de que já falamos.

Estes dois milagres foram aprovados pelo Vigário de Cristo e, na frente de Paulo da Cruz, no dia 29 de junho de 1867, Pio IX colocava a auréola dos Santos.

A SUPREMA APOTEOSE

Desde as vésperas, à noite, a voz do canhão do forte do Santo Anjo repercutia no Tibre, nos vales e nas montanhas que circundam a Cidade eterna.

As casas adornadas, o alegre repicar dos sinos, a cúpula de São Pedro toda iluminada, esse ar de festa a invadir toda Roma, anunciavam a secular solenidade do dia seguinte.

Aos primeiros albores da aurora, imensa multidão se comprimia na basílica e na praça de São Pedro.

Contemplemos os quadros que representam o bem-aventurado.

Na fachada da igreja aparece Paulo pregando Jesus Crucificado; sob o pórtico, seu glorioso sepulcro circundado de fiéis e enfermos a venerá-lo e a pedir-lhe saúde; no interior da basílica, à esquerda, nos arcos próximos à CONFISSÃO, os dois milagres aprovados para a canonização: a cura súbita do câncer e a multiplicação do trigo; no centro, ao lado da cátedra de Pedro, num mesmo quadro, estão Paulo da Cruz e Leonardo de Porto Maurício elevando-se para o Céu; no estandarte, que será levado em procissão, Nosso Senhor desprende a destra da Cruz e abraça o nosso Santo que, em êxtase, sacia-se no manancial do sagrado Coração. Este quadro é cópia do que foi doado ao Santo Padre.

A basílica está adornada de tapeçarias, festões e grinaldas, dispostas com arte, predicado do povo romano.

Mais de quinze mil círios dardejaram raios de luz; infinidade de lampadários formam, nos arcos e nos quatro ângulos da cúpula, brilhantes revérberos em deslumbrantes ondulações. No centro da vasta nave, um lampadário maior, desprendendo mil raios, ostenta as ARMAS de São Pedro.

Após longa espera, lá pelas sete e meia, ressoam piedosos cânticos, anúncio da procissão que sai do Vaticano.

Aparece a Cruz à porta da basílica. Geral é a emoção. Que espetáculo inaudito!...

Eis os ungidos do Senhor; eis todos esses Pontífices convocados de todos os recantos da terra, por um simples sinal de Pedro: a Europa, a Ásia, a África, a América e a Oceânia, todo o universo católico lá se encontra...

Em meio do numeroso e augusto cortejo, aparece Aquele a quem todos anseiam

contemplar. E na comoção geral, pelas cabeças inclinadas e joelhos em terra, divisa-se a pessoa augusta do Vigário de Cristo, do Sucessor de Pedro, do Chefe universal da Igreja...

E' Pio IX!... o imortal Pio IX, o doce e querido Pontífice, que se adianta majestosamente, na cadeira gestatória, a abençoar efusivamente os filhos prostrados a seus pés.

"Como te apresentas formosa nessa união, ó Igreja Católica! Como és formosa! Formosa como Jerusalém, bela em tua paz, quando, anunciando suas verdades aos fiéis!..."

"Mas, como és também terrível, ó Igreja santa, quando caminhas, Pedro a frente, unindo-te estreitamente à cátedra da unidade, abatendo aos soberbos e a toda a alteza que se leva contra a ciência de Deus, acossando as hostes inimigas, confundindo-as com a autoridade da História, entregando-as à execração dos séculos futuros!..."

Principia a cerimônia da Canonização...

Após as três petições, ajoelha-se o Papa e entoa o VENI CREATOR, continuado por todos os fiéis, com entoações dignas de tão augusta solenidade.

Terminado o hino, levanta-se o Pontífice e, com lábios inspirados, proclama ao mundo todo a SANTIDADE dos heróis da caridade e da fé.

Em seguida, com voz firme e sonora, começa o cântico de ação de graças, o triunfal TE DEUM, prosseguido por quatro mil vozes entusiastas.

Nesse instante, o canhão do forte anuncia à cidade o decreto da Canonização, respondido com jubilosas vibrações, por todos os sinos de Roma.

Pio IX sobe ao altar e dá principio ao santo Sacrifício...

Ao ofertório, três dos cardeais juizes fazem sucessivamente as misteriosas oferendas dos círios, do pão e do vinho, com duas rolas, símbolo da vida contemplativa e solitária, duas pombas, figura da vida ativa, porém pura e fiel; finalmente, uma gaiola com aves, que se lançam para o céu, alegoria do vôo das almas santas para Deus.

Entretanto, cânticos piedosos repercutem pelas arcadas do templo. Jamais o texto evangélico: TU ES PETRUS, ET SUPER HANC PETRAM.AEDIFICABO ECCLESIAM MEAM (Mat. 18), recebeu da harmonia interpretação mais solene e enternecedora.

Três coros dessas vozes, que somente Roma sói apresentar, figurando os três Estados da Igreja, a Igreja docente, a Igreja discente e a Igreja triunfante, proclamam os imortais destinos da BARCA de Pedro e lançam, como repto às ondas impotentes da impiedade delirante, as últimas palavras do texto sagrado: ET PORTAE INFERI NON PRAEVALEBUNT ADVERSUS EAM.

Que impressão religiosa! Que recolhimento profundo durante a missa celebrada pelo Vigário de Cristo!

Afinal, logo que a grande Vítima tudo sancionou e consagrou com seu Sangue, o Pontífice, abrindo os braços e o coração à multidão prostrada, lançou-lhe a bênção apostólica, retirando-se em seguida.

Por esse triunfo secular dos Príncipes dos Apóstolos Pedro e Paulo, acabava a Igreja de unir mais e mais as almas ao centro divino da unidade; acabava outrossim de provar sua perpétua e virginal fecundidade, coroando com o diadema dos santos aos heróicos mártires de Gorcum, da Polônia e da Espanha, às virgens puras de Pibrac e de Nápoles, aos grandes apóstolos Leonardo de Porto Maurício e PAULO DA CRUZ. Em virtude do decreto da sagrada Congregação dos Ritos de 14 de janeiro de 1869, Pio IX estendeu e tornou obrigatória a toda a Igreja a festa, com officio e missa, de São Paulo da Cruz, fixando-a no dia 28 de abril.

Ó Paulo, ó pai amado, frui agora da visão de Jesus a quem tanto amastes, mas lembrai-vos de que nesta terra vivem ainda almas intimamente unidas convosco pelos laços do mais estreito parentesco espiritual. São vossos filhos e filhas, espalhados pelo mundo inteiro... E' a santa Igreja, cujo augusto Chefe continua sempre a dispensar-nos o mesmo carinho...

Obtende para a Igreja apóstolos zelosos, paz para as nações nestes tempestuosos dias que atravessamos e, se forem necessárias lutas sangrentas, fortifiquem-nos os ânimos e alentem-nos nos desfalecimentos os vossos luminosos exemplos.

Ó Pai, pedi para vossos filhos e filhas a graça de caminharem sempre pelas sendas traçadas por vossas virtudes, pelo vosso zelo, pelo vosso amor a Jesus Crucificado e à Virgem das Dores, para poderem um dia, formando coroa em torno de vós, cantar eternamente as glórias da Cruz, único manancial de santificação.

DECLARAÇÃO

Em obediência às leis canônicas, o autor, o revisor e o tradutor desta obra declaram não pretenderem dar aos fatos aqui narrados, salvo o que já foi sancionado pela Sé Apostólica, outra autoridade que a humana.

Declaram outrossim submeterem-se com toda docilidade, eles e a presente obra, ao juízo infalível da santa Igreja Católica, em cujo amoroso regaço querem viver e morrer.